

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS
DE
OEIRAS
8



1999/2000
OEIRAS

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 8 • 1999 / 2000



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1999 / 2000

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 8 • 1999/2000 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

PREFÁCIO - Jorge de Alarcão

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação da
Câmara Municipal de Oeiras

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do
Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas, 2745-615 BARCARENA

*Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange Wanted
Tauscherverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Impresse 4

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

ÍNDICE

Pág.

PREFÁCIO

Jorge de Alarcão 5

JOÃO LUÍS CARDOSO

Georges Zbyszewski (1909-1999) 9

ANTÓNIO PEDRO VICENTE

Marquês de Pombal

Um Governante Controverso 21

JOSÉ PEDRO MACHADO

Recordando José Leite de Vasconcelos:

um testemunho pessoal 25

JOÃO LUÍS CARDOSO

As investigações de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado

sobre o “Homem Terciário”: resultados e consequências na época

e para além dela 33

G. ZBYSZEWSKI, M. LEITÃO & O. DA VEIGA FERREIRA

Le Paléolithique Supérieur au Portugal 55

JOÃO LUÍS CARDOSO & JOSÉ MANUEL ROLÃO

Prospecções e escavações nos concheiros mesolíticos de Muge e de Magos (Salvaterra de Magos):

Contribuição para a história dos trabalhos arqueológicos efectuados 83

JOÃO LUÍS CARDOSO

Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) 241

JOÃO LUÍS CARDOSO

O Calcolítico da Baixa Estremadura: contributo para um ensaio,

a propósito de Leceia (Oeiras) 325

JOÃO LUÍS CARDOSO

Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso

de Idade do Bronze 355

ÍNDICE (continuação)

Pág.

CARLOS ANTERO FERREIRA

As Ruínas

Do poder evocativo à especialização das ruínas, da ruína romântica ao estigma das catástrofes e desastres de guerra

Reflexões de um não arqueólogo 415

JOÃO LUÍS CARDOSO & FRANCISCO MAGRO

Moedas medievais e modernas achadas nas escavações

do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) 431

VÍTOR OLIVEIRA JORGE

Arqueologia e Pré-História: alguns tópicos de reflexão 447

JOÃO LUÍS CARDOSO

Vinte e cinco anos de trabalhos arqueológicos 489

NOTÍCIAS E RELATÓRIOS (1998/1999)

Inauguração da Sala de Arqueologia na Fábrica da Pólvora de Barcarena 527

Visita da Sua Excelência o Presidente da República à Sala de Arqueologia 529

Entrega do Prémio Dr. Possidónio Laranjo Coelho

da Academia Portuguesa da História 531

Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Relatório das actividades desenvolvidas em 1998 e 1999 533

PREFÁCIO

Pedi-nos o Doutor João Luís Cardoso que escrevêssemos um pequeno texto de apresentação deste volume. A estima e a consideração que o editor dos Estudos Arqueológicos de Oeiras nos merece tornaram irrecusável a solicitação, se bem que não víssemos necessidade de apresentar este novo tomo de uma revista já acreditada nem nos sentíssemos particularmente competentes para nos pronunciarmos sobre um conjunto de trabalhos na sua maioria consagrados a épocas pré-históricas, que não são as da nossa especialização.

Sem qualquer pretensão de apreciarmos, um a um, os artigos neste volume incluídos, a apresentação acaba por ser mais um artigo, breve, sugerido pela leitura dos outros que, em provas tipográficas, nos foi dado conhecer e dos quais tirámos proveito para instrução pessoal.

São vários, neste volume, os artigos que trazem contributos para a História da Arqueologia em Portugal. Sem dúvida que esta disciplina merece mais atenção do que aquela que, até agora, se lhe tem dado. Dizemos isto sem ignorar nem menosprezar o que já tem sido publicado, em artigos ou em capítulos de obras que, abordando uma região ou um tema, têm feito a história das investigações anteriores sobre esse tema ou essa área.

Não nos sentindo vocacionados para semelhante campo de investigações, não podemos, todavia, deixar de nos pôr determinadas questões de epistemologia e ética. Assim, será legítimo ou recomendável, por razões teóricas ou práticas, limitarmos a História da Arqueologia Portuguesa à análise do trabalho dos que já se não contam entre os vivos? Falaremos apenas dos mortos porque já se não podem melindrar ou responder-nos? Deixaremos aos vivos o cuidado de fazerem, numa perspectiva própria, a história da sua investigação ou da do seu grupo? Auto-representações são legítimas e desejáveis e não poderão ser condenadas, *a priori*, como manifestações de narcisismo. Mas parece-nos que não são menos desejáveis as hetero-representações, isto é, os balanços que, numa perspectiva histórica, os outros possam fazer do trabalho que cada um de nós, individualmente ou em grupo, tem realizado.

A História da Arqueologia tem de "contextualizar" os autores de que fala, isto é, de situá-los nas condições materiais, sociais, culturais e ideológicas em que a investigação foi realizada. A este propósito, não podem considerar-se anedóticas as referências que João Luís Cardoso faz ao facto de, durante muitos anos, G. Zbyszewski não ter tido viatura à sua disposição, tendo de usar os deficientes transportes públicos da

época e de fazer grandes caminhadas a pé. Quantas vezes pensamos, também, nas deslocações de J. Leite de Vasconcelos a cavalo e na cartografia que hoje temos disponível e não existia no séc. XIX nem em grande parte do séc. XX!

A distinção entre condições materiais e condições sociais da produção do conhecimento é, certamente, difícil de fazer-se. Sem querermos especular sobre o assunto, diremos que, nas segundas, se podem incluir as relações de trabalho. Um investigador, hierarquicamente dependente de outro, pode ser forçado a orientar as suas investigações num sentido, quando, sem essa dependência, ou na dependência de outro "chefe", as poderia ter orientado de outra forma. A casos desses alude, de forma mais ou menos velada ou explícita, João Luís Cardoso nos seus artigos, nalguns casos até revelando que, em certas publicações de certos autores, se não fez a devida justiça aos colaboradores.

Entre as condições culturais da produção do conhecimento situam-se as que derivam da problemática da ciência da época. Com efeito, se o mérito de um investigador se mede, em grande parte, pelos problemas novos que suscita como linhas de rumo para a sua investigação e a dos outros, há questões próprias de certas épocas que, noutras anteriores, não teria sido possível formularem-se.

As condições ideológicas da produção do saber têm a ver com valores e representações dominantes que um investigador assume ou contra os quais se rebela.

Não é um ensaio coerente sobre epistemologia e ética da História da Arqueologia Portuguesa que pretendemos aqui escrever, mas apenas um conjunto de notas que se propõem chamar a atenção para a importância dos artigos que, neste volume, e como contributo para essa disciplina, se reúnem.

Alguns dos temas abordados no artigo de Vítor Oliveira Jorge convidam a demorada reflexão. Sem desvalorizarmos outras ideias expostas, salientaremos que o autor, justamente, considera a interpretação em Arqueologia como um ver algo em algo que só perspectivisticamente e nunca *uno intuito* se pode olhar, pelo que qualquer interpretação carece da apresentação dialéctica da sua contradição ou da apresentação complementar de outros pontos de vista que descubram novos aspectos do que se vê. Sendo o olhar sempre parcial, a produção do conhecimento exige o diálogo e, em primeiro lugar, o do arqueólogo consigo mesmo, num desdobramento em que se auto-posicione como outro, com quem tem de argumentar.

Sendo o dado que se vê diferente do facto que se não presencia, este só pode alcançar-se através da inferência que mediatiza o dado, inferência essa cuja condição lógico-teórica necessária é a pergunta. A posição de Vítor Oliveira Jorge tem sido sempre perguntante e convidativa ao confronto de perspectivas. Talvez o autor vá longe demais

ao definir o conhecimento do que aí esteve ou aí foi, metaforicamente, como uma "miragem", pois, a ser assim, não parece ter sentido o que propõe: "continuar a procurar". A denúncia, correcta, do empirismo e do positivismo arrisca-se a desembocar no idealismo que, todavia, também não serve.

Uma das rubricas do artigo de Vítor Oliveira Jorge adverte contra os perigos das sínteses em que se pretende traçar um quadro geral do povoamento de uma dada região num dado espaço de tempo. Com efeito, a impossibilidade de assegurarmos que todos os sítios, por exemplo, os do Calcolítico da Estremadura, foram contemporâneos uns dos outros (podendo uns ter sido abandonados ao mesmo tempo que outros eram, pela primeira vez, ocupados), parece condenar, à partida, tais sínteses. Descreditando, com justas e óbvias razões, tal tipo de trabalhos, não está Vítor Oliveira Jorge, porém, a proclamar a impossibilidade daquela arqueologia da paisagem que, por outro lado, define como "o grande artefacto" que o arqueólogo deve estudar? Não teremos de regressar à arqueologia do artefacto e à arqueologia do sítio como únicas credíveis, embora reformuladas nos seus objectivos e métodos? Aliás, artigos de João Luís Cardoso incluídos neste volume são bons exemplos dessa arqueologia dos artefactos e dos sítios tratada de forma nova, ultrapassando meras classificações tipológicas, reconstituindo evoluções da cultura material e fontes de aprovisionamento de matérias-primas e, através da cultura material, deduzindo estruturas económicas e sociais e teias de relações inter-comunitárias, traçando a evolução de tais estruturas. Há, nestes artigos, uma clara mediatização dos dados no sentido de fazer deles uma ponte ou passagem para a reconstituição das relações sociais e dos intercâmbios, numa palavra, para a reconstituição da história acontecida. Há uma clara compreensão de que a coisa é fabricada e utilizada e de que o que nos interessa, afinal, como objecto último de pesquisa, é o fabricante, é o utilizador.

Ora o agente que procuramos na coisa fabricada ou utilizada não é, nunca, uma personagem individualizada, concreta, única e irrepitível, mas um grupo ou um conjunto de grupos humanos que têm, entre outras coisas, formas próprias de organizarem e explorarem (e de experienciarem) o território. Serão essas formas que poderemos reconstituir e explicar, seguindo a evolução delas e tentando também entender por que razões os homens adoptaram, no tempo, diversas formas de se distribuírem no espaço. A arqueologia da paisagem é, afinal, possível, ainda que seja inexequível desenharmos a carta geográfica exacta do povoamento da Estremadura em 1500 a.C.

Conscientes de que a arqueologia da paisagem, nos últimos anos objecto de grande atenção e de consideráveis progressos metodológicos, e concretizada em monografias de inegável valor, carece ainda de alargada e profunda reflexão, sentimo-nos inca-

pazes de resolver ou, sequer, de formular de maneira clara, sem diálogo ou debate com outros, a problemática que se impõe seja objecto dessa reflexão, inclusivamente a que se liga à possibilidade de uma fenomenologia arqueológica da paisagem.

Ao João Luís Cardoso: me desculpe se não lhe fiz a "apresentação" que gostaria de ter para este seu volume dos Estudos Arqueológicos de Oeiras.

Ao leitor: não pretendi dizer-lhe que uns artigos, aqui publicados, são mais importantes que outros, mas convidá-lo a ler todos, tentando mostrar-lhe que, mais ou menos explícitas, há neles questões epistemológicas que merecem atenção e conversa. Assim, espero que não me diga que o que escrevi é falagem labirintoada e desatenta ao conteúdo dos artigos que se seguem.

Jorge de Alarcão

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
8, Oeiras, Câmara Municipal, 1999/2000, pp. 9-20

GEORGES ZBYSZEWSKI (1909-1999)

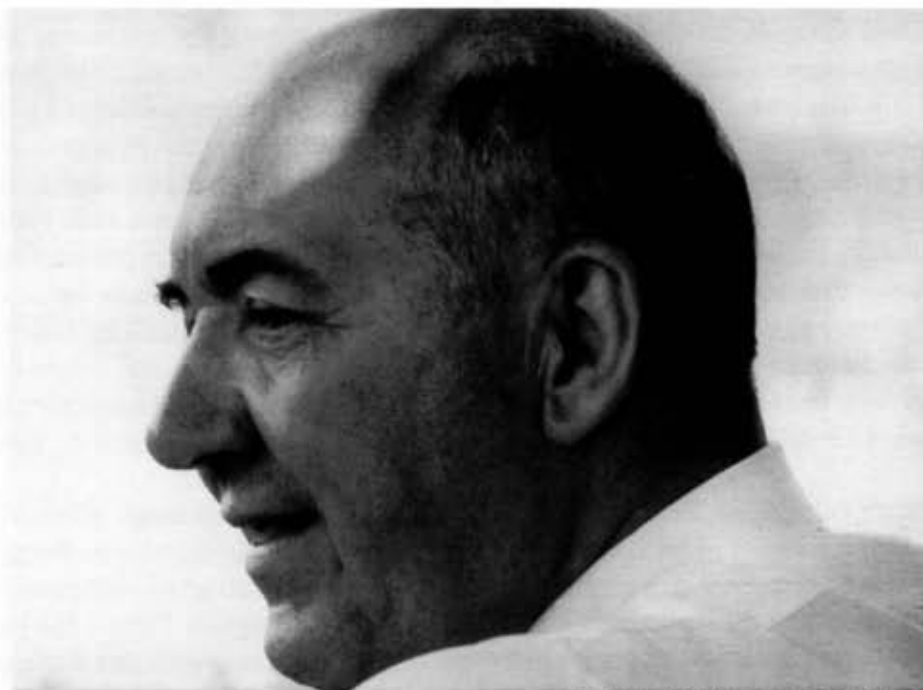


Foto de H. Reynolds de Souza, comunicada por M. Leitão

Georges Zbyszewski nasceu em Gatchina, cidade nas vizinhanças de São Petersburgo, a 22 de Outubro de 1909, vindo a falecer em Lisboa, em 1 de Março de 1999. A sua infância, passou-a na proximidade da requintada corte russa: era afilhado da grã-duquesa Olga, irmã do Czar Nicolau II que, com sua mãe, foram as únicas sobreviventes da família imperial. Seu pai, Coronel no regimento dos Couraceiros da Guarda Imperial havia falecido em combate em 1916, na frente alemã, perto de Vilnius, hoje capital da Lituânia, quando ele tinha 7 anos de idade. Apercebendo-se da inexorável realidade do desfecho da sangrenta guerra civil russa, sua mãe decidiu-se, em 1919, a abandonar a pátria, levando consigo os seus dois filhos, Vladimir de 17 anos e Georges, então com 10 anos.

O destino desta família foi a França, terra de acolhimento para muitos refugiados e onde viviam

alguns parentes. Georges Zbyszewski completou o ensino liceal em França como “filho da nação” dadas as dificuldades económicas que sua mãe enfrentava, distinguindo-se desde logo nos estudos. Mais tarde, prosseguiu os seus estudos na Universidade de Paris - Sorbonne, onde frequentou simultaneamente os cursos de Agronomia e de Geologia, tendo optado por concluir a licenciatura em Geologia, o que fez com 19 valores. O seu mestre, Prof. Jacques Bourcart convidou-o para assistente na cadeira de Geologia Dinâmica. Em 1935, questionado por este Professor sobre a área onde mais gostaria de desenvolver trabalhos de campo tendo em vista a preparação do Doutoramento em Geologia do Quaternário, sendo-lhe colocada a hipótese de escolha entre o litoral atlântico marroquino e o litoral português, decidiu, peremptoriamente, optar pela segunda hipótese, atraído pelas descobertas geográficas e científicas feitas pelos navegadores portugueses, como ele próprio declarou (ZBYSZEWSKI, 1984): “Gostaria muito de estudar o Quaternário português. Portugal é o País dos grandes navegadores e das grandes descobertas marítimas dos séculos passados pelas quais sempre mostrei interesse. Depois de uma rápida aprendizagem da língua, facilitada pelo convívio com Portugueses que, entretanto, conhecera em Paris (Carlos Teixeira, Orlando Ribeiro, Leite Pinto e Vitorino Nemésio), partiu para Portugal, em Agosto de 1935. Nesse ano, percorreu parte do litoral algarvio e baixo-alentejano em companhia de A. de Medeiros-Gouvêa, prosseguindo depois, em direcção a Lisboa, a pé e de bicicleta os reconhecimentos de campo, fazendo escala em Beja. Em 1936, teve de cumprir o serviço militar em França, na região de Champagne, mas sempre com saudades do vinho verde que provara em Portugal (Bourcart, outro apreciador do néctar minhoto, confidenciaria a Carlos Teixeira que este deveria substituir, nas cerimónias oficiais o ... “champagne”).

De novo em Portugal, em 1937 e 1938, realizou duas campanhas de seis meses, primeiro no Algarve e no litoral do Baixo Alentejo, regiões já conhecidas, depois no vale do Sado e no Ribatejo. Datam dessa época os primeiros artigos sobre os terrenos quaternários dessas regiões, publicados nos C-R. da Academia das Ciências de Paris e também na revista de Geografia Física e Geologia Dinâmica, publicada em Paris. O evidente impulso que tais trabalhos constituíam para o relançamento dos estudos geológicos no nosso País não passou despercebido a um homem de visão, o Eng. António Vianna, então director dos Serviços Geológicos de Portugal, convidando-o a ingressar na referida Instituição, o que é concretizado em Janeiro de 1940. A partir dessa data, é o próprio que declara: “Começou uma vida nova, com mais responsabilidades. Já não era suficiente cantar óperas no campo. Tornou-se necessário compor óperas novas” (ZBYSZEWSKI, 1984). A área de estudo estendeu-se, de imediato, ao vale inferior do Tejo onde, mercê dos trabalhos pioneiros de Carlos Ribeiro, eram de há muito conhecidos importantes e vastos depósitos quaternários, sobretudo ao longo da sua margem esquerda. No preâmbulo do belo trabalho que publicou sobre os terraços de Alpiarça, ainda hoje modelo para este tipo de estudos de geologia regional, escreveu (ZBYSZEWSKI, 1946): “Quando, em 1940, começámos o estudo dos terraços do Tejo, experimentávamos o sentimento do explorador que entra pela primeira vez num terreno virgem, que não fora ainda percorri-

do por nenhum outro homem". E o sentimento do dever cumprido, associado ao orgulho intelectual que tinha em proclamá-lo espelha-se, no mesmo trabalho, pelas seguintes palavras: "No momento actual, o impulso está dado. O trabalho de equipa que sempre preconizámos organiza-se graças à colaboração de geógrafos, geólogos, paleobotânicos e pré-historiadores. Assim, pensamos que, num futuro próximo, Portugal poderá alinhar-se, também, ao lado dos Países que mais contribuíram para o estudo e o conhecimento dos tempos quaternários. Era já a via da estreita colaboração pluridisciplinar que, ulteriormente, se veio a generalizar nos estudos do Quaternário, para a qual Georges Zbyszewski teve o mérito de ser o primeiro a dela tomar plena consciência, vindo a adoptá-la em centenas de trabalhos de que foi co-autor, ser nunca querer valer-se da posição destacada, por si granjeada, no campo científico.

Naquele tempo, os Serviços Geológicos não possuíam transportes próprios. Assim, utilizavam-se camionetes de carreira, que obrigavam a grandes percursos a pé, chegando-se a atingir os 45 km diários. Uma das provas de selecção para os candidatos a colectores, dirigida por G. Zbyszewski, por muitos anos o único geólogo dos Serviços Geológicos, consistia, com efeito, em duro périplo pedonal, visando aferir a resistência física (e psíquica ...) dos candidatos: data dessa altura a alcunha, não inocente, de "Satrape Sadique", posta pelos seus colegas Orlando Ribeiro, Carlos Teixeira e Mariano Feio, que com Zbyszewski falavam fluentemente em Francês – eles próprios com alcunhas semelhantes – por, naquela época, se dedicar ao estudo dos depósitos neogénicos do vale do Sado. Para se ter uma ideia das dificuldades de circulação então verificadas no País, basta dizer que as amostras de rochas recolhidas no decurso do reconhecimento geológico do litoral alentejano, de 1942, foram expedidas para Lisboa por ... barco, a partir do então importante porto de Vila Nova de Milfontes, porque então os caminhos terrestres, ou não existiam, ou ainda eram mais morosos que a via marítima.

Foi neste ambiente erizado de dificuldades, mas por isso mesmo exaltante para todos os apaixonados pelos trabalhos científicos, sobretudo quando realizados no campo, como era o caso de G. Zbyszewski, que chegou a Portugal, em meados de 1941, sob a justificação de fazer uma série curta de conferências na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Coimbra e no Porto, o eminente pré-historiador francês Henri Breuil.

Não desejando regressar à França ocupada, organizou-se solução de compromisso, passando Breuil a leccionar a disciplina de Pré-História na referida Faculdade, ocupando o resto do tempo em investigações arqueológicas, de campo e de gabinete, em estreita colaboração com Zbyszewski. Dessa colaboração ininterrupta, de cerca de dezassete meses (até à partida de Breuil para a África do Sul, em Novembro de 1942), nos fala o notável trabalho publicado em dois volumes (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, 1945), onde se lançaram os fundamentos para o estudo programado de todos os depósitos quaternários do território português, e onde a componente arqueológica se entrosa de forma harmoniosa e solidária com a geológica, constituindo edifício sólido que, infelizmente, não foi entretanto continuado com devia.

Já antes da chegada de Breuil a Portugal, Zbyszewski tinha descoberto as notáveis estações paleolíticas da região de Alpiarça, como o Vale do Forno ou a Barreira do Tojal: uma primeira visita a esses locais, proporcionou, a ambos, a recolha de mais de 80 bifaces ...o que entusiasmou Breuil e constituiu motivo acrescido para aqui permanecer por tanto tempo. A este, agradar-lhe-ia, sobretudo, a alta qualidade do trabalho de Zbyszewski e a total entrega às suas tarefas, mesmo quando estas extravasavam largamente as suas obrigações estritas, diariamente reafirmada até à exaustão. Alojados na pensão Astória, na Rua Braamcamp, as suas conversas à noite, após o jantar, pela Av. da Liberdade abaixo, até à Pastelaria Suiça no Rossio, então convertida em “Sala de Visitas” de quem demandava Lisboa, não eram insensíveis ao momento que se vivia, com a França, pátria de ambos, ocupada pelas tropas alemãs. Nessas deambulações por uma Lisboa às escuras, mas poupada pela guerra, discorriam longamente sobre o sentido da própria Liberdade, o papel dos cientistas e da Ciência nas sociedades modernas, o aparecimento do Homem e o futuro do mundo civilizado (ZBYSZEWSKI, 1966).

Henri Breuil e G. Zbyszewski partilhavam uma religiosidade que os fazia ver a ciência por um mesmo prisma. G. Zbyszewski, ortodoxo de formação, convertera-se ao catolicismo com a sua vinda para Portugal.

Questionado sobre esta opção respondera “ Como em Portugal não era fácil encontrar uma igreja ortodoxa, optei por frequentar a igreja católica. Somos todos filhos do mesmo Deus”.

Outra faceta desconhecida de G. Zbyszewski, dada a sua modéstia, e que constitui a sua única incursão no mundo da política, foi a criação durante a guerra, em conjunto com dois outros franceses residentes em Portugal, o industrial Maxime Vaultier, seu grande amigo e também um aficionado da pré-história e o Sr. Gorlier, mais tarde cônsul da França em Portugal, do núcleo de franceses livres em Lisboa. Esta adesão, valeu a G. Zbyszewski a perda da nacionalidade francesa, retirada pelo Governo de Vichy e mais tarde devolvida após a vitória dos aliados.

Zbyszewski soube retribuir à França, quando esta necessitou, a hospitalidade que aquela lhe oferecera na infância.

Após o fim da guerra, Zbyszewski continuou o seu labor científico, alheio aos riscos que corra, enquanto outros eram condecorados.

Optimista por natureza e duma bondade por todos reconhecida, Zbyszewski foi sempre leal, objectivo e consistente na defesa das suas ideias científicas e nas discussões acaloradas em que participou, por vezes na companhia de Breuil, mas jamais deixou transparecer qualquer animosidade para com aqueles com quem privou. Com os eminentes cientistas já referidos, por montes e vales, de Norte a Sul do País, cimentou uma bela amizade de décadas que os ligou a todos e que se evidenciava nas parcerias científicas que desenvolveu e publicou.

Era um tempo glorioso, de trabalho duro, mas que se fazia “andando e cantando” (ZBYSZEWSKI, 1984).

Após a partida de Breuil de Portugal, não mais o Doutor Zbyszewski deixou de se interessar pelo

estudo das indústrias paleolíticas, em estreita articulação com os estudos de Geologia do Quaternário que empreendeu, muitas vezes no âmbito dos levantamentos da Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000, de que estava incumbido. No respeitante a publicações relativas ao Paleolítico Inferior e ao Paleolítico Médio, foi, de longe, até ao presente, o seu mais operoso investigador, cercado-se para tal de um grupo de colaboradores onde se destacou o seu companheiro de trabalho, ao longo de quatro décadas, o Doutor O. da Veiga Ferreira. Assim se deu corpo efectivo à por outros designada "Escola" dos Serviços Geológicos que prosseguiu, nas décadas seguintes, o renascimento da actividade arqueológica naquela mais que centenária instituição. Nos trabalhos de síntese sobre o Quaternário português, publicados sucessivamente (ZBYSZEWSKI, 1943, 1957), ainda hoje referências incontornáveis, especialmente o último, para qualquer estudo de âmbito mais localizado que se pretenda elaborar, transparece essa abordagem, estribada simultaneamente na Geologia e na Arqueologia, mais desenvolvida, por vezes, na vertente geológica – caso da notícia explicativa da Carta Geológica do Quaternário de Portugal na escala de 1/1 000 000, publicada em 1971 – ou privilegiando, noutros casos, a componente arqueológica – de que são exemplo as sucessivas sínteses publicadas sobre o Paleolítico português.

Outros domínios da Pré-História não o deixaram indiferente, dando mesmo origem a grande número de publicações, em co-autoria com uma equipa constituída no início da década de 1970, animada por O. da Veiga Ferreira e da qual faziam também parte Manuel Leitão, Thomas North, J. Norton, H. Reynolds de Souza, C. Penalva e outros. Assim se publicaram numerosas estações paleolíticas do vale do Tejo e seus afluentes da margem direita; do vale do Caia e do Guadiana; e do litoral baixo alentejano; e se exploraram notáveis monumentos megalíticos, como os dólmenes das Pedras Altas (Sintra) e de Pedra Branca (Melides) e a *tholos* de Tituaria (Mafra), para além de síntese sobre menires e cromleques existentes em território português, datada de 1977. No domínio da exploração de grutas sepulcrais pré-históricas, são de salientar os trabalhos executados na gruta do Correio Mor (Loures) e na gruta de Verdelha dos Ruivos, cujos resultados ainda não se encontram totalmente publicados.

Em 1955 casou-se com uma portuguesa e no ano seguinte era pai de dois gémeos, o que constituiu a sua definitiva adesão e fixação no país que o havia acolhido.

Em 1957, por ocasião da erupção do vulcão dos Capelinhos, estimulado pela ocasião única de presenciar o nascimento de uma nova ilha, avançou temerariamente acompanhado de O. da Veiga Ferreira, e, sendo surpreendidos por uma projecção de cinzas, vendo-se impossibilitados de regressar, encetaram uma arriscada descida por uma falésia sobre o mar, escapando de uma morte certa. Entretanto, haviam sido dados como desaparecidos, tendo-se presumido a sua morte. A notícia chegou rapidamente a Lisboa, e dava conta de ter desaparecido toda a missão geológica. Algumas horas depois G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira apareciam exaustos, para grande espanto de todos...

A realização do seu Doutoramento de Estado, razão que havia estado na origem de presença de

Zbyszewski em Portugal não foi esquecida, apesar de se encontrar assoberbado de tarefas oficiais, situação agravada pela já referida realidade de ser o único geólogo da Instituição a que, por força das atribuições legais, se encontrava confiada a realização de vasta gama de estudos geológicos.

Em 1958, apresentou à Faculdade de Ciências da Universidade de Paris, a sua dissertação dedicada ao estudo do vale tifónico das Caldas da Rainha, região que, então, era objecto de levantamentos geológicos por si dirigidos, tendo obtido a classificação de dezanove valores. Entretanto, e por força das circunstâncias aludidas, ocupou-se, para além da Arqueologia Pré-Histórica e da Geologia do Quaternário, de estudos que abarcaram grande multiplicidade temática, ascendendo, no total a quase quatrocentos títulos científicos, inventariados pelo seu Amigo de sempre, Carlos Teixeira, até 1979 (TEIXEIRA, 1979). Merece destaque, sobretudo, a sua acção no reconhecimento geológico do País: às sucessivas brigadas por si chefiadas se deve a cartografia geológica, na escala de 1/50 000, de quase toda a faixa estremenha, da Arrábida ao Mondego, de boa parte do Ribatejo e dos terrenos terciários do Alto e do Baixo Alentejo, bem como do Algarve. Durante quase vinte anos chefiou as sucessivas missões geológicas aos arquipélagos dos Açores e da Madeira, de que resultou a cartografia geológica da quase totalidade das ilhas e a vivência de episódios pitorescos ou inesquecíveis, que contava com prazer.

O prestígio que advinha para a França, do labor em Portugal de este seu súbdito, não foi ignorado: em 1959 recebeu a Ordem das Palmas Académicas, vindo a ser-lhe conferido, dez anos mais tarde, a Ordem Nacional do Mérito. Infelizmente, o Estado Português não se mostrou sensível, como devia, a atribuir-lhe distinção semelhante, apesar do empenho do signatário, que para o efeito reuniu os elementos necessários, por si entregues em 1998 na Presidência da República, sem qualquer efeito, tanto antes como depois do seu falecimento... talvez tivesse sido melhor assim.

Após a obrigação de, por limite de idade, verificado ao perfazer 70 anos, em Outubro de 1979, abrandar os trabalhos de campo – continuando muito embora como colaborador oficial dos Serviços Geológicos de Portugal – o Doutor G. Zbyszewski dedicou-se, ainda com maior empenho, aos estudos de materiais arqueológicos conservados em colecções diversas. Em tais estudos, na quase totalidade dos quais colaborei, salientam-se aspectos que consolidaram as técnicas analíticas aprendidas com Breuil, embora se introduzissem melhorias ao nível da abordagem metodológica, incluindo a discussão da validade de conceitos de há muito arreigados, sendo por vezes aplicados pelo próprio Zbyszewski de forma algo indiscriminada e rotineira. Algumas dessas preocupações, que devem ser entendidas no sentido de aperfeiçoar aspectos que, do ponto de vista teórico, são ainda hoje válidos, encontram-se evidenciadas no estudo publicado sobre as indústrias paleolíticas de Samouco (ZBYSZEWSKI & CARDOSO, 1978a) e, mais modernamente, no trabalho de revisão das indústrias paleolíticas do Complexo Basáltico de Lisboa (CARDOSO, ZBYSZEWSKI & ANDRÉ, 1992), o mais extenso trabalho de temática paleolítica, publicado depois do clássico contributo de Breuil e Zbyszewski, de 1942 e 1945. Este trabalho, decorreu em grande parte em instalações do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras, então no edifício dos

Serviços Técnicos, em Paço de Arcos. Já octogenário, ali acorria pontualmente, às sextas feiras, o Doutor Zbyszewski, que deste modo recolhia elementos que, depois, ao longo da semana seguinte, trabalhava e meticulosamente organizava, antes de revisão final, feita em conjunto. Estas tarefas decorreram durante cerca de três anos sempre com a mesma cadência, como um corredor de fundo em plena corrida.

A extraordinária dedicação à Ciência e à Arqueologia, uma vez mais confirmada pela inestimável contribuição científica que o concelho de Oeiras lhe ficou deverdor, corporizada, como habitualmente, não apenas em ideias ou projectos, mas em obra publicada, a única actividade intelectual consequente e perene, justificou a Câmara Municipal de Oeiras outorgar-lhe, por unanimidade, a sua mais alta distinção, em 7 de Junho de 1995: a Medalha de Mérito Municipal - Grau Ouro, razão imediata desta evocação e homenagem.

O MEU TESTEMUNHO

Conheci o Doutor Georges Zbyszewski em Novembro de 1972, era eu então aluno do Curso Livre de Iniciação à Arqueologia, leccionado no Centro Piloto de Arqueologia do Secretariado para a Juventude do Ministério da Educação Nacional, que funcionava no Palácio da Rosa, em Lisboa. O Mestre regia o primeiro módulo do referido curso, relativo ao Paleolítico e ao Mesolítico, onde muitos jovens apaixonados pela Arqueologia aprenderam os rudimentos daquela que viria a ser, mais tarde, a sua actividade de todos os dias. Logo me fascinou a maneira pausada, benévola e precisa como expunha, complementada por visitas ao campo onde o seu entusiasmo, antes contido, se revelava em pleno. Desde logo procurei o seu convívio, aos sábados de manhã e, sobretudo, às segundas-feiras, no seu gabinete dos Serviços Geológicos, faltando, deste modo, às aulas, no velho Liceu Normal de Pedro Nunes, aonde regressava, reconfortado pela atenção concedida – que os meus quinze ou dezasseis anos julgavam impossível – por parte de um respeitável cientista então já com mais de sessenta, enriquecido pela oferta das últimas separatas dos trabalhos por si publicados. Naquela grande e bela casa, os Doutores Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira completavam-se, afirmando-se ambos como verdadeiros Mestres, procurando, desinteressadamente, mas de forma atenta e amigável, ajudar todos aqueles – e muitos foram – que deles se abeiravam, sem olhar às qualificações académicas, idade ou classe social, constituindo para muitos dos que tiveram esse privilégio, verdadeiros momentos de encantamento: eram os momentos em que nos recebiam nos seus desarrumados gabinetes, com o Tejo por pano de fundo.

Mais tarde, fui seu aluno na Faculdade de Ciências de Lisboa, nas disciplinas de Estratigrafia e Geohistória (1977/78) e de Cartografia Geológica e Fotogeologia Complementar (1978/79); entretanto, o nosso convívio tinha-se sedimentado, corporizando-se já pela existência de diversos trabalhos publicados em comum: no final de 1975, o Doutor Zbyszewski, talvez achando-me já capaz de colaborar com ele em um trabalho científico, disse-me: "há uma peças paleolíticas nas vitrinas do

nosso Museu, em tempos recolhidas por Carlos Ribeiro na região de Mafra, que ainda não foram estudadas; se quiser, podemos fazer um estudo em comum". Facilmente se imagina o entusiasmo com que meti mãos à obra, de que resultou artigo publicado em 1978 (ZBYSZEWSKI & CARDOSO, 1978b). Neste mesmo ano, surgiu outra oportunidade: o estudo dos materiais paleolíticos recolhidos por A. Gonzalez no perímetro da Base Aérea nº. 6 (Montijo), então depositados nas antigas instalações do Centro Cultural Roque Gameiro, na Amadora. Durante vários meses, ali comparecemos, todos os sábados à tarde, depois de uma viagem de comboio, com retorno a Lisboa, muitas vezes já noite dentro. Estes longos momentos de convívio, repetidos ao longo dos anos em múltiplos lugares, incluindo sua casa, permitiram-me conhecer, ainda que fugazmente, as convicções mais profundas e o íntimo da personalidade do Doutor Zbyszewski, para além da sua habitual polidez e boa disposição: personalidade inesperadamente rica, que discreto véu dissuadia a quem nela pretendesse entrar sem convite.

Inspirando-me em sugestiva imagem traçada por Jean Roche do seu Mestre H. Breuil (ROCHE, 1966), a vida de Georges Zbyszewski pode assemelhar-se às sucessivas descobertas dos esplendores de quem percorra um parque magnífico: um jardim à francesa, com a sua ordenação fria e racional, os canteiros floridos dispostos segundo uma harmonia cuidadosamente estudada; um jardim inglês, de curvas imprevistas, onde a liberdade se conjuga com a fantasia, onde cada desvio revela uma surpresa; e, no mais recôndito centro do parque, um pequeno bosque fechado, impenetrável, no meio do qual o olhar distingue algumas belas flores, fugidamente iluminadas pelo Sol. O primeiro, é a obra científica do Doutor Zbyszewski, com grandes orientações que guiaram toda a sua vida, corporizada pela sua característica letra, miúda e meticulosamente alinhada. O segundo, é a sua própria personalidade, cheia de humor e fantasia, que o acompanhou até ao seu último alento: a face mais evidente desta realidade, expressava-se pelas numerosas anedotas, que gostosamente contava a todos, na sua maioria ingénuas, cuidadosamente guardadas em pequenas folhas de papel. Enfim, o pequeno bosque no centro é o jardim secreto da sua alma, só entrevisto por poucos, em situações particulares e apenas por breves instantes, que a mais não permitia o seu pudor e temperamento. Definitivamente proibidos de nele entrar, perdidas as delícias dos recantos frescos do jardim inglês, é com o jardim à francesa que temos, infelizmente, doravante de nos contentar, procurando estudar em pormenor e com aproveitamento as flores perenes que o integram, correspondentes à sua obra científica. Nesta perspectiva, o Dr. Zby sobrevive, não apenas no enorme legado, mas ainda naqueles que, diariamente, procuram estar à altura do seu exemplo ético e moral!

João Luís Cardoso

BIBLIOGRAFIA

Referem-se as obras dedicadas à vida e obra de Georges Zbyszewski, além daquelas citadas no texto.

- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1942, 1945) - Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. 1 (1942) - Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 23, 374 p. 2 (1945) - Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 26, 662 p.
- CARDOSO, J. L. (1997) - Reconhecidos a Georges Zbyszewski. *Actas do I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste. Homenagem a Georges Zbyszewski* (Vila do Bispo, 1991) *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11/12: 9-16.
- CARDOSO, J. L.; ZBYSZEWSKI, G. & ANDRÉ, M. C. (1992) - O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 3, 645 p.
- CARVALHO, G. Soares de & CARDOSO, J. L. (1999) - O quaternarista Georges Zbyszewski. *Estudos do Quaternário*. Braga. 2: 3-6.
- RAPOSO, L. (1993) - Ser pioneiro no Portugal dos anos 40. *Diário de Notícias*, 12 de Agosto, Suplemento Cultura.
- RIBEIRO, O. (1984) - Les recherches de Georges Zbyszewski sur l'apparition de l'Homme, à la lumière de la philosophie naturelle. *Vol. d'Hommage au Géologue Georges Zbyszewski*. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations: 55-72.
- ROCHE, J. (1966) - Souvenir de l'Abbé Breuil. In *Memoriam do Abade Henri Breuil*. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. Série III, 10 (2): 287-302 (separata).
- TEIXEIRA, C. (1979) - Georges Zbyszewski. O Homem e o Cientista. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 65: 3-27.
- TEIXEIRA, C. (1984) - Palavras do Professor Carlos Teixeira. *Vol. d'Hommage au Géologue Georges Zbyszewski*. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations: 45-48.
- ZBYSZEWSKI, G. (1943) - La classification du Paléolithique ancien et la chronologie du Quaternaire du Portugal en 1942. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Porto. 2 (2/3): 3-111.
- ZBYSZEWSKI, G. (1946) - Étude géologique de la région d'Alpiarça. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 27: 145-267.
- ZBYSZEWSKI, G. (1957) - Le Quaternaire du Portugal. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa. 13 (1/2), 277 p.
- ZBYSZEWSKI, G. (1961) - L'Abbé H. Breuil et sa contribution à l'étude de la Préhistoire portugaise. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 46: 41-51.
- ZBYSZEWSKI, G. (1966) - Adieu l'Abbé Breuil! In *Memoriam do Abade Henri Breuil*. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. Série III, 10 (2): 361-373 (separata).
- ZBYSZEWSKI, G. (1984) - Palavras do homenageado. *Vol. d'Hommage au Géologue Georges Zbyszewski*. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations: 48-54.
- ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO, J. L. (1978a) - As indústrias paleolíticas de Samouco e sua posição dentro do conjunto quaternário do Baixo Tejo. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 63: 547-609.
- ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO, J. L. (1978b) - Achados antigos de Paleolítico na região de Mafra. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 63: 611-629.

BIBLIOGRAFIA DO DOUTOR GEORGES ZBYSZEWSKI ULTERIOR A 1979 (para anos anteriores, ver TEIXEIRA, 1979)

Autor ou co-autor das seguintes cartas geológicas e respectivas notícias explicativas, nas escalas de 1/25 000 e 1/50 000, editadas pelos Serviços Geológicos de Portugal:

- 1979 - Ilhas Selvagens.
- 1979 - Folha 51-C - Vila do Bispo.
- 1980 - Folha 36-A - Pavia.
- 1980 - Folha 41-C - Mourão.
- 1980 - Ilha Terceira.
- 1981 - Folha 19-C - Figueira da Foz.
- 1981 - Folha 34-C - Cascais.
- 1981 - Folha 28-C - Gavião.
- 1981 - Folha 52-B - Albufeira.
- 1981 - Folha 36-A - Pavia.
- 1981 - Folha 34-B - Loures.
- 1982 - Folha 44-B - Barrancos.
- 1982 - Folha 32-A - Ponte de Sor.
- 1983 - Folha 52-A - Portimão.
- 1984 - Folha 31-D - Montargil.
- 1985 - Folha 42-C - Santiago do Cacém.
- 1985 - Folha 53-A - Faro.
- 1987 - Folha 42-D - Aljustrel.

Artigos científicos:

- G. ZBYSZEWSKI (1977) - Nova contribuição para o conhecimento da jazida quaternária de Mealhada. *Memórias e Notícias - Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra*. Coimbra. 84: 1-37.
- M. T. ALBERDI; M. T. ANTUNES; P. Y. SONDAAR & G. ZBYSZEWSKI (1978) - Les Hipparions du Portugal. *Ciências da Terra*. Lisboa. 4: 129-156.
- G. ZBYSZEWSKI (1979) - Ocorrência de turfas em Portugal. *Boletim de Minas*. Lisboa. 16 (34): 151-159.
- G. ZBYSZEWSKI & C. PENALVA (1979) - A estação paleolítica do Medo Tojeiro (Baixo Alentejo). Contribuição para o estudo do "Languedocense" costeiro. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 65: 231-237.
- G. ZBYSZEWSKI & C. PENALVA (1979) - Contribuição para o conhecimento do Paleolítico das Caldas da Rainha. *Ethnos*. Lisboa. 8: 7-30.

- G. ZBYSZEWSKI, O. da VEIGA FERREIRA & C. PENALVA (1979) - A "Pebble Culture" do litoral, entre Laredo das Corchas e a Ponta Ruiva (Algarve). Nota preliminar. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5: 17-26.
- G. ZBYSZEWSKI, C. PENALVA & J. L. CARDOSO (1979) - Indústrias pré-históricas nas praias actuais da costa norte da foz do Tejo. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 65: 239-251.
- T. M. AZEVEDO; J. L. CARDOSO; C. PENALVA & G. ZBYSZEWSKI (1979) - Contribuição para o conhecimento das indústrias líticas mais antigas do território português: as jazidas com "Pebble Culture" da Formação de Belverde - Península de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5: 31-45.
- A. RIBEIRO; M. T. ANTUNES; M. P. FERREIRA; R. B. ROCHA; A. F. SOARES; G. ZBYSZEWSKI; F. Moitinho de ALMEIDA; D. de CARVALHO & J. H. MONTEIRO (1979) - *Introduction à la Géologie Générale du Portugal*. Lisboa. Serviços Geológicos de Portugal. 114 p.
- G. Zbyszewski; M. Leitão; C. Penalva & O. da Veiga Ferreira (1980/1981) - Paleo-anthropologie du Würm au Portugal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5: 17-29.
- G. ZBYSZEWSKI, C. T. NORTH, M. LEITÃO, J. NORTON & O. da Veiga FERREIRA (1981) - Nouvelles donnés sur le Néolithique Ancien de la station à céramique cardiale de Sagres (Algarve). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 67: 301-311.
- G. ZBYSZEWSKI, O. da Veiga FERREIRA, M. LEITÃO, C. T. NORTH & J. NORTON (1981) - As jóias auríferas da gruta pré-histórica de Verdelha dos Ruivos (Vialonga-Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 32/33: 113-119.
- G. ZBYSZEWSKI; C. PENALVA & O. da Veiga FERREIRA (1980/1981) - Découverte d'un instrument préparé sur bois de *Cervus elaphus* au Cabeço da Amoreira (Muge). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6/7: 39-44.
- G. ZBYSZEWSKI; C. PENALVA & O. da Veiga FERREIRA (1981) - Nota prévia sobre a "Pebble Culture" da praia calabriana do Mirouço (Algarve). *Madriider Mitteilungen*. Mainz. 22: 11-18.
- G. ZBYSZEWSKI; C. PENALVA; O. da Veiga FERREIRA; M. LEITÃO & C. T. NORTH (1981/1982) - À "Pebble Culture" do nível calabriano da Seixosa (Portugal). Aspectos tipológicos e geológicos. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências*. Lisboa. 24: 127-161.
- G. ZBYSZEWSKI & C. PENALVA (1982) - Contribuição para o conhecimento do Paleolítico de Monte Real. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 68 (2): 299-305.
- G. ZBYSZEWSKI (1984) - Le Paléolithique de Timor et la contribution de l'Abbé H. Breuil à son étude. *Garcia de Orta - Série Antropobiologia*. Lisboa. 3 (1/2): 183-228.
- G. ZBYSZEWSKI; C. PENALVA & J. L. CARDOSO (1984) - Comentário ao artigo de L. Raposo e A. C. Silva - O Langedocense: ensaio de caracterização morfotécnica e tipológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 2: 120-131.
- M. LEITÃO; C. T. NORTH; J. NORTON; O. da Veiga FERREIRA & G. Zbyszewski (1984) - The prehistoric burial cave at Verdelha dos Ruivos (Vialonga), Portugal. In *L'Âge du Cuivre européen - civilisations à vases campaniformes* (ed. J. Guilaine). Toulouse, CNRS: 221-239.
- F. MACARTNEY; G. ZBYSZEWSKI; O. da Veiga FERREIRA & C. PENALVA (1984) - As indústrias paleolíticas da Tapada do Falcão (Caia da Urra - Portalegre). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 70 (1): 111-122.
- G. ZBYSZEWSKI & O. da Veiga FERREIRA (1984/1985) - Uma estatueta madalenense "tipo Laugerie Basse" encontrada em Portugal. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências*. Lisboa. 26: 207-211.

- G. ZBYSZEWSKI & J. L. CARDOSO (1985) - O Paleolítico do antigo campo de aviação da Amadora. *Arqueologia*. Porto. 12 (volume de Homenagem a Jean Roche): 56-70.
- G. ZBYSZEWSKI; M. C. S. NETO & M. E. de CASTRO-E-ALMEIDA (1985/1986) - Note préliminaire sur le gisement de Laga (Timor-Dili). *Garcia de Orta - Série Antropobiologia*. Lisboa. 4 (1/2): 15-27.
- G. ZBYSZEWSKI & O. da Veiga FERREIRA (1986) - O Paleolítico do Casal do Conde, Quinta da Cardiga. *Arqueologia*. Porto. 13 (volume de homenagem a Jean Roche): 5-13.
- G. ZBYSZEWSKI; D. BELO & O. da Veiga FERREIRA (1987) - O Paleolítico de Trás-do-Outeiro - Serrada (Óbidos). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 5: 7-20.
- M. LEITÃO; C. T. NORTH; J. NORTON; O. da Veiga FERREIRA & G. ZBYSZEWSKI (1987) - A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 5: 37-65.
- G. ZBYSZEWSKI; O. da Veiga FERREIRA; M. LEITÃO & C. T. NORTH (1987) - O Paleolítico do gruta de Correio-Mor (Loures). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8: 7-27.
- G. ZBYSZEWSKI & J. L. CARDOSO (1987) - O Paleolítico da jazida de Linda-a-Pastora. *In Da Pré-História à História* (volume de Homenagem a O. da Veiga Ferreira). Lisboa. Delta: 111-152.
- G. ZBYSZEWSKI & C. PENALVA (1988) - Considerações sobre a distribuição geográfica do triedro acheulense no Norte de África e na Península Ibérica. *Volume de Homenagem a Orlando Ribeiro*. Lisboa. Centro de Estudos Geográficos/INIC: 15-27.
- O. da Veiga FERREIRA & G. ZBYSZEWSKI (1988) - Descoberta de uma nova estação paleolítica na área de Salvaterra de Magos. *Estudos em homenagem a Mariano Feio*. Lisboa. 649-663.
- G. ZBYSZEWSKI & J. L. CARDOSO (1988) - O Paleolítico de Borel-Horta (Amadora). *Arqueologia*. Porto. 18 (volume de homenagem a E. da Cunha Serrão): 29-52.
- G. ZBYSZEWSKI & J. L. CARDOSO (1988) - Três estações paleolíticas da serra de Monsanto: Tapada da Ajuda, Moinho das Cruzes e Moinho da Carrasqueira. *Lisboa-Revista Municipal*. Lisboa. 26: 3-44.
- G. ZBYSZEWSKI & O. da Veiga FERREIRA (1990) - Les Vértébrés quaternaires portugais a la lueur des études récentes. *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra. 35: 155-162.
- G. ZBYSZEWSKI & J. L. CARDOSO (1992) - Le Paléolithique du gisement de Casal da Serra (Amadora). *Mediterrâneo*. Lisboa. 1: 221-230.
- J. L. CARDOSO, G. ZBYSZEWSKI & M. C. ANDRÉ (1992) - O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 3, 345 p.
- G. ZBYSZEWSKI, J. L. CARDOSO, M. LEITÃO & C. T. North (1995) - A jazida paleolítica do reduto de Renato Gomes Freire (Alto da Barra) - Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5: 11-21.
- J. L. CARDOSO & G. ZBYSZEWSKI (1995) - Três jazidas paleolíticas do Complexo Basáltico de Lisboa: Damaia, Venteira e Casal da Barroca (Amadora). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5: 23-37.
- J. L. CARDOSO & G. ZBYSZEWSKI (1995) - Jazida paleolítica de Varge Marinho (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5: 39-47.

MARQUÊS DE POMBAL **UM GOVERNANTE CONTROVERSO**

Nota: a publicação deste texto, feita a pedido do Coordenador da Revista ao seu ilustre Autor, destina-se a assinalar os 300 anos do nascimento do estadista, cuja presença em Oeiras são profunda e incontornável foi e continua a ser.

por António Pedro Vicente⁽¹⁾

Figura controversa, duzentos anos após a sua morte, continua a merecer um estudo cuidado que ajude a clarificar o todo da sua acção, como estadista e como homem. Tendo nascido em 1699 e falecido em 1782, a sua existência atravessa, praticamente, todo o Século XVIII. Por essa razão a Historiografia portuguesa que se debruça sobre essa época salienta com acutilância o período ante e post Pombal. Quase três decénios de governo em que se deram acontecimentos relevantes no campo social, económico, militar e cultural, com mutações em certa medida radicais no âmbito desses sectores, necessariamente tornam esta figura um campo aberto às mais variadas especulações.

Diversos aspectos esclarecedores da sua biografia estão estudados. Referimos os anos que se sucedem a 1740. Até aí pouca documentação existe para clarificar aspectos da sua mocidade, estudos e formação. Sabe-se do seu primeiro casamento com uma senhora da nobreza, viúva, mais velha do que ele, com meios de fortuna, de quem enviuvou quando no desempenho da sua primeira função oficial em Londres. Ele próprio pertencia à pequena nobreza, sem grandes meios de fortuna, mas com suficientes ligações na sociedade e nos meios governamentais para vir a ser nomeado para um cargo diplomático.

Para além de ter convivido e actuado numa sociedade desenvolvida como a Inglaterra, aí prestou serviço ao conseguir isenções para os comerciantes portugueses em Londres semelhantes às dos ingleses em Portugal. Teria, igualmente, contribuído para o reconhecimento dos direitos que tinham as autoridades do seu país para punir os excessos praticados pelos capitães de navios ingleses nas costas portuguesas. No entanto, as instituições liberais inglesas não o teriam influenciado. Aí adquiriu, contudo, algum treino em ciência administrativa. Foi depois enviado a Viena de Áustria ao eclodir entre esta corte e a de Roma uma discórdia relativa aos direitos de *nomina* da curia, na qual o governo português se viu envolvido como mediador. Estava-se no ano de 1745 e Sebastião José de

(1) *Professor Catedrático. Departamento de História, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.*

Carvalho conseguiu sanar algumas questões entre as duas cortes, edificar as bases dum Tratado e enfraquecer novas dissensões entre Francisco I e o Papa Benedito XIV. Em Viena casou com uma senhora da nobreza local – Ernestina de Daun – filha de um conde e marechal general. Esse casamento, contrariado de início pela família da noiva, veio a ter lugar, em parte, devido à interferência da rainha portuguesa Maria Ana d’Áustria a qual confirmou a ascendência nobre do diplomata português.

Com a ascensão ao trono de D. José, a rainha viúva vem a ter influência decisiva na nomeação de Sebastião José de Carvalho e Melo para o novo Governo que se ia formar. Aliás, a nova mulher do futuro estadista era dama de honor de D. Maria Ana. Assim, em Agosto de 1750, Carvalho e Melo é o novo secretário de Estado dos Negócios da Guerra e Estrangeiros.

A enorme preponderância que, em breve, iria adquirir tem sido também motivo dos mais variados “alvitres” por parte dos seus biógrafos. Parece, no entanto, que a sua ascensão na hierarquia governamental tem uma explicação relativamente simples, entroncando-se na sua vontade férrea, energia, talento e capacidade de decisão. A somar a todas estas características deve acrescentar-se o conhecimento que lhe havia sido prodigalizado pelo contacto que tivera com novos conceitos de administração e de vivência social, nas suas funções além fronteiras. Possuidor de uma personalidade característica de quem não recua perante as maiores barreiras, optou, desde cedo, pela reforma do seu próprio país. A formação e consolidação das grandes potências, no decorrer do Século XVIII devem ter feito sentir ao futuro Marquês de Pombal a necessidade de fazer comparecer Portugal com os inícios mais elevados da civilização europeia. Fortificar o poder real tendo em vista a introdução de alterações profundas no regime de Estado parece ter sido a razão que irá cimentar a sua forma de actuação e a obstinação que conferiu ao seu governo nos quase três decénios que se seguirão.

Nos primeiros anos do seu governo, quando do Terramoto de Lisboa em 1755, a forma como agiu serviu para demonstrar a capacidade do governante ao obviar às consequências brutais do sismo. As providências que tomou, sintetizadas na frase que lhe é atribuída “enterrar os mortos e cuidar dos vivos” denotam um espírito prático e actuante na resolução de dificuldades e ajudam a compreender a sua ascensão no tablado político. Efectivamente a posição enérgica e eficaz que aí tomou conferiu confiança à população e contribuiu para o fazer respeitar como governante.

Sebastião José de Carvalho e Melo fica na história como figura controversa. Os seus biógrafos ao classificarem globalmente a sua acção através de uma só faceta dessa mesma actuação esquecem a multiplicidade de factores que envolvem a análise da sua obra.

A sua figura deve inserir-se na época em que viveu e nas circunstâncias que rodearam o ambiente histórico que determinou a sua actuação. Os antagonismos inerentes a certas das suas reformas e a herança social que marcou o país onde exerceu a sua acção, devem afastar uma tentativa de classificação rígida do seu modo de governar. Historiadores como Lúcio de Azevedo que consideram toda a sua obra subordinada pelo seu ódio aos jesuítas, e escritores como Camilo Castelo Branco que traçam o perfil dum déspota, são contributos para alimentar essa controvérsia.

Ao observar-se a política de Pombal no sector económico, tem-se noção do valor por ele conferido à Inglaterra como país aliado e da sua utilidade para o comércio português. No Brasil começava a escassear a recolha aurífera, bem como outros produtos de origem ultramarina que, tradicionalmente abasteciam o mercado nacional e serviam à Inglaterra. “Portugal não tem outros inimigos que não sejam os inimigos de Inglaterra”, afirmava Pombal, consciente da situação do seu país face aos interesses internacionais.

As “Aulas de Comércio” que se fundaram e o plano de reforma do “Real Erário”, bem como a criação da “Companhia dos vinhos do Alto Douro” são, em parte, acções determinadas pela necessidade de equilibrar as contas no comércio entre os dois países. Contudo os meios de que se serviu ao reprimir os que se opunham aos seus designios, criaram sequelas que irão alimentar negativamente a sua imagem. A propósito da preponderância que os jesuítas adquiriram na colónia do Brasil ultrapassando uma acção religiosa para se imiscuirm nos meandros da política social, Pombal inicia uma luta tenaz, em etapas sucessivas e bem calculadas, que culmina com a expulsão da Companhia de Jesus de Portugal, da França e de Espanha, sendo mais tarde abolida, pelo Breve papal “Dominus redemptor”. Um sector importante da igreja vê, assim, gorada qualquer veleidade de oposição à administração pombalina. Por muitos acusado de descuidar a organização e apetrechamento do exército é no entanto, durante o governo de Pombal que, aceitando a interferência inglesa, vem para Portugal o Conde Lippe, cuja actuação no sentido da criação de estruturas novas, no seio militar, se repercutiu por muito tempo. Por essa altura (1762) Pombal mais uma vez se manteria fiel à aliança inglesa quando se viu ameaçado pela invasão espanhola e francesa como resultado dos acordos decorrentes do “Pacto de Família”. A conspiração dos fidalgos (1758) foi outra das acções marcantes da acção pombalina. Não se tendo aclarado, até hoje, a culpa efectiva de cada um dos réus ficam por esclarecer os designios que o teriam levado a fazer executar a mais brutal sentença condenatória que teve lugar em Portugal. A acusação de atentado contra a pessoa do rei e o processo que posteriormente se levantou, se por um lado se pode inserir no âmbito da sua política de consolidação do poder régio não deixa, contudo, de constituir um traço nefasto perante qualquer análise a que seja sujeita a acção deste dirigente. A necessária restrição dos poderes da Igreja e de certas casas nobres, com ligações internacionais e ultramarinas num caso e ramificações familiares noutro, é justificada por certos investigadores que ai vislumbraram uma poderosa barreira à prossecução duma política visando o absolutismo real.

A instalação das indústrias durante o seu governo e a sua distribuição territorial, relacionar-se-ia, geralmente, com a necessidade de criação de fontes de riqueza perante a escassez que, já desde D. João V, havia começado a manifestar-se. Deve, pois, ser analisada como uma tentativa de diminuir as importações estrangeiras e da mesma maneira deve ser observada a sua criação de companhias de feição monopolista.

Numa última fase do seu governo Pombal – a exemplo dos déspotas esclarecidos ou dos iluministas franceses – conduziu uma política de remodelação no ensino. Assim, depois da “Aula do

Comércio” e do “Real Colégio dos Nobres”, este para educação dos meninos fidalgos, confere à “Real Mesa Censória” jurisdição sobre colégios e outros estabelecimentos de ensino, criados ou a criar, para os primeiros estudos. Esclarece-se que muita desta legislação visava substituir a direcção dos estudos que tinha sido entregue aos jesuítas. A Reforma da Universidade de Coimbra, de 1772 é, talvez, a obra mais saliente no âmbito da sua política de renovação do ensino. Na Universidade portuguesa uma reforma de cariz renascentista tivera lugar dois séculos antes. Agora irá instituir-se o estudo das ciências exactas e da natureza. Novas correntes de pensamento no campo jurídico passarão a ser ensinadas numa mudança radical do tipo do ensino, a marcar positivamente o seu governo. Com a morte de D. José, inicia-se o calvário do Marquês de Pombal. Os perseguidos e os que se sentiam lesados iriam formar a massa imensa dos que contribuirão para a sua derrocada. Acusações graves de prepotência, de actos brutais exercidos para imposição das suas determinações, serão emitidas. A Igreja perseguida, as casas nobres lesadas, as famílias dos pescadores da Trafaria, a mole humana que via agora as portas dos cárceres abertas, juntou-se ao clamor das queixas. Um processo e a consequente condenação, o desterro e a doença que em breve se declara atormentarão os últimos dias do velho governante. A par das reformas e inovações de que foi indiscutivelmente obreiro, Pombal havia exercido o seu governo com a mais inexcedível dureza. Não foi condenado à morte devido à sua idade e, talvez aos sentimentos religiosos da Rainha D. Maria. Na veemente defesa que opôs aos seus acusadores, culpou o rei dos actos que lhe eram imputados, numa atitude que pouco o enobreceu.

Lesionou, com acutilância, algumas casas nobres mas não toda a nobreza. Perseguiu sectores da Igreja mas não o conjunto da Igreja Portuguesa. Apreendendo a parte como um todo, certas correntes liberais do Séc. XIX transformaram Pombal no herói e no condutor das suas ideologias. Porque atacou a Companhia de Jesus, a cruzada antijesuítica dos republicanos erigiu-lhe a mais grandiosa estátua de Lisboa. Porque destruiu algumas famílias poderosas foi, para muitos, o caudilho da protecção à burguesia e, assim, na primeira como na última linha deste “retrato” reafirma-se a falta de objectividade que norteia os estudos sobre Pombal. Independentemente de ter sido bom ou mau governante, foi claramente déspota e tirano em muitas das suas acções, mas foi também, um reformador e, sobretudo, o precursor de um Portugal moderno.

Ajustar a sua biografia a ideias préconcebidas é a maneira mais acessível de elaborar a sua história. Não é, no entanto, a mais científica. Pombal foi efectivamente, um político controverso que deve ser compreendido e explicado no contexto do seu tempo e nos limites territoriais onde exerceu a sua acção.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
8, Oeiras, Câmara Municipal, 1999/2000, pp. 25-31

RECORDANDO JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS: UM TESTEMUNHO PESSOAL

por José Pedro Machado⁽¹⁾

Quando iniciei estudos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Outubro de 1933, Leite de Vasconcelos já se encontrava jubilado, desde 1929. Porém, o seu nome não me era desconhecido: Marques Braga citava-o com frequência nas aulas de Português dos 6.º e 7.º. anos do Liceu e em Agosto de 1930 comprara um exemplar, usado, da 2.ª edição (1926) das *Lições de Filologia Portuguesa*. Lera-as cheio de interesse e, graças a isso, fizera figura nas aulas daquele professor, a quem me ligou tanta amizade, a quem me liga tanta gratidão.

Na Faculdade, encontrei os estudos filológicos já em decadência. Dos professores que tanto a prestigiaram nesse campo, apenas restava David Lopes, de quem fui aluno de Árabe.

Manda a Justiça afirmar que lá conheci outro Mestre, mas não era professor do Quadro: como conservador da Torre do Tombo, regia Paleografia e Diplomática. Refiro-me a João Martins da Silva Marques. Competentíssimo na matéria que ensinava, sabia criar discípulos e também me transmitiu admiração por Leite de Vasconcelos.

David Lopes não ocultava igualmente essa admiração, tal como era visível a amizade que os unia. Até se tratavam por tu. Havia diferença de idades, mas não grande: Leite de Vasconcelos nascera em 1858, David Lopes em 1867.

Foi por intermédio do notável arabista que conheci Leite de Vasconcelos, creio que em princípios de 1935, por ocasião de uma homenagem solene que o Conselho da Faculdade de Letras resolvera prestar a Afrânio Peixoto. Minutos antes de ter início a sessão, atraiu a minha atenção um Senhor já idoso, de barbinha, sobretudo, chapéu preto, andado devagar, a verificar o chão que pisava, claramente por deficiências na vista.

Momentos depois do tal Senhor entrar, David Lopes apareceu à porta da sala dos professores e chamou-me com um gesto. Com ele entrei e logo vi, sentado numa das poltronas e com bem visível aspecto de cansaço, o tal Senhor a quem o meu Professor me apresentou com um "aqui está o

⁽¹⁾ *Academia Portuguesa da História.*

Doutor Leite de Vasconcelos que o quer conhecer". Confesso que me senti confuso, por se tratar de quem se tratava. Mas David Lopes continuou: "Olha, Zé Leite, aqui tens o rapaz de quem te falei". Apertámos as mãos, perguntou-me a idade (20 anos) e se eu estava livre nas tardes de quarta-feira, às três da tarde. Com a minha afirmativa, determinou – "Então você à quarta-feira, às três, vai para minha casa para me ajudar". E indicou-me a residência: Rua D. Carlos de Mascarenhas, 40, em Campolide. Na quarta-feira seguinte, 10-15 minutos antes da hora marcada, já ali me encontrava para bater á porta quando chegasse o momento exacto. Ainda não eram passados dez minutos quando vi aparecer da esquina próxima o Mestre. Explicou-me: após o almoço, dava um passeio; por vezes, como naquele dia, os seus passos levavam-no à Imprensa Nacional onde tinha trabalhos em execução. Eu já o sabia, porque por essa altura pertencia-me a tarefa de olhar pelo *Boletim de Filologia* do Centro de Estudos Filológicos. Como as obras do Mestre, era composto na Escola daquele estabelecimento, então dirigida pelo Sr. Mário de Brito, que recomendava aos compositores que o corpo de tipo das notas não podia ser o habitual porque o "Senhor Doutor" teria dificuldade em lê-lo.

O prédio era de dois pisos. No interior havia livros por toda a parte e naquele dia até em cima de uma tábua de engomar, armada no compartimento logo à direita de quem entrava. Subimos, devagar, a escada para o primeiro andar: "Olhe, aqui é a oficina onde passo todo o dia para não andar a subir e a descer estes degraus!".

O compartimento de trabalho, rectangular, estava forrado com livros, que se estendiam pelo chão. Como me visse a examinar os que estavam num cesto de vime com asa, esclareceu: "São os que chegaram há pouco. Ainda nem os folheei!".

Perto da janela do fundo, recebendo a luz do dia pelo lado esquerdo, estava a escrivaninha.

Leite de Vasconcelos escrevia de pé, com caneta de aparo, que tinha de ser molhado no tinteiro posto na parte superior da armação. Pouco depois, quando me viu tirar a minha caneta de tinta permanente, pediu-me que não a usasse, porque "isso esborrata". E pôs a meu serviço outra caneta do género seu preferido. Dias passados consegui convencê-lo: aquela "novidade" não trazia qualquer prejuízo e ele até a experimentou. Que sim, mas preferia continuar como até aí.

Começámos a trabalhar; ver provas tipográficas: se eu sabia como se corrigiam. Disse-lhe que sim, mas que não garantia a perfeição. Resposta: "Como toda a gente, mas o Dias Coelho verá isso!". Este tinha sido chefe da Escola de Composição da Imprensa Nacional. Já aposentado, antecederia Mário de Brito na referida chefia. A rondar os 80 anos, era homem magro, baixo, míope, colarinho engomado com pontas viradas, gravata preta de nó pequeno e apertado, como preto era o seu trajar, incluindo o chapéu de coco. Deve ser considerado como um dos inspiradores da reforma ortográfica de 1911¹.

Nessa primeira visita (lembro-me bem) a minha actividade consistiu na revisão de provas do volume II da *Etnografia Portuguesa* que acabou de se imprimir a 17 de Setembro de 1936. Foram

¹ Ver *Serviços Bibliográficos da Livraria Portugal*, 2ª. Série, n.º. 695, Outubro de 2000, p. 16.

examinadas por nós os três (Leite de Vasconcelos, Dias Coelho e eu), com a curiosidade de as citações não serem verificadas pelo original por que foram compostas, mas nas próprias obras, quase todas existentes naquela admirável biblioteca.

Vistas as primeiras, tal como o técnico as compusera (ainda manualmente, letra a letra, isto há mais de 60 anos), eram logo entregues com o original ao Senhor Dias Coelho.

Com o original e ... como era esse original?

Coisa difícil de descrever: com algumas palavras de ligação, em vários pontos eram depoimentos manuscritos de informadores obsequiosos, tal como foram recebidos, recortes, bilhetes de visita, textos do próprio Leite de Vasconcelos redigidos em datas diversas, conforme ouvira a elucidação ou a colhera em determinado livro, na sua caligrafia que não era boa, com a agravante de por vezes não acabar as palavras ...

- Oh Senhor Doutor, olhe que eles têm dificuldade em entender isto!

- O Mário de Brito entende ...

E entendia...

Convém lembrar que ao preparar ou ao dar forma, ao proceder à última demão nos originais, pelo menos até àqueles anos em que semanalmente eu o visitava (em 1940, quando me casei, ainda o visitava), o Mestre nunca utilizou quaisquer colaboradores ou auxiliares. Aceitava (e solicitava) informações, mas, depois, cada edifício da sua monumental obra era construção só dele.

Um pormenor hoje esquecido por muita gente: nunca se esquecia de agradecer, verbalmente ou por escrito, essas informações.

Depois de "limpas" por Dias Coelho, as provas chegavam-lhe às mãos para exame rigoroso, para escrupulosa verificação de citações, lidas em voz alta para reapreciar o estilo; nas seguintes verificava emendas, mas evitava alterações (de resto, raras nas anteriores) e, para fugir à necessidade de "recorrer" (o que desarticulava a disposição da mancha tipográfica e, em consequência, caindo no risco de alterar o texto), contava as letras do que pretendia modificar para que o novo arranjo as tivesse no mesmo número. Deste modo, nas linhas seguintes não se mexia.

Durante todos estes trabalhos revelava-se Leite de Vasconcelos diferente do julgado sábio exigente, sisudo, impaciente e intratável (e havia quem assim o pensasse ...).

Nada disso. Além de comentários curiosos, por vezes mesmo engraçados, contava (e ouvia) anedotas. Não conhecia, mas achou curioso, um dito muito em uso naquele tempo; hoje ouço-o pouco, e que eu utilizava com frequência: - fixe e garantido!

Perguntou-me a significação, se era dito lisboeta e, depois, quando acabávamos qualquer das muitas tarefas que nos ocupavam as tardes, era ele quem dizia: - fixe e garantido!

E ainda se dissertou sobre as origens e o exacto sentido de tal expressão.

Quando a luz do dia começava a enfraquecer, as tarefas alteravam-se. Eu ainda continuava o de que me ocupava antes por cerca de mais meia hora; ele parava e lia durante algum tempo, com óculos escuros, qualquer texto, quase sempre em alemão "para não esquecer"; depois trocávamos

impressões sobre o que se fizera e conversava-se um pouco. Não posso, evidentemente, reviver tudo o que mereceu a nossa atenção nessas palestras. Mas lembro-me de algumas delas. Os comentários favoráveis ao Dicionário Etimológico de Antenor Nascentes (aparecido em 1932, com segunda tiragem em 1955) que eu, com algum sacrifício, comprara aqui em Lisboa por 100\$00 (cem escudos) ... um dinheirão). Longe ainda estava da grande amizade que me havia de ligar ao notável filólogo brasileiro. E, a propósito, lamentou-se não haver obra equivalente realizada por autor português. Considerou-se já sem forças nem elementos para a fazer, mas confessou-me que pensara nisso por volta de 1890 quando apareceu o dicionário de Adolfo Coelho, obra que lhe merecia, naturalmente, algumas reservas. E terminou: "- Faça-o você! É novo, tem muitos anos à sua frente!".

E, bem ou mal, consegui fazê-lo e já conta sete edições. Encorajou-me ainda a não abandonar o estudo do Árabe, a dedicar-me à Paleografia que então estudava na Faculdade ("Tem um bom Mestre!", referindo-se a João Martins da Silva Marques) e entusiasmou-me a estudar alemão. E comentou: "Tudo boas armas com o seu Latim!".

E sobre o Latim citou determinada pessoa então a preparar altos voos universitários, o que lhe mereceu este curioso comentário: "- Como é possível, se ele não sabe interpretar duas linhas de Latim! É um atrevido ...". E era ...

E a citação de ignorantes atrevidos levou-me a recordar-lhe a polémica que tivera com Cândido de Figueiredo. Este combatente a favor de causa justa não dispunha de bases para ir muito longe, nem espírito para reconhecer a sua inferioridade e aceitar os esclarecimentos de que necessitava e que tão úteis lhe poderiam ser, se os soubesse aproveitar.

Leite de Vasconcelos lamentou o tempo que nessa polémica perdeu a ensinar, para receber como resposta insultos (que, afinal, em nada o afectaram ...), em vez de agradecimentos. E aproveitou o ensejo para me prevenir contra eventuais casos que na verdade se verificaram e a partir precisamente de quem citou. Curiosidade: os mesmos casos e os mesmos intérpretes que pouco depois figurariam em idêntica profecia de David Lopes.

E a luminosidade do dia continuava a enfraquecer, a noite aproximava-se. Leite de Vasconcelos continuava de óculos escuros, acendia a luz eléctrica; se deixara de escrever e de ler também se afastara da escrivaninha em que, sempre de pé, redigia páginas notáveis e ainda conversava um pouco. E sentava-se finalmente.

Lá fora a criada preparava-lhe o frugal jantar e eu despedia-me:

- Adeus, Senhor Doutor, até quarta-feira?

- Pois, até quarta-feira à mesma hora. Dê visitas ao Doutor David Lopes!

As três ou quatro horas na sua companhia passavam depressa. Parecia-me que mal chegava e já estava a despedir-me com o "adeus, Senhor Doutor"...

Uma vez, à saída, deu-me um exemplar dos *Vimaranis Monumenta Historica* e outro do *Mapa dialectológico do Continente Português* de sua autoria. Mas o meu grande lucro com essas tardes

esteve em verificar até onde levam o trabalho, a persistência, o entusiasmo, a coragem, a simplicidade que marca quem é excepcional, quem se notabiliza pela acção, por obra grande e valiosa: os seus conteúdos, extensão e variedade, com base em trabalho persistente, planeado e muita reflexão, tornam-na, mais do que honra nacional, monumento do mundo científico.

Um último testemunho: cerca de 1937 realizou-se no então Museu Etnológico, que ostentava o seu nome, como actualmente, uma sessão solene com a presença do Presidente da República Marechal Carmona, pública homenagem ao Doutor José Leite, mas o homenageado não compareceu. E na quarta feira seguinte, quando lhe perguntei a causa, respondeu: “ tinha aí uma porção de provas para emendar...”.

Apêndice (nota de João Luís Cardoso)

Sobre a Vida e a Obra de José Leite de Vasconcelos, já muito se escreveu. Sem querer ser exhaustivo, podem consultar-se os seguintes trabalhos (dispostos pelas datas de publicação):

- LEITE de VASCONCELOS, José, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa/Rio de Janeiro, s/d, 14, pp. 882-883.
- AMZALAK, M. B. (1924) - *Indículo dos trabalhos literários de J. Leite de Vasconcellos*. Lisboa. 59 pp.
- RIBEIRO, O. (1942) - *Vida e Obras de José Leite de Vasconcellos*. Portucale. Porto. 40 pp. (separata).
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J.; WEINHOLTZ, J. B. & FRANCO, M. L. (1941) - *À memória do Professor José Leite de Vasconcellos*. Faro. 7 pp.
- DIAS, J. Lopes (1958) - O Dr. José Leite de Vasconcelos. Elementos para o estudo da sua vida e obras. *Colóquio de Estudos Etnográficos Dr. José Leite de Vasconcelos*. Lisboa. 100 pp. (separata).
- FERREIRA, F. Bandeira & SILVA, M. C. Nunes da (1958) - Leite de Vasconcelos e a Tróia de Setúbal. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série VIII, 8, pp. 173-184.
- VIANA, A. (1959) - O Doutor Leite de Vasconcelos e o Baixo Alentejo. *Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos Dr. José Leite de Vasconcelos*. Porto. 1, pp. 1-7 (separata).
- CORRÊA, A. A. Mendes (1959) - Leite de Vasconcelos, futor da Consciência Nacional. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. 1, pp. 15-26.
- GONÇALVES, A. M. (1959) - O museólogo José Leite de Vasconcelos, *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. 1, pp. 45-61.
- BRANDÃO, D. de Pinho (1959) - José Leite de Vasconcelos. *Boletim Cultural*. Porto. 21 (3/4), 85 pp. (separata).
- CORREIA, J. da Silva (1960) - Algumas notas biográficas sobre José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcelos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 3-30.
- GUIMARÃES, Oliveira (1960) - José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcelos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 31-35.

- CIDADE, H. (1960) - Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcellos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 37-44.
- HELENO, M. (1960) - Algumas palavras sobre Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcellos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 45-51.
- GONÇALVES, F. Rebelo (1960) - José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcellos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 53-63.
- RIBEIRO, O. (1960) - Vida e Obras de José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcellos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 65-100.
- NEMÉSIO, V. (1960) - Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcellos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 101-107.
- GUERREIRO, M. Viegas (1960) - Notas para uma biografia do Doutor José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcellos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 109-137.
- CEPEDA, I. V. (1960) - Bibliografia de José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcellos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 139-265.
- GUERREIRO, M. Viegas (1994) - Leite de Vasconcelos - o Homem e o Sábio. *Revista Lusitana*. Lisboa. Nova Série, 11, pp. 5-18.
- JABOUILLE, V. (1994) - No cinquentenário da morte de Leite de Vasconcelos. *Revista Lusitana*. Lisboa. Nova Série, 12, pp. 9-12.
- RIBEIRO, O. (1994) - Vida e Obra de José Leite de Vasconcelos. *Revista Lusitana*. Lisboa. Nova Série, 12, pp. 15-49 (reedição do estudo de 1960).
- GUERREIRO, M. Viegas (1994) - Notas para uma biografia do Doutor José Leite de Vasconcelos. *Revista Lusitana*. Lisboa. Nova Série, 12, pp. 53-79.

Além destes estudos de índole biobibliográfica, Leite de Vasconcellos foi homenageado em vida ou após a sua morte com diversas publicações e reuniões científicas a ele dedicadas. Temos conhecimento das seguintes:

- 1934 - *Miscelânea Científica e Literária dedicada ao Doutor J. Leite de Vasconcellos*. Coimbra. Imprensa da Universidade. Vol I (único volume publicado), 528 pp.
- 1959 - *Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos Dr. José Leite de Vasconcelos* (Porto, 1958). Porto.
- 1959, 1970 - *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa, Vol. I (1959), 495 pp. Vol. II (1970), 375 pp.
- 1958 - *Arqueologia e História*, Série VIII, 8. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa., 185 pp.
- 1960 - *José Leite de Vasconcellos - Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa, Imprensa Nacional, 269 pp.

AS INVESTIGAÇÕES DE CARLOS RIBEIRO E DE NERY DELGADO SOBRE O "HOMEM TERCIÁRIO": RESULTADOS E CONSEQUÊNCIAS NA ÉPOCA E PARA ALÉM DELA

por João Luís Cardoso¹

Carlos Ribeiro (1813-1882) (Fig. 1) e Nery Delgado (1835-1908) (Fig. 2) são duas personalidades já suficientemente estudadas no contexto científico português da segunda metade do século XIX. Trabalhando em conjunto de 1857 a 1882, anos respectivamente da nomeação de Carlos Ribeiro como Membro Director da Segunda Comissão Geológica de Portugal e do seu falecimento, sucedido pela nomeação de Nery Delgado à frente da Instituição, que dirigiu até ao passamento, em 1908 (Fig. 3), difícil se torna delimitar com rigor os contributos devidos particularmente a um e a outro, no domínio específico que nos propomos tratar. Ambos, em conjunto ou separadamente, foram já objecto de estudos que puseram em relevo a importância da obra realizada, tanto no domínio da Geologia e da Cartografia Geológica, que constituiu o essencial do seu labor científico, como no âmbito, mais restrito, da Arqueologia pré-histórica, cultivada com dedicação e qualidade, granjeando-lhes projecção internacional ainda hoje inexecutada.

De todos os estudos historiográficos dedicados à investigação arqueológica oitocentista realizada em Portugal, destaca-se o de Manuel Farinha dos Santos (SANTOS, 1980), e, ainda, sobre os contributos de Nery Delgado no domínio da investigação arqueológica de grutas, o de João Zilhão (ZILHÃO, 1993). Uma síntese sobre a Arqueologia portuguesa no século XX, apresenta, também, elementos de interesse sobre os antecedentes do século anterior (FABIÃO, 1999). Mas é no primeiro daqueles estudos que se descreve, em pormenor, o que se fez (e quem fez) e como se fez em Portugal, de 1850 a 1880, em todos os domínios da investigação pré-histórica, desde as cavernas até aos monumentos megalíticos e estações de ar livre, com destaque, no tocante a estas últimas, para os concheiros de Muge. Importava, deste modo, dar continuidade ao trabalho de Manuel Farinha dos

(1) *Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador de Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).*

Santos, através da análise da conjuntura internacional em que se desenrolaram as investigações pré-históricas na Europa oitocentista, por forma a responder à terceira parte da questão: o porque se fez, e, ainda, as consequências do que se fez. Tal é o duplo propósito da presente contribuição, centrada especialmente na questão do "Homem Terciário", que constitui o tema mais relevante da célebre IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, realizada em Lisboa em 1880, marco na história das investigações em Portugal, justamente considerado como *terminus* de uma época.

Em monografia apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa em 1871, Carlos Ribeiro declarou, "com altivez e independência", no dizer de Ricardo Severo (SEVERO, 1898, pp. 165-166), o seguinte, a propósito da autenticidade das indústrias líticas do suposto "Homem Terciário" que vinha recolhendo nas bacias do Tejo e do Sado, desde a primeira metade da década anterior: "Mas, se apesar das considerações expostas, ainda houver duvida em aceitar o homem miocène de Portugal, convidaremos os geólogos a explorar as escarpas formadas pelas camadas do grupo (a) nas cercanias de Lisboa, e as camadas do grupo (b) atravessadas pelas estradas do Carregado às Caldas, e de Villa Nova da Rainha a Rio Maior, e ahí encontrarão dados authenticos e provas concludentes, que lhes demonstrem a contemporaneidade da nossa especie com aquellas camadas terciarias" (RIBEIRO, 1871, p. 57).

Estava, deste modo, lançado o mote que iria ocupar boa parte das preocupações de Carlos Ribeiro na década de 1870. Tais descobertas provocaram interesse, embora reservado, na comunidade científica internacional, embora esta cada vez mais se rendesse à autenticidade das investigações devidas a Casimir Picard, logo seguidas das de Boucher de Perthes, no vale do Somme, perto de Abbeville. Como declarou o próprio Carlos Ribeiro, no Relatório da sua participação na VI Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, reunido em 1872 na cidade de Bruxelas (RIBEIRO, 1873, p. 3), "Ainda em 1860 a Academia Real das Ciências de Paris se assustou por tal fôrma com a nota que lhe apresentára o respeitavel paleontologista E. Lartet sobre a antiguidade geologica da especie humana, que se absteve de a publicar, e apenas consentiu que nos seus compte-rendus se fizesse menção do titulo". Desconhecemos qual o efectivo fundamento desta afirmação, porquanto a mesma prestigiada revista havia publicado no ano anterior (1859) comunicação de Albert Gaudry na qual se admitia a antiguidade da espécie humana, comprovada pela coexistência de produtos da sua actividade com restos de espécies extintas de animais: uma evidência, para nós óbvia, suscitava, então, a mais viva das polémicas. Nesse mesmo ano de 1859, uma delegação de sábios ingleses ao mais alto nível tinha-se deslocado a Abbeville; e, de impugnadores das descobertas de Boucher de Perthes, que, persistentemente, continuava a publicar a sua obra monumental "Antiquités Celtiques et Antédiluviennes" - 1º. Vol. (1847); 2º. Vol. (1857); 3º. Vol. (1864), passaram a seus defensores.

Em 1863, um fragmento de mandíbula humana – o primeiro resto osteológico humano encontrado de idade diluviana e, por isso mesmo, de importância capital, não obstante a copiosa colecção



Carlos Ribeiro

Fig. 1 - Foto de Carlos Ribeiro (1813-1882).



J. Filipe Nery Delgado

Fig. 2 - Foto de Joaquim Filipe Nery Delgado (1835-1908).

de artefactos entretanto reunidos, tanto no vale do Somme como em outros locais – apareceu em Moulin Quignon, perto de Abbeville. Então, a situação inverteu-se: enquanto os sábios franceses começavam a aceitar a autenticidade das descobertas de Boucher de Perthes, os ingleses recuaram: Falconer, antes ardente defensor, escreve uma carta ao "Times" declarando, em seu nome e no de outros que o tinham acompanhado em 1859, que se tinha enganado. Este volte-face não era estranho à polémica que estalara em Inglaterra, naquele mesmo ano de 1859, aquando da publicação da 1ª. Edição da célebre obra de Charles Darwin. A opinião pública, em parte instigada pela Igreja Anglicana, constrangia a comunidade científica. E, no entanto, a realidade arqueológica não contradizia a tradição bíblica no concernente à existência do Dilúvio Universal. Como bem assinalou M. Farinha dos Santos, "O Dilúvio existiu, reflectindo, na memória colectiva, um grande acontecimento natural que ocorreu há milénios, a última glaciação e suas esmagadoras consequências ..." (SANTOS, 1980, p. 254). Modernas investigações conduzidas nas décadas de 1980 e de 1990, mostraram que, entre 13000 e 11000 anos antes do presente, o nível marinho, na costa portuguesa subiu cerca de 60 m, atingindo então a batimétrica -60 m, alagando bruscamente vastos territórios: é fácil imaginar os profundos impactes que o fenómeno induziu na vivência das populações da época, obrigadas a alterar drasticamente, e em curto período de tempo, o seu quotidiano e bases de subsistência. O mesmo terá ocorrido mais tarde, logo no início do Pós-Glaciário: há cerca de 10000 anos, novo aquecimento climático, provocou nova subida do nível marinho, de 40 m em apenas 2000 anos, o qual atingia, cerca de 8000 anos atrás, a batimétrica -20 m (DIAS, 1987; DIAS *et al.*, 1997), induzindo novas perturbações na vida das numerosas comunidades que ocupavam a faixa litoral, brusca e definitivamente submersa até hoje (CARDOSO & SANTOS, 1999).

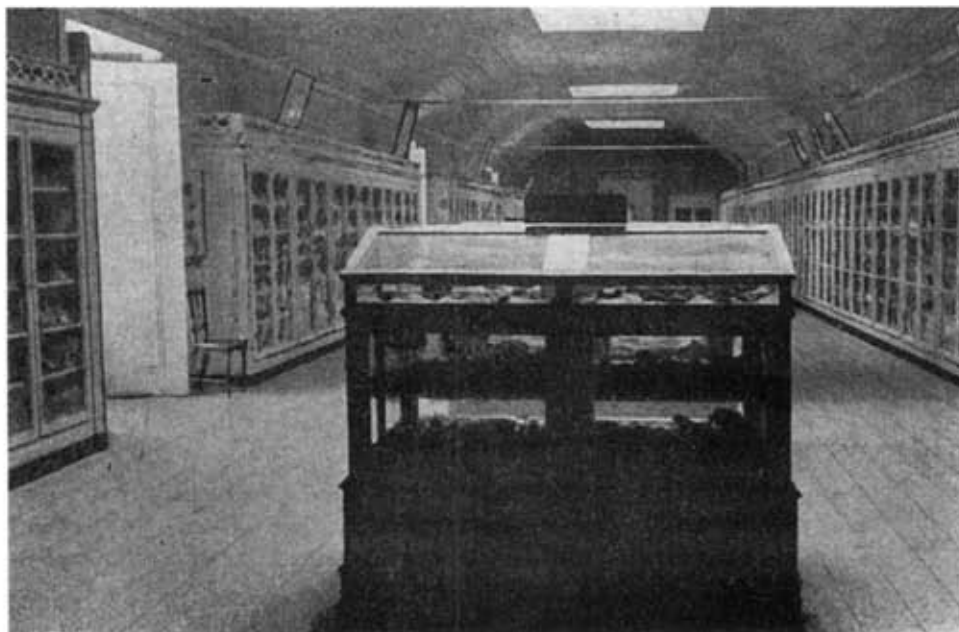
Não esqueçamos que as preocupações de concatenar os progressos científicos da origem e antiguidade do Homem com os dogmas da Igreja, preocupou desde o início diversos sábios e não apenas os teólogos (GONÇALVES, 1978). De entre os Portugueses, merece referência especial a obra do Marechal-Duque de Saldanha, publicada em 1863 em Roma e dedicada ao Papa Pio IX "Concordanza delle Scienze Naturali e principalmente della Geologia com le Genesi" (Fig. 4), na qual o autor admitiu que o prosseguimento das descobertas podia conduzir à comprovação de uma Humanidade antediluviana (*op. cit.*, p. 55). Deste modo, facilmente se compreende a importância do achado, em Março daquele ano de 1863, da mandíbula de Moulin-Quignon, imediatamente sucedido da constituição de uma comissão paritária anglo-francesa para o avaliar. Em Maio, os seus membros reuniram-se no Muséum National d'Histoire Naturelle de Paris; sem que se tivesse chegado a acordo, resolveram deslocar-se ao local da descoberta. As dúvidas então desvaneceram-se, como consta do acórdão final, redigido por Milne-Edwards (CARDOSO, 1993). Eis como um erro científico – pois a mandíbula em causa pertence simplesmente a um homem moderno – pode, em certas circunstâncias, ser benéfico ao próprio progresso da Ciência. Entre os membros da dita comissão, destacou-se o geólogo Inglês Sir Charles Lyell que nesse mesmo ano de 1863 publicou o seu célebre ensaio "The Geological Evidences of the Antiquity of Man" (LYELL, 1863).

Data também dessa altura a afirmação da Arqueologia nos Países Nórdicos, onde os testemunhos de várias épocas se conservaram excelentemente nas turfeiras, exibindo características próprias, sem a presença da cultura Clássica, uma vez que ali jamais chegaram Gregos e Romanos: foi, no entanto, no norte escandinavo, que o texto de Lucrécio, sobre a existência de três idades sucessivas na marcha da Humanidade: a da Pedra; a do Bronze; e a do Ferro foram, pela primeira vez, cabalmente confirmadas e mesmo subdivididas por Worsaae, antes de 1860, tomando evidentes a qualidade e o avanço da Arqueologia nórdica.

Por todo o lado, os nacionalismos encontravam-se então em plena fermentação; não espanta que a Arqueologia também fosse utilizada para os justificar, legitimando prioridades ou diferenças, sem esquecer que o conhecimento dos primórdios da Humanidade a todos dizia respeito, sendo, por isso, um contributo devido pelas Nações que pretendessem viver em comunhão com as restantes (RIBEIRO, 1873, p. 91).

Era este o espírito que animava os pioneiros da 2ª. Comissão Geológica de Portugal desde o momento da sua criação em 1857. Não ignoravam o progresso dos conhecimentos além-fronteiras: disso é prova não apenas a correspondência do foro arqueológico trocada com os seus pares, conservada no Arquivo Histórico do IGM, mas ainda a abundância de citações que pontuam as suas obras, denotando leituras que influenciaram, desde o início, as interpretações apresentadas sobre os mais diversos factos de observação. Apenas um exemplo: Carlos Ribeiro, em 1866, ao descrever cuidadosamente na sua "Descrição do Solo Quaternário das Bacias do Tejo e Sado", "um sílex representando grosseiramente a cabeça de um réptil" (RIBEIRO, 1866, p. 31) recolhido perto do Carregado, denuncia influências das ingênuas atribuições a figuras zoomórficas de nódulos ou fragmentos siliciosos naturais, recolhidos em Abbeville por Boucher de Perthes (BOUCHER DE PERTHES, 1847, Pl. LXII e outras); e outros exemplos se poderiam apontar como a semelhança dos títulos e subtítulos de obras portuguesas e estrangeiras (cf. CARDOSO, 1997, Fig. 1).

Deste modo, os trabalhos de Carlos Ribeiro, Pereira da Costa e de Nery Delgado, vieram provar que, também em Portugal e à semelhança do verificado noutros Países onde os estudos pré-históricos tinham começado há mais tempo e se encontravam mais desenvolvidos, era possível alcançar o conhecimento de um passado humano, muito para além dos documentos escritos, apenas apoiado nos testemunhos materiais que nos chegaram, os quais eram retirados do arquivo da terra e interpretados com base, respectivamente, no método estratigráfico e tipológico, afinal os mesmos que, ainda hoje, presidem ao trabalho do arqueólogo. Ao contrário do verificado em outros países mais ricos e desenvolvidos, como a vizinha Espanha (PRADO, 1864; GÓNGORA, 1868), em Portugal, tais trabalhos, longe de se revelarem pontuais e feitos ao sabor das circunstâncias, assumiram, ainda que fugazmente, carácter continuado e programado, sendo conduzidos por profissionais e realizados oficialmente: recorde-se que, tanto Carlos Ribeiro como Nery Delgado atingiram o posto de General de Divisão desde que, como tenentes, foram requisitados para desenvolver funções do foro estritamente técnico-científico ligado ao reconhecimento geológico do País, onde se



SALA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA PREHISTÓRICA

Fig. 3 - Vista da Galeria de Antropologia e Arqueologia Prê-Histórica dos Serviços Geológicos de Portugal no primeiro quartel do século XX (SIMÕES, J.M.O. (1923) - "Os Serviços Geológicos de Portugal". *Comunic. Serv. Geol. Portugal*, 14: 5-123).

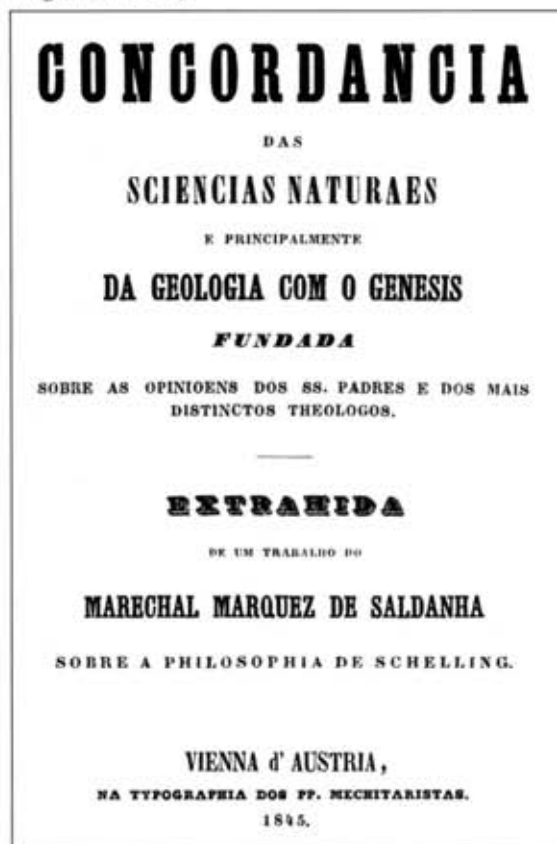


Fig. 4 - Frontispício da obra do Marechal-Duque de Saldanha (1.ª edição, Viena de Áustria, 1845) dedicada à demonstração da compatibilização do Dilúvio com os textos do *Genesis*.

inscreviam as suas actividades arqueológicas no domínio da Pré-História, não mais regressando a quartéis.

O concurso harmónico e integrado de diversas áreas científicas para o conhecimento da realidade humana pretérita, recorrendo à Paleontologia, à Antropologia Física e aos estudos comparados das tradições populares e dos povos primitivos actuais (consubstanciando uma nova área científica então designada por "Paletnologia"), conduziu a abordagens da realidade arqueológica de uma forma "moderna", a qual, entretanto, se perdeu, para só recentemente vir a ser progressivamente retomada. Qualitativamente, a prática arqueológica desenvolvida por estes pioneiros foi inquestionavelmente mais rica e criativa daquela que ulteriormente se instalou na "praxis" arqueológica, tanto em Portugal como na generalidade dos países europeus. Tal realidade justificou o epíteto de "Idade de Ouro" da Arqueologia portuguesa, criado por alguns arqueólogos, para caracterizar o período de actividade da 2ª. Comissão Geológica sob a égide de Carlos Ribeiro, primeiro com Pereira da Costa (1857-1868), depois sózinho (1869-1882).

Porém, dos trabalhos de pré-história então publicados, transparece não tanto originalidade, em termos absolutos – visto acompanharem de perto o progresso dos conhecimentos produzido além-fronteiras (FABIÃO, 1999) – mas, sobretudo, uma clara definição de objectivos: no caso, a busca de provas da antiguidade da presença humana no solo português, seguida da aplicação dos métodos adequados e dos meios necessários para os atingir.

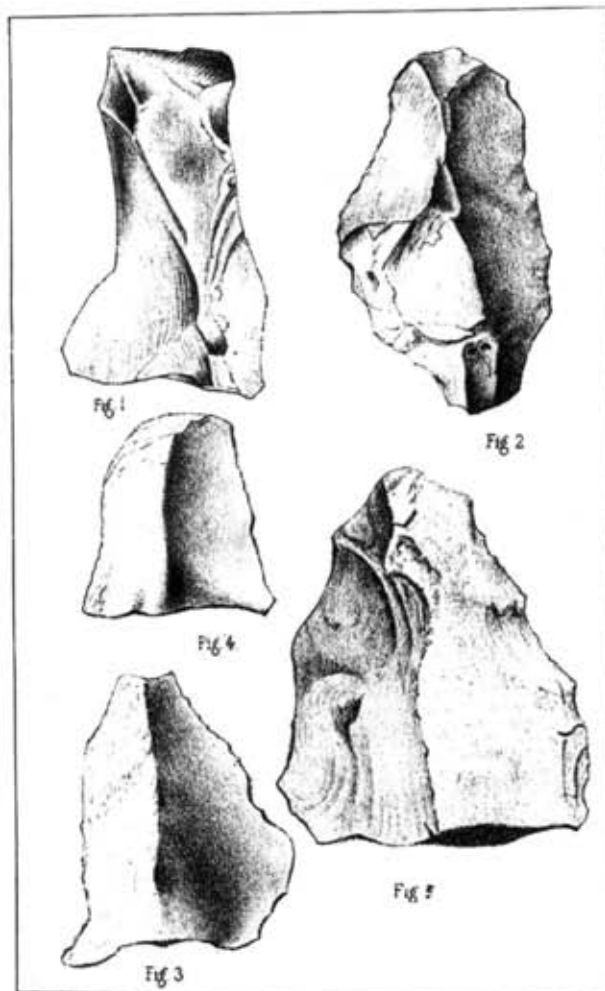
Assim se compreendem as numerosas escavações arqueológicas então realizadas e a integração dos resultados num quadro cultural globalmente coerente, recorrendo aos princípios transdisciplinares atrás referidos; tal era a metodologia usada por todos os que então se ocupavam da investigação do passado pré-histórico, num intenso movimento de circulação de ideias e também de pessoas, facilitado pelos novos meios de transporte, designadamente o comboio.

A título de exemplo, assinala-se o facto curioso de Carlos Ribeiro ter recebido convite para participar na IV Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, reunido de 22 de Agosto de 1872 em diante na cidade de Bruxelas, apenas a 10 de Agosto, por parte da Comissão directora dos trabalhos preliminares da reunião, e obtido determinação superior para partir "sem perda de tempo" a 16 de Agosto. Restaram-lhe, deste modo, poucas horas para escolher algumas peças líticas recolhidas na bacia terciária do Tejo, destinadas a, conforme declara, serem apresentadas aos congressistas "se se oferecesse ocasião oportuna (...) como prova da existencia do homem nas nossas latitudes n' aquelles remotos tempos" (RIBEIRO, 1873 a, p. 8), assunto, relembre-se, a que tinha dedicado já importante memória (Fig. 13). De facto, tal oportunidade surgiu, tendo a sua intervenção suscitado polémica da parte dos congressistas que intervieram no debate; os resultados foram, porém, recebidos globalmente com cepticismo, levantando-se dúvidas ou sobre a autenticidade das peças apresentadas (Fig. 5), ou mesmo, em alternativa ou cumulativamente, sobre a idade dos próprios terrenos, que para alguns poderiam ser mais recentes do que julgava Carlos Ribeiro; o esclarecimento desta segunda questão motivou uma outra intervenção, de sua parte, ambas publicadas nas respectivas

actas (RIBEIRO, 1873 b; 1873 c). Não desanimou, porém. Por ocasião da Exposição Internacional de Paris de 1878, Carlos Ribeiro levou consigo 98 exemplares líticos, que foram expostos na Galeria das Ciências Antropológicas. Deles, Gabriel de Mortillet, conservador do Museu das Antiguidades Nacionais de Saint Germain-en-Laye e depois Professor na Escola de Antropologia de Paris, separou vinte e dois, onde viu vestígios irrefutáveis de trabalho, reproduzindo mesmo seis deles em 1879 e, depois, no seu manual "Le Préhistorique" (Fig. 6) (MORTILLET, 1885, p. 99, nota 1). Nesse mesmo ano, E. Cartailhac publicou também oito (MORTILLET, 1885, p. 99, nota 2) e, anos depois, três (CARTAILHAC, 1886, Fig. 6-11) (Fig. 7). Começava, assim, a dar frutos a persistência do nosso compatriota, que hoje pode causar admiração ou estranheza, em espíritos mais timoratos; mas é o próprio que declarava, a tal propósito, o seguinte (RIBEIRO, 1871, p. 33): "A indiferença, e mais ainda a oposição que, no animo da maior parte das pessoas dedicadas ao estudo das sciencias e da litteratura, encontraram as descobertas relativas ao homem primitivo ou ante-diluviano, tiveram diversas causas entre as quais podemos mencionar: a duvida que se manifesta sempre em receber factos e descobertas novas, quando se não harmonizam ou estão em desaccordo com as idéas geralmente recebidas; os preconceitos e o fanatismo cego que muitos homens teem pelas theorias, preferindo antes morrer abraçados a ellas do que prestar homenagem à evidencia dos factos e à verdade; e por fim a pouca vontade do maior numero em trocar os gozos e confortos domesticos pelos incommodos inevitaveis das viagens e explorações, quando teem um fim puramente scientifico".

Cabalmente demonstrada a antiguidade diluviana (ou Quaternária) do Homem, depois da polémica da qual Boucher de Perthes saiu vencedor, pretendia-se ir ainda mais longe, remontando-a para a Era Terciária, ou ante-diluviana, na terminologia de então: Carlos Ribeiro contava-se entre os poucos (ao lado do Padre Bourgeois e do Professor Rames) que tinham contribuído com achados efectivos, que justificavam a discussão instalada, na Europa oitocentista.

Da referida apresentação em Paris dos materiais líticos em apreço, resultou uma maior predisposição para a discussão. Estavam, pois, reunidas as condições para se efectivar em Lisboa, em 1880, a IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, hipótese que, já em 1876 tinha sido objecto de missiva de Luciano Cordeiro (1844-1900) para Nery Delgado, sondando-o para a eventual possibilidade da realização em Lisboa do evento, a que o Governo dispensaria todo o interesse, tendo-lhe então Delgado respondido pela negativa (CARDOSO & MELO, 2000). Seja como for, mercê do interesse da comunidade científica internacional, e em particular do empenho de Carlos Ribeiro, tal reunião veio de facto a efectuar-se em Lisboa de 20 a 29 de Setembro de 1880. O tema principal era a observação detalhada dos materiais recolhidos e a visita ao local dos achados. A sessão de abertura teve lugar no grande salão-biblioteca da Academia das Ciências, na presença de D. Luiz, Protector do Congresso, e de D. Fernando, seu Presidente de Honra, comparecendo os Ministros do Interior, das Finanças, das Obras Públicas, da Justiça e da Marinha, Conselheiros de Estado, Membros do Corpo Diplomático, Académicos e Altos Funcionários (Fig. 8). Dos 393 congressistas inscritos, 156 estiveram presentes, constituindo as pre-



SILEX TERTIAIRES DU PORTUGAL.
 - (Mémoire de M. RIBEIRO)
 (grandeur naturelle).

Fig. 5 - Uma das figura da página inteira, ilustrando os achados de Carlos Ribeiro de silices terciários do baixo vale do Tejo, apresentados ao Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, reunido em Bruxelas em Agosto de 1872 (RIBEIRO, 1873 b). Reduzido.

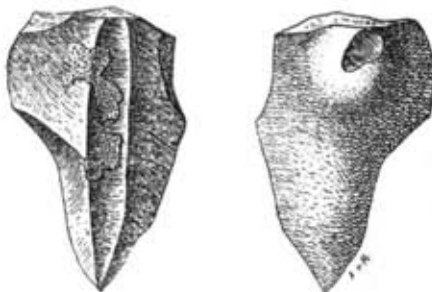


Fig. 10. Face supérieure. Fig. 11. — Face inférieure.
 Silex tertiaire des environs de Lisbonne, avec plan de frappe, conchoïde et sauplement de percussion, et intrusion dans le conchoïde en creux. Collection de l'Académie des sciences de Lisbonne. Gr. nat.

Fig. 6 - Silex terciário, supostamente talhado, do baixo vale do Tejo, reproduzido por Gabriel de Mortillet, na 2.ª edição do "Le Préhistorique", Paris, 1905 (Fig. 10 e Fig. 11). Reduzido.

senças estrangeiras 47% do total, estando representados 12 Países, dos 18 inscritos; mas, onde a importância dos estrangeiros mais se evidenciou foi no número de comunicações (57%) e nos debates (82%) (GONÇALVES, 1980).

Apesar do analfabetismo ultrapassar então 80% da população, gerou-se um interesse por parte das elites citadinas -- e não apenas das instaladas em Lisboa -- pela realização do evento. O progresso científico, que se julgava poder vir a resolver todos os males da Humanidade, iluminava também, intensamente, as suas obscuras origens e em particular a dos míseros incolos terciários portugueses. Este impacto positivo foi, em parte, ampliado pela realização, na mesma altura, de um congresso de escritores em Lisboa, sendo os dois eventos noticiados a par, na revista *Occidente* (Fig. 9). Por outro lado, dois outros acontecimentos notáveis ocorreram em Portugal nesse ano de 1880 (SUEIRO, 1957, p. 255), que serviram como elementos catalisadores da opinião pública: "As explorações africanas foram triunfalmente consagradas pelo delirante entusiasmo público que, nesse ano, acolheu os exploradores, na metrópole. A comemoração do tricentenário de Camões teve o condão mirífico de exaltar o sentimento patriótico até a sublimação e atear novas energias regeneradoras, de confiança na inteligência e no trabalho".

Mesmo em obras de divulgação, o Congresso ecoou: Oliveira Martins incluiu logo na 2ª. Edição dos seus "Elementos de Anthropologia" numerosos extractos das comunicações apresentadas e o impacto no seio da população foi efectivo: basta recordar os numerosos apontamentos do grande Raphael Bordallo Pinheiro, que apresentou verdadeira reportagem ilustrada do Congresso, nas páginas de "O António Maria", de 23 e de 30 de Setembro, portanto sobre o próprio acontecimento (GONÇALVES, 1880). Nelas perpassa a crítica mordaz (embora o Soberano seja apresentado com simpática bonomia: "traduziu pouco e condecorou muito. Jantava-se bem em sua casa. Foi bom príncipe") (Fig. 10) e o anticlericalismo, como competia a tão activo republicano. Carlos Ribeiro é tratado com admiração ("...o nome deste forte e honrado trabalhador ficará gloriosamente ligado para todo o sempre a um dos mais importantes factos da sciencia europeia n'este seculo") (Fig. 11), enquanto o Arq. Possidonio da Silva é displicentemente apresentado como "o organizador de um basar de prendas velhas no museu archeologico e descobridor de uma carroagem que elle mesmo não sabe se foi na antiguidade a tina de Semiramis ou se foi o bidé de Nero ..." (Fig. 12). Assim, jocosamente, se retratava a diferença de métodos e de preocupações que separava os arqueólogos de formação científica que se dedicavam aos estudos da Pré-História, no quadro do Positivismo da época, dos arqueólogos-antiquários, seus contemporâneos, dados às mais eruditas especulações.

A 21 de Setembro, Carlos Ribeiro apresentou a comunicação "L'Homme tertiaire en Portugal" (RIBEIRO, 1884) -- a única a que o Rei assistiu -- tendo exposto, de forma serena e objectiva, os argumentos que considerou relevantes para a defesa da sua tese, enquadrados por uma sólida interpretação estratigráfica e paleontológica da realidade geológica local, que bem conhecia, à luz dos critérios da época. No final, por proposta de Capellini, delegado do Rei de Itália e representante da Cidade e Universidade de Bolonha, foi constituída uma comissão, a qual reuniu, após a excursão à Ota, extensiva a todos os congressistas, efectuada no dia seguinte. Dela resultou a recolha, por

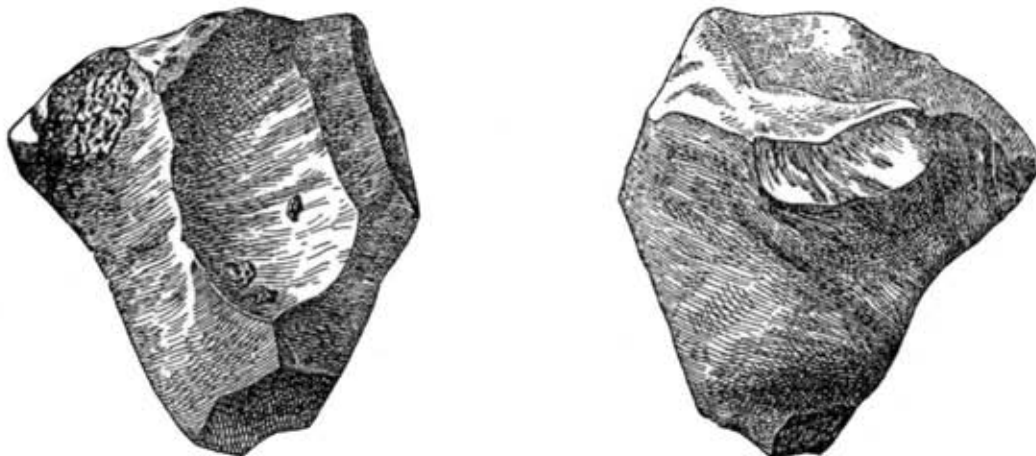


Fig. 6 et 7.

SILEX TAILLÉ AVEC TRACES DU GRÈS D'OTTA.

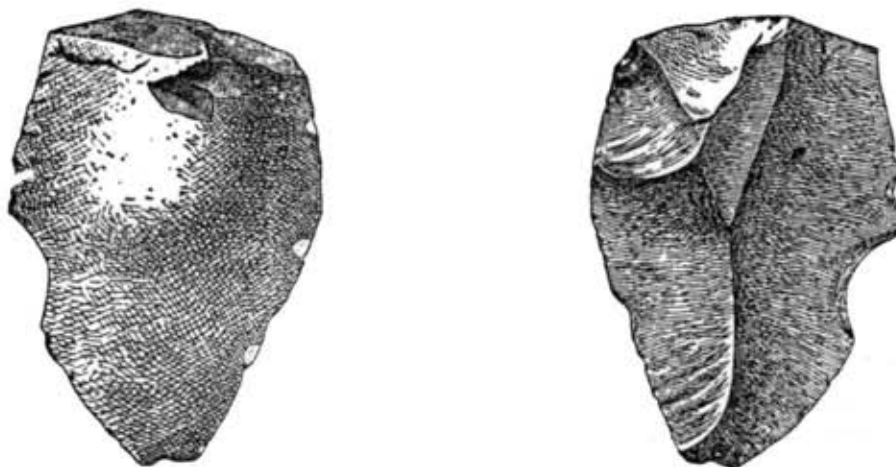


Fig. 8 et 9.

ÉCLAT DE SILEX DU MIOCÈNE DE ESPINHAÇO DE ÇAO.

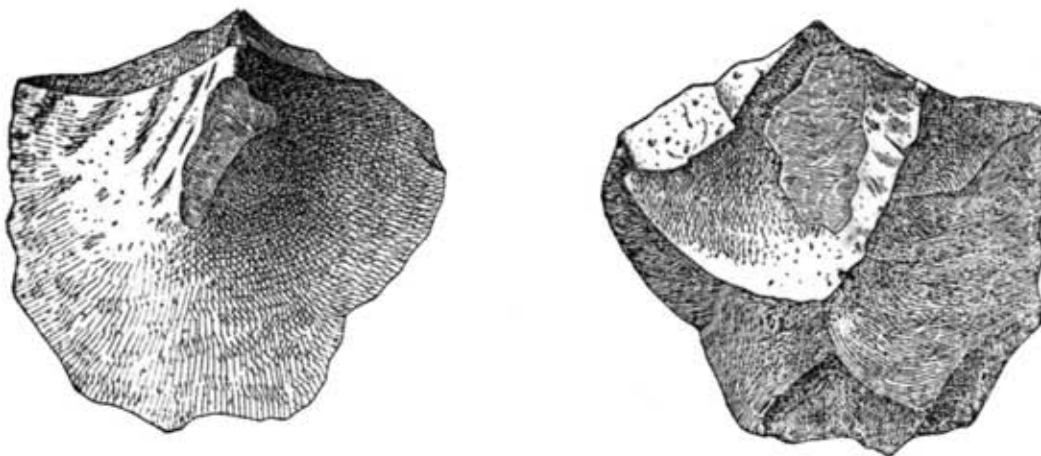


Fig. 10 et 11.

ÉCLAT DE QUARTZITE DU PLIOCÈNE DE BARQUINHA.

Fig. 7 - Conjunto de peças supostamente terciárias (algumas são indiscutivelmente trabalhadas, devendo por isso provir de coberturas quaternárias, muito erodidas, sobre os depósitos terciários), representadas por Émile Cartailhac (CARTAILHAC, 1886).

Bellucci, de uma peça considerada inquestionavelmente talhada pelos presentes, extraída do interior do conglomerado terciário, na presença de Cartailhac, Cazalis de Fondouce, Vilanova e outros (CHOFFAT, 1884 a, p. 63), para além de outras, que jaziam à superfície (Fig. 13).

Reunida a Comissão, constituída por Capellini, Carlos Ribeiro (substituído por Nery Delgado, devido ao agravamento do seu estado de saúde, que conduziria ao seu falecimento, em Novembro de 1882), Cartailhac, Cazalis de Fondouce, Choffat, Cotteau, Evans, Mortillet e Virchow, a discussão desenvolveu-se em torno de quatro questões (CHOFFAT, 1884 b). O resultado saldou-se a desfavor da intencionalidade das peças encontradas *in situ*, e portanto da legitimidade do "Homem Terciário português", por seis votos contra cinco. Virchow, o eminente professor de Antropologia da Universidade de Berlim e opositor da autenticidade das descobertas, na qualidade de presidente da Comissão, encerrou o memorável debate (pormenorizadamente transcrito por CHOFFAT, 1884 b), nos seguintes termos (*op. cit.* p. 118): "Personne ne demandant la parole, la séance va être levée. Ce n'est pas une méthode scientifique que de trancher les questions à la majorité des votants. Il faut donc remettre la décision à un autre Congrès".

Declarado defensor das ideias de Carlos Ribeiro, Gabriel de Mortillet levou tal convicção ao extremo de baptizar o autor destas supostas peças líticas com o nome científico de *Anthropopithecus Ribeiroi* (MORTILLET, 1885, p. 105). O nome arrevezado desta latinização forçada, não passou despercebido ao humor ácido de Camilo, num livrinho intitulado "O General Carlos Ribeiro (recordações da mocidade)", publicado dois anos depois do falecimento do geólogo (CASTELLO-BRANCO, 1884), como carinhosa homenagem ao seu antigo condiscipulo da Academia Polytechnica do Porto: "Este genitivo alatinado e ligeiramente macarrónico, *Ribeiroii*, parece pertencer também à prehistorica da linguagem de Plínio o moço (...). Espero e ousa pedir aos futuros congressistas que adoptem esta errata, afim de que o nome glorioso do nosso concidadão, não vá latinadamente deturpado pelas edades fôra" (*op. cit.*, p. 20). Esta designação não teve, porém, vida tão longa quanto o nosso ilustre escritor temia; mas ainda em 1905, na 3ª. Edição do seu manual de divulgação "Le Préhistorique" Gabriel de Mortillet a mantinha, com a convicção do Homem Terciário ainda intacta no seu espirito...(MORTILLET, 1885, 1905, p. 102, 105): "A l'époque tortonienne existait donc dans le Portugal un être intelligent éclatant le silex tout comme l'homme quaternaire".

Porém, em Portugal, os reflexos desta memorável reunião, e da *praxis* científica do homens da 2ª Comissão Geológica, rapidamente esmoreceu. Fonseca Cardoso, antropólogo e também oficial do Exército, indignava-se, dez anos volvidos, nestes termos (CARDOSO, 1890, p. 139): "Com um campo tão rico para as suas indagações, a nossa paleoethnologia, em seguida ao Congresso de Lisboa que lhe remata uma pagina brilhante da sua historia, deveria ter augmentado em desenvolvimento. Mas não aconteceu assim. Devido á perda deplorada do seu iniciador, o illustre Carlos Ribeiro, ao indifferentismo normal do nosso publico e á não protecção dos governos, ella paralyso. A questão do *Anthropopithecus ribeiroi* lá está despregada nas margens do lago tortoniano d'Otta". Este desabafo foi, significativamente, publicado na "Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes" órgão da

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

3.º ANNO

15 DE OUTUBRO DE 1880

VOLUME III — N.º 68



CONGRESSOS ANTROPOLOGICO E LITTERARIO EM LISBOA — SESSÃO INAUGURAL NA SALA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
EM 20 DE SETEMBRO DE 1880 (Desenho do autor por M. de Macedo)

Fig. 8 - Sessão inaugural da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, na sala da biblioteca da Real Academia das Ciências de Lisboa, em 20 de Setembro de 1880, perante D. Fernando e D. Luís (in "Occidente", de 15 de Outubro de 1880).



O EXCELSO TRADUCTOR DE SHAKSPEARE, AUGUSTO PROTECTOR DO CONGRESSO. A posteridade dirá d'elle: *Traduziu pouco e condecorou muito. Jantara-se bem em sua casa. Foi bom principe.*

Fig. 10 - D. Luís, caricaturado por Raphael Bordello Pinheiro, em "O Antonio Maria", de 30 de Setembro de 1880, no decorrer de uma das sessões do Congresso de 1880.



CARLOS RIBEIRO, O DESCORRIDOR DO HOMEM TERCIÁRIO PORTUGUEZ. — Quando alguns dos sabios nacionaes viram posta em duvida a authenticidade d'este descobrimento elles jubilaram muito, porque não ha coisa que mais alegre um sabio ambiguo do que encontrar um outro que lhe parece mais ambiguo ainda. Não obstante isso, o nome d'este forte e honrado trabalhador ficará gloriosamente ligado para todo e sempre a um dos mais importantes factos da sciencia europeia n'este seculo.

Fig. 11 - Carlos Ribeiro, visto por Raphael Bordallo Pinheiro; à direita, o Duque de Avila, conotado com o "Homem Terciário" ("O Antonio Maria", de 30 de Setembro de 1880).



O SR. POSSIDONIO. — Sabio nacional, organisador de um basar de prendas velhas no museu archeologico e descobridor de uma carroagem que elle mesmo não sabe se foi na antiguidade a tina de Semiramis ou se foi o bidé de Nero. Elle é d'essa berlinda, d'aquelle basar de prendas e do Instituto de França.

Fig. 12 - O Arq. Possidonio da Silva, caricaturado por Raphael Bordallo Pinheiro ("O Antonio Maria", de 30 de Setembro de 1880).

Sociedade que adoptou Carlos Ribeiro como patrono. Fundada no Porto no Verão de 1887 por Rocha Peixoto, Ricardo Severo, Fonseca Cardoso, Xavier Pinheiro e João Barreira, então alunos da Academia Polytechnica, o seu objectivo era o de promover, mediante a colaboração dos maiores vultos da época nas ciências naturais e sociais, uma verdadeiro ressurgimento nacional; a tal propósito, Basílio Telles, que redigiu a apresentação da Revista, declara (TELLES, 1890, p. 3): "Desde que um Darwin encontra no livro de Malthus, escripto com meros intuitos economicos, o principio da concorrência vital que lhe dá a explicação d'uma infinidade de factos até então incoherentes e confusos (...), não será temeridade (...) seguir na esteira d'esses vultos". Nascida no Porto, no seio da burguesia triunfante, é a essa mesma classe, como outros já assinalaram (DINIZ & GONÇALVES, 1993/1994, p. 182), "que a lei da selecção natural, exigindo o triunfo do mais forte, assenta exemplarmente, eles são os mais capazes economicamente e os mais bem apetrechados científica e tecnologicamente", face a uma aristocracia anacrónica e a um povo analfabeto.

Apesar disso, a revista mantinha-se com enormes dificuldades financeiras, a ponto de Martins Sarmiento ter declarado a sua disponibilidade económica, nem que para isso "tivesse de deixar de fumar alguns charutos" (PEIXOTO, 1898). A revista sobreviveu nove anos, até 1898, tendo-se publicado 5 volumes em 20 fascículos, totalizando 1034 páginas impressas, com colaboração de eminentes individualidades, tanto das Letras como das Ciências, como Alberto Sampaio, Augusto Nobre, Júlio de Matos, Leite de Vasconcellos, D. Luiz de Castro, Martins Sarmiento, para além dos próprios responsáveis da revista, a que mais tarde se juntou o honrado Wenceslau de Lima, lente de paleontologia da Academia e um dos últimos chefes de governo da Monarquia. Extintas a Revista e a Sociedade, ainda assim o espírito que as animou teve continuidade, até 1908 na prestigiada revista *Portugalia*, também dirigida no Porto por Ricardo Severo e Rocha Peixoto.

Outra das consequências no plano científico da célebre reunião de Lisboa terá sido a criação da Cadeira de Antropologia, Paleontologia Humana e Arqueologia Pré-Histórica na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra – era na verdade a síntese programática da própria actuação da Comissão Geológica – em 1885, por iniciativa de Bernardino Machado (Fig. 14), da qual se tornou, como então se dizia "lente proprietário". Recorde-se que se deve a Bernardino Machado, enquanto Ministro, a criação em 1893 do então Museu Ethnológico Português, sob a direcção de Leite de Vasconcellos, com propósitos idênticos aos que animavam o grupo da *Portugalia*. Assim se continuou a cultivar, na viragem do século, tanto no Porto, como em Coimbra e em Lisboa, o ambicioso projecto que era o estudo do Homem Português, desde as suas raízes mais longínquas, pois que elas também estavam no cerne da originalidade das múltiplas manifestações populares modernas, apanágio da sua individualidade: estudá-las era, também, uma forma de contribuir para o reforço do patriotismo desta tão abalada Nação.

A derradeira sequela da impressionante polémica desencadeada em Portugal há precisamente 120 anos sobre o Homem Terciário teve por palco, exactamente, os mesmos terrenos pisados por Carlos Ribeiro e seus pares, tendo por protagonistas os membros de uma equipa dirigida por Mendes



Fig. 1 et 2.

SILEX TAILLÉS DU GRÈS TERTIAIRE D'OTTA.

Fig. 13 - Esquirola de sílex supostamente intencional, recolhida por Bellucci na face inferior de uma bancada arenítica, provavelmente já quaternária, explorada pelo participantes da excursão a Ota, integrada na IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, realizada em 22 de Setembro de 1880 (CARTAILHAC, 1886).



Fig. 14 - Doutor Bernardino Machado, primeiro Professor Proprietário da primeira Cadeira de Antropologia que houve em Portugal, na Universidade de Coimbra (in VASCONCELLOS, J.L. de, 1933, "Etnografia Portuguesa". Lisboa, 1, Fig. 14, p. 73).

Corrêa. Admitindo a existência humana no Terciário, foi com grande expectativa, como declara, que este Professor de Antropologia se deslocou em 1926 à Quinta do Vale das Lapas, junto à estrada de Alenquer a Ota, onde Hipólito Cabaço havia recolhido ossos humanos em terrenos miocénicos. A confirmar-se a idade de tais restos, estava encontrada a prova que, em vão, insistentemente se procurou nas décadas anteriores. A escavação que, de imediato, ali se realizou, viria a revelar, porém, uma sepultura neolítica em covacho aberto no substrato miocénico (CORRÊA, 1926, Fig. 1).

O interesse de Mendes Corrêa pelo tema, numa altura em que já se tinha demonstrado a origem puramente natural dos eólitos, ao obterem-se belos exemplares a partir de um turbilhão gerado numa fábrica de cimentos em Mantes explica-se, sobretudo, pela possibilidade, pela primeira vez verificada, de se poderem associar a tais peças restos humanos. Os numerosos eólitos que Mendes Corrêa e colaboradores então recolheram *in situ*, aproveitando valas recentemente abertas no terreno (Fig. 15), em tudo semelhantes aos outrora recolhidos por Carlos Ribeiro, foram também objecto de apresentação ao II Congresso Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas, reunido em Amsterdão, em Setembro de 1927 (CORRÊA, 1928). Considerou-os de origem natural, até por se poder estabelecer uma sequência contínua desde as peças mais facetadas, mas sem qualquer propósito pré-concebido, como o próprio declara, aos nódulos de silex originais em bruto.

Estas conclusões reforçavam as anteriormente apresentadas à X Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, reunida em Paris em 1889, por Nery Delgado. O seu trabalho, modelo de clareza e de rigor, como todos os que produziu, era o corolário dos efectuados pelo seu Mestre e antecessor. Tendo procedido, já como Director da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal, a extensas escavações na região da Ota, não conseguiu encontrar nos conglomerados miocénicos nenhuma peça semelhante às que Carlos Ribeiro afirmou ter recolhido naquelas condições, ao contrário do que verificou à superfície, onde abundavam as peças talhadas. Trinta exemplares recolhidos *in situ* e vinte e quatro de recolhas superficiais, foram por si levados a Paris e mostrados aos Congressistas (DELGADO, 1890; 1900/1901). Uma vez mais, a discussão que se seguiu (todos, com excepção de Marcellin Boule, haviam estado no terreno, nove anos antes: Vilanova, Mortillet, Cartailhac e Quatrefages), não foi conclusiva; mas apenas Mortillet manteve a convicção da intencionalidade dos achados.

A questão do "Homem Terciário", no que a Portugal diz respeito, só foi cabalmente resolvida em 1942, por H. Breuil e G. Zbyszewski, tomando como ponto essencial de referência uma observação de Nery Delgado, a propósito de um silex recolhido à superfície e indubitavelmente talhado, apresentando uma forte concreção ferruginosa aderente, inexistente nos exemplares recolhidos no conglomerado miocénico (DELGADO, 1890, 1900/1901). Assim sendo, admitiram a existência na Ota de dois conjuntos (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942): um, constituído por eólitos desprovidos de trabalho, em regra com arestas boleadas, oriundos dos depósitos terciários; outro, que integrava peças semelhantes às anteriores e ainda exemplares com arestas vivas, alguns indubitavelmente trabalhados em diversas épocas, por vezes com concreções ferruginosas aderentes. Esta característica

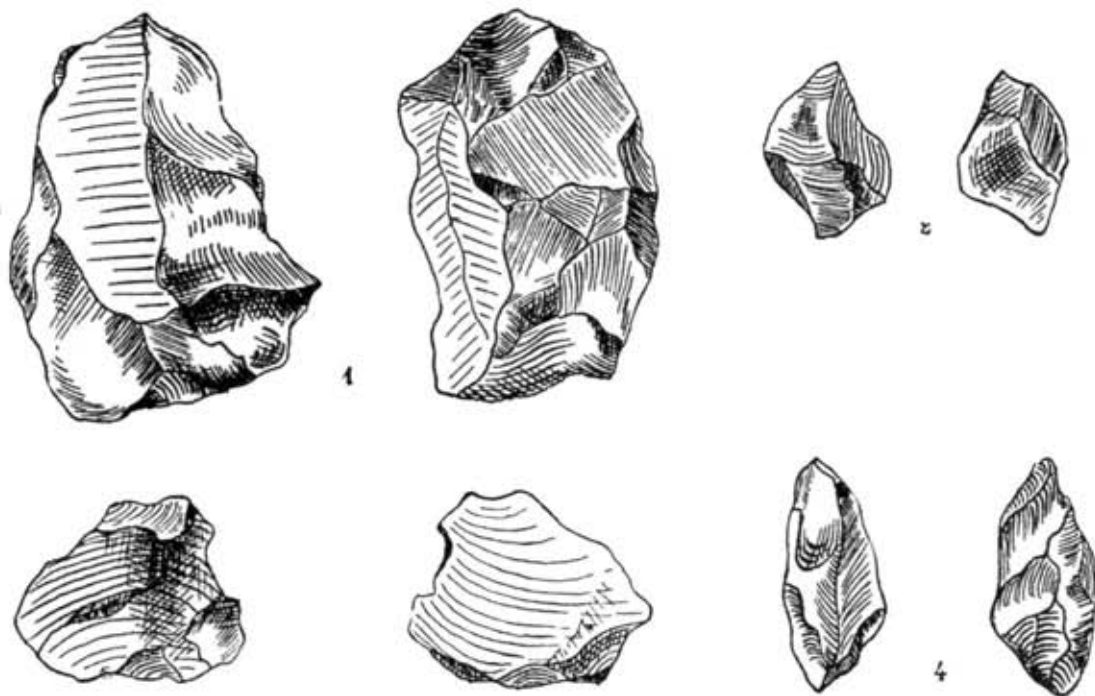


FIG. 2 — EÓLITOS DO REGUEIRÃO DO PINHEIRAO

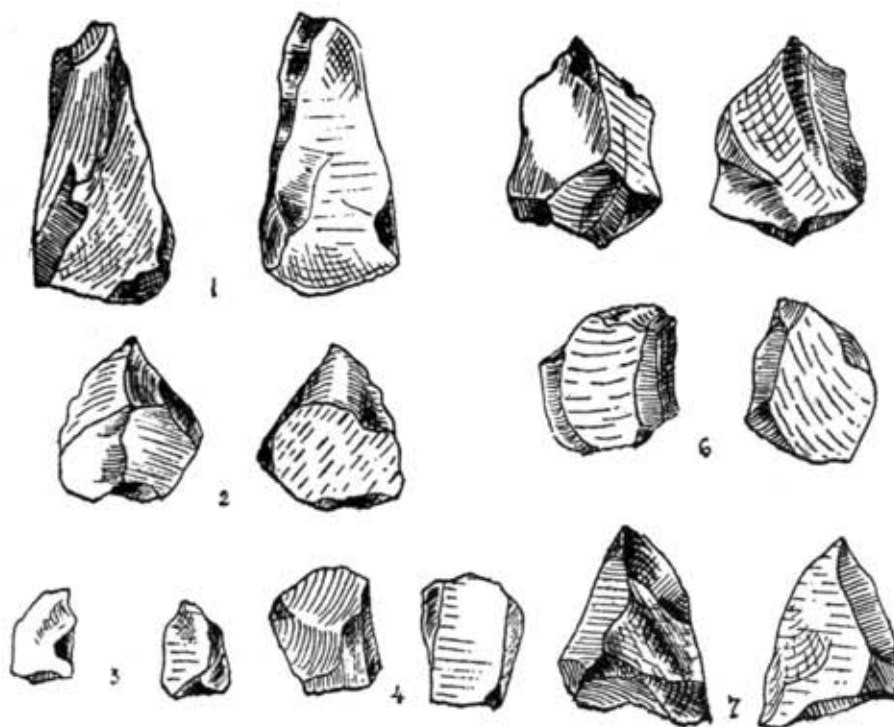


FIG. 3 — EÓLITOS DO CABEÇO DA QUINTA DAS LAGES

Fig. 15 - Eólitos da região da Ota, publicados por Mendes Corrêa e resultantes das suas próprias colheitas (CORRÊA, 1926).

mostrava que tais peças provinham de coberturas detríticas quaternárias de arenitos ferruginosos, mais modernas que os depósitos terciários subjacentes, actualmente residuais, em resultado de terem sido desmanteladas pela erosão. Foi num retalho desta formação, por certo, que Bellucci recolheu a lasca de sílex que tanta sensação tinha causado em 1880. Compreendem-se, pois, as dificuldades de Carlos Ribeiro, com os limitados conhecimentos geológicos da época, em diferenciar estes dois depósitos sedimentares sobrepostos, tanto mais que o mais moderno, além de ter sido formado à custa do mais antigo – sendo-lhe, por isso, semelhante – se apresentava apenas pontualmente conservado. Carlos Ribeiro recolheu, pois, entre muito eólitos naturais, nos conglomerados terciários, peças *in situ*, efectivamente trabalhadas, só que provinham de depósitos quaternários e não terciários, como julgava, e com ele todos os participantes da célebre excursão à Ota (CHOFFAT, 1884 b, p. 93): confrontados com a admissão da autenticidade de algumas das peças, como a recolhida por Bellucci *in situ*, recuaram, temerosos das consequências de tal reconhecimento. Isto mesmo é indirectamente reconhecido por Gabriel de Mortillet, a propósito da questão similar das peças de Puy-Courmy, que agitava pela mesma época idênticas especulações: "si ces pièces avaient été trouvées dans des terrains quaternaires, on n'aurait pas hésité à les considérer comme taillées intentionnellement".

Tão clara se nos afigura a situação traçada, que o assunto se pode dar como encerrado, apesar de alguém, talvez com o intuito de se aproveitar do prestígio de assim também poder intervir nesta célebre polémica internacional, ter achado recentemente o contrário (CREMO & THOMPSON, 1996).

Temo que, no final deste trabalho, não tenha conseguido cumprir o seu objectivo, que era o de enquadrar internacionalmente o papel de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado na Pré-História portuguesa da época, procurando as razões do seu sucesso e, conseqüentemente, traços do seu impacto no quadro social e cultural então vigente. Possa, ao menos, ter contribuído para evocar, sob outro prisma do tradicionalmente apresentado, a importância da sua obra conjunta, no plano científico e no interesse nacional, que ambos defenderam. O progresso científico não se faz só com sucessos: há erros, como o do Homem Terciário, que resultaram, estranhamente, mais do que muitas descobertas retumbantes, em benefício da própria Ciência (ANTUNES, 1986). Nas décadas de 1970 e de 1980, a presença humana foi extraordinariamente recuada, mercê das descobertas efectuadas na África Oriental, podendo actualmente situar-se bem para lá dos 2 MA, em pleno Pliocénico e portanto no Terciário. É caso para dizer que o tempo trabalhou, e continuará a trabalhar, a favor das ideias defendidas pelos pioneiros portugueses, que tanto honraram o seu País.

Agradecimento: ao Prof. Doutor Carlos Fabião, por ter disponibilizado exemplar pessoal da revista "Occidente", de onde se reproduziram figuras alusivas ao Congresso de 1880.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, M. T. (1986) - Sobre a história da Paleontologia em Portugal. *História de Desenvolvimento da Ciência em Portugal*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 2: 773-812.
- BOUCHER de PERTHES (1847, 1857, 1864) - *Antiquités celtiques et antédiluviennes*. Paris: Treuttel & Wurtz, 1, 658p; 2, 508 p.; 3, 681 p.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) - Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. I - Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 26: 1-139.
- CARDOSO, F. (1889) - *Recensão de Ricardo Severo. Paleontologia Portuguesa - Les Âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal de M. Em. Cartailhac*. Porto. 23 p.
- CARDOSO, J. L. (1993) - *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 567 p.
- CARDOSO, J. L. (1997) - As grutas, os grandes mamíferos e o homem paleolítico: uma aproximação integrada ao território português. *Estudos do Quaternário*. Lisboa: Colibri. 1: 13-23.
- CARDOSO, J. L. & SANTOS, M. F. (1999) - Riqueza e diversidade do registo arqueológico: o caso do litoral a norte da praia de Santa Cruz (Torres Vedras). *Fraternidade e Abnegação - A Joaquim Veríssimo Serrão - Os Amigos*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2: 673-683.
- CARTAILHAC, E. (1886) - *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: C. Reinwald, 347 p.
- CASTELLO-BRANCO, C. (1884) - *O general Carlos Ribeiro (recordações da mocidade)*. Porto. Livraria Civilização, 71 p.
- CHOFFAT, P. (1884 a) - Excursion a Otta. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*. C.-R. 9ème Session (Lisbonne, 1880). Lisbonne: Typographie de l'Académie Royale des Sciences: 68-72.
- CHOFFAT, P. (1884 b) - Conclusions sur la Commission chargée de l'examen des silex trouvés à Otta. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*. C.-R. 9ème Session (Lisbonne, 1880). Lisbonne: Typographie de l'Académie Royale des Sciences: 92-118.
- CORRÊA, A. A. M. (1926) - O Homem Terciário em Portugal. *Lusitania - revista de estudos portugueses*. 3 (9), 16 p. (separata).
- CORRÊA, A. A. M. (1928) - Nouvelles recherches sur l'homme tertiaire en Portugal. *Actas da III Sessão do Congresso Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas* (Amsterdam, 1927). Paris: Librairie E. Nourry, 5 p. (separata).
- COTTEAU, G. (1881) - *Congrès International d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistoriques. Session de Lisbonne. Notes de voyage*. Auxerre: Imprimerie de Georges Rouillé, 38 p.
- CREMO, M. A. & THOMPSON, R. L. (1996) - *Forbidden Archeology. The hidden history of the Human Race*. Los Angeles: Bhaktivedanta Book Publishing, inc., 914 p.

- DELGADO, J. F. N. (1890) - *Relatorio ácerca da decima sessão do Congresso Internacional de Anthropologia e Archeologia Prehistoricas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 46 p.
- DELGADO, J. F. N. (1900/1901) - Les silex tertiaires d'Otta. *Comunicações da Direcção dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 4: 161-164.
- DIAS, J. M. A. (1987) - *Dinâmica sedimentar e evolução recente da plataforma continental portuguesa*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa.
- DIAS, J. M. A.; RODRIGUES, A. & MAGALHÃES, P. (1997) - Evolução da linha de costa em Portugal, desde o último máximo glaciário até à actualidade. *Estudos do Quaternário*. Lisboa: Colibri. 1: 53-66.
- DINIZ, M. & GONÇALVES, V. S. (1993-1994) - Na 2ª. metade do século XIX: luzes e sombras sobre a institucionalização da Arqueologia em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 11/12: 175-187.
- FABIÃO, C. (1999) - Um século de Arqueologia em Portugal - I. *Al-Madan*. Almada. Série II, 8: 86-108.
- GONÇALVES, V. S. (1978) - A emergência da Pré-História como disciplina independente (1800-1847). *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. Série IV, 2: 335-364.
- GONÇALVES, V. S. (1980) - *O IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (Lisboa, 1880): uma leitura, seguida da "crónica" de Bordalo Pinheiro*. Lisboa. Centro de História da Universidade de Lisboa, 18 p. e anexos.
- GÓNGORA y MARTINEZ, M. de (1868) - *Antigüedades prehistóricas de Andalucía*. Madrid: C. Moro, 158 p.
- LYELL, Sir Ch. (1863) - *The geological evidences of the antiquity of Man with remarks on theories of the origin of species by variation*. London: John Murray, 520 p.
- MORTILLET, G. de (1885, 1905) - *Le Préhistorique. Antiquité de l'Homme*. Paris: C. Reinwald. 2ª. e 3ª. edições, 658 p.
- PRADO, C. de (1864) - *Description física y geológica de la provincia de Madrid*. Madrid: Imprensa Nacional, 219 p.
- RIBEIRO, C. (1866) - *Estudos geologicos. Descrição do solo quaternario das bacias hydrographicas do Tejo e Sado*. 1º. Caderno. Lisboa: Comissão Geologica de Portugal, 164 p.
- RIBEIRO, C. (1871) - *Descrição de alguns silex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciario e quaternario da bacias do Tejo e Sado*. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa, 57 p.
- RIBEIRO, C. (1873 a) - *Relatorio ácerca da Sexta reunião do Congresso de Anthropologia e de Archeologia Prehistorica verificada na cidade de Bruxelas no mez de Agosto de 1872*. Lisboa: Imprensa Nacional, 91 p.
- RIBEIRO, C. (1873 b) - Sur des silex taillés, découverts dans les terrains miocène et pliocène du Portugal. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. C.-R. 6ème Session (Bruxelles, 1872)*. Bruxelles: C. Muquardt, ed.: 95-100.
- RIBEIRO, C. (1873 c) - Sur la position géologique des couches miocènes et pliocènes du Portugal qui contiennent des silex taillés. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. C.-R. 6ème Session (Bruxelles, 1872)*. Bruxelles: C. Muquardt, ed.: 100-104.
- RIBEIRO, C. (1884) - L'homme tertiaire au Portugal. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie*

- Préhistoriques. C.-R. 9ème Session* (Lisbonne,1880). Lisbonne: Typographie de l'Académie Royale des Sciences: 81-92.
- SALDANHA, Marechal-Duque de (1863) - *Concordanza delle Scienze Naturali e principalmente della Geologia com le Genesi*. Roma: Tipografia Salviucci, 155 p.
- SANTOS, M. F. (1980) - Estudos de Pré-História em Portugal de 1850 a 1880. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 26 (2): 253-297.
- SEVERO, R. (1898) - Carlos Ribeiro. *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*. Porto. 5: 153-177.
- SIMÕES, J. M. O. (1923) - Os Serviços Geológicos em Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 14: 5-123.
- SUEIRO, M. B. B. (1957) - A "Comissão Geológica de Portugal" e o IX Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Prehistóricas. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38: 253-259.
- TELLES, B. (1889) - Introdução. *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*. Porto. 1: 1-6.
- ZILHÃO, J. (1993) - As origens da arqueologia paleolítica em Portugal e a obra metodologicamente precursora de J. F. Nery Delgado. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série X, 3: 111-125.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
8, Oeiras, Câmara Municipal, 1999/2000 pp. 55-82

LE PALÉOLITHIQUE SUPÉRIEUR AU PORTUGAL

NOTA: *Este trabalho foi concluído em 1985, sendo, assim, anterior aos desenvolvimentos entretanto verificados no estudo do Paleolítico Superior Português. O seu interesse mantém-se, contudo, por retratar fielmente o estado dos conhecimentos da época, em grande parte devido aos signatários; deverá, pois, ser entendido como contributo de índole já historiográfica, justificando-se, nessa perspectiva, a sua publicação, que é também homenagem a dois dos seus ilustres autores, já desaparecidos.*
João Luis Cardoso

par G. Zbyszewski, M. Leitão & O. da Veiga Ferreira

1 – LES DIVERSES DÉCOUVERTES DE PALÉOLITHIQUE SUPÉRIEUR AU PORTUGAL

La première référence d'ensemble que nous connaissons, relative au Paléolithique Supérieur portugais est celle de H. Obermaier⁽¹⁾ qui dit, " Dans les environs de Lisbonne, il existe une série de gisements de surface qui dans leur majorité, présentent du Chelléen, de l'Acheuléen, du Moustérien et quelque peu d'Aurignacien. Les industries de Monsanto présentent quelques objets du Paléolithique Supérieur..... A Casa de Moura quelques objets sont d'aspect magdalénien".

Martin Almagro⁽²⁾ a signalé seulement des vestiges dans la grotte de Casa da Moura (Cesareda). L'Abbé H. Breuil⁽³⁾ a dit à son tour : " Un petit nombre d'objets de Casal do Monte me paraît attribuable au Paléolithique Supérieur bien atypique à l'exception d'un grattoir caréné ".

Par rapport à la grotte de Casa da Moura (Casareda) il affirme : " L'ensemble plus net est fourni par la couche à ossements de lapins de la Casa de Moura de Cesareda, où avec plusieurs fragments de sagaies en bois de cerf, d'aspect Magdalénien Ancien et un lissoir de même matière, ont été trouvées des lames, un grattoir sur bout de lame et des lamelles à bords parallèles dont une à dos rabat-

(1)Hugo Obermaier, " El Hombre fossil ". 2.ª edición. M.N.C.N., Madrid, 1925.

(2)Martín Almagro, " Introducción a la arqueología - Las culturas prehistóricas europeas ". Apolo, Barcelona 1941.

(3)L'Abbé Henri Breuil, " Impressions de voyage paléolithique à Lisbonne. Terra portuguesa, n.º 27 - 2, Lisboa, 1918.

tu et à bout retouché carrément, qui semble bien magdalénienne elle aussi ". L'Abbé Breuil conclut : " On voit que la connaissance du Paléolithique Supérieur au Portugal est encore rudimentaire ".

Mendes Corrêa⁽⁴⁾ a dit que les vestiges de cette période sont rares ou inexistant. Dans un travail ultérieur⁽⁵⁾ il affirme que "le Paléolithique Supérieur est représenté au Portugal seulement par de rares spécimens dont quelques uns douteux et d'autres comme ceux de Casa da Moura, très réduits et précaires ".

Plus tard, l'Abbé H. Breuil et G. Zbyszewski⁽⁶⁾ ont reconnu à Casal do Monte la présence de diverses pièces qu'ils ont considéré comme appartenant au Paléolithique Supérieur, entre lesquelles un grattoir tout à fait caractéristique.

Dans la basse vallée du Tage, sur sa rive gauche, divers objets, parmi lesquels un silex recueilli autrefois à Benavente par Carlos Ribeiro, tous patinés, ont été considérés comme pouvant appartenir au Paléolithique Supérieur ou bien au Mésolithique de Muge.

Dans la grotte de Ponte da Ribeira da Lage à Oeiras, les pièces moustériennes et du Paléolithique Supérieur ont été reconnues comme telles non seulement par leur typologie mais aussi par leur état physique. On y a trouvé une pointe de la Gravette du Magdalénien.

Des dépôts superficiels subaériens de terres sableuses grises, ont donné, le long du littoral, des industries d'âge Paléolithique Supérieur passant au Mésolithique (gisements de Peniche, Praia da Consolação, Santa Cruz, S. Julião (Ericeira), Açafora, Santa Maria de Magoito, Praia da Aguda, Praia das Maças, entre Praia Grande et Praia da Adraga, Praia do Guincho, Foz da Fonte, etc.).

De même que nous l'avons fait pour le matériel de la grotte de Oeiras nous avons réussi à séparer des industries néo-énéolithiques quelques pièces moustéroïdes et surtout des objets appartenant, selon toute vraisemblance, au Paléolithique Supérieur. Tel est le cas des gisements de Sabugo, Vale de Lobos, Olelas au Nord de Sintra, environs de Mafra, etc.

Nous ne devons pas oublier non plus les gisements de Rio Maior dont nous devons la connaissance au Professeur Manuel Heleno.

Jean Ollivier⁽⁷⁾ a publié en 1944 une étude sur le gisement de Praia de Santa Cruz (Torres Vedras) énumérant une centaine de pièces qui appartiennent incontestablement au Paléolithique Supérieur et tout spécialement à l'Aurignacien Supérieur.

En 1946, le même auteur⁽⁸⁾ a cité les gisements de Rio Maior découverts et fouillés par Manuel Heleno:

(4) A. A. Mendes Corrêa, " Os povos primitivos da Lusitânia ". A. Figueirinhas, Porto, 1924.

(5) A. A. Mendes Corrêa, " Anthropologie et préhistoire du Portugal ", *Bul. des Etudes Portugaises*, Coimbra, 1941.

(6) H. Breuil et G. Zbyszewski, " Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal " *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXIII, Lisboa, 1942.

(7) J. Ollivier, " Les gisements paléolithiques de Santa Cruz (Torres Vedras). " *Trab. Soc. Port. de Antropologia & Etnologia* Vol. X, fasc. II, Porto, 1944.

(8) J. Ollivier, " Le Paléolithique Supérieur au Portugal ", *Bul. des Etudes Portugaises*, Coimbra, 1946.

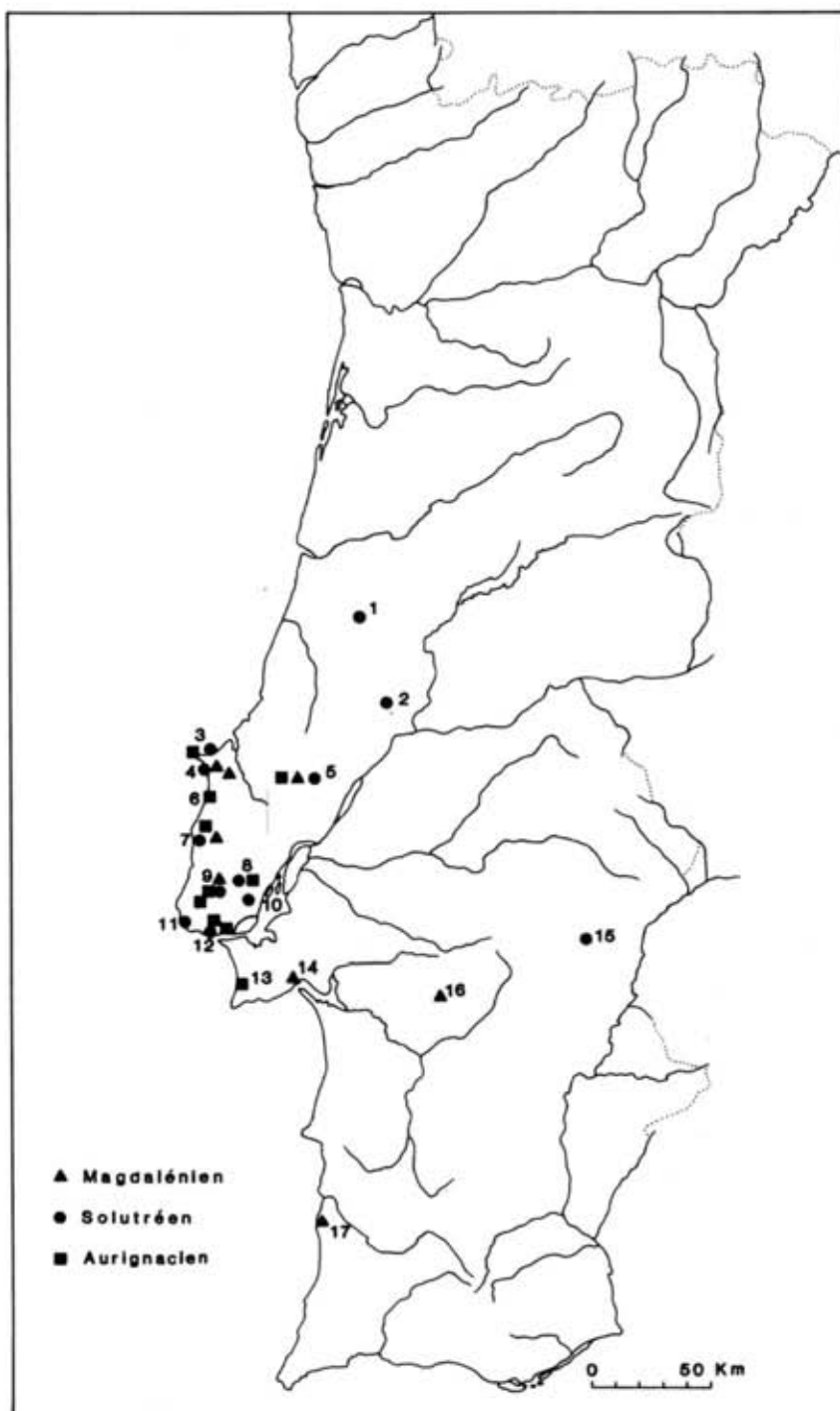


Fig. 1 - 1 - Solutréen de la grotte de Ourão (Pombal); 2 - Solutréen de la grotte do Caldeirão (Tomar); 3 - Solutréen et Aurignacien de la grotte de Casa da Moura; 4 - Magdalénien de Lapa do Suão (Bombarral); 5 - Magdalénien, Solutréen et Aurignacien da região de Rio Maior; 6 - Aurignacien de Lapa da Rainha (Vimeiro); 7 - Aurignacien de Santa Cruz e Solutréen et Magdalénien de Cambelas (Torres Vedras); 8 - Aurignacien et Solutréen de la grotte de Salemas et Loca do Gato (Ponta de Lousa); 9 - Aurignacien, Solutréen et Magdalénien de Leceia, Caneças, Olelas et Vale de Lobos; 10 - Solutréen de la grotte de Correio-Mor (Loures); 11 - Solutréen de la grotte de Cascais; 12 - Aurignacien de Fontainhas (Paço de Arcos); Aurignacien et Solutréen de la grotte de Oeiras; 13 - Aurignacien do Casal do Mocinho (N. Cabo Espichel); 14 - Magdalénien de Setúbal; 15 - Solutréen de Evoramonte; 16 - Solutréen et Magdalénien de Escoural (grotte et statuette); 17 - Magdalénien de Vila Nova de Milfontes.

- *Aurignacien* de Cabeço de Figueira, Bairradas, Castros, Figueiredos, Panasqueira, Quinta Nova, Marmeleira, Vai-Vai, Vale Comprido, Senhora da Luz et Casal do Filipe.
- *Pré-Solutréen* et *Solutréen Moyen* de Vale Comprido et Quinta da Pena.
- *Solutréen-Moyen* de Cabeço da Figueira, Arneiro, Passal, Olival, Casal et Vale de Marinhas.
- *Solutréen Supérieur* de Arneiro, Passal et Quintal Forte.
- *Périgordien* de Senhora da Luz, Bairradas, Quinta Nova, Vai-Vai, Casal do Filipe.

Dans la même région de Rio Maior, Manuel Heleno a recueilli après 1944, de beaux grattoirs carénés en quartz hyalin et quelques pointes typiques de La Gravette⁽⁹⁾.

En 1950 au cours des fouilles réalisées par O. da Veiga Ferreira⁽¹⁰⁾ à Vila Pouca (Serra de Monsanto) on observa la coupe stratigraphique suivante:

- 1- Terres superficielles grises (humus);
- 2- Terres brunes;
- 3- Terres rougeâtres;
- 4- *Substratum* de calcaires crétacés.

Dans le Pinhal da Charneca auprès de l'Aéroport la coupe était la suivante:

- 1- Terres noires superficielles d'une épaisseur moyenne de 1 m;
- 2- Terres grises horizontales avec niveaux de cendres à la partie supérieure. Épaisseur de 0,50 m à 1m;
- 3- *Substratum* de sables miocènes.

Le matériel de ces deux stations a été attribué au Paléolithique Supérieur avec incidence sur un Aurignacien atypique dans lequel apparaissent des grattoirs carénés et des rabots avec de rares lamelles à dos rabattu.

En 1951, Leonel Trindade a découvert et exploité magistralement dans la région de Santa Cruz le campement de Rocio do Cabo⁽¹¹⁾, dont la coupe fut la suivante :

- 1- Sable blanc provenant d'une dune mobile (0,20 m);
- 2- Sable jaune clair englobant la couche archéologique constituée par un sol d'habitat avec cendres (1,75 m);
- 3- *Substratum* de marnes de l'Infralias.

(9) Manuel Heleno, " A Voz "et " Novidades ", Abril, Lisboa, 1944.

(10) J. Roche, O. da Veiga Ferreira et G. Zbyszewski, " Deux stations préhistoriques des environs de Lisbonne: Vila Pouca et Pinhal da Charneca ", I^o Congresso Nacional de Arqueologia, Vol. I, Lisboa, 1959.

(11) J. Roche et L. Trindade, " La station préhistorique de Rocio do Cabo (Santa Cruz - Estremadura) ", Bol. Soc. Geol. de Portugal, vol. IX, Porto 1951.

J. Roche, " La station aurignacienne de Rocio do Cabo (Santa Cruz - Estremadura) ", Bol. Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1952.

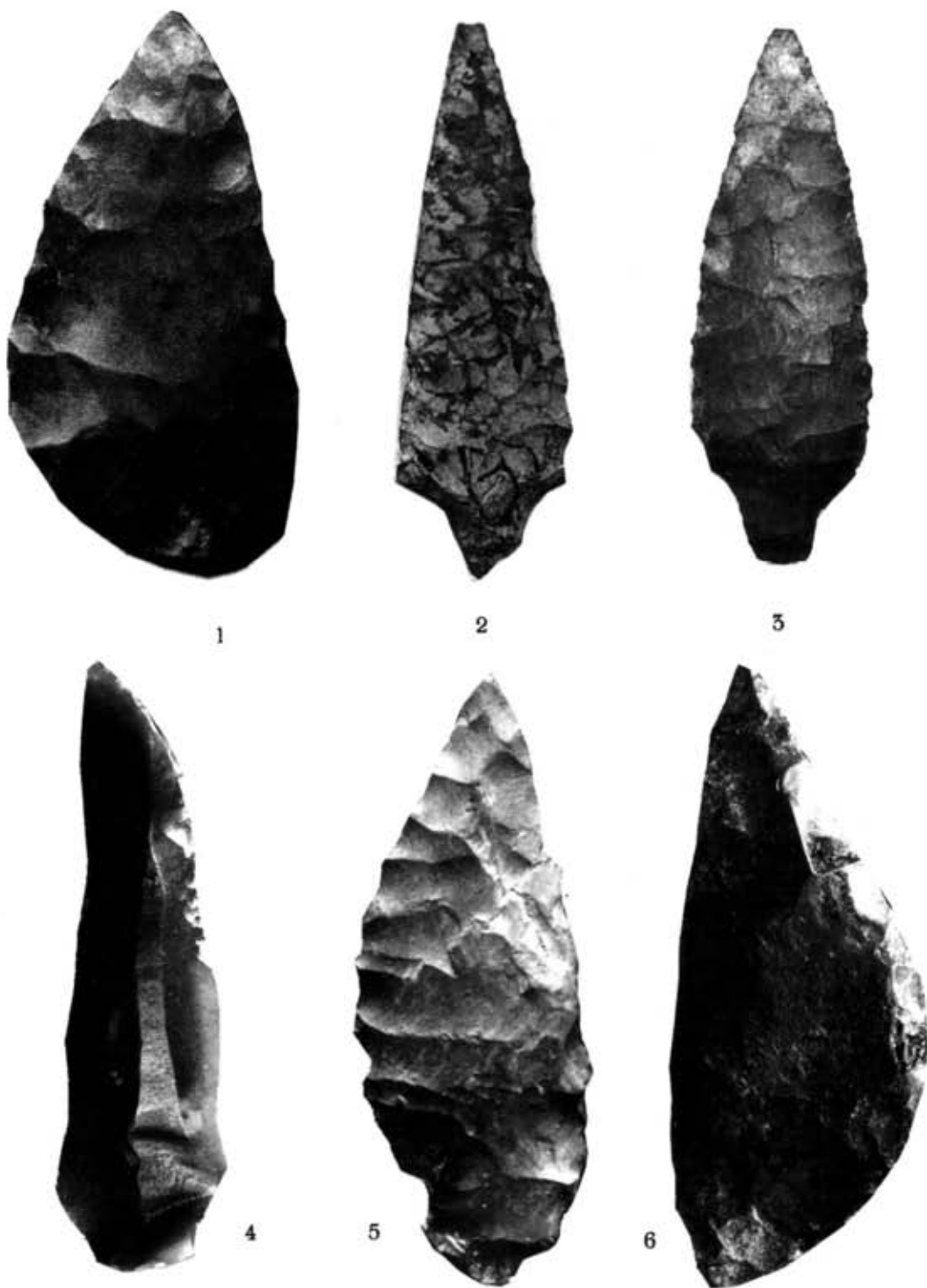


Planche I - 1, 6 - Pointes foliacées bifaciales asymétriques-Solutréen Inférieur/Moyen-Monte da Fainha-Évora-monte; **2, 3 -** Pointes foliacées bifaciales avec pédoncule-Solutréen Supérieur-Grotte de Furninha-Peniche; **4 -** Lâme à troncature oblique-Solutréen Supérieur-Grotte de Correio Mor-Loures; **5 -** Pièce foliacée a base concave asymétrique-Solutréen Inférieur/Moyen-Monte da Fainha-Évora-monte.

Le matériel archéologique étudié par Jean Roche est le suivant :

- Éclats avec retouches étroites et allongées, qui ont servi d'instruments divers;
- Pièces à coches et troncatures rectilignes – absence de lames avec retouches aurignaciennes;
- Lamelles peu abondantes à dos rabattu;
- Raclours bien représentés la plupart typiques et quelques grattoirs en museau;
- Grande abondance de burins, surtout de burins dièdres, déjetés, prismatiques, d'angle, carénés, quelques burins busqués peu typiques, burins d'angle sur " cassure ", burins multiples et burins sur troncature très peu nombreux;
- Quelques outils composites: grattoirs carénés, burins dièdres.

Ce matériel fut classé comme Aurignacien Moyen évolué – Grimaldien.

En 1951 Jean Roche a étudié le Magdalénien Supérieur de la grotte de Casa da Moura (Cesareda). La stratigraphie de cette grotte fut la suivante⁽¹²⁾ :

- 1- Terres argilo-sableuses foncées. Faune abondante, vestiges de cendres. Restes humains provenant d'enterrements néo-énéolithiques.
- 2- Terres rougeâtres formées de sables fins localement concrétionnés. Faune abondant. Rares industries du Solutréen et du Magdalénien Supérieur.
- 3- A la base, épaisse couche stalagmitique.

Le matériel magdalénien recueilli est le suivant :

- 1- Une centaine d'éclats de taille, quelques uns avec traces d'utilisation;
- 2- Grandes lames dont quelques unes avec traces d'utilisation;
- 3- Nuclei, les uns de forme pyramidale et les autres utilisés comme rabots;
- 4- Grandes lames retouchées latéralement, quelquefois denticulées;
- 5- Denticulés sur gros éclats;
- 6- Burins : dièdres droits, transversaux d'angle sur " cassure ";
- 7- Raclours, constituant l'ensemble le plus important: raclours en éventail sur taille plane, raclours allongés épais, grattoirs sur extrémités de lames en général bruts et raclours concaves;
- 8- Lamelles à dos rabattu, quelques unes avec troncature, double-eclats avec petites pointes (perçoirs ?);
- 9- Percuteurs et enclumes en quartzite;
- 10- Industrie en os et en bois de cerf comme polissoirs, perçoirs, poinçons et une aiguille avec trou rond à chas, etc.

(12) J. Roche, " Le niveau paléolithique supérieur de la Grotte de Casa da Moura (Cesareda) ", *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXI, Lisboa, 1951.

(13) J. Camarate França, J. Roche et O. da Veiga Ferreira, " Sur l'existence probable d'un niveau solutréen dans les couches de la grotte de Casa da Moura (Cesareda) ", *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XLV, Lisboa, 1961.

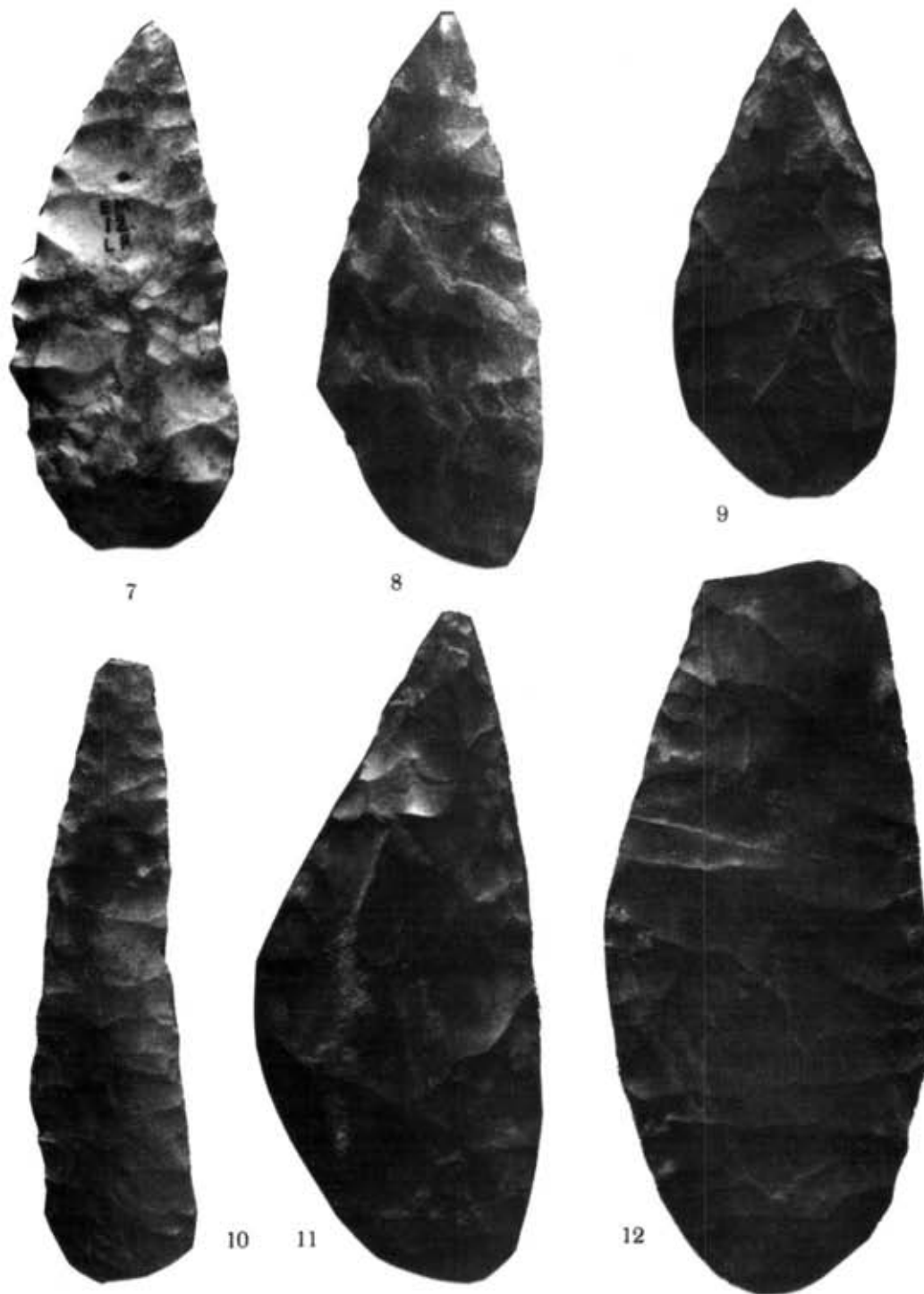


Planche II - 7, 9, 11 - Pointe foliacée asymétrique bifaciale-Solutréen Inférieur/Moyen-Monte da Fainha, Évoramonte;
10 - Feuille de saule bifaciale-Solutréen Inférieur/Moyen-Monte da Fainha, Évoramonte; 12 - Pièce foliacée à base
convexe bifaciale-Solutréen Inférieur/Moyen-Monte da Fainha, Évoramonte.

Cette grotte a donné aussi des industries du Solutréen Supérieur⁽¹³⁾ :

- 1- Quatre pointes avec retouches bifaciales de technique solutréenne entre lesquelles trois barbelées;
- 2- Une lamelle à cran proximal, début d'une pointe à cran;
- 3- Une petite lame finement denticulée sur les deux bords;

Dans la grotte de Salemas (Ponte de Lousa)⁽¹⁴⁾, fouillée par les techniciens des Services Géologiques du Portugal, on a trouvé deux niveaux de Paléolithique Supérieur: un avec Solutréen Supérieur ibérique et un niveau du Périgordien. La coupe est bien concluante de bas en haut :

- 1- *Terra rossa* avec épaisseur difficilement déterminable en raison des fissures de la partie inférieure de la grotte. Faune grossière. Industries. Épaisseur 0,10 – 0,35 m;
- 2- Terres grises avec faune et industrie solutréenne. Épaisseur 0,15 – 0,20 m;
- 3- Terres organiques foncées. Épaisseur 0,10 – 1 m. Faune, industrie, cendres et sépultures. Néolithique.

L'industrie périgordienne est la suivante :

- Deux petits grattoirs carénés;
- Une lamelle de type Dufour;
- Nombreuses lamelles à dos rabattu, quelques unes retouchées sur le plan de séparation.
- Une lame de type Gravette avec cran proximal.
- Une sagaie taillée sur un os pénien d'ours (*Ursus arctos*) avec incisions de marques – chasse;
- Une petite pointe en os de section elliptique, très plane, légèrement biselée sur un des côtés;
- Une petite pointe biselée à l'une de ses extrémités;
- Des éclats retouchés et utilisés;
- Un racloir;
- Un burin;
- Des denticulés;
- Une pièce "à coche";
- Un fragment d'une pointe en os.

La liste du matériel solutréen est la suivante :

- Trois pointes à retouches bifaciales, type feuille de laurier. Le plan de séparation est partiellement retouché;
- Six pièces pédonculées; Trois éclats lamellaires ont un pédoncule épais et mal préparé et le

(14) J. Camarate França, J. Roche, O. da Veiga Ferreira et G. Zbyszewski, " Le Paléolithique Supérieur de la grotte de Salemas (Ponte de Lousa) ", Com. Serv. Geol. de Portugal, T. XLVI, Lisboa, 1962.

J. Camarate França, J. Roche et O. da Veiga Ferreira, " Sagaie à base pointue trouvée dans le niveau périgordien de la grotte de Salemas ", Com. Serv. Geol. de Portugal, T. XLV, Lisboa, 1961.

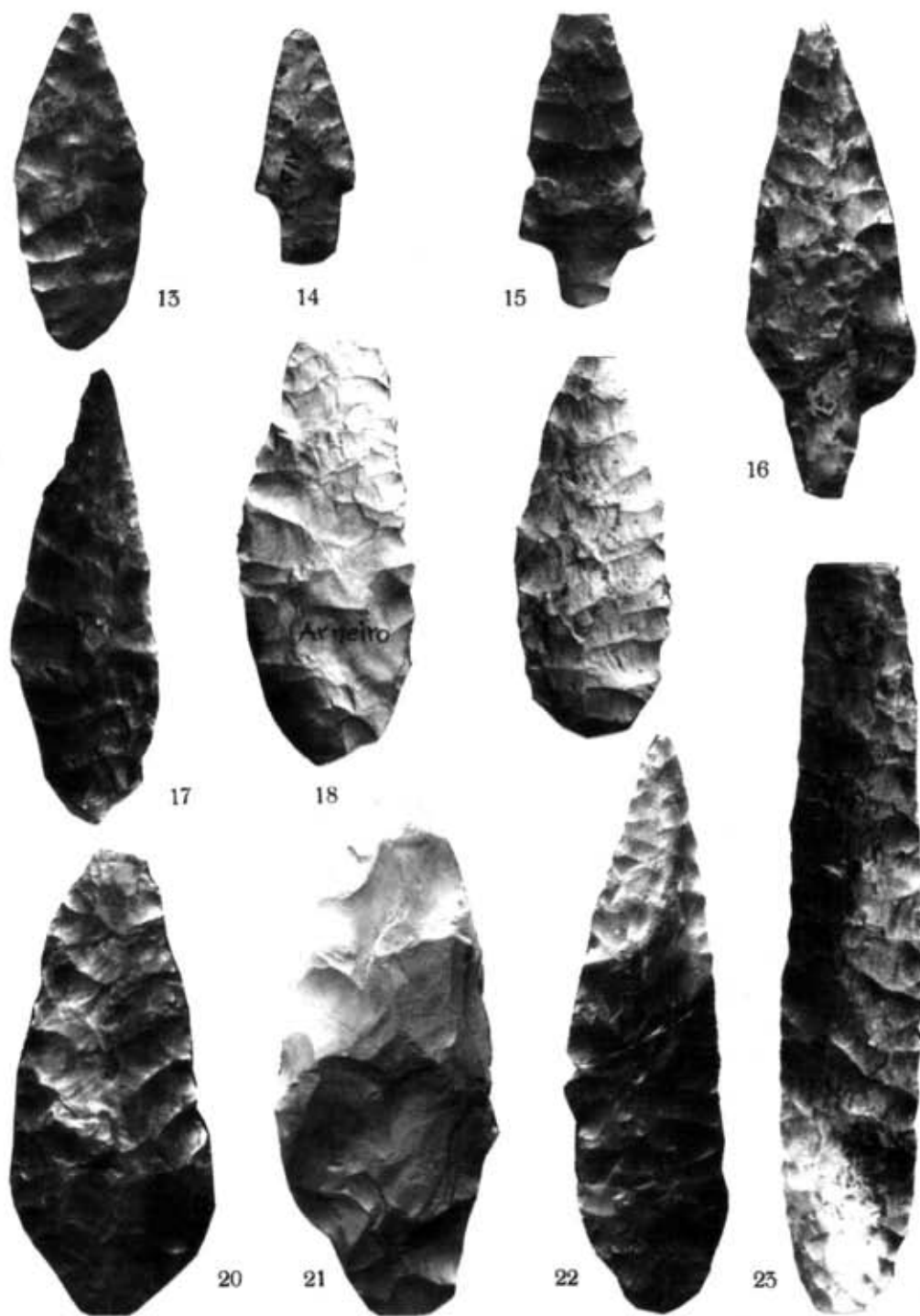


Planche III - 13, 22 - Feuilles de laurier bifaciales-Solutréen Supérieur, Cambelas-Torres Vedras; **14** - Pointe pedonculée - Solutréen Supérieur-Grotte de Salemas (Ponte de Lousa); **15, 16** - Pointes pedonculées-Solutréen Supérieur-Casa da Moura (Cesareda); **17** - Feuille de laurier bifaciale-Solutréen Supérieur, Grottes de Cascais; **1, 19** - Feuilles de laurier bifaciales-Solutréen Supérieur-Arneiro, Rio Maior; **20** - Feuille de laurier bifaciale-Solutréen Supérieur-Grotte de Salemas (Ponte de Lousa); **21** - Pointe pedonculée-Solutréen Inférieur/Moyen-Rio Maior; **23** - Feuille de saule bifaciale-Solutréen Supérieur, Grottes de Cascais.

limbe partiellement retouché. Une pointe allongée est complètement retouchée sur les deux faces avec un pédoncule mal préparé. Une pièce arrondie est complètement retouchée sur les deux faces, avec un large pédoncule biselé sur l'extrémité proximale. Deux pointes à pédoncule aigu, retouchées sur les deux faces avec un commencement de barbelures sur l'une et des barbelures courtes sur l'autre;

- Vinte trois pointes à cran, brisées pour la plupart;
- Racloirs en éventail, larges et plans;
- Lamelles à dos rabattu et avec denticulations;
- Une fine sagaie en os de section elliptique;
- Coquilles perforées de *Littorina obtusata* pour servir d'éléments de collier. Il faut citer encore des éclats retouchés et utilisés, des denticulés latéraux, une coche, un grattoir, quelques perçoirs, des lamelles à dos rabattu et des colorants pour des tatouages.

Dans la grotte de Furninha (Peniche) la stratigraphie observée fut la suivante, de bas en haut:

- 1- Conglomérat marin;
 - 2- Premier niveau ossifère, conglomérat de plage marine à gros galets roulés, perforés par les lithophages et cimentés par le calcaire (1m);
 - 3- Mince sol stalagmitique avec grains de sable, galets roulés et quelques os;
 - 4- Sable fin stérile (1m);
 - 5- Deuxième niveau ossifère (0,40m) – Faune et industrie atypiques;
 - 6- Sable pratiquement stérile (1,30m);
 - 7- Troisième niveau ossifère formant 3 couches séparées par de minces lits de sable (0,50m). Faune e industrie abondante avec un beau biface lancéolé de technique acheuléenne;
 - 8- Sables (0,50m);
 - 9- Quatrième niveau ossifère – Sables fins jaunâtres formant une couche très mince. Faune;
 - 10- Sables stériles (0,50m);
 - 11- Cinquième niveau ossifère (0,50m). Faune et industries très rare et atypiques;
 - 12- Sables stériles (1,50m);
 - 13- Dans le puits et sur le sol calcaire de la grotte: brèche calcaire très riche en ossements (0,20m);
 - 14- Sixième niveau ossifère (0,20m). Faune et industrie peu abondante, atypique;
 - 15- Septième niveau ossifère, sables blancs très micacés, parfois cimentées par un tuf ou calcaire stalagmitique (2m). Faune et industrie de type moustéroïde;
 - 16- Terres argilo-sableuses grises foncées avec humus (1m). Faune, restes humains, et abondantes industries moustériennes, du Paléolithique Supérieur et néo-énéolithiques.
- Une industrie très complexe à été identifiée, depuis l'Acheuléen Moyen (un biface) jusqu'aux enterrements néo-énéolithiques supérieurs.

L'Abbé H. Breuil⁽¹⁵⁾ avait déjà noté la présence du matériel paléolithique supérieur suivant:

- Une pointe de La Gravette.
- Six pièces de technique solutréenne à retouches bifaciales, dont une a base arrondie et deux pédonculées. Un fragment paraît correspondre à une pointe à cran brisée.
- Trois belles pièces que l'Abbé Breuil a considéré comme magdaléniennes. On a mentionné encore des nuclei, des lames retouchées ou non, des denticulés latéraux, une lame à troncature concave, des grattoirs sur extrémités de lames, des burins plans ou dièdres droits et une pièce esquillée.

En 1962 Veiga Ferreira⁽¹⁶⁾ confirma le point de vue de Breuil et Zbyszewski et présenta les pièces solutréennes suivantes :

- Un petit fragment de pointe de laurier allongée à travail bifacial;
- Une pointe triangulaire allongée fusiforme à petit pédoncule sur sa base. Travail bifacial;
- Une petite feuille de laurier très allongée à base arrondie;
- Une feuille de laurier très longue et étroite;
- Un fragment d'une feuille de saule à fines retouches solutréennes.

La stratigraphie observée dans la grotte de Ponte da Laje (Oeiras)⁽¹⁷⁾ a été la suivante :

- A la base: calcaires crétacés (Cénomano - Turonien);
- Terres concrétionnées très ferrugineuses remplissant les cavités du plancher de la grotte en formant localement un sol stalagmitique (0,02 – 0,20m). Industrie avec quelques éclats atypiques;
- Terres rouges (0,10m) avec industries de type néo-énéolithique;
- Terres grises superficielles (0,40m).

Dans cette grotte, Breuil sépara deux pièces qu'il attribua au Paléolithique Supérieur⁽¹⁷⁾. Plus tard, Veiga Ferreira, étudiant le Solutréen, sépara:

- Un fragment de feuille de laurier;
- Une lame incurvée un peu épaisse et finement retouchée sur sa pointe. Elle a les deux bords également retouchés.

(15)H. Breuil et G. Zbyszewski, " Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire: les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage", *Com. Serv. Geol. du Portugal*, T. XXIII, Lisboa, 1942.

" Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire: Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage", *Com. Serv. Geol. du Portugal*, T. XXVI, Lisboa, 1945.

(16)O. da Veiga Ferreira, " O Solutrense em Portugal", *Assoc. Port. Prog. das Ciências*, Porto, 1962.

(17)H. Breuil et G. Zbyszewski, " Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire: les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage ", *Com. Serv. Geol. du Portugal*, T. XXIII, Lisboa, 1942.

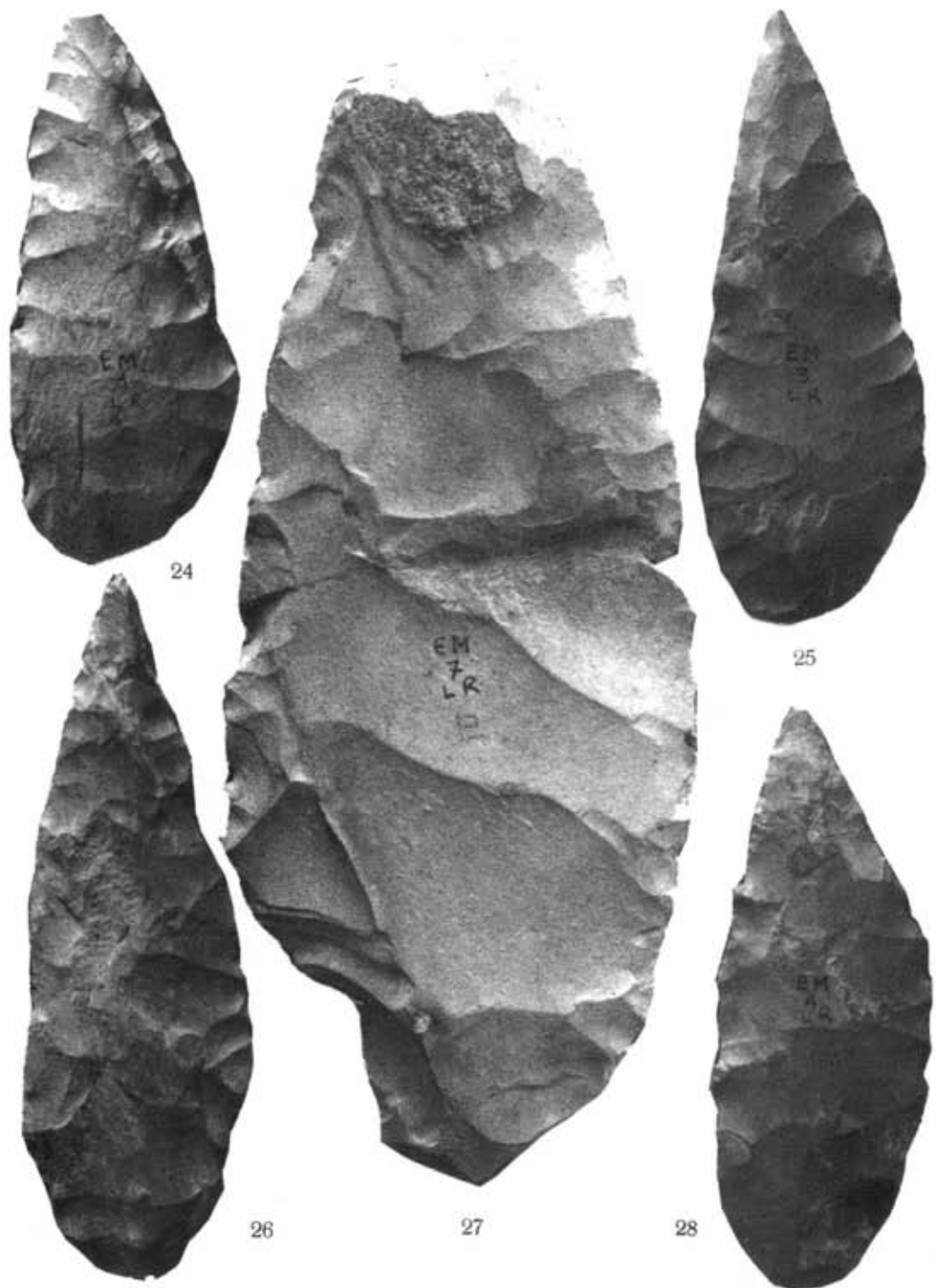


Planche IV - 24, 25 - Pièce foliacées asymétriques-Solutréen Inférieur/Moyen-Monte da Fainha-Évoramonte;
26, 28 - Pièces foliacées à base convexe bifaciale-Solutréen Inférieur/Moyen-Monte da Fainha-Évoramonte;
27 - Feuille de laurier bifaciale, large, symétrique, pointue à deux extrémitées-Solutréen Inférieur/Moyen Monte da Fainha-Évoramonte.

En 1964 J. Roche⁽¹⁸⁾ d'accord avec H. Breuil a distingué trois groupes d'instruments:

- Un groupe supposé solutréen: 3 pièces typiquement solutréennes entre lesquelles une feuille de laurier avec retouches bifaciales.
- Un groupe supposé magdalénien: lames dont quelques-unes retouchées.
- Un groupe supposé aurignacien: une pointe de la Gravette et des burins.

Il y a déjà bien des années l'archéologue Leonel Trindade découvrit la station de Cambelas qui plus tard lui fut pour ainsi dire exproprié par le Directeur du Musée de Belém qui y réalisa des fouilles sur lesquelles nous ne savons rien car rien n'a été étudié ni publié.

Le matériel qui y fut recueilli par L. Trindade et par un de nous (O.V. F.) est presque essentiellement du Solutréen Supérieur. Il est constitué par des feuilles de laurier, de saules et de très rares pointes à cran.

J. Zilhão a fait dernièrement une étude du matériel existant au Musée de Belém. Il doit paraître dans " Arqueólogo Português " avec le titre " O Solutrense Superior de facies cantábrico do Vale de Almoinha (Cambelas – Torres Vedras) ".

Il y a des années notre regretté ami Dr. Luciano Ribeiro découvrit dans une propriété de Évora Monte une station solutréenne dont on ne connaît pas l'endroit exact. Le matériel étudié plus tard par J. Roche et M. Vaultier⁽¹⁹⁾ est très beau et caractérise surtout le Solutréen Inférieur et Moyen.

En dehors de Luciano Ribeiro, d'autres récoltes ont été réalisées par Maxime Vaultier, Mendes Corrêa et Camarate França. Les matériaux de Luciano Ribeiro se trouvent chez sa fille. Ceux de Mendes Corrêa, M. Vaultier et J. Camarate França ont été perdus.

Dans les grottes naturelles de Cascais (Poço Velho) nous avons reconnu des pièces solutréennes⁽²⁰⁾: une feuille de saule et une pointe de type Casa de Moura et de Salemas, avec large pédoncule (Parpalló).

En 1977 Jean Roche a publié une note⁽²¹⁾ où il parle, pour la première fois, de Paléolithique Supérieur dans la Lapa do Suão, Vale Roto (Bombarral). Au cours des fouilles de 1974-76, dans la salle située au fond de la grotte, il fut possible d'établir la stratigraphie suivante:

(18) J. Roche, " Le Paléolithique Supérieur portugais. Bilan de nos connaissances et problèmes." Bull. Soc. Préhist. Française, Paris, 1964.

(19) J. Roche, L. Ribeiro et M. Vaultier, " L'industrie du gisement d'Evora Monte (Alentejo)", O Arqueólogo Português, Série III, vol. II, Lisboa, 1968.

(20) Le matériel est encore inédit en plus grande part - O. da Veiga Ferreira, " Punhais líticos da coleção dos Serviços Geológicos de Portugal ", Revista de Guimarães, vol. LXVII, Guimarães, 1957.

(21) J. Roche, " La fin des temps glaciaires en Europe - Chronostratigraphie et écologie des cultures du Paléolithique final. Le Magdalénien portugais ", Colloque Int, du C.N.R.S., n.° 271, Talence, 1977.

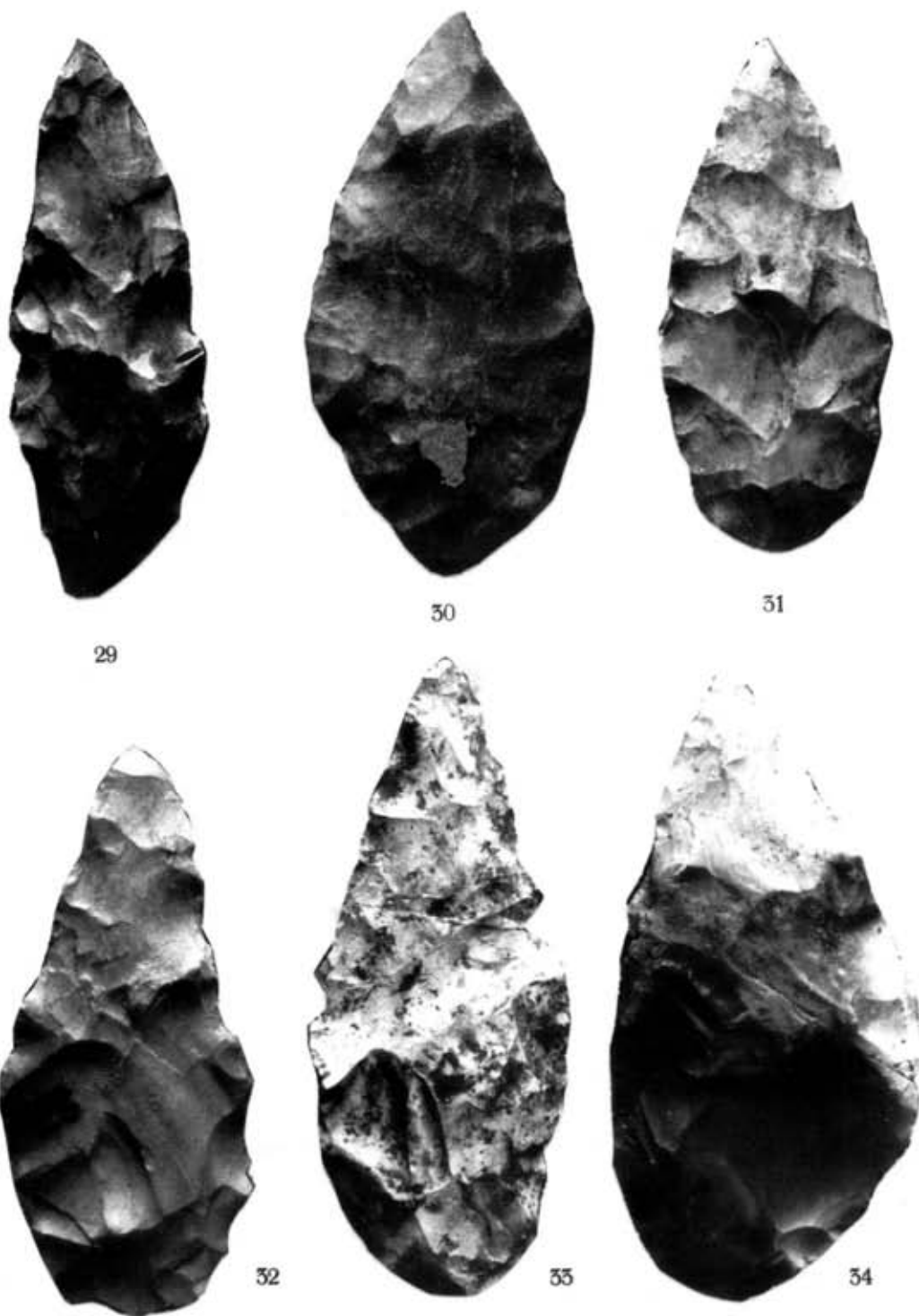


Planche V - 29, 31, 32, 33, 34 - Pointes bifaciales asymétriques-Solutréen Inférieur/Moyen-Passal-Rio Maior;
30 - Pointe bifaciale asymétrique-Solutréen Inférieur/Moyen-Monte da Fainha-Évoramonte.

- 1- Terres pulvérulentes foncées remuées (0,30 – 0,50m). Ce niveau a été observé dans la partie la plus profonde de la salle;
- 2- Terres grises très mobiles avec petits blocs calcaires altérés et d'autres plus volumineux dont l'altération est superficielle. Épaisseur maximum 0,20m. Inclinaison 10° SE;
- 3- Terres grises englobant de petits blocs calcaires non altérés. Ce niveau est séparé par une petite croûte très mince. Épaisseur 0,20m à 0,30m. Inclinaison 15° SE;
- 4- Lit de blocs. Épaisseur moyenne 0,20m. Inclinaison 25° SE;
- 5- Terres argilo-sableuses rougeâtres avec lits de petits blocs calcaires non altérés. Épaisseur 0,15m à 0,45m. Inclinaison 15° SE;
- 6- Série de petits cailloux discontinus, très altérés. Épaisseur 0,10m à 0,20m. Inclinaison 25° SE;
- 7- Terres rouges très mobiles avec petits blocs. A la base, lits de terre brune-foncé très ondulés. Épaisseur 0,10m à 0,50m. Inclinaison moyenne de 20° SE;
- 8- Terres grises, très concrétionnées, contenant nombreux petits blocs de calcaire non altéré. Abondants charbons. Épaisseur moyenne 0,10m. Inclinaison moyenne 15° à 20° SE;
- 9- Lit de blocs volumineux. Épaisseur 0,05m à 0,40m;
- 10- Terres jaunes sableuses avec petits blocs calcaires très altérés. J. Roche cite quatre niveaux d'occupation: niveaux 2, 3, 5 dans la zone centrale et niveau 8 dans le fond. Les industries des niveaux 2 et 3, très pauvres, semblent post-paléolithiques. Celle du niveau 5 a des analogies avec le Magdalénien de Casa da Moura (Cesareda).

Parmi l'industrie en os on remarque deux fragments de sagaie en bois de cerf de section circulaire et base en biseau simple et aussi un fragment de sagaie en bois de cerf de section elliptique à base en biseau simple, strié et extrémité arrondie. Ces pièces sont les premières de ce genre trouvées au Portugal.

À Lapa da Rainha (Vimeiro) on a observé 6 niveaux archéologiques⁽²²⁾ dont la coupe est la suivante:

- 1- Sol de la grotte en calcaire jurassique;
- 2- Remplissage de sables et de cailloux roulés de la rivière. Épaisseur 0,50 à 1,50m;
- 3- Niveau d'argile stérile (0,20 à 1,00m);
- 4- Niveau concrétionné avec faune de *Hyaena spelaea* (0,10 à 1,70m);
- 5- Niveau d'occupation humaine du Paléolithique Supérieur avec cendres, faune et industrie (0,10 à 0,50m);
- 6- Niveau du Paléolithique Supérieur avec dents de Cro-Magnon. Épaisseur très irrégulière entre 0,10 et 1,50m;

(22)O. da Veiga Ferreira et al., " Notícia preliminar sobre as escavações na Lapa da Rainha (Vimeiro) ". Actas I Jornadas Arqueológicas da Ass. Arq. Port., Lisboa, 1971.

J. Roche, " Le climat et les faunes du Paléolithique moyen et supérieur de la province d'Estremadura ", Actas II Congresso Nacional de Arqueologia, I vol. Coimbra, 1971.

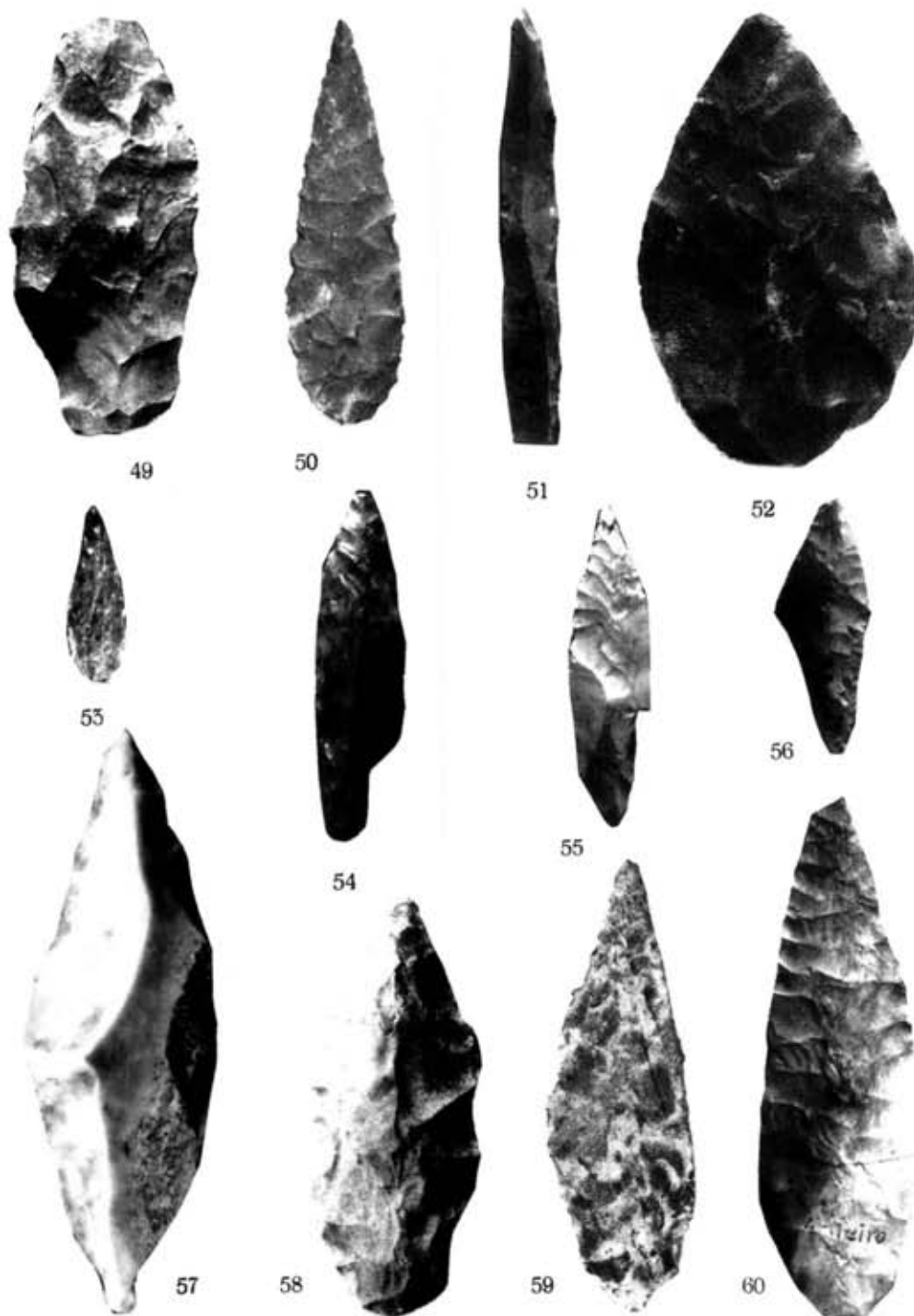


Planche VI - 49 - Pièce bifaciale avec pédoncule-Solutréen Inférieur/Moyen Rio-Maior; 50 - Feuille de laurier bifaciale-Solutréen Supérieur, Grotte de Furninha-Peniche; 51 - Pointe Vale de Lobos, Sintra; 52 - Pièce bifaciale asymétrique-Solutréen Inférieur/Moyen Monte da Fainha-Évoramonte; 53 - Petite feuille de laurier en quartz hyalin-Solutréen Supérieur-Arneiro-Rio Maior; 54, 55 - Pointes à cran de type iberique-Solutréen Supérieur-Grotte de Salemas-Ponte de Lousa et Grotte du Correio Mor-Loures; 56 - Pointe pedonculée-Solutréen-Grotte de Salemas-Ponte de Lousa; 57 - Perçoir double sur lame (Aurignacien) -Belas; 58 - Pièce bifaciale asymétrique-Solutréen Inférieur/Moyen, Rio Maior; 59 - Feuille de laurier bifaciale-Solutréen Supérieur, Grotte de Cascais; 60 - Feuille de laurier bifaciale-Solutréen Supérieur, Arneiro-Rio Maior.

7- Niveau supérieur stérile (0,10 à 1,00m).

La coupe de la carrière de Salemas à Ponte de Lousa⁽²³⁾ a montré la série suivante:

- 1- Base du remplissage du gouffre de lapiaz avec industrie moustérienne et faune à grands vertébrés (1m);
- 2, 4 et 6- Alternance de 3 niveaux calcaires;
- 3, 5 - Deux niveaux marneux du Cénomaniens. Épaisseur variable;
- 7- Remplissage de lapiaz avec industries du Paléolithique Supérieur atypiques et restes de Cro-Magnon. Épaisseur de 5m;
- 8- Niveau d'habitat néolithique (fonds de cabanes). Épaisseur 0,10m à 1,50m.

Dans la grotte de Correio-Mor, Loures⁽²⁴⁾ une série de niveaux archéologiques ont pu être détectés avec une abondante industrie. La coupe est la suivante :

- 1- Calcaire du sol de la grotte (Crétacé);
- 2- Niveau irrégulier avec industrie moustérienne de tradition levallois (0,10 à 0,40m);
- 3- Niveau d'occupation néolithique avec cendres (0,10 à 1m);
- 4- Niveau à céramique et industrie de type dolménique, avec cendres (0,10 à 1m);
- 5- Niveau à céramique de l'horizon d'importation (0,20 à 1m);
- 6- Niveau avec abondante céramique campaniforme (0,10 à 1m);
- 7- Niveau superficiel avec céramique de l'Âge du Bronze, épais et irrégulier (0,20 à 2 m).

Au sommet du niveau moustérien on a trouvé des restes très détruits d'une possible sépulture solutréenne avec un fragment d'un maxillaire Cro-Magnon⁽²⁵⁾, une pointe à cran solutréenne de type ibérique, une pointe pédonculée solutréenne et une lame à troncature oblique.

A Fontainhas auprès de Paço de Arcos⁽²⁶⁾ on a découvert en surface une industrie du Paléolithique Supérieur caractérisée par un Aurignacien avec grattoirs carénés, rabots et lames à dos rabattu. Il s'agit d'un possible campement, auprès de l'océan, très détruit.

(23)G. Zbyszewski, M. Leitão, C. Penalva et O. da Veiga Ferreira, " Paléo-anthropologie du Wurm au Portugal ", Setúbal Arqueológica, vol. VI-VII, Setúbal, 1980-81.

J. Roche, " Le climat et les faunes du Paléolithique Moyen et Supérieur de la province d'Estremadura ", Actas II Congresso Nacional de Arqueologia, I vol. Coimbra, 1971.

(24)O. da Veiga Ferreira e Manuel Leitão, " Portugal Pré-Histórico - seu enquadramento no Mediterrâneo", Europa-América, Lisboa, 1981.

(25)G. Zbyszewski, M. Leitão, C. Penalva et O. da Veiga Ferreira, " Paléo-anthropologie du Wurm au Portugal ", Setúbal Arqueológica, vol. VI-VII, Setúbal, 1980-81.

(26)Découverte par M. Leitão et C.T.North.

Pendant les levers de la carte géologique, nous avons rencontré dans un abri sous roche dans les calcaires urgoniens de Caneças, une industrie avec éléments aurignaciens.

Dans le Castro de Leceia (Barcarena) nous avons séparé un matériel attribuable, en partie, au Paléolithique Supérieur⁽²⁷⁾.

Dans les collections des Services Géologiques du Portugal⁽²⁸⁾ existent de nombreux éléments du Paléolithique Supérieur parmi lesquelles nous avons identifié les suivants:

- Aljustrel – Industrie atypique du Paléolithique Supérieur;
- Praia do Telheiro au N. du Cap Saint Vicent – Industrie atypique du Paléolithique Supérieur;
- Cap de Sines – Paléolithique Supérieur avec lames de quartz et de silex;
- Casal do Mocinho (Nord du cap d’Espichel) – Paléolithique Supérieur avec petites industries de type aurignacien avec racloirs et éclats;
- Eirinha (Almonda) – Paléolithique Supérieur avec nuclei, racloirs et grattoirs;
- Chãos (Tomar) – Paléolithique Supérieur avec racloirs, grattoirs et éclats;
- Zibreira (Source du Rio Almonda) – Paléolithique Supérieur atypique;
- Casal do Monte (Póvoa de Santo Adrião) – Paléolithique Supérieur avec grattoirs carénés;
- Casal do Valbom (Santo Antão do Tojal) – Paléolithique Supérieur avec racloirs, grattoirs et éclats;
- Casal da Praia (Santo Antão do Tojal) – Paléolithique Supérieur avec racloirs, grattoirs et éclats;
- Santo Antão do Tojal - Paléolithique Supérieur avec grattoirs, racloirs et lames;
- Boticaria (S. Bartolomeu da Charneca) – Paléolithique supérieur avec grattoirs, racloirs, nuclei et lames;
- Loca do Gato (Ponte de Lousa) – Grattoir caréné aurignacien;
- Vale de Lobos (Sabugo) – Industrie gravettienne avec une belle pointe à dos rabattu;
- Cova da Raposa (Olelas) – Solutréen;
- Cabeço das Pedras (Olelas) – Lames et lamelles aurignaciennes;
- Encosta do Pendão (Belas) – Paléolithique Supérieur atypique;
- Caneças – Aurignacien avec nuclei, racloirs et grattoirs carénés;
- Casal da Serra (Amadora) – perçoirs, pointes, nuclei, lames et éclats aurignaciens;
- Plage du Guincho (Cascais) – Paléolithique Supérieur avec racloirs, pièces denticulées, nucléi et lames;
- Linda-a – Pastora – burins dièdres, grattoirs, racloirs, pointes, becs, lames, lamelles;
- Magoito, au Nord de Sintra, Praia da Aguda (Azenhas do Mar), Mafra, Alto do Estoril et

(27) O. da Veiga Ferreira et João Luís Cardoso, " Flauta, chamariz ou negaça de caça de osso encontrada no Castro de Leceia (Barcarena)", *Bol.Cult. Junta Distr. de Lisboa, II série, I, Lisboa 1975.*

(28) O. da Veiga Ferreira, " Guia descritivo da Sala de Arqueologia pré-histórica ", *Serv. Geol. de Portugal, Lisboa, 1982.*

Plage das Maços – Paléolithique Supérieur avec nuclei, grattoirs, racloirs, denticulés et burins de technique aurignacienne;

- Plage de Santa Cruz – Paléolithique Supérieur avec grattoirs, burins, lames, nuclei, etc. de technique aurignacienne;
- Péninsule de Baleal (Peniche) – Paléolithique Supérieur avec grattoirs et lames;
- S. Francisco de Peniche, Lourinhã et Praia da Consolação – Paléolithique Supérieur avec burins, grattoirs et lames.

Récemment J. Zilhão a fouillé la grotte de Caldeirão auprès de Tomar, et y trouva du Solutréen⁽²⁹⁾.

La stalagmitique présent comme suit:

- 1- Sol stalagmitique d'épaisseur variable inférieure à 0,10m;
- 2- Gros blocs et dalles dans une couche de sables argileux rougeâtres. Épaisseur moyenne de 0,40m;
- 3- Sable argileux rougeâtre avec quelques cailloux. Épaisseur moyenne de 0,25m;
- 4- Couche avec nombreux cailloux et présence de plaquettes. Concrétions à la base (0,15m);
- 5- Sol stalagmitique (0,07m);
- 6- Blocs et plaquettes abondantes dans une couche de sable argileux rougeâtre (0,15m);
- 7- Sable argileux rougeâtre avec quelques cailloux (0,30m);
- 8- Grands blocs, plaques et plaquettes abondantes dans une couche de sable argileux rougeâtre. Épaisseur moyenne (0,35m);
- 9- Couche de sable argileux rougeâtre avec petits blocs;

Quand un de nous a été Conservateur du Musée de Belém (Musée Ethnologique Dr. Leite de Vasconcelos), il y avait là des perçoirs de type aurignacien classés comme énéolithiques et qui venaient d'un " povoado " à Serra das Éguas (Carenque). De même, quand nous avons étudié le matériel recueilli à Serra da Espargueira près de la même localité⁽³⁰⁾ il y avait là aussi des perçoirs de technique aurignacienne classés comme énéolithiques.

Dans les collections des Services Géologiques du Portugal, il faut encore citer un beau nucleus à lamelles provenant du Monte Serves (Verdelha dos Ruivos) et qui présente les caractéristiques du Paléolithique Supérieur, possiblement aurignacien.

Les grottes de Senhora da Luz (Rio Maior) ont donné une série de dépôts néo-énéolithiques et une industrie probablement aurignacienne qui malheureusement a été mélangée avec celles de ce niveau supérieur.

Il y a bien des années, quand l'Abbé H. Breuil vint au Portugal, nous l'accompagnâmes au

(29) J. Zilhão, " Néolithique Ancien et Paléolithique Supérieur de la grotte de Caldeirão (Tomar - Portugal), escavações de 1979 - 1984. " *Actas I Reunião do Quaternário Ibérico*, vol.2, 1985, Lisboa.

(30) Manuel Leitão, C.T. North et O. da Veiga Ferreira, " O povoado pré-histórico da Serra da Espargueira (Belas)", *II Jornadas Arqueológicas da Assoc. Arq. Port.*, vol. I, Lisboa, 1973.

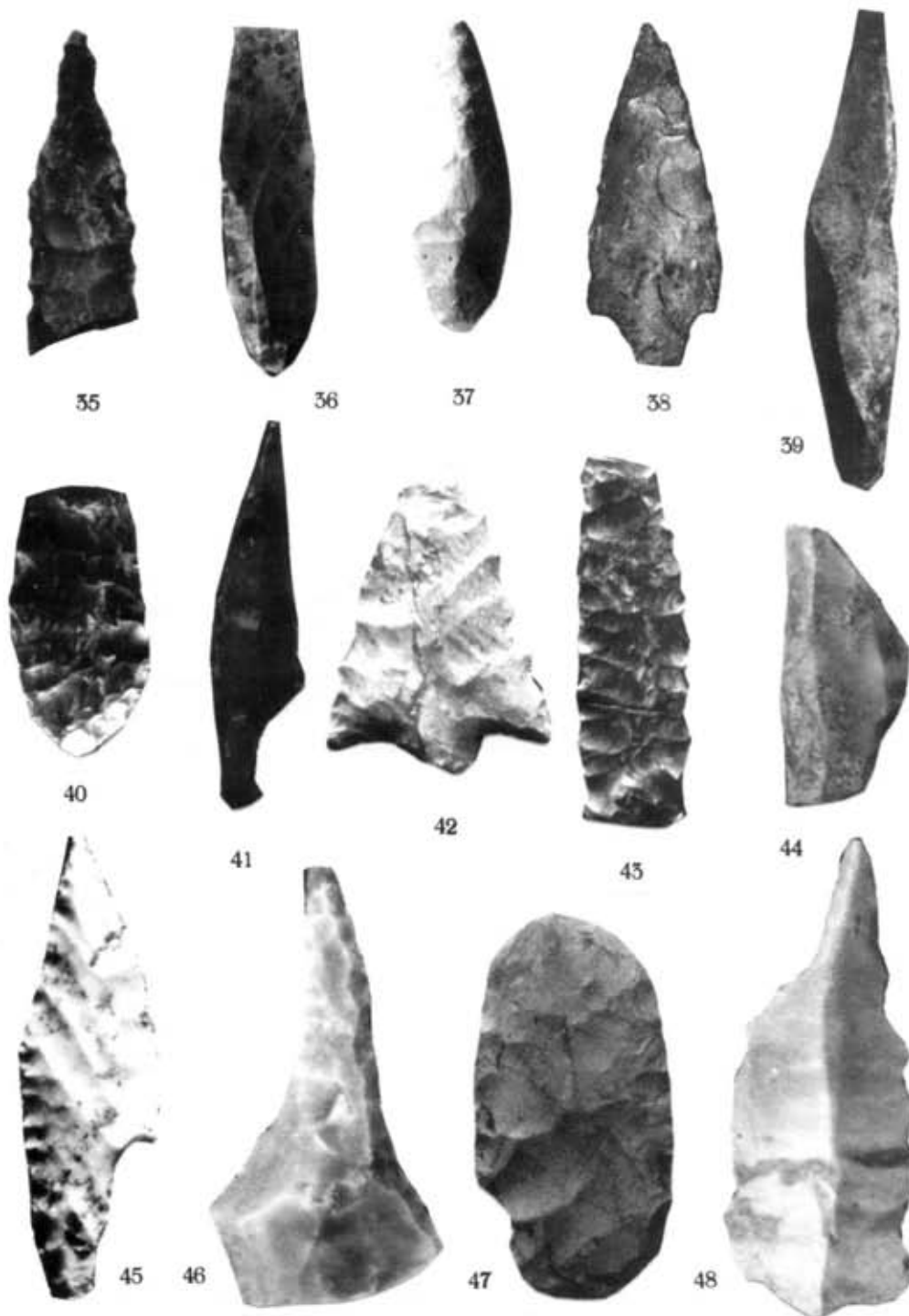


Planche VII - 35 - Perçoir sur lame bifaciale-Solutrén Supérieur, Grotte de Salemas,-Ponte de Lousa; 36, 39 - Lames à dos-Gravéttien, Grottes de Oeiras et de Furadouro; 37 - Petite feuille de laurier épaisse-Solutrén Supérieur, Rio Maior; 38 - Pointe pedunculée bifaciale-Solutrén Supérieur, Grotte de Cascais; 40 - Fragment de feuille de laurier bifaciale Solutrén Supérieur-Rio Maior; 41 - Lamelle a dos avec cran-Périgordien-Grotte de Salemas, Ponte de Lousa; 42 - Pointe pédonculée bifaciale avec barbelures-Solutéen Supérieur ibérique, Arneiro-Rio Maior; 43 - Feuille de saule bifaciale Solutrén Supérieur Arneiro, Rio Maior; 44 - Lamelle à double troncature oblique-Aurignacien, Belas; 45 - Pointe à cran bifaciale-Solutrén Supérieur, Grotte de Correio-Mor, Loures; 46,48 - Perçoirs sur lame-Aurignacien, Belas; 47 - Pièce bifaciale avec coche-Solutreen Inférieur/Moyen, Rio Maior.

Musée de Belém dont le directeur, Manuel Heleno, nous montra les industries de la région de Rio Maior et, entre elles, celle de Bocas, au milieu desquelles nous vîmes des pièces de type gravettien recueillies dans les grottes. Ce matériel continue inédit.

2 – LES FAUNES DU PALÉOLITHIQUE SUPÉRIEUR PORTUGAIS

Il est parfois difficile de séparer dans le matériel des anciennes fouilles, les faunes qui appartiennent au Paléolithique Supérieur de celles qui se trouvent à des niveaux plus profonds (Moustérien) ou bien plus élevés (Néo – Enéolithique). Nous indiquerons cependant d'une manière générale celles qui nous semblent appartenir au Paléolithique Supérieur.

La station dont la faune est très certainement du Paléolithique est celle de Lapa da Rainha (Vimeiro), où les travaux furent réalisés avec soin niveau par niveau, en recueillant tout ce que la grotte contenait. Nous citerons ainsi la faune suivante⁽³¹⁾: *Dicerorhinus Kirchbergensis* Kaup, *Hyaena crocuta* race *spelaea* GOLD., *Felis pardus* LINN., *Felis pardina* OKEN, *Ursus arctos* LINN., *Canis lupus* LINN., *Vulpes vulpes* LINN., *Arvicola amphibius* DESM., *Vespertilio murinus* LINN., *Myotis* sp., *Rhinolophus ferrum-equinum* LINN., *Pyrrhocorax alpinus* KOCH, *Pica rustica* SCOP., *Corvus monedula* LINN., *Athene noctua* LINN., *Mus* sp., *Lacerta ocellata* LINN., *Rana* sp., *Patella coerulea* LINN., *Cardium edule* LINN., *Tapes decussata* LINN., *Littorina obtusata* LINN., *Glycimeris glycimeris* LINN., *Mytilus galloprovincialis* LAM., *Helix* sp., etc.

La grotte de Furninha a une faune très semblable. Mais comme dans l'étude publiée, elle n'a pas été séparée par niveaux archéologiques nous ne savons pas actuellement quelle est celle qui appartient effectivement aux niveaux du Paléolithique Supérieur. Cependant nous indiquons que, possiblement pour les niveaux du Paléolithique Supérieur, la faune comprend des coquilles marines, de nombreux restes d'oiseaux et de mammifères.

Les espèces éteintes se trouvent dans le niveau de sables jaunes. Ce sont *Hyaena striata* SCH., *Felis pardus* LINN et, *Dicerorhinus kirchbergensis* (*Rhinoceros mercki*) KAUP⁽³²⁾.

La faune complète des niveaux du Paléolithique Supérieur de Furninha paraît être la suivante: *Hyaena striata* SCHR., *Hyaena* sp., *Felis pardus* LINN., *Felis pardina* OKEN., *Felis catus* LINN., *Canis lupus* LINN., *Meles taxus* LINN., *Ursus arctos* LINN., *Bos* sp., *Cervus elaphus* LINN., *Equus caballus* LINN., *Oryctolagus cuniculus* LINN., *Erinaceus europaeus* LINN., *Tadorna cornuta* LINN., *Pyrrhocorax alpinus* LINN., *Columba livia* BONNAT, *Pholacrocorax graculus* LINN., *Testudo graeca* LINN., etc.

(31) J. Roche, "Le climat et les faunes du Paléolithique Moyen et Supérieur de la province d'Estremadura ", *Actas II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Coimbra, 1971.

(32) E. Harlé, "Les mammifères et oiseaux quaternaires connus jusqu'ici au Portugal. Mémoire suivi d'une liste générale de ceux de la Péninsule ibérique ", *Com. Comiss. Serv. Geol de Portugal*, T. VIII, Lisboa, 1910-11.

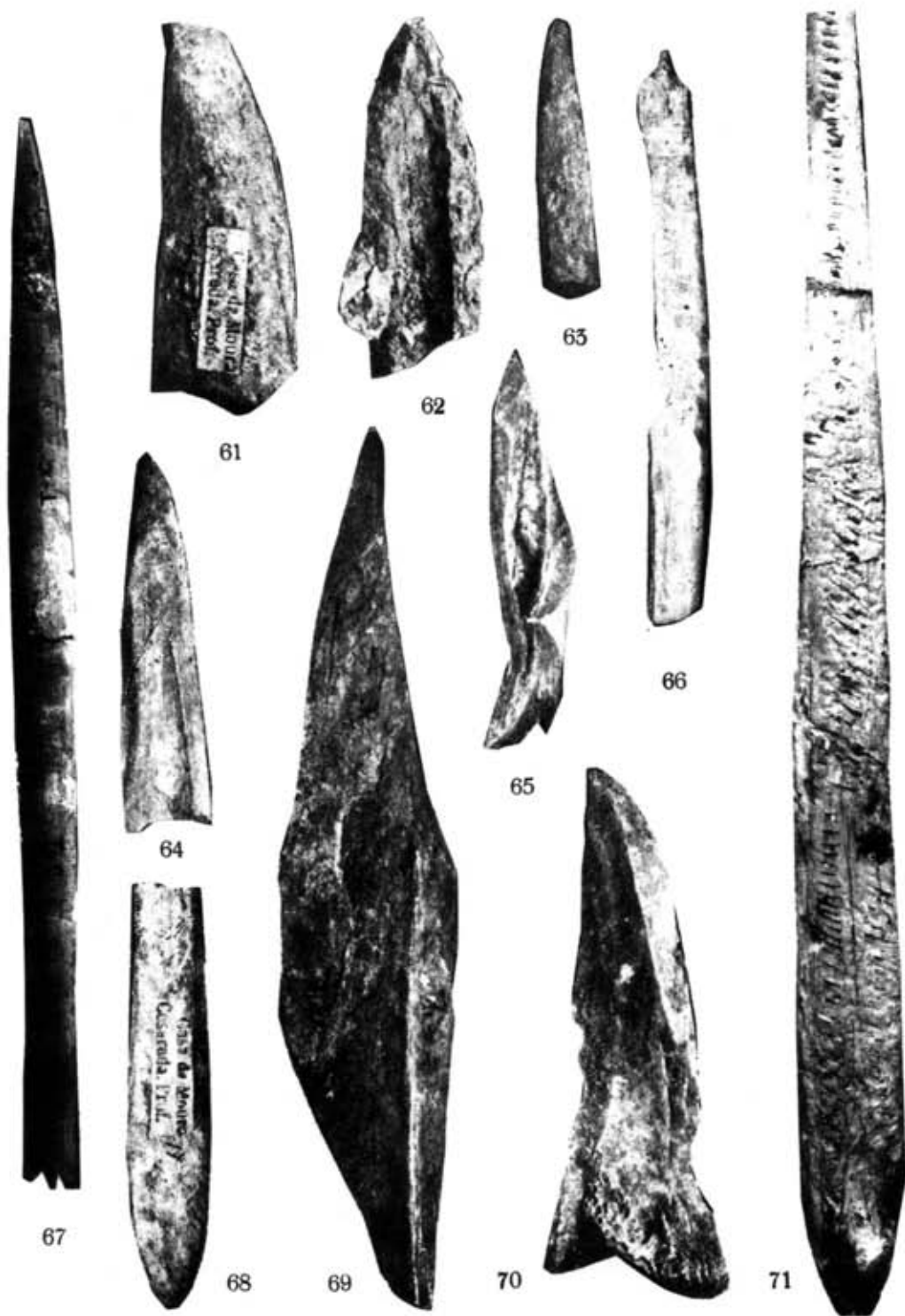


Planche VIII - 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70 - plusieurs fragments d'os d'animaux aménagés pour servir de perçoirs et pointes. Magdalénien de Casa da Moura (Cesareda); 67 - Pointe de sagaie en os du Solutréen de la grotte de Salemas (Ponte de Lousa); 71 - Pointe de sagaie en os pénién d'Ours avec marques de chasse du Périgordien de la grotte de Salemas (Ponte de Lousa).

) Dans la grotte de Salemas à Ponte de Lousa⁽³³⁾ la faune fut déterminée par niveaux archéologiques et ainsi dans les niveaux solutréens supérieurs on a trouvé des restes de *Canis lupus* LINN., *Vulpes vulpes* LINN., *Equus caballus* LINN., *Sus scropha* LINN., *Cervus elaphus* LINN., *Bos* sp., *Oryctolagus cuniculus* LINN., et *Littorina obtusata* LINN. Dans le niveau perigordien on a *Hyaena hyaena* LINN., *Canis lupus* LINN., *Vulpes vulpes* LINN., *Equus caballus* LINN., *Sus scropha* LINN., *Cervus elaphus* LINN., *Bos* sp., *Oryctolagus cuniculus* LINN et *Nassa reticulata* LINN., var. *nitida*.

La faune de la carrière de Salemas⁽³⁴⁾ comprend: *Crocota crocota* race *spelaea* GOLD., *Felis pardina* OKEN., *Felis pardus* LINN., *Canis lupus* LINN., *Ursus spelaeus* ROSENM., *Ursus arctos* LINN., *Equus caballus* LINN., *Cervus elaphus* LINN., *Bos primigenius* BOJ. et *Oryctolagus cuniculus* LINN.

La faune de Casa da Moura (Cesareda) est constituée par⁽³⁵⁾: *Crocota crocota* race *spelaea* GOLDF., *Felis pardina* OKEN., *Felis pardus* LINN., *Foetorius putorius* LINN., *Mustela* sp., *Canis lupus* LINN., *Vulpes vulpes* LINN., *Equus caballus* LINN., *Ursus* sp., *Cervus elaphus* LINN., *Capra ibex* (?), *Capra rupicapra* (?), *Sus scropha* LINN., *Oryctolagus cuniculus* LINN., *Erinaceus europeus* LINN., *Arvicola amphibius* LINN., *Patella vulgata* LINN., *Cerithium vulgatum* BRUG., *Helix intersecta* LINN., *Purpura lapillus* LINN., et restes d'oiseaux qui ressemblent aux espèces de Furninha et de Lapa da Rainha.

Dans le niveau magdalénien de Lapa do Suão on a trouvé la faune suivante⁽³⁶⁾: *Felis pardina* OKEN., *Capra hispanica* SCHREB., *Sus scropha* LINN., *Mytilus edulis* LINN., *Cardium edule* LINN., *Glycimeris glycimeris* LINN., *Littorina obtusata* LINN., *Cerithium vulgatum* BRUG., *Cypraea europaea* LINN., *Cassis saburon* LINN., *Sparus auratus* LINN., et *Equus* sp.

Dans le niveau du Paléolithique Supérieur de Vila Pouca (Serra de Monsanto) on a trouvé peu de faune. Il faut cependant citer quelques coquilles telles que *Ostrea edulis* LINN., *Glycimeris glycimeris* LINN., *Trochochoclea lineata* LINN., et des vestiges de *Capra* sp., *Oryctolagus cuniculus* LINN., *Equus caballus* LINN., *Cervus elaphus* LINN., *Sus scropha* LINN., *Bos* sp., etc.⁽³⁷⁾

(33) J. Roche, "Le climat et les faunes du Paléolithique Moyen et Supérieur de la province d'Estremadura ", II Congresso Nacional de Arqueologia, 1 vol, Coimbra, 1971.

J. Roche et O. da Veiga Ferreira, "Stratigraphie et faunes des niveaux paléol. De la grotte de Salemas (Ponte de Lousa) ", Com. Serv. Geol. de Portugal, T. LIV, Lisboa, 1970.

(34) O. da Veiga Ferreira, "Jazidas quaternárias com fauna de vertebrados encontradas em Portugal ", Arqueologia e História, vol. XI, Lisboa, 1964.

(35) E. Harlé, "Les mammifères et oiseaux quaternaires connus jusqu'ici au Portugal. Mémoire suivi d'une liste générale de ceux de la Péninsule ibérique ", Com. Comiss. Serv. Geol de Portugal, T. VIII, Lisboa, 1910-11.

(36) J. Roche, " La fin des temps glaciaires en Europe - Chrono-stratigraphie et écologie des cultures du Paléolithique Final. Le Magdalénien portugais ", Colloque Int, du C.N.R.S., n.° 271, Talence, 1977.

(37) Escavações de O. da Veiga Ferreira et G. Zbyszewski - O. da Veiga Ferreira et J. Roche, " Os elementos de adorno do Paleolítico Superior de Portugal ", Arqueologia, n.° 2, Porto, 1980.

Dans la grotte de Cascais⁽³⁸⁾, on a trouvé une faune vulgaire qui vit encore actuellement. Nous ne savons pas s'il a existé un niveau solutréen net. Mais nous savons que dans le matériel néo-énéolithique il y avait des pièces solutréennes. Comme pièces d'ornement nous pouvons citer une coquille de *Purpura lapillus* LINN., une autre de *Murex trunculus* et une de *Conus* sp.

3 – LA FLORE DU PALÉOLITHIQUE SUPÉRIEUR PORTUGAIS

L'étude de la flore du Paléolithique Supérieur est très réduite. Il n'existe aucune étude spécifique sur le problème. Il n'y a aucun travail d'ensemble sur les pollens des gisements portugais avec industries du Paléolithique Supérieur. Nous savons cependant par des notes dispersées que les genres *Pinus*, *Rhododendron*, *Quercus*, *Salix*, *Betula*, *Ulmus*, etc., ainsi qu'un palmier nain (*Chamaerops humilis*) étaient fréquents à cette époque. On peut y joindre encore *Vitis silvestris* et peut être déjà *Vitis vinifera*,⁽³⁹⁾ *Castanea*, *Ericaceae*, *Corylus avellana*, etc.

4 – LES ORNEMENTS DES HOMMES DU PALÉOLITHIQUE SUPÉRIEUR AU PORTUGAL

Une étude récente a été faite sur les ornements du Paléolithique supérieur portugais⁽⁴⁰⁾. Nous indiquerons génériquement les éléments que nous connaissons: dents d'animaux avec perforations, pour des colliers, phalanges, coquilles, etc.:

- Canines de *Felis pardus* de Casa da Moura (Cesareda);
- Canines et molaires de *Canis lupus* de Casa da Moura (Cesareda);
- Canines de *Felis pardina* de Lapa do Suão;
- Incisives de Cervidés perforées et en forme de gouttes, de Lapa da Rainha (Vimeiro) et de Casa da Moura (Cesareda);
- Phalanges de Cervidés e de Suidés de Lapa da Rainha (Vimeiro) et de Casa da Moura (Cesareda);
- Coquilles de *Littorina obtusata* perforées pour servir de perles de collier de la grotte de Salemas (Ponte de Lousa), Lapa do Suão (Bombarral) et Lapa da Rainha (Vimeiro);

(38)O. da Veiga Ferreira et J. Roche, "Os elementos de adorno do Paleolítico Superior de Portugal", *Arqueologia*, n.º 2, Porto, 1980.

(39)O. da Veiga Ferreira, "A cultura da vinha na antiguidade", *Estudos Italianos em Portugal*, n.º 36, Lisboa, 1973.

(40)O. da Veiga Ferreira et J. Roche, "Os elementos de adorno do Paleolítico Superior de Portugal", *Arqueologia*, n.º 2, Porto, 1980.

- J. de Almeida Monteiro et O. da Veiga Ferreira et J. Roche, "O colar de conchas de *Glycimeris* da Lapa do Suão (Bombarral)", *Rev. Guimarães*, vol.LXXVIII, n.º 1-2, Guimarães, 1968.

- J. Roche, "Le Magdalénien.... op....cit....supra.

- *Cypraea europaea* de Lapa do Suão (Bombarral);
- *Cassis saburon* de Lapa do Suão (Bombarral);
- *Murex trunculus* de la grotte de Cascais;
- *Conus* sp. de la grotte de Cascais;
- *Purpura lapillus* de la grotte de Casa da Moura (Cesareda);
- *Cerithium vulgatum* de Lapa do Suão (Bombarral).

A Lapa do Suão il existe des *Glycimeris* travaillées avec un tel art et avec tant de soin pour servir de perles de collier qu'elles nous semblent provenir d'un niveau paléolithique supérieur, d'autant plus que l'on n'en connaît dans aucune autre grotte portugaise. Il y a quelques années nous avons publié une note dans laquelle nous les avons considérées comme néolithiques. Cependant nous sommes maintenant convaincus qu'elles sont magdaléniennes⁽⁴¹⁾.

En ce qui concerne *Littorina obtusata*, Jean Roche⁽⁴²⁾ a dit textuellement " Nous savons que cette espèce de coquille n'a plus été utilisée comme ornement, au Portugal, après le Paléolithique ".

Nous pensons que *Littorina obtusata* se serait éteinte après le Würm, substituée par *Littorina littorea*. Cependant, Augusto Nobre⁽⁴³⁾ en a recueilli le long du littoral depuis le Nord jusqu'à Setúbal. Mais les exemplaires observés sont plus petits que les formes fossiles et peuvent correspondre à une variété.

Comme ornements il faut encore citer des perles de collier en os avec collet et parties lisses, que l'on connaît à Casa da Moura (Cesareda).

Dans les grottes da Lapa da Rainha, Salemas, etc. on a trouvé des vestiges de colorants probablement utilisés pour les tatouages (Ocre, Manganèse, etc.).

5 – LES RESTES HUMAINS DU PALÉOLITHIQUE SUPÉRIEUR TROUVÉS AU PORTUGAL

Dans un travail publié récemment⁽⁴⁴⁾ nous avons cité ce qui était connu à ce sujet:

- *Lapa da Rainha (Vimeiro)* – Quatre incisives d'adulte très vieux.
- *Lapa do Suão (Bombarral)* – Deux molaires d'adulte. Jean Roche en a dit⁽⁴⁵⁾: " Ces deux molaires sont les premiers fossiles humains du Paléolithique Supérieur trouvés en place au Portugal. On ne saurait exclure l'hypothèse d'une sépulture intentionnelle ".

(41) J. de Almeida Monteiro et O. da Veiga Ferreira et J. Roche, " O colar de conchas de *Glycimeris* da Lapa do Suão (Bombarral) ", Rev. Guimarães, vol. LXXVIII, n.º 1-2, Guimarães, 1968.

(42) J. Roche, " Le Magdalénien... op. cit.

(43) Augusto Nobre, " Moluscos marinhos de Portugal ", Porto, 1932.

(44) G. Zbyszewski, M. Leitão, C. Penalva et O. da Veiga Ferreira, " Paléo-anthropologie du Würm au Portugal ", Setúbal Arqueológica, Vol. VI-VII, Setúbal, 1980-81.

(45) Jean Roche, " Le Magdalénien... op. cit.

- *Carrière de Salemas (Ponte de Lousa)* – On y a recueilli les restes d'un crâne, de maxillaire avec cinq dents, d'humérus, radius, fémur, péroné et tibia. Il s'agit d'un individu jeune tombé dans un gouffre.
- *Grotte de Correio Mor (Loures)* – Restes d'une mandibule avec dents, une première molaire supérieure, une canine et des restes d'ossements. Il peut s'agir d'une sépulture solutréenne détruite.
- *Dans une grotte de Senhora da Luz près de Rio Maior*, il semble y avoir eût des sépultures aurignaciennes, étant donné que des industries recueillies dans cette grotte furent plus tard examinées et classées par H. Breuil comme telles.

Il y a quelques années, une anthropologiste allemande, Gisela Asmus, qui visitait le musée de Belém, indiqua un des crânes de la grotte de Senhora da Luz comme appartenant à un individu du Paléolithique Supérieur de type Aurignac.

Comme on le sait, les fouilles de la grotte ont été faites par les employés du musée qui ont pu mélanger le matériel provenant de deux ou plus niveaux archéologiques.

6 – L'ART DU PALÉOLITHIQUE SUPÉRIEUR AU PORTUGAL

En matière d'art pariétal, les découvertes réalisées dans les grottes de Escoural (Alentejo) ne nous ont pas encore donné d'éléments concluants et irréfutables⁽⁴⁶⁾. Récemment nous avons visité la grotte, invité par notre ami le Dr. Farinha dos Santos et en compagnie de l'archéologue Varela Gomes, afin de voir les gravures. Par leur types et techniques ces dernières peuvent tout au plus appartenir au Magdalénien Final. Le reste nous semble être d'une Épipaléolithique archaïque. Il est bien possible que les gravures de Mazouco et de Fogaças, Lanhelas, soient aussi du Magdalénien⁽⁴⁷⁾.

En matière d'art mobile deux statuettes ont été trouvées dernièrement. L'une est faite sur un rognon de silex. Elle est du type Tursac⁽⁴⁸⁾. L'autre est faite sur un métacarpien de cervidé, peut être de Renne, trouvée dans la région de Escoural (Alentejo)⁽⁴⁹⁾. Elle est du type "Venus impudique" de Laugerie Basse et de Isturitz.

Il faut encore citer un fragment d'une possible flûte de Pan⁽⁵⁰⁾ de la grotte de Furninha, disparue.

(46)M. Farinha dos Santos, " *Pré-história de Portugal* ", Verbo, 3^a edição, Lisboa, 1985.

(47)S. O. Jorge, V. O. Jorge, C.A.F. de Almeida, M. J. Sanches et M. T. Soeiro, " *Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cima)* ", *Arqueologia*, 3, Porto, 1981.

(48)M. Farinha dos Santos, " *Pré-história de Portugal* ", Verbo, 3^a edição, Lisboa, 1985.

(49)G. Zbyszewski, et O. da Veiga Ferreira, *comum. À Acad. das Ciências de Lisboa*, Lisboa, 1985.

(50)J. F. Nery Delgado, " *La grotte de Furninha à Peniche* ", *Congr. Int. d'Anthr. Et d'Archeol. Prehist.*, Lisbonne, 1980

7 – CONCLUSIONS

Les conclusions sur le Paléolithique Supérieur portugais, en ce qui concerne les climats, faunes, flores, industries, habitats, culte des morts, etc., sont encore difficiles de concrétiser en raison des éléments épars que nous possédons. Ainsi par exemple nous ne savons rien de l'existence ou non du Paléolithique Supérieur dans le Nord, Est, Sud-Est et Sud du pays.

Les gisements connus se situent presque toujours sur les affleurements calcaires du littoral ou bien dans des vallées fluviales où se trouvent les grottes qui ont servi de refuges aux hommes d'autrefois.

Quelques campements à l'air libre comme ceux de Serra de Monsanto et voisinage et aussi du littoral d'Estremadura, ont quelquefois donné des restes de passage de l'homme du Paléolithique Supérieur. Il est connu que l'occupation habituelle des grottes ou abris pendant le Würm fut exceptionnelle dans les régions côtières.

Par l'étude des faunes et flores de l'époque, on sait que le climat était périglaciaire, en général tempéré et humide. La présence de l'Hyène des cavernes et de l'Ours brun le montre bien. Nous savons parfaitement qu'au Portugal l'homme du Paléolithique Supérieur vivait davantage à l'air libre. Les petites grottes ont été toujours habitées pendant peu de temps, peut être pendant les hivers plus rigoureux. C'est ainsi que l'on peut expliquer l'abondance des stations de surface au Portugal, spécialement dans la région de Lisbonne où abondait aussi le matériel qui servait pour la confection des divers instruments (silex, opale, quartzite, etc.).

Dans la Lapa do Suão, le climat de la fin du Würm (Magdalénien) était océanique, relativement doux, ce qui est confirmé par les observations faites en d'autres stations du massif calcaire d'Estremadura.

En ce qui concerne les faunes wurmiennes contemporaines de l'homme du Paléolithique Supérieur portugais, elles ne montrent pas de grandes variations.

Il est aussi certain que les régions isolées et montagneuses servaient de refuge aux espèces qui fuyant des climats froids du Nord et Nord – Est, venaient se réfugier dans les grottes du littoral atlantique où le climat était plus doux⁽⁵¹⁾.

Les variations de la flore ont été insignifiantes. Ainsi le *Pinus sylvestris* est descendu presque jusqu'à la mer. Au Portugal il n'y eût pas de grandes glaciations comme dans le reste de l'Europe. Il y a seulement des vestiges dans la Serra de Estrela et peut être dans le Gerez⁽⁵²⁾.

Dans l'Estremadura portugaise les chutes de neige pendant le Würm affectaient surtout les versants Ouest et Nord-Ouest des massifs montagneux calcaires tels que le Montejunto, Serra dos Candeeiros, Serra de Aire, etc. Dans les zones plus basses, le climat était de type périglaciaire. C'est

(51) G. Zbyszewski, "Le Quaternaire du Portugal", Bol. Soc. Geol. de Portugal, vol. XIII, fasc. 1-2, Lisboa, 1958.

(52) H. Lautensach, "Estudo dos glaciares da Serra de Estrela", Mem. e Noticias, 16, Coimbra, 1932.

là que l'on trouve des restes de Hyènes et d'Ours des cavernes en des refuges comme la grotte de Furninha, Lapa do Vimeiro, Casa da Moura, Salemas, etc.

Les fossiles les plus importants du Paléolithique Supérieur, qui n'ont pas dépassé le Würm sont des fossiles typiques, de grande importance chronologique et stratigraphique. Ce sont *Dicerorhinus Kirbergensis* JAGGER (Rhinocéros de peau lisse ou de type africain), *Ursus speleus* ROSENM. (Ours des cavernes), *Crocota crocuta* de race *spelaea* GOLD. (Hyène des cavernes), *Hyaena striata* SCHIM. (Hyène rayée de type africain), et *Felis pardus* LINN. (panthère).

Ce sont les conclusions auxquelles nous aboutissons après l'étude et énumération des diverses stations avec industries du Paléolithique Supérieur portugais, faunes, flores, vie quotidienne, etc.

Parmi le matériel trouvé jusqu'à présent on remarque surtout le Solutréen Supérieur de type ibérique, un Aurignacien pauvre et un Magdalénien encore plus insignifiant. Nous espérons que de nouvelles recherches bien orientées par quelqu'un qui sait faire des fouilles, pourront apporter de nouveaux éléments pour l'étude du Paléolithique Supérieur portugais.

(51) G. Zbyszewski, " Le Quaternaire du Portugal ", Bol. Soc. Geol. de Portugal, vol. XIII, fasc. 1-2, Lisboa, 1958.

(52) H. Lautensach, " Estudo dos glaciares da Serra de Estrela ", Mem. e Noticias, 16, Coimbra, 1932.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
8, Oeiras, Câmara Municipal, 1999/2000, pp. 83-240

PROSPECÇÕES E ESCAVAÇÕES NOS CONCHEIROS MESOLÍTICOS DE MUGE E DE MAGOS (SALVATERRA DE MAGOS): CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS EFECTUADOS

por João Luís Cardoso⁽¹⁾ & José Manuel Rolão⁽²⁾

1- INTRODUÇÃO

O estudo do Mesolítico no território português suscitou desde os primórdios da investigação arqueológica no país grande interesse por parte de investigadores nacionais e estrangeiros.

Pese embora todo o trabalho desenvolvido nos concheiros mesolíticos de Muge, desde 1863 até ao final dos anos 60 do século XX, o qual originou mais de uma centena de trabalhos, persistem lacunas que importa colmatar: muito há ainda a fazer, desde a realização de estudos sobre muitos dos materiais arqueológicos recolhidos, que se mantêm inéditos, tanto nas colecções do ex-Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, como nas do Instituto Geológico e Mineiro em Lisboa, à publicação de documentação inédita produzida nos trabalhos realizados, passando pela contextualização macro e microespacial dos diferentes sítios arqueológicos do complexo, incluindo estudos de índole paleoecológica e paleoambiental, nesta que é uma das principais regiões áreas geográficas do Mesolítico Final europeu. Este trabalho surge, assim, com a intenção de divulgar muita da documentação acumulada desde 1863, cuja publicação se justifica plenamente, não só como contributo para a história da arqueologia portuguesa, mas ainda como importante documento científico, relevante para o conhecimento do Mesolítico do território português.

2 - HISTÓRIA DAS INVESTIGAÇÕES

2.1 - O Século XIX

Os concheiros do baixo vale do Tejo foram assinalados pela primeira vez em 1863, por Carlos Ribeiro, membro director da Comissão Geológica de Portugal. Em 1867, o próprio refere-se ao iní-

(1) Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa), coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras.

(2) Professor da Universidade Autónoma de Lisboa.

cio dos trabalhos nos seguintes termos (RIBEIRO,1867:714): " Lorsq'en 1860 s'agitait entre les savants la question de l'homme dans la terre, je me souviens d'avoir donné, comme membre directeur de la Commission Géologique du Portugal, des instructions aux collecteurs aux ordres de cette Commission, pour bien explorer les vallées du Tage et du Sado, dans le but d'y recueillir des données qui puissent jeter quelque lumière sur la question des oscillations de notre sol pendant la période post-tertiaire et nous éclairer sur celle de la présence de l'homme dans nos régions, dans les temps préhistoriques."

O primeiro concheiro identificado foi o do Arneiro-do-Roquete (Paul de Magos)⁽¹⁾, também conhecido sob o topónimo de Quinta da Sardinha⁽²⁾; seguiu-se o Cabeço da Arruda. No ano seguinte identificaram-se as estações de Fonte da Burra (Moita do Sebastião), Cabeço da Amoreira e Fonte do Padre Pedro⁽³⁾.

Eram estes os concheiros descobertos no século XIX na margem esquerda do vale do Tejo.

Para além de Carlos Ribeiro, também Francisco A. Pereira da Costa e Francisco de Paula e Oliveira⁽⁴⁾ se destacaram no estudo dos concheiros mesolíticos de Muge; os seus trabalhos serão objecto de caracterização pormenorizada em 2.1.2.

Em 1882, com o falecimento de Carlos Ribeiro, a direcção da então chamada Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal foi confiada ao seu adjunto, Nery Delgado, o qual encarregou, pouco depois, Francisco de Paula e Oliveira do recomeço dos trabalhos. O prematuro falecimento deste impediu que as escavações por este empreendidas se desenvolvessem; de tal propósito resultou somente pequeno mas importante estudo, publicado postumamente (OLIVEIRA,1889).

2.1.1 - Os sítios

São os seguintes os concheiros descobertos durante o século XIX na ribeira de Muge:

- margem esquerda de jusante para montante - Fonte do Padre Pedro (destruído) e Cabeço da Arruda.

- margem direita de jusante para montante - Moita do Sebastião e Cabeço da Amoreira.

(1) C. RIBEIRO, 1867, p.714 "Il a falu nos soins personnees, en 1863, pour réussir dans les premiers recherches ... j'en ai examiné d'abord le flarie gauche, depuis Alcochete, ... dans le lieu dit Arneiro-do-Roquete, beaucoup d'os" Esta é a primeira referência a um concheiro mesolítico do vale do Tejo. Ainda no que respeita ao papel de C.-Ribeiro no arranque e desenvolvimento dos trabalhos de campo na região de Muge, pudemos identificar no Museu dos Serviços Geológicos alguns materiais provenientes do Arneiro do Roquete, recolhidos e etiquetados por este investigador e datados de 1863.

(2) C. RIBEIRO, 1884, p.280. "Le premier de ces monticules que nous avons découpé, en Avril 1863, se trouve dans Quinta da Sardinha,...". Este arqueosítio corresponde ao concheiro do Arneiro do Roquete, localizado na Quinta da Sardinha (Apêndice, Documento nº3)

(3) Op.cit, nota 1, p.716:"Sur d'autres points de la vallée de Muge (Fonte da Burra, Cabeço da Amoreira, Fonte do Padre Pedro), à des distances de 4 kilomètres l'un de l'autre..."

(4) Francisco de Paula e Oliveira, capitão de artilharia, entrou para a Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal em 1886 (DELGADO, 1892).

Na ribeira de Magos foram identificados concheiros na sua margem direita - em Cova da Onça e Monte dos Ossos (topónimos do século XX), correlacionáveis com o topónimo de Quinta da Sardinha (PAÇO,1938). Sendo este topónimo equivalente do de Arneiro do Roquete (cf. caderno de campo de Carlos Ribeiro de 1863, transcrito parcialmente: Documento nº. 3) , concluiu-se que os três topónimos - Cova da Onça, Monte dos Ossos e Arneiro do Roquete - se referem, provavelmente, a um único concheiro, situado na margem direita da ribeira de Magos. A ser assim, não se confirmaria a equivalência do Arneiro do Roquete ao Cabeço dos Mórros, situado na margem esquerda da referida ribeira, como admitiram por H. Breuil & G. Zbyszewski (BREUIL e ZBYSZEWSKI,1947, nota 1).

Ali foram apenas realizadas algumas sondagens.

Os trabalhos efectuados nos diferentes concheiros do vale da ribeira de Muge foram, em contrapartida, muito mais extensos.

Fonte do Padre Pedro - notícia de sondagem efectuada em 3/5/80.

Cabeço da Arruda - campanhas efectuadas em 1863/64, 1880, 1884 e 1885.

Moita do Sebastião - campanhas efectuadas em 1880, 1884 e 1885.

2.1.2 - Os trabalhos publicados

Carlos Ribeiro pode considerar-se o pioneiro dos estudos arqueológicos no vale do Tejo. Em 1857, com a reorganização da Comissão Geológica de Portugal Carlos Ribeiro foi designado um dos seus co-directores, conjuntamente com F. A. Pereira da Costa⁽⁵⁾. A partir dessa data, iniciou-se a prospecção arqueológica sistemática das bacias do Tejo e do Sado, cujos resultados mais significativos se expressam pela identificação dos concheiros mesolíticos já referidos, a par da recolha, em diversos locais, de peças supostamente talhadas pelo "homem terciário"; estas duas temáticas viriam a constituir os assuntos portugueses mais importantes que foram discutidos na célebre IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, reunido em Setembro de 1880. Os congressistas ouviram uma comunicação de Carlos Ribeiro sobre os resultados das escavações até então realizadas e tiveram depois oportunidade de se deslocar ao local das mesmas (Cabeço da Arruda e Moita do Sebastião). Vale a pena transcrever o relato dessa excursão, publicado logo no ano seguinte por um dos participantes (COTTEAU,1881: 20-22), pelo pitoresco da mesma (outro relato também desenvolvido foi publicado por BELLUCCI (1884), nos *Compte-Rendu* do Congresso, p. 68-72):

"La seconde excursion, celle de Muge, est extrêmement intéressante, au point de vue du savant comme à celui du touriste. Un train spécial nous conduit en deux heures à Santarém.

En arrivant, nous trouvons toute la ville sur pied. Le conseil municipal, en costume et grands bâtons cuivrés à la main, est à la gare; des discours sont échangés; puis, escortés par la population

(5)Em 1857 é reorganizada a citada Comissão, sendo nomeados para a dirigir, com iguais atribuições, Carlos Ribeiro e Pereira da Costa, professor da Escola Politécnica, ficando como adjunto de ambos Nery Delgado.

qui nous acclame, et par la musique locale jouant la marche de Camoens, au milieu d'une double ligne d'oriflammes aux couleurs de toutes les nations et se prolongeant pendant près d'un kilomètre, nous rejoignons les bords du Tage qu'on traverse sur un pont en fer d'une immense étendue. En ce moment, le spectacle qui s'offre à nos regards est vraiment féerique. Le Tage, à l'entrée du pont, est dominé par une colline que couronne un vieux château arabe aux murailles crénelées. Les pentes de la montagne sont partout couvertes de monde, et, là, s'élaborent les fusées volantes, des pièces d'artifice qu'on entend pour ainsi dire sans les voir, et dont le bruit se mêle aux accords de la musique et aux cris de la foule. A droite et à gauche, à 30 ou 40 mètres au-dessous de nous, coule le grand fleuve dont les eaux sont basses à cette époque de l'année et que passent à gué les voitures qui doivent nous emmener et les cavaliers destinés à nous servir d'escorte. Ajoutez à cela un ciel d'un bleu limpide et transparent, et vous comprendrez l'émotion indéfinissable que nous ressentons tous.

En descendant du pont, encore inachevé, nous montons dans des voitures attelées de six et quelquefois huit mules avec postillon, et nous suivons d'abord une belle et large route bordée de hauts peupliers. De chaque côté s'étendent des vignes plantureuses rampant sur le sol et chargées de gros raisins mûrs qu'on est en train de vendager. Nous traversons successivement les villages d'Almeirim et de Benfica. Partout, les municipalités viennent nous recevoir; ce sont des arcs de triomphe, des drapeaux, des oriflammes. Les populations accourent sur notre passage dans leurs costumes aux couleurs voyantes et des plus pittoresques. Ce n'est pas seulement la ville de Santarém qui est debout, c'est la province tout entière. A chaque pas, notre cortège grossit, et bientôt plus de quatre cents cavaliers, montés, la plupart, sur de beaux chevaux noirs, caracolent et font la fantasia autour de nous. Des voitures plus ou moins élégantes, des véhicules de toute sorte à ânes et même à boeufs, des piétons, se mêlent aux cavaliers, et, en arrivant à Mugem, sur l'emplacement des fouilles, nous avons certainement avec nous de 2000 personnes appartenant à toutes les classes de la société.

Notre but était de visiter une de ces collines artificielles récemment découvertes en Portugal, composée de débris de cuisine, véritables *kjoekenmoeddings* qui ne diffèrent de ceux de la Suède et du Danemarck que par la nature des coquilles dont ils sont formés. La colline de Mugem a 100 mètres de longueur sur 40 ou 50 de largeur; ces amas de cuisine étaient aussi des sépultures et on y trouve fréquemment des squelettes.

Une profonde tranchée avait été pratiquée dans l'intérieur de la colline. Les squelettes, assez nombreux, rencontrés en fouillant avaient été laissés en place, dans la position même qu'ils occupaient, avec cette particularité que les jambes sont repliées de la même manière. Tout est parfaitement disposé pour étudier dans son ensemble et ses détails ce gisement curieux. Les membres seuls du congrès sont admis à descendre dans la tranchée. Quel tableau vraiment saisissant et que je n'oublierai jamais! D'un côté, les membres du congrès répandus dans les fouilles, les uns examinant cette masse énorme de coquilles accumulées (*Lutraria compressa* et *Cardium edule*) et cherchant à en extraire quelques rares ossements

ou quelques silex taillés, plus rares encore; les autres, portant toute leur attention sur les squelettes et sur leurs caractères anthropologiques, mesurant leur crâne, leur taille et notant la position qu'ils occupent, et puis, debout, tout autour de la tranchée, une foule pressée, silencieuse, attentive et dont les types et les costumes sont également très intéressants à étudier.

A quelle époque faut-il placer l'origine de ces *kjoekenmoeddings*? Il a fallu, sans aucun doute, un laps de temps très long pour que les hommes, qui en faisaient leur nourriture, aient produit cette accumulation incalculable de coquilles. La présence de nombreux squelettes épars dans l'ensemble du dépôt indique que ces populations ensevelissaient leurs morts au milieu des débris de leur cuisine. De l'absence de poteries et de haches polies on peut conclure que ces *kjoekenmoeddings* remontent au commencement de la période néolithique peut-être même à la fin de l'époque paléolithique. Des cailloux roulés et des lits onduleux de coquilles sont la preuve qu'à de certains intervalles les eaux du Tage, alors beaucoup plus rapprochées de la mer qu'elles ne sont aujourd'hui, ont envahi ces dépôts et les ont peu remaniés sur place.

Il était midi; l'heure était venue de gagner la tente du déjeuner vers laquelle depuis quelque temps se tournaient nos regards anxieux. On eût dit qu'une baguette magique l'avait transportée du désert d'Otta sur la colline de Mugem. C'était le même festin et les mêmes vins délicieux et glacés.

Un autre amas de coquilles, formé dans conditions identiques, se trouvait à quelques Kilomètres. Des fouilles y avaient été pratiquées, mettant à découvert, comme à Mugem, un certain nombre de squelettes. La chaleur était de plus en plus forte, et, avec beaucoup d'autres, je laissai les jeunes et les intrépides, sous la conduite de M. Cartailhac, le plus ardent de nos archéologues, visiter ces secondes fouilles.

Nous reprîmes le chemin suivi le matin. A la gare, où nous attendait depuis longtemps notre train spécial, de chaleureux adieux furent adressés aux habitants de Santarem et du district, qui nous avaient si bien accueillis, et à neuf heures nous étions, de retour à Lisbonne un peu fatigués de la chaleur et de la poussière, mais ravis de ce que nous avions vu."

A primeira das estações estudadas por Carlos Ribeiro, ainda que muito sumariamente, foi o Arneiro-do-Roquete⁽⁶⁾, conectável, como atrás se disse, segundo BREUIL & ZBYSZEWSKI (1947), com o concheiro do Cabeço dos Mórros; foi descoberto em Abril de 1863 (RIBEIRO, 1884, p. 280).

Face à impossibilidade de ali efectuar escavações, por opposição de proprietário, Carlos Ribeiro concentrou as atenções nos concheiros situados mais a montante, no vale da ribeira de Muge onde identificou os seguintes: Fonte do Padre Pedro; Cabeço da Arruda; Cabeço da Amoreira; e Moita do Sebastião (também designado por Fonte da Burra).

(6) C. RIBEIRO (1867:714) declara em apoio desta conclusão, o seguinte: "*Nous y avons rencontré ce qui suit: Une portion de crâne humain dont les surfaces étaient altérées et réduites à un calcaire tufacé, ayant encore adhérente une roche verte foncé, dure et composée de sable quartzéux; et quelques fragments de coquilles; 2.° Une phatange du pouce de l'une des extrémités inférieures humaines; 3.° Plusieurs os brisés, parmi lesquels figuraient des os longs et des côtes, etc.; 4.° Dents de Cheval, de Boeuf et des petits ruminants- 5.° Pincés d'Ecrevisse; 6.° Coquilles des genres, Buccinum, Nucula, Tellina, Tapes, Solen, Lutraria, Pecten, Cardium et autres.*"

Sucedem-se as primeiras sondagens no Cabeço da Arruda⁽⁷⁾, também por si empreendidas. Os promissores resultados ali obtidos incitam-no a regressar a Muge no ano seguinte. Com efeito, em 1864, deslocou-se de novo à região, por forma a prosseguir a exploração encetada no referido concheiro, considerado e como o mais importante de todos os por si explorados (RIBEIRO,1884, p. 282), cujo espólio antropológico foi cedido para estudo a Pereira da Costa⁽⁸⁾ (COSTA,1865). No ano de 1880, meses antes da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas se reunir em Lisboa, Carlos Ribeiro ordenou vastas escavações em superfície nos concheiros da Moita do Sebastião e do Cabeço da Arruda, de modo aos resultados poderem ser ainda observados pelos congressistas, como de facto aconteceu: disso é prova não só as litografias de fotografias de campo referentes a tais escavações (do Cabeço da Arruda) onde se observam numerosos esqueletos *in situ*, mas também o relato da visita então efectuada (BELLUCCI,1884, p. 68 e COTTEAU,1881).

Carlos Ribeiro dedicou depois os seus esforços no campo dos estudos arqueológicos à comprovação da existência da espécie humana no período terciário⁽⁹⁾. Esta preocupação, tornada prioritária no seu espírito, ocupou-o até à morte, ocorrida em 1882.

A comunicação apresentada ao Congresso de Lisboa (RIBEIRO,1884) constituiu importante síntese dos conhecimentos até então adquiridos sobre os concheiros do vale do Tejo. Começa por localizá-los no contexto geográfico da Estremadura portuguesa e na rede orográfica regional; em seguida, refere a probabilidade da existência de outros concheiros, bem como o seu possível desaparecimento por causas naturais ou humanas: na origem, ocupariam uma faixa não inferior a 20 km de comprimento por 5 km de largura. Fonte do Padre Pedro é a primeira jazida a ser descrita. Nela apenas foram feitas recolhas de superfície e sondagens limitadas, que proporcionaram a recolha de

(7) C.RIBEIRO (1867:715) "*Arrivé à Muge, ayant pris mes informations habituelles, on m'indiqua le Cabeço-d' Arruda comme un lieu où apparaissent des coquilles marines. J'y rencontrai eff plus grande partie, par des coquilles marines. A la suite de la recherche, je trouvai: 1.° Une phalange de l'une des extrémités inférieures d'homme, 2.° Ossements et dents de lapin et d'autres animaux, 3.° Une vertèbre de poisson et pinces d'Ecrevisse, 4.° Coquilles des genres Cypraea (rares), Murex, Buccinum, Solen (rare), Lutraria et Cardium, 5.° Quelques quartzites taillés des types trouvés dans d'autres localités. Charbon et cendres". De notar que nas observações feitas no Arneiro-do-Roquete não é referenciado qualquer tipo de material lítico, ao contrário do que sucede no Cabeço da Arruda.*

(8) Carlos Ribeiro (op. cit., p. 715) declara, a este propósito, o seguinte: "*Au nombre de ces restes découverts à Arruda, figurait une grande quantité de squelettes humains. J'ai laissé à M. F. A. Pereira da Costa, membre directeur de notre Commission géologique, le soin de décrire ces restes humains, en lui fournissant tous les éclaircissements que l'observation des faits m'avait suggérés sur le lieu même.*"

(9) C.Ribeiro, *Sur la position géologique des couches miocènes et pliocènes du Portugal qui contiennent des silex taillés* Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique, 6.°, Bruxelles, 1872- Compte-rendu, Bruxelles, 1873, p. 100-104, il., *ibid.*, *Sur les silex taillés, découverts dans les terrains miocène et pliocène du Portugal, Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*, 6.°, Bruxelles.,1873, p.95-100; *ibid.*, *Quelques mots sur l'âge de la pierre en Portugal, Congrès pour l'avancement des Sciences, Paris, 1878 - Compte-rendu, Paris, 1878, p. 894-911* *ibid.*, *L'homme tertiaire en Portugal, Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*, 91, Lisboa, 1880 *Compte-rendu, Lisboa, 1884, p. 81 - 118.*

material osteológico humano e de mamíferos ruminantes, a par de diversas espécies de fauna malacológica⁽¹⁰⁾. Por fim, é referida a existência de uma ocupação romana sobreposta ao concheiro. Segue-se o Cabeço da Arruda, a estação melhor estudada pelo autor e a que maior quantidade de material forneceu. Depois de descrita (forma, dimensões e composição do terreno) são sucintamente tratados os materiais arqueológicos recolhidos, tecendo várias considerações sobre os mesmos, especialmente sobre a produção dos materiais líticos e as condições de inumação dos esqueletos sob os locais de habitat⁽¹¹⁾, conjuntamente com as espécies detectadas de mamíferos e de moluscos. Na parte final, faz-se referência neste como nos outros montículos, à inexistência de cerâmica e de instrumentos de pedra polida, observada neste como noutros montículos, bem como aos tipos de "raças humanas" ali existentes .

Merece destaque a referência à macro-utensilagem, feita neste trabalho (RIBEIRO, 1884, p. 283): "On observe cependant ici que les hommes de nos kioekenmoeddings faisaient usage d'instruments en pierre grossière, dont les formes et le travail indiquent un état bien au-dessous de celui révélé par quelques instruments en pierre de l'âge paléolithique même. Et que l'on ne dise pas que les éclats de quartzite de toutes les formes et dimensions qui font partie de la masse du monticule, soient un produit naturel que le hasard y ait jeté; non, assurément: le sol tertiaire sur lequel reposent les kioekenmoeddings, est constitué par des grès fins, sans cailloux, est les morceaux de quartzite en question ont été apportés par les mêmes agents qui transportèrent les coquilles, le combustible, les animaux, les éclats et les couteaux en silex que nous y trouvons; c'est-à-dire, l'homme des kioekenmoeddings de la vallée du Tage alla chercher loin de cet endroit des cailloux de quartzite, qu'il cassa ensuite pour en utiliser les fragment, et les nucléus." Conclui-se, de maneira insofismável, o papel da macro-utensilagem no quotidiano destas populações, cuja importância foi desde logo reconhecida, pelo primeiro explorador dos concheiros. Estes mesmos materiais haveriam de ser valorizados e interpretados, de maneira análoga, por (BREUIL & ZBYSZEWSKI (1947, p. 45), na reanálise a que procederam das colecções nos Serviços Geológicos de Portugal.

Este artigo, praticamente, feito no final da sua vida, encerra uma obra científica que esteve na origem e desenvolvimento dos estudos arqueológicos em Portugal. Em apêndice (Documento n.º 1), transcreve-se, do Caderno de Campo, parte do derradeiro contributo de Carlos Ribeiro sobre as explorações efectuadas em Muge.

Pode dizer-se que a ligação de Francisco A. Pereira da Costa à Arqueologia começou com a sua

(10) "Ces coquilles appartiennent en générale à des bivalves des genres *Cardium*, *Ostrea*, *Tapes* et *Lutraria*, celles du dernier genre prédominant. Avec ces coquilles nous avons rencontrées os des ruminants, Cerfs, Bos, Ovis, etc., et un fémur humain..."

(11) *Op. cit.*, p. 286: "En voyant des foyers à différentes niveaux dans la paroi de la tranchée que nous avons fait creuser; foyers autour desquels ces hommes se groupaient pour faire leur repas quotidiens, il ne a pas lieu de croire qu'ils fissent les inhumations près de ces endroits- probablement ils choisissaient dans le kioekenmoeddings un endroit éloigné de 20 ou 40 mètres pour y enterrer les morts, et lorsqu'ils croiaient que les cadavres étaient consumés, ils allaient occuper de nouveau la surface du sol au-dessus des sépultures(...)".

nomeação para dirigir a segunda Comissão Geológica de Portugal, de parceria com Carlos Ribeiro, em 1857. Muito embora tenha sido o seu colega de direcção o responsável pela identificação e primeira exploração dos concheiros do vale do Tejo, deve-se a Pereira da Costa a primeira obra dedicada a estas jazidas (COSTA,1865), que é também a mais antiga das monografias arqueológicas publicadas em Portugal. Nela se evidencia a actualização dos conhecimentos do seu autor médico de formação), no domínio da Paleoantropologia da segunda metade do século XIX, aliás confirmada, três anos volvidos, por outra monografia de sua autoria, dedicada aos monumentos megalíticos portugueses (COSTA,1868), igualmente notável para a época. No âmbito da presente investigação, no Arquivo Histórico do IGM identificou-se manuscrito inédito, não datado, com letra de Pereira da Costa; trata-se de um raro documento, com correcções à mão, correspondente à versão original da monografia publicada, exemplar único do autor, que terá recolhido todos os seus escritos e pertences pessoais, aquando da dissensão com Carlos Ribeiro, a qual esteve na origem da dissolução da segunda Comissão Geológica, em finais de 1868.

A obra começa com uma análise das "condições do depósito em que se acharam os esqueletos no Cabeço da Arruda referindo, entre outros aspectos, os diversos níveis estratigráficos identificados e as suas características. Em seguida, menciona-se a existência de dois locais semelhantes ao Cabeço da Arruda, Porto da Amoreira e Fonte do Padre Pedro. Segundo o autor, o estudo químico dos restos osteológicos poderia, em outras circunstâncias, conduzir a conclusões positivas sobre a cronologia absoluta das ocupações; é de destacar tal considerando, que bem revela a sólida formação científica do autor, numa época ainda tão incipiente dos estudos pré-históricos⁽¹²⁾. Na parte final do texto faz-se o estudo descritivo e comparativo dos restos humanos, animais e materiais detectados no Cabeço da Arruda e em outros locais⁽¹³⁾. Assim termina o único estudo de Pereira da Costa dedicado a este tema. Em 1868 os já referidos desentendimentos entre este autor e Carlos Ribeiro⁽¹⁴⁾, levaram-no ao abandono da investigação na área da Pré-História. Carlos Ribeiro, ainda que discretamente, não deixou de, ulteriormente, reivindicar para si a prioridade das descobertas, obscurecida pela publicação, embora notável, de Pereira da Costa⁽¹⁵⁾, a que tinha, aliás, pleno

(12) " A análise química dos ossos encontrados em antigas sepulturas de datas conhecidas fez ver que estes órgãos perdem tres por cento da sua materia organica por século; não sendo porém os intervalos de enterramento dos diversos individuos apreciaveis em relação à grande duração de séculos decorridos..., é evidente que nenhuma diferença estado de alteração recorrendo à analyse de diversos ossos."

(13) Trata-se da primeira referência conhecida ao Cabeço da Amoreira.

(14) Tais desentendimentos revestem-se, hoje, de contornos muito mal definidos. A discrição de Nery Delgado, que certamente deles tinha conhecimento em pormenor não lhe permitiu quaisquer comentários, na bem elaborada notícia bio-bibliográfica que publicou de Carlos Ribeiro (DELGADO, 1906). É possível, porém, concluir que se tratou, na origem, de assunto da vida pessoal de Pereira da Costa.

(15) Apresenta-se a transcrição do texto original em Apêndice - Documento n.º2.

direito⁽¹⁶⁾. São significativas, a este propósito, as seguintes considerações, que não deixou de publicar, logo que a ocasião o permitiu (RIBEIRO,1871, p.1-2): "Foi à custa de não pouco trabalho e bastantes contrariedades, que no ano de 1863 e seguintes, descobrimos e fizemos colligir sob nossa exclusiva e immediata direcção...no Cabeço da Arruda, Salvaterra e outros logares dentro do valle do Tejo, como a maior parte dos numerosos objectos de arte humana pré-histórica que em 1868 se viam no museu da Comissão Geológica. (...) e em 1864 começamos nós a redacção de um trabalho descriptivo do terreno que então chamávamos quaternario, das bacias do Tejo e do Sado, e do qual em 1866 viu a luz publica o primeiro fasciculo. Entrava no nosso programa completar este estudo ...como tinhamos redigido em 1866 o trabalho que constitui a presente memoria. Fomos porém forçados a suspender este e outros trabalhos, para conjunctamente com outro collega da Comissão Geologica nos occuparmos principalmente do reconhecimento geologico geral do reino, e em seguida da coordenação dos elementos para o Relatorio sobre a arborisação geral do paiz, que foi publicado no principio de 1869. Quando concluiamos este trabalho, entendeu o governo por conveniente dispensar-nos de continuar com os estudos geologicos, ficando por esse motivo interrompida aquella nossa publicação."

Para se ter uma ideia de importância das escavações efectuadas nos concheiros de Muge por Carlos Ribeiro, basta recordar que ascende a 120 o número de sepulturas postas a descoberto nos concheiros de Cabeço da Arruda e Moita do Sebastião (RIBEIRO,1884, p. 285), facto então único para estações daquela época na Europa.

O último investigador com papel relevante na primeira fase dos estudos dos concheiros de Muge foi Francisco de Paula e Oliveira, capitão de artilharia, antropólogo e funcionário da Direcção dos Trabalhos Geológicos, de 1886 a 1888, ano do seu falecimento já quando a Instituição se encontrava sob a responsabilidade de Nery Delgado.

O primeiro estudo apresentado por este autor sobre o material osteológico dos concheiros do vale do Tejo, foi publicado nas actas da IX Sessão (Lisboa,1880) do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (OLIVEIRA, 1884). O autor publicou entre outros, alguns dos materiais recolhidos por Carlos Ribeiro no Cabeço da Arruda. Das comparações antropológicas efectuadas com materiais de outras estações europeias, o autor concluiu que eram anteriores a materiais descobertos em cavernas e sepulturas megalíticas. Concluiu ainda, pelo estudo dos ossos longos, que o "Homem de Muge" era de pequena estatura, deixando para o final a apresentação de diversos instrumentos em osso e material lítico do Cabeço da Arruda. Uma das observações mais relevantes deste trabalho consistiu na presença conjunta de dolicocefalos e braquicefalos, assunto que iria ser objecto de polémica entre Mendes Corrêa e H. Vallois, adiante referida, a só definitivamente encerrada por D.Ferembach (FEREMBACH,1974), ao publicar estudo detalhado do espólio antropológico da Moita do Sebastião.

O trabalho atrás referido, de Paula e Oliveira serviu de base à obra de E. Cartailhac (CAR-

(16) Ver Apêndice - Documento n.º 3: Caderno de Campo de Carlos Ribeiro, de 1863.

TAILHAC,1886), sobre tipo humano pré-histórico ali presente e o seu aumento de estatura, desta fase para o Neolítico⁽¹⁷⁾.

Em importante trabalho, publicado já postumamente (OLIVEIRA,1889), o autor historiou os trabalhos anteriormente produzidos, passando em seguida a descrever os trabalhos por ele realizados em 1884 e 1885 nos concheiros da Moita do Sebastião, Cabeço da Amoreira e Cabeço da Arruda, especialmente no primeiro, por incumbência de Nery Delgado. Apresenta considerandos sobre a fauna mamalógica, com destaque para o cão, que admitiu encontrar-se presente ainda no estado selvagem. Segue-se uma análise do material lítico, quer das peças em quartzito, quer das de sílex; são de salientar ainda as ideias que desenvolve acerca dos aspectos funcionais da utensilagem microlítica, ainda hoje pertinentes⁽¹⁸⁾. A utilização do fogo e a problemática do aparecimento da cerâmica são ainda questões de interesse por si discutidas⁽¹⁹⁾. As apreciações decorrentes do estudo da indústria lítica, com referência específica aos trapézios, bem como ao material ósseo, seguidas de comparação com outros locais e materiais neolíticos e paleolíticos, são conclusivas quanto à efectiva existência de um novo período na Pré-História⁽²⁰⁾. A parte final do trabalho é dedicada às inumações e ritos funerários, bem como às razões que levaram à escolha dos locais habitados por estas populações mesolíticas, terminando com breve análise dos esqueletos inumados. Ainda que correspondendo a estudo não exaustivo, esta contribuição de Paula e Oliveira para o conhecimento dos concheiros de Muge pautou-se pela originalidade, carreando novos elementos para a discussão, corporizando estudo de carácter verdadeiramente transdisciplinar, tendência que se viria a esbater, nos trabalhos de autores subsequentes sobre estas estações; assim se encerrava a época dos estudos pioneiros do século XIX dos concheiros do vale do Tejo, talvez aquele que mais e melhor informação até hoje produziu, tendo presente o intervalo cronológico em que decorreram os trabalhos de campo, de escassos 25 anos (1860-1885).

2.1.3 - As grandes questões debatidas

Partindo dos dados apresentados neste trabalho, ressalta a continuidade do interesse no estudo

(17) p. 321. "*Quoique les stations néolithiques aient fourni une quantité considérable d'os longs, ... On reconnaît cependant que leurs dimensions sont en général bien plus considérables que celle des os longs de Cabeço da Arruda: ainsi, dans l'intervalle écoulé entre l'époque des Kiokkemmoeddings et l'âge néolithique, la taille s'est accrue, de même que le volume des crânes*".

(18) p. 1. "*...une portion de petites lames plates de silex, de forme trapézoïdale: ces pièces assez abondantes ... probablement ont servi de barbelures ou armures de traits, harpons ou flèches*".

(19) p. 12-14. Referindo-se à impressão de matérias lenhosas em barro: "*... on peut observer sur quelques-uns des empreintes de branches ou des racine*", trata-se sem dúvida, de "barro de cabana" utilizado na consolidação das estruturas de habitat, de que falaremos noutra capítulo deste trabalho.

(20) p. 16. "*Selon M. de Quatrefages, les Kiokkemmoeddings - les portugais aussi bien que les danois - doivent caractériser une nouvelle période archéologique... - l'âge ou époque du chien - "*.

dos "concheiros de Muge", por parte dos investigadores e responsáveis da Comissão Geológica e organismos que lhe sucederam, durante boa parte da segunda metade do século XIX.

É de destacar o alto apreço que o mundo científico da época dispensou ao trabalho desenvolvido pelos arqueólogos portugueses em Muge. A prova de tal realidade encontra-se evidenciada na IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, reunida em Lisboa em Setembro de 1880, na qual a discussão dos resultados das explorações até então efectuadas em Muge constituiu um dos pontos mais importantes da Ordem de Trabalhos. Com efeito, importava situar os concheiros de Muge no quadro cultural dos tempos pré-históricos então vigente. Assim se compreende que uma das questões a debater no Congresso de 1880 (cf. *Compte-Rendu*, 1884, p.XI) fosse a seguinte:

"Comment se caractérise l'âge néolithique en Portugal?"

Dans les Kioekkenmoeddings de la vallée du Tage, etc, etc."

Carlos Ribeiro enfatizou, porém, nas conclusões do trabalho por si apresentado ao referido Congresso (RIBEIRO,1884, p. 289) que "On n'a jamais rencontré dans ces Kioekkenmoeddings le moindre indice de poterie qui puisse être attribuée à l'époque de leur formation", afirmação que é antecedida, por outra, não menos concludente (*idem, ibidem*): "On n'a encore trouvé dans aucun de ces Kioekkenmoeddings une seule hache ou autre object analogue en pierre polie, qui puisse rappeler ceux des dolmens et des stations humaines qui appartiennent à l'époque néolithique", do mesmo modo que não se identificaram animais domésticos, excepção feita a algumas mandíbulas de cão.

Estas afirmações indicavam claramente uma época ante-neolítica, para a formação dos referidos concheiros, cuja aceitação ainda era posta em dúvida por eminentes membros do Congresso, como E. Cartailhac (cf. *Compte-Rendu*,1884, p. 289, 290). A cabal demonstração daquela realidade, feita por Carlos Ribeiro teve, vista a cento e vinte anos de distância, uma importância científica muito maior que aquela que à época, lhe foi concedida, ao contrário do que viria a verificar-se com a questão do "Homem Terciário", a qual preencheu largo tempo de discussão no congresso, podendo considerar-se, mesmo, como o seu tema fulcral. Com efeito, não sendo paleolíticos, nem neolíticos, os concheiros de Muge deveriam ser integrados numa etapa cultural, então ainda não definida, mas para cuja creditação foram testemunhos essenciais.

Enfim, a culminar esta fase brilhante de arqueologia portuguesa e, em particular, do estudo do Mesolítico, deve salientar-se o trabalho de F. de Paula e Oliveira, que constituiu concisa e bem estruturada síntese das principais conclusões científicas obtidas pelo próprio, somadas às alcançadas pelos seus antecessores.

2.2 - O Século XX

Os principais concheiros descobertos no século XX, na região de Muge são os seguintes:

- na margem esquerda da ribeira da Fonte da Moça de jusante para montante – Vale da Fonte da Moça I e Vale da Fonte da Moça II (SANTOS *et al.*, 1990);

- na ribeira de Magos, foram identificados os seguintes locais (PAÇO, 1938):
- margem esquerda da ribeira de jusante para montante – Cabeço dos Mórros, Magos de Baixo (destruído) e Cabeço da Barragem (destruído);
- margem direita da ribeira – Magos de Cima (destruído).

O objectivo inicial de A. do Paço era a localização, no vale da ribeira de Magos, do concheiro da Quinta da Sardinha, que entretanto se perdera. Concluiu que este topónimo correspondia, na verdade, aos concheiros da Cabeço dos Ossos e Cova da Onça situados na margem direita da referida ribeira, que, na época de Carlos Ribeiro, se encontravam no perímetro da referida quinta, então ocupando área mais extensa (PAÇO, 1938). Anteriormente referiu-se a possibilidade do Arneiro do Roquete, topónimo referido por Carlos Ribeiro, poder ser equivalente dos dois concheiros em causa, situados muito próximos um do outro. Conforme declara A. do Paço (PAÇO, 1938, p. 6), "*O de Cova da Onça encontra-se quase todo destruído, e o seu material foi aproveitado nas obras de defesa do Paúl. O do Cabeço dos Ossos, muito revolvido pelas culturas, está quase todo ocupado por plantações de vinha*".

Todos estes concheiros foram localizados por Hipólito Cabaço; as respectivas características, localização e materiais arqueológicos recolhidos por aquele arqueólogo amador de Alenquer, tanto em rápidas prospecções como através de sondagens limitadas, foram apresentadas por Afonso do Paço no trabalho já referido. Em nenhum deles se efectuaram trabalhos arqueológicos de monta. Apenas no Cabeço dos Mórros, o único que escapou à destruição que atingiu os restantes (quasi sempre decorrentes de obras hidráulicas e de regularização do Paúl de Magos) se encetaram escavações, em 1997, que prosseguem, sob direcção de um de nós (J.M.R.), contradizendo a informação de BREUIL e ZBYSZEWSKI (1947, nota 1), que o davam como totalmente desaparecido.

No vale de ribeira de Muge, as investigações iniciaram-se depois de quarenta e cinco anos de interrupção, nos seguintes locais:

Cabeço da Arruda – campanhas efectuadas de 14/8/33 a 23/8/33 | 12/8/37 a 1/9/37 | 29/10/64 a 20/11/64 finalmente de 3/11/65 a 7/12/65. As duas primeiras foram realizadas sob a égide do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, por iniciativa e orientação de Mendes Corrêa, com a participação activa de Rui de Serpa Pinto e Santos Júnior e apenas deste último, após o falecimento do primeiro, ocorrido em 1933. As duas últimas campanhas (já na década de 60) foram dirigidas por Jean Roche e O. da Veiga Ferreira, com o patrocínio dos Serviços Geológicos de Portugal.

Cabeço da Amoreira – campanhas efectuadas de 4/8/30 a 23/8/33 | 29/9/30 a 2/10/30 (para preparação da visita realizada aquando do Congresso de 1930) | 29/7/31 a 21/8/31 | 7/8/33 a 28/8/33 | 11/1/62 a 23/2/62 | 21/10/63 a 13/11/63 | 28/10/64 a 20/11/64 e por último | 31/10/66 a 6/11/66. Tal como no concheiro do Cabeço da Arruda, tanto as campanhas realizadas na década de 1930 como as efectuadas na década de 1960, foram respectivamente realizadas pela duas equipas supra referidas.

Moita do Sebastião – campanhas efectuadas de 4/6/52 a 18/6/52 | 4/6/53 a 14/4/53 | e por fim 12/5/54 a 19/6/54 com o apoio do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto e dos

Serviços Geológicos de Portugal. A exploração integral do que restava deste concheiro, arrasado até à base, em 1952, pouco antes da primeira campanha ter lugar, para instalação de um complexo industrial de descasque de arroz, foi realizada por Jean Roche e O. da Veiga Ferreira.

No âmbito deste trabalho de índole essencialmente historiográfica, não cabe a descrição e análise dos trabalhos efectuados nas décadas de 1980 e 1990: ficam, deste modo, excluídos os concheiros de Vale da Fonte da Moça 1 e 2, bem como o concheiro do Cabeço dos Mórros.

2.2.2 - Os trabalhos publicados

O primeiro trabalho publicado no século XX, sobre os concheiros de Muge é da autoria de Aurélio da Costa Ferreira; tratou do material antropológico do Cabeço da Arruda (FERREIRA, 1907 a), logo seguido de outro, de conteúdo idêntico (FERREIRA, 1907 b).

Ambos se referem a características negróides evidenciadas, segundo o autor, por crânio do Cabeço da Arruda. Tal como pretendeu anteriormente Quatrefages, defendeu a possibilidade de uma "raça de Muge"⁽²¹⁾, suportada pela comparação de diversos índices deste crânio com outros encontrados em Muge e noutras estações europeias. Verificou-se, deste modo, a prioridade deste autor relativo a uma das questões antropológicas que viria a ser animada e mais amplamente debatida, nas décadas seguintes, sob a égide de A. Mendes Corrêa.

Mendes Corrêa é sem dúvida um dos expoentes da Antropologia Física da primeira metade do século XX em Portugal: a valia da sua actividade foi amplamente reconhecida internacionalmente (CARDOSO, 1999). Assim, não é de admirar que muitos dos seus trabalhos tenham sido dedicados ao estudo do material antropológico recolhido nos concheiros do Tejo, já então um dos conjuntos mesolíticos mais importantes, a nível europeu.

O início dos seus estudos antropológicos sobre Muge reporta-se a 1917 (CORRÊA, 1917). Com base no material conservado nos Serviços Geológicos de Portugal, discutiu, em primeiro lugar, a problemática, das origens neandertalóides do "Homem de Muge"⁽²²⁾, afastando tal hipótese após uma análise dos aspectos antropológicos e culturais⁽²³⁾, em que ela se baseava. Segue-se a caracterização geral dos aspectos sociais e materiais das populações mesolíticas do Tejo⁽²⁴⁾, defendendo ainda a proximidade dos dolococéfalos de Muge ao que chama de "*H. aurnacensis*", afastando simultaneamente

(21) Corrêa, 1917, p. 176 " ... ce qui me frappe le plus, ce n'est pas le fait d'avoir trouvé un negroïde dans le crâne de Arruda, mais ... d'avoir ... un type qui semble venir rendre de l'actualité et donne un point d'appui à la vieille prétention de Quatrefages, qui voulait voir dans quelques crânes de nos dolocéphales mésolithiques des éléments pour la création d'un type ethnique spécial - la race de Muge."

(22) p. 222-223. "...M. Hervé remarquait des affinités de quelques exemplaires préhistoriques portugais avec le type de Néanderthal,

(23) p. 224 "Je croyais bien qu'on n'a encore découvert une preuve irréfutable de la transition de l'homme de Néanderthal à Homo sapiens...."

(24) p. 225-229. De salientar a ideia de precaridade e atraso cultural em que decorreria a vida destas comunidades mesolíticas, durante muito tempo defendida por muitos investigadores: p. 226 " ... une existence précaire et misérable

a hipótese de ligação, quer retrospectivamente ao tipo de "Cro-Magnon", quer prospectivamente ao homem neolítico de "Baumes-Chaudes", avançando com a constatação da impossibilidade de ver as raízes do "português actual" nos vestígios antropológicos dos concheiros do Tejo. Este seu trabalho constituiu a base de toda a argumentação teórica, que iria desenvolver sobre o assunto, nos anos 20 e 30.

No seu entender, a população dos concheiros de Muge integraria um grupo "of meridional origin, agreeing with the route of Tardenoisian civilization" (CORRÊA, 1919 a, p. 122). As peculiares do tipo humano em causa, predominantemente dolicocefalo, justificaram a designação, por si proposta, de *Homo afer taganus*; os raros crânios braquicefalos encontrar-se-iam entre os mais antigos da Europa. Muitos anos volvidos, continuava a defender estas ideias (CORRÊA, 1951), bem como a presença de crânios braquicefalos, que H. Vallois (VALLOIS, 1930) tinha posto em causa, atribuindo-os, essencialmente, a deformações pós-deposicionais. A sua efectiva existência em Muge foi, porém, entretanto confirmada por A. Athaíde (ATHAÍDE, 1940), com base em estudo de um crânio do Cabeço da Arruda, oriundo das escavações de Mendes Corrêa e, mais tarde reforçada por D. Ferembach (FEREMBACH, 1974).

Em defesa da origem africana das populações mesolíticas de Muge declara (CORRÊA, 1919 b, p. 134): "O que é indubitável é que alguns dos primeiros habitantes da Ibéria tinham uma origem meridional, visivelmente africana, sendo impressivas as relações entre o Capsiense do Norte de África e algumas civilizações do Paleolítico Final e do préneolítico do sudoeste europeu".

Este ponto de vista foi mantido em trabalhos ulteriores, sendo mesmo apoiado por abalizados antropólogos, que, tal como Mendes Corrêa, identificavam, nos crânios de Muge, características negróides (HERVÉ, 1930). Estas, porém, foram apenas invocadas por aquele, a par de outras (australóides e pigmóides), assinalando unicamente a posição sistemática deste grupo humano no bloco das "raças" equatoriais, por oposição às boreais (CORRÊA, 1936).

No mesmo ano em que HERVÉ (1930) defendeu a existência de características negróides na população de Muge, H. Vallois (VALLOIS, 1930) publicou artigo que não só contrariava tal hipótese, mas também a afirmação de Mendes Corrêa, de não terem aquelas quaisquer afinidades com a raça de Cro-Magnon, ou seja, com um "fundo" antropológico europeu, no qual teriam naturalmente origem, dele fazendo parte integrante. Desta diferença de opiniões resultou polémica entre os dois eminentes antropólogos, vindo a razão, com o tempo, a pender para o lado do antropólogo francês. Mas a opinião de Mendes Corrêa manteve-se inalterada quase até ao fim da sua vida. Apenas em 1956, ao estudar cinco crânios da Moita do Sebastião, exumados nas escavações efectuadas naquele concheiro por J. Roche e O. da Veiga Ferreira, aceitou a probabilidade de a população correspondente poder integrar-se no conjunto humano de tipo mediterrâneo actual, sem contudo deixar de salientar a necessidade de aprofundar tal questão, que não considerou então completamente resolvida (CORRÊA, 1956). Com efeito, a p. 137 declara: "Pourrions-nous admettre que *l'Homo taganus* à Moita do Sebastião, tout en conservant dans quelques cas ses caractères primitifs commençait déjà à montrer une tendance évolutive vers les Méditerranéens actuels? C'est une hypothèse conforme à

celle, que nous avons toujours admise, d'une évolution de l' *Homo taganus* vers les Portugais modernes". Esta última afirmação é capciosa: já atrás se referiu a opinião inicial de Mendes Corrêa no respeitante a tal questão, contraditória com o texto ora transcrito. Os trabalhos que, ulteriormente se efectuaram confirmaram a opinião de H. Vallois, ao apontarem para a existência de caracteres protomediterrâneos na população de Muge, onde os indivíduos cromagnóides também ocorrem, ainda que sejam de menor tamanho e mais gráteis que as formas clássicas do Paleolítico Superior francês; mestiços entre ambos os morfotipos referidos completam o quadro detectado na Moita do Sebastião, o único conjunto até ao presente objecto de desenvolvido estudo antropológico (FEREMBACH, 1974, p. 135).

No início da década de 1930, convicto das suas ideias, Mendes Corrêa decidiu encetar novas explorações nos concheiros de Muge, possibilitando a recolha de novos materiais antropológicos, susceptíveis de as confirmar, até porque a polémica com H. Vallois, entretanto aberta, requeria a existência de mais e melhores dados, que só a realização de escavações poderia proporcionar. O primeiro ciclo das escavações dirigidas por Mendes Corrêa desenrolou-se no concheiro do Cabeço da Amoreira, o qual tinha sido apenas objecto de sondagens limitadas no século XIX. Ali se efectuaram as campanhas de 4 a 23 de Agosto de 1930 e de 29 de Setembro a 2 de Outubro do mesmo ano, de modo aos participantes do XV Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas, reunidos em Portugal (em Setembro daquele ano) poderem apreciar a estação em curso de exploração: exactamente o mesmo procedimento tinha sido adoptado por Carlos Ribeiro nos concheiros da Moita do Sebastião e do Cabeço da Arruda, cinquenta anos antes, por ocasião da visita dos congressistas da IX Sessão do mesmo Congresso, então reunida em Lisboa. Tem interesse reproduzir o processo verbal da visita então efectuada por um grupo de participantes, sob orientação de Mendes Corrêa, no dia 1 de Outubro de 1930 (N/A, 1931, p. 31-32): "No Cabeço da Amoreira detiveram-se longamente, assistindo aos trabalhos, examinando os cortes efectuados e as condições do terreno, e analisando algumas peças descobertas pouco antes, especialmente um esqueleto humano, descoberto precisamente nessa manhã, e que o Sr. Dr. Joaquim dos Santos Júnior, assistente do Instituto de Antropologia do Porto e colaborador nas escavações, isolara cuidadosamente, conservando-o, porém, ainda in situ na ocasião da visita(...). Do alto do Cabeço (...) puderam os Congressistas assistir ao empolgante espectáculo da lide, por campinos a cavalo, duma manada de gado bravo, da qual foi separada um touro (...). Já em 1880, por ocasião da visita dos membros do Congresso de Lisboa a Muge, idêntico espectáculo fora proporcionado aos congressistas de então (...). Ao anoitecer, o grupo excursionista voltou para Santarém, jantando no Hotel Central e recolhendo depois a Lisboa, sob a mais grata impressão desta jornada final do Congresso." O caderno de campo de Mendes Corrêa (letra do próprio) assinala, com efeito, nesse dia as seguintes descobertas, que na íntegra se transcrevem, até para se aquilatar da qualidade dos respectivos registos: " Em 1 d'Outubro passa-/se á camada profunda/do 5ºtroço de FG e/ começou-se a média/do 5ºtroço de GH e/a média do 5ºtroço/de JK.Suspendeu-se/a escavação de AB,/6ºtroço de que falta a cama-/da profunda./Cerca das 13 horas/ apareceu a meio da/linha de separação/entre o 5ºtroço

de/GH e o de HI, a/40 cm de profundi-/dade um esqueleto dum/adulto masculino/com o crânio fractu-/rado (post-mortem),/em decúbito lateral,/com o dorso para E,/a cabeça caída para/tras, os pés para/N., os membros pro-/fundamente flectidos, os/joelhos a 20cm do/hombro. Fez-se cro-/quis e fotografias./Trabalhou-se duran-/te parte dessa tar-/de e em 2/no isolamento e/ extracção do esque-/leto, o qual foi/visto pelos congressistas/que visita-/ram Muge comigo/na tarde de 1./Vê-se bem/aparecer/o lado direito do/individuo, o crâ-/nio, a clavícula,/a omoplata, o hume-/ro, o radio e cubi-/to, a rotula, o fe-/mur, a tibia (partida/em 2 pontas), o calcâ-/neo, os ossos do pé,/muitas vertebras e coste-/las, um pedaço do/iliaco./Os congressistas/que vieram comigo/ em 1 foram Bégouen/Pittard, mulher e filho,/Miss Liley,/Nicolaes-/cu, Vayson de Pra-/denne e mulher, Si-/ret, Reygasse, Jalhay,/Pires (=Pires Soares), Vallois e mulher, Rellini, Benoit./Levaram quasi to-/dos alguns micró-/litos, ossos, con-/chas, quartzites,etc./de AB e FG."/ É curioso verificar que a prática de deixar à disposição dos visitantes a recolha dos materiais arqueológicos, que deste modo seria inviável recuperar para estudo, foi anteriormente observada no Congresso de 1880: o que hoje em dia parece criticável, fazia parte, por certo, dos padrões normais da época.

No ano seguinte (1931), as escavações efectuaram-se entre 29 de Julho e 21 de Agosto, depois entre 7 e 28 de Agosto de 1933 e, finalmente, em Agosto e Setembro de 1937 mas então já, apenas, no concheiro do Cabeço da Arruda (CORRÊA, 1951). Três cadernos de campo a que um de nós teve acesso (J.L.C.), adquiridos aquando da venda da biblioteca de Mendes Corrêa na década de 1960 e que actualmente integram o espólio deixado pelo Doutor O. da Veiga Ferreira: um, de 1930, outro de 1930-1931-1933; o último, de 1937, mostram que, tanto Rui de Serpa Pinto (até 1933, ano do seu falecimento) como J.R. dos Santos Júnior participaram activamente nas escavações, tendo mesmo assumido a orientação dos trabalhos de campo.

Os primeiros resultados de tais trabalhos foram apresentados em 1931 (CORRÊA, 1933a), na já referida XV Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, reunida em Coimbra e no Porto, meio século volvido sobre a data da célebre IX Sessão, ocorrida em Lisboa. Referem-se ao concheiro do Cabeço da Amoreira⁽²⁵⁾. Apresentam-se as técnicas de escavação utilizadas, a descrição estratigráfica dos cortes, a análise sumária da fauna malacológica e mamalógica e a do material lítico e ósseo. Na parte final, e em resposta às teses de H. Vallois, o Autor expõe resumidamente a sua teoria sobre o *Homo taganus*, referindo-se ainda a controvérsia relativamente à possível existência de braquicéfalos em Muge.

Em novo artigo (CORRÊA, 1933b), intitulado "Les migrations préhistoriques" (conferência proferida na Escola de Antropologia de Paris, em Abril de 1931) definiu, desenvolvidamente, o seu *H. afer taganus*, quer quanto às origens⁽²⁶⁾, quer no que respeita ao seu estatuto. Por outras palavras, as doutri-

(25) p. 357 "Parmi les "Kiokkenmoeddinger" de Muge, celui de Cabeço da Amoreira a été choisi, ... puisque les chercheurs antérieures n'y avaient réalisé que des sondages très limités

(26) Mendes Corrêa é um defensor da teoria da "invasão capsense", a qual se coadunava com as suas concepções antropológicas, quanto às origens do "homem de Muge". A p.21-22 refere: "les envahisseurs capsiens et leurs successeurs aziliens, et tardenoisien ... se sont plus au moins fusionnés avec les éléments qui les avaient succédés sur place."

nas de índole arqueológica, então defendidas por arqueólogos espanhóis e franceses, segundo as quais teria havido influência norte-africana no Epipaleolítico-Mesolítico peninsular tinham na teoria antropológica de Mendes Corrêa o seu natural contraponto, confirmando-se mutuamente. Naturalmente já então havia arqueólogos que, baseados em outros argumentos, assim não pensavam. De entre os peninsulares, destaca-se Manuel Heleno. As explorações que efectuou na região de Rio Maior permitiram-lhe verificar, nos sucessivos conjuntos industriais do Paleolítico Superior ali identificados, a ausência das referidas influências africanas as quais, porém, só eram invocadas pelos que as defendiam para fases culturais mais tardias que as ali identificadas por Manuel Heleno⁽²⁷⁾. Assumindo-se, no plano arqueológico, opositor de Mendes Corrêa, M. Heleno procurou aproveitar-se das supostas dissenções então criadas entre aquele e H. Vallois para, "sem ideias preconcebidas"(CARDOSO,1999) também ele pode iniciar escavações nos concheiros de Muge em 1932/1933, já depois de o primeiro ali ter começado os trabalhos (1930/1931), com o argumento de o Museu Etnológico, por si dirigido, ainda não possuir materiais ilustrativos dessa época. Para o estudo do material antropológico que viesse a recolher; era propósito de M. Heleno convidar o próprio H. Vallois... no que foi então duramente criticado por antropólogos portugueses (CARDOSO,1999). O epílogo desta tentativa de M. Heleno em inferiorizar o trabalho de Mendes Corrêa, foi dado pelo próprio Vallois, ao dirigir uma carta ao visado, que este publicou, desdramatizando as divergências existentes entre ambos (cf. Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 6 (1), p. 55-57). Com efeito, em trabalho publicado pouco depois (CORRÊA, 1936), esboça-se uma aproximação das suas ideias às defendidas por Vallois⁽²⁸⁾, ao mesmo tempo que parece modificar-se a opinião anteriormente expressa quanto às origens culturais capsenses⁽²⁹⁾ das populações de Muge, embora refira que raça e cultura não se sobrepõem obrigatoriamente.

Os contributos de Mendes Corrêa estenderam-se à caracterização arqueológica da região envolvente dos concheiros. Nas Actas do Congresso de Pré e Proto-história, integrado na série de Congressos do Mundo Português realizados em 1940, publicou uma visão de conjunto sobre as últimas descobertas feitas na margem esquerda do Tejo (CORRÊA,1940). Relativamente aos concheiros dá notícia de um crânio braquicéfalo descoberto no Cabeço da Arruda⁽³⁰⁾, o qual vinha, segundo o

(27) M.HELENO (1948, p.494) exprime claramente o seu ponto de vista, a este propósito:"No estado actual da ciência não é portanto de aceitar a origem africana do grimaldiense de Rio Maior: E porque ele é a base do tardenoisense de Muge (Ribatejo) onde se encontram as ossadas do Homo Taganus, concluiremos finalmente que as recentes investigações não autorizam a origem africana desta indústria, antes apoiam a filiação europeia dos nossos mais remotos antepassados."

(28) "... Vallois ... apenas divergiu na classificação de alguns caracteres (nem sempre uniformemente classificados pelos autores) e na interpretação de alguns resultados gerais, sendo, porém, esta divergência mais aparente do que real..." e mais adiante, p.50 : " ... Quant à la position des dolichocéphales de Muge ... les divergences entre son opinion et la mienne me paraissent en grande partie (quoique pas en totalité) une question de mots".

(29) p.51:" ... a propósito da origem do ((Homo taganus), que recentemente alguns autores, como Vauffrey e sobretudo Laurent Coulonges, se manifestam contra a doutrina de Breuil, Obermaier, Bosch, etc., da ascendência capsense, africana, da cultura tardenoisense, como é a que se encontra nos concheiros de Muge."

(30) O referido crânio foi publicado por Alfredo Athaide (ATHAÍDE 1940, p. 627-65 1).

autor, provar de forma incontestável a existência de braquicéfalos, ulteriormente confirmada. Dá ainda notícia de sondagem efectuada por Hipólito Cabaço (PAÇO,1938) no concheiro do Cabeço dos Morros (ribeira de Magos)⁽³¹⁾. Porém, a parte mais interessante deste trabalho corresponde à discussão da integração cultural e respectiva cronologia das indústrias de base macrolítica, executadas sobre seixos de quartzito existentes em estações das imediações dos concheiros. Embora reconhecendo o carácter inquestionavelmente paleolítico de algumas dessas estações – como o Cabeço da Mina, onde praticou as primeiras escavações efectuadas em Portugal numa estação de ar livre da época paleolítica – a tipologia afim da dos picos asturienses de algumas peças recolhidas á superfície merece-lhe judiciosas considerações, considerando-as pós-paleolíticas. Estava, sem o saber, a tocar numa das mais discutidas e controversas questões, ainda hoje não completamente esclarecida: a questão do estatuto e cronologia das indústrias vulgarmente designadas por "languedocenses".

O conhecimento antropológico das populações mesolíticas de Muge interessou outro investigador de renome, o Professor de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa, M. B. Barbosa Sueiro. Os seus contributos centraram-se em questões anatómicas específicas. É o caso de artigo datado de 1924 (SUEIRO,1924), dedicado ao estudo do buraco olecrânio do húmero, baseado em exemplares de vários concheiros. Manteve estreitos contactos com Mendes Corrêa, nomeadamente através de correspondência, com interesse na polémica que aquele manteve com Vallois.

Data de 1934 estudo sobre um sacro humano do Cabeço da Arruda, ao qual se sucede, no mesmo ano, um outro, onde apresenta a análise exaustiva, ao nível das medidas, descrição e comparações entre diversos exemplares (SUEIRO, 1934a,1934b).

Ainda na mesma década, publicou em co-autoria estudo sobre a platicnemia das tibias (SUEIRO & FERNANDES,1933), não apresentando, porém, conclusões definitivas sobre o assunto.

A derradeira contribuição deste autor, publicada muitos anos depois, versa sobre Paleopatologia, com base em observações feita em diversas mandíbulas (SUEIRO & FRAZÃO, 1959). Trata-se de interessante contributo para a reconstituição da vida daquelas populações pré-históricas. As observações sobre as hipoplasias e desgaste existentes no material examinado, foram relacionadas com o tipo de regime alimentar⁽³²⁾.

Alfredo Athayde foi outro antropológico que se dedicou ao estudo dos restos humanos de Muge. Pertencente à equipa de Mendes Corrêa, publicou dois artigos sobre a referida temática. O primeiro,

(31) p.124, *fazem-se referências ao material recolhido por H.Cabaço e J.F.Cadete, bem como a algum existente no Museu Antropológico do Porto:* " ... o novo concheiro do Cabêço dos Morros ... várias indicações relativas ao resultado das sondagens ali feitas ... faquitas de sílex, classificar-se-iam micrólitos trapezoidais, um triângulo isósceles com uma espécie de pedúnculo lateral ... um crânio humano, ... algumas quartzites lascadas, ... restos esqueléticos humanos ... fauna malacológica... e terrestre... por alguns sílices pigmeus trapezoidais, pequenas lâminas e núcleos de sílex ... quartzites"

(32) p.207:" ... conforme a opinião de Boule... movimentos de propulsão e retropulsão mandibular ..., implica, ... que o regimen alimentar era mais vegetariano do que carnívoro; quanto a nós, além do regimen vegetariano, deve acrescentar-se , ... a alimentação com mariscos...Os grãos de areia fina, que abundariam nos mariscos, teriam certamente uma acção grande, a determinar os desgastes dentários..."

a que já anteriormente se fez referência (ATHAÍDE, 1940), versa sobre 5 esqueletos, dois do Cabeço da Amoreira e três do Cabeço da Arruda⁽³³⁾, destaca-se a identificação de um crânio braquicéfalo, reforçando deste modo a opinião de Mendes Corrêa por oposição à de Vallois, vindo ainda em defesa do primeiro, no que respeita à existência do *Homo afer taganus*. Neste mesmo ano, H. Vallois (VALLOIS, 1940) publicou novo contributo, que ainda mais evidenciava a falta de sustentabilidade científica dos trabalhos dos seus opositores.

O segundo artigo de A. Athaíde (ATHAÍDE, 1950) consiste na comprovação de alguns aspectos do artigo anterior. Após análise mais aprofundada, concluiu que o crânio nº 2 do Cabeço da Arruda, já por si antes referido, possuía índice cefálico superior ao então calculado, reforçando deste modo as suas características braquicéfalas.

Antropólogo francês de renome, Henri Vallois dedicou dois artigos, já referidos (VALLOIS, 1930, 1940) ao estudo do material de Muge. No segundo dos citados trabalhos, resume os seus conhecimentos e opiniões anteriores, a saber: dolicocefalia do "Homem de Muge"; origem do tipo antropológico do português actual; inexistência de braquicéfalos⁽³⁴⁾; desenvolvimentos diferenciados ao nível dos membros superiores e inferiores⁽³⁵⁾, número de esqueletos masculinos e femininos aproximadamente igual e esperança média de vida situada entre os 20 e os 40 anos. A partir destas constatações, procurou situar o "*Homem de Muge*", entre as populações mesolíticas da Europa e Próximo Oriente, repartidas por 5 grupos⁽³⁶⁾; a origem das populações de Muge relacionar-se-ia com os "cro-magnon orientaux"⁽³⁷⁾. A terminar declarou a impossibilidade de Mendes Corrêa em comprovar a sua teoria, da origem africana ou, ao menos, equatorial, da população de Muge, pelo simples facto de não se conhecerem elementos em seu apoio.

Rui de Serpa Pinto, falecido em 1933 com apenas 25 anos, foi sem dúvida o principal pilar de Mendes Corrêa, no reinício das escavações nos concheiros de Muge no ano de 1930. A. Huet de Bacelar Gonçalves, a seu respeito, declara: "...foi uma personalidade que marcou profundamente a geração arqueológica com que privou e da qual sobressaiu pelos seus dotes de inteligência e grande

(33) O material estudado é proveniente das escavações realizadas em Muge durante os anos 30, em 4 campanhas. Nelas foram recolhidos cerca de 1 ou 2 esqueletos em cada um dos concheiros, sendo a escolha feita a partir destes conjuntos.

(34) p.613-614: "Un examen minutieux de tous ces spécimens montre, qu'en réalité, leur brachycéphalie n'est qu'une conséquence de la déformation.

(35) p.614-615: "Un autre caractère est le développement relatif de la jambe par rapport à la cuisse, et surtout de l'avant bras par rapport au bras."

(36) p.617-618: "Le premier est le type brachycéphale d'Ofnet ... le deuxième ... le type dolicho-mésocéphale de Téviac ... le troisième ... le type dolichocéphale d'Ofnet ... Le type dolichocéphale de Muge ... le quatrième ... Le cinquième groupe ... le type dolichocéphale natufien..."

(37) p.622-623: "Il faut, en particulier, isoler comme sous-groupe indépendant l'ensemble des Hommes de Brno, Lautsch et Combe-Capelle (c'est à dire les Cro-Magnon "orientaux", ... Le fait essentiel c'est que c'est lui, et non le type de Cro-Magnon classique, qui s'apparente aux Hommes de Muge."

cultura. (...) desde muito jovem manifestou uma predilecção especial pelas ciências humanas, em particular pela arqueologia."(GONÇALVES, 1986).

O ano da sua nomeação como assistente de Ciências Geológicas da Faculdade de Ciências do Porto, em 1930, coincide com o início da 1ª. campanha de escavações no concheiro do Cabeço da Amoreira, dirigida por Mendes Corrêa. Mas os afazeres deste, não lhe permitiam acompanhar permanentemente os trabalhos de campo, razão pela qual foram Serpa Pinto e Santos Júnior, à época assistentes de Antropologia de Mendes Corrêa, quem dirigiram efectivamente e em alternância os trabalhos em Muge, entre 4 e 23 de Agosto daquele ano⁽³⁸⁾.

Logo no ano seguinte, Serpa Pinto dedicou dois trabalhos aos resultados das escavações efectuadas no Cabeço da Amoreira (PINTO 1931a, 1931b). No primeiro trata, de modo sintético, da fauna malacológica⁽³⁹⁾, material lítico⁽⁴⁰⁾, peças de adorno⁽⁴¹⁾ e material antropológico⁽⁴²⁾. O breve parágrafo de conclusões, espelha os conceitos vigentes na época, sobre os concheiros do vale do Tejo⁽⁴³⁾. No segundo, o autor englobou já os trabalhos realizados no ano de 1931 no Cabeço da Amoreira; nele inventariou os concheiros até então conhecidos na ribeira de Muge e referenciou dois outros na margem direita do Tejo, mais a jusante: Camarnal-Alenquer e Casal da Amendoeira-Carregado. As considerações acerca da obtenção das matérias-primas para a produção de peças líticas detêm ainda evidente interesse, como contributo para o conhecimento da área de captação de recursos dos estabelecimentos humanos situados ao longo da ribeira de Muge. A este propósito, indica, como fonte

(38) Os trabalhos sobre Rui de Serpa Pinto, publicados por A.A.H.B. Gonçalves são, entre outros, os seguintes:

GONÇALVES, A.A.H.B. 1993. O Eng. Dr. Rui Correia de Serpa Pinto. Estudo bio- bibliográfico. *Arqueologia (Porto)* 7:1-7.

idem 1983. Rui de Serpa Pinto e a sua colaboração no jornal poveiro ((*A Voz do Crente*)). *BoL Cult. Póvoa de Varzim* 22:5-14.

idem 1983-1984. Rui de Serpa Pinto - O homem e a obra. *Portugalia - Nova Série. Porto.* 4/5:9-11.

idem 1984. Inéditos de Rui de Serpa Pinto. *Arqueologia (Porto)* 9:122-127.

idem 1984. Notas arqueológicas de Rui de Serpa Pinto sobre o litoral entre Douro e Vouga. *Actas Jor. Hist.Local Reg. V.N. Gaia* 2:73-82.

idem 1984. Antologia dos artigos de Rui de Serpa Pinto publicados no jornal poveiro ((*A Voz do Crente*)). *Bol.Cul. Póvoa de Varzim* 23:549-601.

idem 1986. Inéditos de Rui de Serpa Pinto sobre as escavações arqueológicas de Muge. *Trab.Soc.Port.Antrop.Etnol.* 26:211-229.

(39) p.328: "... les déchets de nourriture, composés presque totalement par des coquilles marines (surtout *Cardium edule* et *Scrobicularia plana*)..."

(40) p.329. O autor faz um breve resumo do tipo de matéria-primas e tipologias identificadas, não deixando de se posicionar dentro das ideias comumente defendidas na época, : "L'abondance de nourriture facilitant l'établissement de ces pauvres peuplades"

(41) p.329: "Des ornements constitués de coquilles ... plus rares sont les pendeloques fabriquées de grosses dents ou de petits galets plats"

(42) p.329: "... on avait recueilli plusieurs fragments osseux et un squelette accroupi," "Trata-se do esqueleto posto a descoberto por Santos Júnior, a que Mendes Corrêa faz referência no seu caderno de campo, conforme a transcrição apresentada neste estudo.

(43) p.329: "Nous sommes en présence d'une culture capsio-tardenoisienne d'origine nord- africaine..."

mais próxima da origem do sílex uma mina existente entre o Carregado e Alenquer, admitindo a possibilidade de este ser obtido através de trocas comerciais. Finalmente, admitiu que a dificuldade na aquisição do sílex fosse a principal causa da utensilagem lítica ser de tipo microlítico, hipótese que, hoje, se afigura apenas com interesse histórico, como outras apresentadas neste estudo. Deve referir-se, a propósito, que já muito antes, Carlos Ribeiro tinha registado a ausência de sílex, como matéria-prima, nos locais dos concheiros, "...et que pour l'obtenir, l'homme a dû être obligé de passer le Tage or de le recevoir par le trafic avec des tribus d'autres contreés"(RIBEIRO, 1884, p. 283-284), situando-as na região de Santo Antão do Tojal e de Runa⁽⁴⁴⁾; trata-se, afinal, de discussão em tudo idêntica à apresentada por Serpa Pinto cinquenta anos depois...mas que C. Ribeiro levou mais longe: de facto, preocupou-se igualmente com a fonte de abastecimento das plaquetas de arenito fino, aproveitadas para o esmagamento de corantes e outros produtos, que localizou no Jurássico Superior da região de Arruda dos Vinhos, também na margem direita do Tejo.

Serpa Pinto terminou a sua segunda contribuição sobre o Cabeço da Amoreira com uma análise tipológica de três núcleos, e uma breve referência ao material de tipo microlítico, concluindo, como outros na sua época, pelas origens capsenses da indústria lítica de Muge⁽⁴⁵⁾. O seu último trabalho (PINTO, 1932), versa a indústria lítica do concheiro do Cabeço da Amoreira, objectivo já anunciado no segundo estudo de 1931. A análise do material lítico leva-o a dividi-lo em "instrumentos reto-cados" e "instrumentos sem retoque", critério que se pode considerar inovador para a época (adaptado de Pittard). Em relação ao primeiro grupo, considerou três tipos: triângulos, trapézios e lâminas com entalhes. O restante material foi dividido em 5 grupos: lâminas, pontas, lascas, núcleos e cristais⁽⁴⁶⁾. Manteve pontos de vista anteriores, relacionando a indústria lítica de Muge com o Capsense. De um ponto de vista mais geral, detêm ainda interesse os considerandos sobre a idade e paleoecologia do concheiro do Cabeço da Amoreira que apresentou, baseados em bons dados de terreno, obtidos segundo metodologia cuidadosa, bem evidenciada no pormenor dos diários de campo de Serpa Pinto relativos aos anos de 1930 e 1931, transcritos na íntegra em apêndice (Documentos nº 4 e 5)⁽⁴⁷⁾. A este propósito, é de referir que, já anteriormente, Mendes Corrêa havia apresentado na XV Sessão (Paris, 1931) do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas (CORRÊA, 1933), diversos considerandos a tal propósito, cuja essência tem interesse deixar registada. Assim, a menor diferença de cotas do concheiro do Cabeço da Arruda relativamente

(44) *No que foi seguido por Serpa Pinto: PINTO, 1931b, p.220*: "...peut-être dans les couches miocènes de Santo Antão do Tojal ou de Runa, et à Ota aussi dans les couches miocènes des environs de Carregado e Alenquer

(45) p.221: "...nous bornons à la description des trois pièces... qui permettent de signaler pour le Capsien..." e mais à flente: "... dans une autre note sera présenté la très riche outillage microlithique capsien..."(p.222).

(46) p.54: "... que serviriam talvez para adôrno."

(47) GONÇALVES 1986, p.221-225, publicou um texto inédito de Serpa Pinto, em francês, que é muito semelhante ao artigo em apreço.(ver nota 38).

ao nível de base local, representado pela ribeira de Muge, face às cotas do Cabeço da Amoreira, levaram o autor a admitir a maior antiguidade deste último; em abono desta conclusão invocou também argumentos arqueozoológicos e arqueológicos. Assim, recordou a frequência crescente de *Mytilis edulis*, nos concheiros das Astúrias, dos níveis mais antigos para os mais modernos, salientando a ausência desta espécie no Cabeço da Amoreira, ao contrário do verificado no Cabeço da Arruda. Também a presença, no primeiro, de espécies de águas mais salgadas e quentes que as actuais seria indício da maior antiguidade deste concheiro. É o caso de *Natica hebraea*, de características marcadamente mediterrâneas. Esta conclusão, do ponto de vista arqueológico, seria suportada pela extrema raridade de trapézios no Cabeço da Amoreira, contrastando com a sua abundância no Cabeço da Arruda. Este tipo de observações são retomadas por Serpa Pinto (PINTO, 1932). Assim, no Cabeço da Amoreira "A presença de pinças de *Gelasimus tangeri*, que hoje só aparece no Algarve, faz supor um clima mais quente..."(p. 50). Por outro lado, notou a crescente substituição de *Scrobicularia plana* dos leitos mais profundos para os mais superficiais. Porém, tais considerandos, invocados para aceitar a maior antiguidade do Cabeço da Amoreira, não tiveram, até ao presente, confirmação clara no quadro das datações pelo radiocarbono realizadas. Com efeito, estas evidenciam consideráveis sobreposições, para além da sua escassez e dos elevados intervalos de incerteza que as afectam (ARNAUD,1987). Ao nível da organização espacial da ocupação do Cabeço da Amoreira, têm também interesse as observações de Serpa Pinto (PINTO 1932, p. 51), relativas ao processo de formação dos próprios concheiros (no caso, o Cabeço da Amoreira): "Os cortes efectuados na encosta oriental do Cabeço por duas largas trincheiras (área explorada 450m², tendo sido peneirados 600m³ de detritos) mostram que havia vários lares ("foyers"), acumulando os restos de alimentação em montões mamelonares num pequeno espaço durante a existência da estação, reunidos pouco a pouco num só de grandes dimensões que recobre o cabeço natural. As camadas apresentam-se assim onduladas, acompanhando o relêvo destas montureiras com algumas discordâncias."

Outro arqueólogo que se dedicou ao estudo do Mesolítico de Muge foi Afonso do Paço. Tratou-se essencialmente, de um compilador de elementos carreados pelos diversos investigadores que anteriormente se dedicaram aos estudo das correspondentes estações⁽⁴⁸⁾.

Os dois primeiros artigos (PAÇO, 1932, 1934) correspondem a resenhas bibliográficas sobre cada um dos concheiros até então conhecidos. Mais tarde (PAÇO, 1938), noticiou, como já anteriormente se referiu, para além de diversos concheiros, encontrados por Hipólito Cabaço, a tentativa feita por este para reencontrar o concheiro da Quinta da Sardinha, correspondendo, segundo o próprio, aos concheiros do Cabeço dos Ossos e da Cova da Onça, na margem direita da ribeira de Magos. Como já atrás se disse, é lícito, com base em caderno de campo de Carlos Ribeiro, de 1863

(48) O autor revela os seus propósitos científicos, desde o primeiro artigo que dedica a este assunto (PAÇO,1932) p.29 : " ... no que respeita ao Paleolítico e Epipaleolítico português, propus-me coligir os elementos bibliográficos que a seguir vão e que, começando no Chalosse os levo até aos Kjoekkenmødings de Muge..." .

(ver Apêndice, Documento n.º 3), identificar a Quinta da Sardinha como o concheiro do Arneiro do Roquete, e, deste modo, com os dois concheiros identificados supostamente por H. da Costa Cabaço, a Cova da Onça e o Cabeço dos Ossos. Ainda na ribeira de Magos, A. do Paço dá conta de sondagens efectuadas por Hipólito Cabaço no concheiro do Cabeço dos Morros, indicando sumariamente os materiais exumados⁽⁴⁹⁾, além de referências breves aos outros concheiros desta ribeira. Neste trabalho abordou a questão da relação entre as indústrias asturienses, de base macrolítica e as de tipo microlítico, que caracterizam os concheiros. Já em parte anterior deste estudo se referiu esta questão (CORRÊA, 1940). A. do Paço, a tal propósito, admitiu (PAÇO, 1938, p.13) que "as indústrias de base macrolítica de Muge e Magos não são sincrónicas do Mesolítico daquelas localidades". Estas indústrias, exceptuando-se as verdadeiras peças paleolíticas, que por vezes surgem nos concheiros, de forma retomada, devem actualmente ser inscritas no âmbito das indústrias ditas (à falta de melhor designação) "languedocenses" do vale do Tejo.

A presença de H. Breuil⁽⁵⁰⁾ em Portugal durante 17 meses, entre Abril de 1941 e finais de 1942, e o convívio e colaboração diária com Georges Zbyszewski, então já interessado no estudo do Quaternário do baixo Tejo, potenciou o estudo, entre muitos outros por ambos efectuados, das colecções mesolíticas conservadas nos Serviços Geológicos de Portugal, instituição a que o segundo pertencia desde Janeiro de 1940; tratava-se de materiais na sua essência ainda inéditos, reunidos por Carlos Ribeiro, Nery Delgado e Paula e Oliveira (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1947) provenientes dos concheiros do Cabeço da Arruda, Moita do Sebastião, Arneiro do Roquete (os autores consideram ainda o concheiro da Cova da Onça). Na parte introdutória, admite-se correspondência entre o concheiro do Cabeço dos Morros, na margem esquerda da ribeira de Magos e o concheiro do Arneiro do Roquete, outrora assinalado por Carlos Ribeiro a qual, quanto a nós, não é sustentável pelas razões atrás expostas. Os autores defendem que os concheiros não seriam os locais de habitação; aqueles distribuir-se-iam pelas vizinhanças imediatas destes, encontrando-se ainda por descobrir: corresponderiam, a simples "depotoirs" utilizados também como necrópoles. Esta opinião vem assim contrariar não apenas as dos autores anteriores, mas ainda todos os que, ulteriormente, se dedicaram a esta questão, com excepção de ANTUNES & CUNHA (1992/1993) Outra questão importante que abordaram é a da presença da macroutilagem sobre seixos de quartzito (op. cit., p. 45): "Il y a aussi un assez grand nombre d'os volumineux aménagés sommairement pour servir et un outillage lithique peu abondante, comprenant de rares galets taillés et des éclats de quartzite, rappelant le Languedocien...". Verifica-se, deste modo, a coexistência de seixos afeiçãoados e de lascas com o instrumental microlítico, já assinalada anteriormente (RIBEIRO, 1884; CORRÊA, 1940; PAÇO, 1938), o que nada tem de estranho ou especial, visto ambos os grupos cobrirem actividades

(49) " ... no Cabeço dos Morros encontrou ... conchas de mariscos ... ossos de animais, um crâneo e alguns ossos humanos, ... material lítico, ... de sílex e quartzite, ... micrólitos trapezoidais, sendo indústrias e crâneo do tipo de Muge."

(50) H. Breuil já em curto artigo publicado muito antes, decorrente da sua primeira visita a Portugal (BREUIL, 1918), tinha-se referido às indústrias líticas de Muge como azilo- tardenoisenses, mais próximas do Paleolítico que do Neolítico.

e funções diferenciadas inerentes ao quotidiano das respectivas comunidades. Enfim, o conjunto da utensilagem, de características únicas a nível europeu, justificou a criação do termo "Mugiense", proposto pelos autores, o qual, porém, não teve continuadores depois de Jean Roche (ROCHE, 1951, p.155)⁽⁵¹⁾.

G. Zbyszewski, após a partida de H. Breuil de Portugal, no Outono de 1942, não mais deixou de se interessar pela Arqueologia e, em especial pelo estudo do Paleolítico Inferior e Médio em Portugal, do qual se tornaria um dos especialistas mais operosos. Em estreita ligação entre a Arqueologia e a sua actividade como geólogo e paleontólogo dos Serviços Geológicos de Portugal, desenvolveu estudos sobre as faunas recuperadas em estações pré-históricas. Neste particular, avulta o trabalho dedicado ao estudo dos mamíferos recolhidos no concheiro da Moita do Sebastião (ZBYSZEWSKI, 1956), nas escavações ali dirigidas por J. Roche e O. da Veiga Ferreira em 1952 e 1953.

O. da Veiga Ferreira, para além da intensa actividade como arqueólogo nos concheiros de Muge, adiante caracterizada em pormenor, teve também importante papel no enquadramento paleo-ecológico e paleoeconómico dos mesmos. Assim, em complemento do estudo de G. Zbyszewski, apresentou fauna malacológica, crustáceos e peixes recuperados nas mesmas campanhas efectuadas naquele concheiro (FERREIRA, 1956). Este estudo possui elevado interesse, por contribuir para o conhecimento de uma parte importante da base alimentar destas populações mesolíticas, ao mesmo tempo que fornece importantes indicações acerca da paleoecologia das massas de água circundantes, podendo considerar-se verdadeiramente inovador no panorama arqueológico português da época. O autor concluiu que o conjunto da fauna malacológica mostra que, à época, as marés subiam mais alto que actualmente⁽⁵²⁾, com base em espécies de maior salinidade; por outro lado, apoiado na presença de *Natica hebraea* (assinalada por R. Serpa Pinto e M. Corrêa no Cabeço da Amoreira, segundo determinações de A. Nobre) admitiu o carácter mais quente das águas de então, face à temperatura actual, também compatível com um caranguejo, *Gelasimus tangeri*, tanto na Moita do Sebastião, como no Cabeço da Arruda. Ali já havia sido assinalado por R. de Serpa Pinto (PINTO, 1932) que, salientou as características meridionais da sua distribuição geográfica actual, em virtude da temperatura da água do mar ser mais elevada. Enfim, foi assinalado um fragmento de placa de *Sepia officinalis* espécie até então desconhecida nos concheiros de Muge e que, na época, a reforça maior salinidade das águas da região.

O interesse pelo reinício dos estudos dos concheiros de Muge, denunciado pelo estudo de H. Breuil e G. Zbyszewski, teve continuidade em Jean Roche. A sua vinda a Portugal deveu-se à iniciativa do Padre Bergounioux (cf. ROCHE, 1951, p. 159), então professor no Instituto Católico de

(51) O *Dictionnaire de la Préhistoire*, P.U.F., Paris, 1988 (dir. A.L.-Gourhan) não menciona este termo.

(52) Na actualidade, a água do mar, na maré alta, pouco ultrapassa Vila Franca de Xira, dando origem a mistura de baixa salinidade, muito inferior à requerida por várias das espécies encontradas nos concheiros de Muge.

Toulouse, o qual, pouco antes, havia sido co-autor de uma importante monografia sobre vertebrados miocénicos dos arredores de Lisboa. Acolhido cordialmente em Portugal, Mendes Corrêa pôs-lhe de imediato à disposição "non seulement les collections de l'Institut d'Anthropologie de Porto mais aussi les plans, les cahiers de fouilles et mes souvenirs personnels des travaux réalisés" (CORRÊA, 1951, p. 9). De tudo resultou pequena monografia, publicada sob a égide do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, dirigido por Mendes Corrêa, sobre a indústria lítica e óssea exumada nas escavações por este último dirigidas no concheiro do Cabeço da Amoreira (ROCHE, 1951). Porém, como um de nós teve oportunidade de verificar (J.M.R.), foi apenas estudada parte do material disponível, depositado na Faculdade de Ciências do Porto. Como conclusões essenciais do referido estudo, são de reter as seguintes:

- existência, nos níveis mais antigos, de peças arcaizantes, de tipologia paleolítica, que o autor relacionou com os contactos entre os habitantes dos concheiros e as populações do maciço calcário estremenho, onde as primeiras se abasteceriam de sílex;
- evolução técnica e tipológica das indústrias, constituindo o conjunto exumado no nível médio o termo intermédio de um *continuum* representado, nos extremos, pelos conjuntos do nível profundo e do nível superior; prova deste evolução seriam as percentagens de microburis, sempre crescentes ao longo da sequência estratigráfica;
- presença em todos os níveis de quartzo e quartzito, cuja evolução tipológica lhe pareceu evidente; trata-se de lascas utilizadas tal qual ou retocadas, na sua maioria assimiláveis a "tranchets", "racloirs" e "grattoirs";
- o estudo tipológico comparativo das indústrias presentes nos concheiros do Cabeço da Amoreira, Cabeço da Arruda e Moita do Sebastião levou o autor à conclusão de ser aquele anterior a estes, "principalement en raison de l'abondance de forme trapézoïdales" muito escassas no primeiro. Esta conclusão vinha, assim, em apoio do parecer dos investigadores que anteriormente tinham abordado tal questão (Mendes Corrêa, Serpa Pinto, Breuil e Zbyszewski), também com base em argumentos de ordem arqueozoológica e geomorfológica, já anteriormente expostos, mas até ao presente não confirmados pelo radiocarbono;
- por último, é interessante notar que Jean Roche ignorou por completo a questão das eventuais afinidades entre as indústrias do Cabeço da Amoreira e as suas pretendidas homólogas norte-africanas (Capsense) tão caras ao seu patrono português. Ao contrário: as suas comparações encami-nham-se para o sudoeste francês e, em menor grau, para a região levantina, afirmando-se deste modo partidário de Breuil, que cedo reconheceu tratar-se de uma indústria azilo-tardenoisense (BREUIL, 1918), tendo criado mais tarde o termo "Mugiense", como antes se referiu, assimilando-a ao conjunto das indústrias sauveterrenses e tardenoisenses (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1947). Também, neste particular, Roche se manifesta de acordo com Breuil; na conclusão do seu trabalho, declara: "L'industrie des amas coquilliers de Muge forme un ensemble original qui aurait pû être appelé de "Mugien" (ROCHE, 1951, p. 55).

Este primeiro contributo de J. Roche está na origem das escavações por si orientadas e por O. da Veiga Ferreira, logo no ano seguinte à daquela publicação, no concheiro da Moita do Sebastião sob a égide do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e suportadas financeiramente pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (ambas as instituições dirigidas por Mendes Corrêa) como o próprio Jean Roche declarou mais tarde (ROCHE, 1958b). A causa próxima desta iniciativa parece residir no parcial arrasamento deste concheiro, em Abril de 1952, por um tractor-escavador, com o intuito de instalar armazéns de descasque e recolha de arroz. Em 4 de junho de 1952, tiveram início os trabalhos: "Por incumbência do Exmo. Prof. Doutor Mendes Corrêa, Presidente do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, e com a colaboração dos Serviços Geológicos da Direcção do Exmo. Senhor Eng. D. António Castello Branco, fomos encarregados de realizar escavações no que restava de um dos maiores concheiros da Ribeira de Muge" (ROCHE & FERREIRA, 1957, p. 261-262). Os resultados da primeira campanha de escavações no concheiro da Moita do Sebastião, foram publicados no mesmo ano (ROCHE, 1952). Em curta nota, o autor salienta, por critérios tipológicos (dominância de trapézios), arqueozoológicos e geomorfológicos, a maior modernidade deste concheiro face ao concheiro do Cabeço da Amoreira, o que não era novidade, visto outros autores, incluindo o próprio, já a terem assinalado. O que é de facto relevante, é a referência a fundos de cabana e a "fossas culinárias", também invocadas para sublinhar a maior modernidade daquele concheiro: "La construction soignée des fonds de cabanes destinés à la réserve des coquillages montre une organisation qui, alliée à l'outillage de type tardenoisien évolué, donne à ce Kjoekkenmoeding un cachet plus récent que celui du Cabeço da Amoreira" (ROCHE, 1952, p. 149). É a primeira vez que se faz referência às fossas escavadas no sedimento da base do concheiro, interpretadas como silos de armazenamento de moluscos. O autor estava, no entanto, consciente da importância que teria a realização de uma datação absoluta pelo método do radiocarbono, cuja aplicação sistemática à Arqueologia estava então a dar os seus primeiros passos: "Cette datation apporterait un élément précieux pour la chronologie préhistorique d'Europe Occidentale et Méridionale" (*idem, ibidem*). Com efeito em 1957, publicou a primeira datação absoluta de uma estação pré-histórica portuguesa, o concheiro da Moita do Sebastião, com base em amostras de madeira incarbonizada recolhidas na zona central da estação, enviadas ao Centro de Estudos Nucleares de Saclay, tendo sido a idade respectiva estimada em 7350+/-350 anos BP (ROCHE, 1957a, 1958a). Esta datação correspondia à ocupação mais antiga do concheiro. Entretanto, havia publicado diversos artigos, noticiando os resultados obtidos nas sucessivas campanhas de escavações conduzidas no refrido concheiro em parceria com O. da Veiga Ferreira, mas só por si assinadas (ROCHE, 1954a, 1954b), ou ainda sobre os métodos de escavação utilizados (ROCHE, 1953).

Em 1957, J. Roche publicou ainda dois outros estudos, para além do já referido. O segundo (ROCHE, 1957b) corresponde a reanálise dos materiais arqueológicos recolhidos no século XIX no concheiro da Moita do Sebastião, já antes estudados (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1947). A justificação apresentada para tal foi a da necessidade de agrupar os materiais líticos "par groupes

typologiques afin de faciliter d'éventuelles comparaisons avec les séries provenant des fouilles récentes"(op.cit., p.305). Diz-se ainda que a limpeza de bom número de peças, cobertas de uma crosta calcária, proporcionou novas observações, que passaram despercebidas aos seus antecessores. Depois de ter agrupado tipologicamente a indústria de sílex, de quartzito (onde inclui denticulados sobre seixo e sobre lasca, raspadores denticulados sobre lasca e lascas simplesmente utilizadas) e óssea, para além de um grupo de "diversos", apresentou as conclusões: destacou, a abundância de peças ósseas, as quais indicariam, tendo presente a escassez, evidenciada nas campanhas de 1952, 1953 e 1954, tratar-se de um conjunto seleccionado, o qual, não obstante, permitiu concluir que é mais fruste e menos variado que o seu homólogo do Cabeço da Arruda, ambos sem indícios de influências neolíticas. O terceiro trabalho datado de 1957 é dedicado às estratigrafias observadas nos concheiros de Muge, sendo um dos raros cuja autoria é partilhada (ROCHE & FERREIRA,1957). Com efeito, nenhuma das publicações dos sucessivos arqueólogos que até então ali trabalharam, fazia menção à estratigrafia. Assim, o principal interesse desta nota, foi o de dar a conhecer a sequência geral definida nas três campanhas efectuadas no concheiro da Moita do Sebastião (1952 a 1954) e a fauna correlativa; quanto aos concheiros do Cabeço da Amoreira e do Cabeço da Arruda, as observações limitaram-se aos antigos cortes expostos pelas escavações de, respectivamente, Mendes Corrêa/Serpa Pinto/Santos Júnior; Carlos Ribeiro; e Paula e Oliveira. A estratigrafia descrita é, deste modo, muito grosseira. No que respeita ao conteúdo faunístico (moluscos, mamíferos, aves, peixes, répteis e crustáceos), inventariados separadamente para cada concheiro, destacam os autores, uma vez mais, a presença, no Cabeço da Amoreira, de conchas de *Natica hebraea* que "parecem conferir-lhe uma maior antiguidade (...) em relação aos outros concheiros da Ribeira de Muge"(op.cit., p. 265) corresponderiam a águas mais quentes que as actuais. Também o caranguejo *Gelasimus tangeri*, presente no Cabeço da Amoreira, no Cabeço da Arruda e na Moita do Sebastião corroboraria esta conclusão, embora em menor grau, visto os autores declararem com base no conjunto da fauna, recolhida nos últimos, condições climáticas mais ou menos idênticas às da época actual. Na verdade, trata-se de considerandos já apresentados anteriormente por um dos autores (FERREIRA, 1956). Maior importância têm as indicações que a fauna aquática fornece quanto à então maior salinidade das águas adjacentes: este aspecto, já assinalado por C. Ribeiro (RIBEIRO, 1884), foi agora precisado: com efeito, se aquele autor indica Vila Franca de Xira como o limite máximo a montante atingido actualmente pela água salobra, ROCHE e FERREIRA,1957, referem aquele limite em Valada de Ribatejo, apenas cerca de 8 km a jusante dos concheiros de Muge. Assim sendo, tal distância, poderia facilmente ser percorrida por colectores ali sediados. No entanto, deve atender-se ao facto de, na época de formação dos concheiros, o mar se situar cerca de 10 a 20 m abaixo do nível actual, correspondente a uma rápida subida, antes verificada, visto estimar-se que se encontraria a cerca de -30m há 8000 anos BP (DIAS, 1985; DIAS, RODRIGUES & MAGALHÃES, 1997). Deste modo, a penetração de água salgada far-se-ia muito mais para montante do que actualmente, podendo atingir a zona dos concheiros, ao longo dos vales então mais escavados, por se encontrarem muito

menos assoreados, tanto o do Tejo como os dos seus afluentes laterais, entre os quais a ribeira de Muge.

No ano seguinte, publicou-se um primeiro contributo sobre a indústria recolhida nas explorações no concheiro da Moita dos Sebastião (ROCHE, 1958b). Duas afirmações que constam do referido trabalho merecem, porém, correcção. Assim quando declara "J' ai eu également l'occasion d'y effectuer quatre campagnes de 1952 a 1955" omite O. da Veiga Ferreira, na verdade o arqueólogo que, no terreno, efectivamente acompanhou e dirigiu assiduamente os trabalhos realizados, os quais não abarcaram o ano de 1955: na verdade, efectuaram-se campanhas em 1952, 1953 e 1954, como o próprio J. Roche confirmou, em trabalho ulterior (ROCHE, 1960, p. 23). A análise dos instrumentos de sílex recolhidos permitiu-lhe reforçar as suas anteriores conclusões, aquando do estudo dos materiais do Cabeço da Amoreira (ROCHE, 1951); tal como então, nada houve que lhe sugerisse qualquer afinidade com as indústrias mais ou menos coevas do Norte de África. Ao contrário: "Cette rapide revue de l'outillage microlithique de Moita do Sebastião fait aussi ressortir le contraste qui existe entre l'Épipaléolithique d'Afrique du Nord et les industries de Muge"(ROCHE, 1958b, p. 35-36). Estava, deste modo, definitivamente arredada da nomenclatura arqueológica, a velha desi-gnação de "Capso-Tardenoisense" tão do agrado de eminentes arqueólogos peninsulares invocados por Mendes Corrêa, na procura de obter crédito para a origem do "*Homo afer taganus*". Aliás, parece significativo o seu abandono, ainda que mitigado (CORRÊA, 1956), pela teoria que defen-deu quase desde o início da sua carreira científica, depois de conhecidos os resultados do estudo do material lítico do Cabeço da Amoreira (1951). Outra conclusão importante do estudo de Jean Roche de 1958 (ROCHE, 1958b), é a de admitir uma origem autóctone para a cultura mesolítica de Muge, ainda que tenha registado diferenças ao nível da tipologia da utensilagem entre os concheiros do Cabeço da Amoreira e da Moita do Sebastião. Aquele trabalho antecedeu, a importante monografia dedicada ao concheiro em questão (ROCHE, 1960) na qual tais conclusões são retomadas e desenvolvidas. No ano anterior à publicação desta, J. Roche não deixou de colaborar no volume de homenagem a Mendes Corrêa, publicando os objectos de adorno até então recolhidos no Cabeço da Amoreira, Moita do Sebastião e Cabeço da Arruda (ROCHE, 1959). Na Moita do Sebastião foi possível reconstituir a posição de tais elementos de adorno no corpo dos inumados, integrando colares, braceletes ou peitorais, constituídos por conchas. De entre os pendentes, merecem destaque dois dentes de sirenídeos, também oriundos daquele concheiro, um deles possuindo ao nível da raiz três incisões concêntricas, por certo utilizados como "pendeloques". A presença de sepulturas onde os inumados parecem ter sido cobertos de ocre deu lugar à admissão de cerimoniais complexos, ao menos na Moita dos Sebastião, onde as escavações permitiram evidenciar tais procedimentos rituais.

A monografia dedicada ao concheiro da Moita do Sebastião (ROCHE, 1960) constituiu o estudo mais completo sobre uma estação mesolítica até hoje publicado em Portugal. A obra inicia-se com uma resenha histórica, acerca dos trabalhos efectuados nos concheiros do vale do Tejo. Em

seguida, procedeu-se à análise do material exumado: lítico, ósseo, de adorno⁽⁵³⁾ e diversos. A interpretação dos resultados ocupa o final deste capítulo. Os dois capítulos seguintes tratam dos aspectos sociais destas comunidades⁽⁵⁴⁾. Antes das conclusões, apresenta-se capítulo referente à fauna malacológica e terrestre o qual, corresponde a aspectos já discutidos em anteriores trabalhos; por fim, apresentam-se os dados relativos às datações de $14C$ ⁽⁵⁵⁾. Nas conclusões, destacam-se os seguintes aspectos:

- as influências das culturas epipaleolíticas marroquinas no Mesolítico do vale do Tejo. O autor negou tal possibilidade, recorrendo a argumentação que já esboçara no seu estudo de 1951 e reforçara no de 1958 (Roche, 1951, 1958b); e é definitivo: "Les différences sont frappantes surtout en ce qui concerne a partie de l'outillage où se manifeste le progrès technique: les armatures. Cette comparaison prend tout son relief, si l'on sait que la thèse de l'origine capsienne est basée sur les similitudes que l'on a cru constater dans les outils de ce groupe des deux côtés du détroit de Gibraltar." (ROCHE, 1960, p.138). Estas diferenças baseavam-se em aspectos de carácter tipológico e também nas distintas percentagens dos tipos comparáveis, presentes nas duas áreas geográficas consideradas;
- referindo-se à distribuição geográfica limitada do Capsense limitada ao continente africano, recorda, em abono da origem local da cultura mesolítica de Muge, como outros autores anteriores, a presença, a apenas 30 km de distância de "un important foyer culturel dans la région comprise entre Rio Maior et Torres Vedras, où il existe de nombreux gisements datant du Paléolithique Supérieur et peut-être du Mésolithique. On sait de façon à peu près certaine que le silex utilisé à Muge provient de là. Il est fort possible que les habitants de nos trois concheiros soient venus de cette région ou tout au moins, aient entretenu des rapports constants avec elle pour les nécessités de leur économie (ROCHE, 1960, p.140). Foi, pois, Roche o primeiro a demonstrar não só a origem local do Mesolítico do vale do Tejo mas, mais ainda, a propor-lhe uma proveniência específica na Estremadura ocidental portuguesa, proposta que estudos recentes parecem corroborar, alicerçados em datações absolutas, ao tempo desconhecidas;
- a análise dos aspectos relacionados com o habitat e a organização social ocupam a última parte das conclusões da monografia em apreço. O autor referiu a existência de estruturas de planta semi-circular, correspondentes a pára-ventos, identificadas na base do concheiro e defendeu a presença, em cada momento de ocupação do sítio, de um número restrito de habi-

(53) O espólio das escavações co-dirigidas pelo autor é referido da seguinte forma: "Elle est pauvre, peu abondante et manifeste bien la médiocrité artisanale des habitants du gisement" (p.85).

(54) No primeiro dos dois capítulos referidos, são tratadas as estruturas de habitat detectadas pelo autor, casos de buracos de poste, fossas "cozinha" e de armazenamento, "barro de cabana" e estruturas de suporte (p.97-114). O segundo desses capítulos é dedicado às estruturas de inumação e respectivos rituais funerários (p.115-133).

(55) Este é reformulado na 2.ª edição (1972) a qual inclui datações pelo radiocarbono entretanto realizadas desde a publicação da 1.ª edição (1960).

tantes, habitando de cada vez apenas uma cabana. O seu escasso número não dispensaria, contudo, a existência de fossas de armazenamento de alimentos (como parecem sugerir as conchas com ambas as valvas conservadas e por abrir). A humildade do quotidiano destas populações não deverá ser confundida com atraso social ou cultural: contrariando a evidência mais imediata, declarou: "Il serait imprudent de conclure que les habitants du concheiro étaient des sauvages médiocrement doués en se basant uniquement sur les restes matériels que le temps a bien voulu nous laisser récolter" (ROCHE, 1960, p. 142).

Durante as décadas de 60 e 70, Roche continuou a publicar artigos vários sobre este tema, os quais podemos dividir em três grupos:

1. artigos que tratam materiais e estratigrafias, decorrentes dos trabalhos realizados por este autor, alguns deles relativos às escavações efectuadas nos concheiros do Cabeço da Arruda e do Cabeço da Amoreira na década de 60.
2. análises de materiais, colectados antes dos anos 50, ou de trabalhos de campo efectuados pelos seus antecessores; trata-se de artigos de marcado pendor historiográfico.
3. integração dos concheiros do vale do Tejo no contexto do Epipaleolítico/Mesolítico europeu; correspondem a artigos de síntese de conhecimentos, por vezes limitados a um determinado aspecto específico da realidade arqueológica.

Entre os exemplos do primeiro grupo, destaca-se a nota sobre a estratigrafia do Cabeço da Amoreira (ROCHE, 1964/1965), definida ao longo de um corte com 25m de comprimento, executado na campanha de 1962, constituído por 39 níveis, numa potência que não excede 3,20 m. Na base, os depósitos apresentam-se horizontais, assentes nas areias quaternárias; na parte média, o pendor daqueles varia de 15° a 20°, decrescendo em altura o conjunto detrítico do centro para a periferia; por fim, no topo, exibem ondulações, sucedendo-se uma terraplenagem dos depósitos anteriormente acumulados "afin de permettre une installation plus commode qui semble continue sur tout le gisement" (ROCHE, 1964/1965, p. 13). Este estudo tem o interesse de demonstrar o carácter habitacional do concheiro do Cabeço da Amoreira aliás – já evidenciado na Moita do Sebastião pelo próprio – rejeitando em definitivo a hipótese de tais locais corresponderem somente a necrópoles e zonas de despejo de detritos, apresentada anteriormente por BREUIL & ZBYSZEWSKI (1947), aliás ao arripio da opinião quase unânime desde o início das explorações. Em 1967, publicou-se nova contribuição sobre o mesmo assunto, relativa aos resultados da última campanha de escavações naquele concheiro (ROCHE, 1967a). Trata-se da descrição de um corte, efectuado perpendicularmente ao publicado, com um comprimento de 15,40 m e uma potência média de 2,40 m, executado transversalmente ao concheiro e na sua parte central. Foram identificadas duas séries estratigráficas "presque indépendentes une de l'autre" (ROCHE, 1967a, p. 244), mas correlacionáveis com os três grandes períodos de ocupação do concheiro anteriormente definidos; deste modo, a nota em causa apenas contribuiu para reforçar as conclusões da leitura estratigráfica já efectuada. Datam ainda daquele ano, um arti-

go relativo à estratigrafia do concheiro do Cabeço da Arruda observada no decurso das escavações de 1964 e 1965 (ROCHE, 1967b) e outro, de carácter geral, sobre as escavações efectuadas nas décadas de 1950 e 1960 nos três concheiros mais importantes da ribeira de Muge, em co-autoria (ROCHE & FERREIRA, 1967), incluindo plantas esquemáticas das áreas escavadas em cada um deles, mas sem elementos de pormenor, designadamente desenhos dos esqueletos exumados. Na verdade, desconhecia-se até muito recentemente a existência de tais elementos, talvez mesmo desconhecidos de J. Roche, que jamais os menciona: porém um de nós (J.L.C.) encontrou no espólio científico de O. da Veiga Ferreira, confiado para estudo pela Exm.^a Família, nos cadernos de campo e em diversas plantas, a prova de que tais levantamentos de pormenor não só existiam, mas eram da autoria de O. da Veiga Ferreira, sistematicamente prejudicado na participação das publicações por J. Roche (CARDOSO, 1999).

A caracterização tecno-tipológica das indústrias das colecções mesolíticas de Muge, reunidas pelos antigos exploradores do século XIX foram objecto de um estudo de conjunto por parte de Jean Roche (ROCHE, 1967c), o qual acompanhou a publicação dos materiais recuperados por si bem como das respectivas estratigrafias do Cabeço da Amoreira (ROCHE, 1966a; 1967a), do Cabeço da Arruda (ROCHE, 1967b) e da Moita do Sebastião (ROCHE, 1972) ou ainda a de novos contributos concernentes à respectiva cronologia absoluta (ROCHE & DELIBRIAS, 1965; ROCHE & FERREIRA, 1973), que correspondem a artigos pertencentes ao primeiro grupo temático considerado. O último dos referidos artigos é assaz importante: com efeito, baseados nas duas datações então disponíveis para cada um dos três concheiros mais importantes da ribeira de Muge, os autores concluíram que a sua ocupação foi simultânea, porém com início, sucessivamente, na Moita do Sebastião, depois no Cabeço da Amoreira e, finalmente no Cabeço da Arruda. Esta conclusão contrariou, definitivamente, o pressuposto de ser o Cabeço da Amoreira o mais antigo dos três, como até então se admitia com base em argumentos faunísticos e tipológicos. Por outro lado, as datações absolutas mostravam que a ocupação mesolítica na região de Muge "était un phénomène tardif qui a évolué sans être apparemment influencé par des apports allochtones. Cet isolément peut s'expliquer par un contexte géographique très particulier" (ROCHE & FERREIRA, 1973, p. 473). Estas conclusões podem considerar-se ainda globalmente hoje válidas, tal como a da coexistência do Mesolítico, do vale do Tejo, com o Neolítico Antigo do maciço calcário estremenho, como se deduz de datações entretanto publicadas (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA 1996); com efeito, os níveis mais elevados do Cabeço da Amoreira e do Cabeço da Arruda são coevos de etapas já avançadas do Neolítico, patentes tanto no litoral como no interior do País.

O segundo grupo temático de artigos publicados por J. Roche na década de 60 encontra-se representado por dois contributos de carácter historiográfico (ROCHE, 1965a, 1966b) e por um artigo de revisão de materiais antigos, já referido (ROCHE, 1967c).

Enfim, o terceiro dos grupos temáticos é constituído por artigos de síntese, ou de índole mais geral, integrando aspectos de carácter cultural e ritual, como as características sepulcrais identifi-

cadras, em um contexto alargado, contemplando também a cronologia absoluta, a estratigrafia, a paleoecologia, as bases de subsistência e a organização do espaço, "itens" que suportaram a apresentação de numerosos contributos, por vezes articulados com realidades homólogas, observadas em diversas regiões europeias (ROCHE, 1963, 1965b; 1965c; 1972; 1973; 1974a; 1974b; 1975; 1976a; 1976b; 1976c; 1980a; 1980b; 1983; 1985a; 1985b; 1986). Estes trabalhos, frequentemente publicados em revistas internacionais ou em actas de reuniões de nomeada, constituem muitas vezes sínteses de trabalhos anteriores mais pormenorizados ou de âmbito mais restrito; sem dúvida, reforçaram a afirmação das estações em apreço de entre as mais importantes no seu género a nível europeu, nisso prestando Jean Roche um meritório serviço ao País que, durante tantos anos o acolheu e lhe concedeu os necessários apoios ao desenvolvimento dos seus trabalhos, tanto de campo como de gabinete. Neste contexto, repete-se, desempenhou papel incontornável O. da Veiga Ferreira; porém o contributo que se lhe fica a dever encontra-se longe do que transparece da sua bibliografia. De sua estrita autoria, além do estudo da fauna do concheiro da Moita do Sebastião, com excepção dos mamíferos, já atrás citado (FERREIRA, 1956), apenas publicou estudo dedicado às cerâmicas neolíticas encontradas na parte superior dos concheiros de Muge (FERREIRA, 1974). A análise dos fragmentos conservados no Museu do Instituto Geológico e Mineiro, em Lisboa, indicam, inquestionavelmente, o Neolítico Antigo Evolucionado, com numerosos paralelos em exemplares oriundos de grutas naturais estremenhas, como a de Furninha, Peniche (DELGADO, 1884); o Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior (CARREIRA, 1994); e a gruta do Correio-Mor, Loures (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1996). Os materiais provêm dos concheiros da Moita do Sebastião, da Cova da Onça e do Cabeço da Amoreira, os últimos guardados no ex-Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, oriundos das escavações ali dirigidas por Mendes Corrêa. Este autor é peremptório quanto à origem superficial de tais materiais (CORRÊA, 1934, p. 7 sep.): "Apareceram alguns fragmentos cerâmicos, mas que, sem dúvida, se podem considerar provenientes de intrusões ulteriores, são, porém, de notar, um vaso grosseiro, sem decoração, de fabrico manual, com aspecto neolítico, e dois fragmentos com mamilos perfurados...". O desenho destes fragmentos (CORTEZ, 1952, fig. 1) mostra que se trata de uma taça em calote, lisa, de bordo sem espessamento, um fragmento de colher e uma pega com perfuração vertical, fragmentos que tanto poderiam ser do Neolítico Antigo como mais recentes. Também R. de Serpa Pinto se refere a este recipiente (PINTO, 1932, p. 49): "Falta completamente a cerâmica (apenas se encontrou um vaso hemisférico numa sepultura superficial...)".

Neste sentido apontam também as indicações de Carlos Ribeiro, já antes referidas, ao salientar que nenhum fragmento cerâmico se recolheu nas escavações por si promovidas nos concheiros da região (RIBEIRO, 1884). Por outro lado, a menção a cerâmica, na camada profunda do concheiro do Cabeço da Amoreira por J. Roche (ROCHE, 1951, p. 151) explica-se por má interpretação do próprio: na verdade, tais, fragmentos são de barro de revestimento, cozido por efeito de um incêndio, não se confirmando, deste modo, a importância que o autor então lhes conferiu.

Outra vertente dos estudos dos materiais dos concheiros de Muge e de Magos é a da Antropologia Física. Porém, esta temática já não faz parte deste trabalho, limitado à análise historiográfica das escavações dos concheiros das ribeiras de Muge e de Magos e estudo dos materiais arqueológicos respectivos. Actualmente, observa-se retoma do interesse do estudo dos concheiros, tanto de terreno como de laboratório, numa perspectiva integrada, conjugando elementos de natureza diversa: antropológica, geológica, arqueozoológica, paleobotânica, bioquímica e cronológica, reflectindo novas perspectivas de aproximação à realidade material patente nas notáveis estações mesolíticas, cuja história das investigações arqueológicas se acabou de traçar. É a prova que o seu estudo se encontra longe de esgotado, sublinhando a relevância de Muge no contexto do mesolítico europeu, onde, com as suas cerca de 300 inumações, constitui o conjunto funerário mais importante até ao presente conhecido.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, M.T. CUNHA, A.S. (1992/1993) – Violência, rituais e morte entre os "bons selvagens" de Muge. *Mem. da Academia das Ciências de Lisboa. XXXI: 197-239.*
- ARNAUD, J. M. (1987) – Os concheiros mesolíticos dos vales do Tejo e do Sado: semelhanças e diferenças. *Arqueologia*, 15: 53-64.
- ATHAYDE, A. (1940) – Novos esqueletos humanos dos concheiros mesolíticos de Muge. *Congresso do Mundo Português*. Lisboa: *Comissão Executiva dos Centenários*, 1: 627-651.
- ATHAYDE, A. (1950) – Nota sobre a braquicefalia dum crâneo de Muge. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 12 (3-4): 5-8.
- BELLUCCI, G. (1884) – Excursion a Mugem - Moita do Sebastião et Cabeço da Arruda. *Compte-Rendu IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas* (Lisboa, 1880). Lisboa: 68-72.
- BREUIL, H. (1918) – Impression de voyage à Lisbonne. *Terra Portuguesa*. Lisboa. 13-14: 17-26.
- BREUIL, H. ZBYSZEWSKI, G. (1947) – Révision des industries mésolithiques de Muge et de Magos (collections des Services Géologiques du Portugal). *Comunicações dos Serviços Geológicos*. Lisboa. 28: 149-196.
- CARDOSO, J.L.; CARREIRA, J.R. & FERREIRA, O. da VEIGA (1996) – Novos elementos para o estudo do Neolítico Antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6: 9-26.
- CARDOSO, J.L. (1999) – O professor Mendes Corrêa e a Arqueologia Portuguesa. *Al-madan*. Almada. Série III, 8: 138-156.
- CARREIRA, J.R. (1994) – A Pré-História recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia do EAM*. Lisboa: Colibri. 2: 47-144
- CORRÊA, A. A. MENDES (1917) – À propos des caractères inférieures de quelques crânes préhistoriques du Portugal. *Archivo de Anatomia e Anthropologia*. Lisboa. 3(3): 221-237.
- CORRÊA, A. A. MENDES (1919a) – Origins of the Portuguese. *American Journal of Physical Anthropology* 2(2): 117-145.

- CORRÊA, A. A. MENDES (1919b) – *Raça e Nacionalidade*. Porto: Renascença Portuguesa, 187 p.
- CORRÊA, A. A. MENDES (1933a) – Les nouvelles fouilles à Muge. C.R. Xvème *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie préhistoriques* (Paris, 1931). Paris : 357-372.
- CORRÊA, A. A. MENDES (1933b) – Les migrations préhistoriques. Le témoignage spécial de la Péninsule Ibérique. *Revue Anthropologique*. Paris. 43 (7/9): 267-292.
- CORRÊA, A. A. MENDES (1934b) – Novos elementos para a cronologia dos concheiros de Muge. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto. 18 (3): 154-159.
- CORRÊA, A. A. MENDES (1936) – A propósito do «Homo Taganus». Africanos em Portugal. *Bol. da Junta Geral de Santarém* 6 (43): 37-55.
- CORRÊA, A. A. MENDES (1940) – Novas estações líticas em Muge. in Congresso do Mundo Português. Lisboa: *Comissão Executiva dos Centenários*, 1: 111-127.
- CORRÊA, A. A. MENDES (1951) – "Avant-propos". In Roche J., *L'industrie préhistorique du Cabeço da Amoreira (Muge)*. Porto: Centro de Estudos de Etnologia Peninsular / Instituto para a Alta Cultura, 161p.
- CORRÊA, A. A. MENDES (1956) – Notice préliminaire sur les squelettes préhistoriques de Moita do Sebastião (Muge). *Actas do IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas (Madrid, 1954)*. Zaragoza: 133-139.
- CORTEZ, F.R. (1952) – Contributo para o estudo do Neolítico de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 13 (3/4): 193-248.
- COSTA, F. P. da (1865) – *Da existência do homem em épocas remotas no vale do Tejo.- 1º Opúsculo: Notícia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal, 58 p.
- COTTEAU, G. (1881) – *Congrès Congrès International d'Anthropologie et Archéologie Préhistorique. Session de Lisbonne*. Auxerre: Imprimerie de Georges Rouillé, 38p.
- DELGADO, J.F. Nery (1864) – La grotte de Furninha a Peniche. C-R. IX Sessão do *Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-historicas (Lisboa, 1880)*. Lisboa: 207-208.
- DELGADO, J.F. NERY (1892) – Préface. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa. 2 (2): V-XXX.
- DELGADO, J.F.N. (1906) – Elogio histórico do General Carlos Ribeiro. *Revista de Obras Públicas e Minas*. Lisboa. 2: 1-59.
- DIAS, J.M.A. (1985) – Registos de migração da linha de costa nos últimos 18000 anos na plataforma continental portuguesa setentrional. *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico (Lisboa, 1985)*. Lisboa. 1: 281-295.
- DIAS, J.M.A.; RODRIGUES, A. & MAGALHÃES, P. (1997) – Evolução da linha de costa em Portugal, desde o último máximo glacial até à actualidade. *Estudos do Quaternário*. Lisboa: Colibri. 1: 53-66.
- FEREMBACH, D. (1974) – Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião. Muge. Portugal. Lisboa: *Direcção Geral dos Assuntos Culturais / Instituto de Alta Cultura*, 146 p.
- FERREIRA, A.A. da COSTA (1907a) – Crânes préhistoriques du type négroïde. *Bull. de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*. Lisboa. 1(3): 75-79.

- FERREIRA, A.A. da COSTA (1907b) – *Négroïdes préhistoriques en Portugal. Ann. Scien. Acad. Polit. Porto.* Porto. 2 (3): 174-179.
- FERREIRA, O. da V. (1956) – Fauna malacologique; Crustacés et Poissons Muge Moita do Sebastião. *Actas 4º Congresso Internacional de Ciências Prehistoricas y Protohistoricas (Madrid, 1954).* Zaragoza: 339-346.
- FERREIRA, O. da V. (1974) – Acerca das cerâmicas neolíticas encontradas na parte superior dos concheiros da região de Muge (Portugal). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal.* Lisboa. 58: 191-196.
- GONÇALVES, A.H.B. (1986) – Inéditos de Rui de Serpa Pinto sobre as escavações arqueológicas de Muge *Trabalhos de Antropologia e Etnologia.* Porto. 26, (1-4): 211-229.
- HELENO, M. (1948) – O problema capsense. Contribuição portuguesa para a sua revisão. Lisboa: *edição do autor (versão diferente da publicada em Ethnos, 3: 493-494).*
- HERVÉ, G. (1930) – De l'existence d'un type humain à caractères vraisemblablement négroïdes dans les dépôts coquilliers mésolithiques de la vallée du Tage. *Revue Anthropologique.* Paris. 10-12: 1-13.
- LEROI-GOURHAN, A. coord.; (1988). *Dictionnaire de la Préhistoire.* Paris: PUF, 1222 p.
- N/A (1931) – O XV Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.* Porto. 5 (1): 5-35.
- OLIVEIRA, F. P. e (1884) – Notes sur les ossements humains qui se trouvent dans le Musée de la section géologique de Lisbonne. C.R. *IX sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Historicas (Lisboa, 1880).* Lisboa: 291-306.
- OLIVEIRA, F. P. e (1888/1892) - Nouvelles fouilles faites dans les Kioekkenmoeddings de la vallée du Tage. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal.* Lisboa. 2: 57-81.
- PAÇO, A. do (1932) – Subsídios para uma bibliografia do Paleolítico e Epipaleolítico em Portugal. O Instituto Coimbra. 33: 29-46.
- PAÇO, A. do (1934) – *Carta Paleolítica e Epipaleolítica de Portugal.* Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses 1: 7-31.
- PAÇO, A. do (1938) – Novos concheiros do vale do Tejo. *Brotéria.* Lisboa. 27 (1): 66-75.
- PINTO, R. de S. (1931a) – Sur la taille du silex à Muge. C.R. *X.ème Congrès Préhistorique de France:* 219-222.
- PINTO, R. de S. (1931b) – Nouvelles recherches sur le Mesolithique en Portugal. C.R. *IV.ème session de l'Association Française pour l'Avancement des Sciences:* 327-329.
- PINTO, R. de S. (1932) – Notas sobre a indústria microlítica do Cabeço da Arruda (Muge). *Actas do Congresso Luso-Espanhol da Associação para o Progresso das Ciências:* 49-52.
- RIBEIRO, C. (1867) – Note sur le terrain quaternaire du Portugal. *Bull. de la Société Géologique de France.* Paris. Série II, 24: 692 e seg.
- RIBEIRO, C. (1884) – Les Kjoekkenmoeddings de la vallée du Tage. C.R. IX. ème session *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. (Lisboa, 1880).* Lisboa: 279-290.
- ROCHE, J. (1951) – *L'industrie préhistorique du Cabeço d'Amoreira (Muge).* Centro de Estudos de Etnologia Peninsular/ Instituto de Alta Cultura. Porto, 160 p.

- ROCHE, J. (1952) – Les fouilles des amas coquilliers de Muge (leur importance pour la chronologie du mésolithique). *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa. 10 (1/3): 145-150.
- ROCHE, J. (1953) – Note sur les méthodes de fouilles utilisées lors des explorations des amas coquilliers de Muge. *Naturalia*. Lisboa. 4: 29-33.
- ROCHE, J. (1954a) – Resultats des dernières campagnes de fouilles exécutées à Moita do Sebastião (Muge). *Rev. da Faculdade de Ciências de Lisboa - Ciências Naturais*. Lisboa. 4 (1): 179-186.
- ROCHE, J. (1954b) – Récentes découvertes au gisement de Moita do Sebastião (Muge). *4.º Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas* (Madrid,1954). Zaragoza: 156-161.
- ROCHE, J. (1957a) – Première datation du Mésolithique portugais par la méthode du Carbone 14. *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. 29: 292-298.
- ROCHE, J. (1957b) – Les collections du Musée des Services Géologiques du Portugal. Moita do Sebastião. Muge. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38: 305-324.
- ROCHE, J. (1958a) – Détermination de l'âge absolu du gisement mésolithique de Moita do Sebastião (Muge) par la méthode du Carbone 14. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 16: 5-7.
- ROCHE, J. (1958b) – Quelques caractères de l'outillage du concheiro mésolithique de Moita do Sebastião (Muge). *Arqueologia e História*. Lisboa. 8: 31-36.
- ROCHE, J. (1959) – Les objets de parure trouvés dans les amas coquilliers de Muge. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 17: 407-411.
- ROCHE, J. (1960) – *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião. Muge. Portugal. Archéologie*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 177 p.
- ROCHE, J. (1963) – L'industrie mésolithique du Cap Sines (Portugal). *Actas IV Congrès International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques*. Paris: 459-464.
- ROCHE, J. (1964/1965) – Note sur la stratigraphie de l'amas coquillier mésolithique de Cabeço de Amoreira (Muge). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 48: 191-200.
- ROCHE, J. (1965a) – A propos du centenaire des premières fouilles des amas coquilliers mésolithiques de Muge. Historique des travaux. Problemes stratigraphiques. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa. 16: 37-46.
- ROCHE, J. (1965b) – Observations sur la stratigraphie et la chronologie des amas coquilliers mésolithiques de Muge (Portugal). *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 62: 130-138.
- ROCHE, J. (1965c) – Données récentes sur la stratigraphie et la chronologie des amas coquilliers d'âge mésolithique de Muge (Portugal). *Quaternaria*. 7: 155-163.
- ROCHE, J. (1966a) – L'industrie de l'amas coquillier mésolithique de Cabeço da Amoreira. Muge (Portugal). *Actes VIII Congrès International des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques*. Praga: 368-373.
- ROCHE, J. (1966b) – Balance de un siglo de excavaciones en los concheros mesoliticos de Muge. *Ampurias*. Barcelona. 28: 13-48.
- ROCHE, J. (1967a) – Seconde note sur la stratigraphie de l'amas coquillier mésolithique de Cabeço da Amoreira (Muge). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 51: 243-252.

- ROCHE, J. (1967b) – Note sur la stratigraphie de l'amas coquillier mésolithique de Cabeço da Arruda (Muge). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 52: 79-94.
- ROCHE, J. (1967c) – Les collections mésolithiques du Musée des Services Géologiques du Portugal. Cabeço da Arruda. Muge. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 51: 221-242.
- ROCHE, J. (1972) – Quelques caractères de l'industrie de l'amas coquillier mésolithique de Moita do Sebastião (Muge). *Arqueologia e História* 4: 7-14.
- ROCHE, J. (1973) – Sépultures de l'amas coquillier mésolithique de Cabeço da Arruda (Muge). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973). Porto. 1: 25-36.
- ROCHE, J. (1974a) – Les concheiros témoins datables de la Préhistoire. *Les Dossiers de l'Archéologie*: 31-34.
- ROCHE, J. (1974b) – Les origines de la cultura des amas coquilliers de Muge (Portugal). *XX session Congrès Préhistorique de France*: 513-517.
- ROCHE, J. (1975) – Les amas coquilliers mésolithiques de Muge (Portugal). Chronologie, milieu naturel et leurs incidences sur le peuplement humain. Travaux du Groupe Ouest de l'Europe de la Commission Internationale de l'I.N.Q.U.A. , *Colloque de Montpellier*: 121.
- ROCHE, J. (1976a) – Les amas coquilliers de Muge (Portugal). *Actes du Colloque International d'Aix-en-Provence sur l'Épipaléolithique méditerranéen*. Aix-en-Provence: 79-81.
- ROCHE, J. (1976b) – Les origines de l'industrie de l'amas coquillier de Moita do Sebastião (Muge, Portugal). *IX Congrès International des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques*. Nice: 161-165.
- ROCHE, J. (1976c) – Chronostratigraphie et typologie du Mésolithique ibérique. *Société d'Anthropologie du Sud-Ouest* 11 (2): 50-65.
- ROCHE, J. (1980a) – Algumas observações sobre a estratigrafia das jazidas de tipo «concheiro» e os problemas que levantam aos escavadores. *Arqueologia*. Porto. 1: 3-6.
- ROCHE, J. (1980b) – Algumas características da industria do Mesolítico antigo de Muge (Portugal). *Arqueologia*. Porto: 2: 12-18.
- ROCHE, J. (1983) – A organização do espaço numa estação mesolítica portuguesa: Moita do Sebastião. Muge. *Arqueologia*. Porto: 5: 4-10.
- ROCHE, J. (1985a) – Sépultures mésolithiques de l'amas coquillier de Cabeço da Arruda (Muge). *volume d'hommage à G. Zbyszewski*. Paris: 353-361.
- ROCHE, J. (1985b) – L'organisation de l'espace dans les gisements mésolithiques portugais de Muge. *Third International Symposium on the Mesolithic in Europe*. University of Edinburgh.
- ROCHE, J. (1986) – Spatial organization in the Mesolithic sites of Muge. *The Mesolithic in Europe*, ed. C. Bonsall. Edinburgh: 607-613.
- ROCHE, J. & FERREIRA, O. da VEIGA (1957) – Nota sobre a estratigrafia dos concheiros de Muge. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38: 261-268.
- ROCHE, J. & DELIBRIAS, G. (1965) – Chronologie absolue des amas coquilliers mésolithiques de Muge. *C.R. Académie des Sciences de Paris*. Paris. 60: 2005-2006.
- ROCHE, J. E FERREIRA, O. da V. (1967) – Les fouilles récentes dans les amas coquilliers mésolithiques de Muge (1952-1965). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 1: 19-41.

- ROCHE, J. & FERREIRA, O. da VEIGA (1972/1973) – Seconde datation par le C14 de l'amas coquillier mésolithique de Moita do Sebastião (Muge). *Comunic. dos Serv. Geol. de Portugal*. Lisboa. 56: 471-474.
- SANTOS, M. FARINHA dos; ROLÃO, J.M. & MARQUES, M.G.D. (1990) – Duas novas jazidas epipaleolíticas do baixo Tejo: n.ºs 1 e 2 do Vale da Fonte da Moça (Almeirim), sua exploração arqueológica e salvaguarda. *Actas do I Congresso do Tejo* (Lisboa, 1988). Lisboa. 1: 33-38.
- SUEIRO, M. B. B. (1924) – O buraco olecraniano. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*. Lisboa. 9 (1): 95-217.
- SUEIRO, M. B. B. (1931a) – Nota sobre um sacro humano mesolítico. *Comunic. Serv. Geol. de Portugal*. Lisboa. 17: 65-84.
- SUEIRO, M.B.B. (1931b) – Note sur la basalité des sacrum humains préhistoriques. *Comunic. Serv. Geol. de Portugal*. Lisboa. 17: 3-7.
- SUEIRO, M. B. BARBOSA E FERNANDES A. M. V. (1933) – O índice cnémico nas tíbias humanas mesolíticas de Muge. *Comunic. Serv. Geol. de Portugal*. Lisboa. 20: 211-221.
- SUEIRO, M. B. B. e FRAZÃO, J. V. (1959) – Lesões dentárias no homem do Mesolítico português. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*. Lisboa. 30: 197-209.
- VALLOIS, H. (1940) – La population du Portugal à l'époque mésolithique. *Congresso do Mundo Português*. Lisboa: *Comissão Executiva dos Centenários*, 1: 607-622.
- ZBYSZEWSKI, G. (1956) – Note sur les restes de Mamifères recueillis dans le "concheiro" de Moita do Sebastião (Muge). *Actas 4º Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas* (Zaragoza, 1954). Madrid: 333-338.

Apêndice

Documento nº. 1

CADERNO DE CAMPO DE CARLOS RIBEIRO

P1

3-5-80 Muges

Cabeço do Padre Pedro

Este Cabeço eleva-se acima do cam-/po do paul uns 15,0m, fas parte da margem/direita do mesmo paul que se estende para/encontro do Cabeço d'Arruda: o forno da Fonte/do Padre Pedro que esta ao poente é o extremo occi-/dental deste flanco. É formada esta mar-/gem ou flanco de camadas d'arenata plio-/cenea com argilas o tijolo é feito de sedi-/mento argiloso do campo, como em Alhandra./Os restos das conchas e ossos ocupam a/parte mais alta abrangendo uma super-/ficie de forma elliptica tendo 90 /a 100,0m de eixo maior de E-O(m) - e 45 m/de S. a N. ou d'eixo menor. As conchas ocu-/pam só uns 6 a 8,0m na coroa;/mas na encosta que vai ter ao/paul occupa 37m a 40,0m

P2

A superficie do solo está revestida de/numerosos pequenos fragmentos de conchas de/os-ra principalmente de Lutraria e tambem Tapes./Com ellas se encontrou um femur huma-/no; phalanges diversos fragmentos d'ossos de animais:por-/cão e mandibula de raposa;de ruminante/numerosas lascas de quartzite, e raspado-/res da mesma substancia.

As camadas plioceneas são sensivelmente horizon-/tais ,dizer medianamente fino, o man-to ?,micaceo e feldespa/thica em grãos pequenos e uniformes.

Cabeço d'Arruda

A presença dos esqueletos é uma novidade neste/genero de jazigos prehistoricos.

Que cerimónias, que condições determinavam os/enterramentos nestes Kjökkenmoedings enterra-vam-nos,/ cobriam-nos, e continuavam com as co-/zinhas, acrentes, residencias em cima da/terra conchi-fera e do cascalho com que cobriam/as sepulturas? O que é mais natural era; accumularem depositos ou/restos de cozinha numa área qualquer de/ 20 ou 30 por 10 ou 20,0m, e fazerem os enterra-mentos/á distância de 30 a 60,0m em sepulturas ou/poços alinhados e assim se explica a acu-/mulação de 13 esqueletos na parte oriental da/escavação feita, como que alinhados.Parece/que cada monticulo era uma tribu. Quem os continuou?As lareiras representadas/

P3

por estratos lenticulares com 0,03m a 0,15 e 0,20m/de espessura e comprimento de 0,50 a 1,5m. Estes/estratos tem as inclinações dos entulhos.

Os intervallos são extractos lenticulares de valves, de fragmentos/de conchas mastigadas;mais ou menos espessos alternando com lei-/tos de grês gressinos, seixos lascados, seixos esta-/lados pelo fogo, seixos não partidos; instrumentos de pedra e d'osso; ossos/quebrados.

O cabeço que tem 30 a 60,0m de largu-/ra de N a S. aproximadamente, esta apenas explorado uns 25 a/30,0m, isto é metade.

Os esqueletos não estão muito dispersos mas em/linhas paralelas.

P4

A espessura da parte sensível do depósito tem mais de 6,0m. É formada/de detritos lenticulares, de terras com fragmentos de conchas e conchas, e de fragmentos de conchas com alguma terra, e umas e outras com/carvão, seixos, e lascas de quartzite. Estão sobrepostas até/aquella espessura. A uma profundidade de 4m encontraram-se 9/nove esqueletos que parece terem ocupado um/mesmo extracto com pequenas diferenças de nível de uns/para os outros, os nove que se veem na planta abaixo es-/tao no caso.

(PLANTA)

P5

Muitos dos seixos e lascas de quartzite estão/em geral queimadas ou sofreram a acção do fogo para/alem de terem adherentes muitos fragmentos de carvão estão anegadas/em parte pela acção do fumo e do carvão

(PLANTA)

P6

Esqueleto nº1 apenas esta descoberto o craneo/que mostra ser de jovem e não se descobriram peças nenhuma per-/tencentes a este craneo.

Nº2Craneo com a sua mandíbula, não esmagado; os mem-/bros anteriores dobrados; o eixo do corpo disposto do N. 100º O.As extremidades inferiores dobradas para cima do thoraz.

Ha esqueletos sem craneo.

Documento n.º2**TEXTO SOBRE MUGE-CABEÇO DA ARRUDA**

F. A. Pereira da Costa (n/a, s/d)

P1

O Cabeço da Arruda é um outeiro allon-/gado na direcção de NO a SE tendo de comprimento 95 metros sobre 40 de largura e 5/ metros de altura: dista da margem da/ ribeira de Muge 10metros e acha-se a /uma altitude de 12,5metros sobre/ o plano do Paul, e de 26,5 metros sobre o nível do oceano.

Este cabeço é constituído de um depósito/ semelhante pelo seu aspecto e contentos/ ao do estuário do Tejo; as camadas que/ o formam constam geralmente de detritos/ mui miúdos de conchas das duas/ espécies mais abundantes no lodo do/ delta e que ainda hoje vivem na/ parte ocupada ou onde chega a agua/ salgada do oceano: estas especies são uma/...a explicação que acabamos de dar supõe/ 1º um período em que o lugar hoje/ ocupado esteve a descoberto e recebeu/ a acumulação dos restos da refeição/ de um grupo de homens que conhecia/ o emprego fogo pelo menos para se aque/cer e para assar as carnes dos animais de/ que se nutria, que fazia tambem uso/ dos mariscos, que ainda hoje se empregam na alimentação.

2º um momento de catastrophe subita que/ submergiu alguns individuos deste grupo e os envolveu imediatamente de um depósito que os garantiu da putrefacção rapida, transporte, dispersão e aniquilação total.

3º.....

No cam' de gironi com um lago vago
 que vai ao Lago de Oros NO 12
 seguindo em a p'cedente

Abis 13 e Saterles - pela ribe
 da Magos - a 2^a e 3^a de Nord
 Seis a valla nat' de tomari v'ha - 12
 com de qua a Lago de valla 2' em v'ha
 pelo cam' de p' parte que a e' a m^a
 tempo limitado de v'ente com a moque
 - em v'ha e 8^o m^a antes de ter m'ha a referid^a
 valla 2' em v'ha em separid^a 7' ornatos de m^a
 de m^a com ortos, cord' em, or' or, e m^a
 m^a m^a m^a, com uma f'ndig' de quantid^a
 de conchas q'v'ha de p' p'ra m^a p'ra m^a
 um g'ra de cur' m'ha - ite, m^a m^a
 3^a m^a de valla -) m^a m^a m^a
 em v'ha m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a
 vai em m'ha m^a m^a m^a m^a m^a m^a
 de m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a
 e 12 e 14^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a
 S' m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a
 m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a m^a

Fig. 1 - Folha do Caderno de Campo de Carlos Ribeiro, de 13 de Abril de 1863, onde se descreve a descoberta de conchas, ossos e muitos instrumentos na ribeira de Magos (cf. Apêndices, Documento n.º 3). Arquivo do IGM.

P2

(entre esta vertente e o valle que lhe está proximo e paralelo achou o colector com a?? todo coberto de detrito de conchas/? como o que formou o cabeço????desmoronamento + _ a margem da va-lla)

O Cabeço da Arruda é um outeiro/(e toda aberta em lodo do paul)/ na margem suave da ribeira ou do Valle-> a sua forma é oval allongada /com um declive suave? a? /vertente Norte ocidental e abrupto para a.....?/.....? sul oriental/Tem uns 95 metros de comprimento paralelo à rib.^a e uma direcção SE

a NO/ 40 metros de largura NE a SO/ 5 metros de altura sobre a esplanada ou margem/ 10 a 12 metros sobre o plano do paúl adjacente/ A margem suave ou esplanada sobre a qual/ assenta é de grês pliocénico e o mesmo cabeço/ acha-se constituído de restos de animais, areia,/ lodo e calhaus e contem muitos fragmentos de ma-/deira carbonizada dispersos em toda a massa/ e tuffo calc.^o insinuado em partes desta./ Esta materia de que o Cabeço é constituído/ parece disposta em leitos distintos não/ muito continuos e com inclina-ções discordantes entre si.

Os leitos do lado nascente parecem ser/ os m....

P3

os mais modernos são:

1º Leitos irregulares constituídos de fragmentos de lu-/traria compressa, arêa e muitos seixos dispersos muito/ desigualmente. Na pasta desde o tamanho de um/ grão de pimenta até ao de um ovo,tudo cimenta-/do de argila lodosa: espessura- 3 me-tros/ Observação - Contêm algumas valvas inteiras/ de Lutraria, Bulimys?, Helix e fra-mentos de ossos de/ roedores(coelho) e garras de caranguejo: algumas/ porções destes leitos estão convertidos em/ tuffo, e as conchas mais ou menos alteradas/ pelo acido carbonico.

2º Leitos mais alterados pelo tuffo mas/ de um modo desigual, e por baixo/ uns 5 que começando em cunha do/ lado nascente com 0,5 m de grosso/ tomam logo a espessura de 2 metros e pa-/recem bem definidos.Este leito tem a/ inclinação de 45º O e E verdadeiro.

P4

na parte inferior deste há um leito de seixos com/0,01 m. que desaparecem para o poente/3º com a cama-da de seixos existe a cama-/da de ossos de grandes mamiferos queimados/quebrados como para a extracção da medula./4ºabaixo desta camada aparecem os/cadaveres humanos sobre ou em uma/camada de detritos muito muida da mesma/ lutraria compressa, onde os seixos de quartzi-/te são mais raros e o cimento lodoso areoso é/menos abundante esta parte tem 5 metros de/possança.

A presença total do depósito é de 10 metros.

Praticou-se uma secção neste cabeço/no sentido do seu comprimento ou de/ SE a NO e foi nesta secção que se pou-/de estudar a constituição da collina que/.....descrever

P5

.....gumas valvas/...lho e garras de caranguejos, e que algumas/tuffo, e as conchas mais ou menos alteradas//mas de um modo muito irregular a estes lei-/(tos i)nclinados que, começando em cunha inte-riormente e do lado da nas.../....atingem superiormente e para o poente/..... parecem bem definidos e têm uma incli-//....(ca)mada de seixos de um centimetro de espessura/....muitos fragmentos de carvão, sendo para notar/.....como se tivessem sido estalados pela acção/...sua superficie arredondada pelo transporte/....planas e arestas vivas.

occupitulação

O Cabeço da Arruda pode ser 1.º formado totalmente por accção aquosa,
2.º totalmente por accção do homem,
3.º formad. em p. pela accção do homem e no resto por accção aquosa.

A 1.ª Hypothese tem contra si 1.ª a não existência na base do Cabeço de camadas alluvias: 2.ª a constituição do depósito na sua base cujas conchas de subtracção ^{que apparecem} com quasi absoluta exclusão de conchas d'outra esp. contrastando com a escapa de cim. lodin, da areia, e dos calhaos, achando se além d'isso os que existem sem ordem alguma na sua distribuição; 3.ª a existência evidente de um estacio humano na p. correspondente á camada de calhaos onde se acham os ossos quebraes, e guarnidos de mamíferos, as canas, eutz

Fig. 2 -Manuscrito original de Pereira da Costa sobre o Concheiro do Cabeço da Arruda (p. 65), com correções feitas pelo próprio, correspondente a versão preliminar da monografia publicada em 1865 (COSTA, 1865). Arquivo do IGM, Arm. 1, Maço 5, Cartas dos Colectores (cf. Apêndices, Documento n.º 2).
Nota (de J.L.C.) - a letra foi comparada com a de dedicatória autógrafa, aposta em obra do próprio, dada a aparente ausência de documentação de Pereira da Costa no Arquivo do IGM.

.....ossos de animais é que aparecem os esque-/. de detritos muito miúdos da mesma lutra-/.mas raros e um cimento de lodo menos abund-/.arte tem tres palmos de possança na porção/

P6

/...../.....hoje extinctos e de muitas outr(as)/

Desejando não demorar tanto como.../estudo detalhado a noticia da desc.../pertencer a um periodo remoto, vamos d...../offerecem á observação.

Descrição e condições do...../

os esque.../

O Cabeço da Arruda é um outeiro situado mar.../de forma oval allongada com um dec.../e abrupto do lado opposto, voltado para...../e a margem direita ou mais proxima.../e o chão que a torna é suavemente inclin...../mui miúdos de conchas quebradas, pro...../Cabeço, na base da vertente opposta, e/descoberto a formação sobre que elle...../O Cabeço tem uns 95 metros de comprim(ento).../gura, 5 de altura sobre a planicie.../

P7

Paul do Duque de Cadaval que lhe está adjacente. Como a/do Cabeço, tem se feito um sistema...../cultivado a valla mais proxima do Cabeço.../pertence a este sistema de esgoto, e é...../

O trabalho executado por ordem da...../a um corte em toda a vertente já de.../do lado de SO esta secção por a descobrir-/abatimentos superficiais acumulados no sopé e enc...../se que o Cabeço de que se tracta é co.../e calhaus contendo muitos pequenos...../mas não uniformemente em toda a...../bem irregularmente em diversas partes desta...../distinctos não muito continuos e com.../

Os leitos do lado nascente pare...../l°Leitos irregulares constituídos de fragm.../edule, areas e muitos seixos dispersos...../desa que varia entre a de um grão.../.....de argila lodosa: a espessura destes...../

P8

.....do homem sobre a Terra tem nestes ul.../logos de todos os Países de facto sendo neces...../...terminar se os restos do homem ou dos pro.../...de depósitos não remexidos se estes.../.....tem tornado nos mares ,lagos e rios hoje existen.../...iados no mesmo deposito com restos de especies...../...remonta a existencia do homem?...../...coberto os seus despojos ou os vestigios da sua...../...sciencia está mais habilitada, nem tanto.../.....sobre a antiguidade do homem prova./.....até este anno corrente se tem escripto, e.../.....que todos lhe reconhecem as questões...../.....questão principal e de todos os conhecimen.../.....do seu proprio estudo, das corresponden.../.....com sabios de diversas nações, da aprecia.../.....numa de factos que tantas investigações.../.....eunir, conclui que o ho-mem existio/...nesse periodo.../

P9

o testemunho do snr Lyell... nunca con-/seguiram tirar do fundo do mar um unico osso humano, contando por dezenas/de milhares de conchas e zoophyts col-/ligidos ao longo de uma costa de muitos/centos de kilometros de extensão, e ás vezes/a 600 a 800 metros apenas de uma/terra habitada por milhões de seres/ humanos: o Snr.Staring communicou/ao Snr.Lyell que elle e os seus collabora-/dores empregados no dissecamento do lago de Haarlen, apprehendido em 1853 tinha de balde procurado ossadas humanas nos depositos, que se tinham por tres seculos for-/.....à superficie de 18 mil he-/.....nas aguas deste/.....bastantes/

P10

causas que operam geralmente a destruição completa dos restos da nossa espécie./

Investigando bem o modo porque os factos se apresentam, parece-nos que se pode achar uma successão no ge-nero de alimentação, fundada na separação dos restos que ahi se encontram: de facto nota-se que os detritos de conchas apresentam uma camada de consideravel espessura na base do Cabeço e com elles não se acham senão as ossadas humanas enterradas na sua parte superior com mistura de alguma matéria carbonosa em mui pequenos fragmentos mas sem mistura de... e queimados de... do cont.../

P11

mada... occupava... ctares, e contudo...?, durante esse tempo, naufragios muitos combates navaes e centos de soldados e marinheiros holandeses e hespanhoes lançados ao mar, e a população que vivia nas suas margens era de 30 a 40 mil almas: o mesmo Sr. Stairing notou tambem a falta geral de ossos humanos na turfa da Holanda, com quanto sejam ali frequentes os objectos fabricados pelo homem.

Destes factos parece-nos que se póde concluir que a conservação de muitos esqueletos humanos, acumulados como existem no Cabeço da Arruda em um pequeno espaço só por si prova que foram logo cobertos de uma porção consideravel de materiais que os garantiram de uma putrefacção rápida e da acção das outras/

P12

..... gmen- / fracturados / amíferos, havendo alguns seixos irregularmente dispersos e tuffo calc.º insinuado tambem irregularmente e penetrando até em alguns craneos humanos; immediatamente por cima deste deposito é que está a camada nº3 que consideramos como o resultado da demora do homem nesta região.

Esta successão em tempo no genero de alimentação faz lembrar naturalmente a substituição do grupo de homens, que se alimentava de marisco por um outro grupo, que fazia a sua alimentação a custa dos animais que caçava, ou de uma população de pescadores por uma de caçadores: nesta hypothese pode tambem lembrar que os segundos exercessem violencia sobre os primeiros, e os destruiu/

P13

surprehendendo-os sem para se estabelecerem talvez tempora/riamente nos logares que estes habitavam. Para pesar bem o valor desta explicação é necessario saber qual era o modo de jazida dos esqueletos humanos no Cabeço da Arruda, e por conseguinte passaremos a apreciar quanto é possivel as condições em que eles se acharam./

1º Dá-se como um facto bem averiguado pelos Collectores da Comissão que extrahiram os esqueletos, que a maior parte destes existia sobre a camada inferior de conchas trituradas, envolvidos na pasta destas e immediatamente inferiores à camada de seixos com os restos de ossos queimados de mamíferos.

2º que os esqueletos estavam como amontoados em um pequeno espaço todos deitados de costas ou de lado com/

P14

as cabeças noroeste, podendo dizer-se que todos tinham a face voltada para nascente/ 3º reconhece-se pelo exame dos ossos humanos que chegaram á Comissão que o nº de individuos a que elles pertenceram era pelo

menos de 22./

4º que estes individuos eram de mui dif-ferentes edades reconhecendo-se que al-/guns não teriam mais de 7 annos,/outros eram adultos, e alguns velhos,/um delles muito velho./

5º que todos appresentam fracturas de/ossos e esmagamento nas cabeças,/muitos dos quais podiam ser produzidos/no acto e pelas causas que os fize-/ ram succumbir,outros podem ser o resulta-/do da pressão exercida sobre elles pela massa dos depositos que os cobriam e alguns emfim parecem indicar violencia/

P15

exercida durante a vida, podendo attribuir-se a/essa violencia a sua morte/não sendo possivel dar conta de todos/estes accidentes limitar-nos-emos a refe-/ rir aqueles que nos parecem mais im-/portantes./

1ºEsqueleto quasi completo extraido com/a massa que o envolve-ESTE esqueleto/estava em uma posição quasi horizon-/tal, com a cabeça um pouco mais ele-/vada que o resto do corpo;perto acha-/tada e desviada para a direita e/a columna vertebral descoberta na parte/superior dorsal, parecendo descer/da symphése da barba: região cervical oculta pela posição da cabeça: extremida-/de superior direita extendida sobre o/tronco,/omopla-ta subida á altura do canal//

P16

auditivo,clavicula fracturada.../(u)mero descido e extendido sobre a/ caixa thoracica ocultando o ester-no,/antebraço no prolongamento do/braço mas occulto em grande parte/pela materia em que o envolve e pela/sobreposição dos ossos das extremidades inferiores da/mão aparecendo pouco sobre a bacia e por baixo dos ossos das extremidades inferiores:/extremidade superior esquerda quasi na/posição que naturalmente devia ocupar/porção basilar occulta pela posição/e pela materia que a envolve, hume-/ro parallelamente ao tronco, antebraço/dobrado pela parte interna do humero,/a mão que deveria estar ao lado da/cabeça falta ou está ocul-ta;bacia/na sua posição normal, extremidades/

P17

Uma parte consideravel do montão que suppo-/mos que existia sobranceiro ao degrau em/que repousavam deitados:esta hipótese/explica a posição determinada que os ca-/daveres occupam ou a sua orientação/de poente ao nascente com a face volta-/da para este poente na posição de costas;/é extremamente provavel, que a agua pre-/cipitando-se em cascata, arrastasse os cor-/pos no sentido do pendor do degrau e/nesse movimento os mem-bros inferiores/tomassem a flexão forçada que apre-/sentavam; não é porem natural que/o esmagamento das cabeças, tivesse então lu-/gar a precipitação de uma grande/massa de detritos de conchas, sobre o de-/grau e o supposto facto de estarem/.....quando ali chegou expli-/

P18

potese de que partimos para ali para ai transportavam/os mariscos de que se nutriam, e ai deixavam/os seus despojos.Não se encontrou ainda/vestigios alguns de habitação ou logar de/retiro que lhes servisse de abrigo, pode porem/conjecturar-se que tivessem pro-/ximo do logar em que fariam as suas/refeições um sitto abrigado ao menos/dos ventos, que mais podiam incommo-/da-los e exposto ao sol; segundo nos/parece a extremidade oriental do flan-/co que olha para o sul, era o mais pro-/prio para esse fim; suppomos pois que/precisamente no logar occupado pelos/cadaveres havia um terraço ou degrau/protegido e guardado do lado norte/e do oeste pela accumulção das con-/chas trituradas e exposto directam(ente)//

P19

//cente e sem a acção benéfica dos raios solares,/e que neste sitio descansavam deitados/das fadigas da pesca.

Parece á primeira vista razoavel que as/camadas superiores do deposito foram/feitas debaixo d'agua, mas como/não pode deixar-se tambem de reconhecer no/deposito de grande nº de ossos quebrados/de mamíferos nas condições já descri-ptas/a existência de uma estação de/caçadores, e por conseguinte que o solo/desta estação esteve a descoberto por/algum tempo depois do enterramento dos ca-/daveres, admitindo por momentos esta hypothese, supomos que a catastrophe/que enterrou os homens foi uma cheia ou/uma invasão temporaria, cuja causa/não podemos determinar, basta-nos su-/por que ella se precipitou sobre a gente/

P20

deitada/

com a conservação dos esqueletos a/posição ordenada que apresentam e/a collocação variada que os membros/offerecem, bem como a estação de/costas ou de lado: a circumstancia de/ser como é de supor o clima nesse tem-/po mais rigoroso do que actualmente/tornaria a putrefacção da matéria orga-/nica mais demorada./

Não é possivel achar nas condições/que o deposito appresenta razão al-/guma para ajuizar se a estação do/grupo de caçadores se seguio com pe-/queno ou grande intervallo de tempo/á dos pescadores, mas o que parece muito/provavel é que aquella não teve co-/nhecimento da existencia anterior destes./A accumulacção dos calhaus que.../

P21

///via houve nas aguas deste lago bastantes nau-/fragios , muitos com- bates navais e centos de solda-/dos e marinheiros hollandeses e espanhoes ahi lan-/çados ou cahidos, a população que vivia nas margens era de 30 a 40 mil almas.

O mesmo Snr.Staring notou a falta geral/de ossos humanos na turfa da Hollanda,/conquanto contenha grande nº de objectos de/fabrico humano./

Fallando do valle do Somme o Snr.Lyell lembrou/que se os caçadores das primitivas edades tivessem al-/guma supersticiosa veneração pelo rio/daquele nome ou se para eles fosse um rio/sagrado como o Ganges para os hindus,/mesmo que eles tivessem o habito de /confiar os corpos dos seus mortos,/.....?? não explica a/conservação dos cadaveres./

P22

.....que? designou pela de-/nominação de Lutraria Compressa/e uma variedade pequena de Cardium edule:estes detritos acham-se misturados com a-/rea mais ou menos grossa, contendo/ mesmo accidentalmente alguns pequenos ca-/lhaus quartzosos, e terra negra semelhante/ao lodo.

A parte deste deposito donde se ex-/traíram os esqueletos appresenta/ inferiormente um estrato de detritos de/conchas com pouca area e pouco lodo/de tres palmos de possança: não se/cortou o necessario para reconhecer o que/esta imediatamente abaixo deste estrato mas em roda/do Cabeço vê-se que as arêas pliocenas/servem de fundamento ao deposito de que/se tracta./

P23

um periodo em que...../submerso e recebendo o deposito das.../do 2º e 1º grupo./

4º o abattimento de parte destas camadas para/o interior do vazio deixado pela decomposição/das partes molles dos individuos enterrados./5ºa elevação posterior deste mesmo solo acompanhada da deminuição/

Este modo de ver explica todas as circuns-/tancias do deposito e previne ou dá razão ás/principais objecções ou differendos./

Assim á 1ª questão do Sr. Carlos Ribeiro/onde estavam as conchas? pode/ responder-se que viviam no estuario de então/ou nos lodos do leite salgado do braço de/mar que era por assim dizer uma am-/plificação da bacia do nosso Tejo; estas con-/chas foram pescadas e comidas pelo homem/desse periodo por o logar em que se acham/

P24

Objectos de Pedra achados na Estação
do Cabeço da Arruda

1º Placa de quartzite micacea xistosa/cinzenta anegrada, formada de laminas/ delgadas de forma toscamente romboides,/lisa em uma das faces e boleada em/um dos lados, sendo avermelhada nesta/parte pela decomposição da mica.

2º Fragmento de uma placa grés/micaceo xistoide vermelho de tijolo escuro:/dois dos lados são talhados em angulo recto,/mas o angulo esta cortado:uma das faces/é lisa como se tivesse sido gasta pelo attrito./ « 2 DESENHOS »

Consideramos estas duas pedras como/empregadas para afiar ou alisar instru-/

P25

mentos./

3º «1 DESENHO» Pedaco de quartzite...../qualidade do 1º nº com a forma de um pequeno/pilão arredondado na extremidade mais longa e/cortado na outra:parece-nos que esta peça/poderia servir para assentar ou batter costuras/em pelles./

4º «1 DESENHO» Lamina de grés/fino vermelho de grão muito mais fino que o/do nº2, tendo na extremidade mais longa uma pequena face/plana e na mais estreita duas em sentidos/contrários unidas em uma aresta obliqua./

5º «1 DESENHO» Losango imperfeito de quartzite como os nº1 e 3 cujo uso não conhecemos./
« 1 DESENHO »

6º Agulha feita de um osso ou talvez espinha/é aguçada na ponta ao que parece pelo uso/de furar com ellas; a extremidade mais grossa/conserva restos de facetas articulares/

P26

Lamina delgada do feitio das laminas das/facas ordinarias feita de osso e lisa só sobre/uma das suas superficies e boleada em um dos seus/bordos pelo uso:é redonda em uma das extre-/midades e está quebrada na outra./

« 1 DESENHO »

7º Dois estiletos de osso « 1 DESENHO »/o 2º quebrado na ponta « 1 DESENHO »

P27

isto é sufficientepara tornar os dados?/para a confrontação dos nossos com os restos acha-/dos em outras partes./

Confrontação com o craneo de Engis

Comprimento maximo do craneo de Engis-191 mm nosso-162/Largura maxima do craneo de Engis-131 mm nosso-130/o snr. faz pertencer o craneo de Engis ao grupo dolichocefalo/o nosso deve talvez a diferença a ter sido quebrado/em 3 partes por duas fracturas transversas./No de Engis a testa é? arqueada e?? /.....??, um a/

circunferencia horisontal de 512mm nosso 490/e o arco longitudinal da glabella aproximadamente 340mm sendo o nosso 310/e o arco transversal 325mm no nosso 322mm/estas diferenças podem depender das más condições em/que se achava a peça em que effectuou/as medições- 512 - 490/.....340 - 310...../

P28

Orientação de cadáveres de E a O?/nação de 20° a 25° grande tumulo? pelo/...? de Santos no Brasil Mumia?? e?/.....? da S.....? Anno 1825 p.285./

1828 Caverna de Bere(Aude) sul da França por? E .../...? acharam ossadas e dentes humanos, fragmentos de/louça? com conchas? de?, ossos de ...?/

Segundo Lartet a fauna desta caverna é de alta/antiguidade o Bison europeus, Auroch? e a Rena/que não habitavam a França nos tempos historicos e/ acha-se associada quasi sempre ao Mammouth/.....? e no deposito das cavernas.

1833/34 Os ossos humanos achados por Schmerling/na Caverna de Engis sobre a margem esquerda/do Meusa estavam associadas na mesma brecha com/ um dente de Mammouth com dentes de Rinoceronte/ossos de cavallo, algu.../

P29

Depois disto estar escripto constou-nos por um dos/Collectores da Comissão que no Porto da Amo-/reira na margem esquerda do/Paul do Duque, retirado deste uns 30 metros com dois de inclinação nesta direcção e a uma altitude maior, ao Sudoeste do Cabeço da Arruda e a 1 kilometro de distancia delle ha um /outro monticulo, que asenta sobre as areas, tem tres metros de altura, 30 de com-primento sobre quasi/outro tanto de largura, e é constituido de conchas/quebradas sem o menor indicio de estratificação/tambem contem fragmentos de carvão, ossos que-brados,/pedaços de pederneira e seixos, muitos deles/partidos: ainda não se achou resto algum huma-/no neste monticulo.

Na Fonte do/Padre Pedro, perto do Paul sobre a margem/direita, a 3 metros sobre o seu nivel, onde as cheias não chegam, e ao NO do Cabeço da Arru-da.../de 3 kil. deste.../

P30

Noutras cavernas...../dos elephantes com,...../instrumentos principal-mente facas de silex, um/(...? articular polido e com? ...?....??/na caverna do?) esta? com restos de/rinoceronte.

Conservação dos ossos nas cavernas-Lyell/(74) os ossos fosseis pare-cem ter sido porvenientes/da decomposição e da destruição na maior parte/das cavernas pela chegada continua da agua car-/regada de carbonato de calceo e caindo gotta/a gotta do tecto durante a ...?.A acção/da mesma coisa cimentou lodo area e calhau.? explicou a presença/do acido carbonico em excesso por dissolver o/carbonato? pela decomposição continua dos/ vegetais contidos no solo fertil das/.....? e o acido carbonico resul-/..... decomposição levado em dissolução nas/

P31

2 Ossos do craneo - Frontal. Arcadas supraciliares/ consideradas de-senvolvidas em alguns individuos/depressão? mas consideravel entre as areas/das (Glælle do Snr.Lyell) bossas frontais pouco/desenvolvidas, seios frontais consideráveis - occipital/.....?? grandes tanto as superiores como/as inferiores:protuberancia occipital externa não muito/notavel, crista mui aguda e salliente:linhas curvas/para a inserção dos musculos muito pronunciadas/na extremidade da linha curva existe uma de-pressão/de cada lado que parece ter sido produzida artifi-/cialmente no individuo quando era novo precisa-/mente no encontro das suturas occipital, parietal, tempo-/ro-parietal e occipito-temporal,mas??/destes:? daremos mais cir-

cunsciada/ descrição dos ossos do craneo considerados/separadamente porque não achamos ne-lles/differenças que mereção especial/menção:os nossos? não estão em estado/de prestar...../

P32

//caremos o resultado a que pudemos a?/.....? chegar.

A circunferencia horisontal tomada em/um plano que passe pela gla-bella e a protuberan-/cia occipital é de 490mm./

O arco longitudinal da depressão do osso fron-/tal á protuberancia occipital 310mm./Distancia desta ao bordo do buraco 55mm/o arco transversal per-pendicular ao plano/da circunferencia horisontal e terminando antes/e passando pelo meio da altura daquele 332mm./A altura vertical? acima/do plano occipital 115 em outro indice/do maior diametro longitudinal 162/o maior diametro transversal 130./ A sutura sagittal 135mm./Comprimento do occipital desde o buraco até ao angulo /superior sutural - 116mm./

Altura do frontal da?? até ás??/136mm da protube-rancia ao bordo do buraco 55mm/

P33

325 - 322/a 3ªmedida aproxima-se mais daqueles outros/dois - as outras são? pelo menos e consi/de-ravelmente mais o craneo que nos serviu para/estas medições tinha sido fracturado como/já dissemos e o esta-do destas fracturas/..... diminuir o comprimento do craneo, e como/...altam ...? das paredes laterais a?/não pode fazer-se rigorosamente./No craneo de Engis a sutura occipital teml 37mm e no nosso 135/

As arcadas supraciliares tão bem desenvolvidas/e separadas por uma depressão mediana mediana/na ...? da glabelle e??/se tambem no nosso./De tudo quanto temos dito a respeito dos/caracteres do homem a que pertenceram/(os)restos(dos)esqueletos achados no Cabeço da Arruda/pareceu-nos po-der concluir que apresen-tam/(n)otavel semelhança com...../

P34

Genero Equus/

Das investigações historicas tem-se concluido/que o Cavallo e o Bur-ro as duas especies deste/genero mais uteis ao homem na Europa são/oriundas da Asia, e trazidas das planicies centrais/desta parte do Mundo ás diver-sas regiões da Eu-/ropa pelos povos que dela emigraram em diversas/ epochas para estas regiões.Sendo assim pare-/ce á primeira vista que não deviam encontrar-/se restos fosseis deste genero em depositos/de formação anterior a esta ephoca a que remontam/as tradições historicas; mas é certo que restos/fosseis achados em diver-sas partes attestam/a existencia de es-pecies deste genero na Europa/assim no ultimo periodo da epocha tercia-ria/(como) em todo o periodo post-plioceno./.....de animais/

P35

Tem-se como um facto historico bem ave-/riguado que no Novo Mundo não ha/via cavallos antes da sua conquista pelos/Hespanhoes:os cavallos que hoje vivem nas/grandes planicies da America são oriundos/da Europa, passados outra vez ao estado/selvagem: mas as investigações geologicas/teem feito conhecer restos fos-seis dos terrenos/desta parte do Mundo que attestam a/existencia de individuos deste genero/no periodo dilu-vial./

Apesar das grandes analogias que/que os restos fosseis do genero equus teem com/os Cavallos actuaes tem-se pretendido esta-/belecer differenças de raças fundadas sobre/tudo na maior ou menor area dos/.. individ...../

P36

A falta de restos de especies extinctas ou/antes a falta de demons-tração da sua/existencia pode conside-rar-se como uma/prova contra a antiguidade dos restos/humanos achados neste logar sem/pretender que estes

restos sejam tão/antigos como o de outras localidades/em que elles se tem achado associados a ossos de mamíferos extintos; pare-/ce-nos que a falta destes se é absoluta/o que está longe de poder considerar/-se um facto demonstrado não é só/por si sufficiente para concluir que/os restos humanos do Cabeço da Arruda/não são tão antigos como aquelles ou/.....muito antigos porque/

P37

Um cadaver lançado em uma corrente vai primeiro/ao fundo e se não é logo coberto envolvido por/um certo peso de sedi-/mentos entra em putrefacção e adquirindo/maior volume pela formação dos gases que/resultam da decomposição, torna-se?/.....? mais por este modo mais leve e vem flutuar á superficie poden-/do por este modo ser levado até ao/mar e neste trajecto pode ser devorado/pelos grandes peixes? se antes de ser leva-/do até ao mar, ou de ser devorado, é envolvido pelo lodo/e a areia do rio, na primeira chêa pode/ser novamente desenterrado, os seus ossos serem dispersos, quebrados e rolados e/ainda depois expostos aos agentes destruidores/

P38

Circunstancias que influiram para a conservação dos/cadaveres - /M M. Mac? e o falecido Edward Forbes/e outros habéis draga-dores segundo o testemunho do/Snr.Lyell nunca conseguiram tirar do/fundo do mar um unico osso humano/enquanto que/contam por dezenas de milhares as conchas/e zoophyts colligidos ao longo de uma costa/de muitos centos de kilometros de extensão/e??? a 6 ou 8 centos/metros apenas de uma terra povoada/de milhões de seres humanos./

M.Staring disse ao Snr.Lyell que elle e/os seus collaboradores empregados no desseca-/mento do Lago de Haarlem empreendido em/1853 debalde tinham procurado ossadas hu-/manas nos depositos que tinham por? um/.....??? deste grande lago, cuja/.....uma?/.....18000 hectares, e toda/

P39

inferiores dobrados sobre o ventre, os femures/quebrados junto á arti-culação ileofemo/ral deixando os? mettido/nas fossas? da bacia, as per-/nas dobradas sobre as coxas, conserva/numa dellas a rotula e a outra o peróneo./2ºEsque-leto quasi completo no corpo, mas/tendo a cabeça esmagada - Este esqueleto/estava deitado de costas em uma posição proxi-/ma da horisontal e a distancia de/.....metros do primeiro, estava tambem/de costas, pertence a um individuo moço/porque apresenta ainda as epyphy/ses nas extremidades dos ossos não soldados/com os seus corpos: tinha a extremidade/inferior esquerda, ou antes a coxa um/pouco levantada, e a outra um pouco dobrada e mettida por baixo da/primeira...../

P40

estão entre as fossas orbitarias do frontal,/e as ultimas vertebrae da mesma região/sahem por baixo do bordo direito da/maxila inferior, os maxilares superiores/são desse modo afastados um do outro/e do frontal,? para diante e/para cima com o maxilar inferior/tambem partido do lado esquerdo por/um plano que passa entre o 1º e 2º mollar;/finalmente uma das 3ª está fracturada/transversalmente em dois planos, e a-/presenta por este? uma notavel diminuição/no comprimento do seu diametro/antero posterior.

De.....? as condições em que se appresen-/tam as ossadas humanas, as quais poderiam/induzir a crer a existencia de violencia/e acção de outros homens na sua morte//

P41

.....? da?? com?/.....? do? dissolve uma porção dele e/depois quando o excesso do acido se evapora nas/cavernas a?? depõe-se em .../.....?

P42

Darwin foi quem descobriu primeiro os restos de um cavallo fossil na America do Sul, depois disso têm-se achado várias daquelas/ especies neste continente. Na America do Norte/achou-se tambem uma especie que não é possível/distinguir do cavallo domestico e depois os/representantes de outros 5 generos fosseis de/solipedes./

P43

Monticulos de conchas da Dinamarca

Encontram-se ao longo/das praias de quasi todas as ilhas devia/.....? monticulos constituídos principal/mente de cascas de mariscos de especies iden-/ticas aquellas de que se usa ainda hoje/como alimento nos mesmos logares./

Com estas conchas acham-se? mis-/turados ossos de animais que serviam de/nutrição aos homens que deixaram estes/monticulos. Os dinamarqueses deram a/estes monticulos o nome de kjoekkenmöddings/que quer dizer amontoamento de restos de restos de comida. Nestes monticulos acham-se tambem facas/de pedreira, machadinhos e outros instrumentos/de pedra, de corno e de osso com fra-gmentos de louça/...../

P44

Todas as graves objecções que se podem fazer/á adopção da primeira hypothese: tambem/não carece de que se admita uma ele-/vação tão consideravel de nivel no solo para este passar do que era/quando a acumulação? para o que/é a-ctualmente, admittindo de mais uma/oscilação durante todo o periodo do deposito/que não deixa de estar em harmonia com/o que se tem observado em outras partes onde/ha depositos antediluvianos: não contra/indica a antiguidade do periodo do depósito, não? não a restringindo tanto como a outra hypothese./

Finalmente a 2ª hypothese tem todas as/vantagens da 3ª, dispensando de mais/a oscillação no abattimento e elevação do solo: podendo o deposito ter sido/

P45

da que os contem faria remontar a existen-/cia destes homens anterior/e de muito aos movimentos que colocaram/o deposito na altitude, em que elle se acha./

Contudo deve observar-se que sendo tudo/como o temos figurado admitindo a hypo/these de uma formação aquosa para todo/o deposito que constitui o cabeço é pos-/sível desconfiar da contemporaneidade/da existencia dos homens com a da formação em que se/acha, porque correspondendo superiormente/ao plano em que elles existem uma porção/das camadas superiores abattidas é possi-/vel, que nos fins deste deposito esse aba-/timento determinassem a formação/de um pego, e que os homens que/se acham enterrados fossem levados para/

P46

Effectuado ou já depois dele ter al-/cançado a altitude em que actual-mente/se acha ou quando esta era menor/e provavelmente quando esta localidade for-ma-/va a margem de um braço de/mar em que viviam as conchas/pescadas que hoje só se encontram/vivas nos lodos do leito salgado/do Tejo e de Setubal, em pontos/muito afastados deste de que se trata/e em nivel muito mais baixo, por-/que não era muito natural que o gru-/po de homens que primitivamente aqui vivia/nesta hypothese fosse procurar a/sua alimentação muito longe/do logar em que se estabeleceu/para a aprovei-tar./

Vê-se pois que nesta ultima hypothese/

P47

ahi pelas ...?? nelle até/ao plano em que se acham: as condições/ em que os esqueletos existem não

são muito/ contrarias a uma tal hypothese. Estas/va-riantes na hypothese geral, comquanto/diminua consideravelmente a antiguidade do periodo em que estes homens vi-/veram, ainda deixa esta anterior aos/movimentos geraes do solo que a poseram/ao nivel em que actualmente se acha e/portanto ainda antediluviano./

A 3ª hypothese explica a falta de cama-/das alluviaes na base do ca-beço, a consti-/tuição do deposito na sua base, a pre-/sença da estação humana, e a fal-ta/absoluta de qualquer indício da existen-/cia anterior do mesmo deposito estendido ao longo da margem, e por conseguinte/

P48

...em..../deravel, e o mesmo su..../Lartet a respeito desta localidade não havia ali suf-/ficiente espaço para collocar 17 individuos ao lado/uns dos outros e horizontalmente:a pouca elevação/da abobada não permitia tambem que o enterramento/fosse feito por sobreposição e amontoamento dos/cadaveres? a configuração semi-circular da cavidade/sepulcral presta-se a sobreposição de que a ..?/

...? dada aos corpos? mesmo que se tem/verificado em? sepulturas./

P49

Posição dos corpos na hypothese de uma sepul-/tura-Segundo a infor-mação dos Collectores havia/uma certa orientação nos corpos - nenhum estava/de cos-tas, todos se achavam mais ou menos esma-/gados na cabeça, e por diverso modo po-dendo con-/siderar-se mais frequentes os esmagamentos de cima para baixo e/de diante para tras, e os laterais: quasi todos/offerecem uma torção no pescoço: as pernas/são em uns flectidas sobre o ventre, em outro um pouco crusado, em outros estendidos e ...?./Na hypothese de ser o deposito do Cabeço/da Arruda um logar de inumação em/ tempos remotos, era necessario ver se estas/condições de posição podem ou não con-/ciliar-se com tal hypothese/.....logar observaremos que a superficie/.....estes restos se acharam é pouco consi-//

P50

a hypothese de ser o logar onde tantos cada-/veres se acharam reunidos num logar/de sepultura tendo ao pé uma estação hu-/mana onde se reuniam para fazer as suas/refeições e talvez algumas cerimoniaes religiosas/é uma? hypo-these que pode lembrar/e talvez authorisar-se até certo ponto/com o que o Snr.Lartet nos diz a respeito da estação/de? proximo de Aurignac como admitiu

P51

de tudo que podemos consultar o que conclui-/mos unicamente é que o cavallo existia na/epoca em que viveram os humanos achados/no Cabeço da Arruda, ou pelo menos aqueles/que ali fundaram a estação em que se encontram/os ossos queimados.

Gen. Sus

Caracterisado pelo maxillar superior esquerdo incom-/pleto mas con-servando o canino, seis molares/desenvolvidos e o 7º e ultimo ainda dentro/do alveolo - e umas? falanges?/

P52

.....que taes restos pertenceriam:/outros naturalistas teem elevado estas differenças/á categoria de caracteres distinctivos de/especies, e por taes as teem tomado;assim/Cuvier criou a espécie Equus fossilis/Schlotheim criou a espécie Equus adamaticus/Eichwald criou a espécie Equus priscus/Kaup criou a espécie Equus?/Bran criou a espécie Equus magnus/Bran criou a espécie Equus?/Gervais criou a espécie Equus piscensis/Owen criou a espécie Equus plicidens/Cuvier diz que os dentes molares superiores do cavallo/são prismaticos com 4 crescentes e mais um ao meio/do bordo interno:os inferiores comprimidos com 4 curvas alter-/nantes./

O snr.Gervais diz que seria bem arriscado affir-/

P53

mar que os cavallos fosseis nas camadas diluviais/com restos de Ele-phantes, rhinoceros? ...?/e das cavernas de ossadas, das brechas e das turfeiras/ onde se verifica a mesma associação, são da mesma/especie dos nossos cavallos actuaes - mas reconhece/que ainda não se achou entre estes e os seus/representantes nas ephocas antehistoricas cara-/cteres que os naturalistas possam considerar/ como? - mas é um facto averigua-/do que entre os cavallos que viveram em periodos/mais ou menos remotos da epoca diluvial, e/fora da influencia da civilização havia raças/...?? distintas.

Na presença da difficuldade reconhecida/por naturalistas tão competentes e?/de todos os meios de comparação//

P54

Pelo que diz respeito aos res...../do genero Equus achados fosseis nos depositos/diluviais ha, segundo os anatomicos que/ os têm estudado, tan-tas relações entre eles/e as partes correspondentes das especies actuais,/que é quase impossivel estabelecer caracteres/que sirvam para estabelecer com eles dis-/tinções especificas./

Para conciliar o resultado das investi-/gações historicas com os das geo-logicas,lem-/bra o Snr.Pictet a possibilidade de que os ca-/vallos da Europa estivessem destruidos pelas/ultimas re-voluções do globo, e fossem depois/ substituidos por espe-cies mui vizinhas oriundas/da Asia conduzidos á Europa pelos povos emi-/grantes, e corrobora esta hypothese com o que/se tem passado na Armenia./

P55

/...../nunca instrumentos de bronze e ainda me-/nos de ferro;por outro lado os instrumentos/ de pedra dão mostras de haverem sido afiados/por atrito, e de-baixo deste ponto de vista/são menos grosseiros do que os de uma/data mais antiga aparecidos em França e ossos/de mamiferos de especies perdidas./

P56

/.....que na/estação do Cabeço da Arruda ha restos/deste genero bem caracterizado pelo dente que representamos na fig^a...../

Este dente parece-nos ser um molar direito/da maxilla superior, das fi-guras que vimos/a que com elle mais se parece é a n^o9/na Est.19 da obra de Nor-dinami;notam-/se lhe contudo ainda diferenças, que são:/1^onas dimensões absolutas e relativas, o dente do Cabeço da/Arruda é mais pequeno;diferença relativa nas suas di-/mensões longitudinal e transversal é maior, está/menos, pode mesmo diser-se quasi nada gasto na/corôa, confrontado com os dentes cavallo comum/actual parece-se com o 2^omollar direito/sendo a diferença que se nota na coroa?/o que resulta de não estar o dente do?/.....? tão gasto como o do exemplar com/que o comparamos./

P57

Gen^o Bos

Caracterizado por um dente mollar e?/peças.

Gen^o Cervus

Fragments de queixos com dentes.

P58

desvio mais ou menos notavel para a/direita ou para a esquerda, e o tor-cer das vertebraes para um ou ou-/tro lado, e outros evidentes que se no-/tam nos esqueletos achados: a/produção duma quantidade tão/notavel de

acido carbonico co-mo/poderia resultar da decomposição de tantos cada-veres juntos explica/tambem a formação do tuffo pela/acção dissolvente daquele acido sobre o car-/bonato calcareo das conchas, e deposi-/to? quando as condições de pressão/temperatura ou outras determinavam/a separação do acido carbonico/excedente, e a precipitação por/corre-ção do carbonato neutro./

P59

formam o? da? segundo a mesma hypothese foi pro-/vavelmente produzida tambem pela mesma causa/que produziu o enterramento dos cada/veres.

Como quer que seja,na hypothese de formação por?, á estação dos caça/dores deve ter succedido um periodo de abatimento geral/ que pos permanentemente debaixo d'água/o solo desta estação, ou pelo menos menos o/deixou sujeito a chêas periodicas com certa regularidade, esta segunda variante é mais provavel/e adoptando-a pode/supor-se que um abattimento/gradual e mais ou menos lento/desse acesso ás aguas nesta/parte e permitiu que ahi se depusessem/na occasião das cheas camadas de lodo, e nos intervallos delgadas laminas formadas de conchas inteiras: as cama-/(das) lodosas não..../

P60

partidos, muito carvão e indicios da acção ime-/diata do fogo nos proprios seixos e na massa/....? cujo lodo está vermelho pela cozedura/4ª falta absoluta de qualquer indicio que faça/suspeitar que este deposito continuava ao/longo do valle para uma e outra extremidade;sendo/a denudação que é necessário suppor.....? ,/e não se podendo attinar com a razão por/que essa denudação havia respeitar este/cabeço, e destruir o resto em tão grande/escala.

Verdade é que se dão como semelhantes a este/os depositos da Fonte da Burra e do Arneiro do Roquete; mas estes depositos ainda não/estão estudados, e do seu exame talvez/resulte o conhecimento verdadeiro das/condições em que todos eles se formaram.

Se se vier a achar explicação satis-/

P61

a margem appareceu só formando a/parte superior deste cabeço - achando-se/em roda dele tanto nas extremidades/como na vertente do norte as arêas/ pliocenas a descoberto./

Esta objecção parece-nos effectiva-/mente de grande peso, e faz lem-brar/a hypothese de que/ a parte superior do Cabeço fosse tam-/bem apesar da sua aparente estra-/tificação a continuação dos trabalhos/do homem./

Qualquer que seja a hypothese que se/adopte a este respeito,?? ou se/admitta, que as partes superiores do deposito/que constituem o Cabeço da Arru-da/foram depositos de baixo de agua/ou que são o producto da acumulação feita/

P62

pelo homem - parece-nos que este/deposito real ou aparentemente/es-tratificado sofreu um abatimento/partial do lado do nascente preci-/samente na parte que corresponde ao/sitio ocupado pelos cadaveres hu-/manos:pela pequena extensão em/que o phenomeno se apresenta/parece-nos que ele pode explicar-/se pela falta de sustentação na/sua parte inferior em consequencia do vazio/causado pela destruição da ma-/teria organica dos cadaveres: este/accidente explica bem por isso o/esmagamento dos ossos da cabe/ça differente segundo posição em/que achou esta parte dos corpos, o/achatamento do peito feito com/

P63

fatoria para estas circumstancias que/parecem tornar inadmissivel a hypo-/these e nos chegarmos a convencer que/este deposito foi formado por acção aquosa,/teremos de o reconhecer como um depo-/sito diluvial

pela situação, que elle/ occupa de 25 metros acima do nivel médio do ocea-/no e de 12 metros acima/do plano do Paul adjacente, um deposito/elevado acima da altitude em que se/formou, e por tanto anterior a movimentos/do solo de alguma importancia hypothese na/região que se considera:enfim um/deposito diluvial.

Nesta hypothese a posição que/os esqueletos humanos tem na base del-le/supondo que a ser enterramentos foi/contemporaneo da formação da cama-/

P64

Recapitulação

O Cabeço da Arruda pode ser 1º for-/mado totalmente por acção a-quosa,2ºtotalmente por acção do homem,3ºfinalmente em parte por acção do homem e no resto por acção aquosa.

A 1ª hypothese tem contra si 1º a não exis/tencia na base do Cabeço de camadas allu/viais:2ª constituição do deposito na sua base ou o estado de trituração e a abundancia das conchas de Lutraria, que apresenta com quase a-/bsoluta exclusão conchas d'outra especie, contras-/tando com a escassez de cimento lodoso, da area, e /dos calhaus, achando-se alem disso os que exis/tem sem ordem alguma na sua distribui-/ção:3ª existencia evidente de uma estação/humana na parte correspondente á camada/de calhaus onde se acham os ossos quebrados/e queimados de mamiferos,as??/

P66

das.....deixar de/misturar-se com os detritos de conchas ai/preexis- tentes e alguma area;as delgadas/laminas de conchas não podiam deixar de appresen-/tar-se com o aspecto de um deposito de con-/chas lavadas:se a razão do crescimento em al-/tura do deposito fosse pouco mais ou menos/a do abatimento em profundidade podia mesmo o depo-/sito progredir sempre em aguas de/pouca espessura na estiagem, e em aguas/um pouco fundas durante as cheãs./

Esta hypothese plausivel para explicar/a alternção de camadas lodoso areosas/com detritos de lutraria, separadas por lami/nas delgadas de conchas inteiras da mesma especie,/faz surgir uma dificuldade que é dar/a razão porque este deposito, que/devia formar uma orla em toda/

P67

.....ha uma lomba com um me-/tro de altura e 80 metros de compri-mento sobre/20 de largura, apresentando sobre as areas/pliocenas? e constituida de conchas/trituradas:não contem camada regular de cinzas mas tem carvão em pequenos fragmentos ossos/e dentes de animais e cacos de barro no contacto/deste deposito com as areas e assentando nestas/achou-se um esqueleto humano,/com os pés para o nas-cente e extendido:ainda não se extrahio./

Documento nº. 3

CADERNO DE CAMPO PERTENCENTE A CARLOS RIBEIRO/1863 - TRANSCRIÇÃO PARCIAL

Abril 13 de Salvaterra pela rib(ei)ra/de Magos - a Q.ta da Sard.ª/Deixei a valla real a 1km. da sua bifurcação e tomei sobre o NE,/corri depois ao longo da valla de enxugo/pelo caminho de pé posto que o é ao mesmo/tem-po lemite do recente ...da margem/encontrei a 800m. antes de terminar a referida valla d'enxugo um montículo d'arenatos recen-/tes com ostras, cardium edule, ossos, e muitos /instrumentos, com uma prodigiosa quantidade/de conchas quebradas...



Fig. 3 - Participantes da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (Lisboa, 1880). Carlos Ribeiro encontra-se sentado ao centro, na primeira fila.

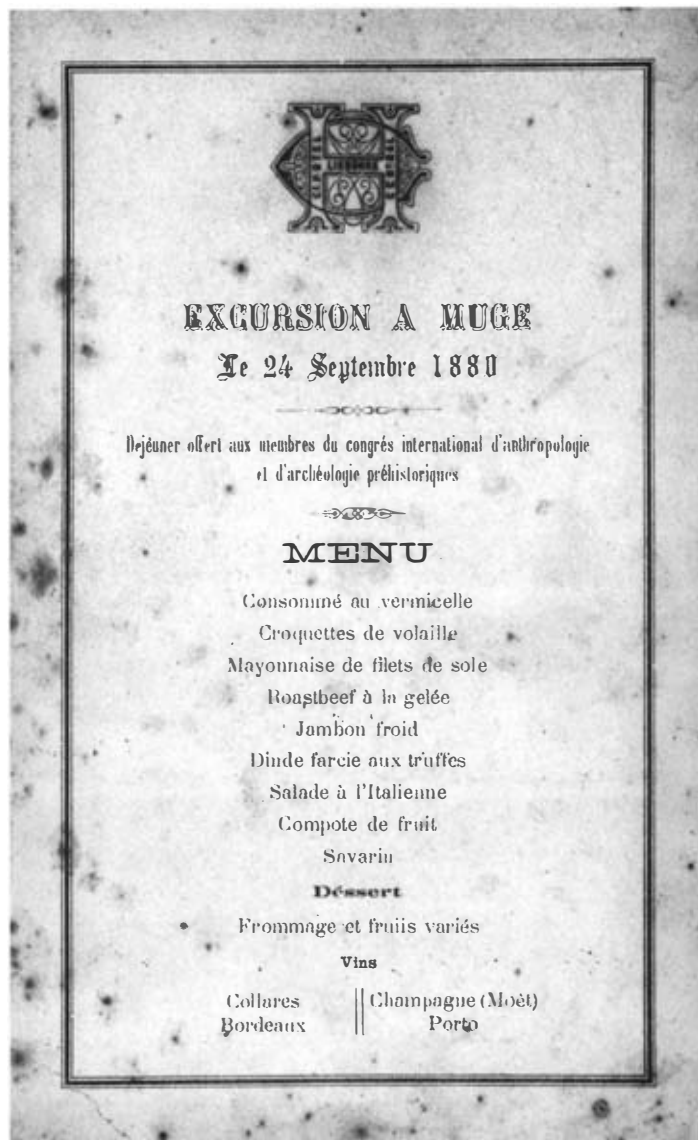


Fig. 4 - "Menu" servido aos congressistas, em 1880, pelo Hotel Central, aquando da sua deslocação aos concheiros de Muge, a 24 de Setembro.

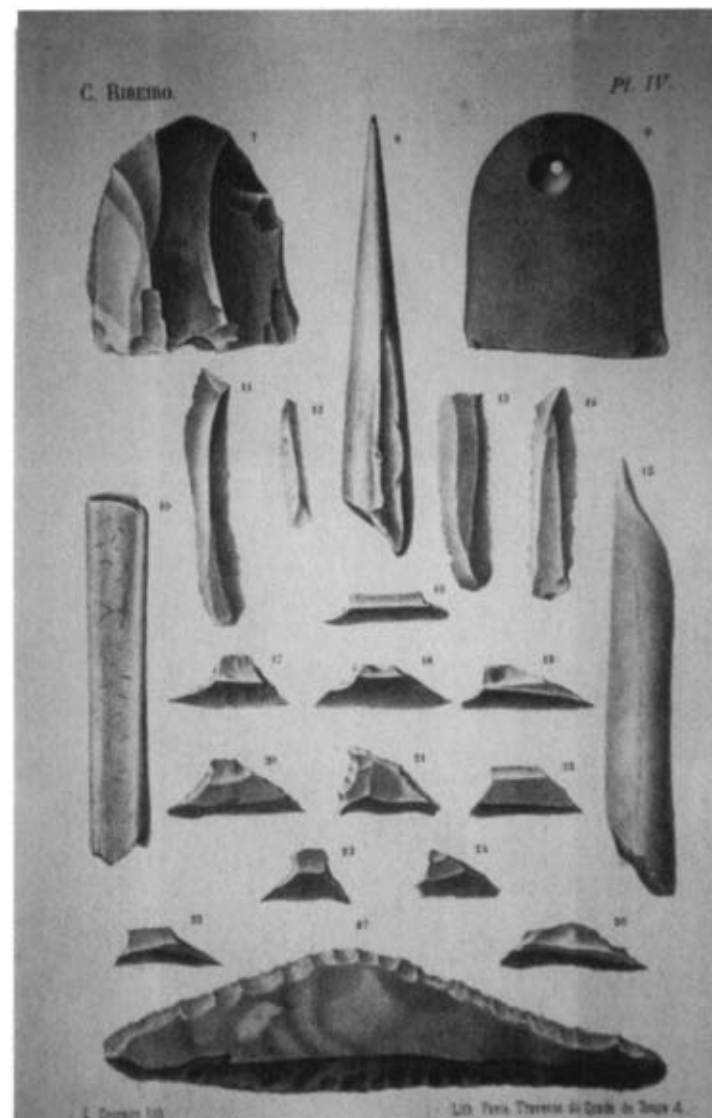


Fig. 5 - Indústrias líticas e ósseas dos concheiros de Muge, apresentadas aos congressistas em 1880 (RIBEIRO, 1884, Pl. IV).

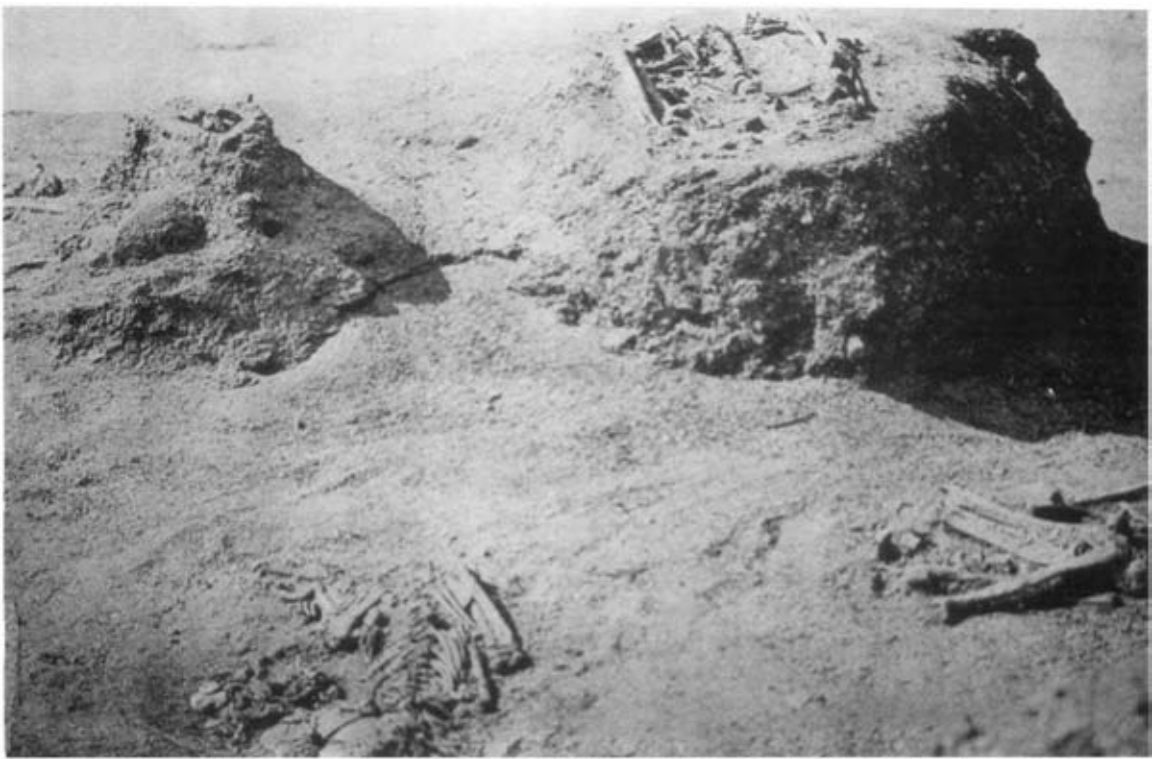


Fig. 6 - Pormenor das escavações do concheiro do Cabeço da Arruda em 1880 (RIBEIRO, 1884, Pl. II).



Fig. 7 - Pormenor das escavações do concheiro do Cabeço da Arruda em 1880 (RIBEIRO, 1884, Pl. I).

... é proximo das folhas do Arnei/ro do Roquete ao pé da Fonte das Cabeças#/Aparecem tambem fragmentos de solen e de pecten.

#Na Corte Grande no Paul de Magos

É necessário fazer averiguar/as areas soltas em Muge/e a forma da margem que/me parece na escarpa abrupta.

Documento n.º4

CADERNO DE CAMPO-CABEÇO DA AMOREIRA 1930 - LETRA DE A. A. MENDES CORRÊA

P1

Junho, 3/30 -1ª- 111\$30/Almoço no rápido- 27\$50/Gratif.º em Muge/a um trabalhador/e ao cocheiro 20\$00

P2

Em 3 visitei sumaria-/mente Moita do Sebas-/tião e Cabeço da/ Amoreira.Fiz sonda-/gens no alto da 1ª/e no alto da verten-/te nascente do 2º/Algumas lascas/atipicas, um percu-/tor,cinzas, carvões,/na 1ª/a sondagem foi/

P3

até 1,20m de prof./lascas atipicas, um/silex pigmeu, uma pon-/ta pequena, um frag-/mento de pequena lâ-/mina; fragmentos de ossos de peque-/nos animais, cinzas,/carvões no 2º.A/ponta apareceu quase/à superf./Depois voltamos/a Muge e contorna-/mos o Paul para ir-/mos além do Cabeço/da Arruda, ao Arnei-/

P4

ro dos Pescadores, a/um sitio onde me/disseram haver conchas/não encontrámos/tal sitio./Visitei o Cabeço/da Arruda e por-/fim a Fonte do Pa-/dre Pedro. Duas son-/dagens nesta ulti-/ma, no alto e per-/to da base, a cerca/

P5

de 1,5m de profundi-/dade, não deram/nada.O terreno/arenoso, revolvido/até mais de 1m/pelo plantio da/ vinha, poucos res-/tos de conchas ti-/nha, mesmo nal-/guns pontos ne-/nhuns.Abaixo/ terra negra/

P6

compacta esteril./Voltámos para Mu-/ge às 8 h. da noite./Juntei com o snr./Armindo de Jesus,/que me deu gace-/lho e com quem/combinei os detalhes/das escavações/

P7

Em 4-VI-/Grati(ficados) em Muge da-/das sr.Armando 20\$00/Bilhete de Muge a/Lisboa em 1ª _____24\$50/1/2 pag.º sr.Armando 12\$25/Gorjeta ao co-/cheiro/da casa _____5\$00/Em Lisboa/Almoço _____16\$00/Fui ao Minist.º do Co-/mercio contactar o/topografo para os le-/vantamentos e tratar/do fotografo./

P8

Regressei ao Porto no/rapido da tarde de 5./Bilhete de 1ª - 135\$50/ Jantar no rapido 28\$00/Hotel em Lx.ª/Taxis/Refrescos/Compras no Porto/Despacho para Muge/

P9

Em Julho enviei a José Mon-/teiro pelos 4 levantamentos e/20 Marions- 1200\$00/Em 3 de Agosto no rapi-/do/da manhã parti com Santos/Júnior e Rui para Muge/2 fatos de macaco no Chiado 108.00/2 Bilhetes d'ida e



Fig. 8 - Da esquerda para a direita: Santos Júnior, Mendes Corrêa e Serpa Pinto no concheiro do Cabeço da Amoreira, em 1931 (GONÇALVES, 1986, Doc. IIIb)



Fig. 9 - Participantes da XV Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas que se deslocaram ao concheiro do Cabeço da Amoreira em 1 de Outubro de 1930 (N/A, 1931; CARDOSO, 1999, Fig. 3).

volta/1 (Bilhete) d'ida/485.05/Taxi para a gare___10.00/Ao Americo para a viagem__200.00/3 almoços no rápido__8\$50/À tarde visitámos/sumariam(ente) Cabeço/da Arruda, Fonte do/P(adre) Pedro; Moita do/Sebastião e Cabeço/da Amoreira./

P10

No Cabeço da Arruda/leitos diversamente in-/clinados, (cruzados),/ análogos.Talvez/metade N. a explo-/rar.Muita Lutraria/compressa./Na Fonte do P(a-dre)/Pedro, tudo destruí-/do pela vinha.Uma/encosta.Escavações/(sondagem)/que lá fiz/

P11

na visita anterior na-/da deram.À super-/ficie restos de conchas,/depois terra estéril até ao salão.O/Santos J(júnior) teve a/felicidade d'encon-/trar uma linda ponta/de sílex, á super-/ficie, a 60m. apro-/ximadamente a SW./da casa do guarda/da vinha.Muitos/frag(men)tos cerâ-/

P12

micas à superf(ici)e,/mas muitos mo-/dernos. Possivelmente/porém , al-guns anti-/gos (romanos?)/Na Moita do/Sebastião vestígios/das antigas escava-/ções. Numa pequena/sondagem que lá/fizera encontramos/sobretudo Cardium/

P13

edule, alguns, peque-/nos, por abrir./No Cabeço da/Amoreira, o mais/ intacto, começam/amanhã as explo-/ra-/ções./No regresso a/Muge, preparámos/pe-neiras, pessoal,/estacas, etc.para/os trabalhos do/dia seguinte./Disseram-nos/

P14

que no Cabeço da/Arruda aparece-/ram "cadaveres"/que ali teriam/sido depositados/por uma inun-/dação,porque is-/to tudo era um/braço de mar:/Uns dizem que,/por baixo do Cabe-/

P15

ço ha um barco,/outros um castelo./No Porto do Sabugueiro/a N. de Muge, á/beira do Tejo, en-/contraram ha pou-/co mais de 20 anos,/ao fazer um cano,/ arcarias de tijolo,/talhas, moedas pe-/quenas, um esque-/leto de bruços,/muitos tijolos e telhas./

P16

Em 4-VIII-30 começá-/mos as escavações no/Cabeço da Amoreira./ Assistimos Santos J(úni)or,/Rui e eu, e á tarde/veio tambem Virgoli-/no.Trabalhavam 4/ homens e 5 mulheres./Na vertente E do Cabeço/fizemos 5 series de/furos em 5 ou 6 fiadas/na mesma curva de nivel./

(DESENHO-Planta das séries de furos)

P17

desde o sopé, até co-/meçarem a aparecer/restos apreciáveis do concheiro.Nos/furos d'ensaio mesmo perto da base, aparece-/ram na terra vegetal/(muito espessa) objectos de/quartzite, alguns típicos,/como uma bela ponta/de quartzite, algumas/pontas com encoches, etc./quasi todos com bolbo/e plano de percussão./Ligámos os furos/superiores por uma/vala longitudinal/d'ataque, de 37,5m de /comprimento, dividida em 15 compar-/

P18

timentos de 2,5m cada./A vala tem cerca de/ 1,5m de larg. e come-/çou por se profundar/até cêrca de cm de/profundidade. Está a 19,80m/a ESE do marco do al-/to do Cabeço.A sua/direcção é /Na vala d'ata-/que apareceram muitas/conchas (so-/bretudo Cardium, Helix, Lutraria, etc./

P19

(apareceu um beijinho/-cypraea moneta-com/2 furos), pinças de caranguejo, ossos, dentes(en-/tre os quais de veado),/punções de osso de for-/mas rudes, micróli-/tos numerosos, numerosas/lascas de quartzite./Não foi possível du-/ rante o dia sirandar/toda a terra tirada./Em 5.VIII-30/Continuámos a penei-/rar a terra tirada da/vala d'ataque.Objectos/

P20

idênticos. Muitos punções/d'osso rudes.Mais pon-/tas de quartzite. Objec-/tos de quartzite, com/a base a superf(ici)e natu-/ral e encoches laterais/(raspadores?)/

(DESENHO-Pendeloque)

Encontrou-se um/pendeloque em uma subs-/

P21

tancia azulada, com um/estrangulamento pelo fio de/suspensão./O Américo tirou hon-/tem e hoje fotografias/da Amoreira e da Moi-/ta do Sebastião./Ao meio-dia o Rui/retirou para o Porto levan-/do uma caixa com/os achados até então./ Depois das 3 apare-/ceu mais um beijinho/com 2 furos e 3 busios/com 1 furo./A cerâmica raris/sima encontrada pa-/

P22

rece ser toda superficial/e moderna./Hoje trabalhou um/sirandão de malha/fina.Os homens deixaram de cavar para sirandar./Ficou por siran-/dar o terço direito/da terra tirada da/vala./Mandei fazer mais/3 sirandas./

P23

Mandei falar a mais/5 mulheres para a/tarde d'amanhã e/a mais 6 para o dia/todo./Em 6-VIII-30/Fez-se a sirandagem/da terra que faltava/da parte NNE da vala/d'ataque e começou-se/a aprofundar esta até/ao saibro e a/sirandar a terra tirada/ por talhões.A vala fi-/

P24

cou dividida em 15 ta-/lhões AB,BC,CD,etc. até/NO.Pouco mais profundamos.No corte encon-/tram-se verticalmente/de cima para baixo: terra/vegetal com conchas e ob-/jectos; terra vegetal com/mais conchas e menos/rica em objectos; terra/ negra de novo com me-/nos conchas e com menos/objectos; saibro com/conchas e alguns objectos;/saibro esteril(?).A espes-/

P25

sura das varias camadas/varia não sendo per-/feitamente horizontal,/as linhas de separação./Encontraram-se ossos,/dentes d'animais, quartzites toscas, mi-/crolitos, pinças de caran-/guejos, conchas(mais um/beijinho com 2 furos e/2 buzios com 1 furo)./Nas camadas profundas/não estereis encontraram-/se ossos d'animais, vertebras e ossos longos, conchas (pre-/domina o Cardium,/mas apareceu mais /Lutra-ria), barro irre-/gular, carvões,etc./

P26

Ficaram montados qua-/tro sirandões, traba-/lhando tambem 4 pe-/neiros pequenos./Com a entrada de/mais mulheres fica-se/a 7 a trabalhar em/pleno.O Americo fotogra-/fou a trincheira e o pessoal/e foi embora:/7-VIII-30/Continuou-se até ao/saibro.Centro da linha/d'ataque sempre mais/productivo.Na linha/de separação dos talhões/

P27

LM e MN a 90cm de/profundidade sôbre o/saibro apareceu uma/peça de barro grossei-/ro (nº1) perfura-

da/junto de carvões, con-/chas e ossos e lascas/informes de quartzites,/que guardamos junta-/mente./No talhão FG da/vala d'ataque, a pro-/fundidade, apareceram/3 beijinhos perfura-/dos em dois pontos(co-/

P28

lar) e um molar hu-/mano(?) além de den-/tes de carnívoros, ru-/minantes, etc./No talhão AB, a/poente da vala apa-/receu quasi no contac-/to com o saibro uma/peça metálica trape-/zoidal(de zinco?) com/2 orifícios e ar mo-/derno: forma apro-/

P29

ximada:

(DESENHO-Peça metálica)

A meu vêr, foi intro-/duzida num remexi-/mento./Concluiu-se a si-/randagem da terra/tirada da parte profun-/da da vala d'ataque/porção norte./A espes-/sura da camada ar-/queológica é muito/maior no meio da/

P30

vala.O Santos Junior e/eu traçámos um/desenho cotado do/perfil do talude da/vala./O Santos Junior foi/a cavalo ao Arneiro/dos Pescadores, a E./do Cabeço da Arruda,/e, como eu na outra/vinda a Muge, não/encontrou lá os/montões de conchas/

P31

que alguns diziam ha-/ver lá./Prolongou-se 2,5m/para W a escavação dos/talhões AB,BC e CD./Começou a respectiva/sirandagem./Continuaram a/aparecer pontas de/quartzite (talhão NO/da vala d'ataque),/micrólitos numerosos, dentes, punções mui-/tos d'osso, buzios/perfurados,etc./

P32

As camadas superficiais/e profundas de AB, BC/ e CD foram siranda-das/juntas por culpa dos/cavadores, apesar das/recomendações, visto/que cavaram, segun-/do a horizontal e não/segundo a inclina-/ção do terreno, à qual/corresponde a incli-/nação do saibro./

8-VIII-30

De manhã concluiu-se a sirandagem de AB,BC e CD e começou

P33

/a escavação da cama-/da superficial do 1ºtroço de FG e GH,/bem como a da cama-/da superficial do 2ºtroço de AB e BC./Vim para o Porto/depois do meio dia/trouxe os restantes objectos/extraídos da vala/d'ataque e dos 3 primeiros/sectores(1ºtroço)./Ficou Santos Junior/que nessa tarde e/em

9-VIII-30

P34

levou o trabalho até/ao seguinte estado:/2ºtroço de AB 2º de/BC,1º de FG e 1º de/GH escavados até ao/saibro;2ºtroço de CD,/1º de DE e de HI, es-/cavados apenas até á ca-/mada profun-/da(exclusivé)/Neste dia paguei/de férias 503\$50./(15 mulheres e 4 homens)/Outras despesas/feitas em Muge por/

P35

mim:/Gratificações ao/cocheiro ___ 50\$00/Idem ao carpin-/teiro e ajudante ___ 20\$00/Lona para a/tenda ___ 115\$00/Ao guarda que/acompanhou Santos/Junior ao Arneiro dos/Pescadores ___ /Ao Americo á/sua partida mais 100\$00/Cadernos ___ 3\$20/Fio-3 novos ___ /

P36

Ao carregador 5\$00/Ás creadas do sr.Ar-/mindu, que nos hospe-/dou ___ 100\$00/Auto para

Quarta 11 de Junho

Quando cheguei ao Cabeço da Amoreira estavam lá o José e minha e mais 10 meus. Nenhuma mulher já tinha começado a montar e, tirando a para o mato em alguns pontos ainda intactos, e começou por se culá a tirar a terra



CABEÇO DA AMOREIRA -
Huge.
Escavações do Prof. H. Cordeiro
"Instit. de Educ. Sup. Nacional,
1930.
1931.

8-VIII-30

Apartem-se e empacotem
camada superficial DE-1ª série
" " FG-1ª série
" " GH-1ª série

Ata com se as camadas superficiais dos talhões BC e CD 2ª série e as camadas profundas dos talhões FG e GH 1ª série

Fig. 12 - Páginas do Caderno de Campo de Mendes Corrêa, com letra do próprio, de R. de Serpa Pinto (à esquerda, em baixo), e de Santos Júnior (à direita, em baixo), relativas às escavações de 1930 no concheiro do Cabeço da Amoreira. Em cima, à direita, o esqueleto mostrado aos congressistas da XV Sessão do Congresso Internacional do Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (ver Fig. 9).

Santarem ___70\$00/Sobretaxa de velocidade_/Jantar no rapido 26\$50/Ao partir de Muge em/8 deixei a Santos Junior 1.000\$00/de que ele pagou as/férias da semana, já/indicadas./Em 9 entreguei ao/Ataide 1.200\$00, deven/do ele partir para Muge/em 11./Em 12 regressou Santos/Junior despachei mais la-/tas e jornais para Muge./Despacho ___/3 K. de jornais ___/

P37

Em 15 parti de novo para/Muge com Francisco./Bilhete d'ida do Fran-cisco/e de ida e volta meu ___292\$65/Taxi ___10\$00/Porteur ___3\$00/Ao cocheiro em Muge 10\$00/Gratificação ás creadas 40\$00/Ao ajudante do auto 10\$00/Férias da 2ª.semana ___734\$45/Jantares meu e do Ataide no regresso 55\$00/Taxi a casa ___12\$50/ Carregador em Santarem ___2\$50/

P38

P39

Film - pack tirado por mim/1-Aspecto geral do S/2-Inutilizada ?/3-Aspecto geral do S./4-Idem?/5-Trincheira do lado NS. do/3ºtroço do talhão FG e GH/ 7-Grupo dos trabalhos/8- Grupo dos trabalhos/9-Aspecto geral de SE Inst./10- Aspecto geral de SE Pose/

P40

Em 16 ao meio dia dei-/xei os trabalhos assim/

(DESENHO-Planta da situação dos trabalhos)

De K ao marco do alto do cabeço 19,50m no/sentido W 11°N, quasi WE/+ escavado completamente/ \\\ escavado camada superior(ou quasi)/

P41

Corte da trincheira do lado W/dos terceiros troços dos ta(lhões)/

(DESENHO-Corte da trincheira)

P42

O concheiro d'Amoreira/tem uma forma aproximadamente/eliptica - grande eixo N-S 90m,/eixo menor- E-W 50m./Ver noutro caderno/de Santos Junior o diário/entre 16 de Agosto e/

P43

Em 29 de Setembro vim a/Muge para preparar a/visita dalguns congres-/sistas do XV Congresso/Internacional d'Antropologia e Ar-/queologia Prehistorica/ Bilhete d'ida e volta para/Muge ___/sobretaxa do rapido ___/Taxi para a estação 10\$00/ Gratificações em Muge aos/cocheiros e chauffeur/Almoço no rapido ___26\$50/

P44

Quando cheguei ao/Cabeço da Amoreira/estavam lá o José Al-/minha e mais ho-/mens.Nenhuma mulher./Já tinha começado a/montar as cirandas, ra/para o mato em muitos/pontos ainda intactos,/e começara por/tirar a cama-

P45

/da superficial do hu-/mus de F a K! Fiz/a divisão do sectores,/mandei limpar/as trincheiras, e come-/çou o ataque no/6ºtroço de AB e no/5º de FG e JK.Mas/as sirandas, com ho-/mens, não davam/vasante ao serviço/e pouca coisa apare-/cia./

P46

Em 30 veio Santos Junior entraram 5/mulheres e mais/homens ao serviço e/levou-se o trabalho/até ao fim das cama-/da superficial e média/do 6ºtroço de AB e/iniciaram-se as pro-/fundas do 5ºtroço/de FG e JK./Na media de AB-6º/apareceu um grande/dente de ruminante./Na media de FG-5ºtroço/apareceram fragmentos/de crânio e mandi-/bula humanas;vi/

P47

pela dentição e dimensões parecem/infantis./Na (...)de(...)/apareceu uma placa/muito grosseira de cerâmica./O mau tempo pre-/judicou muito os tra-/balhos./

P48

Em 1 d'Outubro passa-/se á camada profunda/do 5ºtroço de FG e/ começou-se a média/do 5ºtroço de GH e/a media do 5ºtroço/de JK.Suspendeu-se/a escavação de AB,6ºtroço de que falta a cama-/da profunda./Cerca das 13 horas/ apareceu a meio da/linha de separação/entre o 5ºtroço de/GH e o de HI, a/40cm de profundi-/

P49

dade um esqueleto dum/adulto masculino/com o crânio fractu-/rado (post-mortem),/em decubito lateral,/com o dorso para E,/a cabeça caída para/tras, os pés para/N., os membros pro-/fundamente flectidos, os/joelhos a 20cm do/hombro. Fez-se cro-/quis e fotografias./

P50

Trabalhou-se duran-/te parte dessa tar-/de e em 2/no isolamento e/ extracção do esque-/leto, o qual foi/visto pelos congres-sistas/que visita-/ram Muge comigo/na tarde de 1./Vê-se bem/aparecer/o lado direito do/individuo, o crâ-/nio, a clavícula./

P51

a omoplata, o hume-/ro, o radio e cubi-/to, a rotula, o fe-/mur, a tibia (partido/em 2 pontas), o calcâ-/neo, os ossos do pé,/muitas vertebrae e coste-/las, um pedaço do/iliaco./Os congressistas/que vieram comigo/em 1 foram Bégouen/

P52

Pittard, Mulher e filho,/Miss Luley,/Nicolaes-/cu, Vayson de Pra-/denne e mulher, Si/ret, Reygasse, Jalhay,/Pires, Vallois e mulher, Rellini, Benoit./Levaram quasi to-/dos alguns micro-/litos, ossos, con-/chas, quartzites,etc./de AB e FG./

P53

(DESENHO-Planta de esqueleto)

P54

Partes dum cubito/e dum radio esta-/vam enterrados/no cranio(1 e 2)/Pertenceriam a (fragmentos/de radio e cubito)/?/Junto do esqueleto/encontraram-se quar-/tzites informes,um/micrólito trapezoidal/e muitos cardi-um/por abrir.

P55

O micrólito estava/sôbre o esqueleto./O esqueleto estava/assente sôbre um pla-/no arenoso in-/clinado no sentido/da vertente, mas mais/acentuadamente./Ao ver a areia/por baixo do esqueleto/o Santos Junior exclamou:Eles/a êste fizeram a cama!/Convem em novas/investigações apurar/

P56

esta questão da areia./Ao suspendermos na/tarde de 2 os trabalhos/para regressarmos ao Porto,/faltava

C. da Amoreira 13 - 11/8/1930

no com cinco cuspidos,
e pouco desgastado.

Na camada superficial
de FG - 2º traço apareceu
um berloque um quartel-
te (?) com buraco
de suspensões.




Ainda peça.
O buraco de sus-
pensão é formado
por 2 cordas encontra-
do de tempo.

C. da Amoreira 14 - 12/8/1930

a 65 cm de profundidade
bem preservada mesmo
camada constituída quase
exclusivamente por restos
de lutas e ossos, encontro-se
o primário vaso.


A terra em volta foi encha-
da à parte e os restos em
partidos à parte também,
e com eles os fragmentos que
as cordas cercavam de vaso.

No mesmo sector encontra-se
-se uma peça que lembra um
berloque com o orifício de sus-
pensão quebrado.



Atacaram-se a camada profun-
da do 3º traço de outros locais

C. da Amoreira 15 - 22/8/1930



Peça que encontrei em 22-VIII
junto da esteira e que havia apare-
cido na camada superficial de
HI - 3º traço

C. da Amoreira 16 - 23/8/1930

23-VIII-1930

Atacaram-se as seguintes

Profunda IJ - 4º traço
Profunda JK - 4º traço
Profunda AB - 5º traço
Profunda BC - 5º traço
Profunda CD - 5º traço

Suspensões das Trabalhos.



6' traço
4'
3'
2'
1'

Croquis das escavações em 23-VIII

Fig. 13 - Páginas do Caderno de Campo de Mendes Corrêa, com letra de Santos Júnior, relativas às escavações de 1930 no concheiro do Cabeço da Amoreira.

escavar a cama-/da profunda do 6ºtroço de AB, a profunda/do 5º troço de GH./O 5º troço de JK ficou/todo explorado./

P57

Em 25 de Julho de 1931/dei a Santos Junior 2.000\$00/para continuação traba-/lhos./Santos Junior partiu para/Muge em 28.Nesse/dia despachei para lá/um caixote com pa-/pel, caixas, algodão,/etc./

Documento n.º 5

CADERNO DE CAMPO-CABEÇO DA AMOREIRA

Junta Nacional de Educação-1930/1931 - Letra de J. R. dos Santos Júnior e R. de Serpa Pinto

P1

8-VIII-930

Apartou-se e empacotei/Camada superficial DE-1ºtroço/Camada su-perficial FG-1ºtroço/ Camada superfi-
cial GH-1ºtroçoAtacou-se as camadas super-/ficiais dos talhões BC e CD 2ºtroço/e as camadas profundas
dos/talhões FG e GH 1ºsectores./

P2

9-VIII-930

Atacou-se a camada profunda/do sector AB, a camada profun-/da do sector BC ambas no 2ºtroço./O sec-
tor HI foi atacado na/camada superficial do seu/1ºtroço./Apartou-se e empacotei/algum materl
colhido./Algumas conchas(beijinhos)/com dois furos, apareceram/em sectores diferentes./Apareceu uma ponta
de/corça(?) no sector FG/Despegou-se ao meio dia./Paguei de férias 503\$50./

P3

11-VIII-930

Ferrou-se às 91/2/Atacou-se a camada superfici/al do sector IJ,e, no sector JK/igualmente a camada super-
/ficial, ambos no 1ºtroço./Atacaram-se as camadas su-/perficiais do 2ºtroço dos secto-/res FG e GH./Atacaram-
se a camada/superficial de AB-3ºtroço, e/a camada profunda do/sector BC-2ºtroço./ Atacou-se tambem a cama-
/da profundado sector FG/2ºtroço./Na camada superficial de/HI-1ºtroço apareceu o 1º/resto humano, uma
corôa/dum dente molar huma-/

P4

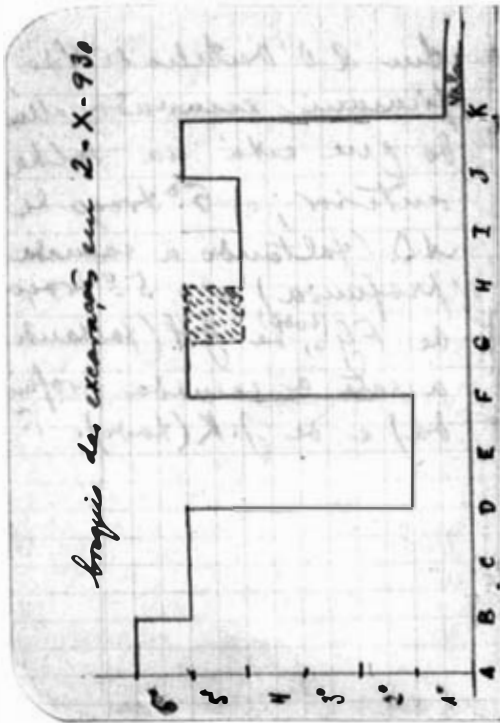
no com cinco cuspides,/e pouco desgastado./Na camada superficial/de FG-2ºtroço apareceu/um berloque
em quartz-/te com buraco/de suspensão./Linda peça./O buraco de sus-/pensão é formado/por 2 covas encontra-
/das de topo./

(DESENHO-Berloque)

P5

12-VIII-930

Atacaram-se as camadas/superficiais de BC e CD am-/bas no 3ºtroço./ Atacou-se a camada pro-/funda de
GH-2ºtroço./Fez-se o apartamento da ca-/mada profunda CD-2ºtroço./Predominavam as conchas de/Cardium,
apenas algumas de Lutrá-/ria.Muitos ossos de coelho prova-/velmente do mesmo esqueleto./Conchinhas



29-VII-931

Atacam-se a

Camada superficial BC-6^o

" " HI-5^o

" " IJ-5^o

Reataram-se os trabalhos com 6 mulheres e 3 homens

6-VIII-931

Atacam-se

BC profunda 7^o trazo

AB profunda 7^o trazo

HI profunda 6^o trazo

JK superficial 7^o trazo

GH superficial 7^o trazo

BC superficial 8^o trazo

Na camada prof. de AB-7^o apareceu um bivalve de concha arredondada e de cor escura.

Faltaram 3 minutos

7-VIII-931

Atacam-se

AB superficial 8^o trazo

CD superficial 8^o trazo

EG superficial 7^o trazo

IJ superficial 7^o trazo

HI superficial 7^o trazo

As aperturas a cavidade superficial de JK-7^o trazo, mostram-se uma concha de pecten com orifício de seus parcos, muito arredondada e com ostra.




Fig. 14 -Páginas do Caderno de Campo de Mendes Corrêa, com letra de Santos Júnior, relativas às escavações de 1930 e de 1931 no concheiro do Cabeço da Amoreira.

furadas(colar)./Algumas conchas de Cardium/tambem furadas e que po-/deriam igualmente ter for-/mado colar./Ao cavar a camada profun-/da do sector GH-2ºtroço/ no angulo superior direito./

P6

a 65cm de profundidade/em encorporada numa/camada constituida quasi/ exclusivamente por restos/de Lutraria, encontrou-se/o primeiro vaso./A terra em volta foi criva-/da à parte e os restos em-/pacotados à parte tambem;/com eles os fragmentos que/ao cavar acharam do vaso./No mesmo sector encontrou-/se uma peça que lembra um/berloque com o orificio de sus-/pensão quebrado./

(DESENHO-Berloque)

Atacou-se a camada profun-/da do 3ºtroço do sector BC./

P7

No apartamento do material/da camada superficial/CD-3ºtroço ap(areceu) um dente molar/humano./Ao tentar retirar o vaso agar-/rado ao bloco sobre o que/assentava notaram-se/fragmentos de ossos de crâ-/neo.Removendo a terra en-/volvente com cuidado po-/demos verificar que se tra-/tava de facto dum crâneo/ humano esborrachado.Uma/das peças soltas era um/machado.Solta tambem en-/controu-se um pedaço de/max-ilar inferior com dois/dentes implantados nos res-/pectivos alveolos.Colheram-/se tambem alguns dentes/que pareciam da 1ºden-/tição.A peça ao encaixo-/tar esborrou-se, colan-/

P8

do-se os fragmentos do/vaso que estava já esta-/lado em varias par-/tes. Estava rachado./

P9

13-VIII-930

Atacaram-se as cama-/das superficiais de FG/e GH 3ºtroço e HI e/IJ nas camadas/profundas, 1ºtroço./Apartaram-se/Profundas CD, 2º/ Profundas FG, 2º/ Profundas GH 2º/ Profundas HI 1º/Apareceu outra/corôa de molar hu-/

P10

mano e uma/cabeça de femur/humano(?)

P11

14/8/930

Atacaram-se/GH profunda/3ºtroço/Superficial/HI 2ºtroço/IJ 2ºtroço/ Profunda/JK 1ºtroço./

P12

Apareceu uma/moeda de prata/do principio da/monarquia/em FG 3º troço/camada super-/ficial./Atacou-se mais JK-2ºtro-/ço superficial./

P13

15/8/930

Atacaram-se/GH profunda/3ºtroço/e/HI e IJ 2ºtroço/camadas profundas /Apareceu parte de um/humero humano/em JK-2º/Profunda./Aprofundou-se/saibro de/

P14

FG e GH 3ºtroço/não se encon-/trando mais do/que saibro/e grés.Nesta /camada a/cêrca de 8m/de profun-/dida-/de apareceram/ossos dum/animal/grande./

P15

16-(8)-930

Atacaram-se:/a camada superficial/HI 1ºtroço;/as camadas profundas/de AB 3ºtroço e BC/3ºtroço;/à camada superficial/de EF 1ºtroço;/as camadas profundas HI 3ºtroço e EF 1ºtroço/ço./

P16

18-8-930

Atacaram-se:/a camada superficial/JK 3ºtroço;/a camada superficial CD 4ºtroço; a camada profunda/IJ 3ºtroço;/a camada média/HI 3ºtroço;/as camadas superficiais AB, BC/

P17

e CD 4ºtroço e a/camada média/AB-4ºtroço/camada profunda DE-1º/ Apartaram-se:/camada profunda EF 1ºtroço/camada profunda AB 3ºtroço/camada profunda BC 3ºtroço/camada superficial DE 4ºtroço/ camada superficial IJ 3ºtroço/ camada superficial JK 3ºtroço/ camada superficial AB 4ºtroço/

P18

Atacaram-se as camadas:/Profunda AB 4ºtroço/Média BC 4ºtroço/ Profunda BC 4ºtroço/Superficial FG 4ºtroço/ Superficial HI 4ºtroço/Profunda IJ 3ºtroço/ Superficial GH 4ºtroço/Média BC 4ºtroço/

P19

20-8-930

Atacaram-se as camadas/Superficial GH 4ºtroço/Superficial IJ 4ºtroço / Média HI 4ºtroço/Profunda CD 4ºtroço/Superficial AB 5ºtroço/Média FG 4ºtroço/ Profunda JK 5ºtroço/Superficial BC 5ºtroço/

P20

21-VIII-930

Atacaram-se as camadas/Superficial JK-4ºtroço/Média IJ-4ºtroço/ Média GH-4ºtroço/Superficial CD-5ºtroço/Média AB-5ºtroço/Na camada FG-4ºtroço apareceu uma concha de colar pintada/de vermelho./

P21

22-VIII-930

Atacaram-se as camadas/Média-CD-5ºtroço/ Média-BC-5ºtroço/Média- JK-4ºtroço/Profunda FG-4ºtroço/ Profunda HI-4ºtroço/ Profunda GH-4ºtroço/

P22-(folha extra dobrada entre a p.20 e 21)

164 pinças de caranguejo/6 conchas furadas,uma/delas com vestígios de/coloração vermelha/7 metades de maxilar inferior coelho/1 chifre(veado?queimado)

P23

(DESENHO-moeda, anverso e reverso)

Moeda que encontrei em 22-VIII/junto da esteira e que havia aparecido na camada superficial de/HI-3ºtroço./

P24

23-VIII-930

Atacaram-se as camadas/Profunda IJ-4ºtroço/ Profunda JK-4ºtroço/ Profunda AB-5ºtroço/ Profunda BC-5ºtroço/ Profunda CD-5ºtroço/Suspensão dos trabalhos./

(DESENHO-Croquis)

Croquis das excavações em 23-VIII/

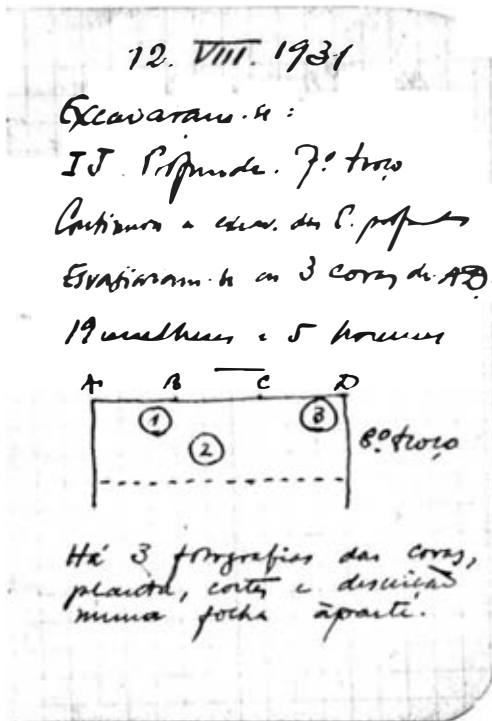


Fig. 15 -Páginas do Caderno de Campo de Mendes Corrêa, com letra de Santos Júnior e de R. de Serpa Pinto, relativas às escavações de 1931 no concheiro do Cabeço da Amoreira.

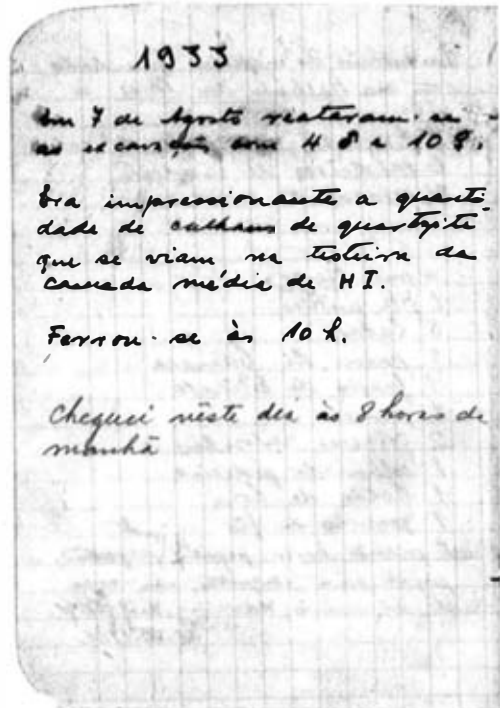
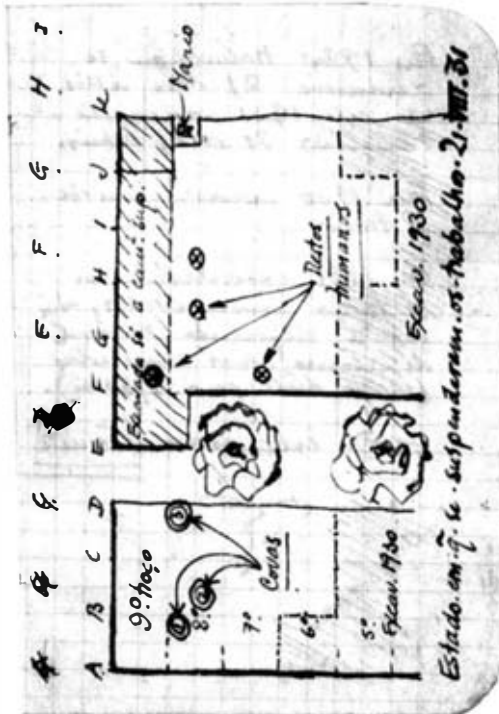
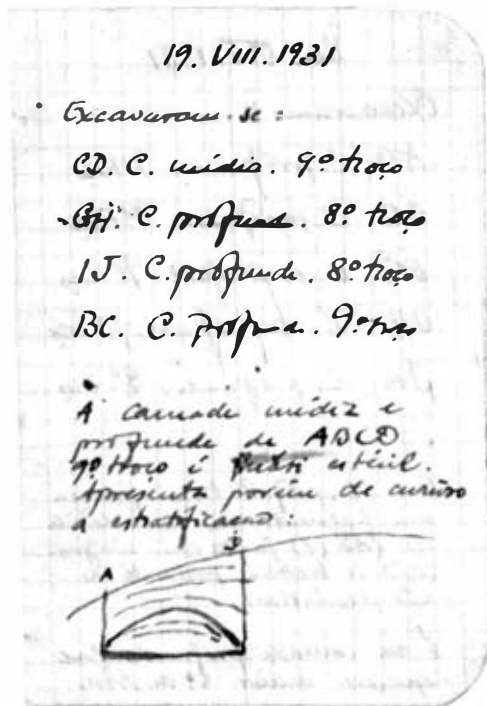


Fig. 16 - Páginas do Caderno de Campo de Mendes Corrêa, com letra de Santos Júnior (à direita, em baixo) e de R. de Serpa Pinto, relativas às escavações de 1931 e de 1933 no concheiro do Cabeço da Amoreira.

P25(folha extra dobrada entre a p.23 e 24)

Avançar pelos talhões/AB, BC e CD-explorando/1º as camadas superfi-/ciais,2º as medias, 3º as/profundas do 4ºtroço-/depois as mesmas do/5º e assim suces-sivamente./Simultaneamente con-/cluir a exploração dos 1ºtroços de DE e EF, fi-/ cando por ahi./ Simultaneamente a(van)-/çar pelos talhões FG, GH, HI, IJ, JK./

P26

Relato das escavações/em 29 e 30 de Setembro e/1 e 2 de Outubro de 1930/vai noutro livro/

P27

Em 2 d'Outubro de 1930/ficaram escavados além/do que está na folha/anterior, o 6ºtroço de/AB (faltando a camada/profunda), e o 5ºtroço/de FG(todo) de GH(faltando/a este a camada profun-/da) e de JK(todo)/

P28

Croquis das escavações em 2-X-930

(DESENHO-Croquis)

P29

Em 25 de Julho de 1931/recebi do Snr. Dr.Mendes/Corrêa para des-pezas em/Muge 2.000\$00esc./

P30

29-VII-931

Atacou-se a/Camada superficial BC-6ºtr./ Camada superficial HI-5ºtr./ Camada superficial IJ5ºtr./Reataram-se os trabalhos/com 6 mulheres e 3 homens/

P31

30-VII-1931

Atacaram-se/Média HI-5ºtrôço/ Média BC-6ºtrôço/Profunda BC-6º trôço/Superficial CD-6ºtroço/Profunda HI-5º trôço/Média de IJ-5ºtrôço/

P32

31-VII-931

Atacaram-se/Profunda IJ-5ºtrôço/Superficial FG-6ºtrôço/Ao apartar as peças das/camadas encontradas hontem/encontrei um pedacito do/osso de riba do cho-co, e um/polidorsinho./Em GH-5ºtroço apareceu um/cra-neo de coelho bastante bem/conservado em face do que até/agora tem aparecido./Na profunda de HI-5ºtroço apare-/ceram 164 pinças de caranguejo/6 conchas furadas,uma corada/de vermelho,1 chifre queimado,etc./

P33

1-VIII-931

Atacaram-se/Média CD-6ºtroço/Superficial GH-6ºtroço/Profunda CD-6ºtroço/Superficial JK-6ºtroço/Ao apartar a c.profunda BC-6ºtr./encontrei as seguintes conchas/furadas./das pequenas 1 furo-7/buzios 1 furo-2/bei-jinhos 2 furos-2/Nesta mesma camada apareceu/um fragmento dum maxilar dum/pequeno carnívoro./

P34

3-VIII-931

Atacaram-se/Hi Superficial 6ºtroço/IJ Superficial 6ºtroço/AB Superfi-cial 7ºtroço/FG média 6ºtroço/CD superficial 7ºtroço/Hi média 6ºtroço/JK média 6ºtroço/BC superficial 7ºtroço/

P35

4-VIII-931

Atacaram-se/IJ média 6ºtroço/AB média 7ºtroço/CD média 7ºtroço/FG profunda 6ºtroço/JK profunda 6ºtroço/BC média 7ºtroço/Ao apartar a camada média/de IJ-6ºtroço apareceram 5/conchas de ostra./

P36

5-VIII-931

Atacaram-se/IJ profunda 6ºtroço/GH profunda 6ºtroço/CD profunda 7ºtroço/Na camada média de BC/apareceram 17 conchas fu-/radas./Estavam 3 cirandas em conserto./

P37

6-VIII-931

Atacaram-se/BC profunda 7ºtroço/AB profunda 7ºtroço/HI profunda 6º troço/JK superficial 7ºtroço/GH superficial 7ºtroço/BC superficial 8ºtroço/Na camada prof. de AB-7º apareceu um bordo de cerâ-/mica cujo perfil é este/

(DESENHO-Perfil do bordo)

Faltaram 3 mulheres

P38

7-VIII-931

Atacaram-se/AB superficial 8ºtroço/CD superficial 8ºtroço/FG superficial 7ºtroço/IJ superficial 7ºtroço/HI superficial 7ºtroço/Ao apartar a cama-/da superficial de/JK 7ºtroço, mos-/trou-se uma concha/de pecten com orifício de sus-/pensão, mais 5 conchas grandes/e uma ostra./

(DESENHO-Pecten)

P39

Em FG superficial 7ºtroço/apareceu em 7-VIII um esquele-/to a(20cm da superfície o/abobadado da calote)./A 1,30m da calote apa-/reeceram e ao mesmo nível,/o terço superior do radio li-/gado a um fragmento de/uma diafise dum osso que/ se não pode classificar.Uma cabeça dum cubito/uma cabeça dum humero/e outros fragmentos de ossos/de animais.Um fragmen-/to de tibia, metade inferior./Na camada superficial CD/7ºtroço apareceu um peda-/ço de metal, cobre ou/bronze(?) pela côr, mas rijo/como aço./

P40

8-VIII-931 (Esq.3)

Atacaram-se/JK média 7ºtroço/GH média 7ºtroço/AB média 8ºtroço/ BC média 8ºtroço/CD média 8ºtroço/De manhã limpou-se o esqueleto do velho(FG 7º sup.)./A rótula (direita?) estava a 5cm/da mandíbula.Junto do esq./3 laminas e sob este uma faca/Estão paralelos os 2 humeros/apartados 25cm./

(DESENHO-Croquis do esqueleto atrás descrito)

Comparar com/as fotografias/

P41

Apareceu um dente muitogasto/e um grande molar também/muito gasto e parece que/cariado.Mais outro dente./O humero estava partido e/passava sob a man-díbula/(tambem partida)para dentro do cranio./O crânio

estava partido e o/lado esquer-do vai embrulhado/à parte./Vai quasi todo numa caixa./Parte fixa dum triturador a/1.m FG 7ºtroço/

P42

10.VIII.1931

Fotografia do corte de 1,40m de/profundidade do 8ºtroço GH/
(CORTE)

=N.B=/Esta disposição varia de lugar/para lugar./

P43

10.VIII.1931

Excavaram-se/AB profunda 8ºtroço/HI média 7ºtroço/GH média 7º tro-ço/IJ média 7ºtroço/BC profunda 8ºtroço/Terminou-se a escavação/das camadas de sábado./20 homens/5 mulheres/Feriram às 10 h.ont./

P44

11.VIII.1931

Excavaram-se:/CD profunda 8ºtroço/GH profunda 7ºtroço/GH pro-funda 7ºtroço/JK profunda 7ºtroço/FG profunda 7ºtroço/HI profunda 7ºtroço/12 covas no fundo de BC e CD 6ºtroço./18 mulheres 5 homens/Até hoje o vol. de escavação é:/ ver dia 20/

P45

12.VIII.1931

Excavaram-se:/IJ profunda 7ºtroço/Continuou a escavação da C.pro-funda /Escavaram-se as 3 covas de AB/19 mulheres e 5 homens/

(DESENHO-Croquis de corte)

Há 3 fotografias das covas,/planta, cortes e descrição/numa folha àpar-te./

P46

No 7ºtroço de JK apareceu/Cardium nas camadas/superiores e Lutraria nas/inferiores./Na cova N°3 encontrou-se/um trapézio./

P47

13.VIII.1931

Excavaram-se:/FG Superficial 8ºtroço/JK Superficial 8ºtroço/ HI Su-perficial 8ºtroço/ IJ Superficial 8ºtroço/GH Superficial 8ºtroço/18 mulheres e 5 homens./Em HI apareceu um esp.%a 30cm da superficie./Em GH outro esqueleto.Ver/ dia 14./

P48

Esq.º de HI(Conferir com a fotogr.)/2 femur e 1 tibia/

(DESENHO-Croquis do esqueleto HI)

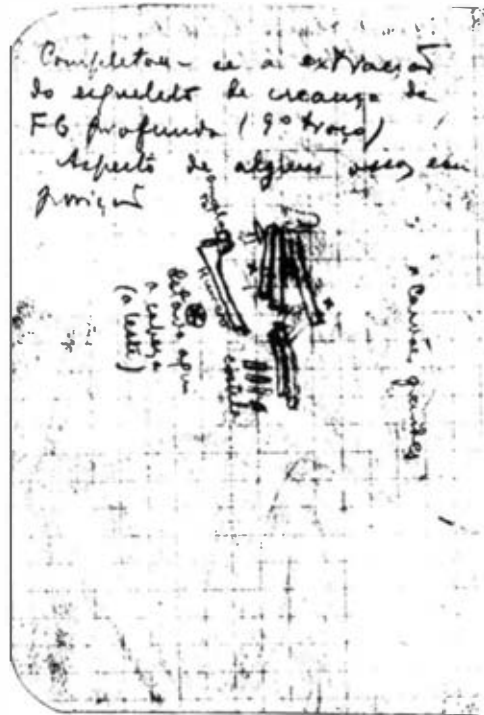
Verificar no laboratório./Se este esqueleto e o seguinte/não são um só./

(Esq.4)

P49

14.Agosto.1931

Excavaram-se:/FG média 8ºtroço/ JK média 8ºtroço/ IJ média 8ºtroço/ Acabou-se a escolha da c.superf./18 mulheres e 5 homens/Acabei de pôr a descoberto/ o esqueleto de GH.Só o/crânio e ossos das mãos estão/todos partidos e dispersos/por GH e HI fazendo supor/que se trate do mesmo/esqueleto que exumei em HI./



C. da Amoreira 31 - 16/8/1933

C. da Amoreira 32 - 18/8/1933



Fig. 17 - Páginas do Caderno de Campo de Mendes Corrêa, com letra do próprio, e de Santos Júnior, relativas às escavações de 1933 do concheiro do Cabeço Amoreira.

os longos deixou-me a
 impressão de terem sido os
 calcários por onde foram
 tuatans (medula)
 Aparecem junto à calote uma
 lamina em sílex bruto com
 de aspeto paleolítico.

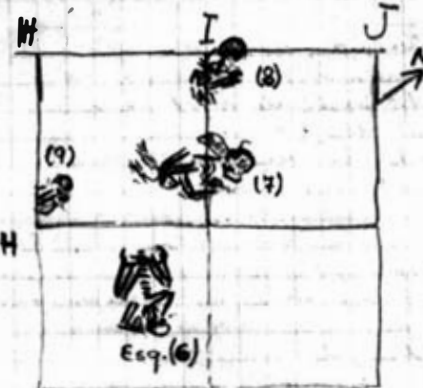


Aparecem ainda por
 entre lamina de
 apêlo de seccat
 triangular e cor
 verde, de
 mais duas lesões
 de calc. em cor
 etc.

seebel de lontan o esquelet
 7. Nos montes vestidos, por
 mais que os procurasse. Ape
 mas uns 2 e 3 carr. caps.
 do cantele estava muito atirado
 e empunhado

C. da Amoreira 39 - 25/8/1933

Hibáricas assim



O esqueleto (6) estava profeta-
 mente de costas. O (7) deitado so
 br. o lado direito e o 8 sobre
 o lado esquerdo. Todos eles
 emolhidos.

C. da Amoreira 40 - 25/8/1933

Nota sobre as cirandas

Seus das cirandas feitas já
 com a rede estirada. A rede
 foi posta de novo há menos de
 15 dias. A ciranda que ainda
 está lá tem uma armaga
 melhor. (An que no próximo
 ano quando se mandarem
 fazer as cirandas sejas, se
 for feitas convenientemente
 fica aqui as redes e as
 que julgo convenientes,
 além de cruzeta de suporte
 é necessa-
 rio que se
 deem ordens
 que nos há
 Tuitas (25)
 e (b) seguir
 a rede com
 um a crimi-
 cas, cruzam
 por dentro



cerca de 1^o m. - tudo muito
 menos.

Taboleiros

Os taboleiros que tiveram de se
 mandar fazer devem ser uns
 pouco maiores do que os que há



comp. - 45 cm
 larg. - 32 cm
 alt. - 9 cm

Fig. 19 - Páginas do Caderno do Campo de Mendes Corrêa, com letra de Santos Júnior, relativas às escavações de 1933 do Concheiro do Cabeço da Amoreira.

P50

(DESENHO-Croquis de esqueleto)

Comparar com as fotografias./O crânio estava a 5cm! do/solo.A 30 cm encontrei um/prego grande de ferro!/O crânio está deitado sobre/o lado direito, dentes muito/gastos, mandíbula partida./

P51

15.VIII.1931

Excavaram-se/EF c.superficial 8ºtroço/GH c.média 8ºtroço/HI c.média 8ºtroço/Sábado trabalhou-se até/ao meio-dia./Paguei 622\$ de férias/Apezar de trabalhar menos/gente o rendimento médio/foi de 4 talhões diários.man-/teve-se AB.As camadas são cada/vez mais altas./Um molar humano muito/desgastado./

P52

Em IJ C.média 8ºtroço/apareceu um cristal de/quartzo hialino com a/ sua secção piramidal/desgastada nas arestas./Em HI C.média 8ºtroço/um bom núcleo de lâminas./Nesta semana as mulheres/ganharam 3\$50 diários e/os homens 7\$00(capataz 8\$00)/Na semana seguinte mulheres 4\$00/e homens 7\$00./

P53

!7.VIII.1931

Excavaram-se/AB c.superficial 9ºtroço/Rebaixou-se a c.média F-K/HI C.profunda 8ºtroço/CD C.superficial 9ºtroço/Ficaram às 11h./16 mulheres/6 homens/ CD/A camada média do 8ºtroço/de F-K é bastante rica/sobretudo no centro do/ concheiro./

P54

18.VIII.1931

Excavaram-se/BC c.superficial 9ºtroço/FG C.profunda 8ºtroço/AB c.média 9ºtroço/GH c.média 8ºtroço/BC C..média 9ºtroço/Visita do Sr.Prof.Mendes Corrêa/

P55

19.VIII.1931

Excavaram-se:CD c.média 9ºtroço/GH c.profunda 8ºtroço/IJ c.profunda 8ºtroço/BC c.profunda 9ºtroço./A camada média e/profunda de AB CD/é quasi estéril./Apresenta porém de curioso/a estratificação:/

(DESENHO-Corte ABCD)

P56

20.VIII:1931

Excavaram-se:/AB c.profunda 9ºtroço/CD c.profunda 9ºtroço/EF c.superficial 9ºtroço/GH c.superficial 9ºtroço/JK c.profunda 8ºtroço/Em CD prof. 9ºtroço apareceu/um fragmento de mandíbula/de cão(?) junta com cinzas./Não se tratará portanto de/cão doméstico./É na camada profunda que/aparece maior nº de ossos./

P57

Em IJ prof. 8ºtroço apareceu/uma grande costela de/mamífero(boi?)/ De manhã visitou as ex-/cavações o Exmo.Sr. Hipólito/Cabaço (de Alenquer)./Terminou-se por este ano/a escavação na trincheira/ABCD ficando limpo o/9ºtroço até ao fundo ou/sejam 169m2(186m3)/Altura máxima da trincheira 2,20m/ Iniciou-se hoje a escavação/da c.superficial do 9ºtroço/de E-K./O total da escavação é de 450m2/terminados os trabalhos./

P58

21.VIII.31

Excavaram-se:/FG c.superficial 9ºtroço/HI c.superficial 9ºtroço/IJ c.su-perficial 9ºtroço/Em FG sup. 9ºtroço apa-/receram: 11 dentes, 1 humero/1 axis, ramo direito da/mandíbula e outros/ossos.Algumas laminas/e um núcleo./Paguei 679.50 de férias./Em GH 9ºtroço sup. parte da/armação dum veado/

P59

(DESENHO-Planta geral)

Estado em que se suspenderam os trabalhos 21.VIII.31

P60

Em 1930 trabalharam-se/durante 21 dias úteis/e em 1931 durante/ tambem 21 dias úteis./Em 1930 escavaram-se/5 troços./Em 1931 escavaram-se/4 troços incompletos, aten-/der à diferença notável/de altura das camadas/(máx. deste ano 2,80m)./Estão escavados 450m2/

P61

Inventário do material guardado/na Malhada dos Porcos/5 cirandas com cordas de cairo/6 tabuleiros de madeira/24 estacas de madeira/em Muge/1 fita métrica/5 latas/1 pano de barraca/1 frasco de silicato/2 pinceis/2 colheres redondas/1 colher de pedreiro/1 balde de lona/1 novelo de fio/N.B.:É preciso trazer: papel de jornal, algodão,/papel para etiquetas,um copo/de aluminio, navalha, máq. fotogr./ 21.VIII.1931./

P62

Em 7 de Agosto reataram-se/as escavações com 11 homens e 10 mu-lheres./Era impressionante a quanti-/dade de calhaus de quartzite/que se viam na testei-ra da/camada média de HI./Ferrou-se às 10h./Cheguei neste dia às 8 horas da/manhã./

P63

Excavaram-se:/GH-c.média - 9ºtroço/IJ-c.média - 9ºtroço/Montaram-se apenas 3 sirandas/

P64

8-VIII-933

Excavaram-se:/FG-c.média - 9ºtroço/HI-c.média - 9ºtroço/Ao escavar HI-c.média no ni-/nho de calhaus de quartzite apa-/receu um nucleo duro de conchas/ ligados por um cimento claro/de mistura com alguns ossos/fortemente fossilizados. Esses os-/sos apartei-os, pareceram-me/de suídeo. Juntamente com estes/ossos estava uma faquinha/rósea../Nêste dia trabalharam apenas/7 mulheres./

P65

9-VIII-933

Excavaram-se:/GH - c.profunda - 9ºtroço/HI - c.profunda - 9ºtroço/A-presentaram-se ao traba-/lho 4 home-ns e 9 mulheres./Apartou-se HI c.média./É extraordinária a quantida-/de de instrumentos em silex/facas e tri-angulos.Apareceu tambem/3 trapézios./

P66

10-VIII-933

Continuou-se a trabalhar/com a terra das camadas/profundas de GH e HI que/se iniciaram na vespera/Neste dia já trabalharam/10 mulheres e 4 homens./

P67

11-VIII-933

Excavaram-se:/FG-c.profunda-9ºtroço/HI-c.profunda-9ºtroço/Ao fazer-se o apartamen-to de/HI c.média e

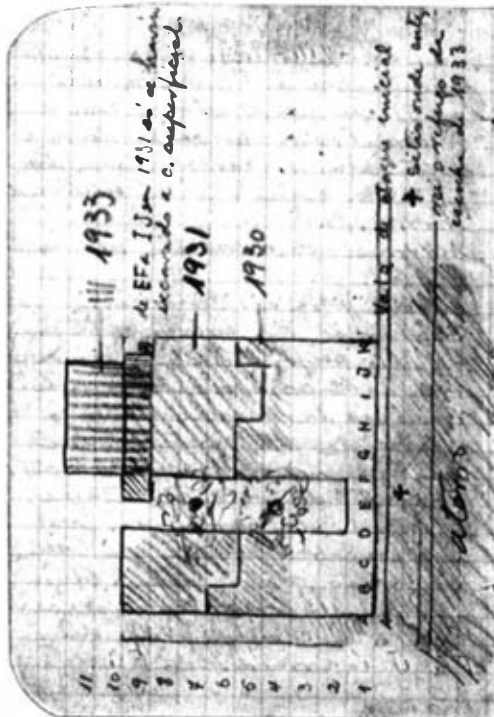


Fig. 20 - Páginas do Caderno de Campo de Mendes Corrêa, com letra de Santos Júnior, relativas às escavações de 1933 do Concheiro do Cabeço da Amoreira.

IJ c.média/apareceram em cada uma um/dente humano da 1ª dentição/Na camada profunda de HI a-/pareceu um esqueleto huma-/no a 1,30m de profundidade./Está numa assentada com bas-/tante terra negra, sobreja-cente/a uma assentada de cerca/de 20cm de Lutraria com alguns/carvões./

P68

12-VIII-933

Continuou-se a escavar as/camadas profundas de FG e/HI./Na c.pro-funda de FG apareceu/um esqueleto de criança a/2,30m de profundidade./Inter-/ meando com os ossos viam-se/alguns grandes carvões./Comecei a limpar o esque-/leto de HI./O esqueleto de criança de FG/foi bastante danificado pelo tra-/balhador.Os outros parece terem/sido incinerados./ (Esq.5)/Nesta semana paguei de/férias 416\$00 esc./As mulheres a 4\$00/Os homens a 8\$00/O capataz - 9\$00/

P69

Em 14-VIII chegou o Snr.Prof. Mendes Corrêa/às 8 H. manhã 14-VIII-933/Desenho do esqueleto de/HI e IJ em posição.9ºtro./tinha/90cm de/compri-mento/ (esq.6)/

(DESENHO-Esqueleto)

P70

Completoou-se a extração/do esqueleto de creança de/FG profunda (9ºtroço)/Aspecto de alguns ossos em/posição/

(DESENHO-Esqueleto)

P71

15-VIII-933

Escavaram-se:/GH-superficial-10ºtroço/IJ-superficial-10ºtroço/GH-mé-dia-10ºtroço/IJ-média-10ºtroço/Neste dia as escavações foram vi-/sitadas pelo Exmo. Snrs.Cap.Sá Gui-/marães, Lúcio de Sousa, Eng. Agrónomo Manuel Bramão, Eng. geó-/ grafo Brito e Abreu,/Regente Técnico/de Engenharia Oliveira Marques/Ao apartar IJ superficial/apareceu uma bela lasca de/quartzite em lamina./À tarde fui ao Cabeço da Arru-/da vêr as explorações inicia-/das hontem pelo Snr.Prof.Mendes/Corrêa./

P72

16-VIII-933

HI-c.superficial-10ºtroço-/Na camada média de IJ-10ºtro-/ço apareceu um esqueleto a/65 cm de profundi-dade.(esq.7)/

(DESENHO-Corte com posicionamento do esqueleto)

Comecei a isola-lo o crâneo está/todo estilhaçado e deitado sô-/bre o lado direito.Não encontro/o maxilar inferior pelo menos a/metade esquerda./

P73

17-VIII-933

GH-c.profunda-10ºtroço/Continuei a libertar o esque-/leto e HI-9º troço./Silicitei alguns ossos e fiz/o lev-antamento do crâneo/omoplatas, ossos dos membros/superiores./Trabalharam 8 mulheres e 4 homens/Apareceu em IJ-camada média um/feixe de ossos, tibias, perónios/e fêmur que devem pertencer/a novo esquele-to.Estava a/60cm.de profundidade./

P74

21-VIII-933

Sociedade de Vinhos Scalabis, L.da
Alpiarça e Aveiro (Sede)

Explorações de 1937
Cabeço da Arruda

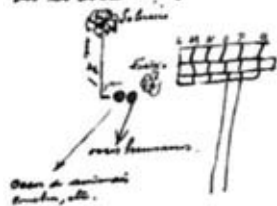
11/8/37
Vimos recuamos, com as notas de 1933, o terreno então explorado. ^{Os resultados} ~~Os resultados~~ resultados precários que deu a vala W-E aberta a 15m a S. da 1.ª frente de estaque, resolvei começar a nova campanha pela remoção de terra à frente do 6.º traço do sítio em LM, MN, NO, OP e

C. da Arruda 3 - 1/9/1937

Sociedade de Vinhos Scalabis, L.da
Alpiarça e Aveiro (Sede)

Sect. LM - 4.ª fase, foi no encosto a camada superficial.
Sect. MN - 4.ª fase, foram escavadas as camadas superficial e média, e principiada a camada profunda.

O refúgio na cova foi enterrado a 1.ª cova para a direita a 1.ª sobreira a Cabec. Seta cova não contida na direção em que está feita a escavação.



C. da Arruda 2 - 27/8/1937



Fig. 21 - Páginas do Caderno de Campo de Mendes Corrêa (à esquerda), com letra do próprio (em cima) e de Santos Júnior (em baixo) e uma folha solta (à direita), relativas às escavações de 1937 do concheiro do Cabeço da Arruda.

Fiquei na Amoreira com 2/mulheres e um homem.O/resto do pessoal passou para/a Arruda./Continuei à volta com os/dois esqueletos de IJ o esq.7/e o esq.8 /Escavou-se FG-profundo-10°./

P75

22-VIII-933

Continuei na Amoreira com/1 homem e 2 mulheres.Prossegui no levan-/tamento dos esqueletos 7 e 8./A posição dos membros do esq./8 era a seguinte:/

(DESENHO-Esqueleto 8)

P76

23-VIII-933

Continuaram na Amoreira ape-/nas 2 mulheres e 1 homem que conti-nua-/ram com o resto de FG-profundo/do 10°troço./Comecei a levantar o esq.7/que está muito estilhaçado./

(DESENHO-Esqueleto 7)

P77

24-VIII-933

Vieram da Arruda as 2 si-/randas que para lá tinham ido./Fico a traba-lhar com 3 si-/randas, 5 mulheres e 4 homens.Na Ar-/ruda continuam os trabalhos./ Escavaram-se/HI-profundo-10°troço/FG-superficial-11°troço/FG-média-11°troço/Em HI profundo apareceu um es-/queleto que ficara sendo o (9)./Em FG superficial-11°troço/mesmo no fundo do troço e já/no começo 12° apareceram/restos humanos constituídos/por restos numerosos da/calote, uma porção do fron-/tal vendo-se nitida-/

P78

mente parte das órbitas, uma/porção do maxilar superior ain-/da com alguns dentes im-/plantados e bastantes fra-/gmentos de ossos longos, uma rotula, etc.,a/disposição era um pouco à/trouxe mouche, podendo con-/tudo marcar-se esta posi-/ção relativa da calote e do/maxilar./

(DESENHO-Esqueleto 10)

Estava muito baixo a 25cm./de profundidade./O estado fragmentar dos os-/

P79

ossos longos deixou-me a/impressão de terem sido es-/cacados para lhe tirar o/ tutano(medula)./Apareceu junto à calote uma/lamina em silex bastante grossa/de as-pecto paleolítico./

(DESENHO-Lamina)

Apareceu ainda uma/outra lamina/de secção/triangular é com-/prida, além de/mais duas lascas/de silex sem cara/cter./Acabei de levantar o esqueleto/7.Não encontrei vertebrae por/mas que as procurasse.Ape-/nas umas 2 ou 3 cervicais./As costelas estavam muito alteradas/ou fragmentadas./

P80

25-VIII-933

Escavam-se/FG-c.média-11°troço/IJ-c.profunda-10°troço/Na camada profunda de HI que ontem/se começou escavar apareceram/uns restos de ossos humanos que/hoje descobri e verifiquei tra-/tar-se de um esqueleto.Os/ossos estão muito fossilizados/e têm uma côr esbranquiçada./Logo ou amanhã procurarei/liberta-/

lo para o isolamento dos/respectivos ossos./É interessante que esta zo-/na de terreno já vai dando/4 esqueletos em planta pode-/mos esboçar a sua dis-/

P81

tribuição assim:/

(DESENHO-Planta distribuição dos esqueletos)

O esqueleto (6) estava perfeita-/mente de costas.O (7) deitado sô-/bre o lado direito e o 8 sôbre/o lado esquerdo.Tôdos eles/encolhidos./

P82

Nota sobre as cirandas/Duas das sirandas estão já/com as redes estragadas.A rêde/foi posta de novo ha mnos de/15 dias.A siranda que ainda/está bôa tem uma armação/melhor.Para que no próximo/ano quando se mandarem/fazer as sirandas estas se-/jam feitas convenientemente/ficam aqui as indicações/que julgo convenientes./Além de cruzetas de suporte/

(DESENHO-Plano de siranda)

é necessá-/rio que as/duas ripas/que nas tes-/teiras(a)e (b) seguram/a rêde con-/tra a arma-/ção, crescam/por dentro/

P83

cerca de 1cm ou um tudo nada/menos./

Tabuleiros/Os tabuleiros que tiverem de se/mandar fazer devem ser um/pouco maiores do que os que ha./

(DESENHO-Tabuleiro)

Comp.-45 cm/larg.^a-32cm/alt.^ap.dentro-9cm/

(DESENHO-Tabuleiro)

P84

26-VIII-933

Acabou-se de escavar:/HI-profundo-10ºroço/IJ-profundo-10ºroço/GH-superficial 11ºtroço/HI-superficial 11ºtroço/IJ-superficial 11ºtroço/

(DESENHO-Ponta de seta)

Ao apartar os objectos/que foram separados/da terra de IJ-mé-/dia-10ºtroço que esta-/va por baixo dos esque-/letos encontrei esta/bela ponta de seta/

P85

Isolêi com um clichê ao esqueleto/9 de HI-10ºtroço que tinha sen-/sivelmente esta disposição e que/estava a 90cm de profundidade./

(DESENHO-Esqueleto 9)

Trata-se de um esqueleto de um in-/dividuo jovem.A face está/em ra-soavel estado de conservação./

P86

No dia 26 sábado trabalhou-/se na Amoreira até à noite.Não se conseguiu ultimar a/sirandagem da terra que rest-/ava da camada superficial/de HI-11ºtroço./Paguei de férias 907\$75/propriamente de férias aos 7/homens e .

17 mulheres foram 765\$25/gratificações 142\$50/As mulheres continuaram a ganhar/4\$00 e os homens 8\$00.Os ca-/patazes 9\$00/Em 28 paguei ao capataz/Aurélio 10\$00/2 mulheres 9\$00/19\$00./

P87

28-VIII-933

Levantei-me às 5 1/2 da manhã/às 6 e um quarto estava com o/mestre Francisco Carpinteiro à/volta com os caixotes para trans-/porte dos esqueletos e embru-/lhos./Arrumei os 6 caixotes até às/9 horas./Abalei para a Amoreira/Acabou-se de crivar a terra/de HI-superficial e limpou-/se tudo convenientemente./O refugo destas jor-/nada de 1933 enterrou-se/no aterro na direcção do sector/EF a 2m da vala de ataque./O estado das escavações vai/expreso no croquis que segue/no reverso desta folha.Chegou-/se ao 11ºtroço tendo-se es-/caado as c.superficiais de/F a J e a média de FG./

P88

(DESENHO-Planta da Amoreira-1933)

P89

Na Malhada dos Porcos ficaram/6 sirandas/paus para armar as mesmas/ paus para armar a tenda/Das 6 cirandas só 3 ficam com/a rêde em bom estado, as outras/por não terem ripas de protecção/já tem a rede com buracos gran-/des./Em MUGE/cêrca de 4m de rêde finas cirandas/1 fita métrica/12 caixinhas de lata de cigarros/1 pano de barraca/2 colheres redondas/2 colheres de pedreiro/3 pinceis/1 novelo de fio/4 caixas de bolachas pequenas/5 caixas de bolachas grandes/1 frasco de silicato (cerca 1/2)/7 taboleiros./

P90

Nota entomológica da jornada de 1933/Entre os varios coleopteros/que trouxe vieram alguns exem-/plares do/Cópris hispanicus/e um exemplar de/Ateuchus sacer/tanto este como o cópris eram/anímais sagrados para os egipcios/e aparecem em numerosas gra-/vuras dos templos egipcios./De muito maior interesse/segundo declarou o Dr.Corrêa/de Barros foram uns outros de côr acastanhada que/pertencem ao genero/Cébrio/que é bastante raro sobre-/tudo as fêmeas. Pois bem/vieram umas 5 ou 6 fêmeas/

P91

Tambem de muito interesse/são uns casulos do cóprio/que segundo o Dr.Corrêa/de Barros contituem uma novidade./Fabre encontrou/e estudou casulos de Copris/mas doutra espécie, que/não do C.hispanicus./

P92

Na próxima jornada é bom/não esquecer um copo de/alumínio e uma navalha/pois dei este ano cabo da/minha./

Documento n.º 6

CADERNO DE CAMPO-CABEÇO DA ARRUDA 1937 - Letra de A. A. Mendes Corrêa (P. 1 a 3) e de J. R. dos Santos Júnior

P1

Exploração de 1937/Cabeço da Arruda/

11/8/37

Vimos reconhecer, com/as notas de 1933, o terre-/no então explorado./Em vista dos resultados/precários que deu a/vala W-E aberta a/15m a S. da 1ªfren-/te de ataque, resolvi/começar a nova cam-/panha pela remoção/de terra à frente/do 6ºtroço dos secto-/res LM, MN, NO, OP e/

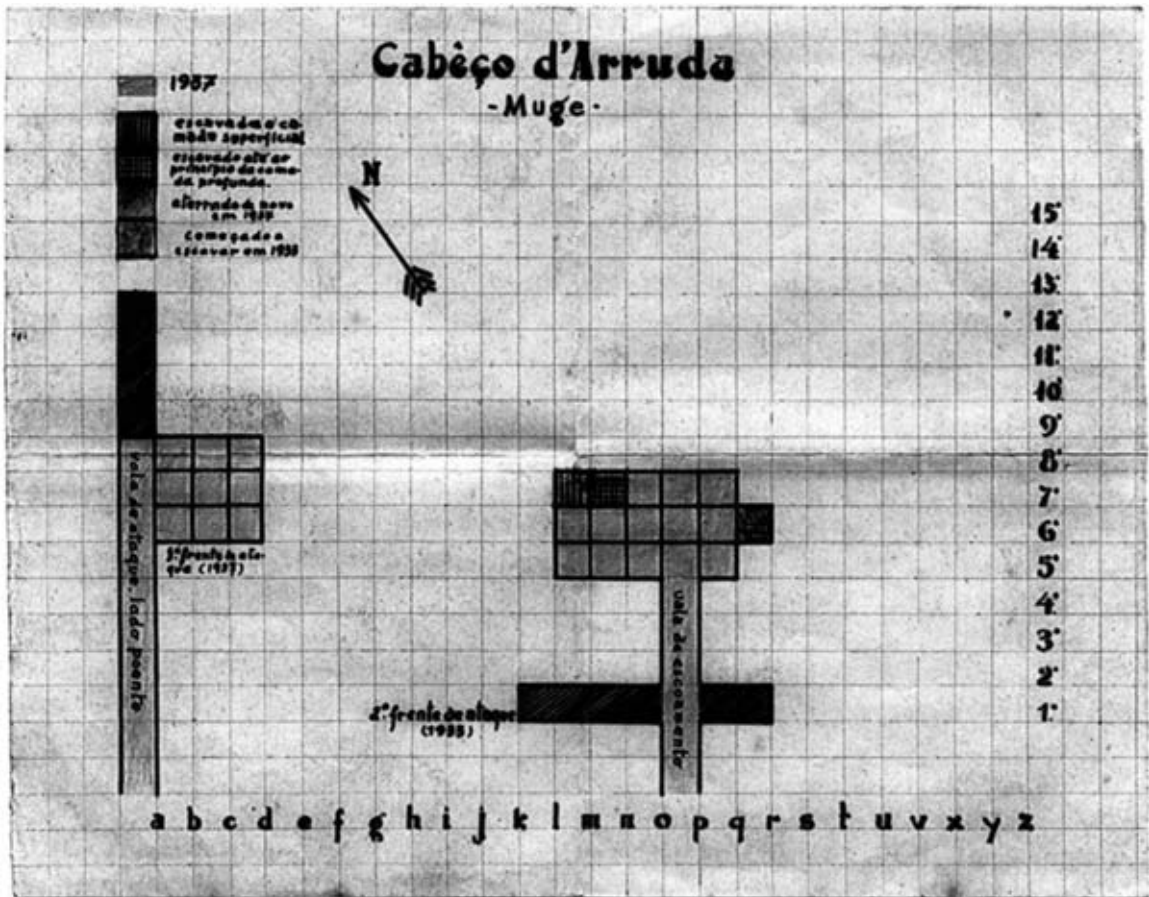


Fig. 22 - Folha solta do Caderno de Campo de Mendes Corrêa relativa às escavações de 1937 do Concheiro do Cabeço da Arruda.

P2

PQ, fazendo só a/sirandagem da par-/te profunda./
12/8/37

Montámos 3 sirandas/na Arruda e come-/çou a escavação,/depois de ter feito/o desenho do plano/de 1933.Vieram 3 ho-/mens e 5 mulheres./Em OP-7ºtroço e nou-/tros pontos havia ni-/tidos sinais (covas nas/paredes, aluimentos,/terreno revolvido mais/

P3

fresco) de que alguém an-/dou a remexer nas nos-/sas escavações./Começou a ablação da terra/dos sectores LM a NO no 5ºtroço,/não tendo a sirandagem dalguma/terra dado resultados interessantes./Parte da terra tem sido lançada na/vala E-W aberta em 1933.É/sobretudo sensível a penuria/em microlitos, o que mostra/tratar-se de terra já sirandada/nas escavações de há 50 anos./ Ainda assim apareceu parte/dum radio humano e maxi-/lar de criança./

P4

13/8/937

Continuou a ablação da/terra dos sectores LM a PQ e/limpeza da vala de escoamento./Estiveram duas sirandas e/uma peneira a passar algu-/ma terra tirada dos sectores aci-/ma descritos.Apareceram/alguns microlitos, entre eles/um trapezio./O snr. Dr. Mendes Corrêa partiu/no comboio das 9 1/2 da noite.

14/8/937

Trabalhou-se até às 13 horas./4 homens e 5 mulheres./Funcionaram 3 sirandas./Continuou-se com o alargamento da vala de escoamento e/

P5

a escavar o 5ºtroço do sector LM a/NO.Foi sirandada parte da terra deste/sector./ Apareceram/Bastantes conchas furadas/1 beijinho c/ um furo/1 triangulo e 3 laminas/Maior quantidade de Cardium inteiro do que Lutraria./

16/8/937

Iniciou-se o trabalho com 7 ho-/mens e 14 mulheres, funcio-/nando 6 sirandas, da parte da/tarde montou-se mais uma siran-/da./Acabou-se com a limpeza e/ alargamento da vala de escoamento./Iniciou-se a abertura da vala/

P6

/de ataque lado poente./No sector NO-5ºtroço - c/.profunda/apareceu um crânio c/ mandibula/encontrado em brecha conchifera./Na terra sirandada dos sectores/LM a NO, apareceram:/1 maxilar humano/2 buzios furados/Muita concha sendo mais/Cardium que Lutraria./Poucos micrólitos/Pelas 5 horas da tarde atacaram-/ se as camadas superficiais dos/sectores LM e NO-6ºtroço./

17/8/937

Continuou-se a escavar as ca-/madras superficiais dos sectores LM e/ NO-6ºtroço e c/.profunda do sector/PQ tambem 6º/

P7

Funcionaram 7 sirandas e/trabalharam 6 homens e 15 mu-/lheres./A vala de ataque lado poente/ficou aberta até ao 6ºtroço.A/terra que se tem tirado desta vala,/ é preta e muito pobre de conchas/e micrólitos.A altura

varia de/50 a 60cm da superfície à areia/de base./Nesta vala pela altura do 3ºtroço,/pelas 10 horas da manhã, apareceu/um feixe de ossos humanos a/uns 30 cm da superfície.No 6ºtroço/à altura de 40cm apareceu uma/placa de xisto medindo 0,40x0,28x0,025, muito polida e/ desgastada no contorno das/faces./

P8

18/8/937

Trabalharam 6 homens e 16/mulheres e funcionavam 7 siran-/das e 2 peneiros./Escrevi a o snr.Prof. Mendes Corrêa/dando noticia dos trabalhos efectua-/dos até hontem./Escavaram-se:/LM-c.média-6ºtroço/NO-c.superficial-6ºtroço/PQ-c.profunda-6ºtroço/Vala de ataque lado poente./Principiou-se o ataque do/sector AB-6ºtroço pelas 6 horas/da tarde./A camada média do sector/LM-6ºtroço que era composta de/muita Lutraria partida e cinzas/,pouco deu no apartamento refe-/rente a conchas, mas sim em micrólitos./A camada superficial NO-6ºtroço, deu muito Cardium intei-/ro./

P9

Foi feito um croquis do corte da/vala de ataque lado poente./O apartamento de parte da terra/da vala poente que foi sirandada,/deu:/16 micrólitos/várias lascas de silex/2 fragmentos de ceramica/1 fragmento duma placa de pedra/e outra de xisto, ambas com/sinal de desgaste como se tives-/sem servido de polidores/Alguns ossos diversos/1 dente humano/29 conchas de cardium inteiras./Quando cheguei a Muge, tinha/carta do snr.Dr.A. Ataide com uma/senha do C.º de ferro referente a 1/caixa com latas e jornais e algodão./

P10

19/8/937

Vieram trabalhar 6 homens e/15 mulheres.Funcionavam 7 si-/randas e 1 peneiro./No sector PQ-6ºtroço, mesmo jun-/to à areia de base, entre muitas cin-/zas e carvão, apareceu pelas 10 horas/da manhã varios ossos grandes de ani-/mal(veado?).A terra neste sitio/era um pouco humida, o que não/se tem notado nos outros sectores./A camada profunda do sector/PQ-6ºtroço, deu muita quanti-/dade de ossos de animal grande,/assim como dentes, barro e carvão,/algumas lascas de silex, 5 lami-/nas, ossos de coelho e muito cardium; 1 dente humano e 1 bei-/jinho com dois furos./O apartamento do sector AB-/6ºtroço-deu:/

P11

6 laminas e 3 buris/alguns ossos pequenos/5 conchas inteiras de Cardium/8 conchas furadas/grande quantidade de caracois/e algumas lascas de silex./No sector AB-7ºtroço, deu:/2 trapezios/5 laminas/1 micro buril/10 conchas de cardium/alguns caracois/1 fragmento de osso./No sector NO-c./média-6ºtroço, deu:/Bastante carvão/muitos ossos, entre eles alguns/humanos./1 fragmento de mandibula/humana./11 laminas de silex/

P12

algumas conchas furadas e/grande quantidade de conchas/inteiras de Cardium./Principiaram-se a atacar os/sectores./AB-8ºtroço/BC-6ºtroço/

20/8/937

Trabalharam 6 homens e/15 mulheres./Funcionaram 7 sirandas./ Escavaram-se os sectores:/AB-c.profunda 6ºtroço/OP-c.superficial 6ºtroço/AB-c. superficial 8ºtroço/BC-c.superficial 7ºtroço/

P13

O sector BC-c./superficial-6ºtroço, deu:/8 laminas/algumas lascas de silex e ossos pequenos/2 pinças de carangueijo/1 caramujo e 2 conchas de Cardium./ Sector NO-c.profunda-6ºtroço, deu:/3trapézios/1 triangulo/10 laminas/Bastantes lascas de silex/3 dentes e muitos ossos de ani-/mal grande./Algum osso miudo, barro e

carvão/1 beijinho c/ 2 furos/4 conchas furadas./Iniciou-se o ataque ao sector MN/ c.superficial-6ºtroço pelas 5 horas da tarde./

Página avulsa

Arruda

(DESENHO-Esqueleto humano)

MN-7ºtroço, c.média

Ha fotografia

1937

P14

Entre o sector NO e OP, ao principi-piar a camada profunda do OP-6º troço, apareceram à vista, na direcção d 7ºtroço, ossos da perna e pé/humano.Como teem seguramente uns 3 a 4 metros de altura de/terra sobre eles, reguardeios com um/ taipal de madeira até se poder/chegar à altura em que estão./Recebemos a visita do snr. Prof./Mendes Corrêa e Dr.Ataíde, que/vieram de automovel.Por moti-/vo do atrazo que tiveram no/caminho não puderam visitar/as escavações./Dei conhecimento do achado/destes ossos ao snr.Prof. Men-/des Corrêa./

P15

28/8/937

Trabalharam 7 homens e 16/mulheres e funcionaram 8 sirandas./ Escavaram-se os sectores BC-/8ºtroço e CD-6ºtroço./O apartamento da c.superficial/ do sector OP-6ºtroço, nada deu digno de registo./AB-8ºtroço deu:/4 laminas/3 fragmentos de crânio/2 conchas de Cardium/1 concha de Lutraria/1 concha grande/6 ossos pequenos/1 dente humano/algum carvão e barro/

P16

BC-7ºtroço, deu:/2 laminas/3 nucleos de silex/6 ossos de coelho/1 caramujo/50 conchas(?) de silex/Principiou-se a fazer a lim-/peza da parte superficial dos/sectores NO e OP-7ºtroço afim de/se dar inicio ao ataque na/próxima 2ªfeira./Trabalhamos até ás 13 horas./Paguei as Ferias, 803\$30/À noite encontrei-me com o snr./José Cadete e este ofereceu-me/para o Museu, 3 machados de pedra/encontrados aqui em Muge e um pico/formato Asturiense, de Almeirim./

P17

23/8/937

Trabalharam oito homens e 17 mulheres./Iniciou-se o ataque aos sectores NO-c.prof./7ºtroço e CD-7ºtroço./Funcionaram 8 sirandas./O apartamento da terra sirandada, deu/MN-6ºtroço C.superficial:/17 laminas e algumas lascas de silex./Bastantes pinças de carangueijo e ossos de coelho./3 beijinhos c/2 furos/20 conchas c/.1 furo/Alguns ossos e dentes de animais,/carvão e barro./Muito Cardium inteiro./CD-6ºtroço:/1 trapezio/6 lascas de silex/6 pinças de carangueijo/1 beijinho c/2 furos/alguns ossos pequenos/22 conchas de Cardium/

P18

24/8/937

Trabalharam 8 homens e 17 mu-/lheres e funcionaram 8 sirandas/Iniciou-se o ataque ao sector OP/7ºtroço-c.média./BC-8ºtroço, deu:/1 trapezio/6 laminas/4 dentes de animais/algumas lascas de silex/Bastantes caracoes/9 conchas de Cardium/1 concha de Lutraria/1 concha de caracol(Gastropode)/NO-7ºtroço-c.superficial, deu:/17 laminas/1 trapezio/1 triangulo/1 trapezio em fabricação/1 lamina c./encoche/

P19

algumas lascas de sílex, carvão/e barro./1 concha grande/Muitos dentes e ossos de animais/grandes/Bastantes ossos de coelho, pinças/de carangueijo./

25/8/937

Trabalharam 7 homens, 17 mu-/lheres e 1 rapaz.Funcionaram 8 si-/ randas./Iniciou-se o ataque ao sector PQ/7ºtroço e continuou-se a ablação/do sector MN-6ºtroço que tinha sido interrompido./OP-7ºtroço-c.média, deu:/10 laminas/1 trapezio/Muito Cardium, pinças de caran-/gueijo, conchas furadas e ossos de coelho./Alguns ossos de animais./

P20

NO-7ºtroço-c.média, deu:/5 trapezios/18 laminas/algumas lascas de sílex/muito Cardium, conchas furadas/e ossos de coelho./CD-7ºtroço, deu:/2 lamina-sinhas/2 lascas de sílex/carvão e barro/Pela manhã visitou o concheiro/ o snr.Hipolito Cabaço de Alenquer,/que se fazia acompanhar do snr./Dr./À tarde chegou o snr.Dr. Ataíde/na ocasião em que aparecia à vista/um esqueleto no sector MN-6ºtroço,/c.profunda/

P21

26/8/937

Trabalharam 8 homens,17 mulheres/e 1 rapaz.Funcionaram 8 sirandas./ Como no sector A a C, 6º a 8ºtroço/a terra sirandada não dava coisa de/jeito, parou-se os trabalhos nestes sectores/A vala de ataque lado Poente, foi/aterrada, com a mesma areia do/8ºtroço para cima./MN-6ºtroço, c.média, deu:/3 triangulos/14 laminas/ Bastante Cardium, lascas de sílex/e conchas furadas./1 dente de animal grande/alguns ossos miudos, barro e carvão./

P22

PQ-7ºtroço c.superficial deu:/1 triangulo/2 laminas/8 conchas furadas/8 lascas de sílex/alguns ossos de coelho e muita/quantidade de Cardium./

MN-6ºtroço-c.profunda, deu:/10 trapezios/17 laminas/1 lamina buril/ muita quantidade de lascas de/sílex e conchas de Cardium/Alguns ossos de animais,espi-/nhas de peixe, conchas furadas/e carvões./

P23

27/8/937

Trabalharam 6 homens e 17 mulheres/e 1 rapaz.Funcionaram 8 siran-das./O Francisco Coelho de Souza retirou/-se para o Porto, doente, hoje de ma-/nhã/Apareceu outro esqueleto no sector/NO-7ºtroço c.média./MN-7ºtroço-c.superficial, deu:/13 laminas/algumas lascas de sílex, conchas/furadas e pinças de carangueijos/PQ-7ºtroço-c.média, deu:/2 trapezios/9 laminas/1 dente e muitos ossos de animal/grande/ algumas lascas de sílex/3 conchas furadas./

P24

28/8/937

Trabalharam 8 homens e 17 mu-/lheres e 1 rapaz./Funcionaram 8 siran-das/Trabalhou-se até às 13 horas./MN-7ºtroço-c.média, deu:/28 laminas/1 triangulo/ algumas lascas de sílex e/ossos de animal grande.Muito carvão e/conchas de Cardium./ PQ-7ºtroço-c.ªmédia, deu:/2 triangulos/6 laminas/Algumas lascas de sílex e ossos/de coelho/Paguei as férias 952\$15/Mandou-se pedir mais dinheiro/para despesas./

P25

Esqueletos postos a descoberto/durante a última semana./Esqueleto Nº1 (27/8/937)/Deitado de costas com as pernas/dobradas para o lado direito e os bra-/ços (o esquerdo dobrado sobre o iliaco e/o outro estendido ao

longo do corpo./Cabeça para o Norte.Sector MN-7ºtroço.Camada média, a 1,40m da/base.(Fotografia)/Esqueleto Nº2 (27/8/937)/ Deitado de costas com as pernas/dobradas viradas para o lado direito/e os braços(o direito dobrado sobre o/peito e o outro estendido ao longo/ do corpo).Cabeça para o poente./Sector MN-6ºtroço-camada profun-/da.Este esqueleto estava a 3,80m da su-/perfície e a 0,85m da areia de base./(fotografia)/

P26

Esqueleto Nº3 (27/8/937)/ Deitado de costas com o braço/esquerdo debaixo do iliaco e o braço/direito ao longo do corpo.As pernas/encolhidas com os joelhos virados/para o poente.Ao lado deste esque-/leto foi encontrado um crânio/todo amolgado, com algumas coste-/las.Sector NO.-7ºtroço-camada,/principio da profunda, a 1,20m.da base./Esqueleto Nº4 (28/8/937)(Individuo jovem)/Deitado de costas na direcção/Sul-Norte, com as mãos e os joelhos/ao pé da cabeça, isto é, dobrado/sobre si mesmo.(Não fotografado)/ Esqueleto Nº5(criança)/ Deitado de costas na direcção/ Norte-Sul, na mesma disposição/os esqueletos Nº4.(foi fotografado)/Estes esqueletos foram encontra-/

P27

dos distanciados um metro um do/outro e pela parte debaixo do esque-/leto Nº1.(um 0,25m).MN-7ºtroço-/principio da camada profunda./No sector MN-7ºtroço-c.ªmédia,/a 0,60m a sul dos pés do esqueleto Nº1/apareceu um crânio e vertebrae fragmen-/tadas da criança e junto do crânio, 10/conchas furadas./

P28

30/8/937

Trabalharam 8 homens e 16 mu-/lheres e funcionaram 8 sirandas./ Acabaram-se de embrulhar os ossos/dos esqueletos Nº2 e 3./LM-7ºtroço-camada superficial, deu:/1 trapezio/9 laminas/algumas lascas de sílex, pinças de/carangueijo e ossos de animais grandes/muita concha de Cardium./OP-7ºtroço-principio da C.pro-funda, deu:/2 trapezios/10 laminas/muitos ossos de animais/

P29

OP-6ºtroço-camada profunda, deu: /2 trapezios/10 laminas/algumas lascas de sílex/2 conchas furadas/1 concha inteira/1 fragmento de concha de ostra/Bastantes ossos de animais gran-/des./Algumas conchas inteiras de Cardium e Lutraria./Perto das 7 horas da tarde apare-/ceu à noite mais um esqueleto no/sector NO-7ºtroço principio da/camada profunda, que passa/a ser o Nº6 deste ano./

P30

31/8/937

Trabalharam 7 homens e 16/mulheres e funcionaram 8 sirandas/e 2 peneiros/Levantou-se o esqueleto Nº6./Esqueleto Nº6/Deitado de costas na direcção/ Norte-Sul.Crânio achatado sobre/o lado esquerdo.A espinha deslo-/cada, estando a parte inferior com/a bacia mais para o lado esquerdo./Braço direito ao longo do corpo com/a mão por baixo da bacia./Perna direita dobrada com o/joelho levantado.O humero di-/reito com a cabeça ao pé da orbi-/tra.O cúbito junto ao humero./O rádio por baixo da bacia./Perna esquerda dobrada pelo/

P31

joelho, estando o pé por baixo da/bacia.Sector NO-7ºtroço-princi-/pio da camada profunda, a 0,80m/da areia de base.(Foi fotografado)/MN-7ºtroço principio da C.profunda, deu:/5 laminas/algumas lascas de sílex/Poucas conchas de Cardium e/ Lutraria, mas mais Cardium./NO-7ºtroço principio da C.profunda, deu:/2 laminas/ algumas pinças de carangueijo/e ossos de animais/Poucas conchas./

P32

NO-7ºtroço principio da C.profunda, deu:/1 triangulo/1 lamina buril/3 laminas/muitos ossos de

animais/alguns carvões e lascas de sílex/1 chifre de boi?/Notou-se que a camada profun-/da, acaba, antes da areia, por uma/camada de terra escura, húmida/e solta./

P33

1/9/937

Trabalharam 7 homens e 16/mulheres. Funcionaram 7 sirandas/Na manhã deste dia apareceram/4 esqueletos que ficaram com os N°7 a 10./Esqueleto N°7/ Crânio com a abobada palatina pa-/ra cima;os ossos todos num feixe, den-/tro dum espaço de 0,23mx0,50mx0,25m./Esqueleto N°8/Crânio todo amolgado na direcção/ NE-SO.Os ossos todos e os dos mem-/bros no espaço compreendido entre/a bacia e o crânio.A apófise ca-/racoida da omoplata e 2ªvertebra/e costela dentro do crânio.A man-/dibula partida./

P34

Esqueleto N°9 /Esqueleto com os ossos todos quebra-/dos.O maxilar à distancia de 0,20m/da calote toda fragmentada.Os ossos/longos cruzados uns por debaixo dos/ ou-tros.Este esqueleto encontrava-se/ a 0,30m ao poente dos esqueletos N°7 e 8 e no mesmo plano./(Estes 3 esqueletos foram fotografados)/

P35

Esqueleto N°10/Encontrado por debaixo do esquele-/to n°9, entrando os ossos das pernas/uns 0,25m no sector QR./Deitado de costas, cabeça inclina-/da para o lado direito,entrando o hu-/mero e a omoplata pela orbitra/direita.Crânio partido, estando a/mandíbula e o maxilar superior/ situado para o lado esquerdo.Braço/direito sobre o peito.Perna direita/inclinada para dentro.A perna es-/querda com a cabeça do humero./

P36

deslocado, estando este à altura do/torax.(Não pode ser fotografado)/ Estes quatro esqueletos foram encontrados no sector PQ-7ºtroço-cªprofun-/da a uns 0,30m da base./ NO-7ºtroço principio da C.profunda, deu:/Muitos ossos de animais grandes/1 dente de animal grande/1 triangulo/5 lascas de sílex/1 concha furada/ PQ-7ºtroço principio da Cª.profunda, deu:/4 esqueletos/1 dente de animal grande/2 triangulo/4 laminas/algumas lascas de sílex/1 concha furada.

P37

Sector LM-7ºtroço, foi só escavado/a camada superficial./ Sector MN-7ºtroço foram escavadas/as camadas superficial e média, e/principio da camada profunda./O refugio das escolhas foi enterrado/a 17 metros para a direita do 1º/sobreiro do Cabeço. Estes metros são/contados na direcção em que são fei-/tas as escavações/

(DESENHO-Planta)

/ossos humanos/ossos de animais, conchas,etc./

P38

Depois de se ultimar a sirandagem/da terra cavada, retiramo-nos para Muge,/pelas 4 horas da tarde a fim de embalar/o material colhido./Utensilios/Na casa do guarda da Arruda/ficaram:/8 sirandas(duas partidas)/2 respectivas traves de arma-ção./Em Muge:/3 pinceis/2 colheres de jardim/2 colheres de trolha/5 taboleiros/1 pano de tenda/8 latas de bolachas/2 novelos de fio/1 caixa de papelão c/32 latas de cigarros/

P39

Veio para o Porto a fita métrica/para ser consertada./

2/9/937

Vimos para o Porto na manhã/deste dia.Foram embarcar a San-/tarem Dr. Ataíde Almeida.



Fig. 23 - Reconstituição do quotidiano nos concheiros mesolíticos de Muge, por Henri Breuil. Notar a existência de cão doméstico, de caranguejo e de um esturção, com base no registo faunístico encontrado (BREUIL, H. (1949) - *Beyond the Bounds of History*, London P.R. Gawthorn, Ltd., 100 p.).



Fig. 24 - Foto tirada em 1941 ou 1942, no decurso dos trabalhos de campo na região de Muge. Para poupar tempo, as refeições eram servidas no terreno. À esquerda, H. Breuil, ladeado pela Marquesa de Cadaval; no topo da mesa improvisada, G. Zbyszewski. Mais afastado, J. Cadete.

Documento n.º 7

CADERNO DE CAMPO-MOITA DO SEBASTIÃO 1952 - Letra de O. da Veiga Ferreira

P1

Moita do Sebastião/ Quarta- 4/6/952 a/ Sábado-14/6/952/ 1ª Campanha Muge/ Posição dos esqueletos/ Planta / As explorações na Moita do Sebastião em/ Muge terrenos pertencentes à Casa Cadaval/ foram dirigidas este ano pelo Senhor Abade/

P2

Jean Roche da Universidade Católica de Paris./ Durante as escavações que duraram desde/ 4 de Junho de 1952 até 14 de Junho./ Foram abertas duas trincheiras cruzando-se/ a meio do concheiro e na parte de maior cota./ No cruzamento das trincheiras deparou-se com/ diversos esqueletos na posição indicada no/ esquema da página anterior./ No meio da trincheira de Nascente foi encontrado um fundo de cabana e diversos núcleos de cinzas./ A estratigrafia geral do concheiro é como se segue:/ 1 - Camada de base areia amarela do/ quaternário(Terraço)/ 2- Brecha do Concheiro (concreções calcárias,/ carvões cinzas, conchas e seixos rolados/ de quartzito)/ 3 - Camada de conchas que constitui/ por assim dizer, a maior espessura e volu-/ me no concheiro./ As duas camadas assentam sobre a/ formação quaternária adaptando mais ou/ menos ao relevo existente quando do come-/ço do concheiro. E assim nos cortes observa-/ mos certas mudanças de coloração que cor-/ responda ao enchimento de uma depressão na/ camada de base./ Na base do montículo, e em virtude do/ escorregamento dos detritos, observa-se por vezes,/ mais duma camada de conchas separadas/ por estreitos leitos de areia ou mais pro-/ priamente areia humosa./ A estratigrafia no fundo de cabana e/ ao seguinte:/ 1- Camada de base (areia de terraço /amarela)/ 2-Brecha de concreções calcárias, carvões, cinzas, etc./ 3- Camada negra terra/ muito humosa e rica em espolio e/ que continua por assim dizer a camada/ arqueologica por excelencia/

P3

4- Camadas de conchas com delgados/ leitos de cinzas, areias humosas, calhaus/ rolados, ossos, etc./ Espolio/ Dezenas de microlitos trapezios/ Buris(micro-buris)/ laminas/ raspadeiras/ e abundantes restos de silex/ Furador em osso/ Fauna/ ossos de grandes animais (boi, cervo, javali,raposa)/ Conchas - ..., tapes, scrobicularia, nassa/ reticulata, cyprea europaea, Natica hebraea?./ restos de peixes, pinças de caranguejo, restos/ de coelhos, lebres, aves, lagartos./ Na camada de conchas a abundancia de/ cardium edule é enorme algumas ainda/ fechadas e intactas./ Na camada de brecha encontraram-se conchas/ de tapes e ... com as duas valvas./ É de notar a presença perto dos esqueletos de/ muitas conchas de cypraea europaea e/ de Neritina fluviatilis que/ serviram por certo de colares./ Nas conchas furadas propositadamente são/ em maior abundância as Neritinas. É curio-/ so também as cypraeas apresentarem dois/ furos em vez de um./ Foi feita a planta do concheiro com os traba-/ lhos de escavação agora realizados e com a im-/ plantação das trincheiras e posição dos esqueletos/ têm trabalhado nas escavações 4 mulheres e/ 6 homens. Foram montados 6 crivos em/ linha cujo rendimento tem sido surpreendente/ o encarregado Francisco é muito bom para/ este trabalho que demanda sobretudo muito cui-/ dado./ No Sábado 14 recebemos a visita do senhor/ Eng. D. Antonio de Castelo Branco chefe dos/ Serviços Geologicos, Prof. Doutor Mendes Corrêa/ Presidente do Centro de Estudos de Etnologia Penin-/ sular e do Doutor Georges Zbyszewski Geologo/ dos Serviços Geologicos que visitaram os trabalhos/

P4

de escavação em curso, ficando muito satis-/ feitos com os achados./ Também a Senhora Marqueza do Cadaval/ a quem devemos todas as facilidades e seu irmão/ o senhor Conde de Robilant visitaram com muito/

interesse os trabalhos de escavação./ Domingo 15 de Junho 1952/ Minha mulher continua doente. Eu e o senhor Abade/ Roche classificamos e etiquetamos toda a coleção par-/ ticular da senhora Marquesa de Cadaval./ Tem uma bela coleção do Paleolítico Antigo dos/ arredores de Muge. Moedas portuguesas, romanas/ uma coleção dos concheiros da Arruda e Amo-/ reira organizada e classificada pelo Instituto/ de Antropologia do Porto, contas de vidro de/ origem punica e bastantes objectos romanos/ numa estação perto de Alpiarça chama- da Porto do/ Sabugueiro. Classificamos também alguns/ fosséis do Miocénico./ Segunda-feira 16 de Junho de 1952/ Parafinou-se e reverteu-se a gesso o esqueleto/ nº3 de modo a amanhã se proceder ao seu/ levantamento em bloco. Levantou-se os restos/ do esqueleto nº1, nº8 e nº4, nº2 e a/ cabeça do nº5. Os restantes foram parafi- / nados consolidadas a gesso e ficarão para/ o ano. Acabou-se a exploração do fundo/ de cabana. Continuou-se a crivagem das/ terras saídas do fundo de cabana que dão/ muito espólio. Tive notícias da minha mu-/ lher, continua na mesma./ Encontrou-se hoje o esqueleto nº7./Terça-feira 17 de Junho de 1952/ Acabou-se de reverter o esqueleto nº3 e/ preparou-se a embalagem. Começou-se a empa-/ cotar o material arqueológico. Fez-se o/ perfil longitudinal da trincheira orientada/ a N 60°E. Acabou-se a crivagem das terras/ e fizeram-se as ultimas fotografias. Minha/ mulher parece estar melhor./ Quarta-feira 18 de Junho de 1952/ Acabou-se praticamente a embalagem de/ tudo o que recolhemos nas escavações este/ ano. Amanhã encaixotaremos o Maurício/

P5

(esqueleto nº3)/

O senhor Abade Roche parte amanhã para/ Lisboa. Eu fico para marcar uma estrada na/ propriedade da senhora Marqueza./ Quinta-feira 19 de Junho de 1952/ Comecei a marcar as duas vias de acesso ao con-/ cheiro onde vão fazer uma eira provisória./ O senhor Abade Roche partiu para Lisboa./ Todo o material recolhido está acondicio-/ nado em caixas e caixotes. O Maurício (es-/ queleto nº3) foi finalmente encaixotado/ sem a mais pequena beliscadura. Tive no-/ ticias da minha mulher que está já graças a/ Deus livre de perigo./ Sexta-feira 20 de Junho de 1952/ Acabei o serviço para a Senhora Marqueza. Fiz/ o reconhecimento do paul por causa dum/ futura obra de hidraulica agrícola. Apro-/ veitei para fazer pesquisas em torno dos con-/ cheiros conhecidos. É necessário fazer-se um/ reconhecimento cuidadoso cabeça por cabeça/ das margens do paul entre o concheiro da/ Arruda, Amoreira e M. do Sebastião. Ten-/ ciono fazer isso com cuidado qualquer dia./ Sábado 21 de Junho de 1952/ Cheguei finalmente a Lisboa com as minhas tare-/ fas cumpridas./

Documento n.º 8

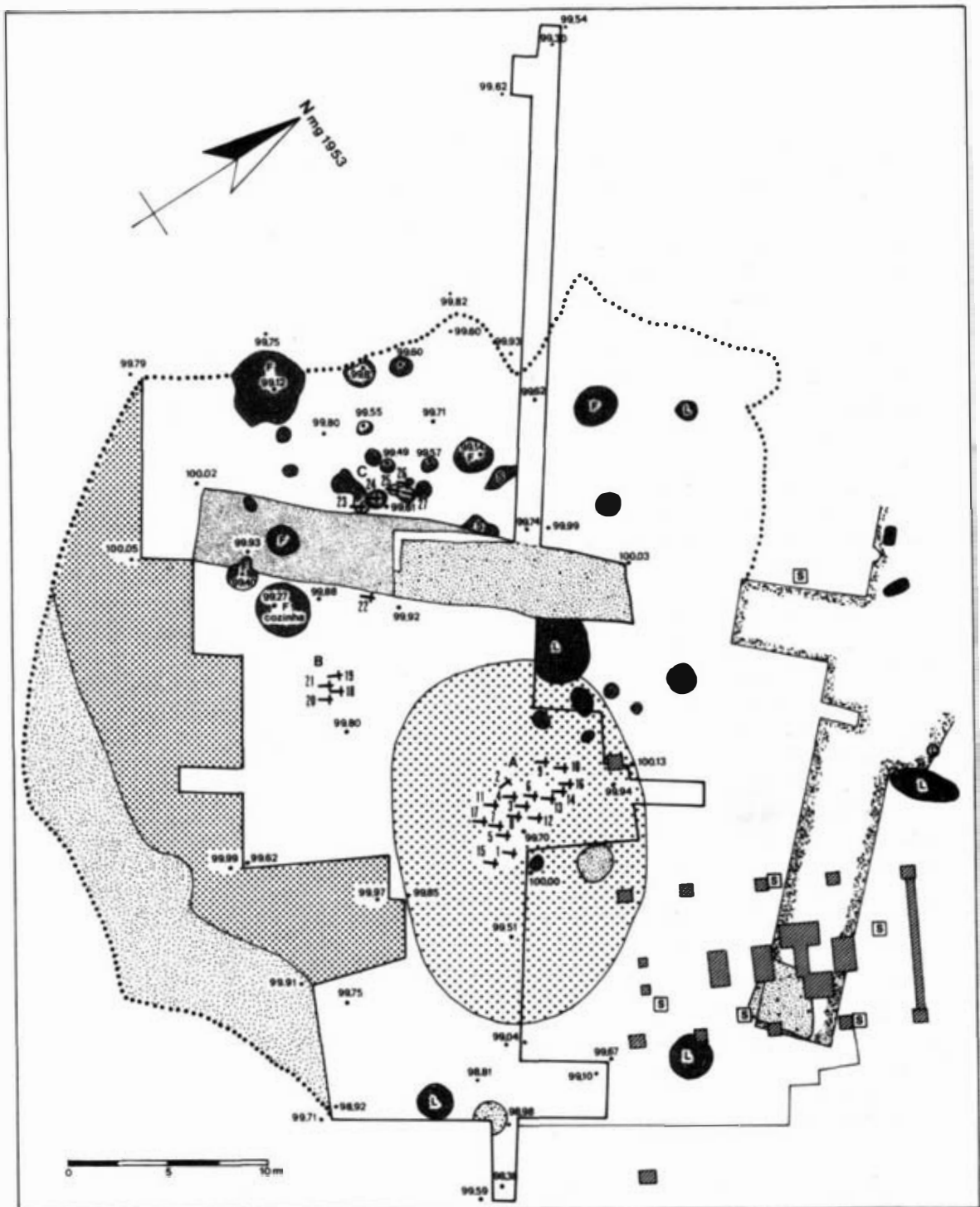
CADERNO DE CAMPO MOITA DO SEBASTIÃO 1953 - Letra de O. da Veiga Ferreira

P1

14 de Abril de 1953/ 2ªCampanha/ Escavações em Muge/ Partimos para Muge eu e Sr. Abade Roche onde/ devemos começar a 2ªCampanha de escavações/ na Moita do Sebastião./ Vamos preparar as coisas para aman- hã/ se começar no trabalho. Estamos alojados como/ de costume na Casa da Senhora Marqueza do/ Cadaval./ 15-4/953/ Na coleção da Senhora Marqueza proveniente do Cabeço da/ Amoreira há a seguinte fauna:/ *Carcinus moenas Pennant/ Gelasimus tangeri Cavaldi/ Cypraea europaea Mont./*

P2

Neritina fluviatilis Lineo/ Sus scropha/ Cervus elaphus/ Nassa reticulata Lin./ Solen marginatus - Penn./ Unio pictorum Lin./ Cardium edule Lin./ Scrobicularia plana da Costa/ Cardium norvegicum Speng./ vertebras de peixe (Teleósteo)/ Começamos a retirar a argila e a areia das trincheiras/ e fundo de cabana do ano anterior./ O trabalho vai bem. Chegou todo o material/ para montarmos os peneiros. O Francisco escolheu/ uns bons



LEGENDA

- | | | | |
|-------------------------|------------------------|-----------------------------------|------------------------------|
| 0,00 Cotas altimétricas | Fundo de cabana | Brecha sobre a areia | F - Fosso |
| Sondagens | Conchas sobre a brecha | Brecha e conchas | L - Lareira |
| Esqueletos | Conchas sobre a areia | Terra negra sobre a areia de base | S - Silo |
| Limite das escavações | | | Trincheira de Carlos Ribeiro |
| Limite do Concheiro | | | Construções modernas |

Fig. 25 - Planta geral da área escavada no concheiro de Moita do Sebastião. Desenho inédito, passado a limpo, do Arquivo de O. da Veiga Ferreira.

operários para o trabalho. O Sr. Abade/ Roche está com um ataque de lumbago que/ o impediu de vir ao concheiro./ 16/4/953/ Retiramos toda a terra da trincheira e do fundo/ de cabana. Começamos a preparar os bordos/ das trincheiras e a varrer as paredes e fundo./ Montamos os peneiros que ficaram numa boa/ posição favorável ao vento. O senhor Abade/ Roche vai melhor e já se levantou hoje./ Telefonei para minha casa, vai tudo bem./ 17/4/953/ Posição do esqueleto nº7/ DESENHO/ a- iliaco/ b- femur/ c e d- tibia e peróneo/ f-restos do crânio/ Começamos a retirar o esqueleto nº7/ (Francisco). Encontramos um outro esqueleto ao lado/ do desmanchado que ficou com o nº10/ e que chamamos Simões/ Preparamos um/ talhão compreendido entre o corte do fundo de/ cabana e a trincheira orientada a Este. Come-çamos amanhã a explorar este talhão pela/ camada de conchas. Fizemos prolongar a trinchei-/ra N60°E até chegarmos a sondagem onde/ suspeitamos doutro fundo de cabana/ O Senhor Abade Roche vai bastante melhor./ O Pessoal tem trabalhado com a melhor das/ boa vontades. O Francisco é incansável./

P3

18/4/953/ Começou-se a por à vista o esque-/ leto do Matias (nº5) que havíamos começa-/ do a descobrir o ano passado e que levamos a/ cabeça para Lisboa por causa de se não destruir/ Nº5 DESENHO/ entre este esqueleto e o nº7 foram encontra-/das conchas de Neritina fluviatilis/ furadas sendo uma pintada de verme-/ lho . Encontramos também bocados de he-/matite vermelha./ O esqueleto apresenta-se deitado de costas/ sobre a camada de areia do quaternário/ tendo uma perna encolhida. Ambas as mãos es-/ tão cruzadas sobre o ventre./ A posição deste esqueleto é entre a Ange-/ lina e o Francisco ficando no entanto/ por debaixo deste./ O Senhor Abade Roche já sai e já foi/ ao concheiro para orientar os trabalhos a/ fazer. Começamos a retirar a camada/ de conchas e a crivar. É bastante pobre esta camada./ 19/4/953/ Os homens não trabalharam hoje, apenas ficou o Fran-/cisco para me ajudar na parte da manhã. Choveu/ toda a manhã e faz muito frio. Na parte da tar-/ de visitaram-nos os Senhor Begouen e sua esposa/ Senhor Bensaude e Esposa. Foram muito gentis/ levaram-nos de automovel ao concheiro. O Senhor/ Abade Roche está contente com o andamento dos/ trabalhos./ 20/4/953/ Continuam os trabalhos de desmonte da camada/ de conchas e crivagem. Prosseguem as pesquisas/ de novos esqueletos e limpeza dos encontrados./ Foi encontrado um pouco atrás e de lado o/ cranio do esqueleto nº11(Luiz) perto do/ cranio encontramos conchas de Neritina flu-/ viatilis furadas e um Helix./Nº6 DESENHO/ Perto do cranio nº11 onde os pontos ne-/ gros representam conchas de Neritina/ fluviatilis formando colar com varias/ filas: Les coquilles sont rouges./ Encontramos um outro esqueleto/ nº12 que parece ser duma criança./ O cranio está completo e come-/ çamos a libera-lo da brecha/ que o envolve./

P4

Lista de esqueletos encontrados/ 1 - Angelina (parte superior do corpo/ e restos dos femures)/ 2 - Cabeça e alguns ossos (Artur)/ 3 - Esqueleto completo (Mauricio)/ 4 - Alguns ossos longos/ 5 - Cabeça completa (Matias)/ o corpo está por descobrir/ 6 - Cabeça esmagada e alguns ossos (Carvalho)/ 7 - Cabeça esmagada e ossos (Francisco)/ 8 - Ossos longos/ 9 - Ossos longos (Manuel)/ 10 - Cabeça esmagada e ossos (Simões)/ 11 - Cabeça esmagada mas completa (Luiz)/ 12 - Craneo completo (Fernando)/ 13 - Craneo esmagado e alguns ossos(Cadete)/ 14 - Esqueleto a que falta parte do/ craneo (José da Silva)/ 15 - Abel/ 16 - Bernardino/

P5

17 - Orlando/ 18 - Tomaz/ 19 - Maria/ 20 - Bandeira/ 21 - Trindade (27) / 22 - Manuela/ 23 - Cabeça/ - Engenheiro/ 24 - Outra cabeça com restos/ de ossos de mãos e braços/ 25 - restos doutro esqueleto/ 26 - idem/ 27 - idem/

P6

21/4/953/DESENHO/ Posição do esqueleto nº12. Em volta/ deste esqueleto foram encontradas/ uma

enorme quantidade de *Helix*/ pisana e *Helix* apicina sem/ serem furadas. Continuou-se a crivagem/ da camada de conchas. Começou a chover/ torrencialmente. Suspenderam-se os trabalhos das/ mulheres. Foram algumas a desmontar a/ brecha com os homens./ 22/4/953/ A chuva continua a prejudicar os trabalhos/ suspendemos a crivagem. Encontrou-se restos/ de outro esqueleto o nº13. Continuou-se a por/ a descoberto o esqueleto nº.12 vendo-se já/ toda a coluna vertebral pernas e um pé./ Em redor do pescoço do esqueleto nº6 en-/ contramos um colar de contas de *Neritina*/ *fluviatilis* em varias filas. Continuou-se a escavar a brecha. Prolongou-se mais/ um pouco a trincheira principal para N./ 23/4/953/ Começou-se a crivar as terras da brecha/ limpou-se a área do fundo de cabana da/ trincheira. Prosseguiu-se com a limpeza/ dos esqueletos o que tem dado muito trabalho/ devido à dureza do terreno./ Nº12 DESENHO/ Encontrou-se perto da cabeça/ do numero 12 um pé e um/ peróneo que deve pertencer à/ Angelina./ A perna que se encontrou a/ SW dos pés do esqueleto nº/ 5 (Matias) deve pertencer/ tambem ao esqueleto nº1/ (Angelina) porquanto ai o/ ano passado ai haviam encon-/ trado na trincheira principal res-/ tos da perna esquerda. Perto dos/ pés de Matias (5) encontramos/ duas conchas grandes de *Neritina*/ *fluviatilis* furadas./ Todos os esqueletos completos tem/ sido encontrados com as pernas encolhidas/ e cruzadas. Deve ser um rito de inumação./

P7

DESENHO(Planta do posicionamento dos esqueletos identificados até 23/4/953)/ 24/4/953/ Os ossos que pensavamos pertencer ao/ pé de Angelina pertencem à mão de outro indivi-/ duo(12) que (...) pelo coto-/velo. Continuou-se com a ajuda dos homens/ a por à vista todos os esqueletos encontrados. Des-/ locou-se mais um esqueleto o numero 14./ Continuou-se a crivar a brecha e a limpar/ as trincheiras. As mulheres começaram a cri-/ var a terra proveniente das limpezas./

P8

25/4/953/ Acabaram quási de limpar os esque-/ letos e aprumar as trincheiras e cortes./ Começamos a escavar a camada de conchas/ a poente do fundo de cabana. Terminamos/ a sondagem a N dos esqueletos que não deu/ mais nada. Choveu muito prejudicando os/ trabalhos e não deitando limpar a trincheira/ de Sul./ 26/4/953/ Esteve cá a minha mulher e filhas, a Senhora Mar-/ queza e familia, o Senhor padre D'Aussac./ Não se trabalhou. Visitamos o concheiro/ para mostrar às pessoas os esqueletos encontrados./ 27/4/953/ Continuou-se a limpeza das trincheiras, desmon-/ te da camada de conchas e crivagem/28/4/953/ Continuou-se a limpeza dos esqueletos, trin-/ cheiras e levantamento e crivagem da camada/ de conchas./ 29/4/953/ Começou-se a crivar a brecha dos esquele-/ tos, acabou-se de aprumar e rectificar/ todas as trincheiras. Descobriu-se a seguir ao/ fundo de cabana do ano passado, isto é,/ para Poente um outro fundo de cabana/ que está já posto a descoberto. O Sr. Abade/ Roche descreveu hoje esqueleto por esqueleto/ peça por peça analisando todos os ossos en-/ contrados. Tomou-se tambem a orienta-/ ção dos esqueletos um em relação aos outros./ 30/4/953/ DESENHO(Esqueleto nº13 e nº14)/ Este esqueleto foi o ultimo/ encontrado na semana que corre/ começaram a aparecer alguns ossos lon-/ gos partes dos pés deste esqueleto(14) que/

P9

parecem pertencer as pernas encolhidas dum/ outro esqueleto. Até à data a fauna malaco-/ lógica encontrada é constituída pelas seguintes/ espécies: *cypraea europaea*, *neritina fluviatilis*, *cardium edule*, *scrobicularia plana*./ 1/5/53/ Estiveram no concheiro o Sr.Prof./ Mendes Corrêa, Ten.-Coronel Afonso do Paço, Dr. Pires Soares e Maxime Vaultier acompanhados/ da Senhora Marqueza. Começamos a levantar/ e a crivar a brecha a que dá esqueletos. Come-/ çamos a delimitar o fundo de cabana do/ Norte dos esqueletos que se apresenta rectangular/ com os bordos arredondados. O fundo e os/ lados que são inclinados, são constituídos/ por pedras miu-



Fig. 27 - Escavações de 1952 do concheiro da Moita do Sebastião. Visita aos trabalhos de G. Zbyszewski (à esquerda) e Mendes Corrêa (à direita). Ao centro, J. Roche (Foto de 14/6/1952).



Fig. 28 - Escavações de 1952 do concheiro da Moita do Sebastião. Da esquerda para a direita: G. Zbyszewski, O. da Veiga Ferreira (de boné branco), Mendes Corrêa (de costas), Marquesa de Cadaval e J. Roche (foto de 14/6/1952).

das formando uma especie de/ parede pouco espessa. Esta terra do fundo/ de cabana é particularmente rica./ Um pouco a Sul dos pés de Matias(5)/ encontramos hoje o 15º esqueleto/(Abel) que está com os pés virados para/ os pés do esqueleto nº5. Os nossos ilustres/ visitantes foram bem impressionados com/ os trabalhos. Pires Soares fez varias fotografias/ do trabalho em curso./ 2/5/53/ Continuamos a escavar a camada de conchas/ e o fundo de cabana. Começamos a por à vela/ o esqueleto nº15(Abel) / . Faltou descobrir as pernas e a parte/ DESENHO(Esqueleto nº15)/ inferior do tronco./ O Senhor Abade Roche continua a/ separar o material recolhido e/ a classificar./ 3/5/53/ Recebemos hoje a visita do Senhor Miguens e esposa./ Não se trabalhou hoje no concheiro com o/ pessoal. Apenas lá fomos para ultimar/ alguns trabalhos./ 4/5/953/ Encontramos hoje o esqueleto nº16/ (Bernardino). Está muito destruido e des-/ locado. Retiraram-se e encaixotaram-se/ o nº10 e o nº7. Começou-se a levantar/ o nº14. A escavação do fundo de cabana/ continua. Começou-se a abrir uma/

P10

trincheira para este do fundo de cabana/ do ano passado. Trabalhamos actualmente com nove homens e sete mulheres./ 5/5/953 Encontrou-se hoje mais/ um esqueleto o nº17 (Orlando)/ Continua-se a encaixotar os esqueletos/ ficaram hoje prontos o nº7 - 10 - 11 - 13/ - 14 - 16 - restos do nº1. Continua em gran-/ de actividade a crivagem das terras./ 6/5/953 DESENHO (Esqueleto nº17) completamente a ... / ... o esqueleto nº17. Esteve/ no concheiro uma pessoa da/ televisão francesa que filmou/ os esqueletos. Continuou-se a/ retirar a terra e a crivar./ 7/5/953 - Encaixotou-se o nº17 fizeram-se/ fotografias de varias coisas relativas à escava-/ ção. Crivou-se a terra da Brecha I que deu/ muitos silices. A industria encontrada é/ esplendida./ 8/5/953 - Continuou-se a escavar a brecha/ Esteve no concheiro o meu amigo/ Maxime Vaultier que viu o enorme fundo/ de cabana. Fez-se a planta e cortes do/ fundo de cabana. A Senhora Marqueza/ visitou os trabalhos e ficou muito contente/ com a continuação das descobertas. Encontrou-se uma concha de glycimeris furada/ no vertice./ 9/5/953 Fizeram-se fotografias dos/ esqueletos completos que aguardam a/ visita das entidades superiores do Minis-/ terio da Instrução. Continuou-se a/ crivar com toda a força a brecha/ I/ 10/5/953/ Dia de descanso no concheiro./ 11/5/953/ Continuou-se a crivagem das terras retira-/ das na semana anterior. Começou-se a/ limpar todos os cortes.

P11

12/5/953 Continuou-se no mesmo servi-/ço do dia anterior. Retirou-se toda a/ argila perto dos cortes./ 13/5/953/ (Transcrição de notícia de jornal) ENCONTRARAM-SE PRECIOSIDADES DOS PESCADORES E CAÇADORES QUE HABITARAM HÁ MAIS DE 8 MIL ANOS/ Muge, 10 - Estão a realizar-se em/ Muge, em terrenos da Casa Cadaval,/ escavações arqueológicas do maior/ interesse, nos jazigos pré-historicos/ designados pelo nome de "conchei-/ros". Estas estações são conhecidas/ há mais de um século e já foram/ objecto de explorações importantes,/ levadas a efeito pelos Serviços Geo-/lógicos de Portugal e, nos ultimos/ decénios, pelo Instituto de Antro-/pologia da Universidade do Porto./ As actuais escavações estão a ser feitas no "concheiro" da Moita do/ Sebastião, pelo Centro de Estudos/ de Etnologia Peninsular, com sede/ no Instituto de Alta Cultura.Os tra-/balhos no terreno estão, actualmen-/te, confiados pelo Centro ao rev./ Jean Roche, pré-historiador francês,/ do Centro Nacional de Investigação/ Científica de Paris, com a colabora-/ção do sr.Octávio da Veiga Ferreira,/ funcionário técnico dos Serviços/ Geológicos e membro do Centro de/ Etnologia Peninsular. A senhora/ marquesa do Cadaval tem prestado/ aos trabalhos mais meritorio apoio/ e o mais esclarecido interesse./ Aquelas estações são pequenas/ elevações de terreno, formadas arti-/ficialmente pelo homem pré-histori-/co, com conchas, cinzas, carvões e/ ossos, entre os quais aparecem nu-/meros utensilios de silex, geral-/mente de pequenas dimensões e de/ formas geometricas, e ainda esque-/letos humanos daquelas remotas/ eras, inu-



Fig. 30 - Escavações de 1953 do concheiro da Moita de Sebastião. Da esquerda para a direita: Pires Soares, M. Vaultier, Marquesa de Cadaval, Mendes Corrêa, J. Roche e A. do Paço (foto de 1/5/53).



Fig. 29 - Escavações de 1954 do concheiro da Moita do Sebastião. Da esquerda para a direita: J. Roche, A. de Castello Branco e O. da Veiga Ferreira.

mados naqueles montículos/ que marginam o paul do Duque e/ a ribeira de Muge./ As últimas escavações têm forne-/cido, além de esqueletos humanos,/ que ainda conservam em torno dos ossos/ ossos do pescoço e das canela curio-/sos colares de buzios perfurados, al-/guns "fundos de cabanas" que apre-/sentam detritos carbonizados de co-/zinha, pavimentos de calhaus soltos/ e o contorno quadrangular das pa-/redes, que, como as coberturas ou/ telhados, seriam feitos de ramos e/ folhagem, possivelmente cimentados/ de argila./ Os "concheiros" de Muge devem/ ter sido formados entre 5 a 8 mil/ anos antes da era cristã. Os pesca-/dores e caçadores humildes e atra-/sados que ali viveram eram já se-/dentários e apresentam caracteres/ físicos afins dos tipos humanos/ fosseis ou sbfosseis da Palestina/ e do Norte de Africa./ As escavações têm sido visitadas/ e acompanhadas pelo prof. Mendes/ Correia, que é o presidente do Cen-/tro de Etnologia Peninsular e que/ dirigiu pessoalmente os trabalhos/ realizados há anos naquelas regiões,/ e pelos srs. Eng. D.Antonio de Castelo Branco, chefe dos Serviços Geo-/logicos; dr. Georges Zbyszewski, Ma-/xime Vaultier, José Pires Soares e/ outros arqueólogos e cientistas.(fim da noticia)/ Acabamos de crivar toda/ a brecha retirada e/ a camada de conchas./ Preparou-se cuidado-/samente tudo para rece-/ber a visita de varias/ pessoas no dia 14./ Transportamos toda a ar-/gila e areia que havia/ sido retirada durante/ as escavações. Limpou-se/ e pos-se à vista o muro/ de pequenos clhaus da/ grande cabana assim/ como se descobriu a porta./

P12

14/5/953

Fez-se uma descoberta notável.A Nascente/ do fundo de cabana I encontrou-se por/ meio de sondagem outra cabana. Ao/ que os mesolíticos tinham postos varios/ blocos de brecha em toda a volta a formar/ parede. Vemos perfeitamente as ... à/ ... entendo no entanto já ... / ... em profundidade. No concheiro/ estiveram hoje a Dra.Virginia Rau/ Prof.Mendes Correa, Prof.Carlos Teixeira/ Prof.Medeiros de Gouveia, Senhora Marqueza/ e filha, Eng.Moutinho, a sobrinha da/ Senhora Marqueza, o senhor Conde de Robi-/lant, sua mulher etc./ Visitaram depois os terraços da Amorei-/ra - terraços 12 a 15m. com industrias/ paleolíticas (Grimaldiano). Ao fim da/ tarde e muito afastado do nucleo de/ esqueletos encontramos o nº18 todo ... -/ ... e começou a aparecer a ossada/ de outro. Encaixotamos o nº18./ 15/5/953/ Recebemos a visita do Prof.Cordeiro Ramos/ Prof. Pereira Dias, Dr. Silva Passos e Ma-/xime Vaultier. Posição dos quatro esqueletos/ encontrados no segundo grupo de esqueletos/ DESENHO(Esqueletos nº18, 19, 20, 21)/ O segundo grupo de esqueletos constituído por/ 3 esqueletos quasi completos/ e um todo feito num mon-/te de ossos. O nº21 real-/mente esta sobre os/ pes do nº20. É curio-/so que este grupo de esqueletos aparece / completamente do 1ºgrupo./ Foi encontrado perto da/ trincheira NE-SW um deposito/ de grandes calhaus de silex para/ trabalhar. Materia prima./ 16/5/953 - Continuou-se a escavar a/ brecha e encontramos o começo dum/ grande fosso de cinzas, carvões e muita/ fauna de varias especies. Da-me a im-/pressão que estamos em presença duma/ cozinha desse tempo./

P13

17/5/953 - Dia de descanso dos homens./ Fizemos fotografias./ 18/5/953 - Encontramos o fosso completo/ é verdadeiramente uma coisa interessante. Na/ parte inferior e mais ou menos a meia altura/ desta um leito de grandes calhaus bem/ argamassada na brecha, a fazer paravento./ A riqueza de fauna é grande. Tenho a/ impressão que começamos a encontrar um/ outro fosso de cozinha./ 19/5/953/ Fizemos o levantamento do fosso/ ontem descoberto assim como o corte/ Descobriu-se hoje a Este da grande cabana/ restos do esqueleto duma criança. Continuou-se a exploração para Este. Começamos a/ levantar uma camada negra que repousa/ directamente sobre a areia de base./ 20/5/953/ Descobriu-se outro fosso mais pequeno a se-/guir ao já descoberto. Começou-se a fazer o/ plano geral dos trabalhos. Continua a criva-/gem e escavação de camadas./21/5/953/

Começou-se o nivelamento dos/ trabalhos executados e retirou-se mais/ outra area de brecha. Continuou-se a criva-/gem./22/5/953 - Continuou-se o trabalho do/ dia anterior./23/5/953 - Descobriu-se na brecha arranca-/da a cabeça duma criança de/ grande importancia para o estudo da antro-/pologia patologica./24/4/953 - Dia de descanso no concheiro./ Recebemos a visita do Senhor Ministro da/ Justiça Doutor Cavaleiro Ferreira e esposa./25/5/953 Crivagem das terras retiradas/ na semana passada./26/5/953 - Descobriu-se um outro pequeno/ fosso ao lado do grande fôso e acabamos/ de esvaziar um fôso que tinha sido/

P14

encontrado ao lado N da cabana gran-/de/27/5/953 Hoje descobrimos outra caveira/ hidrocefala assim como restos de dentes/ tres com alguns ossos./ Estes restos encontram-se numa serie de/ pequenos fossos cavados na areia de base/ do concheiro e do lado poente da grande/ cabana. Recebemos hoje a visita duma/ missão de médicos chefiada pelo meu/ amigo Doutor Alberto de Sousa presiden-/te da Comissão Administrativa de Caldas de/ Monchique./ 28/5/953 - Recebemos a visita de tres/ ingleses do British Council chefiados/ por Mr. Black. Com eles vinha o meu/ amigo Ten.-Coronel Afonso do Paço./ O fotografo /... fotografando/ esqueletos e fundo de cabana. Acabou-/se de crivar toda a terra retirada e/ começou-se a escavar a ultima/ faixa deste ano./29/5/953 - Encontramos restos de tres/ outros pequenos crânios. Começou-se a/ escavar um grande fôso de cozinha/ a poente do fundo de cabana assim/ como destes pequenos fôssos.Começou-se/ a encaixotar os esqueletos do 2º grupo./30/5/953 - Acabamos de encaixotar/ os restantes esqueletos. Acabei de fazer/ a planta dos trabalhos e vou terminar/ o nivelamento segunda-feira./ 31/5/953 - Dia de descanso no conchei-/ro. Comecei a encaixotar o mate-/rial que tenho no meu quarto prove-/niente da crivagem de terras./1/6/953/ Crivagem das ultimas terras tiradas e cor-/te da parte final da area do concheiro/ Norte./2/6/953/ Acabou-se o plano e nivelamento dos/

P15

Trabalhos executados este ano./3/6/953/ Acabou-se a crivagem das terras e come-/çou-se a fazer a proteção por meio de uma/ vedação de prumos e tábuas do fundo de/ cabana, cozinha e corte do lado Este/ 4/6/953/ Partida de Muge para Lisboa.////// Sexta-feira 10-7/953/ De Lisboa a Muge reconhecimento geológico./11-7/953 - Continuação do levantamento geoló-/gico na ribeira de Muge/ 12-7/953 - Idem/13-7/953 - Idem/ 14-7/953 - De Muge a Lisboa./

NOTA SOBRE A CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES DO ANO DE 1953 NO CONCHEIRO DA MOITA DO SEBASTIÃO (MUGE)

A campanha de escavações durou sem interrupção de 15 de Abril a 6 de Junho. O plano de trabalho consistiu em explorar as indicações fornecidas pelas trincheiras de exploração de 1952. As escavações incidiram sobretudo nos lados S.e W. do concheiro; 800m² foram escavados e um total de 400m³ de terras arqueológicas foram crivadas.

Os resultados foram do mais elevado interesse tanto do ponto de vista arqueológico como do ponto de vista antropológico. Sua importancia prendeu os meios científicos internacionais - os jornalistas, a rádio, a televisão de diversos paises estrangeiros demonstraram bem o interesse que lhes mereceu a campanha de escavações deste ano.

Do ponto de vista arqueológico aparte os milhares de peças recolhidos, em estratigrafia, a grande descoberta foi a escavação dum fundo de cabana mesolítico, de 11m de comprimento por 3,5m de largo, orientado a NE-SW. O lado NE foi escavado pelo homem pre-histórico na brecha que constitui a camada de base do concheiro e

do lado SW. é formada por um pequeno muro de 0,30m.de altura feito de pequenos calhaus rolados de quartzite provenientes da ribeira amassados com terra. A existência de fundos de cabana em Muge tinha sido já admitida teoricamente pelo Abade Breuil em 1941. Seu ponto de vista encontrou agora confirmação. A descoberta deste pequeno muro ultrapassou todos os desejos que um arqueólogo possa imaginar. Do ponto de vista nacional é o mais antigo monumento conhecido. Além do fundo de cabana foi descoberto um grande fosso de 2,50 de diâmetro e de 0,90m. de profundidade contendo cinzas e ossos carbonizados. Trata-se dum fosso de cosinha de estrutura muito rara que não se encontra normalmente a não ser no Eneolítico. Por outro lado a W, do fundo de cabana descobriram-se vários silos,escavados na areia da base e contendo conchas de Scrobicularia plana ainda fechadas.

Do ponto de vista antropológico, descobriu-se um belo conjunto de 27 esqueletos, a maior parte em muito bom estado e completos.

A hipótese de inumações rituais, posta em 1942 foi confirmada este ano. Assim encontrou-se um esqueleto com um colar de tres fiadas de conchas furadas, em volta do pescoço, um outro tinha um colar em torno do artelho esquerdo e um esqueleto de criança tinha uma cintura de conchas furadas.Todos estes colares são constituídos por conchas de Neritina fluviatilis.

A descoberta mais sensacional do ponto de vista antropológico, foi a escavação de pequenos buracos feitos na areia da base do concheiro que continham dois crânios patológicos.Trata-se de dois hidrocéfalos jovens. Até ao presente são os mais antigos hidrocéfalos conhecidos no mundo. De qualquer forma a descoberta de peças patológicas é rarissima no Paleolítico e Mesolítico.

Do ponto de vista geológico do Quaternário, a posição da jazida e sobretudo o estudo da fauna malacológica indicam que a água salgada subia o curso do Tejo muito mais a montante que hoje. Encontraram-se com efeito no concheiro conchas de agua salôbra que actualmente vivem perto da embocadura do Tejo.

Cumpre-nos exprimir aqui o nosso reconhecimento à Senhora Marqueza de Cadaval que acompanhou com o maior interesse o desenvolvimento dos trabalhos. Por outro lado estamos também muito gratos pela sua generosa hospitalidade. A Senhora Marqueza deu tais facilidades, que sem o seu apoio bondoso, as escavações teria sido bastante mais difíceis.

Cumpre-nos igualmente tambem agradecer ao Senhor Ministro da Economia, Senhor Director Geral de Minas e Serviços Geológicos, Senhor Chefe dos Serviços Geológicos que amavelmente autorizaram o Engenheiro Auxiliar Octávio da Veiga Ferreira a me acompanhar como assistente muito competente, mantendo assim a muito gloriosa tradição dos Serviços Geológicos de Portugal.

Documento n.º 9

CADERNO DE CAMPO MOITA DO SEBASTIÃO 1954 - Letra de O. da Veiga Ferreira

P1

12/5/954 3.ª Campanha em Muge/ Parti para a 3ª Campanha de escavação/ no Concheiro da Moita do Sebastião(Muge)/ Com o Senhor Abade Roche encontramos o/ concheiro transformado em espaço de des-/ casca de arroz. Vamos ver o que resta do/ concheiro a explorar. Deixei minha mulher/ doente. Começamos os preparativos para/ amanhã continuarmos a escavar. Fica-/mos alojados na Casa Cadaval por obse-/quio da Senhora Marqueza./ 13/5/954/ Encontramos as estações do ano passado/ e começamos a por a descoberto os muretes es-/cavados no ano anterior. No decorrer des-/tes trabalhos foram já encontrados restos de/ dois



Fig. 31 - Escavações de 1954 no concheiro da Moita do Sebastião. Da esquerda para a direita: F. Moitinho de Almeida, F. Soares Carneiro, A. de Castello Branco e J. Roche. O. da Veiga Ferreira explica o trabalho realizado (foto de 1/6/1954).



Fig. 32 - Escavações de 1954 no concheiro da Moita do Sebastião. Em primeiro plano, o fundo de cabana, com fossas e buracos de poste escavados na camada basal (foto de 1/6/1954).

esqueletos muito destruídos. O fundo/ de cabana que está sobre o alpendre da/ debulhadora está todo destruído ou/ quasi. Começamos a montar uma ba-/teria de 8 crivos mais dois que o ano passado./ 14/5/954/ Telefoni para minha casa. Minha mulher/ parece estar melhor. No concheiro con-/tinuou-se a retirar a terra da eira para/ encontrar os cortes do ano passado./ Os crivos estão montados para come-/çar a crivagem. O fundo de cabana do/ nascente começa a por-se a descoberto./ Os pilares do barracão destruíram-no/ quási por completo. É uma verdadeira/ monstruosidade o que o fez o administrador/ da casa. Num país civilizado seria/ metido na cadeia. Paciencia vivemos/ infelizmente bastante atrasados nestas/ coisas. Como português isto pesa-me!!!/ 15/5/954/ começaram a encontrar-se mais esque-/letos perto do 1º grupo dos outros/ anos.

P2

DESENHO(Esqueletos nº30 e 33) partes dos esqueletos Nº 28/ e 30 respectivamente Custodio/ e Zeferino./ Pos-se a descoberto quá-/si toda a área que fal-/ta escavar. Começou-se/ a delimitar o fundo de/ cabana do ano passado. Foi quá-/si todo destruído pelos pilares do barra-/cão./ 16/5/954/ Descanso no concheiro. Hoje o Francis-/co ficou para não deixar ninguém pisar/ os esqueletos./ 17/5/954/ Continuou-se a retirar a terra/ que cobre a parte a explorar. O fundo/ de cabana debaixo do barracão con-/tinua a aparecer. Refez-se o corte da/ trincheira orientada a N 55°W na parte/ final. Acabou-se de por a descoberto os/ esqueletos nº28 e 30./ 18/5/954/ Começou a aparecer um novo es-/queleto cuja posição em relação aos dois/ primeiros deste ano./ DESENHO(Esqueleto nº32 e 33) Começou-se a crivar/ a terra de conchas pro-/veniente da regularização/ do corte perto do fundo/ da trincheira principal./ Começou-se tam-/bé a crivar a/ brecha retirada/ perto dos esqueletos e em volta destes./ 19/5/954/ DESENHO(Esqueletos nº31)/ Foi posto a descoberto o esqueleto/ nº29 que tem o crânio cor-/tado pelo meio. Encontrou-se/ um pouco mais fundo na/ trincheira normal e orienta-/do a N 50°W./ Continuou-se a delimitação do fundo de/ cabana de nascente. Começou-se a/ crivar a brecha retirada dos esquele-/tos. Está a terminar o desentulho./

P3

20/5/954/ Terminou o desentulho.Começa-se a/ cavar a brecha com toda a força/ 21/5/954/ Terminamos a delimitação do fundo/ de cabana. Falta uma parte que ainda/ não sabemos como termina.A crivagem/ da terra marcha bem./ 22/5/954/ Continuou-se com o trabalho do dia/ anterior e começou-se a desentulhar/ o fundo de cabana de 1953/ 23/5/954/ Descanso no concheiro./ 24/5/954/ Terminou-se o desentulho do fundo de/ cabana de 1953. Fez-se a planta do/ fundo de cabana 1954.Começou-se/ a explorar este fundo de cabana./ 25/5/954/ Começamos a explorar o fundo de cabana/ até ao fundo. Fizemos os cortes do lado/ sul do concheiro./ 26/5/954/ Fez-se o levantamento do "foyer" encon-/trado ao lado da cabana grande. Come-/çou-se a crivar toda a terra do fundo de/ cabana./ 27/5/954/ Fez-se o levantamento do grande fosso de cozinha, o pequeno fosso, o murete do fundo de cabana do ano passado./ 28/5/954/ Continuou-se a exploração do fundo de/ cabana de 1954. Explorou-se a cama-/da de concha sobre a brecha ao lado/ fundo de cabana do ano passado. Des-/cobriu-se outro foyer por debaixo do/ fundo de cabana./ 29/5/954/ Continuou-se a crivar a terra dos cor-/tes feitos. Começou-se a descobrir/ a brecha do ano passado perto do/ fundo de cabana de 1953./

P4

30/5/954/ Descanso no concheiro./ 31/5/954/ Os trabalhos foram visitados por Maxime/ Vaultier./ 1/6/954/ Começou-se a desmontar e crivar/ a brecha sob o barracão e a brecha/ em volta do "foyer" do fundo de cabana/ de 1953. Chegou-se ao fundo duma parte/ da cabana de 1954. Recebemos a visita/ dos amigos Dr.Carlos Teixeira e Dr.Real/ e da Senhora D.Maria Amélia./ 2/6/954/ Começou-se a pensar que o parece ser/ um fundo de cabana é a trincheira/ de exploração de 1880.Continuou-se/ a crivar a terra escavada./ 3/6/954/ Avolumam-

se as suspeitas que se trata/ da trincheira de 1880./ 4/6/954/ Depois de se ter descoberto toda a área/ Chegou-se já à conclusão que se trata/ da trincheira antiga./ 5/6/954/ Estamos certos que se trata da trincheira/ antiga. Encontramos os blocos escavados/ onde assentavam os esqueletos retirados/ provavelmente. Começou-se a topografia/ da frente do concheiro deste ano./ 6/6/954/ Descanso no concheiro/ 7/6/954/ Abandonamos a parte da trincheira/ pois temos a certeza que se trata da trin-/cheira de exploração de Carlos Ribeiro./ Começou-se a esvaziar o fundo de/ cozinha. Retirou o "Foyer" perto do/ fundo de cabana de 1953. Começou-se/ a escavar a brecha que falta explorar/ e a procurar delimitar o que resta do/ concheiro. Fez-se hoje a piquetagem/ de toda a superfície explorada a-/fim de começar o nivelamento./

P5

8/6/954/ Começou-se a procurar o limite N. da/ jazida; avançando a camada de/ conchas e brecha./ 9/6/954/ Começou-se a procurar o limite W do/ concheiro retirando a camada de con-/chas e brecha. Encontrou-se um novo/ "foyer"./ 10/6/954/ Escavou-se o foyer perto dos pilares/ do barracão na parte sul do concheiro. / 11/6/954/ Pôs-se novamente à vela os buracos/ na vala do ano passado e onde se/ tinham encontrado os esqueletos de crian-/ças. Começou-se a arrancar toda a/ brecha existente perto do fundo de cabana/ e que tinha ficado o ano passado por/ escavar./ Começou-se a fazer as caixas para/ meter os esqueletos. Visitaram-nos os/ senhor Director Geral de Minas Cortes e/ Sousa, D. Antonio e Moitinho./ O Prof. Abel Viana esteve dois connosco. Visitamos os concheiros do/ Cabeço da Amoreira e Cabeço da/ Arruda./ 12/6/954/ Continuou-se os trabalhos de escavação começan-/do a procurar o limite do concheiro a Norte/ do fundo de cabana./ 13/6/954/ Continuou-se a escavação da camada de con-/chas e brechas e o limite Sul e Oeste do/ concheiro. Começou-se a explorar o fundo/ de cabana com muito cuidado./ 14/6/954/ Acabou está no fundo e começam-se a/ divisar os buracos redondos cheios de bre-/cha e carvões que indicam o sítio onde/

P6

tiveram metidos os paus que sustinham o/ teto./ 15/6/954/ Começou a por-se à vela todos os buracos dos/ prumos de cabana. Está um trabalho moroso/ e que tem de ser feito com muito cuidado/ de modo a não estragar os bordos dos/ buracos./ 16/6/954/ A crivagem das terras está quasi no fim/ e o concheiro praticamente limitado./ Descobriu-se mais um fosso e começou-/se a escavar o que estava por debaixo/ da fogueira perto do fundo de cabana./ 17/6/954/ No fundo do fosso atrás indicado e/ a 1/10 de profundidade apareceu o/ último esqueleto muito esborrachado/ que pertenceu a um indivíduo bastante/ velho e de maior tamanho que os ou-/tros encontrados até aqui./ DESENHO(Esqueletos nº34)/ A sua posição é forçada e/ tinha as pernas dobradas/ e deslocadas. A cabeça/ estava parcialmente car-/bonizada. Por toda a/ superfície do esqueleto/ havia grandes quantidades de carvão./ 18/6/954/ Os trabalhos estão a findar. Os esqueletos/ estão encaixotados. Amanhã deve ter-/minar o trabalho na Moita do Sebastião/ Toda a topografia está feita com planos/ cortes e nivelamentos./ 19/6/954/ Acabou a escavação. Deixou-se um/ corte testemunho que foi convenientemente/ resguardado e o muro do fundo de cabana/ com os buracos dos prumos que sustinham/ o teto. Classificou-se todas as conchas, pei-/xes e carangueijos e encaixotou-se tudo./ Amanhã preparamos o resto para se des-/pachar em caminho de ferro.

RELATÓRIO DA CAMPANHA DE 1954 - MOITA DO SEBASTIÃO

Na terceira e última campanha / Maio a Junho de 1954 tentou-se / e conseguiu-se acabar as escavações neste / concheiro deixando apenas o corte testemunho / no lado sul oeste. //

No decorrer das escavações surgiram mais alguns / esqueletos, sem interesse, penso, visto estarem



Fig. 33 - Escavações no concheiro da Moita do Sebastião. Grupo de raparigas que participaram nos trabalhos.



Fig. 34 - Escavações no concheiro da Moita do Sebastião. Bateria de crivos.

M. do Sebastião
2ª camp.
3-14/4/1953

23 - Trabalho em Tamar
24 - Reconhecimento e levantamento pedregoso no Barreiro
25 - Registo a Lisboa
26 - Reconhecimento e procura de restos de casaque por fazer nos arredores do sítio do 2º Hess. Olo de São - Póti - Brandão - Trafaria - Costa da Caparica
27 - Ydem no Mitoelo - almada - sem fazer Caixilho

Corte no entado e son de la Sargapora

Do Castelo d Frode	tem vegetação de arvore	d
50.00	casca rolada	c
2.234	grãos grosseiros amarelados	b
60.1.00	casca rolada	a
	Fornal acaica - xitós e quiss.	

14 - Maio de 1953 2ª Camp. acaica
Escavações em Mitoelo

Partimos para Mitoelo em 14. Abaixo Rocha de São João e Mitoelo a 2ª Camp. acaica de escavação no Mitoelo de São João.

Vamos preparar as coisas para amanhã e começamos as escavações. Entregamos alguns restos de cerâmica na Casa de Lúcio na rua da Costa Vel.

15-4/1953

No sítio de Mitoelo há uma grande quantidade de cerâmica de acaica e alguns fragmentos de cerâmica de acaica.

Cerâmica moçimã - Póti
Folha de Mitoelo - Cavalete
Cipreste europeu - Mitoelo

M. do Sebastião
2ª camp.
4-17/4/1953

Ventura fluviatilis Linco

Sus & Capra
Voxes etaphus
Nome reticulata Lique
outra marçimã - Póti
Tomo Póti
Cascas de casca Lique
Sociedade de Casca de Costa
Ventura fluviatilis Linco
Ventura fluviatilis Linco

Começamos a retirar a casca e a areia das tincheiras e fundos de casaca do ano anterior. O Trabalho vai bem. Chegamos hoje a trabalhar por dentro das tincheiras e fundos de casaca. Há um pouco de trabalho. O trabalho vai bem. Pode ser com um pouco de trabalho que o trabalho de ir ao trabalho.

16/4/1953

Retiramos toda a terra da tincheira e do fundo de casaca. Começamos a preparar o trabalho das tincheiras e a fazer a limpeza e fundo. Vamos os pedregos que ficaram na areia por não passarem ao vento. O trabalho vai bem. Pode ser com um pouco de trabalho. Trabalho vai bem. Trabalho vai bem.

17/4/1953

Posição do espólio nº 7

a - cima
b - fundo
c - linha de pedregos
fundo de casaca

Começamos a retirar o espólio nº 7 (Francisco). Encontramos um outro espólio nº 10 de desmanchado que ficou com o número nº 10 e que chamamos Francisco. Preparamos um trabalho com pedregos e corte do fundo de casaca e a tincheira orientada a Este. Começamos a fazer a limpeza e fundo de casaca. Há um pouco de trabalho. O trabalho vai bem. Trabalho vai bem. Trabalho vai bem.

Fig. 35 - Páginas do Caderno de Campo de O. da Veiga Ferreira, relativas às segunda campanha de escavações no concheiro da Moita do Sebastião (1953).



Fig. 37 - Vista parcial das escavações de 1953 no concheiro da Moita do Sebastião.

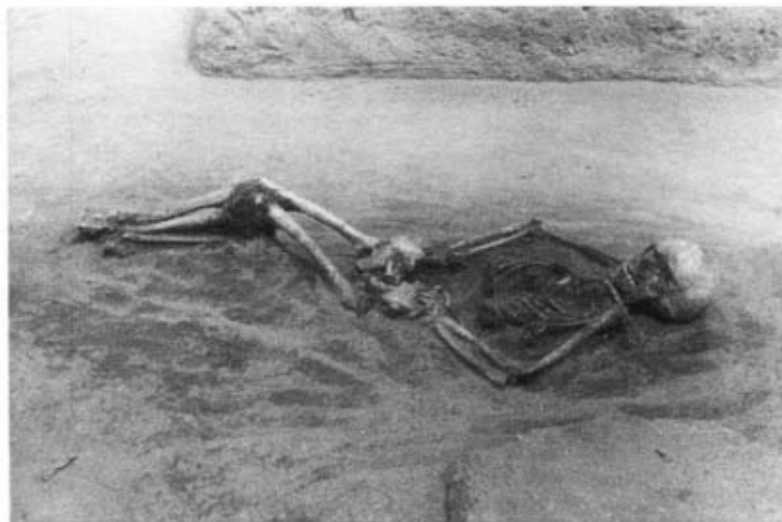


Fig. 38 - Em cima: vista parcial das escavações no Concheiro da Moita de Sebastião de 1953, vendo-se os esqueletos n.ºs 5, 9, 12 e 15. Ao centro: esqueleto 5. Em baixo: esqueleto 15 (fotos de 14/5/1953 de C. Teixeira).



Fig. 39 - Concheiro da Moita do Sebastião (1953). Esqueletos n.ºs 12 (em cima) e 5 (em baixo).

muito / esmagados e deformados. // A nascente reencontramos a trincheira de explora- / ção de Carlos Ribeiro e Paula e Oliveira.//

Na exploração do fundo de cabana descoberto / em 1952 depois de decapada a camada de / calhaus encontraram-se uma serie de buracos / com enchimento de madeiras carbonizadas que ser- / viram para os pilares de madeira carbo- nizados que sustinham / o tecto de colmo com argila como se disse atraz.//

Terminadas as escavações pressupoe-se terem exis- / tido na área onde se realizaram as ditas. // conjunto da fauna malacológica , crustáceos e / peixes é naturalmente alguma das espécies / como tivemos ocasião de referir , vivem hoje / no Mediterrâneo e.... de..../ que indica , certamente uma mudança cli- / mática em relação aos tempos actuais. / Assim como as espécies de moluscos de água / salgada ou fortemente salobra indicam tam / bém como se sabe que as marés atingiam / Muge nes- ses tempos. //mais alguns cinzeiros e fossos / que deram abundante fauna //

Documento n.º 10

CADERNO DE CAMPO CABEÇO DA AMOREIRA 1962 - Letra de O. da Veiga Ferreira.

P1

Os homens começaram na 2ªfeira/

Escavações em Muge

11/1/962- Quinta-feira

Começamos hoje o trabalho no concheiro/da Amoreira com o Abade J.Roche/os trabalhos iniciaram-se com a lim-/peza e rectificação dos cortes feitos/por ocasião do Congresso de Arqueolo-/gia em 1958.Fizemos hoje a piqueta-/gem dos bordos do corte para fazer de-/pois o levantamento dos cortes.A/estratigrafia apresen- ta-se, como de/costume, muito complicada e irre-/gular como é natural devido à/formação da jazida.As trincheiras/existentes correspondem a escava-/ções antigas: a primeira de Serpa Pinto e a segunda do imbecil do/Santos Júnior/

(DESENHO-Esboço dos trabalhos dos anos 30)

O esquema mostra/a posição das trinchei-/ras sob a direcção/do saudoso Mestre/Prof. Mendes Corrêa./

P2

Francisco Maria continua a orien-/tar os homens e o trabalho corre bem/Estou instalado no Palácio da Marque-/za do Cadaval./

12/1/962-Sexta-feira

Começamos a estabelecer a quadrícula/no corte nº1 a poente.A quadrícula/será de 1m de lado/

(DESENHO-Esquema da quadrícula)

é um sistema muito prático e que eu adop-/tarei de futuro no levantamento de/cortes estratigráficos em gru- tas./

13/1/962-Sabado

Os homens continuaram a crivagem das/terras com fraco rendimento.Não/fomos hoje ao concheiro e preparamos/tudo para segunda-feira./

P3

14/1/962-Domingo

Descanso no concheiro. Eu vim/passar o fim de semana com a família./

15/1/962-Segunda-feira

Hoje ao começarmos a marcação/da quadricula verificamos que o apare-/lho novo está avariado. Parece haver/qualquer coisa na estádia que não vai/bem. Tenho que a trazer de novo a Lis-/boa. Estabelecemos hoje com os méto-/dos clássicos toda a quadricula/do corte I./

16/1/962-Terça-feira

O abade Roche desenhou hoje todo/o corte. Ficou um bom trabalho./Eu demarqueei sobre a planta cota/da antiga na escala 1/1000 toda/a área do concheiro e as escava-/ções antigas e modernas. Eu/preparei a estação para amanhã/começar a planta numa escala/de 1/50 onde, como na Moita/do Sebastião, marcamos o avan-/

P4

ço da escavação./

17/1/962-Quarta-feira

Continuamos hoje o trabalho no/concheiro. A chuva que caiu durante/a noite prejudicou muito o nosso/trabalho pois as barreiras do corte/começaram a cair. Hoje um dos/homens se eu não lhe grito ficava/debaixo de mais de duas toneladas/de terra. Tive que refazer toda a/quadricula numa extensão de 4m./Telefonou a minha mulher. Tudo está bem./

18/1/962-Quinta-feira

Hoje no corte B matéria negra apareceram/3 esqueletos acerca de 40cm de superfície/do concheiro. No corte C já havia aparecido/um incompleto em 1958 envolvido/em brecha e sobre concha como na/Moita do Sebastião. Estes encontrados /hoje estão muito à superfície e são/os dois primeiros no mesmo enterramen-/to de duas crianças de cerca de/7 a 8 anos./

P5

(DESENHO-Planta esqueletos/corte A e B)

Têm aparecido/instrumentos/de osso de veado(chifres) e al-/guns silices atípi-/cos assim como/pinças de caranguejo/e conchas./

19/1/962-Sexta-feira

Hoje continuamos o trabalho começando/a exposição de camadas de conchas, abaixo/de terra preta no corte C./

20/1/962-Sábado

Crivou-se hoje toda a manhã a terra/de concha retirada da camada acima/referida./

21/1/962-Domingo

Descanso hoje no concheiro.

22/1/962

O trabalho hoje incidiu na criva-/gem de terras de concha do corte/C./ Encontraram-se hoje as primei-/ras conchas de Neritina Fluvia-/tilis furadas

P6

À tarde fez-se o resto da quadri-/cula no corte A./

23/1/962-Terça-feira

Continuou hoje o trabalho. Começa-/ram hoje a aparecer muitas coisas/e os primeiros silices. O corte A/está quase pronto. Todo o dia/se crivou a terra de conchas do/corte C./

24/1/962-Quarta-feira

Hoje começamos a escavar a cama-/da inferior da quadricula 24 e 25/ A-B e começaram a encontrar mui-

/tas conchas furadas de Neritina fluvia-/tilis e alguns triangulos de silex./

25/1/962-Quinta-feira

Continuamos a escavação e crivagem/tendo concluido o sector 24 e 25/ A-B ou sejam 2 metros quadrados./As conchas furadas e silex continua-/vam a aparecer.Os homens estavam/excitados havia um que ganhou/10\$00 a 5 tostões cada conta e/a 1\$00 cada triangulo.A quantida-/

P7

de de terra escavada e crivada/por este processo é grande e portan-/to o rendimento de trabalho é/enorme./

26/1/962-Sexta-feira

Começamos a escavar o sector 24-25/C-D camada de base(cinzenta)/O material é abundante. Há muitas/contas furadas./

27/1/962-Sábado

Hoje continuou-se na mesma cama-/da e no mesmo sector./

28/1/962-Domingo

Descanso no concheiro./

29/1/962-Segunda-feira

Acabou-se o sector C-D e começou-/se a escavar o sector E-F.A senhora/Marqueza foi hoje connosco ao con-/cheiro ver os trabalhos./

30/1/962-Terça-feira

Começou-se a crivar a terra re-/tirada do corte E-F.Continuou-se/a encontrar material de conchas/furadas e alguns triangulos.Encon-/

P8

trou-se hoje um micro-buril./

31/1/962-Quarta-feira

Continuou-se hoje o trabalho e/terminamos o sector E-F do 24-25/do corte C, camada inferior....

1/2/962-Quinta-feira

Hoje iniciámos a camada de/conchas do 24-25-G-H do/Corte C.Pouco material.A coisa/mais importante foi a desco-/

P9

berta de um pendeloque redondo/feito de argila creme....

2/2/962 - Sexta-feira

Continuou-se hoje a crivagem do sector/ G-H - camada superior e os resultados são muito animadores. Há muitos/ triângulos e alguns trapézios assim/ como conchas furadas./

3/2/962- Sábado

O trabalho continuou hoje e ainda /na mesma recta...

P10

4/2/962- Domingo

Descanso no concheiro./

5/2/962- Segunda-feira

Hoje os homens acabaram o sector /G-H e começaram a retirar a/ camada de conchas do sector I-J/ que acabaram./



Fig. 46 - Concheiro do Cabeço da Amoreira. Vista geral dos cortes efectuados em 1962, o longitudinal (à esquerda) e o transversal (à direita). Foto de J. Roche/O. da Veiga Ferreira.



Fig. 47 - Concheiro do Cabeço da Amoreira. Pormenor do corte longitudinal observando-se as areias da base do concheiro em primeiro plano. Foto de J. Roche/O. da Veiga Ferreira.

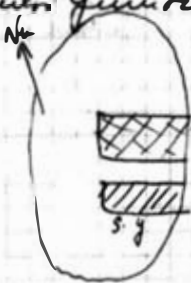
C. da Amoreira
1ª campanha
44-11/1/1962

Os trabalhos começaram na 2ª feira

Escavações em Muge

11/1/1962 - Quinta-feira

Começaram hoje o trabalho no Concheiro da Amoreira com o Abade J. Roche. Os trabalhos iniciaram-se com a limpeza e rectificação dos cortes feitos por ocasião do Congresso de Arqueologia em 1958. Fizemos hoje a limpeza geral do fundo do corte para fazer de feio o levantamento do corte. A estratigrafia apresenta-se, como de costume, muito complicada e irregular como é natural devido à fruição da jazida. As túnculas existentes compreendem a grande cruz análoga; a pequena de Santa Paula e a capela de invocação do Santo Espírito.



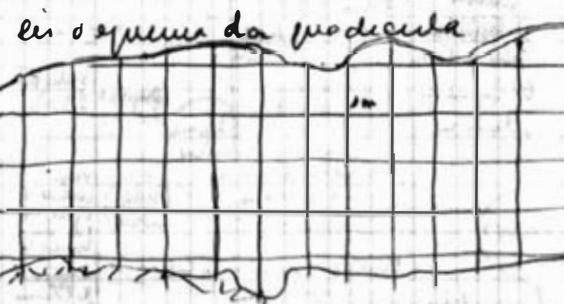
O esquema mostra a posição da túncula p. ras sob a dasal de S. Pedro. Mestre Prof. Mendes Correia.

C. da Amoreira
1ª campanha
45-12/1/1962

Francois Messia continua a reu-
ter o trabalho e o trabalho com bem
fazer realizado no Palácio da Marque-
za de Cadaval

12/1/1962 - Sexta-feira

Começamos o trabalho a profundidade
no corte N-1 a frente. A profundidade
foi de 1 m. de lado.



é um sistema muito primitivo que deu ao
trabalho de furos no levantamento de
cortes estratigráficos em pontos.

13/1/1962 - Sábado

Os trabalhos continuaram a trabalhar em
trabalho com pouco rendimento. Não
foi hoje ao Concheiro e preparam-
tos para segunda-feira.

Fig. 48 - Páginas do Caderno de Campo de O. da Veiga Ferreira, relativos à primeira campanha de escavações no concheiro da Cabeço da Amoreira (1962).

C. da Amoreira
1ª campanha
46-18/1/1962



19/1/1962 - Sexta-feira
Trabalho realizado o trabalho consistiu de a exploração do canal de canchais, abaixo do terraço junto ao coto C.

20/1/1962 - Sábado
Cuvete-se hoje todo o canal a terra de cada reticada de canchais e sem referir.

21/1/1962 - Domingo
Ocupamos hoje os canchais.

22/1/1962 - Segunda-feira
O trabalho hoje realizou na cova junto do terraço de canchais do coto C. Interferiram-se à terra os furos e as pedras de Nautica foram seladas.

C. da Amoreira
1ª campanha
47-14/2/1962

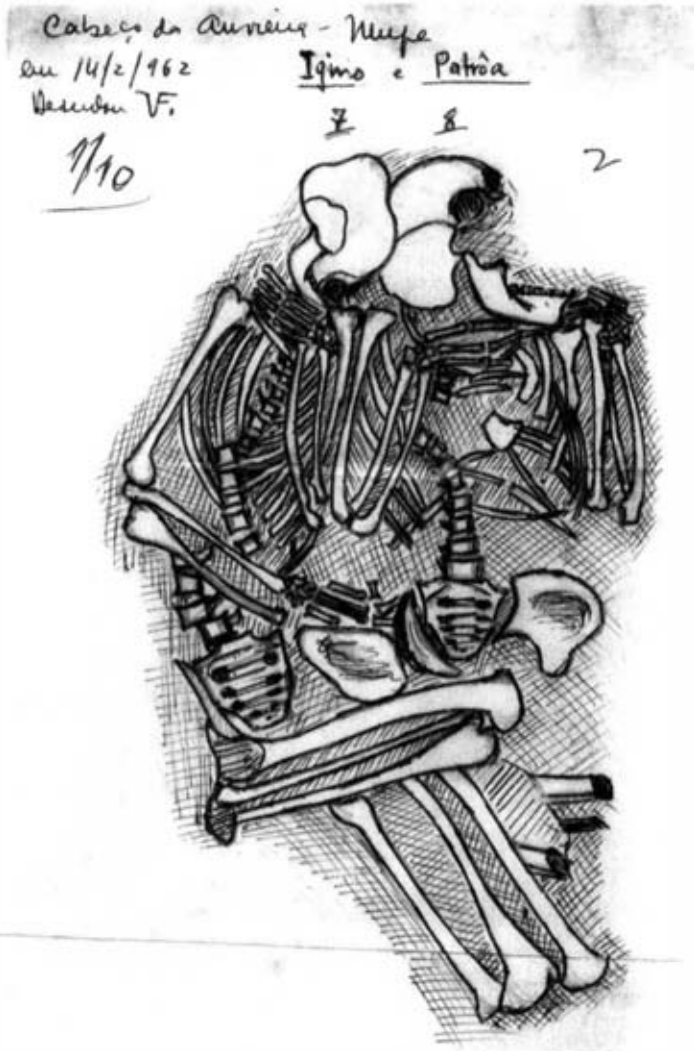


Fig. 49 - Páginas do Caderno de Campo de O. da Veiga Ferreira, relativos à primeira campanha de escavações no concheiro do Cabeço da Amoreira (1962).

6/2/962- Terça-feira

A camada superior as conchas/ é uma terra negra que dá muitos/ silices.É muito rica. Hoje começa/ram a retirar no sector I-J essa /camada. Os resultados são exce/ lentes. A minha mulher tem estado outra vez atrapalhada parece /estar melhor./

7/2/962- Quarta-feira

Hoje cavou sobre uma habitação antiga/ do concheiro e encontrou-se uma/ quantidade incrível de triângulos/ e objectos de adorno Puseram-me quase/

P11

Sem dinheiro para pagar os prémios/dos homens.

8/2/962- Quinta-feira

Hoje terminamos a crivagem do/ fosso, isto é, de toda a terra do/ fosso superior. Continuou a dar/ muita coisa. Sendo que, graças /a Deus minha mulher não tenha/ nada de grave no electrocardio-/grama que fez./

9/2/962-Sexta- feira

Começaram a atacar o sector L-K/ do 24-25 que tem duas camadas/ uma superior e outra inferior. Sepa-/ rada por uma delgada camada de/ conchas./ À tarde apareceu na limpeza de areia de base do sector I um esqueleto,/cuja parte anterior do tronco está metida no corte./

10/2/962-Sábado

Hoje começámos a atacar a cama-/da superior do sector L-K-24-25/ao meio dia surgiu no sector L/

P12

na base outro esqueleto./

11/2/962-Domingo descanso

12/2/962-Segunda-feira

Cheguei de Lisboa e encontrei a/Senhora Marqueza e o Sr.D.Guilherme /de Carnide, antigo discípulo de/meu pai com o seu irmão o Conde/de Carnide no Colégio Militar. Como/sempe ficou muito contente de me/ver./

13/2/962-Terça-feira

Hoje apareceram dois esqueletos, um/homem e uma mulher na mesma/ cova.Começamos a limpeza dos ossos/e embora os craneos estejam muito/deformados e comprimidos e os ossos/estejam tambem um pouco deslo-/cados o conjunto dos esqueletos não/é mau.Estamos já no sector M-N.

14/2/962-Quarta-feira

Hoje acabamos de limpar os ossos/todos e fiz um desenho dos dois/esqueletos./Entramos na camada de base/

P13

(DESENHO-Croquis dos dois esqueletos de 14/2/962)

P14

do sector M-N que parece ser rico./O Roche está de cama com gripe/ por causa do muito frio que ontem/apanhou. Hoje ainda estamos pior/mas ao menos não chove./

15/2/962-Quinta-feira

Hoje os homens encontraram uma/grande quantidade de coisas e o dinhei-/ro voou.Paguei 110\$00 de

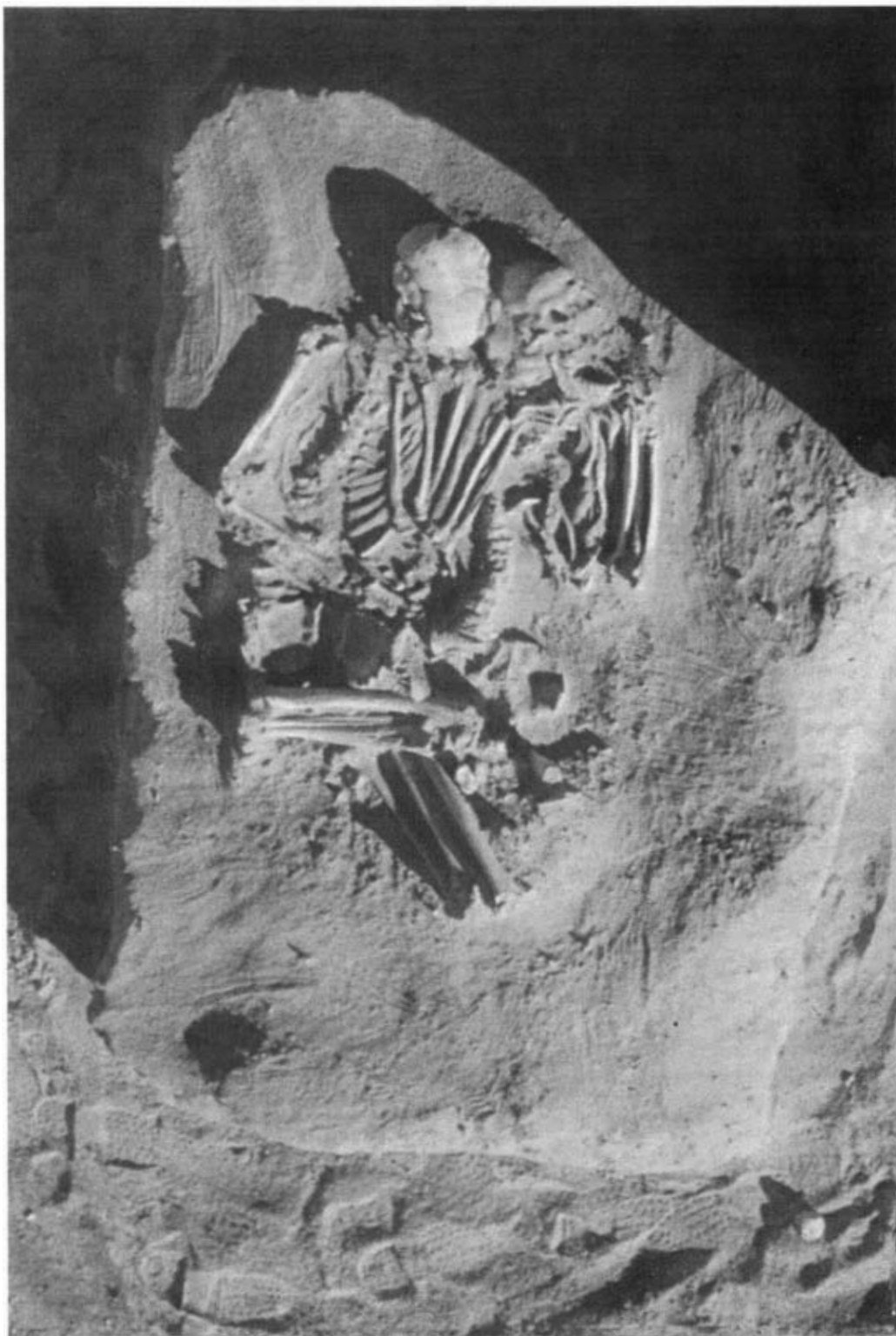


Fig. 50 - Esqueletos escavados na primeira campanha de escavações no concheiro do Cabeço da Amoreira (1962). Ver desenho da Fig. 49.

prêmios/mas valeu a pena.Há conchas muito/bonitas furadas e instrumentos de/silex muito bons.O trabalho de/escavação para esta campa-nha está/a chegar ao fim.Na semana que/vem devemos acabar./

16/2/962-Sexta-feira

O corte O-P está a acabar mas/ainda tem muita terra.O Roche tem/uma coisa intestinal e tem/estado atrapalhado.O medico/receitou-lhe clorometil e dolviran. /Os homens têm trabalhado bem./

P15

Inventário dos ossos do/esqueleto n°7(Igino)/-crâneo em mau estado/-humero direito/-Radius/-Cúbito todo partido/-Coluna vertebral muito pôdre/-sacrum completo/-osso bacia lado direito partido/-Femur em razoavel estado/-Tibia e peróneo partidos/-Braço direito completo e mãos/quase completas/-por debaixo das pernas./

N°8(Patrôa)/-crâneo muito escangalhado/-Braços completos/-mãos quase completas/-Coluna vertebral muito pôdre/-sacrum em muito bom estado/-osso da bacia partido/-Femur, tibia e peroneo em mau estado/-costelas deslocadas/

P16

17/2/962-Sabado

Tem continuado o trabalho e vai-se/encontrando sempre coisas.A terra/do corte 22-23-M-N começou/a ser retirada.Foram depois a/alargar mais este metro por cau-/sa da fotografia do corte./

18/2/962-Domingo

Descanso no concheiro./

19/2/962-Segunda-feira

Hoje demos por terminada a criva-/gem das terras.Vamos alargar mais/ um metro sem crivar pois é/terra revolvida sobre a areia de ba-/se e que não tem interesse.O Roche/vai melhor.Hoje fiz eu todo o de-/senho do corte C a partir de F/por sistema da quadricula./

20/2/962-Terça-feira

Acabou o trabalho de crivagem/e começou a limpeza da terra de/con-chas. Os cortes estão todos prontos./

P17

-mão em razoavel estado/-Pés debaixo das pernas/

Homens que trabalharam connosco/

Francisco Maria-encarregado/Antônio de Oliveira Caneira/Francisco João Pirralha Caneira/João Meira/José Custódio Veide/Manuel Ferreira Custódio Nunes/Igino José Bernardino/Silvestre Manuel Gregório/

P18

21/2/962-Quarta-feira

Puseram à vista o esqueleto n°6/que estaria metido no corte C/

(DESENHO-Esqueleto "Zé")

Crâneo deforma/do mas bastante/completo/costelas e coluna vertebral em razoavel/estado, sem mãos, ossos de membros/inferiores em razoavel estado pelo/menos duma tibia está completa,/um pé com algumas falanges./

P19

22/2/962-Quinta-feira

Terminamos hoje todo o trabalho de/campo e mandamos embora os homens/todos uns bons camaradas e trabalha-/dores.Ainda há quem diga que o povo/ do campo deve ser tratado com rudeza./Que engano meu Deus!Com calma/e bom entendimento tudo termina/bem e os rapazes despedem-se com lágrimas nos olhos!/

23/2/962-Sexta-feira

Acabaram as escavações e regressamos/a Lisboa./

2ªCampanha na/ Amoreira/

18/10/963-Sexta-feira

Vimos a Muge eu l'Abbé Roche/para combinarmos as escavações este/ano.Fomos com o Francisco Maria/que cada vez esta mais cocho....

Documento n.º 11

CADERNO DE CAMPO CABEÇO DA AMOREIRA/CABEÇO DA ARRUDA 1963 - Letra de O. da Veiga Ferreira

P1

(RECORTE DE JORNAL-Noticia do falecimento de H.Breuil)

P2

L'Abbé Roche começou a pôr em/françês a introdução à minha/tese de doutoramento./É um bom companheiro./

P3

21/10/63 - Segunda-feira

Praticamente começou hoje a 2ªCam-/panha no Cabeço da Amoreira - Muge./Como de costume estou no Palácio da/Marquesa do Cadaval com o abade/Jean Roche.Aqui não nos falta nada/e todo o pessoal é muito simpático e/educado...

P4

(PLANTA Cabeço da Amoreira)

P5

...Entre os perfis N e P/avançamos com um quadrado de/2 m.de lado/

22/10/63-Terça-feira

Continuamos a escavação em profundida-/de do quadrado começado ontem.Começam/a aparecer no crivo alguns triangulos/de silex. e concha furada de Neritina/fluviatilis e Cyprea europaea./O Ribeiro foi a Lisboa buscar mais/algumas coisas que nos faltavam./

23/10/63-Quarta-feira

Hoje foi-se colher mais carvão no/Cabeço da Arruda.Quando cavavam/

P6

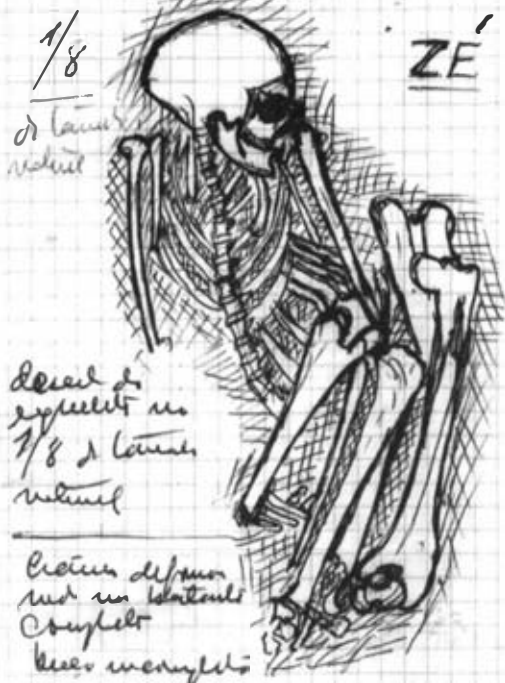
(DESENHO-Peça em osso/Bos)

P7

para retirar o carvão apareceu uma/peça de osso partido muito inte-ressante./Parece ser uma matriz para marcar?/O trabalho no Cabeço da Amoreira pro-/ssegue até chegarmos a camada de/Brecha./Conchas recolhidas no sector N-O - 26-27 /camada superior:/ Neritina fluviatilis 88 furadas/ Cyprea europaea 17

C. da Amoreira
1ª campanha
48-21/2/1962

21-2/962 - Segunda-feira
Pusem a vela o esqueleto n.º 6
de altura medido ao nível C.



Culha - culha vertical em relação
à tórax. Sem mãos. Os 2 membros
superiores em relação a todos os
membros a distância entre C. completa
uma pé com alguns falanques.

C. da Amoreira
2ª campanha 49-21/10/1963

21/10/63 - Segunda-feira

Praticamente começa no topo o 2º Cam-
panha na Cabeço da Amoreira - Hoje
Curso de Costuras está no Palácio da
Majestade do Godoval com o abade
Jean Roche. Aqui não se falta nada
e todo o pessoal o'curry se'ntico o
educado. O Francisco Maria continua
a andar em dependência e o "Peixe
Voz" faz trabalhar o pobre homem na
luta a covar. É preciso ter um coração
de granito. Faltou mesmo o seu vida
deus "negreiro". Vai ao Domingo
à missa e sempre com todo o
preceito da Santa Igreja católica
mas deturca um trabalho rude
a um pobre homem de 52 anos com
uma angustiosa em adiantada do

Fig. 51 - Páginas do Caderno de Campo de O. da Veiga Ferreira, relativos à primeira campanha de escavações no concheiro do Cabeço da Amoreira (1962).



Fig. 52 - Corte estratigráfico transversal (pormenor) realizado na primeira campanha de escavações do concheiro do Cabeço da Amoreira (1962). Foto J. Roche/O. da Veiga Ferreira. Na base, ao centro, observa-se banqueta onde assentou o esqueleto desenhado na Fig. 51 e fotografado na Fig. 53.



Fig. 53 - Esqueleto encontrado na base do Concheiro do Cabeço da Amoreira, na primeira campanha de escavações (1962). Ver Fig. 51 e 52. Foto J. Roche/O. da Veiga Ferreira.

furadas/Nassa reticulata 3 furadas/Crustáceos/Gelasimus tangeri uma peça/Carcinus moenas uma
peça/Peixes Raia um dente/Teleostomi uma vertebra/Helix sp. 7 não furados/ Cardium norvegicum 1 valva/

P8

Quarta-feira-24/10/963/

Continuaram a escavação até à Brecha/que denominamos Camada superior./Aqui no sector O-27 encon-
tramos um/esqueleto de creança muito esmagado./Nassa reticulata 1 furada/ Cyprea europaea 6 furadas/
Neritina fluviatilis 42 furadas/ Helix sp. 1/Ostrea edulis 1/Começamos da parte da tarde a/atacar a camada
superior do/mesmo sector.É uma camada compac/ta clara com alguma dureza e/mais pobre em indústria.É a ba-
/se do concheiro que assenta directa-/ mente na areia do terraço.Na ca-/mada superior havia alguns leitoss/de
conchas de Scrobicularia plana/

P9

Sexta-feira 25/10/63

Hoje acabaram a brecha até á base/terminando assim o sector, 26-27-N/ O.Encontraram dois esqueletos em
muito/mau estado.Um deles estava no sector/O-27. O outro no topo de O28./Hoje encontraram muito poucos
triangu-/los, apenas 7 triangulos./

Sábado - 26/10/63

Hoje os homens trabalharam só da parte/da manhã. O Padre Roche fez o sector/do corte de 26-27-N-O./

Domingo 27/10/63

Não se trabalhou no Concheiro.Vim/ a casa ver os meus.Fui estar com o/Sr.Eng. Dom António não o en-
/contrei.Tinha ido presidir a mais/uma sessão de pseudo-eleição/Como de costume ganha sempre a lista/

P10

Conchas furadas da camada inferior/Neritina fluviatilis____10+8/Cypraea europaea____1/Helix
sp.____2/

P11

da situação/

28/10/63

Hoje começou-se a escavar mais um/quadrado de 2,00mx2,00m no/sector 26-27-L-M camada superior ne-
/gra.Encontrei o Eng.º Capucho Vieira/que trabalhou comigo há muitos anos em/Monchique./Hoje choveu uma
pinga de água mas/pouca.No entanto começou a ... -/ ... no período das chuvas./

29/10/63 Terça-feira

Terminou hoje a camada negra/superior/de L-M-26-27/Conchas/Neri-tina fluviatilis____38/Cypraea
europaea____11/

P12

Escrevi hoje ao Moitinho uma/carta a pedir mais massa e/a relatar a despeza da semana/Brecha 26-27-L-
M/ Neritina fluviatilis____1+6/Cypraea europaea ____ 1/C. intermedia - 26-27-L-M/N/ Neritina fluvi-
atilis____4/Cypraea europaea ____2/ Oliva sp.? ____1/

P13

30/10/63-Quarta-feira

Arrancou-se hoje toda a camada inter-/média do sector L-M-26-27/onde não ha quase nada a assina-/lar
alguma fauna grossa, algumas/contas furadas e 3 triângulos./ Choveu toda a noite torrencialmente/e a escavação
sofreu um pouco em-/bora sem grande desastre.Hoje/trabalhamos com menos 3 homens./

C. da Amoreira
2ª campanha 52-4/11/1963



Fig. 54 - Páginas do Caderno de Campo de O. da Veiga Ferreira, relativos à segunda campanha de escavações no concheiro do Cabeço da Amoreira (1963), com sentação dos dois esqueletos fotografados à direita. Foto J. Roche/O. da Veiga Ferreira.

31/10/63-Quinta-feira

Hoje acabou-se o nível L-M-26-27/até à base.Encontrou-se mais dois/ esqueletos num covacho sobre a/areia./Começou a escavar o sector J-K/26-27-Camada superior./

P14

4/11/963

Hoje avançamos, apesar da chuva,/bastante na escavação.O tempo é/ mau mas com a cabana e o olea/do para cobrir a escavação conseguimos/escavar convenientemente. /Parece-me que os achados começam/a rarear cada vez mais.Encontramos/mais dois esqueletos, um em muito mau/estado./

5/11/963-Terça-feira

O tempo continuou incerto e com/chuva mas mesmo assim fizemos/o que pudemos terminando a cama-da/de terra negra do sector J-K-26-27/começamos a escavar a camada/intermédia que não dá grande/coisa./

P15

(DESENHO-Esqueletos 12"Domingas" e 13"António")

Posição dos 12 e 13/dois esqueletos nº/setor K-L-26-27/

P16

6/11/963 Quarta-feira

Continuou e acabamos a camada inter-/média e começamos a escavação da cama-/da inferior ou camada de base.Aqui/encontramos por cima de um dos esque-/letos um outro muito destruído./Conchas furadas da camada negra/ Neritina fluviatilis 48/Cypraea europaea 5/Nassa reticulata 4+1/Otolitos 2+1/Lacerta 1/ Helix sp. 4/Raia 1 dente/Camada média/neritina fluviatilis 5/Cyprea europaea 1/ Raia 1/

P17

Quinta-feira 7/11/963

Continuou a escavação na cama-/da J-K-26-27 desta vez na/camada intermédia que terminamos/hoje.A presença de achados foi/muito diminuta/

Sexta-feira - 8/11/963

Hoje acabou a camada de base/e limpou-se os dois esqueletos que/estavam para limpar.Um enter-/ramento é mais antigo que o outro/e para enterrarem o segundo esquele-/to mexeram o primeiro enterrando-/lhe as pernas./

Sabado 9/11/963

Hoje fez uma tempestade horrível/e não podem trabalhar nos terrenos/ Os esqueletos ficaram tapados com/um oleado./

P18

J-K - 26-27/Camada de base/ Neritina fluviatilis 18 furadas/

P19

Segunda-feira 11/11/963

Começamos logo a escavar o sector/28-O-P e ultimo desta malfadada/ campanha.... Terça-feira 12/11/963 Praticamente acabou o trabalho hoje/

P20

28-OP/camada negra/ Neritina fluviatilis 7 furadas/Cypraea europaea 1 /Helix sp. 1/

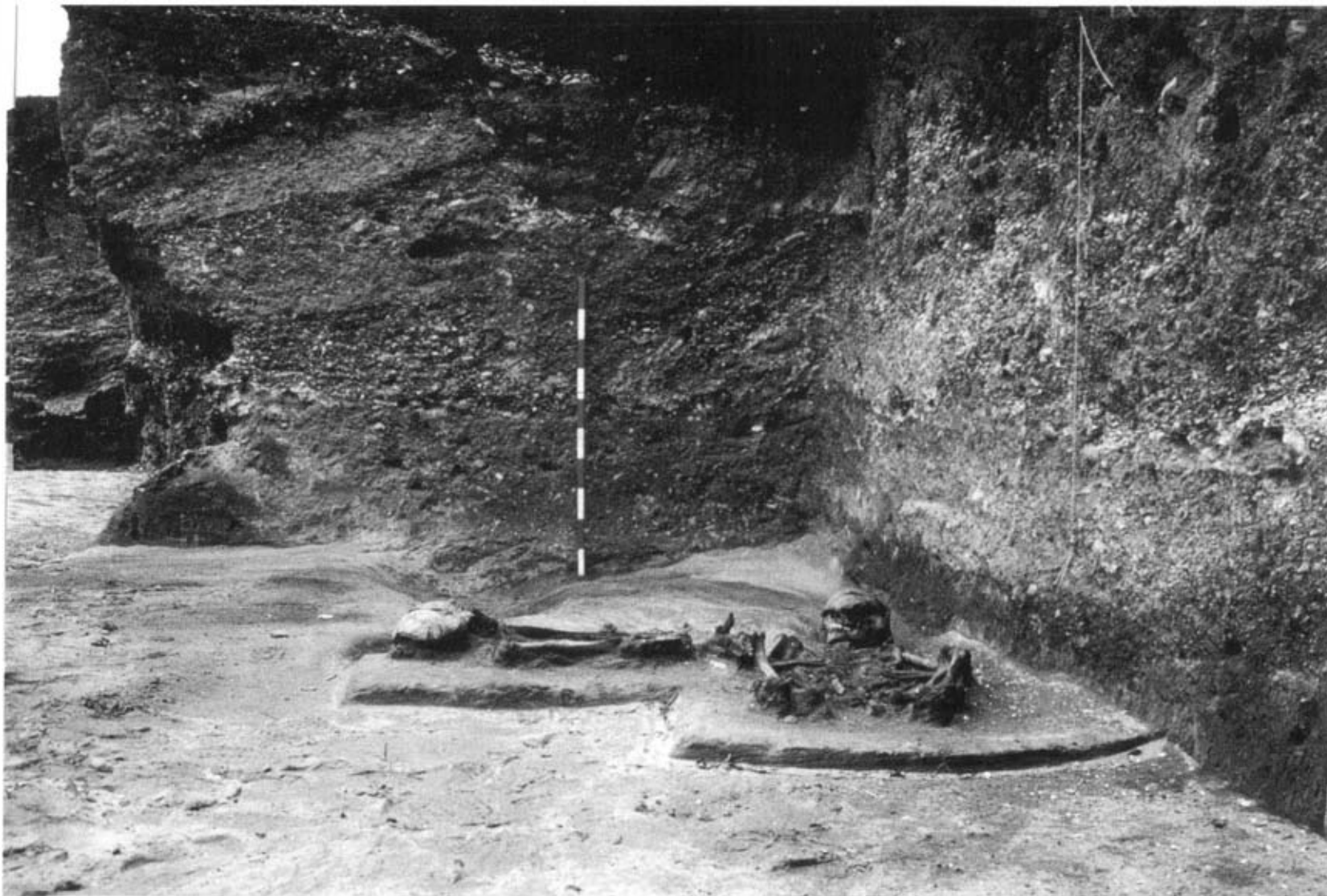


Fig. 55 - Vista parcial da área escavada na segunda campanha de escavações no concheiro do Cabeço da Amoreira (1963) observando-se, sobre as areias plistocénicas da base do concheiro, os dois esqueletos representados na Fig. 54. Foto J. Roche/O. da Veiga Ferreira.

P21

retiraram os esqueletos depois de se/haver protegido com o oleado.Sairam/bem embora aos bocados/De manhã choveu torrencialmente.À tarde/o tempo melhorou bastante./

Quarta-feira 13/11/963

Hoje vamos deixar o trabalho....

Documento n.º 12**CADERNO DE CAMPO CABEÇO DA AMOREIRA E CABEÇO DA ARRUDA 1964 -
Letra de O. da Veiga Ferreira****P22**

Quarta-feira 28/10/964

Fomos hoje para Muge começar/a nova campanha.Chegámos às/11 horas.Cá estava o Francisco/Maria Coitado cada vez mais cur-/vado.No Cabeço da Amoreira/o trabalho está muito reduzido./O peixe voraz arran-jou-nos cinco/homens./ Começaram a montar os crivos/e a limpar as ervas, enfim a/

P23

tornar aceitável o concheiro./

Quinta-feira 29/10/64

Logo de manhã fomos para o Ca-/beço da Arruda para começar a/topografia.Tivemos de deitar a-/baixo as silvas e grandes ervas/que cobrem o montículo.Começa-/ram a piquetagem e a planimetria./

Sexta-feira 30/10/64

Hoje acabamos o nivelamento e/planimetria do concheiro,Vamos/ver o que dão os calculos./

Sábado 31/10/964

P24

"Canard Boiteux"

(DESENHO-Esqueletos 15"Santos Júnior" e 16"Maria José Bexiga"

A perna esquerda tem a tibia/e o peróneo partidos e soldados ante/jazente.É um achado muito raro./

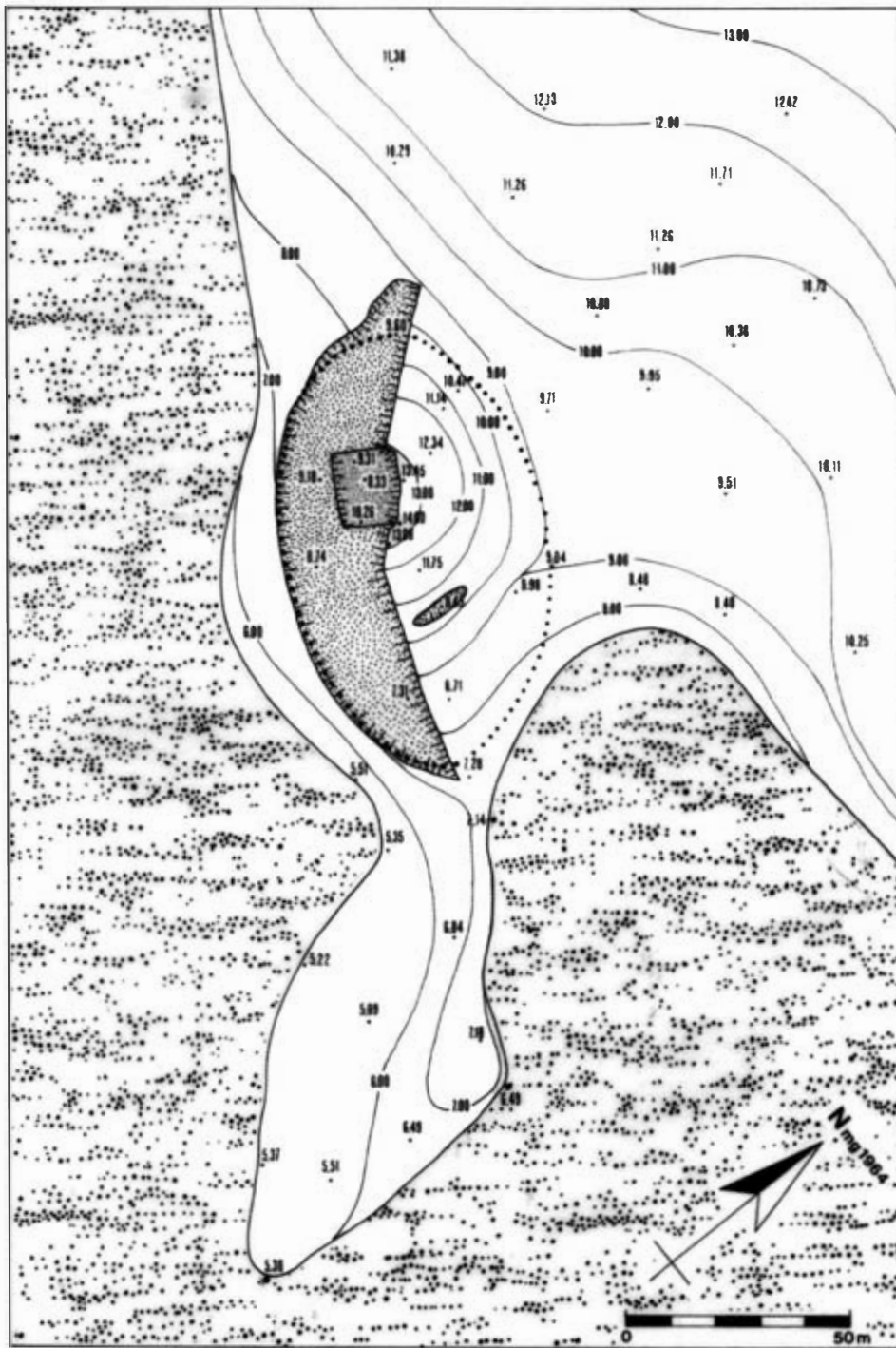
P25

Domingo 1/10/964

Segunda 2/11/964

Hoje começamos o trabalho na Arruda./Marcamos uma trincheira de Oeste-Leste/com a largura de 5m cor-tando o/que resta do concheiro mais ou menos/no ponto mais alto. Montamos os/crivos. À tarde fomos à Amoreira/para desenhar e descrever os dois/esqueletos que foram descobertos e/que tinham sido assinalados no/ano passado. O caso mais interessan-/te é que um dos esqueletos tem a/tibia e o peróneo partidos mas/que foram soldados em vida./

P26



LEGENDA








- | | | | | | |
|---|---------------------|---|-----------------------------|---|------------------------------|
|  | Curvas de nível |  | Limite do Concheiro |  | Zona das escavações modernas |
|  | Cotas altimétricas |  | Zona das escavações antigas |  | Zona aluvionar sub-actual |
|  | Talude de escavação | | | | |

Fig. 56 - Planta do concheiro do Cabeço da Arruda com indicação das áreas exploradas. Desenho inédito, passado a limpo, do Arquivo de O. da Veiga Ferreira.

P27

que diga que o pobre tipo era coxo/pois a perna seria mais curta um/ pouco.A soldadura só juntou parte/ e não no alinhamento dos ossos./

Terça-feira 3/11/964

Hoje o dia apareceu torto e chuvoso/como um dia de Novembro.Com/este dia sinto-me oprimido e pensando na vida digo, porquê tanta/ miséria moral e tanta vaidade/meu Deus.

P28

...

P29

O Manuel Malha prepara o breck/coberto para sairmos./Acabei a planta do concheiro da/Arruda com a altimetria.Parece-me/que não há erros.Tudo joga bem.

Quarta-feira 4/11/964

Hoje começamos a marcar a trincheira/no sentido W-E.Demos cinco metros/de largura e começamos também/a tirar a terra vegetal até chegarmos à ca-/ mada arqueológica./Ao mesmo começamos a refazer o corte/transversal para se fazer o levantamen-/to da camada de modo a compreender-/se depois a decapagem da jazida./O tempo está chuvoso mas parece/querer modificar-se para melhor./

P30

Quinta-feira 5/11/964

Hoje veio um "chariot" com um tractor/a terra de cima foi toda retirada a-/vançando o trabalho muito.À tarde conti-/nuámos a limpeza do corte transversal/e também com o "chariot" consegui-/mos fazer uma boa limpeza./O senhor Manuel carpinteiro veio para/marcar o lugar da cabana perto dos/crivos para acumular a terra a/crivar./Estou um pouco melhor da minha ca-/beça.

P31

(DESENHO-Planta concheiro da Arruda)

P32

...

Sexta-feira 6/11/964

Hoje chegámos quase ao fim da lim-/peza do corte.Começaram a aparecer es-/queletos fora do corte na base, isto é/já na areia.Estão em deplorável esta-/do e nada se vai conseguir tirar in-/tacto.No entanto começámos a lim-/par com cuidado de modo a poder/desenhar a sua posição natural e fo-/tografá-los./À tarde deixamos o trabalho tapan-/do-os com areia./

Sábado 7/11/964

Fui ao serviço receber dinheiro para/a semana.Lá está tudo calmo/e sem novidades.../

P33

(DESENHO-Planta dos esqueletos 1 a 9)

Posição dos/esqueletos uns/em relação aos/outros na base/do corte transversal/

P34

...

Domingo 8/11/964

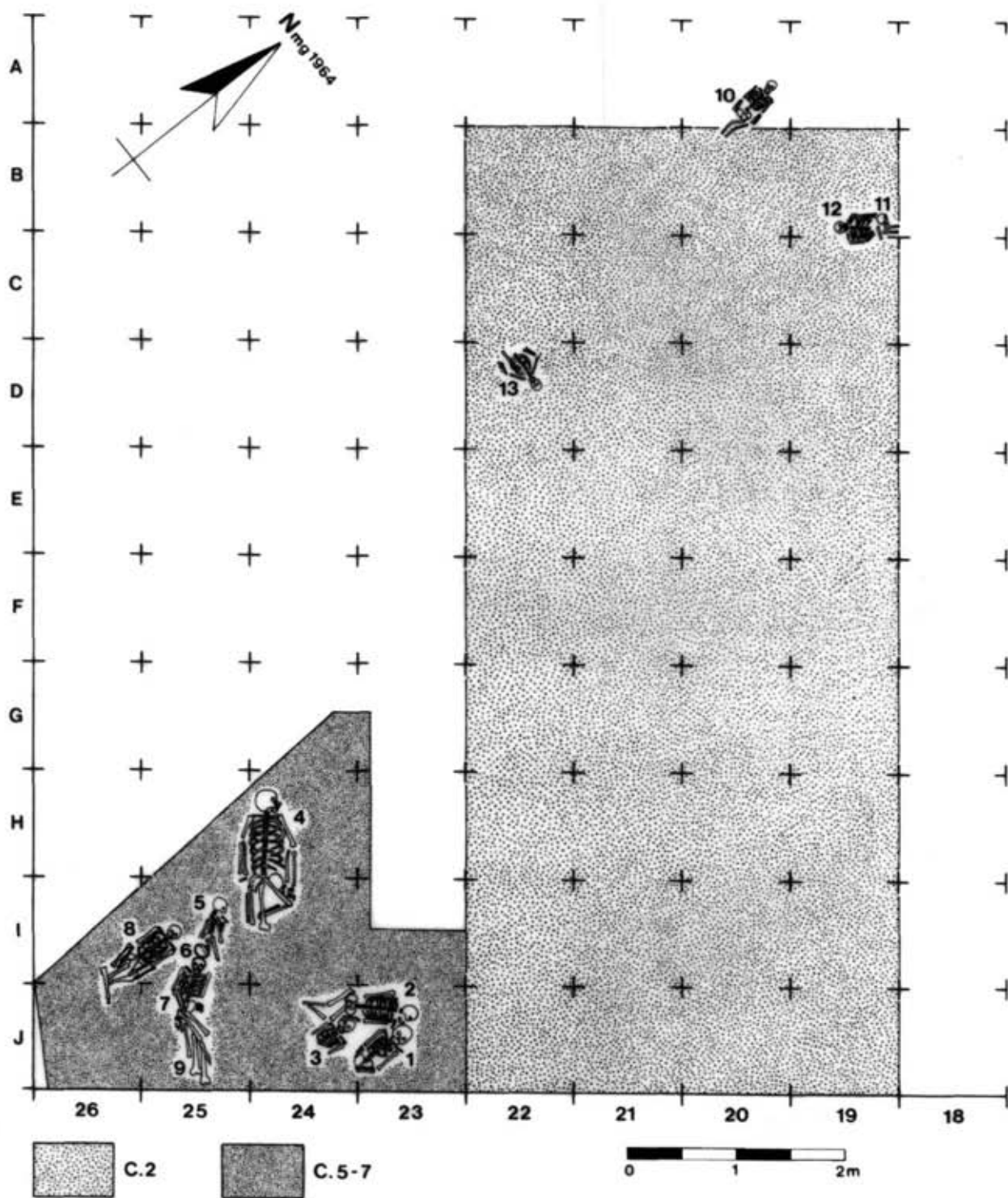


Fig. 57 - Planta das áreas exploradas no concheiro do Cabeço da Arruda na década de 1960. Desenho inédito, passado a limpo, do Arquivo de O.da Veiga Ferreira.

Hoje descanso no Concheiro./

Segunda-feira 9/11/964

Ao fim do dia tínhamos a piquetagem/em cima feita e tínhamos feito a "carroyage" do corte. Os esqueletos são/nove até agora. A sua posição é a in-/dicada à esquerda. Estes fora do corte/apareceram ao endireitar o terreno./Foram enterrados em covachos cavados/na areia de base do concheiro. Vê-se/que alguns foram mexidos já depois de/estarem em esqueleto para dar lugar/ao enterramento de outros. A conservação/

P35

dos esqueletos aqui no Cabeço da Arruda/é muito boa em virtude da /camada de brecha que os protege como/na Moita do Sebastião./

Terça-feira 10/11/964

Hoje depois de 2 horas e tal de espera lá/chegou a Margarida Andreatta mais/morta que viva. Coitada que viagem./... /À tarde fomos continuar o nosso trabalho/A Margarida retirou os esqueletos 16 e/17 do Cabeço da Amoreira. Para come-/çar já não foi mau. Eu levantei a/planta da posição dos 9 esqueletos no/Cabeço da Arruda e L'Abbé J. Roche/fez uma parte do levantamento do/ corte da Arruda de F-J./

P36

(DESENHO-Planta do esqueleto 17/Amoreira)

P37

Quarta-feira 11/11/964

Hoje continuamos o levantamento do corte/(estratigrafia) no Concheiro do Cabeço da/Arruda. A estratigrafia é muito má de/se ver. Com a luz de chapa não se vê/nada. A Margarida acabou de levantar/os esqueletos que já estavam fotografados/ descritos e desenhados e começou a desco-/brir um outro que está bastante completo./ O esqueleto está de costas e os membros in-/feriores muito flectidos sobre o tronco. Bra-/ços ao lado do corpo. O crânio está deforma-/do e a 3/4 pela compressão das terras./...

P38

(DESENHO-Planta esqueleto IV)

P39

...

Quinta-feira 12/11/964

Acabamos de manhã o corte transversal/com toda a estratigrafia. À tarde marca-/mos mais 4 metros para NW no corte trans-/versal para retirarem a terra superficial/eu e a Margarida retiramos dois/esqueletos o II e o IV. Por debaixo/do antebraço esquerdo do esqueleto/nº. 2 foi encontrado um calhau/raspador muito bem trabalhado./Foi concerteza ali posto intencionalmente./O esqueleto nº. 4 tem as pernas com-/pletas muito embora bastante podres./

P40

...

Sexta-feira 13/11/964

Hoje de manhã fui começar e aca-/bei de "carroar" o corte lateral/a partir de XXIV. Ajudei a retirar/os

esqueletos em baixo do corte com a ajuda da Margarida. O Padre Roche acabou o corte, isto é, o levantamento/das camadas. Os esqueletos VII, VIII, IX foram retirados no fim da tarde. Debaixo do braço/esquerdo do esqueleto 7 ao nível do/ante-braço encontrei uma lança/feita em osso de boi, ou veado. Havia também uma grande lasca de sílex. Crivamos a terra toda e nada.

P41 - Letra de Margarida Andreatta da p. 41 até à p. 50

Muge, 12 de Novembro de 1964/Pesquisas-Equipa L'Abbé Roche/ Dr.Veiga/Margarida/horário-8.45 horas/Cabeço da Arruda/Começamos pela limpeza dos esqueletos, para fotografá-los e descrever a posição dos mesmos. Eram em número de nove, e no momento/restam sobre a camada de areia, de base, apenas sete, porque dois já foram anteriormente retirados/pelo Dr. Veiga (nº 1 e 3). Fotografamos com/os referidos números (ver plano)/Descrição dos esqueletos/

P42

Esqueleto II-Adulto/Posição-decubito dorsal, braços estendidos ao longo do corpo, pernas flectidas/artificialmente, posição forçada. O con-junto está completamente esmagado./Crâneo 3/4, maxilar inferior fragmentado./Esqueleto incompleto, ossos/longos fragmentados presença de alguns/mas falanges./

Esqueleto IV-Adulto.Posição decubito dorsal; crânio esmagado, braços/estendidos ao longo do corpo, pernas flectidas, posição forçada, ossos dos membros superiores e inferiores bem/fragmentados.Coluna vertebral/

P43

completa mas fragmentada, clavícula na posição, mão direita completa/ e esquerda não foi encontrada./Esqueleto V- Jovem.Posição de-cubito dorsal, crânio esmagado,/ mandíbula completa e com os dentes/de leite, ossos longos completos e/parcialmente fragmentados, os dos/membros superiores e inferiores./Esqueleto VI-Sómente foi encontrado o/crânio, este esmagado e perturbado/da sua posição inicial./Esqueleto VII Adulto-(fem.?) /Posição decubito dorsal, crânio/deformado e esmagado, man-/

P44

mandíbula quase completa, e com/os dentes, pernas naturalmente/flectidas, membros superiores/completos e estendidos a longo/do corpo, mão direita sobre os ossos da bacia, e a esquerda também completa, porém sob o ilíaco.Coluna vertebral e/ilíacos completos porém fragmentados.Clavícula e omoplatas na/posição.Este esqueleto se encontra/junto ao sepultamento IX./Esqueleto IX Presença dos/ossos dos membros inferiores/flectidos e fragmentados.Provável-/

P45

mente este foi colocado sobre o sepul-tamento VII(verificar)/Esqueleto VIII- Jovem adulto./Posição decubito dorsal, braços/ao longo do corpo, membros inferiores flectidos e fragmentados,/pouco recuperáveis./Tarde.Retiramos e acondicionamos os seguintes esqueletos,/com a colaboração do Dr.Veiga./Esqueleto II. Observamos, ou melhor/colectamos sob o antebraço/esquerdo uma peça de quartzo,/um calhaus raspador.Coleta-/

P46

tamos também abaixo do referido/esqueleto, lascas e fragmentos/de calhaus em número de/19./Sepultamento IV, O Dr.Veiga desenhou a posição da perna esquerda,/e a posição dos pés.O esqueleto esta-va num nível com carvão, con-chas fragmentadas e havia evidência da cova.Coletamos um fragmento de argila cozida, e fragmentos de calhaus e lascas em número de/65, e que foram acondicionados./ Fotografamos o conjunto/de esqueletos./

P47

ou quase, foi encontrada apenas umas/Neritina fluviatilis furadas mas parti-/das.Por debaixo do esqueleto 7 como/eu supunha apareceu o resto do esque-/leto 9 salvo a cabeça que estou des-/confiado será aquela marcada com/o nº6./...

P48

Muge - 13 de Novembro de 1964

Equipe: L'Abbé Roche/Margarida/Dr.Veiga/Manhã-Chegada às 9 horas /Cabeço da Arruda retirei os/seguintes esqueletos./VI-Presença sómente do crânio frag-/mentado.Adulto.Peneirei a terra/e só encontrei dois dentes os demais/estavam no seu lugar.O crânio re-/pousava sôbre uma camada de/carvões e valvas de moluscos muito/fragmentados, e entre os esqueletos/V e VII, provavelmente é posterior/dos dois verificar./V - Jovem.Ossos longos completos e/frageis, nandíbula quasi comple-/ta e com os dentes de leite.Acondi-/cionei-o parcialmente pois l'abbé/Roche e eu tínhamos que seguir/

P49

ao concheiro da Amoreira, para/aproveitar a claridade a fim de/ fotografar o esqueleto XVII, deixei/o resto ao encargo do Dr.Veiga, para/acondicioná-lo./Observações/No nível de base do concheiro onde/encontraram nove esqueletos/há um solo de carvões fragmentos/de calhaus, lascas e conchas frag-/mentadas e cinzas. Ao iniciar a/limpeza do mesmo verificamos/a presença de pequenas manchas/mais claras, seria necessário lim-/par toda a área com muito cuidado/e atenção a fim de certificar-se/se se trata de um fundo de caba-/na ou de uma grande fossa que/foi utilizada apenas para o sepultamento/dos referidos esqueletos.Nada de/conclusões apresadas!!!/

P50

Concheiro da Amoreira/com o l'abbé Roche, fotografamos/o esqueleto XVII, havia boa luz,/depos ele seguiu para casa, e eu/comecei a retirar os ossos./Descrição Adulto-(fem ?)/Posição decubito dorsal, crânio 3/4/com o maxilar superior fragmentado/Pernas forçadamente flectidas, braços/estendidos e mãos sôbre o ilíaco/clavicula, omoplata e costelas na/posição.Coluna vertebral completa/coletamos um fragmento de ocre/junto às costelas e que foi acondicionado/com os ossos.O esqueleto se/encontrava abaixo da base do concheiro a/+ ou - 30 cm. numa camada de /areia amarela.Acondicionamos/todos os ossos, o esqueleto esta quasi/completo./Tarde voltei a Lisboa/com o l'abbé Roche./

P51

...

Segunda-feira 16/11/964

Hoje estou um pouco melhor.Acabamos o/levantamento do corte NNE-SSW.A Marga-/rida Andreatta veio logo de manhã.Recebi/uma carta do Paço.... Sentimo-nos os três bem com os nossos esqueletos./

P55

Terça-feira 17/11/964

Mais um dia se passou no concheiro.Os/trabalhos estão a findar.Acabamos de/retirar a terra toda na superficie a/escavar para o ano.Estou hoje um pouco/melhor muito embora tenha perdido peso/e me sinto enfraquecido.Penso que tudo/isto são o restos da questão da Junta....

P56

(DESENHO-área "limpa" para futuros trabalhos)

Nunca mais Portugal terá um século de
 independência deste e magnífico país. Ho-
 je estas condições de vida endossadas
 na sua longa história! Avança
 a espaçalhada a invadir tudo. E tudo
 feito por culpa de um só e único
 maldito e covarde! SALAZAR!!!

1964

Quarta-feira 28/10/1964

Fizemos hoje para hoje começar
 a nova campanha. Chegamos às
 11 horas. Lá estava o Francisco
 Maria, cidadão cada vez mais cu-
 toso. No Cabeço de Amoreira
 o trabalho está muito reduzido.
 O peixe vivo arranjou um cinco
 lances.

Começaram a montar os erivos
 e a limpar as áreas, enfim a

tomar acido nel o concheiro
Quinta-feira 29/10/64

Logo de manhã fomos para o Ca-
 beço da Arruda para começar a
 topografia. Tivemos de estudar a
 beira os silvas e grandes áreas
 que cobrem o município. Começa-
 mos a topografia e a planimetria.
Sexta-feira 30/10/64

Hoje a acabar o levantamento e
 planimetria do concheiro. Fazer
 vez o que dar o cálculo.
 A tarde foi para Lisboa.

Sábado 31/10/1964

Fizemos a tarde de manhã.
 Tive um pouco de dor com o
 trabalho por causa do "kataba"
 do trabalho. Que Deus me de
 forças para fazer isto!

Fig. 58 - Páginas do Caderno de Campo de O. da Veiga Ferreira, relativos à primeira campanha de escavações no concheiro do Cabeço da Arruda (1964).

P57

Quarta-feira 18/11/964

Hoje os homens continuaram o trabalho. Estão a endireitar e a limpar o seguimento do corte/até ao quadrado B.O Francisco Maria coita/do está peor e quase não pode andar...

P58

Quinta-feira 19/11/964

Hoje está quase terminado o corte entre /B e F.O Francisco Maria está melhor. A/digestão do coelho parece que lá se fez. A/marquesa coitada esteve mal do estôma-/go por causa do coelho dôce. O Moitinho/enviou-me 1.000\$00 para pagar as /despesas do mês./

P59

5 semanas de Trabalho em Muge/Despesas/Vinho dos homens 30 dias a 20\$00 _____ 600\$00/Dias pagos ao Francisco Maria para/guardar o concheiro no sábado à/tarde e Domingo _____ 125\$00/Caixotes e caixas para os esqueletos/e fauna _____ 150\$00/Carpinteiro _____ 50\$00/Serralheiro para aguçar ferramentas _____ 75\$00/Prego _____ 10\$00/Gratificação ao cocheiro por nos levar/ao campo _____ 100\$00/ Gratificação ao pedreiro _____ 25\$00/Quadrado e madeira com arame para/desenho do esqueletos e fundo de cabana _____ 125\$00/Gasolina para os transportes _____ 180\$00/Oleo _____ 18\$00/Arranjo do dinamo e motor de arranque _____ 318\$00/Gratificação ao pessoal no Palácio _____ 200\$00/o Engenheiro Moitinho deu-me 1600\$00/do meu dinheiro _____ 356\$00/

P60

Sexta-feira 20/11/964

Terminamos hoje o trabalho e regressamos/a Lisboa no fim de uma campanha tra-/balhosa e um pouco adoentado devido/à alimentação da Francesa que está/em casa da Marqueza./

Documento n.º 13

CADERNO DE CAMPO CABEÇO DA ARRUDA 1965 - Letra de O. da Veiga Ferreira

Terça-feira - 2/11/965

Cá viemos mais uma vez para Muge,/eu e o Abade Roche. Estamos como/de costume, na Casa da Senhora Mar-/queza do Cadaval. Estão cá outra vez/os franceses do vinho, os engenheiros/ enólogos. Estou a ver que vamos/outra vez comer coelho com ros-/maninho. Oh, desgraça das desgra-/ças! Falaram com o Francisco/Maria e amanhã vamos começar/com a vida. Arranjar outros/

P61

homens e mulheres./Todo o pessoal do Palácio está bem/ninguém quer morrer!/

Quarta-feira 3/11/965

Hoje começamos o trabalho no conchei-/ro com dois homens apenas pois/que é muito difícil com a co-/lhei-/ta/do arroz arranjar mais./Começaram a limpar a superfície e/o corte. O Francisco Maria lá está/coitado sem poder quase andar./

Quinta -feira 4/11/965

Hoje começamos a limpar o corte trans-/versal e a continuá-lo para N por/mais 4 metros pois é aqui que/as

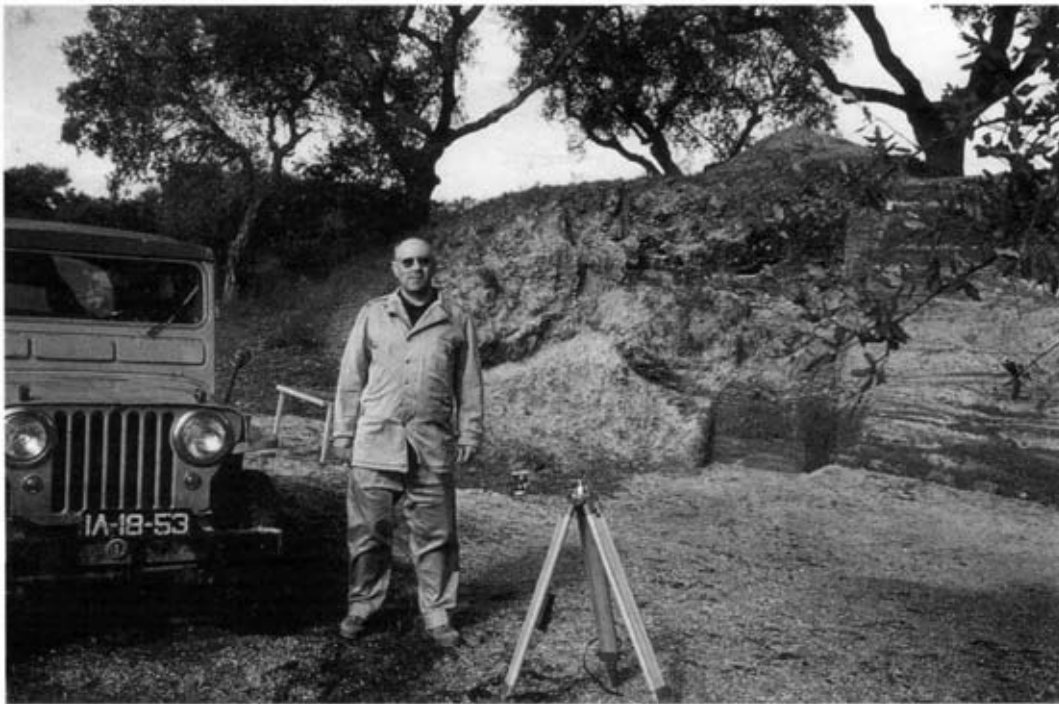


Fig. 59 - J. Roche, em 1964, no concheiro do Cabeço da Arruda. Em segundo plano, observa-se o acerto dos cortes realizados no século XIX. Foto J. Roche/O. da Veiga Ferreira.

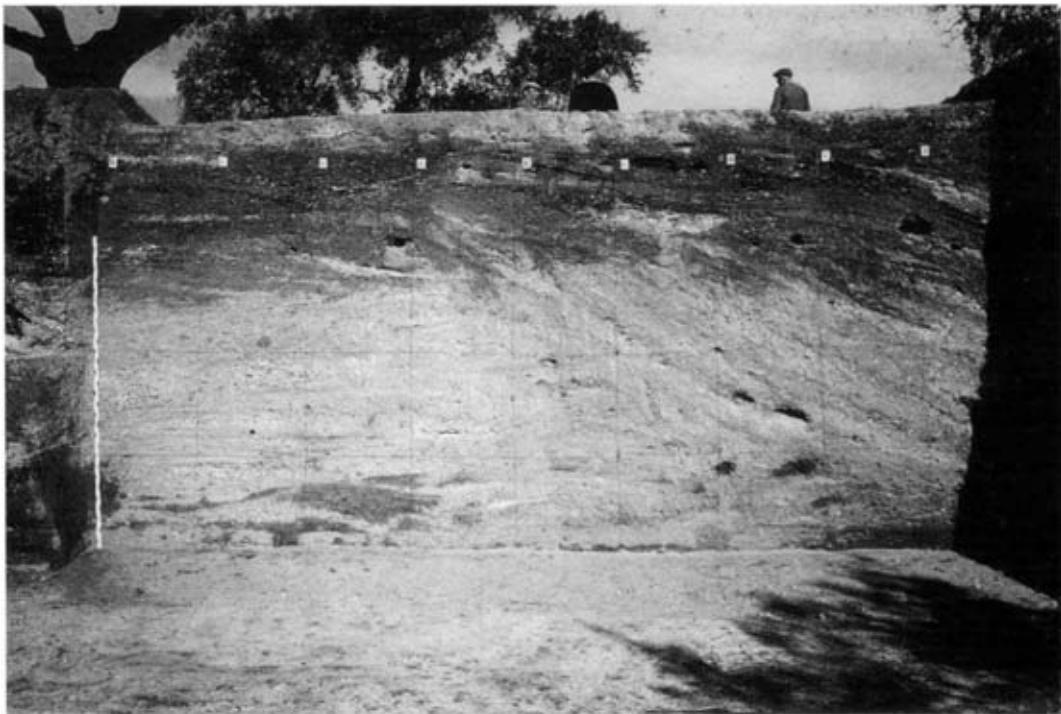


Fig. 60 - Corte executado no concheiro do Cabeço da Arruda (1964), a partir das escavações antigas. Foto J. Roche/O. da Veiga Ferreira.

camadas estão regulares e/que permitem uma boa decapagem/devido à sua estratigrafia sem/enrugamentos. O tempo está/

P62

bom e o trabalho avança bem/mesmo com os dois homens....

P63

Sexta-feira 5/11/965

Os trabalhos no corte continuaram/de modo a fazer o possível para o/ acabar o mais depressa possível/a fim de se fazer a quadricula./

Sábado 6/11/965

Acabamos hoje o corte transversal/Os homens continuam a juntar/a terra retirada na barreira de/forma a libertar a frente do corte./Fui a Lisboa ver a família/e buscar o tripé para fotografar/e o elástico para o corte./

Domingo 2/11/965

P64

Não trabalhamos hoje no concheiro./

Segunda-feira 8/11/965

Começam a quadricular o corte/que ficou muito bom.Continuavam/com dois homens e o Francisco Maria./Um deles é um bruto que só quer/é vinho, mas trabalha.Os "franceses"/estão cá!

Terça-feira 9/11/965

Continuamos hoje com os mesmos homens/e agora estamos a endireitar o corte/em cima.Chove e prejudica o/desenho./

Quarta-feira 10/11/965

Hoje os homens retiraram o resto/que o ano passado ficou quando alar-/gamos de 4 metros mais o corte/no sentido norte.Vieram mais/dois homens que são muito bons./

P65

Quinta-feira 11/11/965

Começou-se a escavar e a crivar.A/terra passa mal nos crivos. Começamos/no sector 19-20 quadricula B/C2 pois a C1 era a terra super-/ficial que o ano passado haviam/retirado./

Sexta-feira 12/11/965

Acabou o primeiro corte e começamos/o 2º sector 19-20 C-C2.Isto/é muito pobre mesmo muito pobre./Tenho a impressão que os tipos es-/cavaram desde Carlos Ribeiro a/parte mais rica do concheiro./

Sábado 13/11/965

Continuou-se e acabou-se o sector/C de 19-20.A terra passa melhor/ pois está mais seca em virtude/de fazer muito vento./

P66

Domingo 14/11/965

Não se trabalhou hoje no campo./

Segunda-feira 15/11/965

Regressei de casa onde fui ver a/minha mulher e as garotas. Minha/mulher está atrapalhada com gripe/e as miudas também.Começamos/mais um sector o C-19-20 em/C-2.Continua tudo pobre.O abade/está um pouco adoentado./

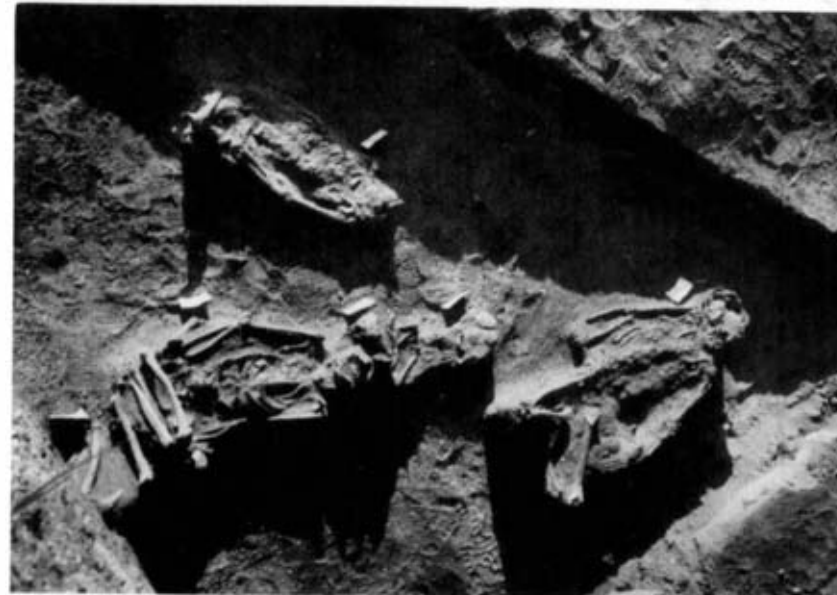
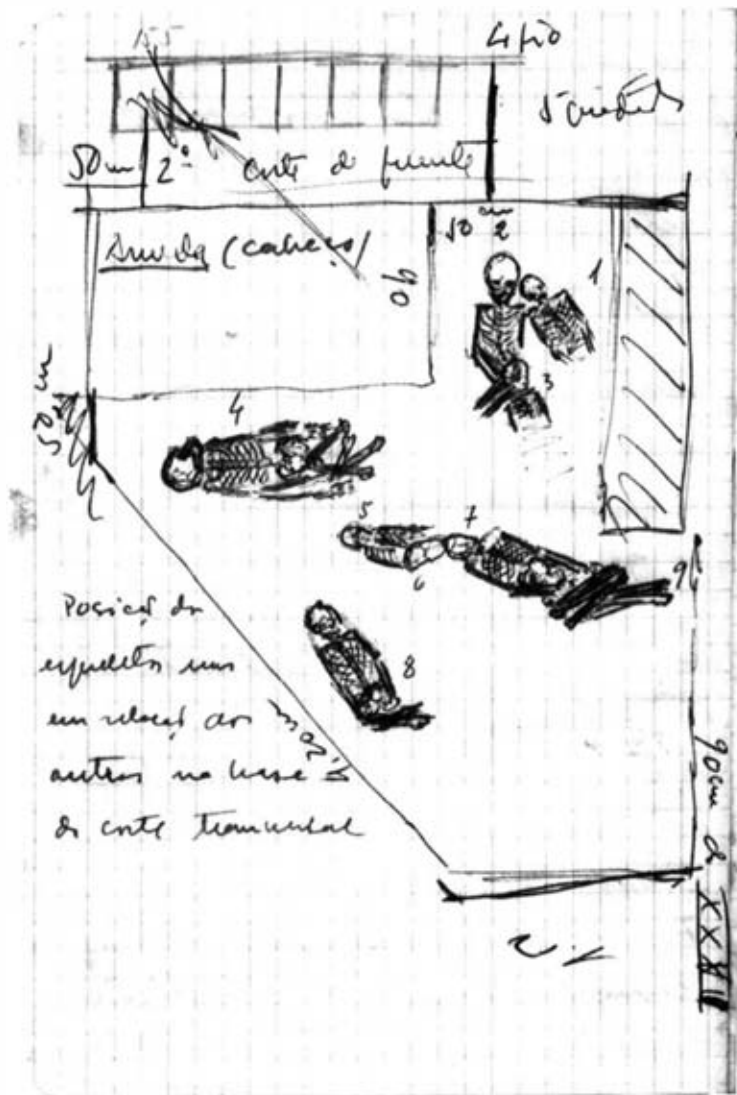


Fig. 61 - Planta parcial da área escavada em 1964 no concheiro do Cabeço da Arruda (à esquerda) e foto correspondente (à direita). Confrontar com planta geral de área escavada (Fig. 57). Foto J. Roche/O. da Veiga Ferreira.

Terça-feira 16/11/965

Hoje acabou o sector D e começa-/ram a abrir o sector E.Soube hoje/ que vai haver uma caçada com o/Presidente da República na Quinta-/feira.O tempo está cada vez pior./

Quarta-feira 17/11/965

Não tivemos hoje o jeep por causa/

P67

da caçada de modo que apanhamos/uma molha das boas na charrette...

Quinta-feira 18/11/965

Levantei-me cedo.Chove muito.De/manhã chegou o pessoal...

P68

...

P69

.../No concheiro não houve trabalho.A chu-/va caiu todo o dia./

Sexta-feira 19/11/965

Hoje continuou o trabalho com o levan-/tamento do corte.O tempo está muito/feio ainda e penso que vou chegar/a Lisboa debaixo de chuva.O vidro/do carro não sobe está avariado/o carroto.A bateria está gasta e/não tive motor à partida. Enfim/consegui por o carro em andamento/às horas e parti para Lisboa./

P70

Sábado 20/11/965

Praticamente hoje não se pode crivar/por causa da chuva.O Paul está/cheio.Tudo está debaixo de água./Mais dois quadrados estão a ser/escavados. Pouca coisa e nada de/esqueletos.

Domingo 21/11/965

Não se trabalhou hoje./

Segunda-feira 22/11/965

Acabou-se hoje o troço G e vai/começar-se o troço H.Continua a ser muito pobre./

Terça-feira 23/11/965

Hoje o corte vai indo.Conseguimos,/por causa do tempo que é muito bom,/quase terminar o levantamento do/corte.Vamos ver se amanhã conse-/

P71

guimos terminar./O raio do jeep hoje parou no meio/ da água e tive de me descalçar/para o por a trabalhar.Isto com a gripe/que tenho não é nada bom./

Quarta-feira 24/11/965

O trabalho continua no concheiro/mas com pouco rendimento. Estou/muito constipado parece que vou/adoecer./

Quinta-feira 25/11/965

Estou cada vez pior.Passei hoje/um dia terrível.Acabamos os cor-/tes e fotografias e começamos a/levantar o corte J./

Sexta-feira 26/11/965

Acabamos o corte J e começamos o/corte em 21-22-B-C2/

P72

regressei a casa muito doente./

Sabado 27/11/965

Mesmo muito doente trabalhei em minha/casa durante toda a manhã com o velho ami-/go Prof.D.Fernando./

Domingo 28/11/965

Não se trabalha hoje no concheiro

Segunda-feira 29/11/965

Estou doente em casa.

Terça-feira 30/11/965

Continuo doente em casa.

Quarta-feira 1/12/965

O Roche vem de Muge ver-me com/os Bretonière.O trabalho segundo/ele vai já no corte 21-22-E./os resultados porém mais animadores/

P73

Quinta-feira 2/12/965

Hoje começou-se a fazer a palissade./ Fiz hoje o corte./

Sexta-feira 3/12/965

Chegamos ao à letra H hoje/com resultados muitos fracos./

Sábado 4/12/965

Apareceu hoje na letra D mais/um esqueleto em muito mau esta-/do deu-se o nº13.Começou-se a/letra I./

Domingo 5/12/965

Hoje não se trabalhou no concheiro./

Segunda-feira 6/12/965

Depois de estar uma semana em/casa doente com uma broncopneumo-/nia vim hoje ao concheiro.O/Roche esta semana chateou/

P74

o Francisco de tal forma que o/homem estava todo irritado hoje./Lá acalmei as coisas.Da palissade/ nada.Se eu não vinha nada/se fazia. Já seguiu hoje para o trabalho o resto do material/acabou hoje a letra I e a terra/dele ficou quase toda crivada./

7/12/965 - Terça-feira

Acabou a escavação hoje.Estou/farto de Muge até aos olhos./

P75

Escavações em Muge (Cabeço da Amoreira) em 1966

Este ano não acompanhei as escava-/ções em Muge, durante todo o tempo./Fui apenas lá no principio do traba-/lho em 31 de Outubro e voltei lá/cerca de 2 vezes por semana para/dar uma ajuda ao Abade Roche./Entre os sectores L e P do corte trans-/versal fez-se uma escavação apanhan-/do todo o leito de habitação particular-/mente rico em material, lítico/em osso e fauna./Acompanhou as escavações durante/uns dias a Maria José de Menezes/colega do Brasil que veio tal qual/a Margarida Andreatta fazer um/estágio em Portugal./

P76

O Abade Roche deu por terminada/a escavação em 6 de Novembro./

Documento n.º 14

AS MODERNAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NOS CONCHEIROS DE MUGE POR O. DA VEIGA FERREIRA

P1

I - Situação dos concheiros

Os "concheiros" de idade mesolítica de Muge/são bem conhecidos do mundo da arqueologia./Ficam situados nas margens da Ribeira de/Muge que dista 68 Km a NE da/cidade de Lisboa.Todas as jazidas pertencem aos/terrenos da Casa Cadaval./Na margem direita encontram-se respectiva-/mente a 2,5 Km a NE e a 4 Km a ENE/da Igreja de Muge, os concheiros da Fonte do Padre/Pedro e do Cabeço da Arruda(Corredoura)./Na margem esquerda respectivamente a 2 Km/a Este e a 3 Km a SW da mesma Igreja, os concheiros da Moita/do Sebastião(Fonte da Burra) e Cabeço da Amorei-/ra(Malhada dos Porcos).

P2

II - Descoberta e escavações antigas

Os "concheiros" de Muge foram pela primeira/vez identificados por Carlos Ribeiro em 1863(1)/no decorrer de levantamentos geológicos efectua-/dos no Vale do Tejo./Porém só em 1880(2) se começaram a fazer/ali pesquisas arqueológicas por ocasião do IX/Congresso Internacional de Antropologia e Arqueolo-/gia Pré-históricas, realizado em Lisboa nesse mes-/mo ano./C.Ribeiro explorou então dois concheiros:/Cabeço da Arruda e Moita do Sebastião cujos/resultados apresentou aos congressistas.Verificou-/se a retirada de enorme quantidade de ossadas/humanas e restos de indústrias, fauna, carvão/industria de osso etc./Depois em 1884 e 1885(3) F. de Paula e Oli-/veira recomeçou as escavações em Muge, nos/concheiros do Cabeço da Arruda e da Moita do/Sebastião./Mais tarde em 1930, 1931, 1933 e 1937 Mendes Corrêa retoma/os trabalhos em Muge explorando, pela primeira/vez, o concheiro do Cabeço da Amoreira, tendo/tambem na última campanha efectuada uma pes-/quisa no Cabeço da Arruda com a colaboração de/

P3

Santos Junior e Serpa Pinto(4)./

III - Escavações recentes

Neste capítulo vamos expor o resultado sumário/das escavações realizadas em Muge nestes últimos/14 anos e em que tomei parte activa./Em 1952 encontrava-se em Portugal o Abade/Jean Roche que tinha vindo já em Maio de/1949 para tomar contacto com o Mesolítico por-/tuguês pois preparava-se para fazer um trabalho de conjunto/sobre o Epipaleolítico./O Professor Mendes Corrêa pôs à sua disposição todo/o material da escavação por ele realizada em/1930 e anos seguintes em Muge.Daí resultou/um primeiro trabalho sobre a tipologia dessas indústrias(5)./Fui então designado, como representante do Centro/de Estudos de Etnologia Peninsular e de acordo/com o Director dos Serviços Geológicos de então/Engenheiro António de Castello Branco, pois/já era funcionário daquele serviço nessa época,/para colaborar e acompanhar o Abade Roche/nos trabalhos relativos a Muge./Ora infelizmente no ano de 1952 dava-se/em Muge um desastre.Um administrador da/Casa do Cadaval em Muge pensou em fazer uma/

P4

montagem de descasque de arroz e respectiva eira/e não escolheu melhor sítio que o Cabeço da Moi-/ta do Sebastião uma das jazidas mais importantes/ de Muge./Com um "bulldozer" arrazou até à/base o que restava do célebre concheiro e só parou/porque encontrou uma camada duma espécie de/brecha.Avisada a Senhora

Marqueza do Cadaval/esta ilustre Senhora vendo o que havia sucedido/e tendo a noção perfeita do desastre comunicou/o facto ao Prof.Mendes Corrêa para que depois fosse/tentar saber o que restava da destruição./Nos finais de Maio desse ano de 1952 fomos/a Muge na companhia do Professor Mendes Corrêa e Aba-/de Roche.Ficou assente que se faria então/uma campanha de escavação para tentar salvar/o que ainda restava e proceder ao estudo da jazida./As escavações começam na quarta-feira 4 de Junho/desse ano e duraram até 21 do mesmo mês/num sábado./O sumário desses trabalhos consta do seguinte:(Caderno de campo de Veiga Ferreira)/Foram abertas duas trincheiras cavando-se/a meio do concheiro e na parte de cota mais/elevada./No comprimento das trincheiras começaram a/

P5

aparecer diversos esqueletos em posição indicada/na figura nº .No meio da trincheira de/Nascente foi encontrado um fundo de cabana/e diversos núcleos de cinzas. A estratigrafia geral/do concheiro é a seguinte:/1-Camada de base de areia amarela/do terraço quaternário./2-Brecha do concheiro(concreção calcária/carvões, cinzas, conchas e seixos rolados de quartzito)/3-Camada de conchas que constitue, por/assim dizer, a maior espessura e volume do concheiro./As duas camadas assentam sobre a formação do/terraço adaptando-se mais ou menos ao relevo/existente quando do começo do concheiro.Assim/nos cortes observamos mudanças de inclinação que/correspondem ao enchimento duma depressão na/camada de base./Nos bordos do montículo e em metade do/conjunto dos detritos observa-se, por vezes/, mais duma camada de conchas separadas/por estreitos leitos de areia ou mais propriamente/areia terrosa./A estratigrafia do fundo de cabana é a /seguinte:/

P6

1-Camada de base(areia de terraço amarela)/2-Brecha de concreções calcárias, carvões, cinzas etc./3-Camada negra, terra muito orgânica/rica em espécies e que constitui por assim/dizer, a camada arqueológica por excelência./4-Camada de conchas com delgados leitos/de cinzas, areia terrosa, calhaus rolados,ossos etc./Espólio: /Dezenas de micrólitos, micro-buris, lamelas, raspadeiras, furador de osso etc./Fauna:/ossos de grandes animais (Boi, cervo, javali ,raposa etc.)/Conchas-Tapes, scrobicularia, nassa reticulata, cypraea europaea, restos de peixes, caranguejos, restos de coelhos, aves,/lagartos etc./Na camada de conchas há abundância de car-/diu edule algumas ainda fechadas e intactas./Na camada de brecha encontram-se conchas/de Tapes e Scrobicularia retiradas com as duas/valvas.É de notar a presença, perto dos esquele-/tos, de muitas conchas de Cypraea europaea e/Neritina fluviatilis furadas que serviram de cola-/

P7

res.Nas conchas furadas propositadamente são em/maior abundância as Neritinas.É curioso também/que as Cypraea apresentam dois furos em vez de um./Foi feita a planta do concheiro com os traba-/lhos de escavação agora realizados, com a implanta-/ção das trincheiras e posição dos esqueletos. Foram/montados 6 crivos em linha cujo rendimento/tem sido surpreendente. O Francisco Maria é muito/bom para este trabalho de encarregado que demanda/sobretudo muito cuidado."/No sábado recebemos a visita do Senhor Engº.D./António de Castelo Branco, chefe dos Serviços Geoló-/gicos, Prof.Doutor Mendes Corrêa, Presidente do Centro/de Estudos de Etnologia Peninsular, e do Doutor Georges Zbyszewski geólogo dos Serviços Geológicos que visitaram os trabalhos de escavação em curso fican-/do muito satisfeitos com os achados.Também a Senhora/Marqueza do Cadaval, a quem devemos todas as facilida-/des, e seu irmão o conde de Robilant visita-/ram com muito interesse os trabalhos de escavação."/De 15 a 21 desse mês nada de especi-/al a assinalar a não ser os cuidados com o/levantamento e encaixotamento de esqueletos encon-/trados. Foram encontrados ao todo nesta campa-/nha 7 esqueletos alguns dos quais em estado muito/satisfatório./

P8

Em 14 de Abril de 1953 iniciamos a segunda/campanha de Muge com o abade Roche. Ficamos/alojados na Casa Cadaval a expensas da Senhora/Marqueza. /Continuou-se o trabalho do ano anterior aparecendo/mais esqueletos.A campanha durou até 4 de Junho/desse mesmo ano de 1953./Encontrámos mais nove esqueletos alguns em muito/bom estado.No dia 20 de Abril fizemos uma desco-/berta muito interessante.Assim junto do crâneo nº11/(Luiz) descobrimos um colar de contas de Neriti-/na fluviatilis formando um colar em várias peças/e na posição em que fora depositado junta-/mente com o corpo.Os esqueletos encontram-se em/fossos cavados na areia de base e envolvidos por/uma espécie de concreção calcarea brechoide de gran-/de dureza.Observamos que nas sepulturas mais cui-/dadas o esqueleto repousava sobre um leito de con-/chas de Scrobicularia plana ainda fechadas e que/haviam sido postas vivas a servir de leito ao/morto.Quase todos os individuos estão de costas com/os joelhos flectidos.Em raros casos se observa a posi-/ção estendida./No dia 1 de Maio estiveram no concheiro o/Sr.Prof.Mendes Corrêa, Tenente-Coronel Afonso do/Paço, Dr.Pires Soares e Maxime Vaultier que acom-/-

P9

panhavam a Senhora Marqueza./Começamos nesse dia a delimitar o fundo de/cabana rectangular que viria a ser uma das des-/cobertas mais interessantes nos concheiros de Muge./A terra do fundo de cabana é muito rica em/material litico e fauna./No dia 14 de Maio fez-se uma descoberta notável./A nascente do fundo de cabana I encontrou-se outra/cabana.No concheiro e por feliz acaso encontravam-se/de visita aos trabalhos a Dr^a Virginia Rau, Prof./Mendes Corrêa, Prof.Carlos Teixeira, Dr. Medeiros de/Gouveia etc.No dia seguinte receberam a visi-/ta/do Prof.Cordeiro Ramos, Prof.Pereira Dias, Maxime Vaul-/tier etc.Nesse dia encontramos um grupo de esquele-/tos muito perto uns dos outros o 18, 19, 20 e 21.Verifica-/mos que alguns tinham sido afastados para dar lugar/a enterramentos mais modernos embora da mesma épo-/ca, já se vê.No dia 18 outra surpresa nos esta-/va re-/servada: a descoberta de um fundo de cabana in-/tacto completo.Mais ou menos a meio/
(NOTA DOS AUTORES: este apontamento corresponde ao ano de 1954, resumindo os trabalhos realizados apenas no concheiro da Moita do Sebastião).

Estudos Arqueológicos de Oeiras,

8, Oeiras, Câmara Municipal, 1999/2000, pp. 241-323

OS ARTEFACTOS DE PEDRA POLIDA DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS)

por João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 - INTRODUÇÃO

O objectivo deste trabalho é o de dar a conhecer o conjunto dos materiais de pedra polida até o presente recuperados nas escavações dirigidas pelo signatário no povoado pré-histórico de Leceia, desde 1983. Trata-se, pois, de recolhas efectuadas no decurso dos últimos 18 anos, correspondentes à escavação de uma área superior a 10 000 m².

Todos os materiais susceptíveis de neles se identificarem pelo menos alguns dos atributos tipológicos considerados foram desenhados: deste modo, é possível confrontação directa, por parte do leitor, com cada uma das peças estudadas.

Este trabalho não esgota o assunto: é desejável que alguns dos aspectos agora tratados sejam discutidos de forma mais aprofundada em estudos ulteriores. No entanto, a relevância das conclusões ora apresentadas encontra-se assegurada à partida não só pela riqueza e variedade tipológica das 184 peças que integram o conjunto, aspecto que se afigura singularmente importante, mas, sobretudo, pelas informações estratigráficas associadas a cada uma delas: assim se apresentaram, pela primeira vez, no concernente ao nosso País, considerações quanto à evolução da utensilagem ao longo de um período de cerca de 1000 anos, entre o último quartel do IV milénio e o terceiro quartel do III milénio AC, e quanto às alterações verificadas no âmbito das respectivas matérias-primas utilizadas, ou seja, sobre as próprias fontes de abastecimento a que, no referido intervalo de tempo, sucessivamente se recorreu, com evidentes incidências económicas à escala inter-regional.

2- QUESTÕES DE CARÁCTER TERMINOLÓGICO

A designação dos artefactos de pedra polida tem sido objecto de numerosos estudos, a começar

⁽¹⁾ *Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).*

pelo próprio critério da sua definição funcional. No presente trabalho, deu-se um entendimento restritivo de tal conceito, considerando-se apenas os artefactos cujo polimento tinha o objectivo pré-determinado de afeiçoar uma peça funcional; excluem-se, pois, as peças cujo polimento foi uma consequência da sua utilização, como os elementos de mós manuais e os afiadores/polidores.

No concernente aos artefactos agora estudados, reúne consenso o critério tradicional de basear a classificação na morfologia da extremidade distal, correspondente à parte útil do utensílio (COONEY & MANDAL, 1998; Le ROUX, 1999). Apesar de, no nosso entender, uma definitiva classificação funcional só ser segura caso se conservasse a parte de madeira, correspondente ao encabamento da lâmina ou massa lítica, a comparação com paralelos etnográficos actuais ou sub-actuais, cruzada com a análise das marcas de uso (SEMENOV, 1970, pp. 126-135), confere credibilidade ao critério baseado na maior ou menor dissimetria do perfil lateral da extremidade distal (gume), utilizado, por exemplo, na diferenciação entre machados e enxós. Deste modo, os primeiros possuiriam perfil aproximadamente simétrico, ao contrário das segundas, onde aquele é nitidamente dissimétrico. Por outro lado, o próprio aspecto geral do artefacto pode contribuir para a pretendida separação: assim, as enxós exibem, frequentemente, corpo arqueado, com uma das faces maiores convexa e a outra côncava, de modo a melhor se adaptar o respectivo suporte de madeira.

O mesmo critério foi seguido na separação entre escopros e formões: ambos se diferenciam dos machados e das enxós por possuírem corpos longilíneos, mas diferem entre si pelo perfil lateral do gume: os escopros apresentam perfil simétrico, ao contrário dos formões, caracterizados por bisel terminal dissimétrico. Algumas reservas se podem, porém, levantar a este critério. Por um lado, não é clara a separação baseada na largura das peças, existindo mesmo casos em que a separação entre machados estreitos e escopros é problemática. Por outro lado, a função dos formões pode assimilar-se à das goivas, destinadas ao trabalho da madeira, talvez residindo nesta hipótese a quase total ausência de goivas em Leceia: apenas um exemplar, a somar aos dois anteriormente estudados da colecção do escultor Álvaro de Brée (CARDOSO, 1980, 1981).

Muitos machados acabavam a sua vida útil como martelos: disso é prova o massacramento dos antigos gumes, quase sempre também extensivo à outra extremidade.

Alguns machados e enxós apresentam marcas de percussões violentas, resultantes de impactos dos antigos gumes, de que resultaram lascas de tamanho assinalável. Estas acções poderiam resultar de trabalhos no exterior do povoado, especialmente a cava de terrenos agricultados, em consequência dos choques com pedras dispersas à superfície ou a pequena profundidade. Porém, este critério não é seguro, visto algumas grandes lascas de anfibolito, por vezes conservando porções dos gumes dos artefactos de que provieram, se terem recolhido no próprio povoado, onde, naturalmente, a hipótese da utilização como sachos agrícolas se não pode colocar. Seja como for, o critério de atribuir as usualmente designadas enxós, a sacholas (LEISNER & LEISNER, 1951), com base em modelos votivos de calcário, de diversas estações estremenhas, apesar de sugestivo, não é inquestionável. Em alternativa, a utilização como cunhas, poderia proporcionar em antigos machados e enxós marcas

similares, sendo, nestes casos, o seu uso possível na área intramuros, por exemplo, na confecção de blocos integrados nas estruturas. Foi o admitido no povoado calcolítico do Castro de Santiago, Fornos de Algodres (VALERA, 1997). Seja como for, a existência de marcas intensas de percussão, tanto em exemplares classificados tipologicamente como machados ou como enxós, relativiza ainda mais os critérios de diferenciação de ambas as categorias.

Enfim, a existência de finas estrias de atrito, perpendiculares ou oblíquas aos gumes, estaria relacionada com o trabalho da madeira, o qual produz atritos compatíveis com tais marcas. São frequentes as referências à dominância destas marcas na face dorsal das enxós, relativamente às existentes na face inferior, enquanto nos machados elas se desenvolveriam de forma idêntica em ambas as faces. No caso da presente utensilagem, importa dar seguimento a estas observações, em trabalhos ulteriores, tendo presente que a própria obliquidade dos gumes, observados tanto em machados como em enxós, condiciona a orientação daquelas marcas de utilização.

Merece ainda destaque um outro tipo de artefacto, cuja assimetria do bisel terminal os aproxima das enxós mas que, ao contrário destas e dos machados, possui o gume substituído por uma estreita superfície polida, convexa, ocupando toda a extremidade útil distal. Foi a propósito de peças deste tipo, recolhidas pelo signatário em Leceia que, pela primeira vez, esta particularidade foi assinalada em Portugal (CARDOSO, 1989, p. 104). No referido estudo, admitia-se uma função específica, a qual não poderia ser confundida com qualquer circunstancial reutilização de enxós. Nalguns casos, a exiguidade da área útil, sugere que se destinavam a trabalhos de precisão; porém, a ocorrência de um exemplar em Leceia – precisamente o de menores dimensões – na Camada 4, do Neolítico Final, afasta a hipótese de ser utilizado na martelagem do cobre, embora tal actividade seja de admitir para as restantes peças, exclusivamente da Camada 2, do Calcólítico Pleno. Com efeito, alguns destes artefactos, expostos no Musée des Antiquités Nationales de Saint-Germain-en-Laye, foram relacionados com tal actividade (CARDOSO, 1989, p. 104). Tendo presentes as semelhanças morfológicas com as enxós, designaram-se por martelos transversais.

Noutro capítulo se inscrevem alguns blocos de anfibolito quase desprovidos de trabalho: trata-se de lingotes, ligeiramente afeiçoados por polimento, destinados a transformação em peças curtas e espessas, de acordo com a sua própria morfologia, compatível com a tipologia corrente dos machados recolhidos. A sua escassez testemunha o alto grau de transformação desta matéria-prima importada sendo, assim, um indicador indirecto da sua valia intrínseca. Os exemplares reconhecidos ostentam, com efeito, marcas de utilização como martelos, pelo que foram incluídos nesta categoria. Aliás, outra prova desta realidade é o reaproveitamento, por novo polimento, de peças fracturadas em curso de trabalho, cujo exemplo mais evidente é o de machado, partido longitudinalmente, ulteriormente transformado em enxó, com paralelos noutros exemplares oriundos de povoados estremenhos.

Em conclusão: da análise tipológica efectuada, resultaram os seguintes grandes grupos de artefactos de pedra polida, entre os quais se distribuiu o conjunto de Leceia:

- 1 - Machados
- 2 - Enxós/sachos
- 3 - Escopros
- 4 - Formões
- 5 - Martelos transversais
- 6 - Martelos (ou percutores)
- 7 - Goivas

3 - TÉCNICAS DE FABRICO UTILIZADAS

Alguns exemplares conservam marcas dos processos utilizados na respectiva confecção, para além do polimento. Com efeito, esta derradeira operação apagou os traços anteriores do fabrico, que só esporadicamente se conservaram.

Nas rochas anisótropas, como os anfiboloxistos, a orientação preferencial dos cristais deu origem a foliação ou xistosidade mais ou menos evidente mas que, em qualquer caso, condicionou a partição das massas rochosas em blocos com faces regulares, mais ou menos paralelas entre si, de formato paralelepípedo. Esta realidade proporcionou, nalguns casos, a obtenção de machados e de enxós com um mínimo de dispêndio de trabalho, limitado, essencialmente, à execução dos próprios gumes, por polimento.

Importa sublinhar que o desenvolvimento dos gumes, perpendicularmente a foliação das próprias rochas, que coincide com o alongamento dos blocos obtidos, corresponde à máxima resistência mecânica, tanto ao desgaste, como à fractura, conforme observações há muito apresentadas (CARDOSO, 1984).

Por outro lado, é de reter que as peças em causa, de carácter estritamente funcional, se produziram, respeitando o princípio da máxima economia de trabalho (MORATE *et al.*, 1987: 109). Com efeito, aquele princípio teve presente, a um tempo, tanto a eficácia da execução como a eficácia funcional do produto acabado. Deste modo, facilmente se compreende terem sido os anfiboloxistos, apesar da distância das fontes de matéria-prima, as rochas preferidas, tanto pela sua superior qualidade, como pela economia de gestos que a forma e a dimensão dos blocos naturais à partida proporcionava, na preparação dos diferentes tipos artefactuais registados em Leceia.

A despeito de tais características propícias, nalguns casos observaram-se marcas de serragem. Desconhe-se, porém os processos técnicos desta operação, que poderia recorrer a abrasivo silicioso e a um movimento de vai-vem de uma lâmina espessa de sílex. Só assim seria possível a execução de cortes estreitos e profundos, como se observa pelo menos em um caso, o qual demonstra, por si só, a excepionalidade do recurso a tal prática. Na verdade, a regularidade das superfícies de clivagem ou xistosidade naturais dos blocos, permitia, após a sua partição e desbaste por percussão, a passagem imediata à fase de acabamento, por polimento: não se confirmaram, a despeito da localização de certas áreas de matéria-prima junto de linhas de água, o aproveitamento de seixos rolados.

A disposição das superfícies de xistosidade perpendicularmente ao plano definido pelas lâminas dos machados conduziu frequentemente à separação destes, no decurso da sua utilização, em duas metades aproximadamente iguais; já anteriormente se referiu o aproveitamento de tais porções, para a confecção de enxós, por polimento sumário da superfície de separação, aspecto que reforça a anterior afirmação sobre o pragmatismo dos processos de fabrico, tendo em vista o pretendido produto final.

4 - TERMINOLOGIA ADOPTADA

Neste capítulo, apresentam-se os critérios e a nomenclatura em que se baseou a classificação dos artefactos de pedra polida, com base nos diferentes atributos descritivos neles observados, os quais serão sistematicamente utilizados nos quadros tipológicos, adiante apresentados.

4.1 - Integridade

Consideraram-se 3 categorias de artefactos (PEREIRA, 1999):

- 1 - Peças completas, apesar de poderem possuir utilização;
- 2 - Peças incompletas, embora seja possível a sua classificação num dos grupos tipológicos atrás referidos;
- 3 - Fragmentos inclassificáveis, ainda que neles seja possível identificar alguns dos atributos descritivos considerados.

4.2 - Acabamento

A qualidade do acabamento, baseada no aspecto da superfície dos artefactos, deverá, tanto quanto possível, se-parar os casos em que esta se deve à alteração, apresentando-se deste modo rugosa, daqueles em que não foi efectivamente polida. De facto, a qualidade do acabamento, é expressa pela relação entre a área da peça com polimento face à restante, que pode apresentar-se picotada ou em bruto, isto é, conservando a superfície de fractura do bloco primitivo. Assim, consideraram-se as seguintes categorias:

- 1 - Polimento total;
- 2 - Polimento incompleto nos lados menores e em parte dos maiores (aplicável no caso de peças de secção sub-rectangular ou sub-quadrangular);
- 3 - Polimento apenas no bisel.

4.3 - Secção

Considerou-se a secção transversal máxima observada no corpo do artefacto ou na parte conservada, tendo-se isolado as seguintes categorias:

- 1 - Secção sub-circular;
- 2- Secção oval;
- 3 - Secção lenticular;
- 4 - Secção sub-quadrangular;
- 5 - Secção sub-rectangular;
- 6 - Secção irregular.

4.4 - Gume

No gume, consideraram-se dois atributos:

4.4.1 - Simetria

RICQ-de BOUARD (1983) definiu a simetria em três classes, com base em expressão que permitiu quantificá-la. Embora aos exemplares de Leceia a referida expressão tenha sido sistematicamente aplicada, tanto a machados como a enxós, desde que conservassem os gumes suficientemente conservados, a verdade é que não se considerou necessário descer ao pormenor de admitir as classes definidas pela autora. Optou-se, simplesmente, por uma classificação em duas classes, mais consentânea com a realidade directamente observável:

- 1 - Gumes simétricos (índice de valor igual ou inferior a 1);
- 2 - Gumes dissimétricos (índice de valor superior a 1).

4.4.2 - Convexidade

A mesma autora definiu a convexidade dos gumes a partir de expressão cuja aplicação foi igualmente aplicada ao conjunto de Leceia. Os resultados obtidos suportaram a criação de três categorias as quais, no entanto, foram vantajosamente substituídas apenas por duas, de visualização prática mais evidente, à semelhança do verificado no atributo anterior:

- 1 - Gumes sub-rectilíneos (índice de valor igual ou inferior a 1);
- 2 - Gumes convexos (índice de valor superior a 1).

4.4.3 - Perfil do gume

Este atributo permitiu a separação dos artefactos de pedra polida em diversos grupos tipológicos, já referidos, pelo que não será objecto de mais considerandos.

4.4.4 - Marcas de encabamento

Este subcapítulo refere-se aos testemunhos, conservados na superfície dos artefactos, relaciona-

dos com o encabamento. Tais testemunhos podem subdividir-se em marcas intencionais e acidentais; em qualquer dos casos, não foram considerados como verdadeiros atributos com valor descritivo, mas, simplesmente, como particularidades que, no entanto, justificavam menção.

Entre as marcas intencionais, são de referir a picotagem residual, correspondendo a zonas não polidas da parte mesial e proximal dos artefactos, não só devido ao princípio, atrás enunciado, da aplicação da mínima energia necessária, mas também porque a conservação de tais zonas permitiria uma melhor aderência do encabamento ao corpo lítico. Trata-se de aspecto implicitamente caracterizado no ponto 4.2.

De natureza obviamente intencional são os sulcos obtidos por polimento, destinados à fixação transversal de um cabo, na zona mesial das peças. Leite de Vasconcellos, em trabalho dedicado aos processos de encabamento dos artefactos de pedra polida, já chamara a atenção para tais sulcos polidos (VASCONCELLOS, 1922), os quais se encontram presentes em dois exemplares de Leceia de dimensões médias, provavelmente machados (num caso o grau de fracturação impede certezas) e numa enxó, de pequenas dimensões, correspondendo a sulco mais fino, quase uma fina incisão, executada transversalmente, na zona média da face dorsal do artefacto. Neste último caso, ao que se crê ainda não descrito na bibliografia, os paralelos mais evidentes residem nos modelos de enxós votivas de calcário, conhecidos em diversas estações estremenhas, que nalguns casos exibem incisões na face dorsal, exactamente na mesma posição em que se observa o sulco no exemplar em apreço, representando o processo de fixação, com fibras vegetais ou tiras de couro, ao cabo de madeira.

Outro tipo de marcas de encabamento observadas, correspondem a zonas ligeiramente deprimidas, ostentando um polido mais intenso que o da zona adjacente. Neste caso, trata-se, simplesmente, de uma consequência do atrito do cabo de madeira ou da manga (eventualmente de osso) verificado na zona de encastramento do corpo lítico. Trata-se, pois, de fenómeno puramente acidental e de observação difícil, visto apenas se evidenciar, na maioria dos casos, um ligeiro brilho superficial, em condições de luminosidade adequada.

4.5 - Marcas de uso nos gumes e nos talões

Este aspecto foi já objecto de anteriores considerações, a propósito da reutilização de enxós e de machados como martelos e sachos, consoante as características das marcas observadas. O seu eventual uso como cunhas, também já referido, merece alguns comentários adicionais. Assim, enquanto na extremidade útil é esperável encontrar marcas de percussão violentas, com destacamento de lascas, no talão, tais marcas expressar-se-ão pela existência de uma superfície de massacramento, semelhante à observável nos martelos. De qualquer modo, a separação dos artefactos que respeitam tais requisitos do grupo dos machados é problemática, na ausência de

estudos detalhados e, por isso, não foi tentada no presente trabalho. As cunhas poderiam ser utilizadas, tanto no seccionamento longitudinal de grandes árvores destinadas à construção de canoas (sendo provável, nestes casos, que a parte útil, em vez de exibir marcas de percussão violentas, possua profundas estrias perpendiculares ao gume), como na exploração de pedreiras, existentes na adjacência do próprio povoado, onde a presença de leitos siliciosos, interestratificados nos calcários cretácicos, requeria a sua utilização. São ainda de referir as funções que poderiam ter no desbaste e afeiçoamento de blocos utilizados na edificação do dispositivo defensivo, assim se justificando a ocorrência de grandes lascas de anfibolito, destacadas no decurso de tais operações, recolhidas na área escavada.

Tendo presentes as anteriores observações, foram considerados os seguintes tipos de gumes, consoante as respectivas marcas de uso:

- 1 - Intactos ou pouco utilizados
- 2 - Lascados
- 3 - Percutidos
- 4 - Polidos.

5 - INVENTÁRIO DOS MATERIAIS

Os materiais exumados em Leceia, repartem-se por três fases culturais principais, a saber: o Neolítico Final, corporizado pela Camada 4; O Calcolítico Inicial, representado pela Camada 3; e, por último, o Calcolítico Pleno, coevo da emergência, no final, das cerâmicas campaniformes, representado pela Camada 2. É claro o significado estratigráfico e cronológico de cada uma destas três fases, sucessivamente confirmado e reforçado com o crescente alargamento da área escavada (CARDOSO, 1989, 1994, 1997, 2000), cuja balizas cronológicas foram, entretanto, determinadas com rigor (SOARES & CARDOSO, 1995; CARDOSO & SOARES, 1996).

A localização dos artefactos no terreno, pelas três camadas sucessivamente escavadas, encontra-se apresentada nas Figs. 50, 51 e 52.

No inventário dos materiais, consideraram-se os atributos anteriormente referidos e as categorias definidas.

5.1 - Neolítico Final - Camada 4

À fase cultural mais antiga representada em Leceia, cronologicamente situada entre o último quartel do IV Milénio e o início do III Milénio AC, pertencem os seguintes artefactos:

QUADRO 1 - Machados do Neolítico Final - Camada 4

	Matéria-Prima	Integridade	Acabamento	Secção	Gume		Marcas de uso	
					Simetria	Convexidade	Gume	Talão
Fig. 1, nº. 1	Anfiboloxisto	2	1	5	1	1	2	3
Fig. 1, nº. 3	Cherte	1	1	5	2	2	1	1
Fig. 1, nº. 2	Dolerito	2	3	2	1	2	2	-
Fig. 2, nº. 1	Anfibolito	1	2	5	2	2	2	1
Fig. 2, nº. 3	Dolerito	1	3	1	1	2	3	1
Fig. 2, nº. 4	Anfiboloxisto	1	3	2	1	2	3	1
Fig. 3, nº. 1	Dolerito	2	3	2	1	2	3	-
Fig. 3, nº. 2	Anfiboloxisto	2	2	5	1	-	2	-
Fig. 4, nº. 1	Anfiboloxisto	2	1	5	1	1	3	
Fig. 4, nº. 2	Anfiboloxisto	1	2	5	1	2	3	1
Fig. 4, nº. 6	Cherte	2	2	3	1	1	2	-

QUADRO 2 - Enxós/sachos, escopros e fragmentos inclassificáveis do Neolítico Final - Camada 4

	Matéria-Prima	Integridade	Acabamento	Secção	Gume		Marcas de uso	
					Simetria	Convexidade	Gume	Talão
Enxós/sachos								
Fig. 7, nº. 2	Cherte	2	1	3	1	1	1	-
Fig. 4, nº. 5	Cherte	2	2	6	-	2	2	-
Escopros								
Fig. 7, nº. 4	Anfiboloxisto	1	2	4	1	2	3	3
Fig. 7, nº. 5 ⁽¹⁾	Anfiboloxisto	1	2	6	-	-	2	3
Fig. 7, nº. 6	Anfiboloxisto	2	3	2	-	-	3	-
Fig. 7, nº. 7	Anfiboloxisto	1	3	5	-	-	3	3
Frag. Incl.								
Fig. 4, nº. 4	Anfiboloxisto	3	2	-	-	-	-	-
Fig. 7, nº. 1	Cherte (L)	1	-	-	-	-	-	-
Fig. 7, nº. 3 ⁽²⁾	Cherte	2	-	-	-	-	-	-

(1) Pode ser considerado como machado.

(2) Pode ser considerada como cunha.

(L) - Executada lâmina.

QUADRO 3 - Martelos e martelos transversais do Neolítico Final - Camada 4

	Matéria-Prima	Integridade	Acabamento	Secção	Gume		Marcas de uso	
					Simetria	Convexidade	Gume	Talão
Fig. 2, nº. 2	Anfiboloxisto	1	1	4	1	2	3	3
Fig. 3, nº. 2	Anfiboloxisto	1	1	5	1	2	3	3
Fig. 3, nº. 4	Anfiboloxisto	1	2	6	1	2	3	3
Martelos Transversais								
Fig. 4, nº. 3	Cherte	1	1	4	2	2	4	1

5.2 - Calcolítico Inicial - Camada 3

A segunda fase cultural representada em Leceia é o Calcolítico Inicial da Estremadura, a que corresponde a Camada 3. Situável entre 2900/2800 e 2600 anos AC, as peças de pedra polida que lhe são reportáveis, distribuem-se do seguinte modo:

QUADRO 4 - Machados do Calcolítico Inicial - Camada 4

	Matéria-Prima	Integridade	Acabamento	Secção	Gume		Marcas de uso	
					Simetria	Convexidade	Gume	Talão
Fig. 9, nº. 4	Dolerito(L)	2	1	1	-	-	-	-
Fig. 10, nº. 3	Anfiboloxisto	1	2	4	1	2	2	1
Fig. 10, nº. 4	Anfiboloxisto	1	2	5	1	1	2	-
Fig. 11, nº. 1	Anfiboloxisto	1	2	5	1	2	1	1
Fig. 11, nº. 2	Anfiboloxisto	1	3	5	2	2	1	1
Fig. 11, nº. 3	Anfiboloxisto	1	1	5	1	2	1	1
Fig. 11, nº. 4	Anfiboloxisto	1	3	5	1	2	1	1
Fig. 12, nº. 1	Anfiboloxisto	1	2	5	1	2	2	1
Fig. 12, nº. 2	Anfiboloxisto	2	2	5	1	1	1	-
Fig. 13, nº. 1	Anfiboloxisto	1	2	5	-	-	2	3
Fig. 13, nº. 3 ⁽¹⁾	Cherte	2	2	2	-	-	3	3
Fig. 13, nº. 4	Basalto	2	3	2	-	-	3	-
Fig. 15, nº. 1	Anfiboloxisto	1	2	5	1	2	3	1
Fig. 15, nº. 2	Cherte	2	1	3	1	2	2	-
Fig. 15, nº. 4	Anfiboloxisto	1	1	5	1	2	3	3
Fig. 16, nº. 4	Anfiboloxisto	1	3	2	1	2	3	3
Fig. 20, nº. 1	Anfiboloxisto	1	1	5	1	2	3	3
Fig. 20, nº. 4	Anfiboloxisto	1	2	5	2	2	3	1
Fig. 21, nº. 1	Anfiboloxisto	1	2	5	2	2	3	1
Fig. 21, nº. 2	Dolerito	1	1	3	1	2	2	1
Fig. 21, nº. 4	Anfiboloxisto	1	2	5	1	2	1	1

(1) - Com sulco transversal polido numa das faces.

(L) - Executada lâmina.

QUADRO 5 - Enxós do Calcólítico Inicial - Camada 3

	Matéria-Prima	Integridade	Acabamento	Secção	Gume		Marcas de uso	
					Simetria	Convexidade	Gume	Talão
Fig. 8, nº. 1 ⁽¹⁾	Basalto	1	-	5	1	2	-	-
Fig. 9, nº. 1	Anfiboloxisto	2	2	5	-	-	-	1
Fig. 9, nº. 2	Anfiboloxisto	1	5	2	2	2	2	-
Fig. 9, nº. 3 ⁽²⁾	Anfiboloxisto(L)	1	2	6	2	2	2	1
Fig. 10, nº. 1	Anfiboloxisto	2	2	5	-	-	2	-
Fig. 12, nº. 3 ⁽³⁾	Anfiboloxisto	1	2	5	2	2	2	1
Fig. 12, nº. 4	Anfiboloxisto	1	2	4	2	2	2	1
Fig. 21, nº. 3	Cherte	2	1	3	-	-	-	-
Fig. 21, nº. 5	Anfiboloxisto	2	2	5	-	2	2	-
Fig. 22, nº. 1	Cherte(L)	2	1	3	1	1	1	-
Fig. 22, nº. 2	Anfiboloxisto	2	1	6	-	-	-	1
Fig. 22, nº. 3	Anfiboloxisto	2	1	5	1	2	2	-
Fig. 22, nº. 4	Anfiboloxisto (L)	2	3	5	2	2	3	-
Fig. 22, nº. 5	Anfiboloxisto	1	2	5	1	2	2	1
Fig. 22, nº. 6	Anfiboloxisto	1	1	5	2	2	2	1
Fig. 22, nº. 7	Cherte	2	2	5	1	2	1	-
Fig. 23, nº. 1	Anfiboloxisto	1	1	5		1	2	1
Fig. 23, nº. 2	Anfiboloxisto	1	1	3	1	2	1	1
Fig. 23, nº. 3 ⁽⁴⁾	Anfiboloxisto	1	1	5	1	2	2	1
Fig. 24, nº. 3	Andesito (L)	2	1	-	-	-	-	-

- (1) - Peça inacabada, desbastada numa "tábua" basáltica natural.
 (2) - Peça executada sobre metade de machado, partido acidentalmente.
 (3) - Gume reavivado, por polimento.
 (4) - Peça com marca de corte longitudinal por serragem.
 (L) - Executada lâmina.

QUADRO 6 - Martelos-percutores de Camada 3 - Calcolítico Inicial

	Matéria-Prima	Integridade	Acabamento	Secção
Fig. 15, n.º 3(1)	Anfiboloxisto	1	2	6
Fig. 16, n.º 1(2)	Anfiboloxisto	2	2	5
Fig. 16, n.º 2(3)	Anfiboloxisto	2	1	5
Fig. 16, n.º 3	Anfiboloxisto	2	5	
Fig. 17, n.º 1(4)	Anfiboloxisto	1	2	5
Fig. 17, n.º 2(1)	Anfiboloxisto	1	4	5
Fig. 17, n.º 3	Anfiboloxisto	1	2	5
Fig. 17, n.º 4(1)	Anfiboloxisto	1	4	5
Fig. 18, n.º 1	Anfiboloxisto	1	2	6
Fig. 18, n.º 2(4)	Anfiboloxisto	1	2	5
Fig. 18, n.º 3(4)	Anfiboloxisto	2	2	5
Fig. 19, n.º 1(1)	Anfiboloxisto	1	2	5
Fig. 19, n.º 3(4)	Anfiboloxisto	1	2	5
Fig. 19, n.º 4(4)	Anfiboloxisto	1	2	5
Fig. 20, n.º 2(4)	Anfiboloxisto	1	2	4
Fig. 20, n.º 3(2)	Anfiboloxisto	1	2	4
Fig. 25, n.º 1(3)	Basalto	1	2	4
Fig. 26, n.º 1(3)	Anfiboloxisto	3	2	4
Fig. 26, n.º 2	Basalto	3	2	4

- (1) - Sobre lingote ligeiramente polido.
 (2) - Sobre fragmento de enxó.
 (3) - Sobre machado ou enxó.
 (4) - Sobre machado.

QUADRO 7 - Escopros e formões da Camada 3 - Calcolítico Inicial

	Matéria-Prima	Integridade	Acabamento	Secção	Gume		Marcas de uso	
					Simetria	Convexidade	Gume	Talão
Escopros								
Fig. 23, n.º 4	Anfiboloxisto	1	1	5	1	2	1	1
Fig. 23, n.º 5	Anfiboloxisto	1	1	4	1	2	1	1
Fig. 23, n.º 6	Anfiboloxisto	1	1	4	2	2	2	1
Fig. 24, n.º 1	Cherte	2	1	1	1	1	1	-
Fig. 24, n.º 2	Anfiboloxisto	1	1	4	1	1	1	1
Fig. 24, n.º 4	Anfiboloxisto	1	2	5	-	-	2	3
Fig. 24, n.º 5	Anfiboloxisto	2	1	4	1	1	2	-
Fig. 24, n.º 6	Anfiboloxisto	1	1	4	1	2	1	2
Formões								
Fig. 24, n.º 7	Anfiboloxisto	1	2	4	1	1	1	3
Fig. 24, n.º 8	Anfiboloxisto	1	1	4	1	2	2	2
Escopros ou Formões								
Fig. 10, n.º 2	Traquito (L)	3	2	6	-	-	-	-

(L) - Executada lâmina.

**QUADRO 8 - Fragmentos de artefactos de pedra polida indetermináveis da Camada 3
- Calcolítico Inicial**

	Matéria-Prima	Acabamento	Secção
Fig. 13, nº. 2 ⁽¹⁾	Anfiboloxisto	2	5
Fig. 19, nº. 2	Anfiboloxisto (L)	2	5
Fig. 26, nº. 3	Anfiboloxisto	2	5

(1) - Com sulco polido para encabamento.

(L) - Executada lâmina.

3.3 - Calcolítico Pleno - Camada 2

À Camada 2, do Calcolítico Pleno da Estremadura, reportam-se os seguintes artefactos de pedra polida:

QUADRO 9 - Machados da Camada 2 - Calcolítico Pleno

	Matéria-Prima	Integridade	Acabamento	Secção	Gume		Marcas de uso	
					Simetria	Convexidade	Gume	Talão
Fig. 8, nº. 1 ⁽¹⁾	Basalto	1	-	5	1	2	-	-
Fig. 27, nº. 2	Anfiboloxisto	1	2	5	1	2	3	3
Fig. 28, nº. 1	Anfiboloxisto	1	2	5	2	2	3	3
Fig. 29, nº. 1	Anfiboloxisto	1	2	5	-	-	2	1
Fig. 30, nº. 2	Anfiboloxisto	1	2	5	2	1	2	1
Fig. 30, nº. 3	Anfiboloxisto	1	2	5	1	2	2	1
Fig. 30, nº. 4	Anfiboloxisto	2	2	5	2	2	2	-
Fig. 31, nº. 1	Anfiboloxisto	2	1	5	2	1	2	-
Fig. 31, nº. 2	Anfiboloxisto (L)	2	2	5	-	2	1	-
Fig. 31, nº. 4 ⁽¹⁾	Microssienito (L)	2	3	1	1	-	-	1
Fig. 32, nº. 1	Anfiboloxisto	1	1	5	1	2	1	1
Fig. 32, nº. 2	Anfiboloxisto	1	2	4	1	2	2	1
Fig. 32, nº. 2	Anfiboloxisto	1	2	4	1	2	2	1
Fig. 32, nº. 4	Anfiboloxisto (L)	2	2	4	1	2	2	1
Fig. 33, nº. 1	Anfiboloxisto	1	2	5	1	2	1	1
Fig. 33, nº. 2	cf. Dolerito	2	3	2	1	2	3	-
Fig. 33, nº. 4	Anfiboloxisto	1	2	5	1	2	3	1
Fig. 34, nº. 1	Anfiboloxisto	2	2	5	1	2	1	3
Fig. 35, nº. 1	Anfiboloxisto	2	1	5	-	2	3	3
Fig. 36, nº. 3	Anfiboloxisto	1	2	6	1	2	2	1
Fig. 37, nº. 2	Anfiboloxisto	1	2	4	1	2	3	3
Fig. 37, nº. 3	Anfiboloxisto	1	2	5	1	2	3	3
Fig. 37, nº. 4	Anfiboloxisto	1	2	5	2	2	3	3
Fig. 38, nº. 1	Anfiboloxisto	2	2	5	-	2	2	3
Fig. 38, nº. 3	Anfiboloxisto (L)	2	2	5	-	2	3	-
Fig. 45, nº. 4	cf. Dolerito	2	1	1	-	-	-	1
Fig. 45, nº. 6	cf. Dolerito	2	1	1	-	-	-	3
Fig. 46, nº. 3	Anfiboloxisto	1	3	5	1	2	2	2
Fig. 47, nº. 2	cf. Dolerito	1	3	2	1	2	3	1
Fig. 47, nº. 3	Anfiboloxisto	2	2	5	-	-	2	-
Superfície								
Fig. 48, nº. 1	Anfiboloxisto	2	2	5	-	-	3	3
Fig. 48, nº. 3	Anfiboloxisto	2	2	6	1	2	3	-

(1) - Possui marcas de fixação ao encabamento (polido de atrito). Pela sua tipologia arcaica, é possível que se trate de peça oriunda da Camada 4.

(L) - Executada lâmina.

QUADRO 10 - Enxós e sachos da Camada 2 - Calcolítico Pleno

	Matéria-Prima	Integridade	Acabamento	Secção	Gume		Marcas de uso	
					Simetria	Convexidade	Gume	Talão
Fig. 8, nº. 1 ⁽¹⁾	Basalto	1	-	5	1	2	-	-
Fig. 30, nº. 1	Anfiboloxisto	1	2	5	1	2	2	1
Fig. 30, nº. 5	cf. Dolerito	2	1	3	2	2	1	-
Fig. 30, nº. 6	Anfiboloxisto	1	1	5	2	1	2	-
Fig. 31, nº. 3	Anfiboloxisto (L)	2	1	5	-	2	1	-
Fig. 31, nº. 5	Anfiboloxisto	2	3	5	1	2	2	-
Fig. 32, nº. 3	Anfiboloxisto	1	2	5	-	2	2	1
Fig. 34, nº. 2	Anfiboloxisto	1	2	5	1	2	3	1
Fig. 34, nº. 3	Anfiboloxisto	1	2	6	1	2	2	1
Fig. 34, nº. 5	Anfiboloxisto	2	2	5	-	1	2	-
Fig. 38, nº. 4	Anfiboloxisto	2	1	5	2	2	2	-
Fig. 40, nº. 2	Anfiboloxisto	1	2	5	1	2	2	1
Fig. 40, nº. 3	Anfiboloxisto	1	1	4	2	2	3	1
Fig. 42, nº. 1	Anfiboloxisto (L)	2	1	5	1	2	2	-
Fig. 4 2, nº. 2	Anfiboloxisto (L)	2	1	5	-	-	-	1
Fig. 42, nº. 3 ⁽¹⁾	Anfiboloxisto	2	1	5	1	2	1	-
Fig. 42, nº. 4	Anfiboloxisto	1	1	5	1	2	1	1
Fig. 42, nº. 5	Cherte	2	2	3	1	1	2	-
Fig. 42, nº. 6	"Shale"(L)	2	2	5	-	2	2	-
Fig. 45, nº. 5	Anfiboloxisto	1	2	4	-	-	3	1
Superfície								
Fig. 48, nº. 2	Anfiboloxisto	1	1	5	1	1	3	1
Fig. 48, nº. 4	Anfiboloxisto	1	2	3	2	2	2	1

(1) - Possui pequeno sulco transversal para fixação do cabo.

(L) - Executada lâmina.

QUADRO 11 - Martelos transversais da Camada 2 - Calcolítico Pleno

	Matéria-Prima	Integridade	Acabamento	Secção	Gume		Marcas de uso	
					Simetria	Convexidade	Gume	Talão
Fig. 34, nº. 4	Anfiboloxisto (L)	1	2	5	1	2	4	1
Fig. 35, nº. 2	Anfiboloxisto	1	1	5	1	1	4	1
Fig. 35, nº. 3	Anfiboloxisto	1	1	5	1	1	4	1
Fig. 38, nº. 5	Anfiboloxisto	1	1	5	2	2	4	1
Fig. 39, nº. 1	Anfiboloxisto	1	2	5	1	2	4	1

(L) - Executada lâmina.

As peças designadas por martelos transversais caracterizam-se por grande homogeneidade tipológica, provindo todos os exemplares inventariados, sempre de anfibolito, da Camada 2 (exceptuando-se uma pequena peça oriunda da Camada 4, cuja única semelhança com estas é por também possuir o gume substituído por superfície polida, como estas, visto a respectiva tipologia, tamanho e matéria-prima serem diferentes). Todas apresentam secção transversal sub-rectangular, tamanho médio, e perfil longitudinal distal dissimétrico, semelhante ao das enxós (o que justifica a admissibilidade de serem encabadas em posição idêntica, e daí a designação, que propomos, de martelo transversal).

QUADRO 12 - Martelos da Camada 2 - Calcítico Pleno

	Matéria-Prima	Integridade	Acabamento	Secção	Marcas de uso	
					Gume	Talão
Fig. 27, nº. 1	Anfiboloxisto	1	2	5	3	3
Fig. 35, nº. 4	Anfiboloxisto	1	1	5	3	3
Fig. 36, nº. 1	Anfiboloxisto	1	2	5	3	3
Fig. 36, nº. 2	Anfiboloxisto	1	2	5	3	3
Fig. 36, nº. 4	Anfiboloxisto	2	2	5	3	3
Fig. 37, nº. 1	Anfiboloxisto	1	2	5	3	3
Fig. 38, nº. 6	Anfiboloxisto	2	2	5	3	-
Fig. 39, nº. 2	Anfiboloxisto	1	3	1	3	1
Fig. 39, nº. 3	Anfiboloxisto	1	1	5	3	3
Fig. 39, nº. 4	Anfiboloxisto	1	2	5	3	3
Fig. 40, nº. 1	Anfiboloxisto(L)	2	2	5	3	3
Fig. 40, nº. 4	Andesito(L)	1	2	5	3	3
Fig. 45, nº. 1	Anfiboloxisto	1	2	4	3	3
Fig. 46, nº. 1	Anfiboloxisto	1	2	5	2	1
Fig. 47, nº. 1 ⁽¹⁾	Basalto	1	2	3	3	3
Superfície						
Fig. 49, nº. 1 ⁽²⁾	Anfiboloxisto	1	4	4	3	3
Fig. 49, nº. 2 ⁽³⁾	Anfiboloxisto	1	2	5	2	2

(1) - Parece ter sido o único artefacto, dos observados, a ser primitivamente utilizado como martelo.

(2) - Trata-se de um lingote usado tal qual como percutor.

(3) - Pode ser considerado como "cunha", tendo presentes as marcas de lascamento existentes em ambas as faces.

(L) - Executada lâmina.

QUADRO 13 - Escopros, formões e goivas da Camada 2 - Calcolítico Pleno

	Matéria-Prima	Integridade	Acabamento	Secção	Gume		Marcas de uso	
					Simetria	Convexidade	Gume	Talão
Escopros								
Fig. 27, nº. 3	Anfiboloxisto	1	2	4	1	2	1	3
Fig. 28, nº. 2	Anfiboloxisto	2	2	4	-	-	-	1
Fig. 28, nº. 3	Anfiboloxisto	1	2	4	1	1	1	1
Fig. 29, nº. 2	Anfiboloxisto	1	1	4	2	2	2	3
Fig. 41, nº. 1	Anfiboloxisto (L)	2	2	4	-	-	2	2
Fig. 41, nº. 3	Anfiboloxisto	1	1	4	1	2	1	3
Fig. 41, nº. 4	Anfiboloxisto	2	1	5	1	1	2	-
Fig. 41, nº. 7	Anfiboloxisto (L)	1	2	4	1	2	2	3
Formões								
Fig. 41, nº. 2	Anfiboloxisto	2	1	6	2	2	1	-
Fig. 41, nº. 5	Anfiboloxisto	2	1	4	1	2	1	-
Fig. 41, nº. 8	Anfiboloxisto	1	1	5	1	2	1	1
Fig. 41, nº. 9	Anfiboloxisto	1	1	5	1	1	2	1
Inclassificáveis								
Fig. 45, nº. 3	Anfiboloxisto	3	1	4	-	-	-	2
Goivas								
Fig. 41, nº. 6	Anfiboloxisto	2	2	5	-	-	-	-

(L) - Executada lâmina.

Nalguns casos (Fig. 27, nº. 3, Fig. 28, nº. 2 e Fig. 41, nº. 7), a separação entre "escopro" e "machado" é problemática: não se conseguiu definir critério de separação rigoroso, com base na relação entre o comprimento e a largura, admitindo-se a existência de machados estreitos, de forma semelhante ao dos escopros e deste modo de difícil diferenciação destes últimos.

QUADRO 14 - Artefactos de pedra polida inclassificáveis da Camada 2 - Calcolítico Pleno

	Matéria-Prima	Integridade	Acabamento	Secção	Gume		Marcas de uso	
					Simetria	Convexidade	Gume	Talão
Fig. 28, nº. 4	Anfiboloxisto	3	2	1	-	2	3	-
Fig. 45, nº. 2	Anfiboloxisto	3	2	5	-	-	-	-
Fig. 46, nº. 6	Basalto	3	4	6	-	-	-	1
Fig. 46, nº. 4	Anfiboloxisto	3	1	-	-	-	-	3

4 - DISCUSSÃO

Neste capítulo, serão apresentadas as comparações proporcionadas pelo conjunto dos materiais recolhidos, sendo abordados, sucessivamente, os seguintes aspectos:

- 4.1 - Composição tipológica de cada conjunto;
- 4.2 - Evolução tipológica interna de cada tipo;
- 4.3 - Relação entre a petrografia e a tipologia;
- 4.4 - Variação no tempo das rochas utilizadas;
- 4.4 - Origens das rochas utilizadas.

4.1 - Composição tipológica de cada conjunto

Os resultados da análise tipológica, efectuada separadamente em cada um dos conjuntos de carácter cronológico-cultural anteriormente definidos, expressam-se no seguinte Quadro:

QUADRO 15 - Distribuição tipológica por conjuntos cronológico-culturais

	Machados	Enxós/ sachos	Martelos	Martelos transversais	Escopros e Formões	Goivas	Lingotes/ percutores	Inclassificados
Neolítico Final								
Camada 4	11	2	3	1	4	-	-	3
%	45,8	8,3	12,5	4,2	16,7			12,5
Calcolítico Inicial								
Camada 3	21	20	16	-	11	-	3	3
%	28,4	27,0	21,6		14,7		4,0	4,0
Calcolítico Pleno								
Camada 2	29	19	15	5	13	1	-	4
%	33,7	22,1	17,4	5,8	15,1	1,2		4,7
TOTAIS	61	41	34	6	28	1	3	10
%	33,2	22,3	18,5	3,3	15,2	0,5	1,6	5,4

Nos comentários sugeridos por este Quadro destaca-se, em primeiro lugar, a baixa percentagem de peças não classificadas, com um máximo (12,5%) no conjunto mais antigo. Do mesmo modo, é de assinalar a elevada percentagem de peças transformadas: apenas na Camada 3 se identificaram três lingotes de anfibolito, com baixo grau de afeiçoamento por polimento: foram utilizados tal qual,

como martelos ou percutores. Com efeito, é provável que o ténue polimento que ostentam corresponda ao afeiçoamento sumário dos blocos em bruto, antes da sua transformação definitiva em qualquer dos tipos considerados (Fig. 15, nº. 3; Fig. 17, nº. 2 e Fig. 17, nº. 4).

Os machados são o tipo de artefacto de pedra polida mais comum em qualquer dos conjuntos representados em Leceia. As respectivas percentagens variam na proporção inversa das correspondentes às enxós. Assim se explica o máximo observado no conjunto mais antigo, de 48,8%, no qual as enxós atigem o mínimo de 8,3%. Talvez este facto possua explicação: nos primórdios da ocupação do povoado importava, sobretudo, efectuar a desflorestação dos terrenos adjacentes, tendo em vista a criação de clareiras onde, depois, se pudesse fazer a agricultura ou a pastorícia. As pequenas variações observadas nas quantidades relativas de machados e enxós nos dois conjuntos calcolíticos parecem explicar-se por uma ulterior estabilização daquelas actividades, em torno do povoado, sendo, porém, em parte, também o reflexo da transformação dos machados em martelos, no estágio final da sua utilização, superior do que a observada nas enxós.

Assim sendo, é de aceitar como real o domínio dos machados face às enxós, apesar da elevada presença destas, testemunho da importante actividade de transformação da madeira na construção do dispositivo defensivo: paliçadas, portas, bem como na construção doméstica e na de embarcações, para além da confecção de instrumentos agrícolas, como charruas primitivas de madeira. A este propósito, importa salientar que as enxós com marcas de choques violentos no gume – supostamente devidos, ao menos em parte, à cava de solos pedregosos – é muito alta, tanto na Camada 2 (11 em 18 exemplares), como na Camada 3 (11 em 15 exemplares), tendo presentes apenas as peças que conservam a referida extremidade útil, o que legitima a sua classificação como sachos. Aliás, já na Camada 4 se recolheu artefacto com profundas marcas de impacto no gume (Fig. 4, nº. 5), também considerado como sacho.

É de registar, igualmente, a alta percentagem de martelos, correspondentes à reutilização de machados e de enxós, em ambas as camadas calcolíticas, a qual seria ainda maior, caso se considerassem todos os artefactos com vestígios de percussão nas extremidades. De facto, são numerosos os machados e enxós em tal situação, não sendo, porém, as marcas de percussão que ostentam, suficientemente intensas para justificarem a sua inclusão no grupo dos martelos. Esta situação sugere, de qualquer modo, um baixo grau de reavivamento dos gumes daqueles dois tipos de artefactos, situação que parece contrária à boa gestão e economia da matéria-prima, tendo presente, por um lado, que a larga maioria de tais peças são produzidas em anfibolitos, de importação por certo dispendiosa, e, por outro lado, que as tarefas ulteriormente por elas desempenhadas poderiam sê-lo por artefactos produzidos em rochas da região ou do próprio local, de mais fácil obtenção.

Entre as utilizações desempenhadas pelas peças globalmente integradas no grupo dos martelos, poderia contar-se a exploração de pedreiras e o trabalho de madeiras: nestes casos, justificar-se-ia a consideração de um sub-conjunto, o das "cunhas", cuja separação é problemática.

De referir, também, a presença de artefactos estreitos, de pequenas dimensões, em geral com acabamento cuidado, incluídos no grupo dos escopros e formões. Quase todos conservam os gumes em bom estado, com ligeiras marcas de percussão ou de lascamento, sugerindo o trabalho de matérias pouco duras, como a madeira. Ao contrário, as extremidades opostas mostram-se por vezes com evidentes marcas de percussão, ou intactas. No primeiro caso, receberiam directamente os golpes do martelo; no segundo, é de aceitar a existência de uma manga, que poderia ser de madeira ou de osso. Com efeito, alguns fragmentos de hastes de veado, potencialmente utilizadas como mangas, mostram marcas de percussão, compatíveis com tal utilização.

Ainda relacionado com o trabalho da madeira é o único fragmento de goiva (Fig. 24, n.º. 6) encontrado, oriundo da Camada 2. Tal raridade é indício de que as funções desempenhadas por este tipo de peças – escavamento e perfuração da madeira, trabalho do chifre e do osso – seriam asseguradas por outros artefactos, designadamente os formões.

4.2 - Evolução tipológica interna de cada tipo

A tipologia de certos artefactos de pedra polida tem sido tradicionalmente correlacionada com sucessivas etapas cronológico-culturais que supostamente seriam por ela caracterizadas; nesta linha de estudos, o destaque vai para a valorização da morfologia do grupo dos machados. O conjunto reunido em Leceia, com indicações estratigráficas precisas, revela-se de importância ímpar para a discussão, em bases sustentadas, desta importante e ainda não esclarecida questão.

Os machados do Neolítico Final revelam-se, predominantemente, de secção sub-rectangular (54,5%), embora em percentagem inferior à correspondente às duas fases calcolíticas subsequentes, onde atingem, respectivamente, 66,7% e 69,0%. Esta característica encontra-se directamente relacionada com a qualidade do acabamento. Assim, enquanto na camada mais antiga, apenas 45,5% dos machados se apresentam totalmente ou quase totalmente polidos (classes 1 e 2), tal percentagem sobe para 81,0% e 86,2%, respectivamente, para os conjuntos do Calcolítico Inicial e do Calcolítico Pleno. Pode, pois, concluir-se, que as secções circular ou elipsoidal, e o escasso polimento ou o polimento restrito apenas ao gume, são características arcaicas, presentes ainda nos machados da fase mais antiga representada em Leceia, as quais tendem a desaparecer no decurso do Calcolítico; esta situação seria ainda ser mais evidente, caso fosse possível eliminar as inevitáveis remobilizações de materiais verificadas em vastos povoados como o de Leceia, onde os processos pós-deposicionais – erosão, sedimentação, redeposição – tiveram por certo grande importância.

No concernente aos restantes tipos de artefactos, verifica-se que o grupo das enxós não evidencia evolução tipológica tão marcada como o anterior. Os dois exemplares do Neolítico Final possuem secção achatada a lenticular e polimento total, característica dominante nos exemplares coevos das necrópoles estremenhas, evidenciada nas peças recolhidas na Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO,

1992). Já as enxós do Calcolítico Inicial de Leceia, mostram secções predominantemente sub-retangulares (63,2%), situação que se acentua no Calcolítico Pleno (73,7%), mantendo-se, em ambos os grupos calcolíticos, polimento de qualidade em geral boa. Em conclusão, pode aceitar-se evolução das secções das enxós das achatadas/lenticulares para as sub-retangulares, acompanhando a observada nos machados.

Outros atributos que foram investigados, tanto nos machados como nas enxós, respeitam à simetria e convexidade do gume. No QUADRO 16 relacionam-se tais atributos entre si:

QUADRO 16 - Relação entre simetria e convexidade dos gumes de machados e de enxós

Gumes	Camada 4	Camada 3	Camada 2
Machados			
Gumes simétricos	81,8%	82,4%	71,4%
Gumes convexos	30,0%	11,8%	8,3%
Enxós			
Gumes simétricos	n. r.	57,1%	69,2%
Gumes convexos	n. r.	13,3%	17,6%

n.r. - exemplares em número não representativo.

Face aos resultados obtidos, verifica-se que os gumes simétricos são mais frequentes nos machados do que nas enxós, facto que poderá encontrar-se relacionado com a actuação da lâmina: uma lâmina, cortando obliquamente e na horizontal, como nas enxós, seria mais eficaz do que no caso em que todo o seu comprimento penetrasse ao mesmo tempo na matéria: é o mesmo princípio que explica a obliquidade das lâminas das guilhotinas francesas do período revolucionário. Por outro lado, as enxós exibem, mais frequentemente que os machados, gumes convexos, com excepção das peças recolhidas na camada mais antiga, cuja escassez pode estar na origem de tal anomalia.

Em termos diacrónicos, verifica-se existir, no decurso do Calcolítico, um decréscimo da simetria dos gumes dos machados, ao contrário do observado nas enxós, enquanto a convexidade varia, no tempo, de maneira inversa, com decréscimo nos machados e aumento nas enxós. No entanto, vistos isoladamente cada conjunto, conclui-se existir proporcionalidade entre a convexidade e a simetria nos gumes tanto de machados como de enxós. Por outras palavras, quanto mais convexos, mais simétricos se apresentam os gumes de ambos os referidos tipos de artefactos.

4.3 - Relação entre a petrografia e a tipologia

Desde cedo se manifestou em Portugal a preocupação de conhecer a natureza petrográfica dos

artefactos de pedra polida. Isto mesmo transparece de diversos estudos pioneiros, entre os quais a própria monografia de Carlos Ribeiro dedicada a Leceia (RIBEIRO, 1878). Porém, o primeiro trabalho que, em Portugal, abordou a relação entre a natureza petrográfica dos artefactos e a respectiva tipologia, deveu-se ao signatário (CARDOSO, 1996) e refere-se ao conjunto do Neolítico Final da necrópole em gruta natural da Lapa do Bugio, Sesimbra. Verificou-se que, enquanto os machados se apresentavam exclusivamente confeccionados em rochas anfíbolíticas, as enxós, mais espalmadas, eram de vulcanitos ácidos negros, compactos e de textura afírica. Neste estudo, de características pioneiras, procurou-se ainda relacionar os tipos petrográficos, identificados em lâmina delgada ao microscópio de luz polarizada, com as respectivas proveniências, preocupação que teve continuidade em trabalho dedicado aos materiais de Leceia, seguindo a mesma metodologia, com base em conjunto de peças previamente seleccionadas, tanto das escavações dirigidas pelo signatário, como da vasta colecção, desprovida de estratigrafia, conservada no Museu Nacional de Arqueologia (CARDOSO & CARVALHOSA, 1995). Se, em tal trabalho, ficou cabalmente caracterizada a distribuição percentual de cada tipo petrográfico, já a questão da eventual correlação entre a natureza das rochas e a tipologia, apenas foi sumariamente abordada; importa, assim, retomar tal questão, perspectivando-a em termos diacrónicos, o que só é possível com base em elementos estratigráficos.

Considerando os principais tipos de artefactos identificados agora valorizados, a situação encontrada entre a tipologia, a petrografia e a cronologia (expressa pela estratigrafia), é a seguinte:

QUADRO 18 - Relação entre tipologia, petrografia e cronologia dos principais tipos de artefactos de pedra polida

Machados	Anfiboloxistos (%)
Neolítico Final	54,5
Calcolítico Inicial	76,2
Calcolítico Pleno	79,3
Enxós	
Neolítico Final	0 (apenas dois exemplares recolhidos)
Calcolítico Inicial	75,0
Calcolítico Pleno	84,2
Escopros e Formões	
Neolítico Final	100 (apenas quatro exemplares recolhidos)
Calcolítico Inicial	81,8
Calcolítico Pleno	100
Martelos	
Neolítico Final	100 (apenas três exemplares recolhidos)
Calcolítico Inicial	89,5
Calcolítico Pleno	86,7

As conclusões proporcionadas por estes resultados podem, resumidamente, apresentar-se do seguinte modo:

1 - Não se observam desvios significativos na preferência por anfiboloxistos entre machados e enxós, com excepção do conjunto do Neolítico Final onde, das duas enxós recolhidas, nenhuma é de anfiboloxisto. Salvaguardando as necessárias reservas, devidas á escassez da amostra, verifica-se que este facto é consentâneo com a realidade observada na Lapa do Bugio, concluindo-se, deste modo, que, no decurso do Neolítico Final da Estremadura, existiria nítida preferência pelas rochas lávicas afiricas, para a confecção de enxós, a qual se perderia no Calcolítico, passando tais peças a serem predominantemente de anfiboloxistos, como os machados;

2 - A confecção de escopros e formões requeria, mais do que os machados e enxós, rochas de elevada tenacidade e resistência; daí a nítida preferência por anfiboloxistos, mais acentuada que a verificada nos machados e enxós;

3 - Tal como o grupo anterior, também o dos martelos denota incidência mais acentuada de anfiboloxistos face aos machados e enxós. Estas diferenças deixam em aberto duas possibilidades:

- tendo presente que a larga maioria dos martelos deriva da reutilização de machados e enxós, apenas os anfiboloxistos seriam objecto de reaproveitamento, pela sua elevada dureza;

- por pequena que seja, aceita-se a hipótese de parte dos martelos corresponder a peças primárias, confeccionadas preferencialmente em anfiboloxistos, pelas razões apontadas supra.

4.4 - Variação no tempo das rochas utilizadas

A discussão deste assunto é da maior relevância no quadro da caracterização da economia calcolítica da Estremadura portuguesa. Com efeito, sendo esta região pobre em rochas duras adequadas à confecção de artefactos de pedra polida, impunha-se a importação de tais rochas, de modo à satisfação das actividades do quotidiano, ao nível requerido de eficácia.

Já anteriormente (CARDOSO & CARVALHOSA, 1995) se tinha evidenciado tal realidade, correspondente à presença insistente de anfiboloxistos em Leceia: cerca de 75% do total de artefactos de pedra polida, com base na análise petrográfica em lâmina delgada de conjunto criteriosamente seleccionado. Importava, porém, melhorar a qualidade dos resultados, nomeadamente ao nível da definição de eventuais variações observadas, no decurso dos cerca de mil anos de ocupação do sítio, no abastecimento/aquisição das respectivas matérias-primas. Este objectivo só seria conseguido caso se dispusesse de conjunto numeroso, completo e referenciado estratigraficamente, condições a que apenas os presentes materiais, recolhidos nas escavações dirigidas pelo signatário, poderiam dar resposta.

Assim sendo, tomando como referência as classificações petrográficas em lâmina delgada anteriormente publicadas (CARDOSO & CARVALHOSA, 1995), procurou-se, por comparação directa, com base em exame macroscópico, classificar as restantes peças do conjunto exumado. Naturalmente, este critério não possibilitou classificação pormenorizada, designadamente das rochas

ígneas regionais; porém, revelou-se suficiente para a separação entre estas rochas e os anfiboloxistos, cujos resultados permitiram as seguintes conclusões:

À Camada 4 (Neolítico Final), pertencem 24 artefactos de pedra polida. Destes, 14 são anfiboloxistos, distribuindo-se os restantes pelos seguintes grupos petrográficos: rochas doleríticas - 3; chertes (silexitos) - 7. Os dois últimos tipos de rochas são de origem local ou regional, encontrando-se ambos disponíveis na região estremenha. No conjunto, 58,3% das rochas utilizadas na confecção de artefactos de pedra polida da ocupação mais antiga de Leceia, são importações do Maciço Hespérico e correspondem a anfiboloxistos.

À Camada 3 (Calcolítico Inicial) pertencem 74 artefactos de pedra polida, sendo 60 de anfiboloxisto. Os restantes distribuem-se pelos seguintes grupos petrográficos: rochas doleríticas - 2; chertes (silexitos) - 6; basaltos - 4; andesito - 1; traquito - 1. No conjunto, 81,1% das matérias-primas identificadas são importações, consubstanciadas por anfiboloxistos. Observa-se, contudo, um aumento da variedade no recurso a rochas duras de origem local ou regional: é o caso dos basaltos, dos andesitos e dos traquitos, que não faziam parte do conjunto anterior (o que, talvez em certa medida se possa explicar pela menor dimensão daquela amostra).

À Camada 2 (Calcolítico Pleno) atribuíram-se 86 peças, assim distribuídas, do ponto de vista petrográfico: doleritos - 6; cherte (silexito) - 1; microssienito - 1; xisto argiloso ("shale") - 1; andesito - 1; basalto - 2. As peças restantes são de rochas do grupo dos anfiboloxistos, atingindo a percentagem de 86,0%.

Os resultados indicados evidenciam nítido acréscimo da importância, no decurso da vida do povoado, do grupo dos anfiboloxistos, a qual, como se disse, corresponde a três fases culturais distintas e a um intervalo de cerca de 1000 anos. A explicação para tal situação deve ser procurada por duas vias distintas: a natureza específica destas rochas, que explicam a nítida preferência que se lhes concedeu; e as condições que viabilizaram o seu aprovisionamento. Relativamente ao primeiro aspecto, é nítida a superioridade mecânica dos anfiboloxistos face às rochas duras existentes na região da Baixa Estremadura, a que Leceia pertence. Na explicação da nítida preferência por anfiboloxistos, deve considerar-se a crescente necessidade de matérias-primas de superior qualidade, no quadro da intensificação económica que caracterizou todo o 3º. Milénio AC na área estremenha; designadamente, o aumento das produções agrícolas, requeria a existência de artefactos de qualidade adequada, conferida por tais rochas (machados, enxós, sachos, entre outros) cuja existência, aliás, remonta ao Neolítico Antigo da Estremadura, como se verificou na gruta do Caldeirão, Tomar (ZILHÃO, 1992).

Por outro lado, a obtenção, em quantidades assinaláveis, destas rochas, só poderia concretizar-se através de permutas de excedentes de produção, os quais tanto poderiam ser de origem agrícola (cereais, frutos secos) como geológica (silex). Com efeito, já anteriormente (CARDOSO, 1997) foi assinalada a possibilidade de as rochas anfibolíticas serem obtidas por permuta do silex, o qual era explorado junto do próprio povoado de Leceia. Ali, não só existem testemunhos directos de tais explo-

rações (CARDOSO & COSTA, 1992; CARDOSO & NORTON, 1997/1998), como também se reconheceram artefactos de sílex estremenho no espólio de estações alentejanas coevas, para além de cerâmicas decoradas características da Estremadura: é o caso de exemplares do tipo "folha de acácia" recolhidos no povoado calcolítico do Monte da Tumba, Torrão (SILVA & SOARES, 1987, Fig. 25, n.º 9, 10, 11). Acompanhantes dos anfiboloxistos, também ocorrem, subordinadamente, pontas de seta de xisto jaspóide, avermelhado, cuja origem alentejana é igualmente segura, as quais, ainda que não indispensáveis às actividades quotidianas das populações estremenhas, detinham, nalguns casos, inegável valor estético, que poderia justificar a sua importação, como efectivamente aconteceu.

Contudo, a aparente quantidade de anfiboloxistos presentes em Leceia, tal como em muitos outros povoados estremenhos, esbate-se, tendo presente o factor tempo. Com efeito, mesmo no auge das permutas, verificado no Calcólítico, situável entre cerca de 2900 e 2400 anos AC, documentaram-se apenas 134 peças de anfiboloxisto, o que corresponde a uma importação média de 0,27 peças/ano, admitindo-se uma ocupação constante do povoado, o que parece não estar longe da realidade. Mesmo considerando as cerca de 400 peças de Leceia que se guardam no Museu Nacional de Arqueologia e no Museu do Instituto Geológico e Mineiro – cuja proveniência estrita do povoado pré-histórico não é segura – a média anual de "importações" não ultrapassa uma peça/ano, o que é manifestamente pouco, contrariando definitivamente a ideia de importações maciças, permanentes e estáveis da referida matéria-prima. Sem dúvida, a sua presença generalizada e dominante na Estremadura, no decurso do 3.º Milénio AC, significa que existiriam sistemas de exploração e distribuição organizados, onde esta circulação específica se encontrava integrada numa realidade muito mais alargada, exprimindo-se por processos complexos de interacção supra-regionais de carácter cultural, de base seguramente económica.

Por outras palavras: a existência de anfiboloxistos em quantidades assinaláveis nos povoados estremenhos só pode ser explicada no quadro de uma vasta rede de intercâmbios, na qual esta realidade se integrava; não é, desta forma, possível, explicar a sua existência separadamente de um conjunto de realidades materiais muito diversas, entre as quais algumas de índole cultural ou ideológica, como é o caso da presença das bem conhecidas placas de xisto alentejanas em estações do Neolítico Final da Estremadura. Contudo, não se podem confundir as duas situações: sem dúvida que o motivo que presidiu à importação, num sistema integrado de trocas, de anfiboloxistos, por parte das comunidades neolíticas e calcolíticas estremenhas, foi ditado por necessidades objectivas de estas populações disporem de uma matéria-prima com características adequadas às suas actividades produtivas, cada vez mais exigentes: se o seu número não é superior, é porque ele respondia eficazmente ao nível requerido, em termos de necessidades, e não pela incapacidade logística ou material de aumentar as produções e a sua ulterior distribuição. Não se pode partilhar, tão-pouco, da recente atribuição simbólica, dada à ocorrência na Estremadura de tais rochas, transformadas em artefactos como os estudados (LILLIOS, 2000), a qual é contrariada pela própria realidade, tão frequentemente menosprezada pela construção teórica (quando era justamente o contrário que deveria verificar-se).

Resumindo, trata-se de um exemplo relevante do abastecimento transregional de uma matéria-

prima, que hoje diríamos de importância "estratégica", no quadro da intensificação económica calcolítica, que o mesmo é dizer da interacção cultural, que caracterizou todo o Calcolítico peninsular.

4.5 - Fontes de abastecimento da matéria-prima

Aspecto importante é o da distribuição geográfica das rochas anfíbolíticas na parte ocidental do Maciço Hespérico, assunto já anteriormente objecto de discussão (CARDOSO & CARVALHOSA, 1995).

A significativa amostragem então observada destas rochas, em lâmina delgada ao microscópio de luz polarizada, permitiu a apresentação das seguintes conclusões gerais, no concernentes às características petrográficas do conjunto utilizado em Leceia para o fabrico de artefactos de pedra polida:

- presença de xistosidade, mais ou menos pronunciada;
- granularidade fina;
- paragénese mineralógica constituída normalmente por hornblenda verde azulada \pm actinolite e plagioclase (albite-oligoclase ou oligoclase ácida). Nalguns casos, ocorre subordinadamente o epidoto-zoizite. Acessoriamente, encontrou-se minério opaco, esfena e apatite;
- raramente, observa-se a presença de minerais residuais (plagioclase), sugerindo origem ortoderivada (metadoleritos?);
- do ponto de vista petrográfico, trata-se de um conjunto homogéneo, diferindo apenas no conteúdo de feldspato, integrando-se no grupo de rochas epimetamórficas (low-grade-amphibolites), na maior parte de fácies albite-epidoto-anfíbolítica, cuja proveniência se situa no soco cristalino hercínico.

Além dos caracteres gerais referidos, as rochas anfíbolíticas presentes em Leceia denotam, habitualmente, acentuada foliação, sendo constituídas essencialmente por hornblenda em associação com a plagioclase e algum epidoto.

As anfíbolas encontram-se representadas, sobretudo, pela hornblenda verde-azulada, frequentemente acompanhada de actinolite, ocorrendo em prismas alongados com orientação preferencialmente paralela (xistosidade). Por vezes, a hornblenda constitui megablastos que podem estar associados a grânulos de epidoto.

A plagioclase tem normalmente a composição de oligoclase, por vezes sódica. Ocorre em cristais sub-idioblásticos; outras vezes, é anédrica, constituindo agregados granoblásticos com o quartzo, ou apresentando-se em grãos intersticiais.

Outros constituintes podem estar presentes em quantidades variáveis, tais como o epidoto-zoizite, quartzo e biotite. Além destes, ocorrem subordinadamente a magnetite, ilmenite, pirite, apatite e esfena. A clorite aparece como mineral secundário.

Raramente, verifica-se que estas rochas correspondem a metabasitos com características residuais ainda bem patentes, como sejam as hastes de plagioclase substituídas por epidoto e os agregados cloríticos preenchendo as vesículas, o que patenteia a origem ortoderivada de algumas destas rochas verdes.

Tendo presentes as características petrográficas apontadas – cuja observação só se tornou possível através do estudo sistemático ao nível a que este foi efectuado – procurou-se situar geograficamente as diversas regiões onde poderiam obter-se as rochas em causa, elegendo, naturalmente, como mais prováveis, aquelas que se situam mais estreitamente relacionadas com a Baixa Estremadura. Deste modo, de Norte para Sul isolaram-se as seguintes fontes potenciais de abastecimento (Fig. 53):

Abrantes: os anfiboloxistos afloram próximo da cidade de Abrantes, correspondendo a bandas intercaladas nos xistos da Série Negra (Pré-Câmbrico Superior), atravessadas pelo rio Tejo. Alguns afloramentos epizonais do topo da série pré-câmbrica, poderiam fornecer rochas do tipo das encontradas em Leceia.

Ponte de Sor: próximo da albufeira da barragem do Maranhão e junto ou muito próximo da ribeira de Seda, observa-se novamente a associação de anfibolitos aos xistos da Série Negra, de metamorfismo de grau médio a baixo. Também os anfibolitos e metabasitos do Complexo Vulcano – Sedimentar de Santo António (Câmbrico) são da mesma fácies e paragénese mineralógica dos materiais estudados.

Montargil: anfibolitos maciços e xistos verdes anfibólicos, em ambos os casos semelhantes a materiais de Leceia, observam-se próximo ou junto da albufeira da barragem de Montargil (ribeira de Sôr), intercalados na série xisto-psamítica de idade câmbrica.

Avis: junto da barragem do Maranhão, tanto perto de Avis como em Santo António de Alcorrego, conhecem-se passagens de rochas anfibolíticas intercaladas nos xistos do Silúrico, cujas características são muito próximas das exibidas pelos materiais de Leceia.

Montemor-o-Novo: nos chamados "xistos verdes de Silveiras", observáveis próximo da estação de caminho de ferro de Cabrela e da Estrada Nacional Vendas Novas-Montemor-o Novo, apesar das diferenças texturais e da variabilidade das associações mineralógicas observadas, encontram-se rochas de características semelhantes às de Leceia. Também nas proximidades de Cabrela, a sul de Vendas Novas, ocorrem anfiboloxistos associados a xistos siliciosos da Formação do Pulo do Lobo (Devónico Inferior?), de características semelhantes às dos anteriores.

Região a Sul de Grândola: nesta região, mais distante de Leceia que as anteriores, ocorrem xistos verdes, correspondendo habitualmente a metatufos máficos que sofreram deformação e metamorfismo de baixo grau. Trata-se de rochas de natureza espilitica que, devido ao fraco metamorfismo sofrido, apresentam numerosas estruturas e minerais residuais. Este tipo de rochas é bastante diferente dos materiais estudados de Leceia, pelo que se deverá eliminar a hipótese de terem fornecido a matéria-prima ali utilizada.

Em conclusão: as áreas de exploração mais prováveis, susceptíveis de terem fornecido as rochas anfibolíticas utilizadas em Leceia são os afloramentos pré-câmbricos e silúricos existentes na bordadura oriental da bacia cenozóica do Tejo. É interessante notar que, em qualquer dos casos, tais afloramentos se situam perto ou ao longo das linhas de água mais importantes tributárias ou sub-tributárias do Tejo, ou mesmo no Tejo, junto de Abrantes. Não custa admitir que os respectivos vales ou as próprias linhas de água tenham sido utilizadas como vias principais para o transporte de mercadorias, através de embarcações fluviais, com destaque para o grande rio peninsular que já então se afirmava plenamente como eixo principal de comércio desta e de outras matérias primas de difusão transregional.

Importa destacar o facto de as conclusões ora apresentadas, além das obtidas anteriormente (CARDOSO & CARVALHOSA, 1995) se basearem, por um lado, no estudo petrográfico meticoloso dos materiais exumados e, por outro, em informações de pormenor baseadas na cartografia geológica executada por um dos autores daquele trabalho (A. B. C.) nas regiões potencialmente mais favoráveis à obtenção da matéria-prima.

Com efeito, só assim foi possível avançar na discussão da questão em apreço com bases credíveis e com o nível de resolução exigido pela própria natureza dos dados. Outras aproximações a esta problemática, publicadas ulteriormente àquele estudo (LILLIOS, 2000), limitaram-se, como a autora declara, à classificação macroscópica dos artefactos (de entre os quais avulta o numeroso conjunto sem indicações estratigráficas e apenas reportados genericamente a Leceia, das colecções do Museu Nacional de Arqueologia) e à caracterização sumária da geologia do sector ocidental do Maciço Hespérico de onde supostamente seriam oriundos. Assim sendo, tais observações em nada contribuem para a discussão da questão, ao nível a que ela deveria ter sido abordada, perguntando-se, afinal, para que serviram os machados, mutilados para a obtenção de lâminas delgadas, sacrificados sem qualquer proveito, das colecções do Museu Nacional de Arqueologia.

Além de irrelevantes, as conclusões apresentadas por K. Lillios afiguram-se, mesmo, erróneas, sob diversos aspectos, em consequência do método de trabalho expedito, obviamente insuficiente para dar resposta cabal à questão da origem das matérias-primas. Assim, a indicação pela Autora de duas zonas como fontes potenciais de abastecimento da região estremenha (*op. cit.*, Fig. 1) – a Norte, a "Morais-Bragança Ophiolitic Zone"; a Sul, sector oriental da "Ossa-Morena Metavolcanic Zone" – não são, na verdade, as que funcionaram, como áreas de aprovisionamento provável das rochas em causa, como resultou claramente do presente estudo, bem como do que o antecedeu (CARDOSO & CARVALHOSA, 1995): aquelas encontravam-se mais perto, na bordura da bacia do Tejo.

A preocupação essencial das populações estremenhas responsáveis pela importação de rochas anfibolíticas, como as sediadas em Leceia, era de ordem prática, a qual foi já devidamente justificada. Também a este nível o estudo de K. Lillios se revela erróneo. Introduzir qualquer outra ordem de razões no uso de tais rochas, com recurso a argumentos fantasiosos e inteiramente indemonstráveis, como o de terem tais populações origens alentejanas, sublinhando, simbolicamente, as suas raízes com o uso

de rochas dali oriundas (LILLIOS, 2000), não merece sequer discussão sendo, mesmo, ridículo. Sem dúvida que as populações calcólicas estremenhas se encontravam em contacto assíduo e directo com outras comunidades que, na mesma época ocupavam o interior alto-alentejano; como atrás se referiu, entre ambas as áreas culturais circulavam ideias, matérias-primas e mesmo artefactos, tanto de uso corrente como simbólico (paradigmáticas são as supra mencionadas placas de xisto alentejanas em necrópoles estremenhas), num processo de interacção cultural característico do Calcolítico, mas iniciado muito antes e também identificado, na mesma época, noutras regiões do País.

A existência de lingotes em bruto ou com pequena transformação por polimento em Leceia, ainda que em escasso número, permite concluir que, ao menos, uma parte da utensilagem seria fabricada localmente. O alto índice de transformação detectado – apenas 3 lingotes e, ainda assim, utilizados directamente como percutores, entre 184 artefactos – bem como a elevada incidência de peças de anfíbrito reutilizadas como martelos, permite concluir que se tratava de um bem apreciado, que justificava conservação e aproveitamento até ao limite do possível. É assim que se explica o reaproveitamento de artefactos partidos no decurso do trabalho, como o de machado que, depois de seccionado acidentalmente a todo o comprimento, foi transformado em enxó (Fig. 9, nº. 13). A este propósito, cabe ainda referir que a frequência com que na área intramuros se acham lascas de anfíbrito resultantes de pancadas violentas, algumas conservando ainda parte dos gumes originais tem paralelos no Castro de Santiago, Fornos de Algodres (VALERA, 1997), onde foram interpretadas como relacionadas com a preparação e desbaste de blocos líticos utilizados na construção das próprias estruturas defensivas: o mesmo poderia ter acontecido em Leceia.

Do já referido Castro de Santiago, povoado calcolítico da Beira Alta, A. Valera deu a conhecer treze lingotes de rochas duras (grupo dos xistos verdes): embora a origem destes materiais seja ainda incerta, poderiam ser preparados no local de extração ou em oficinas especializadas, próximo das fontes de matéria-prima; mais para Sul, foram identificados lingotes anfibolíticos no povoado da Rexaldia, Alto Ribatejo (PEREIRA, 1999, p. 44) e no do Outeiro de S. Mamede, Óbidos (informação prestada por Júlio Roque Carreira) e, por certo, outros casos se poderiam indicar, no Alto Alentejo, região onde se localizam as fontes essenciais de matérias-primas utilizadas na Estremadura. A tal propósito é de referir que, na região do Alto Reno, se evidenciou a existência de concentrações de peças esboçadas em povoados situados a dois dias de viagem das pedreiras, que parecem corresponder a zonas de armazenagem e de acabamento por polimento (Pétrequin & Jeunesse, 1995, *in* PEREIRA, 1999).

A morfologia dos três lingotes de anfíbrito recolhidos na Camada 3, nas escavações dirigidas pelo signatário em Leceia (Fig. 15, nº. 3; Fig. 17, nº. 2; e Fig. 17, nº. 4), denotam transformação por polimento (como alguns exemplares do Castro de Santiago), a que se junta o recolhido à superfície (Fig. 49, nº. 1), sendo este muito mais fruste, apesar da morfologia geral ser semelhante: trata-se de peças curtas e espessas, de contorno sub-trapezoidal, a partir das quais se poderiam obter, por desbaste e polimento, machados curtos e espessos, de tipologia frequente em Leceia. De notar que o

exemplar mais transformado por polimento ostenta a extremidade distal partida intencionalmente, ocupada por superfície côncava (Fig. 15, n.º 3), obtida por percussão. Assim, à semelhança do notado em exemplares do Castro de Santiago, também os lingotes de Leceia, originalmente de maior comprimento, seriam partidos transversalmente, tendo em vista a obtenção de blocos mais consentâneos com as dimensões e formatos dos artefactos pretendidos. Não é, porém, possível, determinar o local em que esta operação se efectuava: se em Leceia, se nas próprias áreas de obtenção da matéria-prima.

É interessante referir que a única peça assimilável a um fragmento de lingote não anfibolítico corresponde a peça de basalto, incompleta, com desbaste por bojadagem (Fig. 46, n.º 2), obviamente de origem local.

No concernente às rochas não anfibolíticas, como a referida, o seu aprovisionamento fez-se num aro que poderia não ter ultrapassado, para Norte, o paralelo de Mafra: as suas características petrográficas, grandemente potenciadas pela observação da rica colecção de região de Leceia, conservada no Museu Nacional de Arqueologia, reunida nas décadas de 1920 e 1930 por Abílio Roseira, foram objecto de identificação cuidadosa, recorrendo a uma selecção de exemplares onde se obtiveram amostras para observação petrográfica em lâmina delgada; remete-se, por isso, o leitor, para as conclusões então obtidas (CARDOSO & CARVALHOSA, 1995). A inferior qualidade destas rochas expressa-se pela pouca importância que detêm face aos anfibolitos, conforme anteriormente se referiu.

Em síntese, este trabalho correspondeu ao desenvolvimento de considerações e conclusões anteriormente apresentadas, interessando agora a totalidade dos artefactos de pedra polida recolhidos nas dezoito campanhas de escavações dirigidas pelo signatário em Leceia desde 1983 a 2000, perfazendo 184 exemplares. Tendo presentes o número significativo e as informações estratigráficas associadas a cada um deles, foi possível apresentar, pela primeira vez, diversas conclusões relativas à evolução no tempo das tipologias e da utilização das próprias matérias-primas, correspondendo a intervalo de cerca de 1000 anos e a três fases culturais distintas, a saber: o Neolítico Final; o Calcolítico Inicial; e o Calcolítico Pleno da Estremadura.

As conclusões obtidas evidenciaram o alto interesse na prossecução de estudos desta índole – desde que utilizando as técnicas científicas adequadas, tanto no laboratório, como no campo (o que exige naturalmente conhecimentos aprofundados das condições geológicas de vastas regiões, ou a colaboração efectiva de quem os detenha, situação que não se tem verificado noutros estudos) – em ordem à caracterização racional, da vida económica das populações calcolíticas da Estremadura portuguesa, estreitamente articuladas com as suas equivalentes do interior alto-alentejano, como conclusões ora apresentadas bem evidenciaram.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, J. L. (1980/1981) – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa/Portugal). Estudo da

- coleção do Escultor Álvaro de Brée. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 90: 211-304. 91: 190-233.
- CARDOSO, J. L. (1984) – Breve nota sobre um artefacto pré-histórico encontrado na serra de Sintra. *Arquivo de Cascais*. Cascais. 5: 65-67.
- CARDOSO, J. L. (1989) – Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1988. Oeiras: *Câmara Municipal de Oeiras*, 146 p.
- CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10: 89-225.
- CARDOSO, J.L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. Número Especial, 164 p.
- CARDOSO, J. L. (1996) – A Georquologia - fundamentos e métodos. Sua aplicação em Portugal. *Al – madan*. Almada. Série II, 5:70-77.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras, 128 p.
- CARDOSO, J. L. (2000) – The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 19 (1): 37-55.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHOSA, A. B. (1995) – Estudos petrográficos de artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Análises de proveniências. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5: 123-151.
- CARDOSO, J. L. & COSTA, J. B. (1992) – Estação pré-histórica de Barotas (Oeiras). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10: 229-245.
- CARDOSO, J. L. & NORTON, J. (1997/1998) – A oficina de talhe do sílex do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7: 35-45.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. M. (1996) – Chronologie absolue pour le Néolithique et le Chalcolithique de l'Estremadura portugaise. La contribution de Leceia. *Révue d'Archéométrie*. Rennes. Supplément 1996: 45-50.
- CHOFFAT, P. (1951) – *Planches et coupes géologiques de la région éruptive au Nord du Tage*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, publicação póstuma.
- COONEY, G. & MANDAL, S. (1998) – *The Irish stone axe project*. Monograph 1. Wicklow: Wordwell, Ltd. 229 p.
- Le ROUX, C.-T. (1999) – *L'outillage de pierre polie en métadolerite du type A - les ateliers de Plussulien (Côtes -d'Armor)*. Travaux du Laboratoire d'Anthropologie, Préhistoire et Quaternaire Armoricains. Rennes: Université de Rennes I, 244 p.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura, 322 p.
- LILLIOS, K. T. (2000) – A biographical approach to the Ethnogeology of Late Prehistoric Portugal. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 57 (1): 19-28.
- MORATE, J. L. B. *et al.* (1987) – El instrumental lítico pulimentado calcolítico de la comarca noroeste de Murcia. Algunas implicaciones socio-económicas del estudio estadístico de su petrología y morfología. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 44: 87-142.
- PEREIRA, J. M. (1999) – *Os artefactos de pedra polida do Almonda ao Zézere (marcas do povoado*

- mento da região). Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2 vol., vol. 1 (texto), 192 p.
- RIBEIRO, C. (1878) – *Notícia de algumas estações e monumentos prehistoricos. I - Notícia da estação humana de Licêa*. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa, 69 p.
- RICQ-de-BOUARD, M. (1983) – *Les outils lithiques polis du sud de la France*. Paris: CNRS, 37 p.
- SEMENOV, S. A. (1970) – *Prehistoric technology. An experimental study of the oldest tools and artefacts from traces of manufacture and wear*. Bath: Adam & Dart, 211 p.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. 1 – Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8: 29-79.
- SOARES, A. M. M. & CARDOSO, J. L. (1995) – Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5: 263-276.
- VASCONCELLOS, J. L. (1922) – Encabamento de instrumentos de pedra prehistoricos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 25: 288-298.
- VALERA, A. C. (1997) – *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): aspectos da calcolitização da bacia do Alto Mondego*. Lisboa: Câmara Municipal de Fornos de Algodres (Textos Monográficos 1), 192 p.
- ZILHÃO, J. (1992) – *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. Trabalhos de Arqueologia. Lisboa. 6, 326.p.

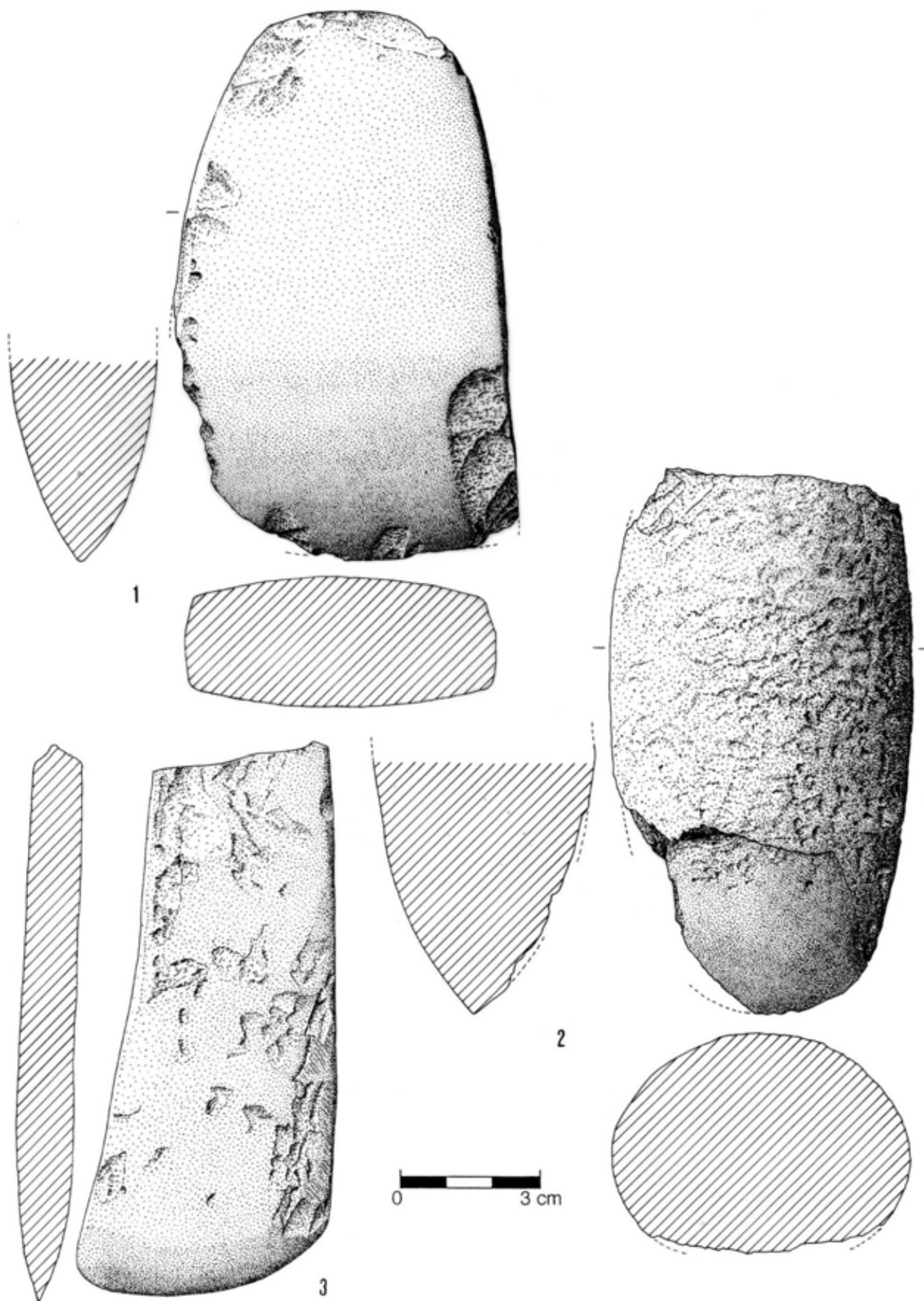


Fig. 1 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 4 (Neolítico Final).

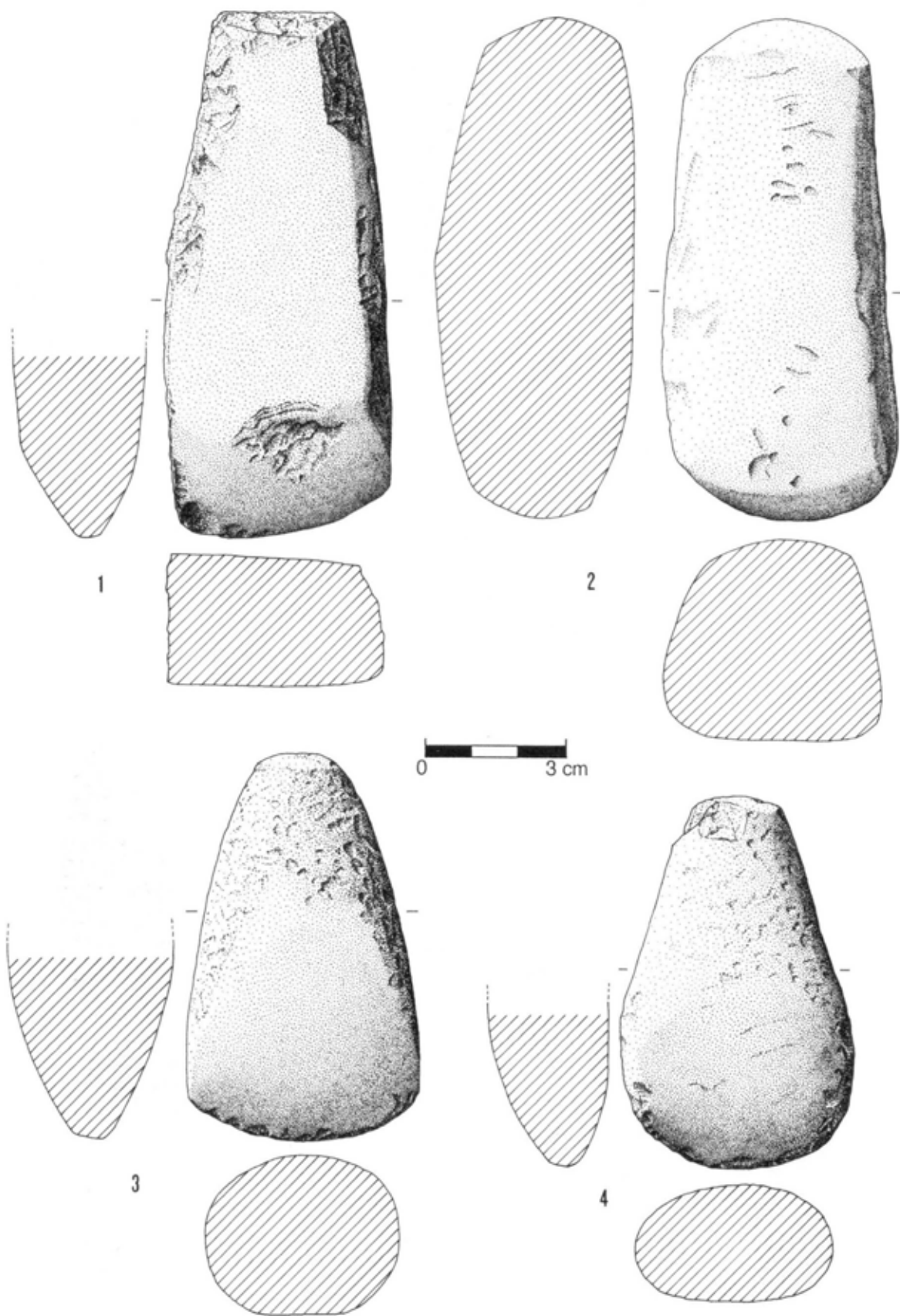


Fig. 2 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 4 (Neolítico Final).

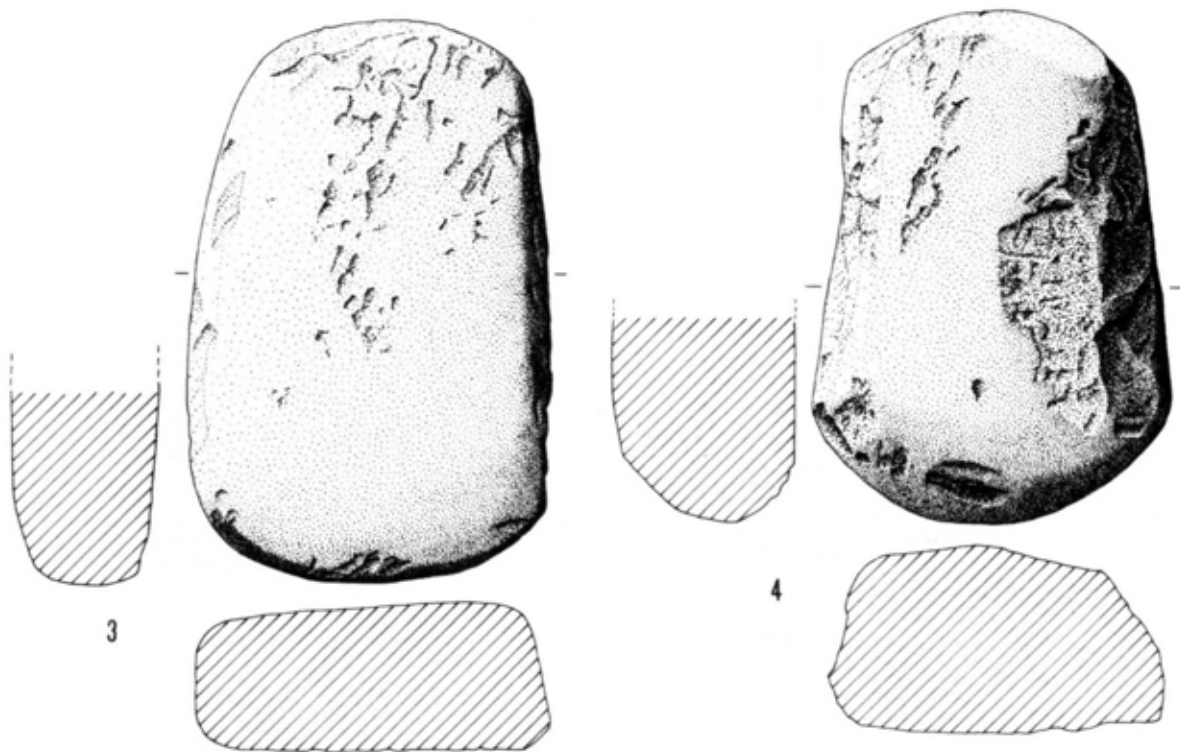
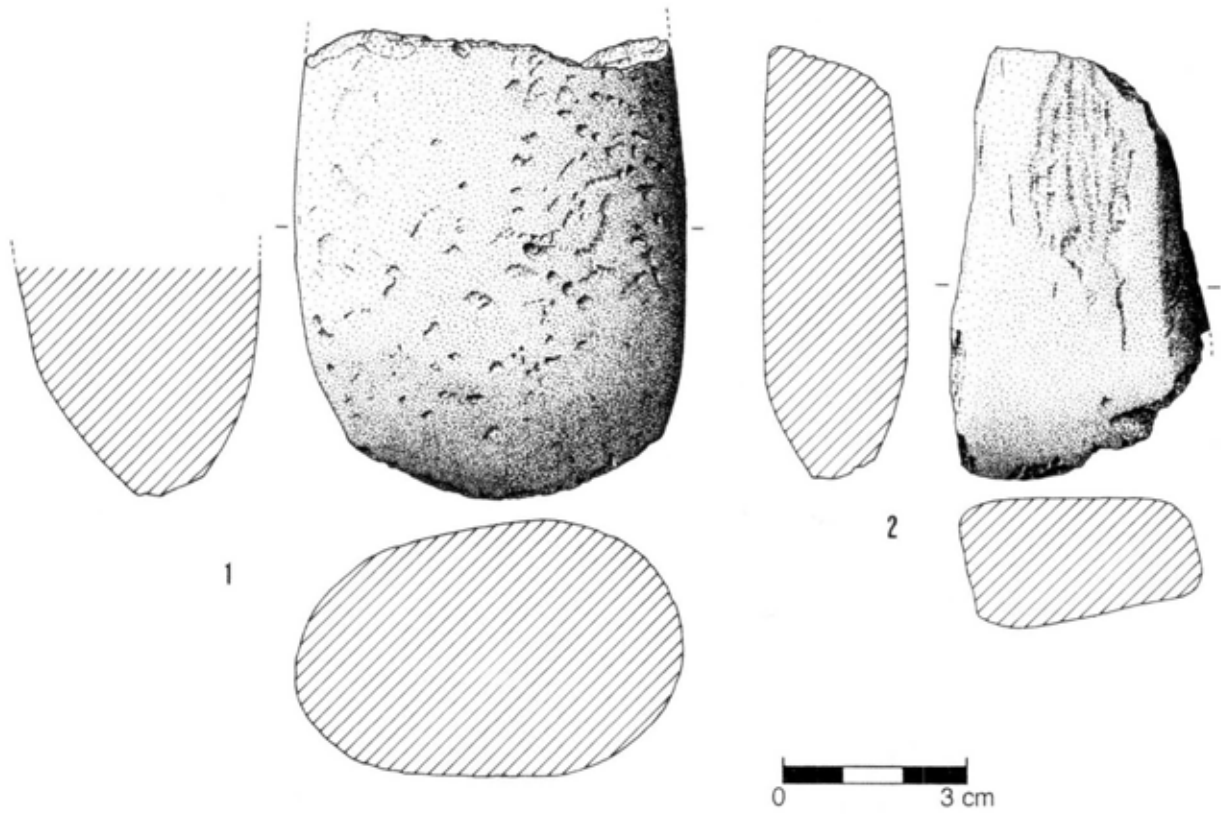


Fig. 3 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 4 (Neolítico Final).

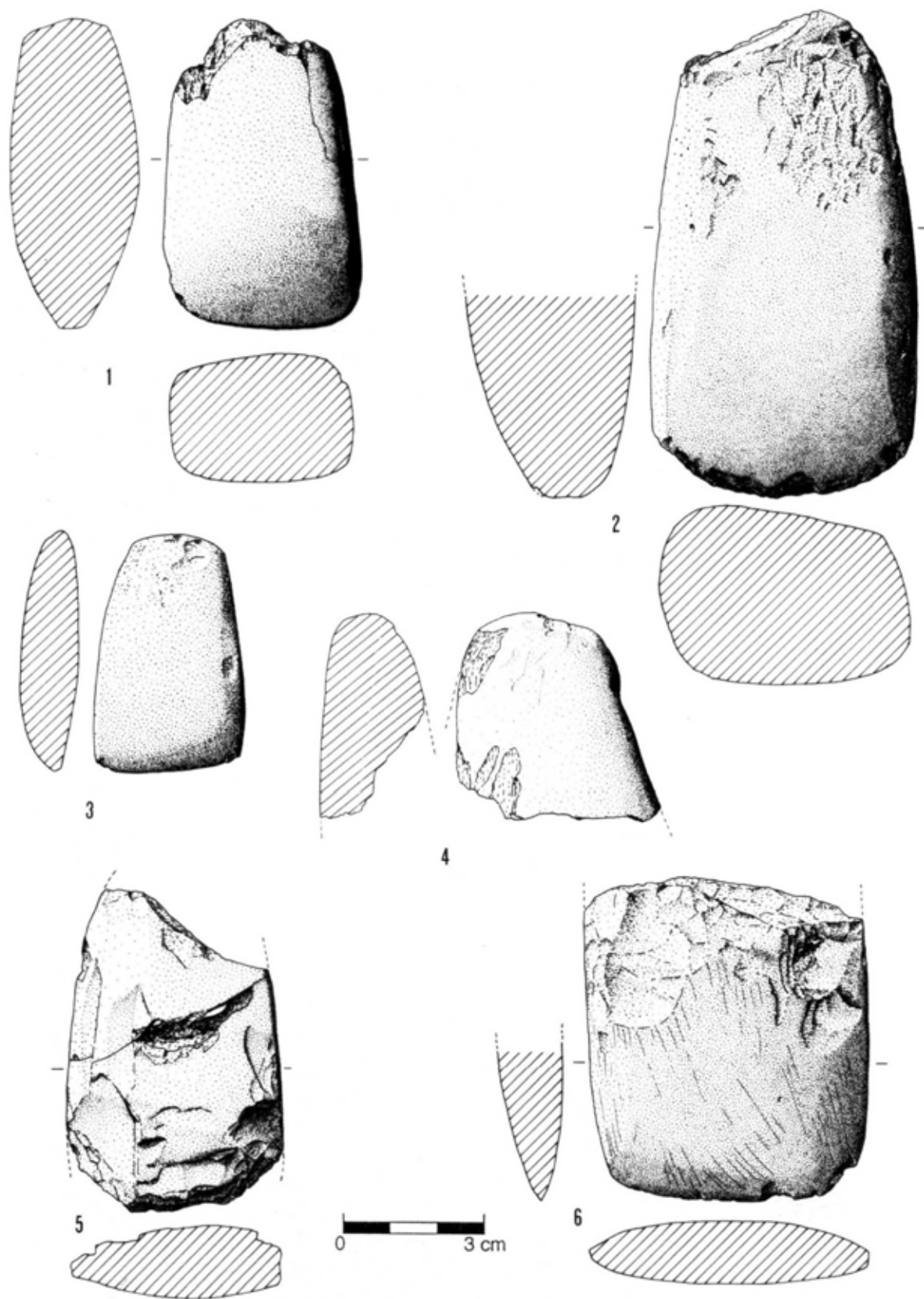


Fig. 4 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 4 (Neolítico Final).

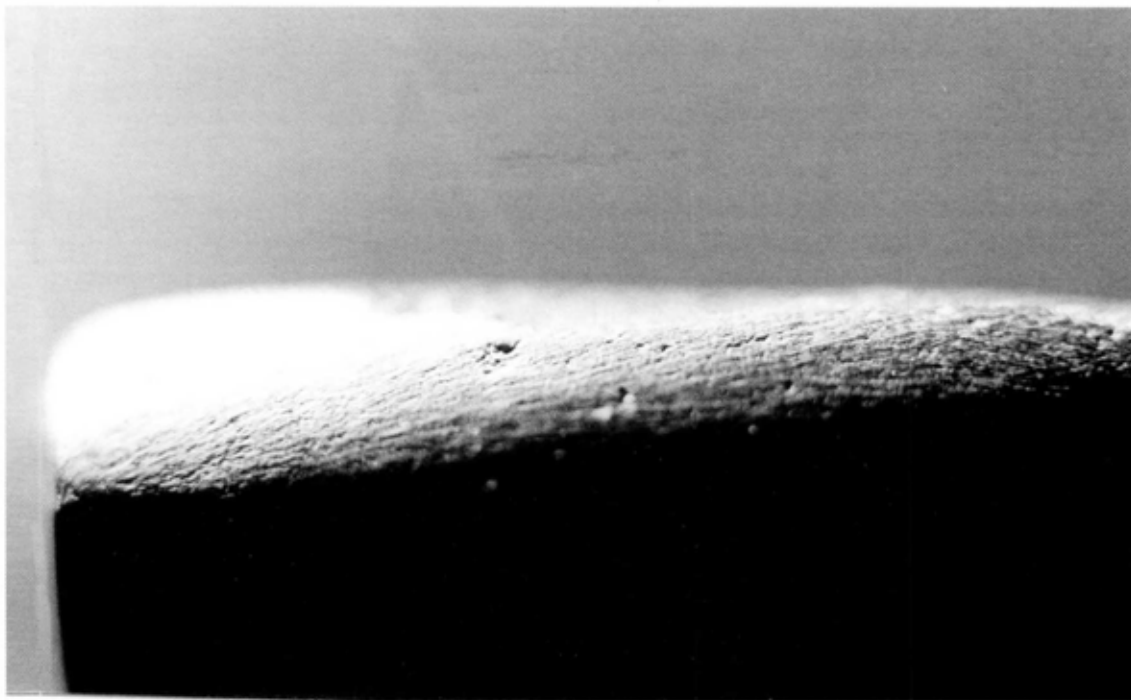


Fig. 5 - Macrofotografia de martelo transversal (ver Fig. 39, n.º 1), evidenciando finas estrias oblíquas (de uso ou polimento?). Camada 2 (Calcolítico Pleno). Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 6 - Macrofotografia de martelo transversal (ver Fig. 39, n.º 5), evidenciando finas estrias longitudinais, atribuíveis à utilização da peça. Camada 2 (Calcolítico Pleno). Foto de J.L. Cardoso.

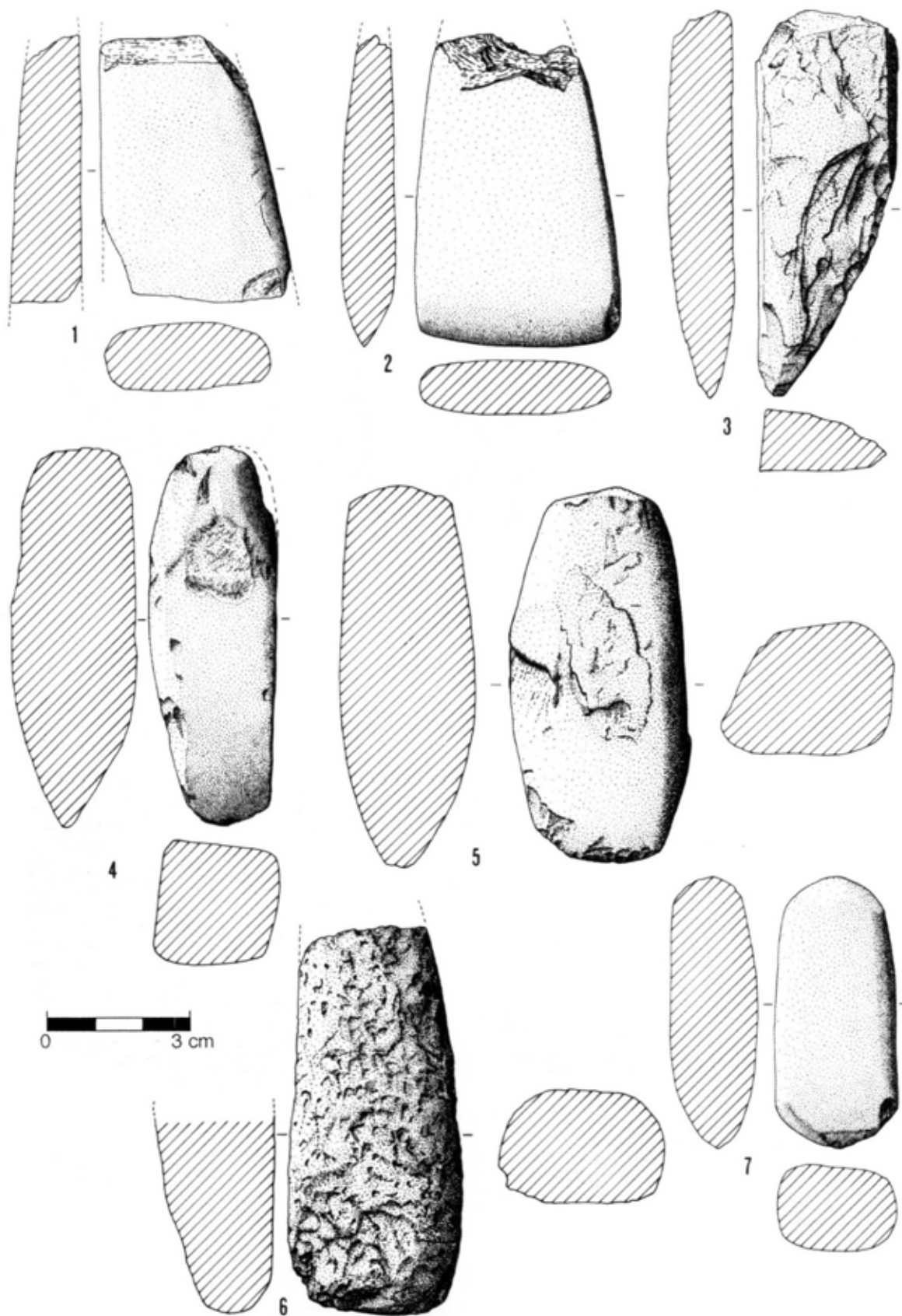


Fig. 7 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 4 (Neolítico Final).

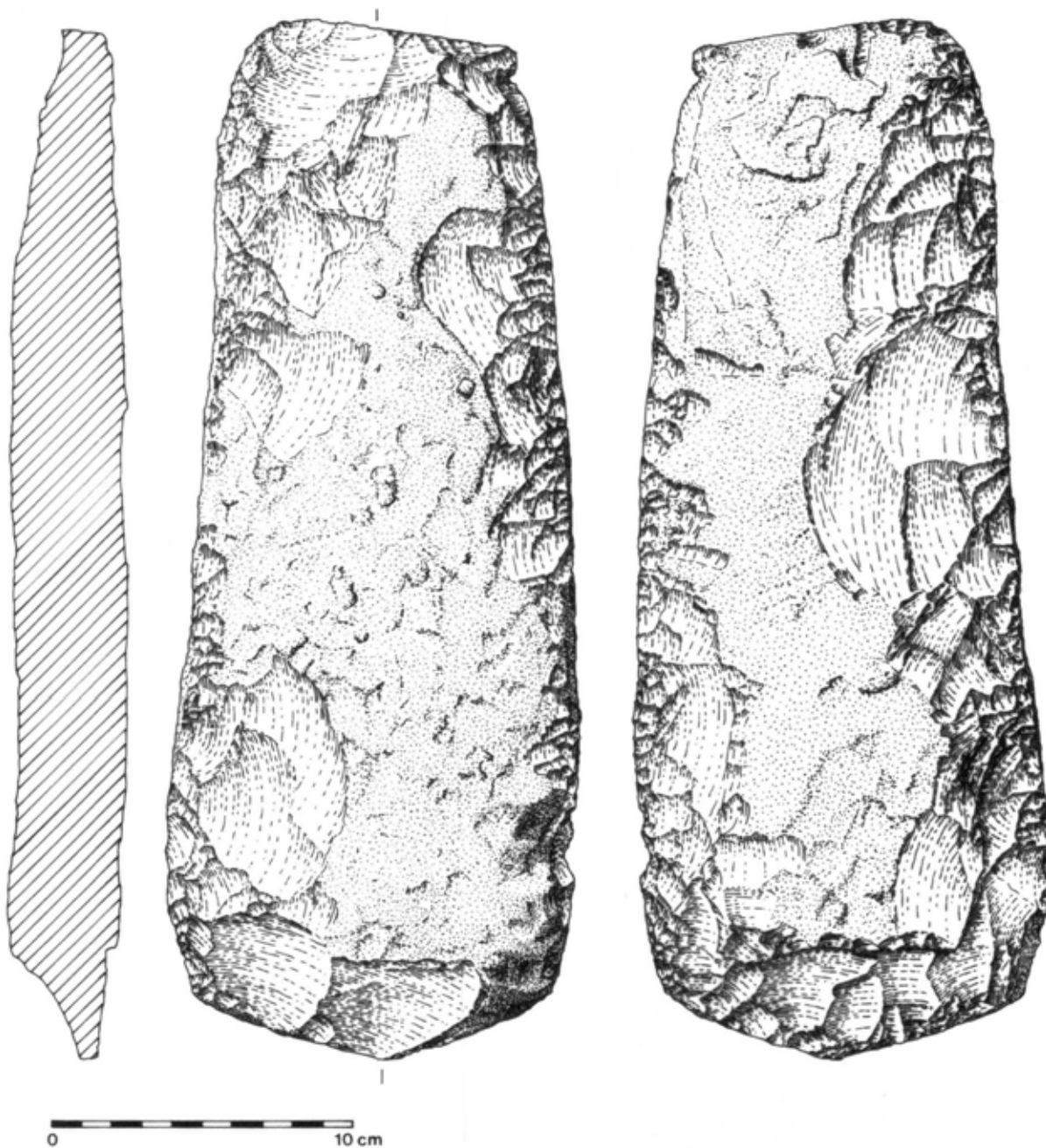


Fig. 8 - Esboço de enxó sobre tábuia de basalto, de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).

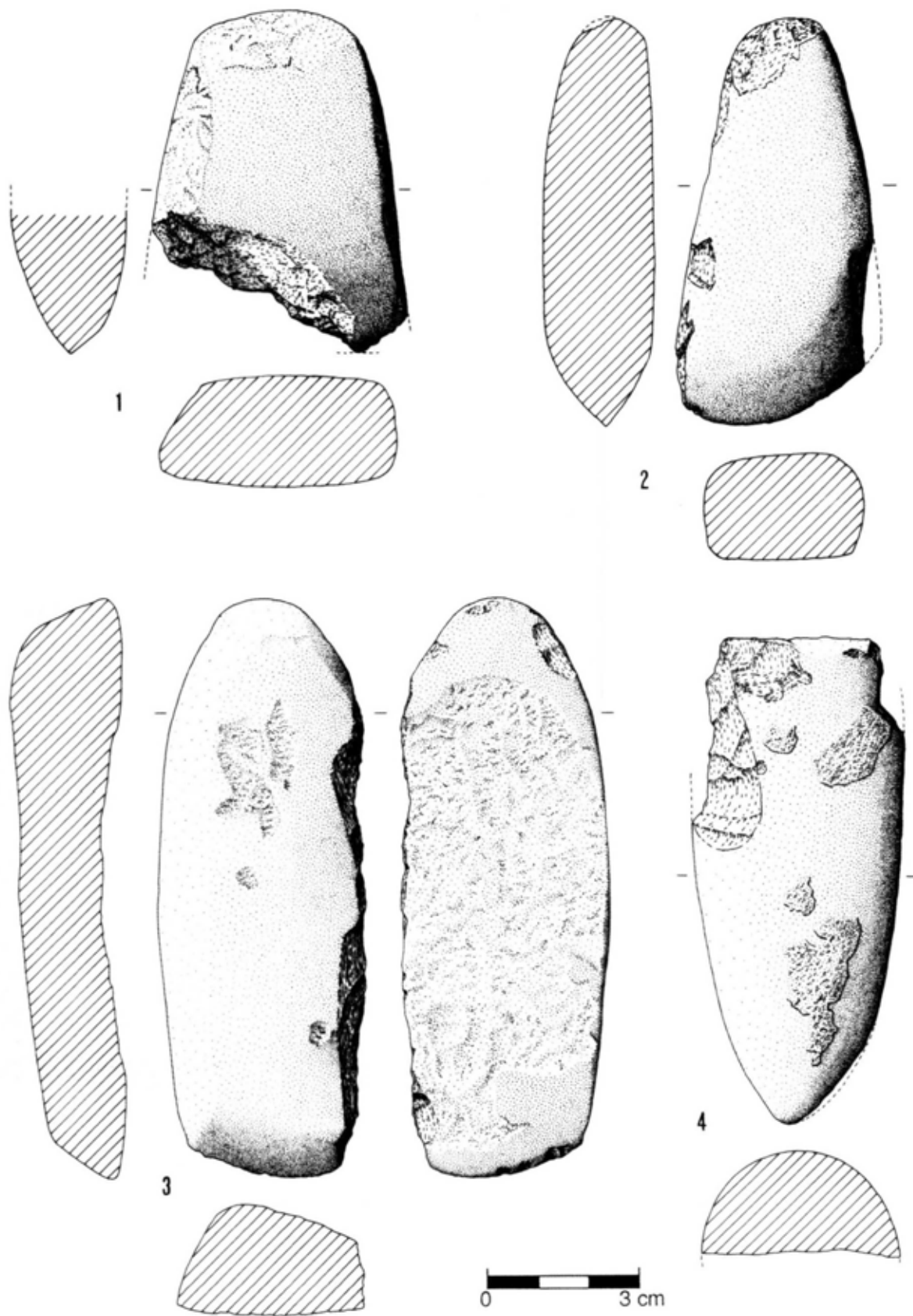


Fig. 9 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).

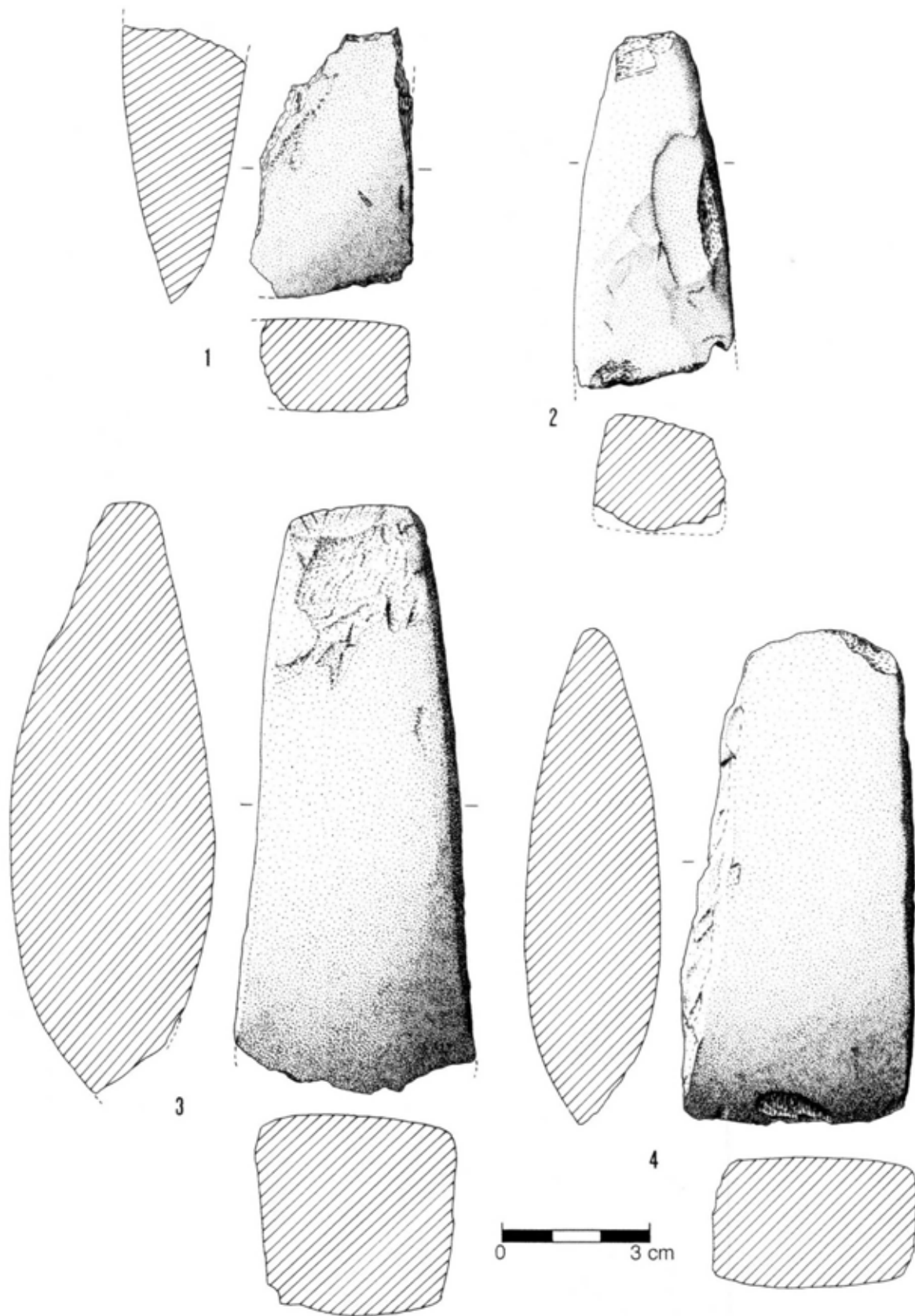


Fig. 10 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).

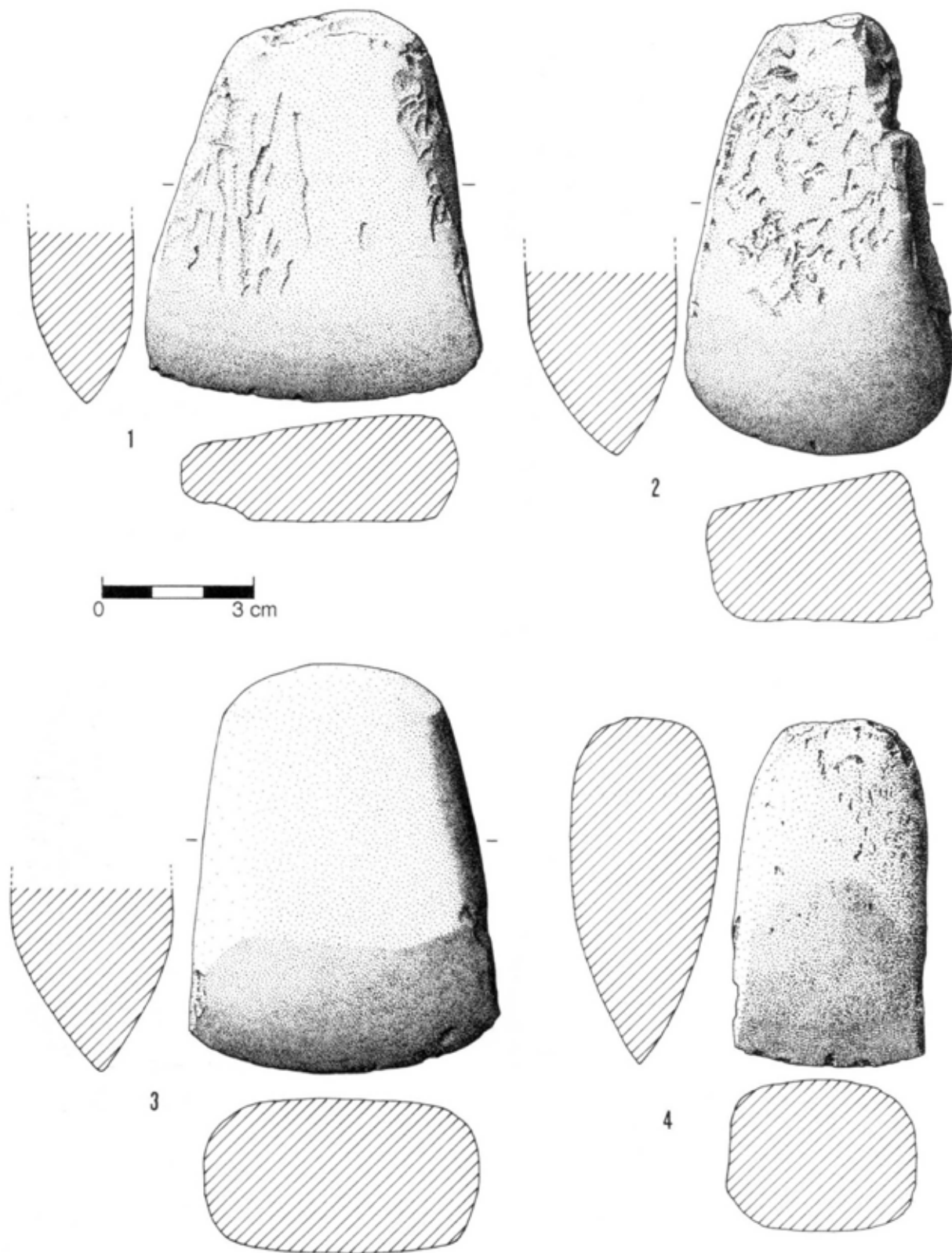


Fig. 11 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).



Fig. 12 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).

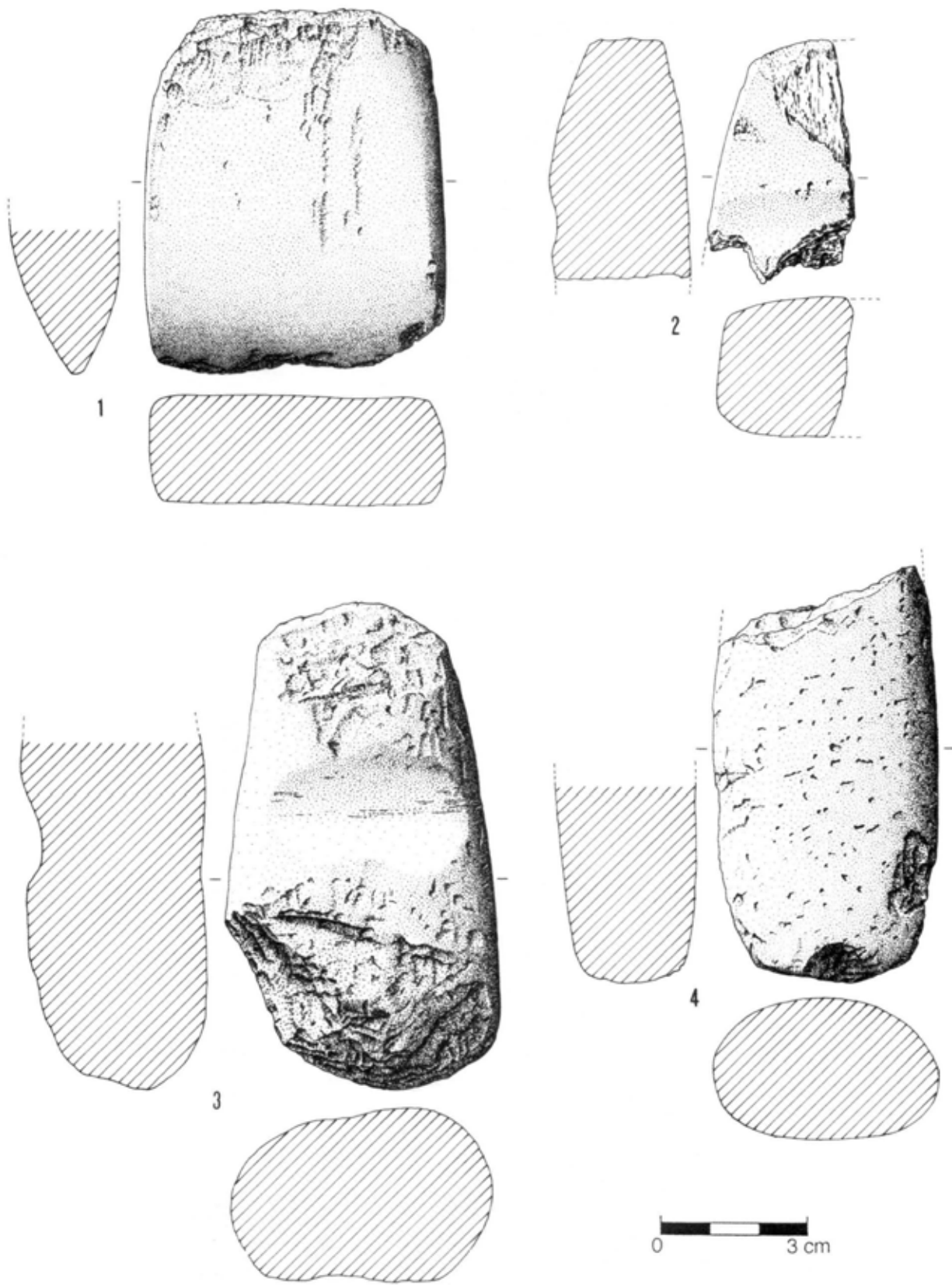


Fig. 13 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).

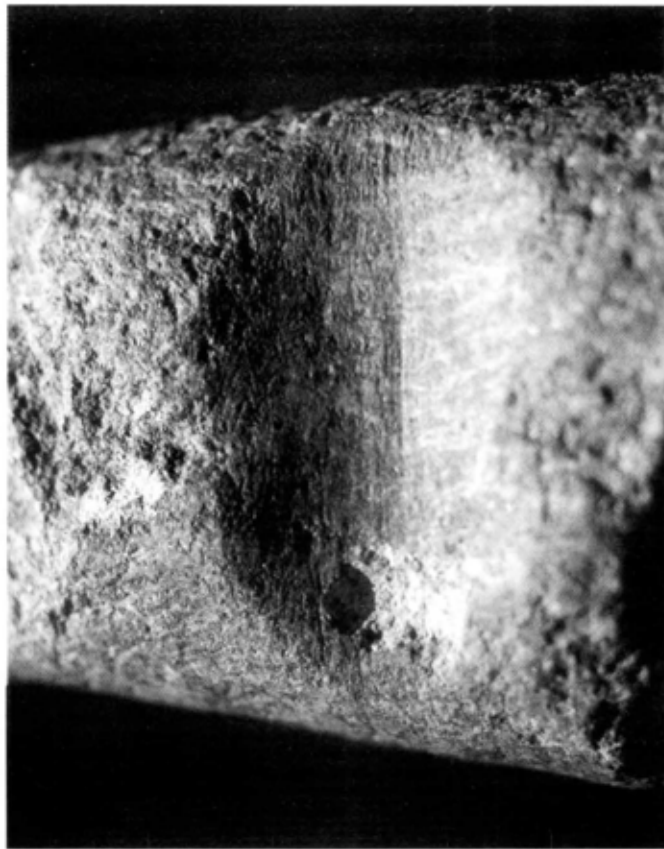


Fig. 14 - Macrofotografia do sulco transversal aberto por abrasão numa das faces do machado representado na Fig. 13, n.º 4. Camada 3 (Calcolítico Inicial). Fotos de J.L. Cardoso.

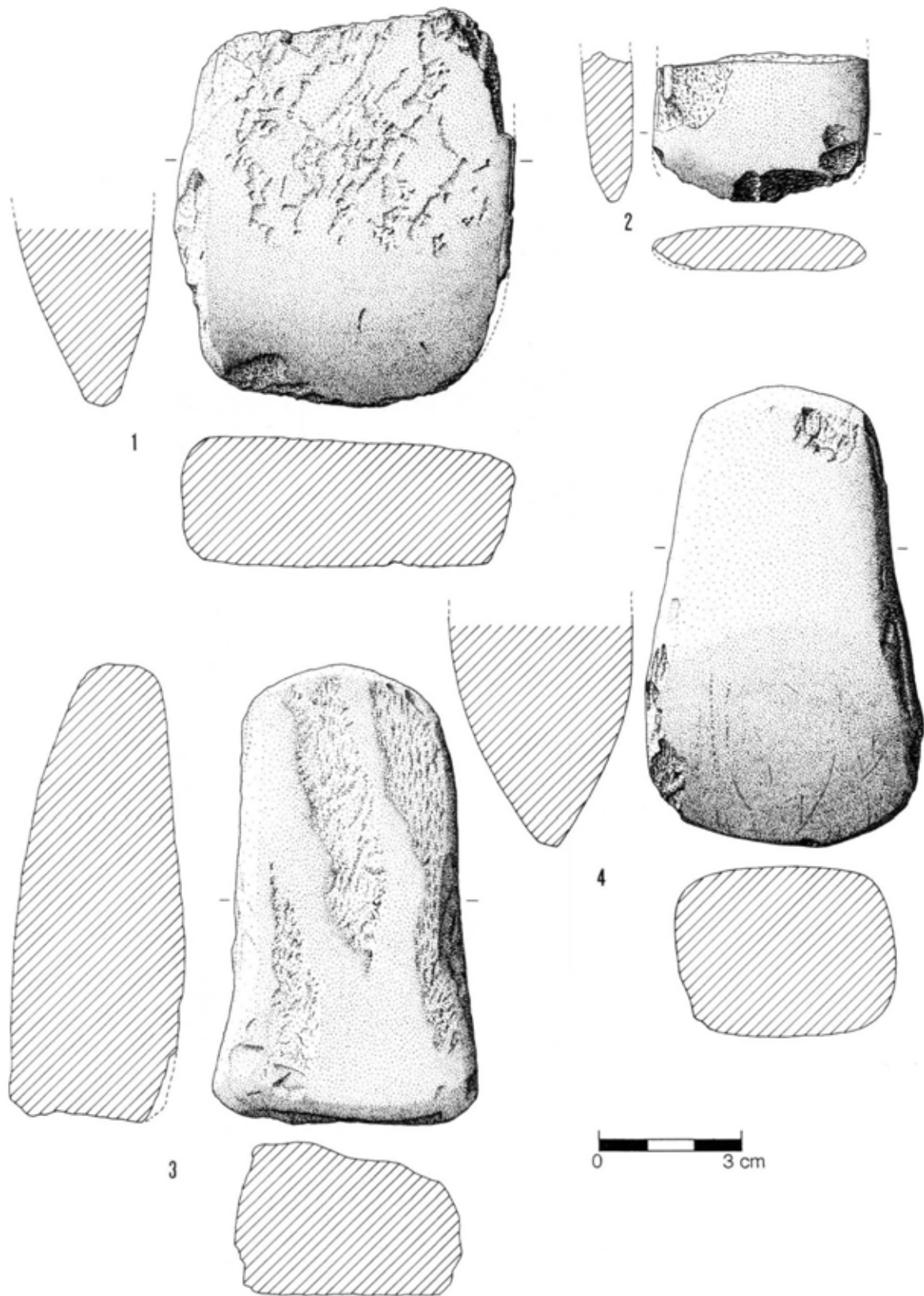


Fig. 15 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).

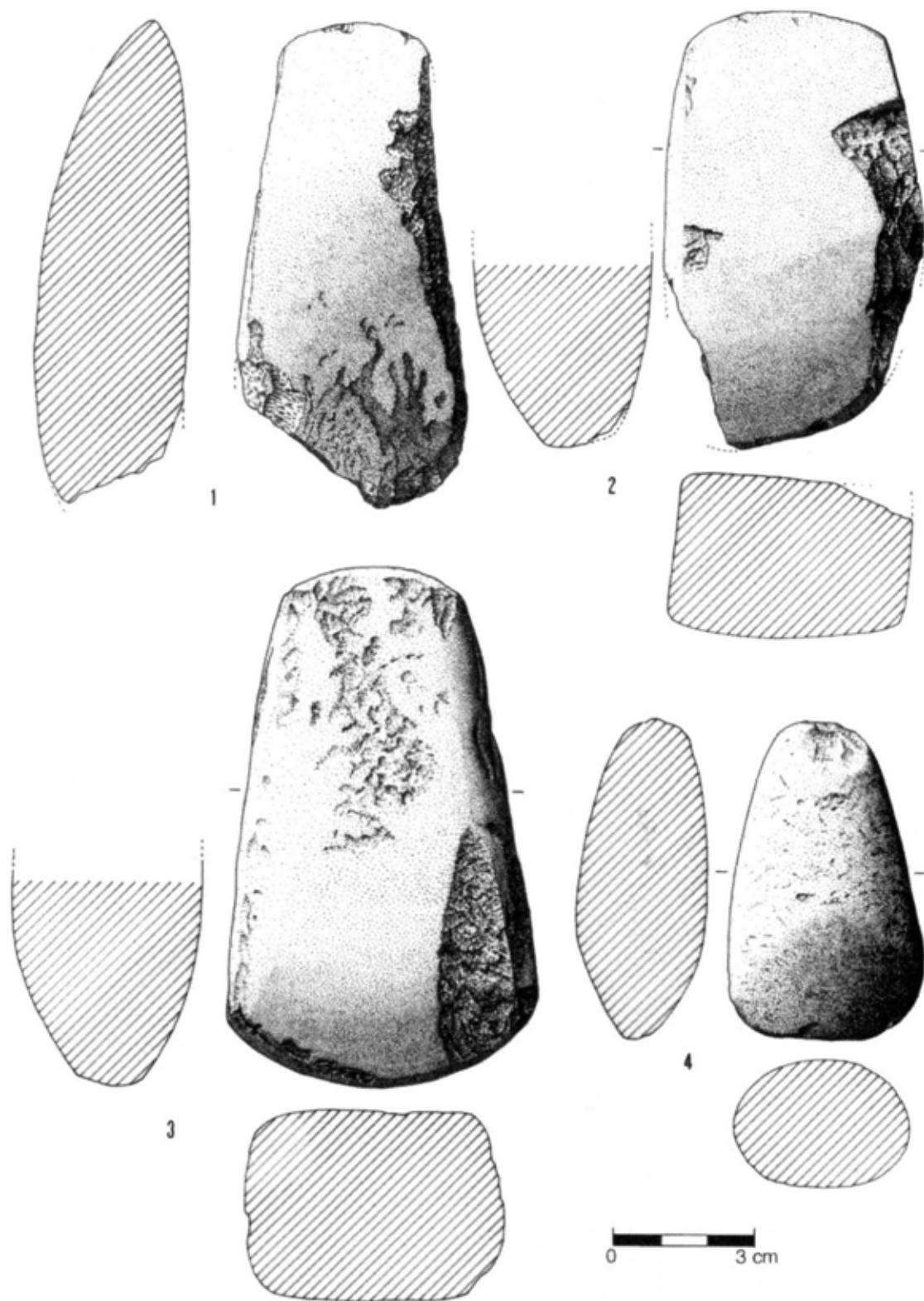


Fig. 16 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).

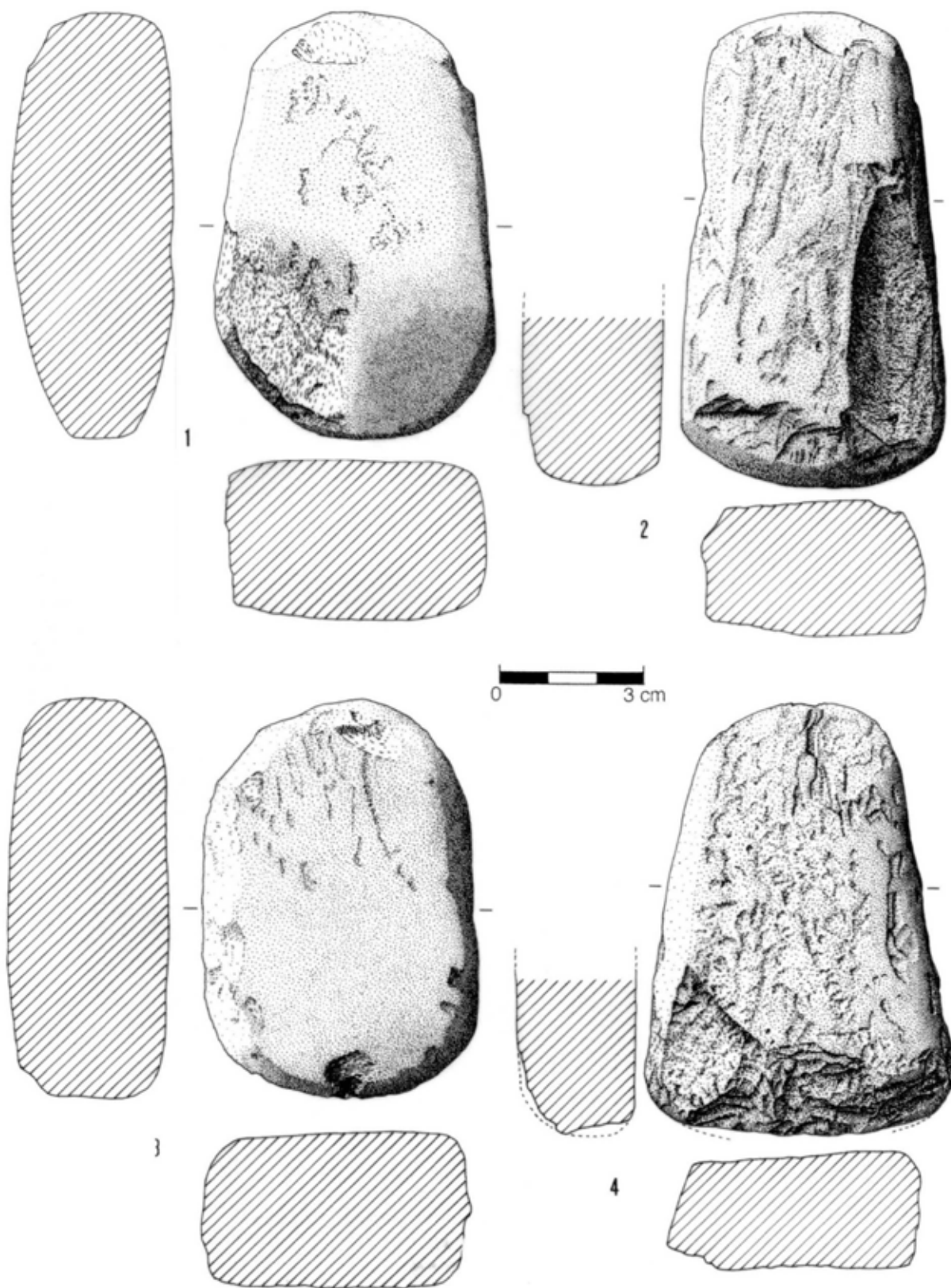


Fig. 17 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).

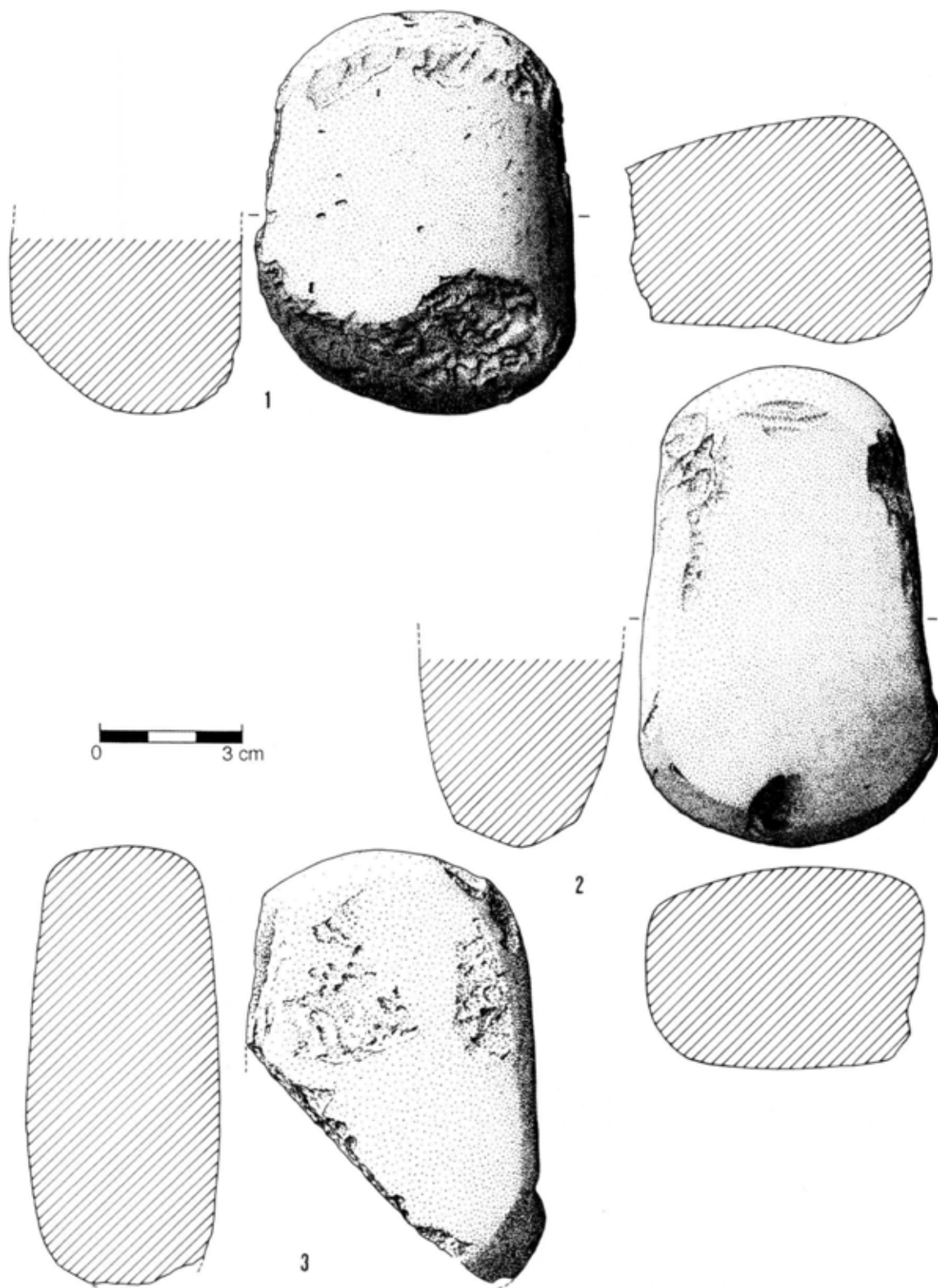


Fig. 18 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).



Fig. 19 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).

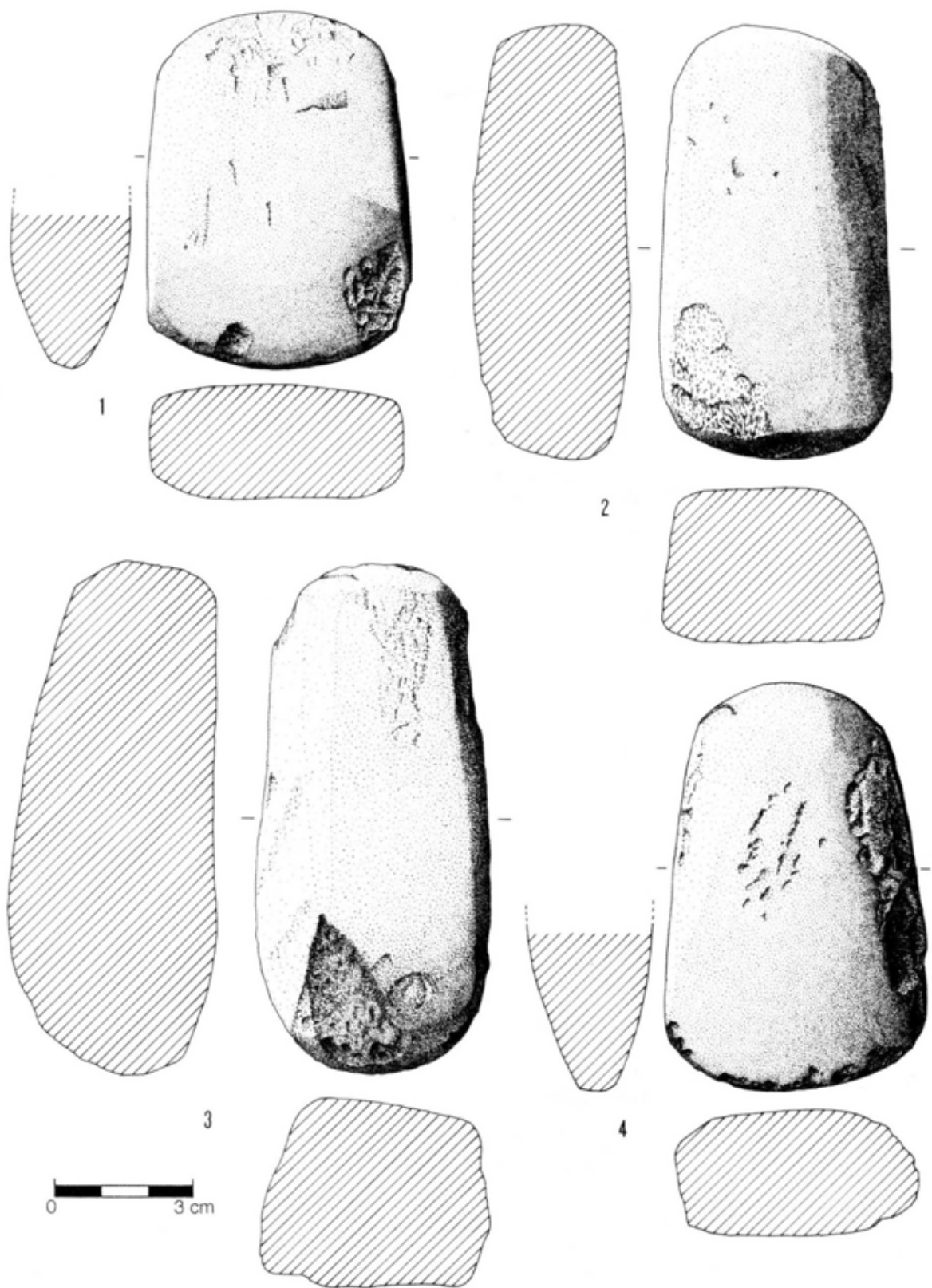


Fig. 20 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).

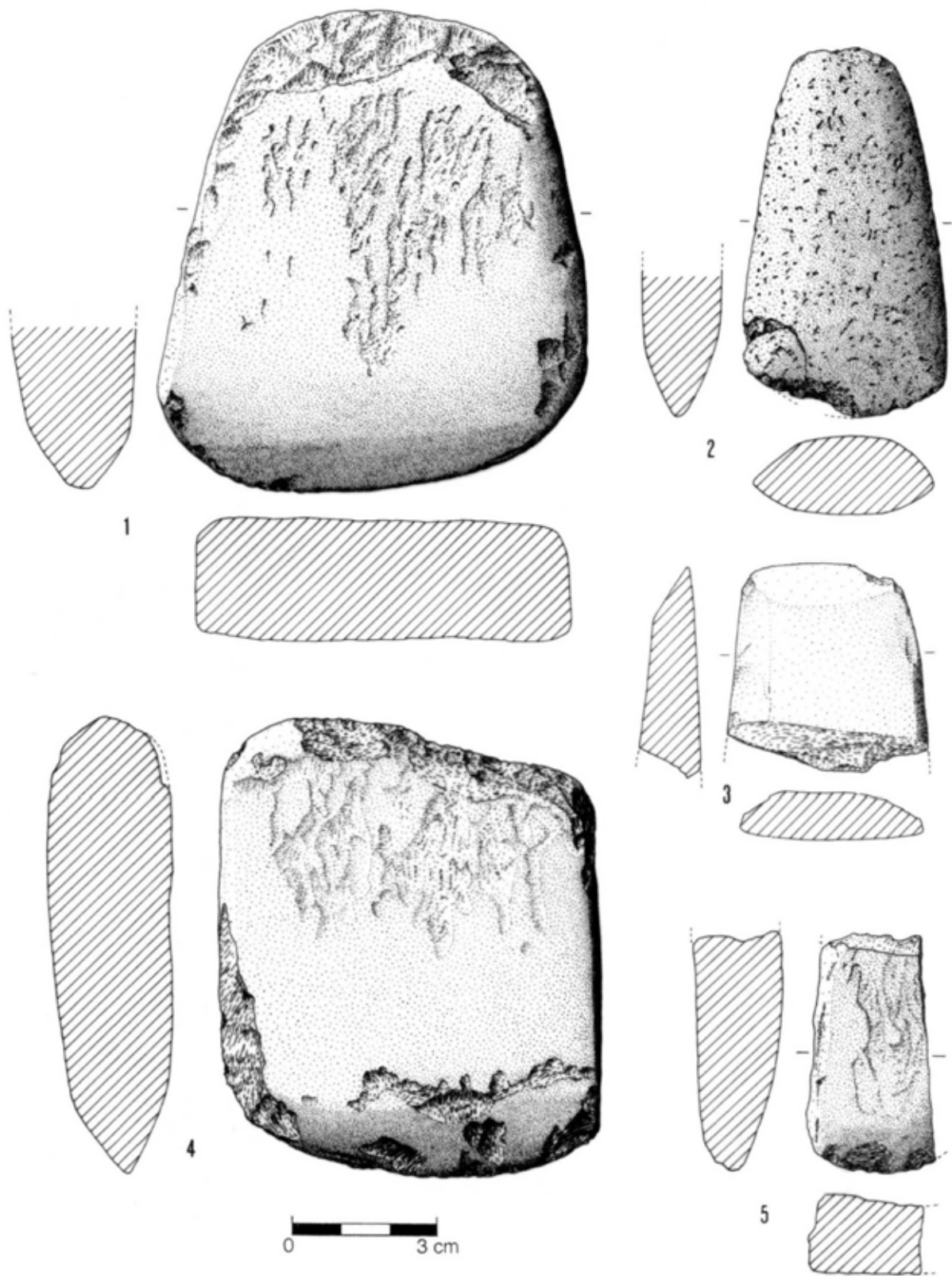


Fig. 21 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).

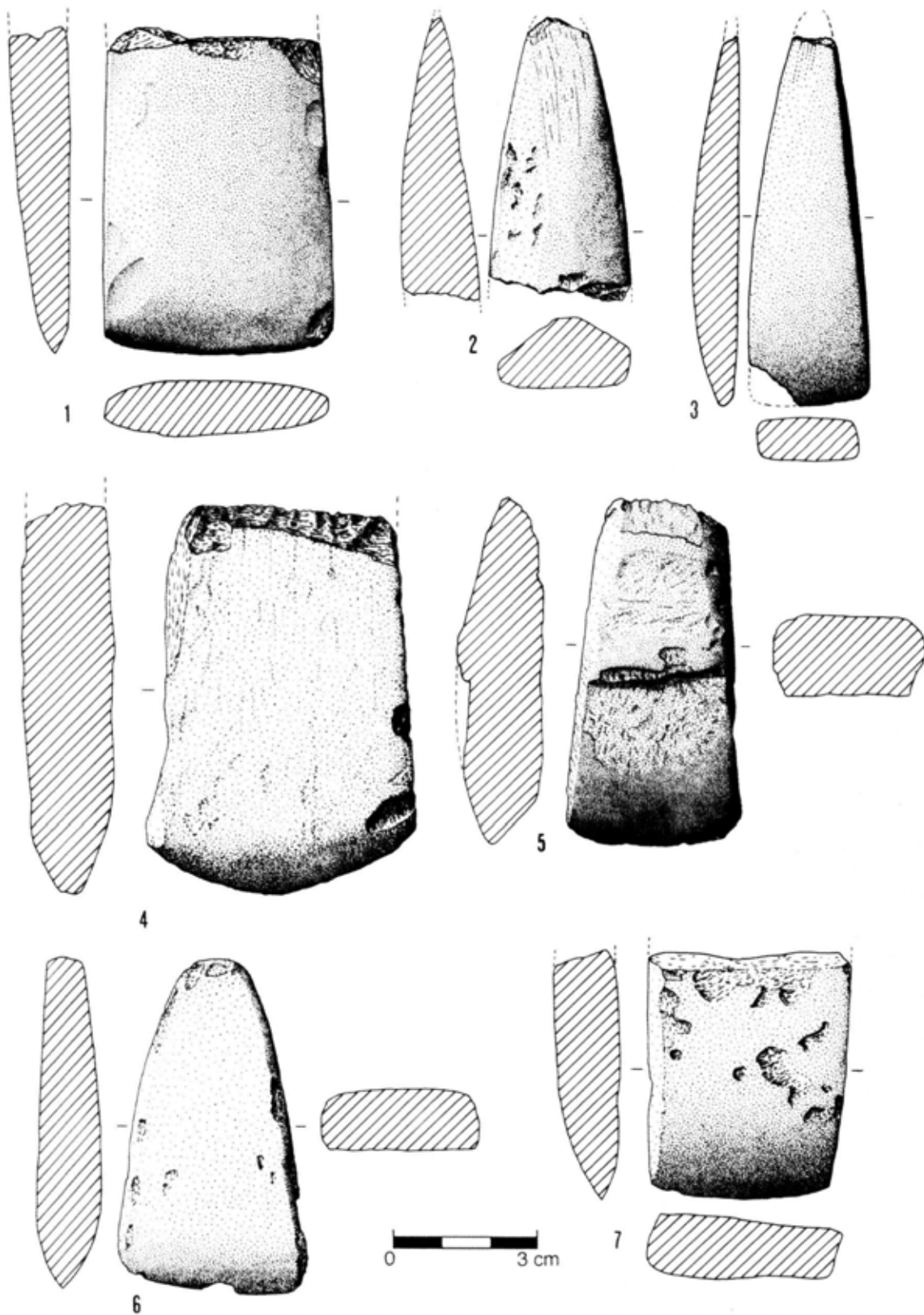


Fig. 22 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).

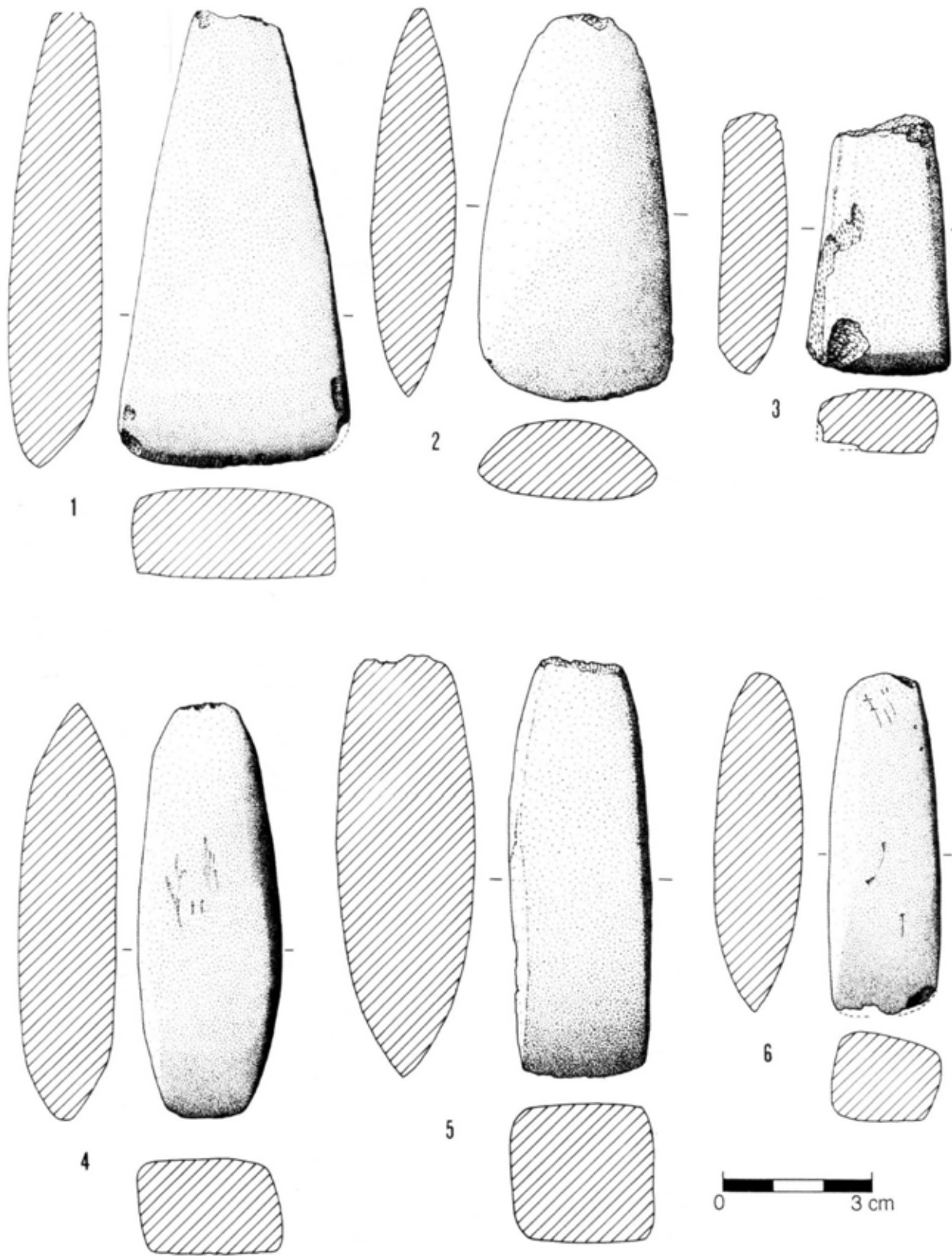


Fig. 23 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).

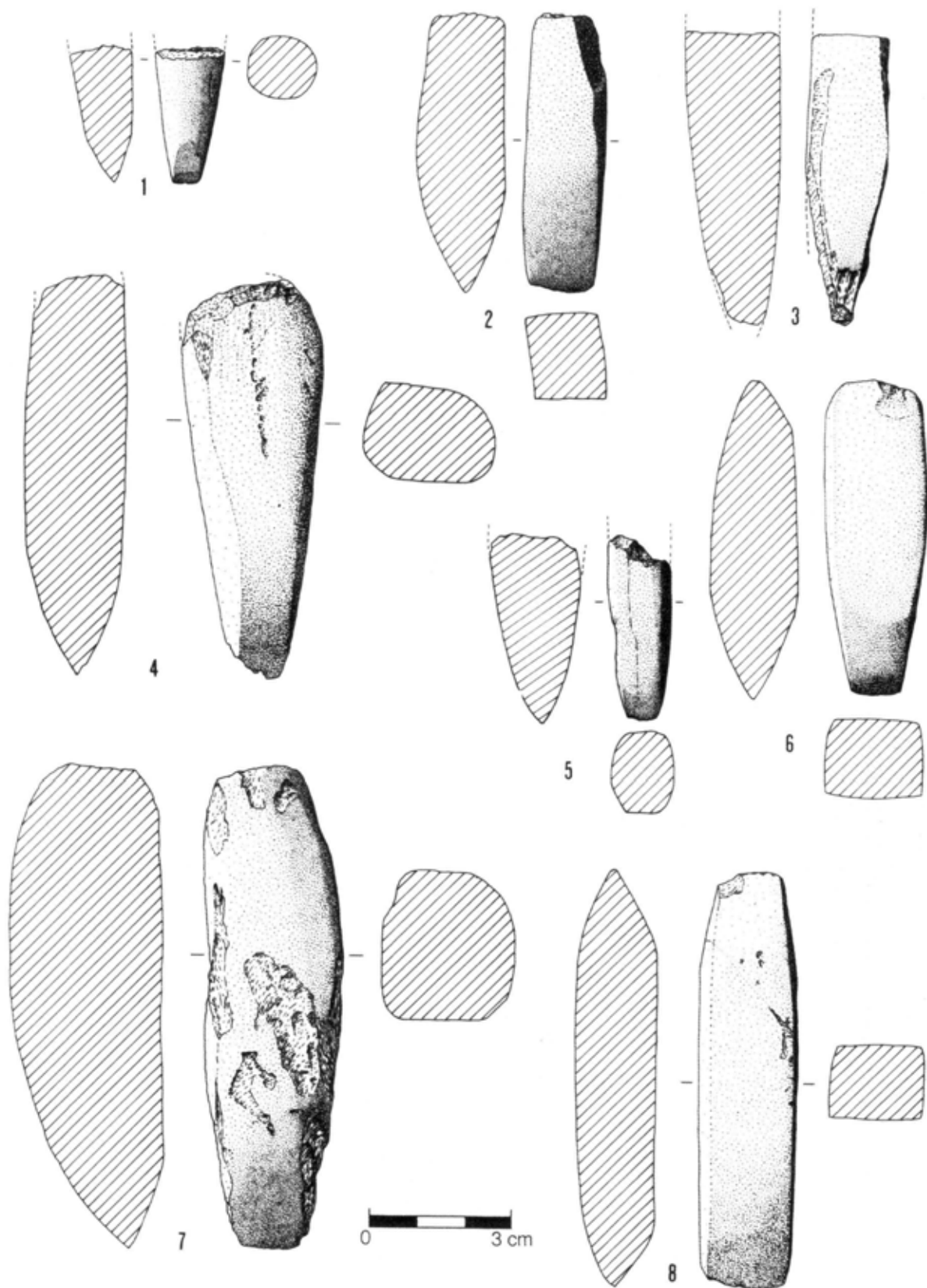


Fig. 24 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).

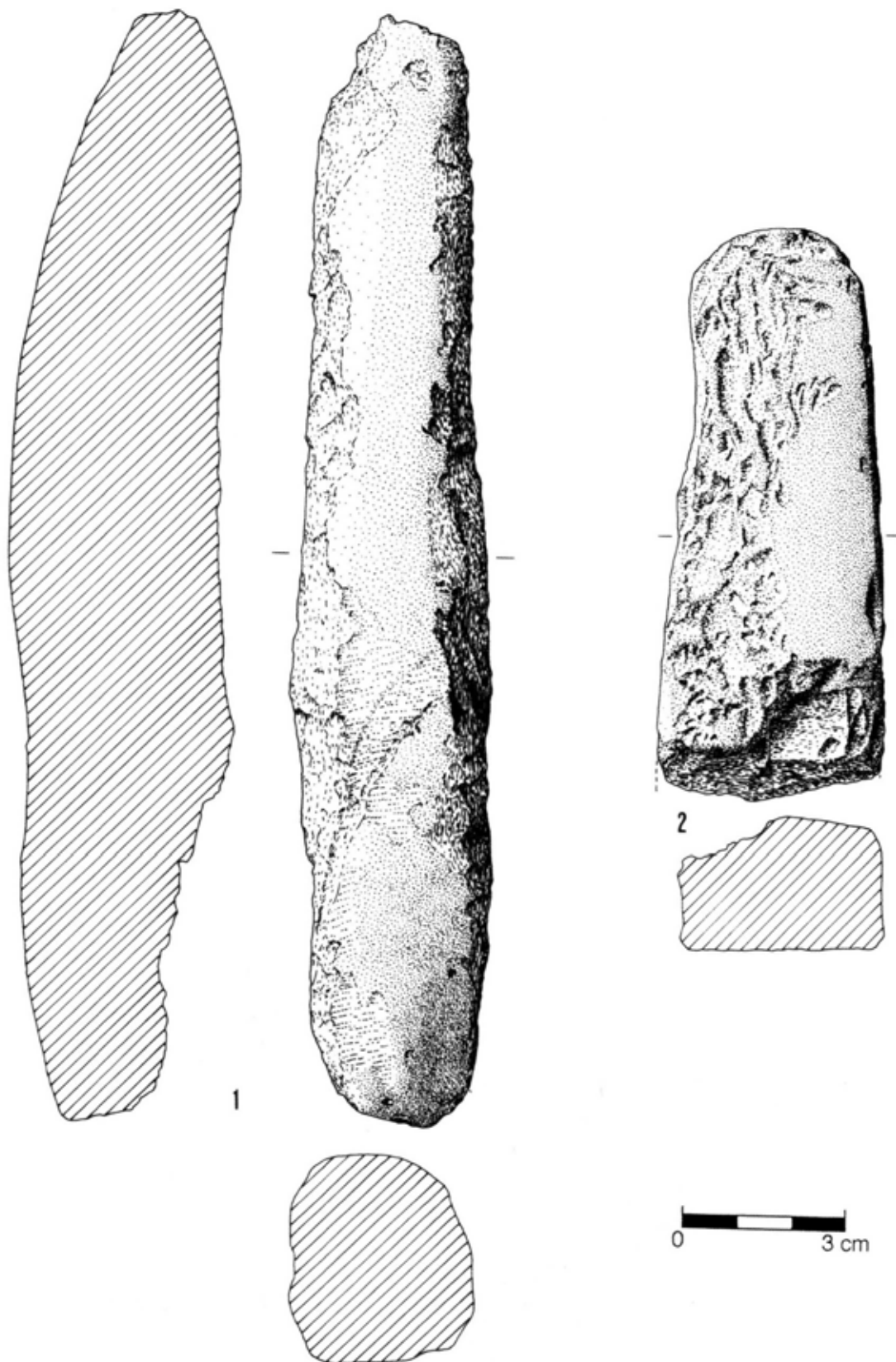


Fig. 25 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).

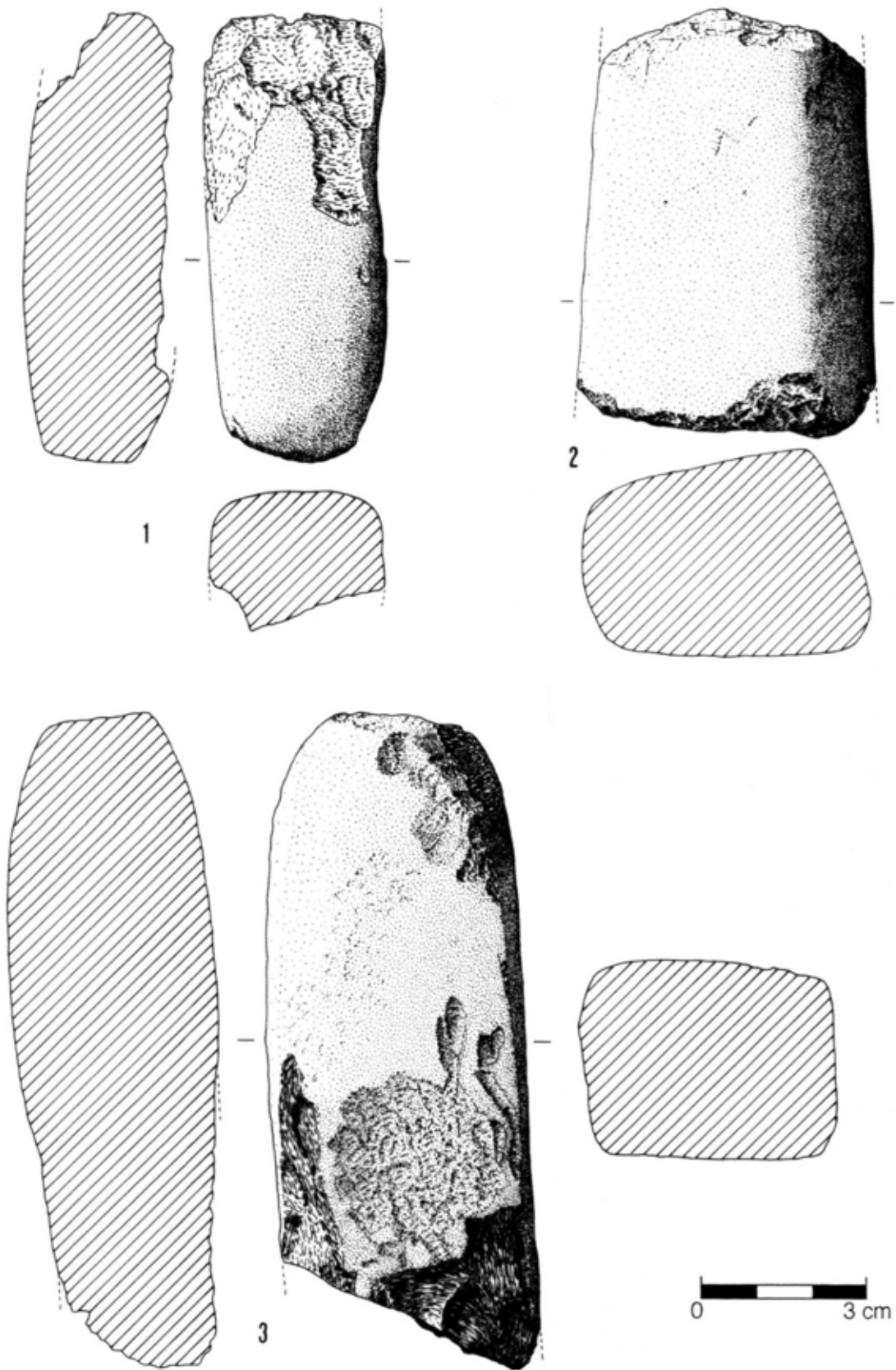


Fig. 26 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 3 (Calcolítico Inicial).

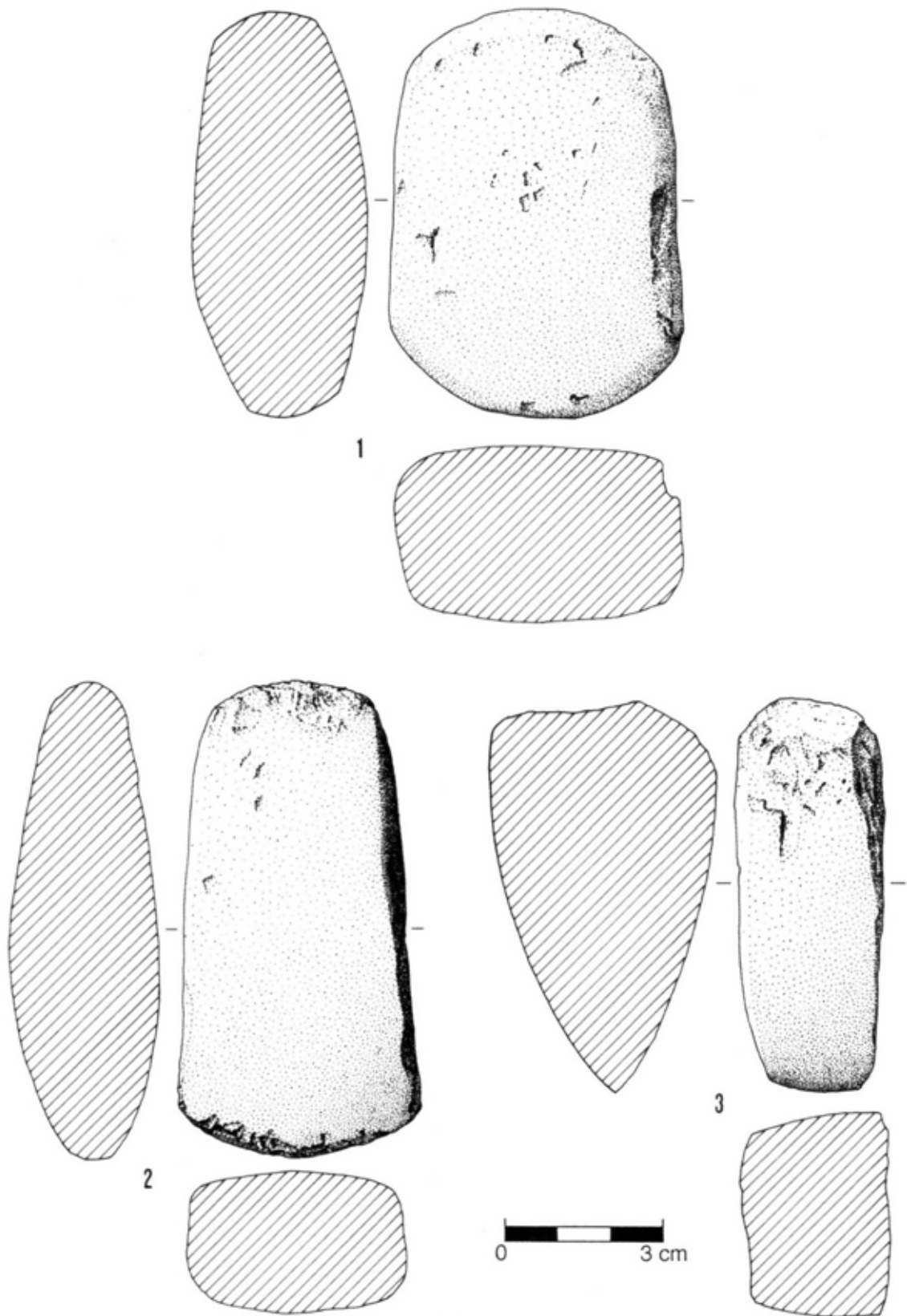


Fig. 27 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

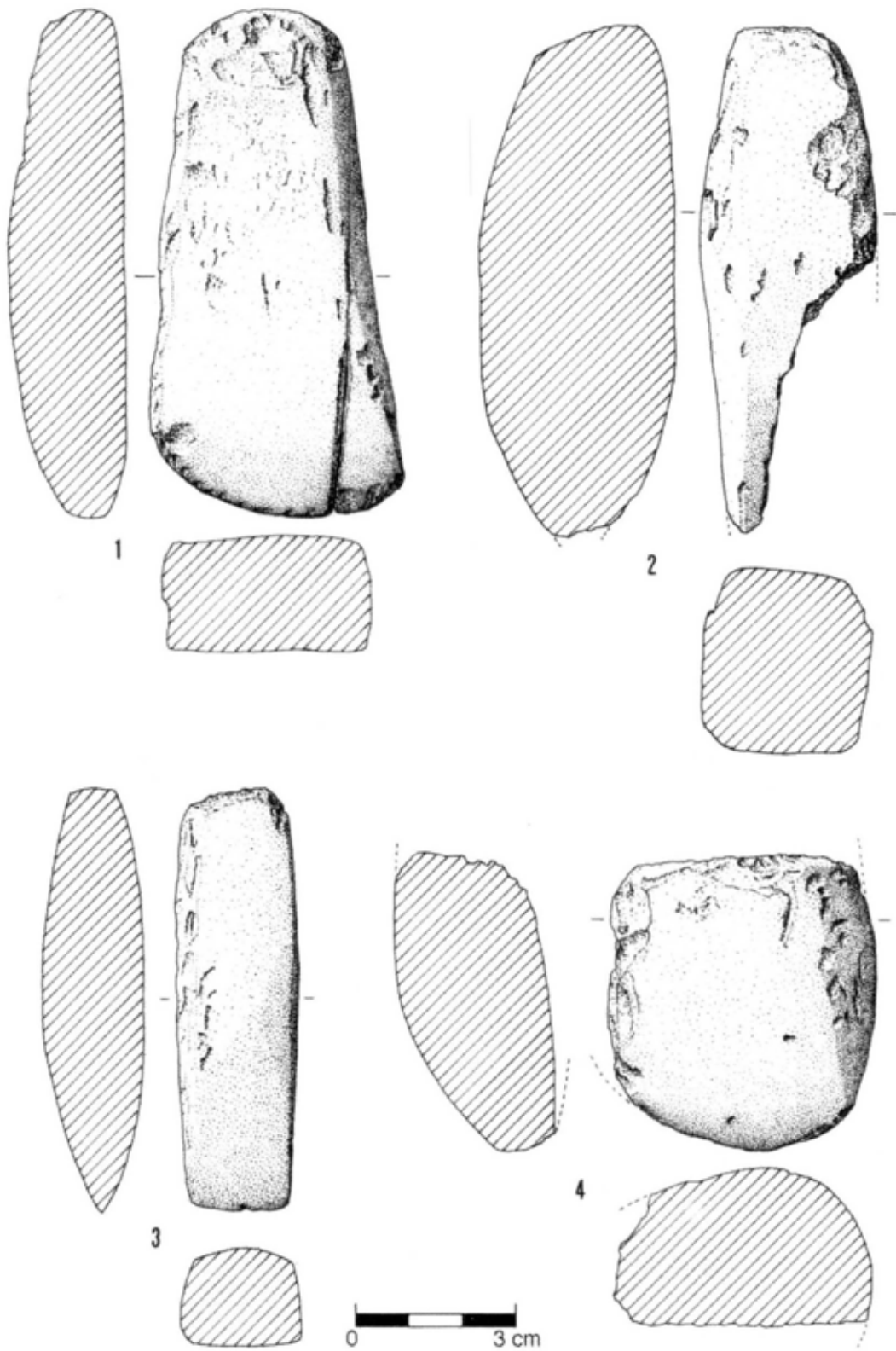


Fig. 28 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

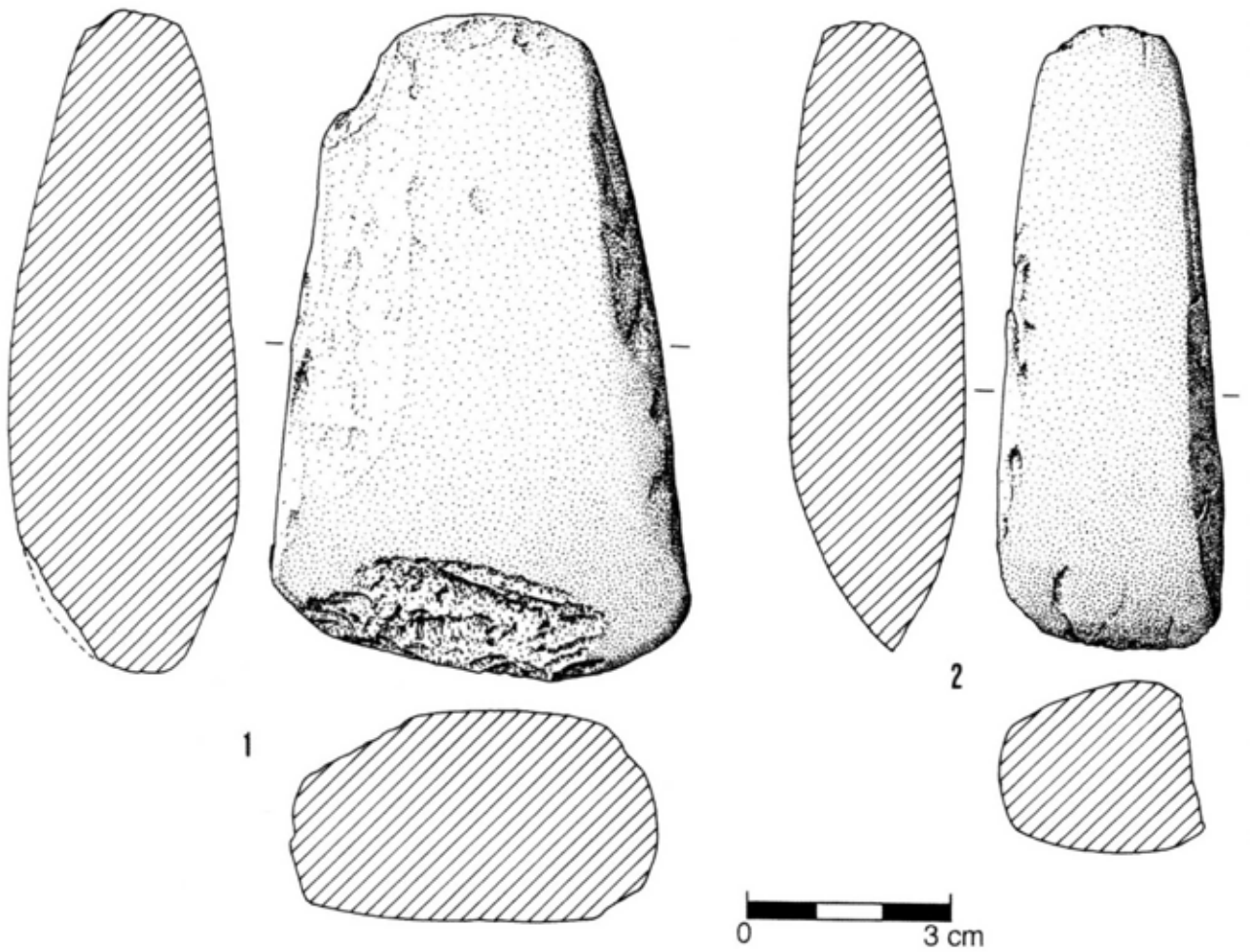


Fig. 29 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

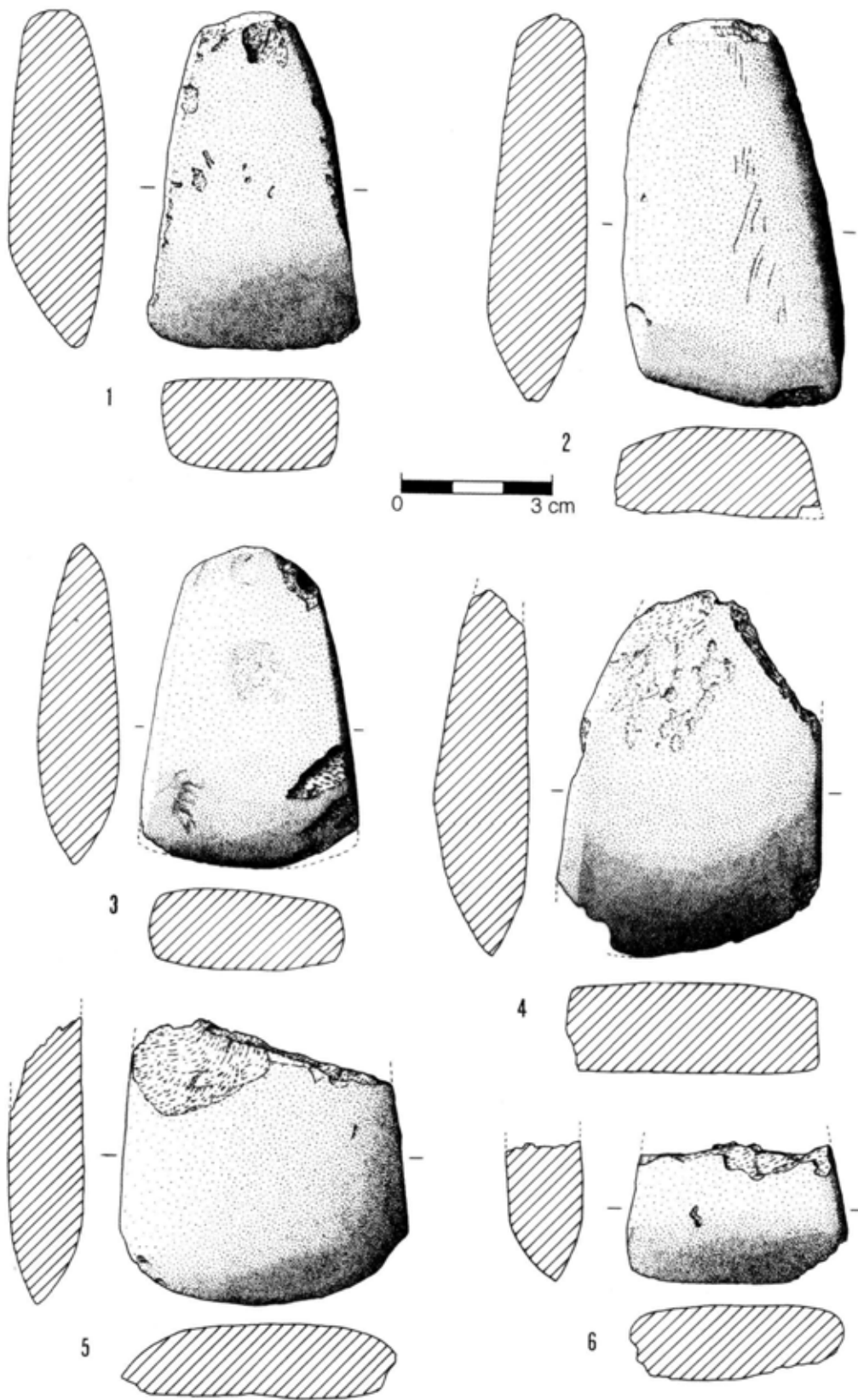


Fig. 30 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

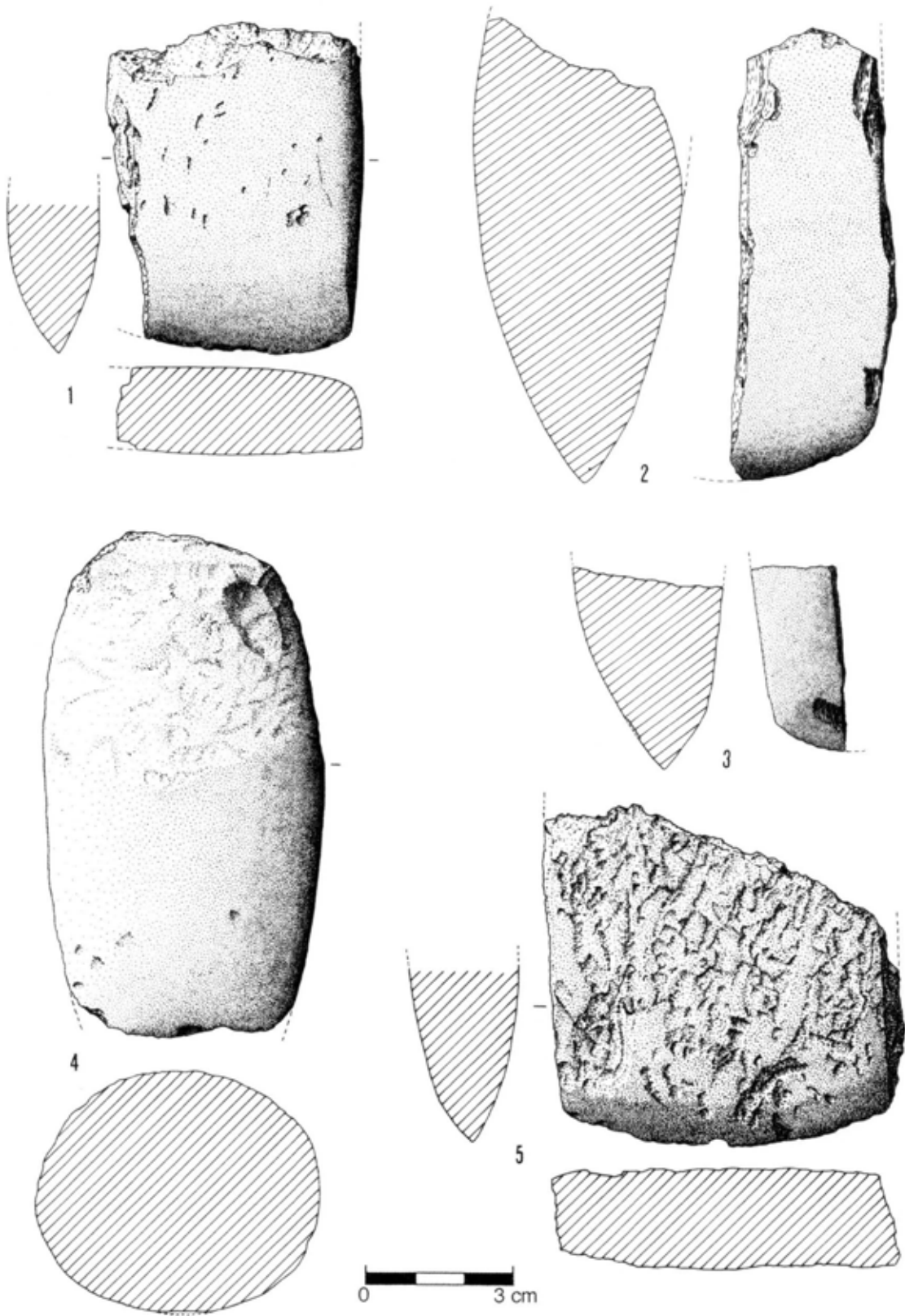


Fig. 31 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

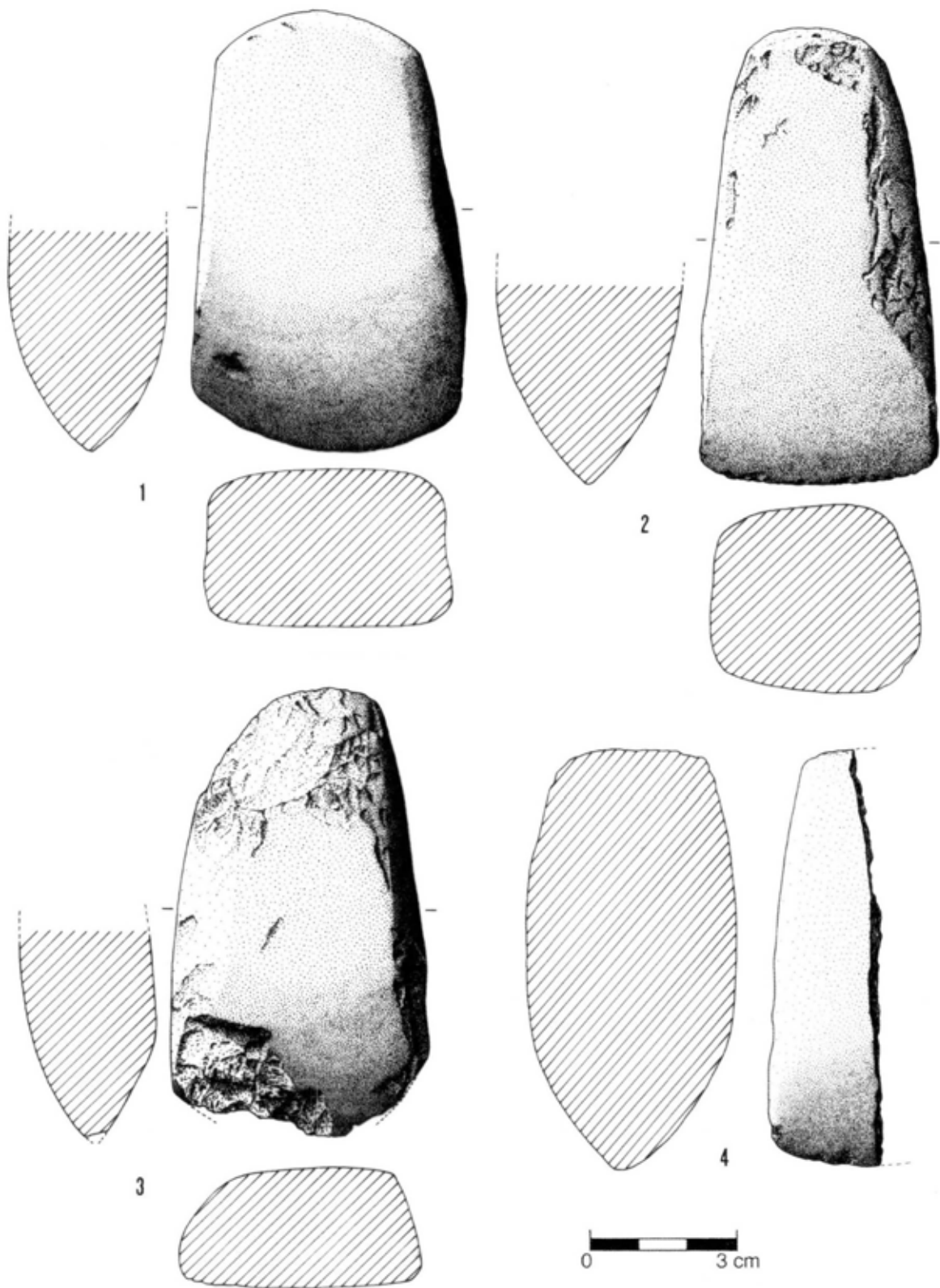


Fig. 32- Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

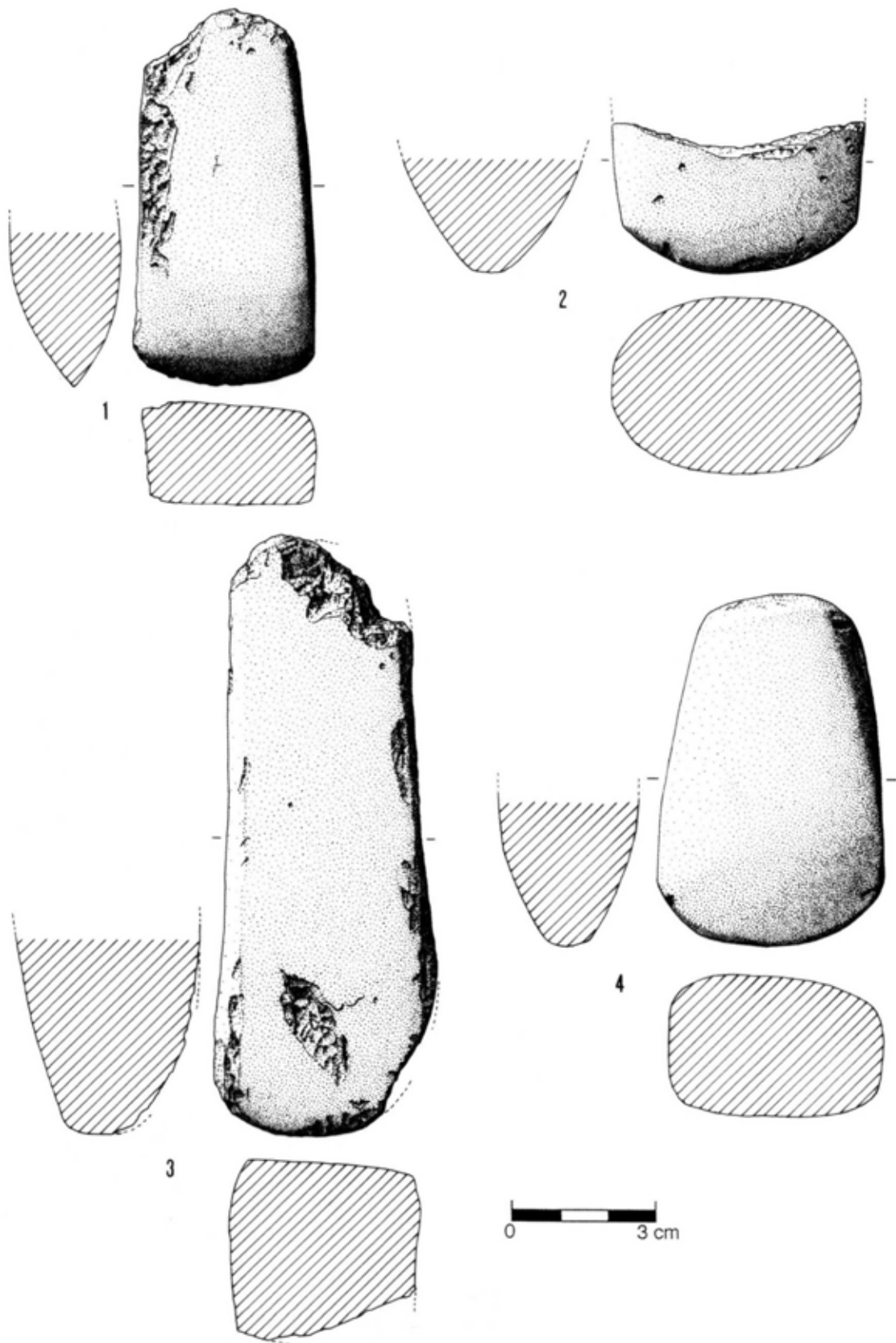


Fig. 33 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

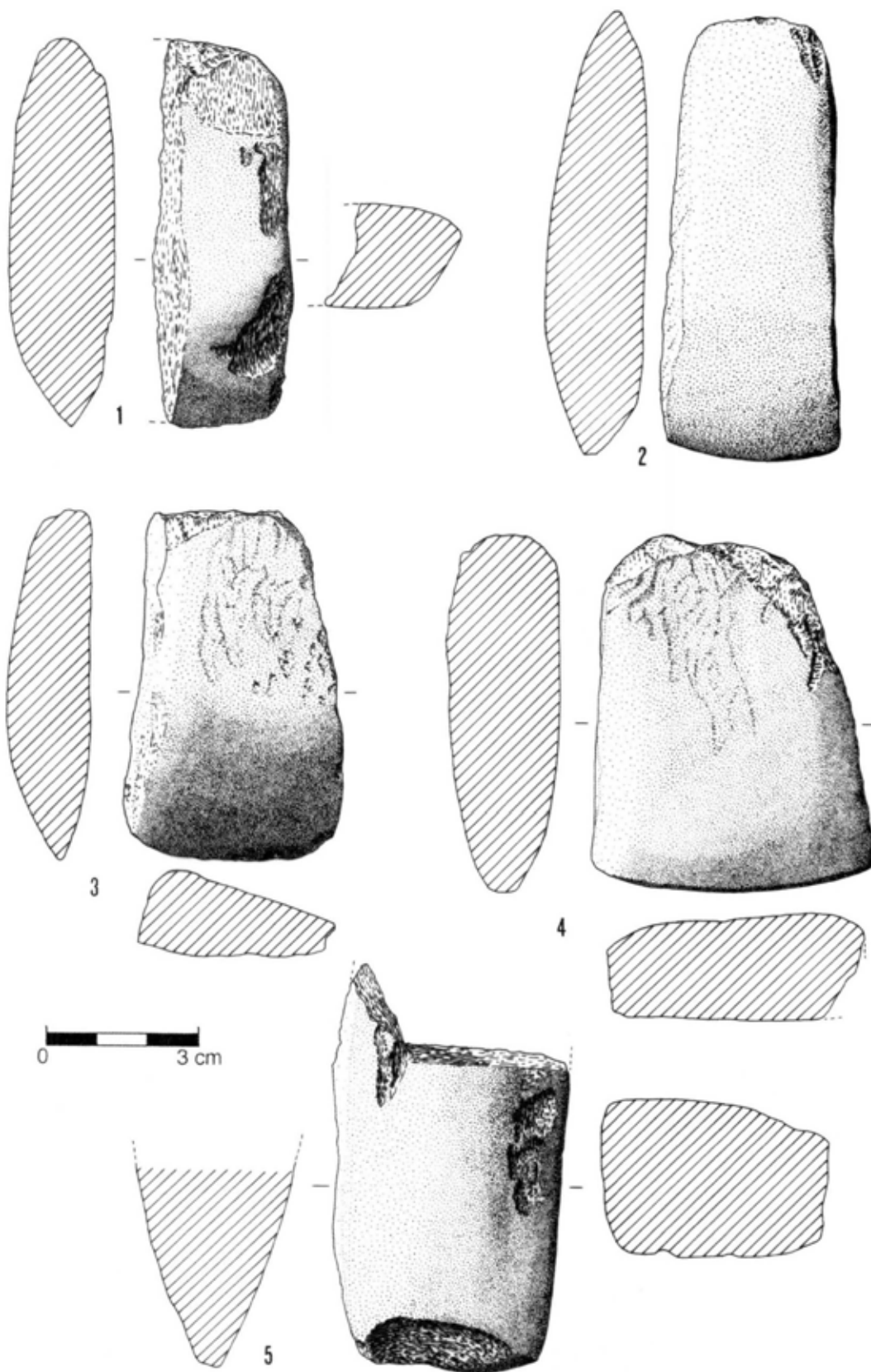


Fig. 34 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

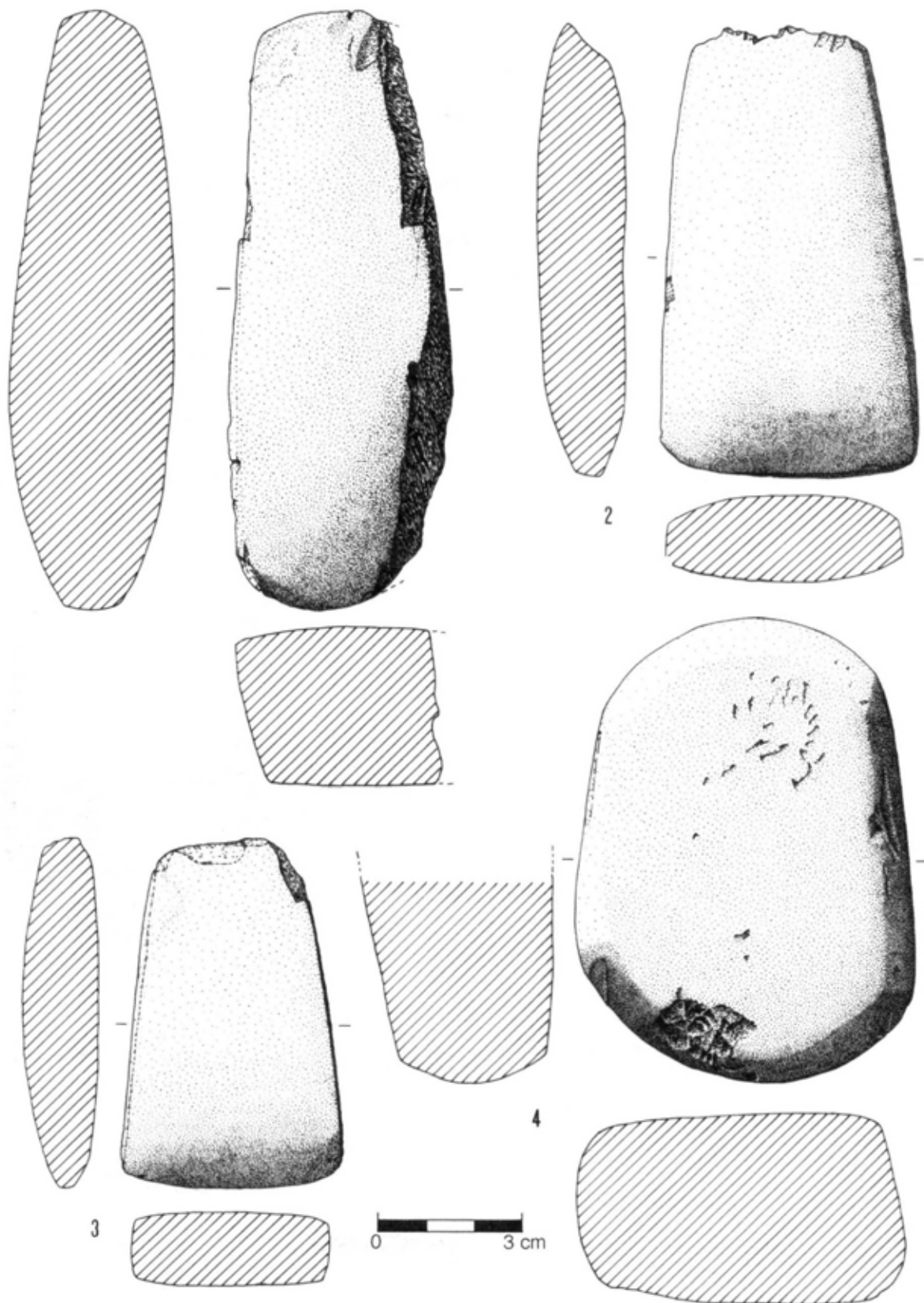


Fig. 35 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

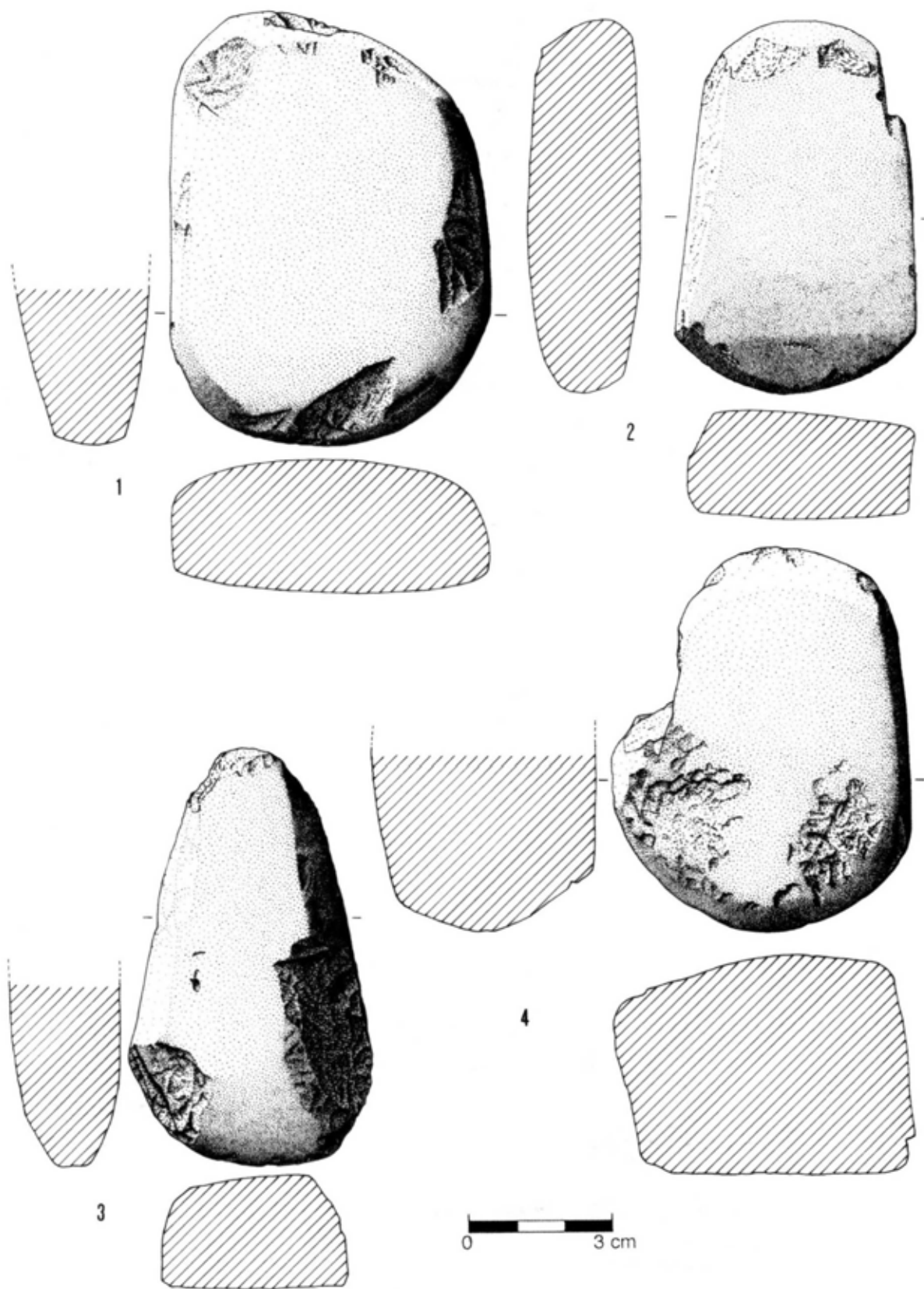


Fig. 36 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

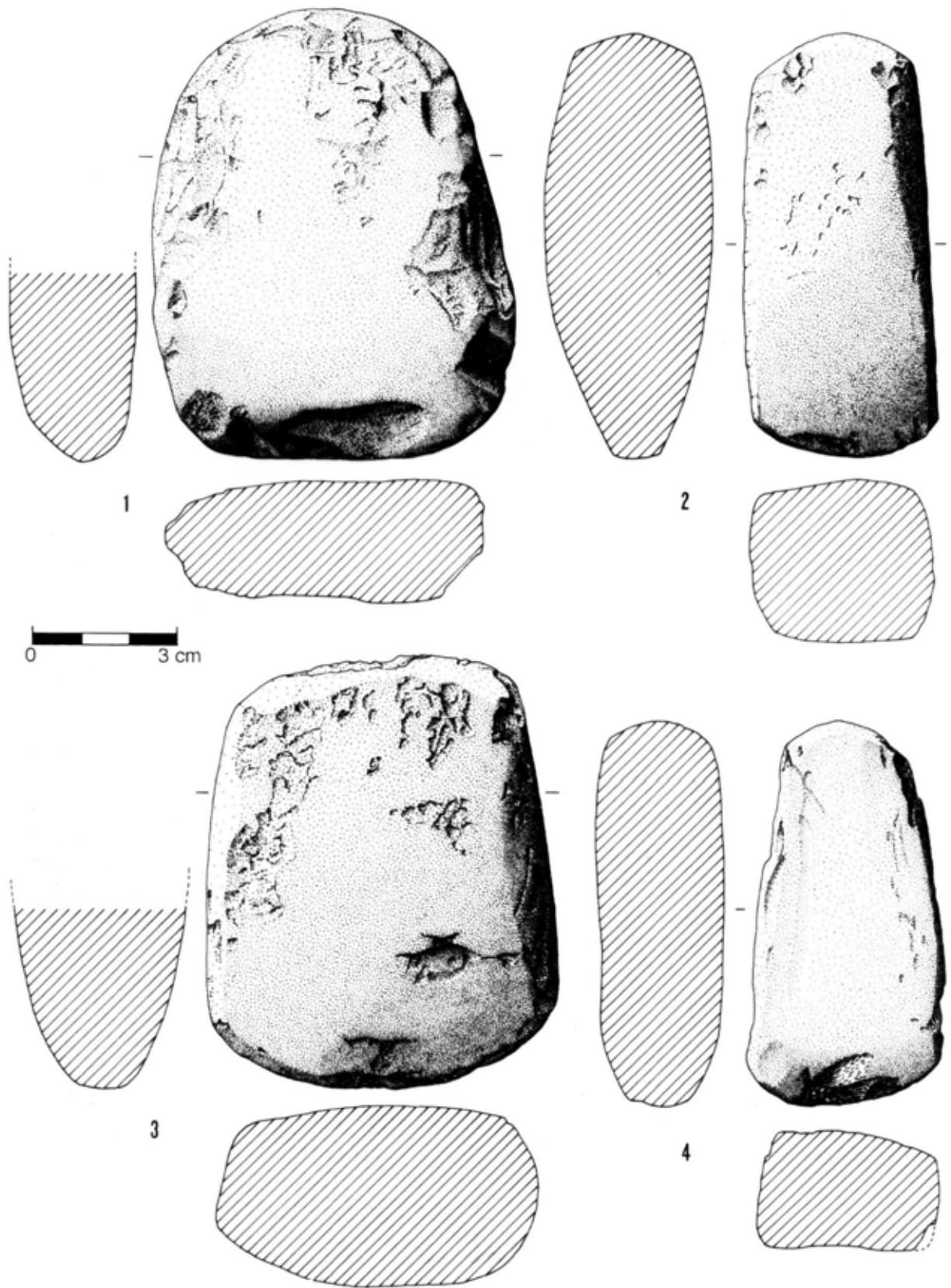


Fig. 37 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

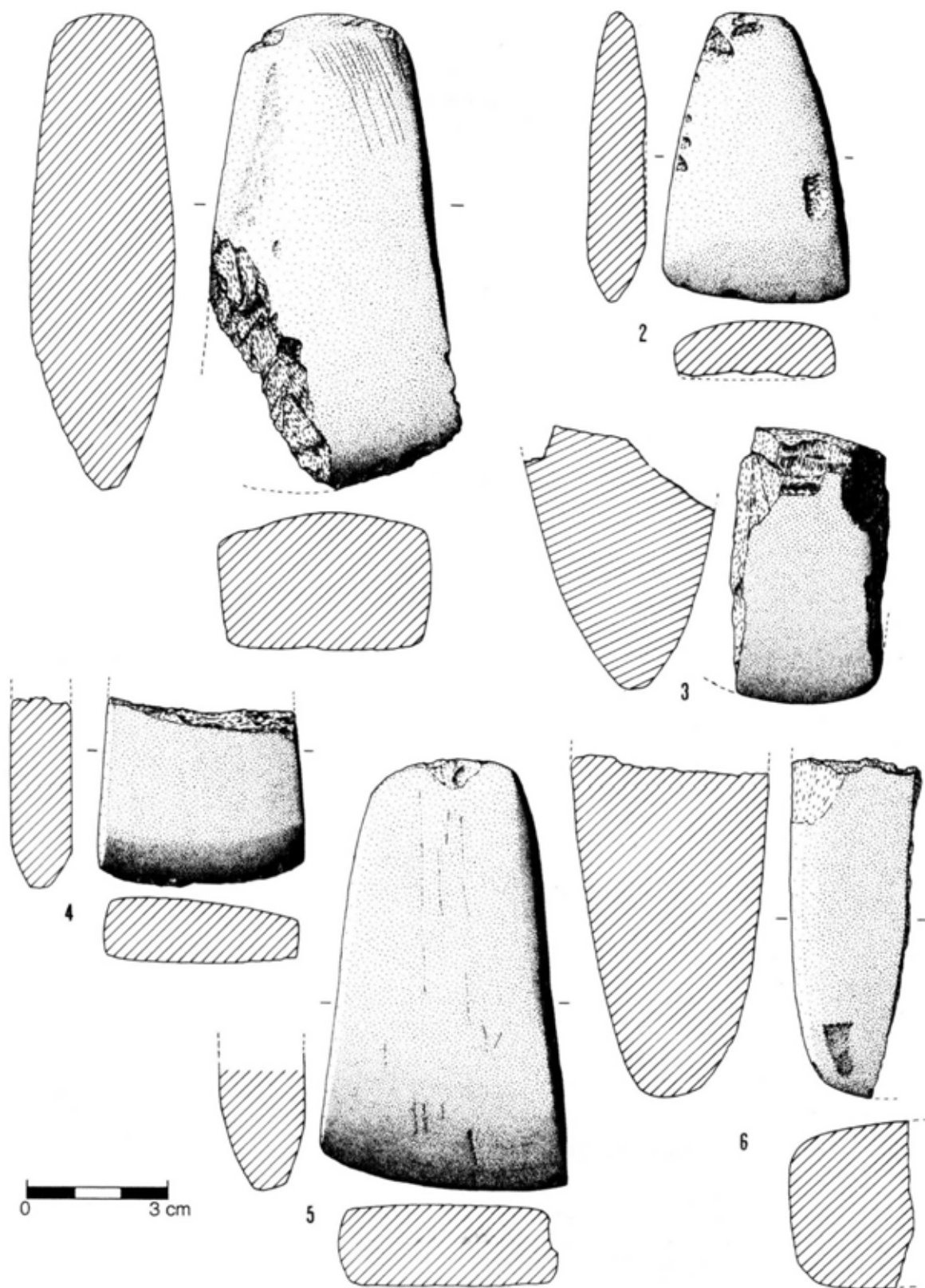


Fig. 38 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

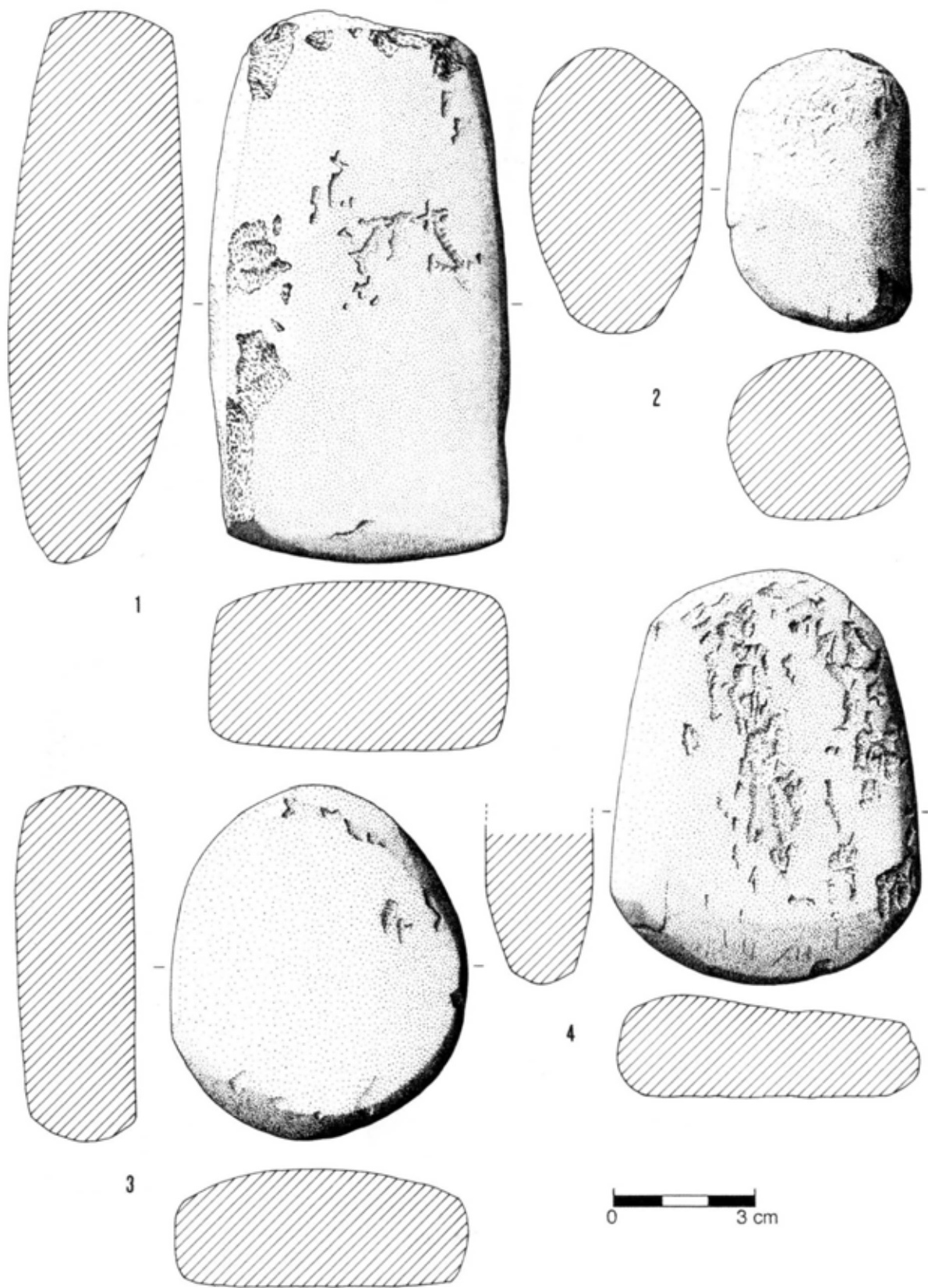


Fig. 39 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

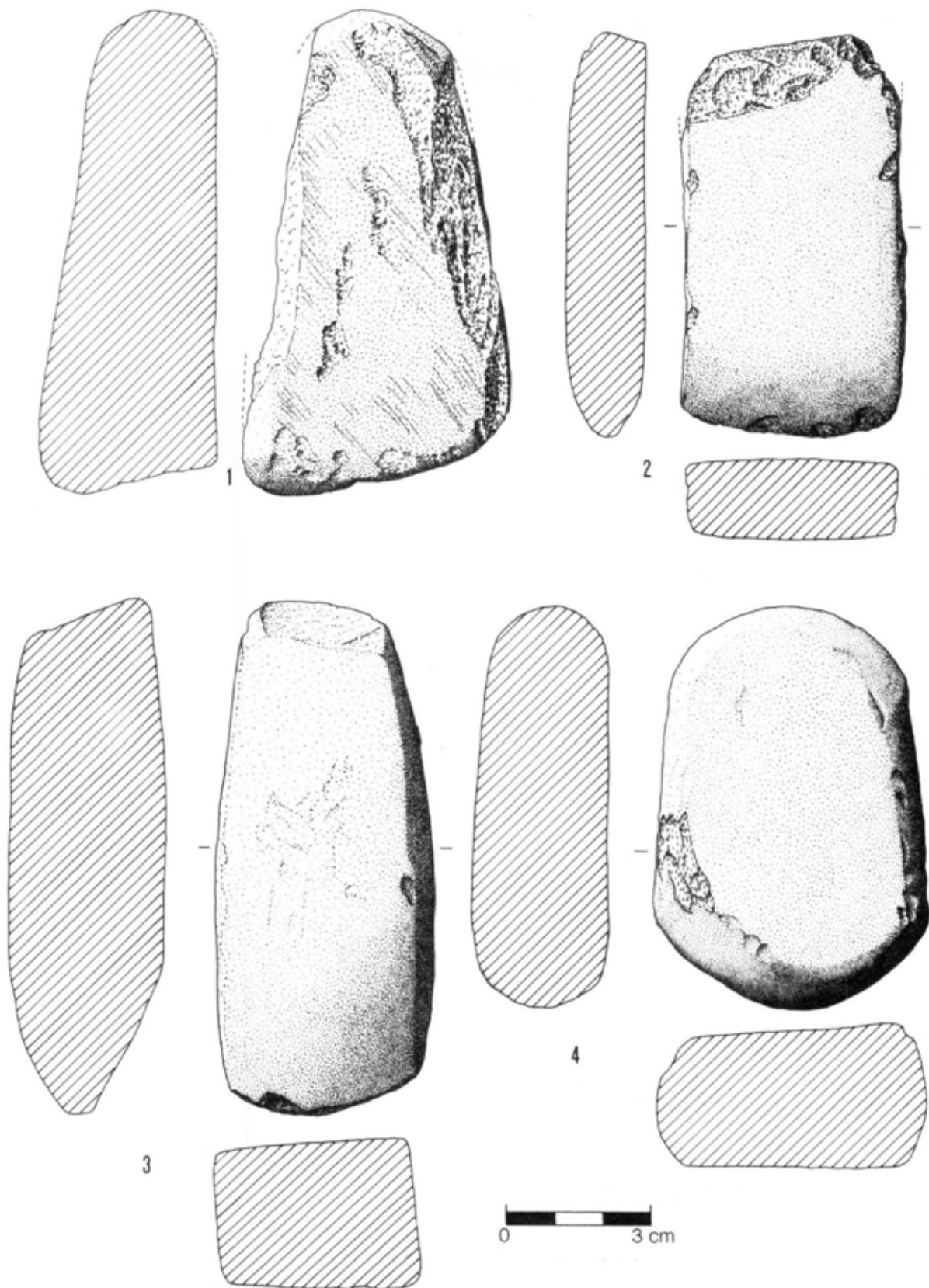


Fig. 40 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

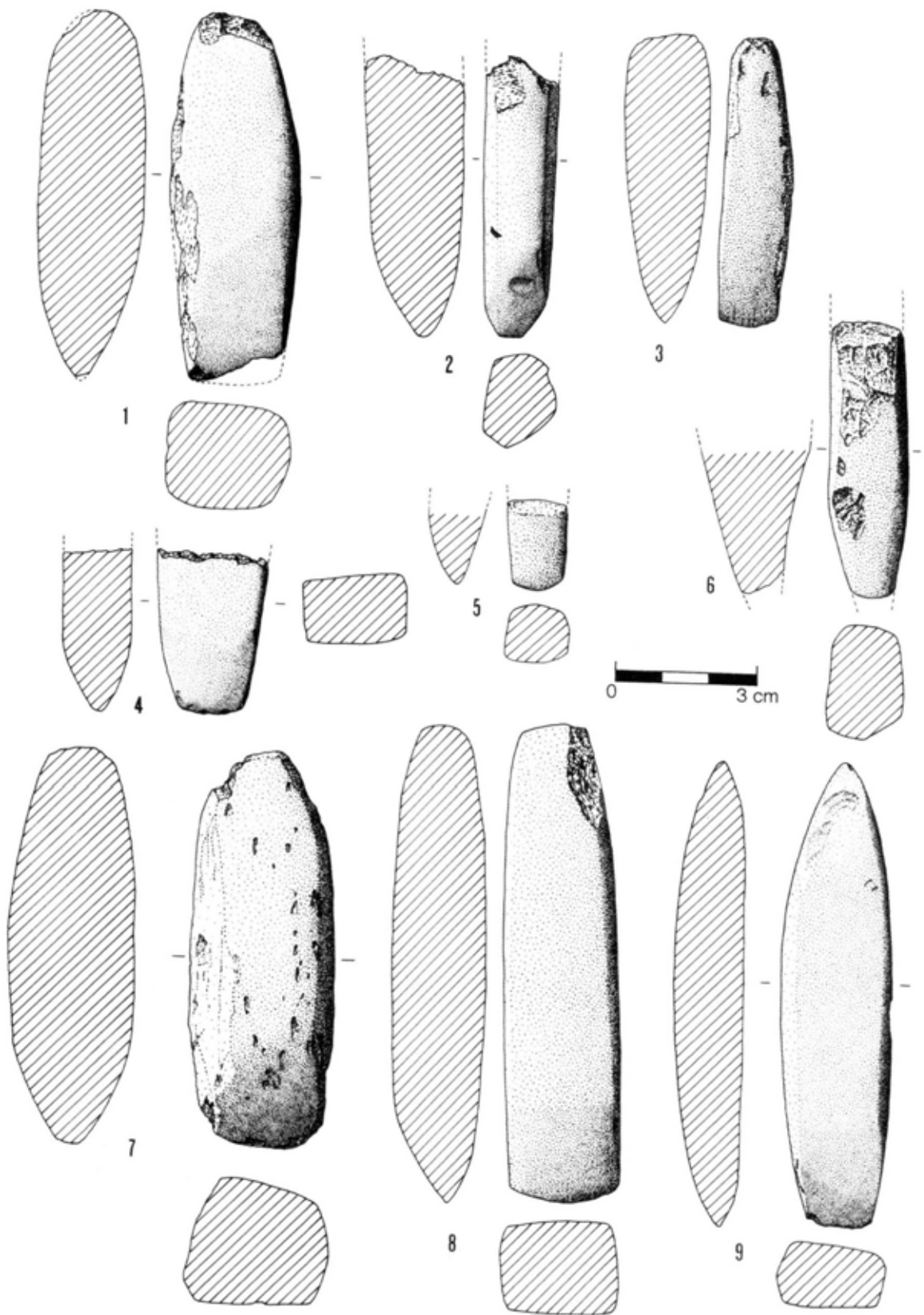


Fig. 41 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

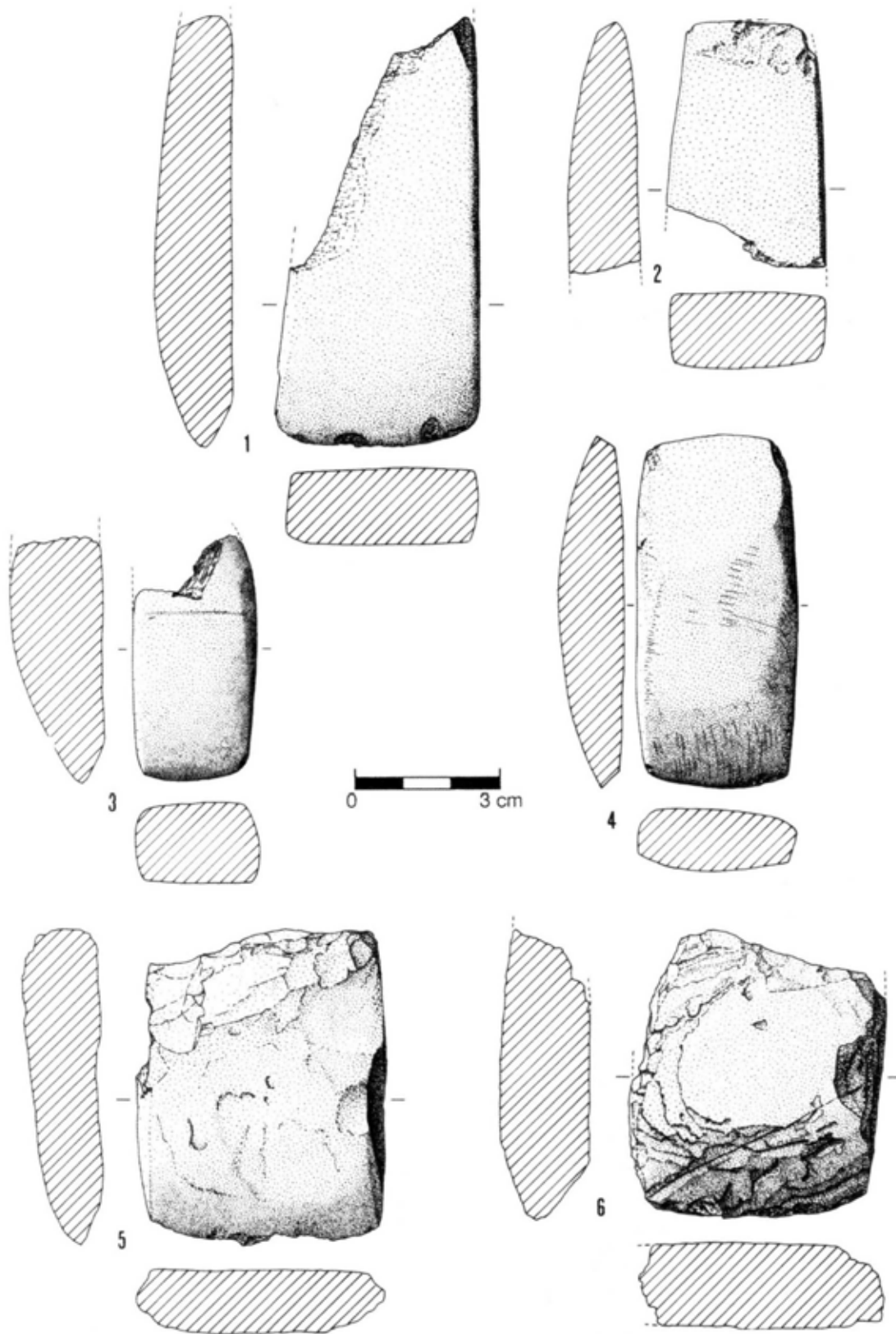


Fig. 42 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

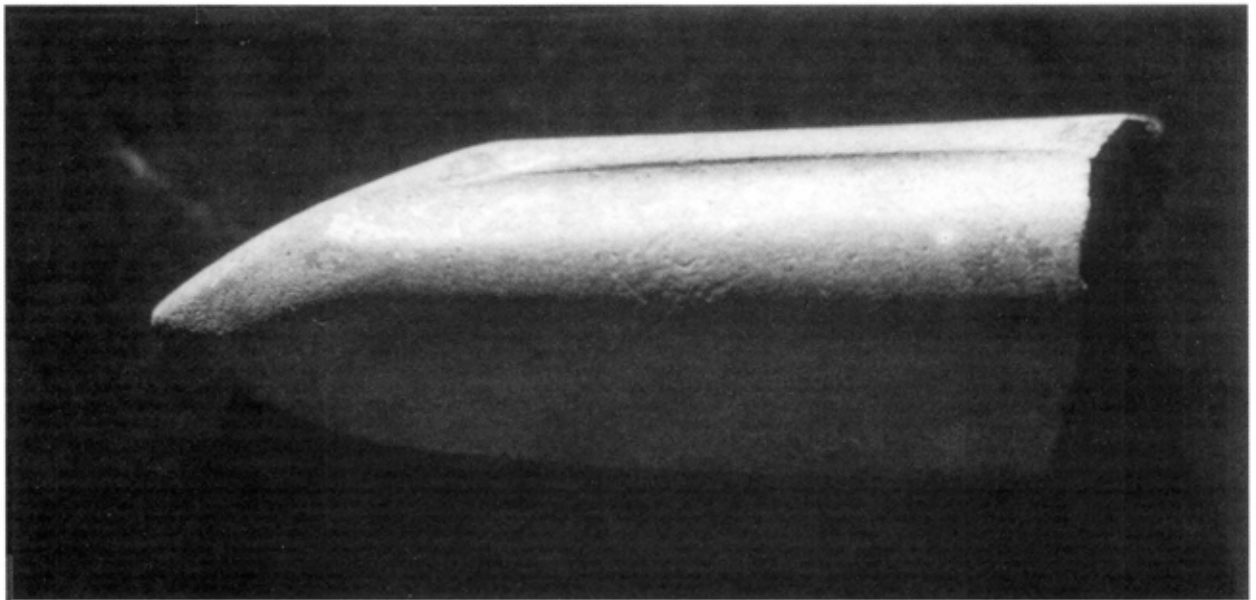


Fig. 43 - Pormenor de serragem por abrasão e ulterior polimento parcial, observado em formão (ver Fig. 41, n.º 2). Camada 2 (Calcolítico Pleno). Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 44 - Pormenor de sulco transversal obtido por incisão e alargamento ulterior por abrasão, destinado a fixar enxó à respectiva base de madeira (ver Fig. 42, n.º 3). Camada 2 (Calcolítico Pleno). Foto de J.L. Cardoso.

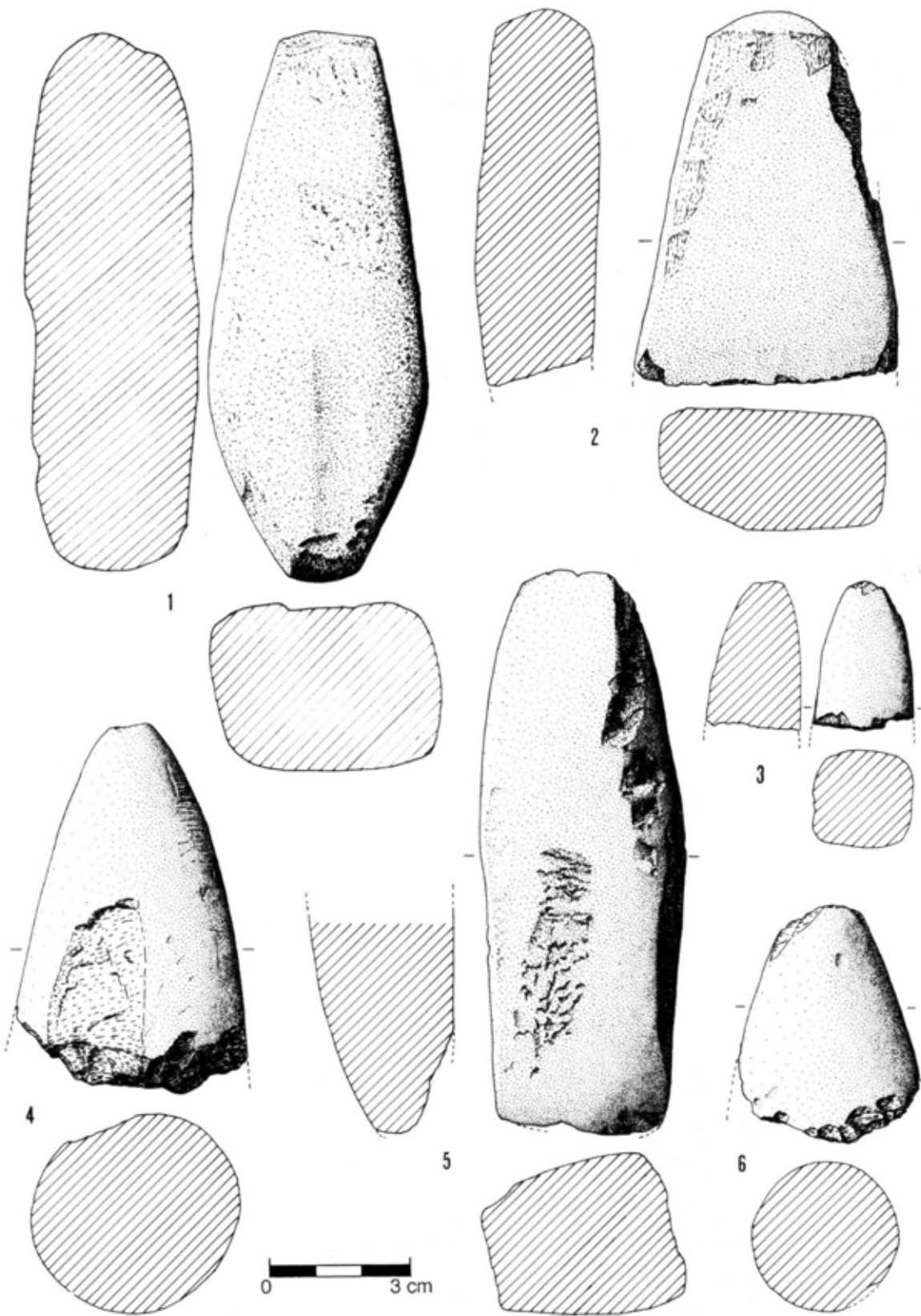


Fig. 45 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

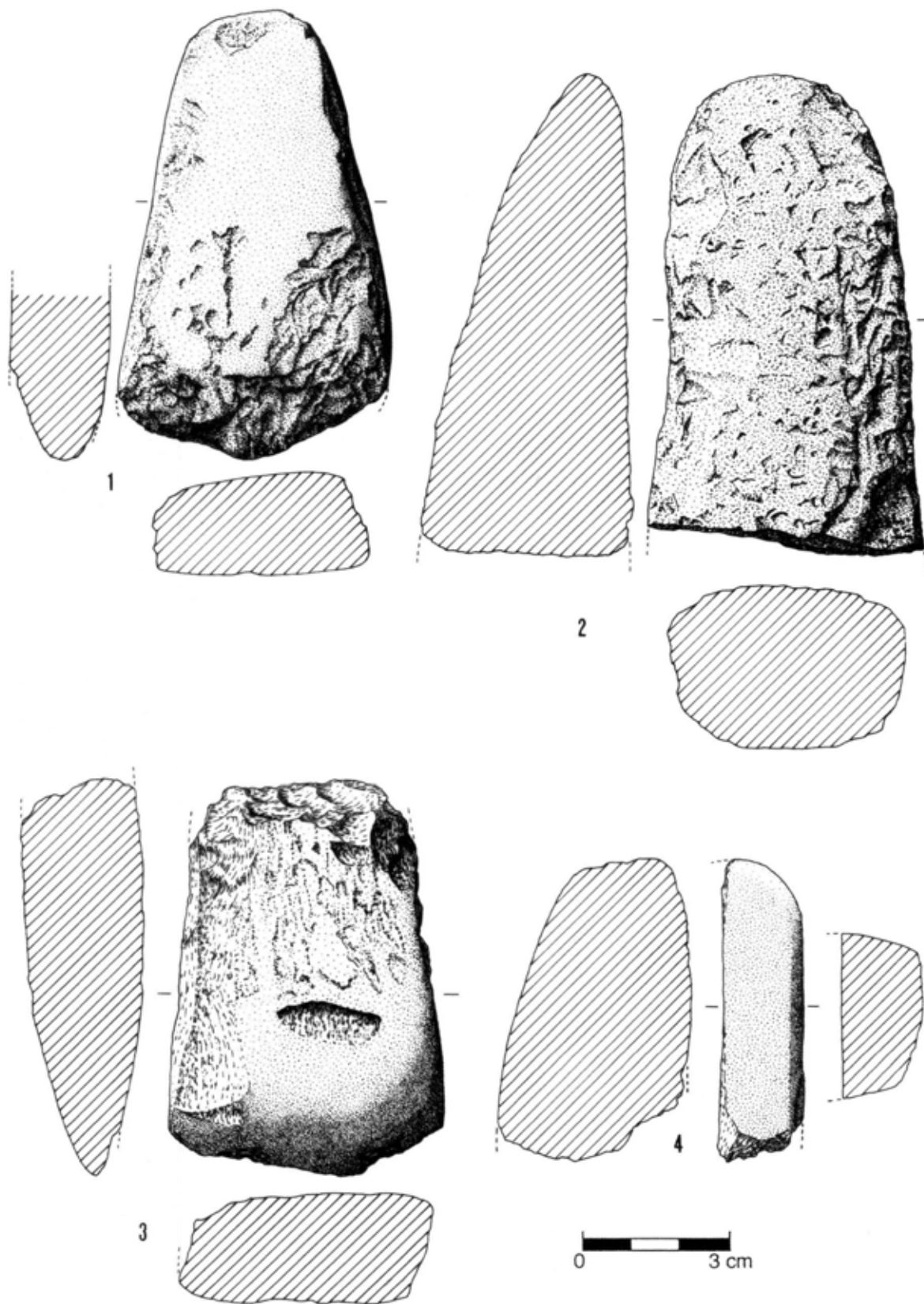


Fig. 46 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

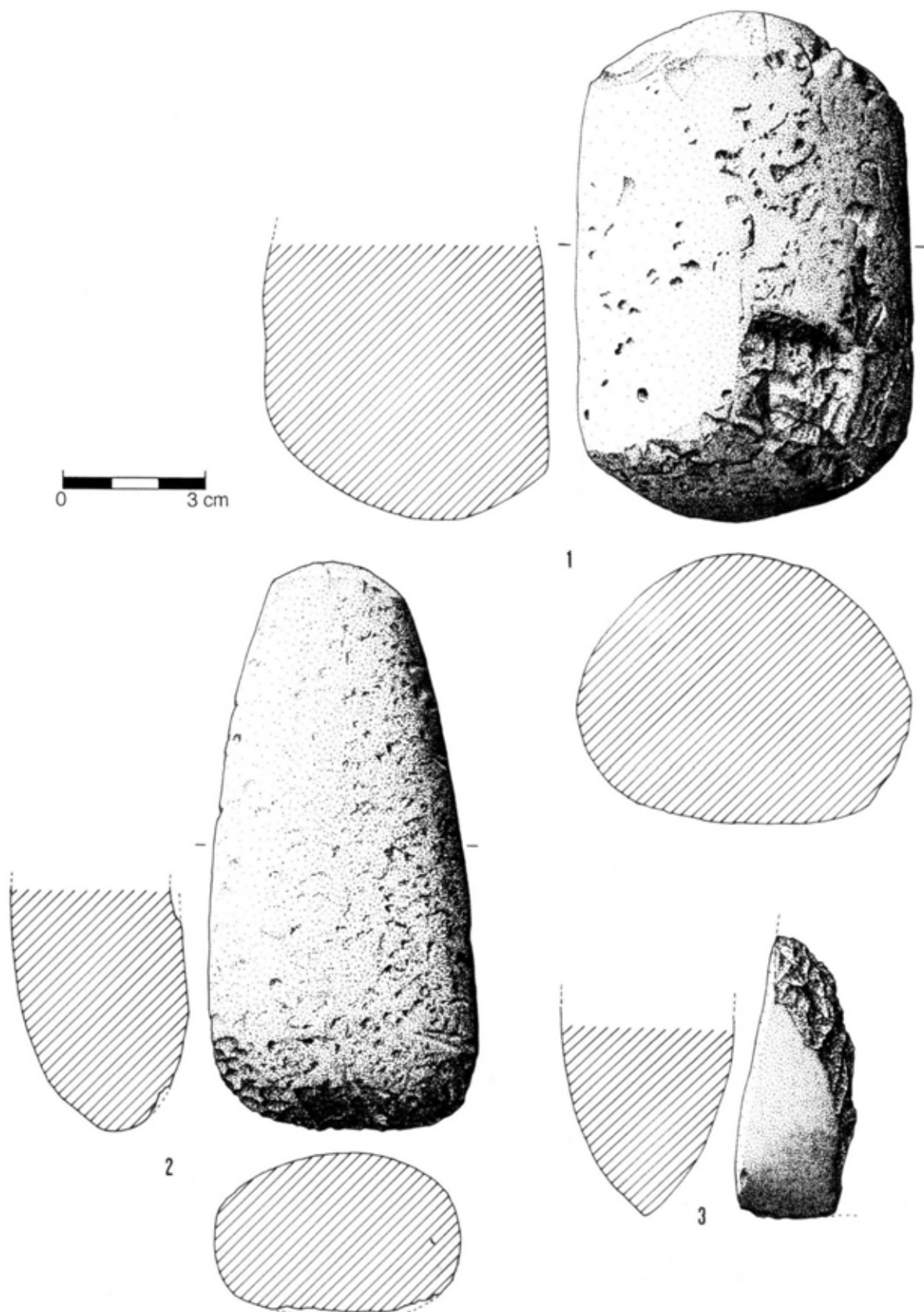


Fig. 47 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Camada 2 (Calcolítico Pleno).

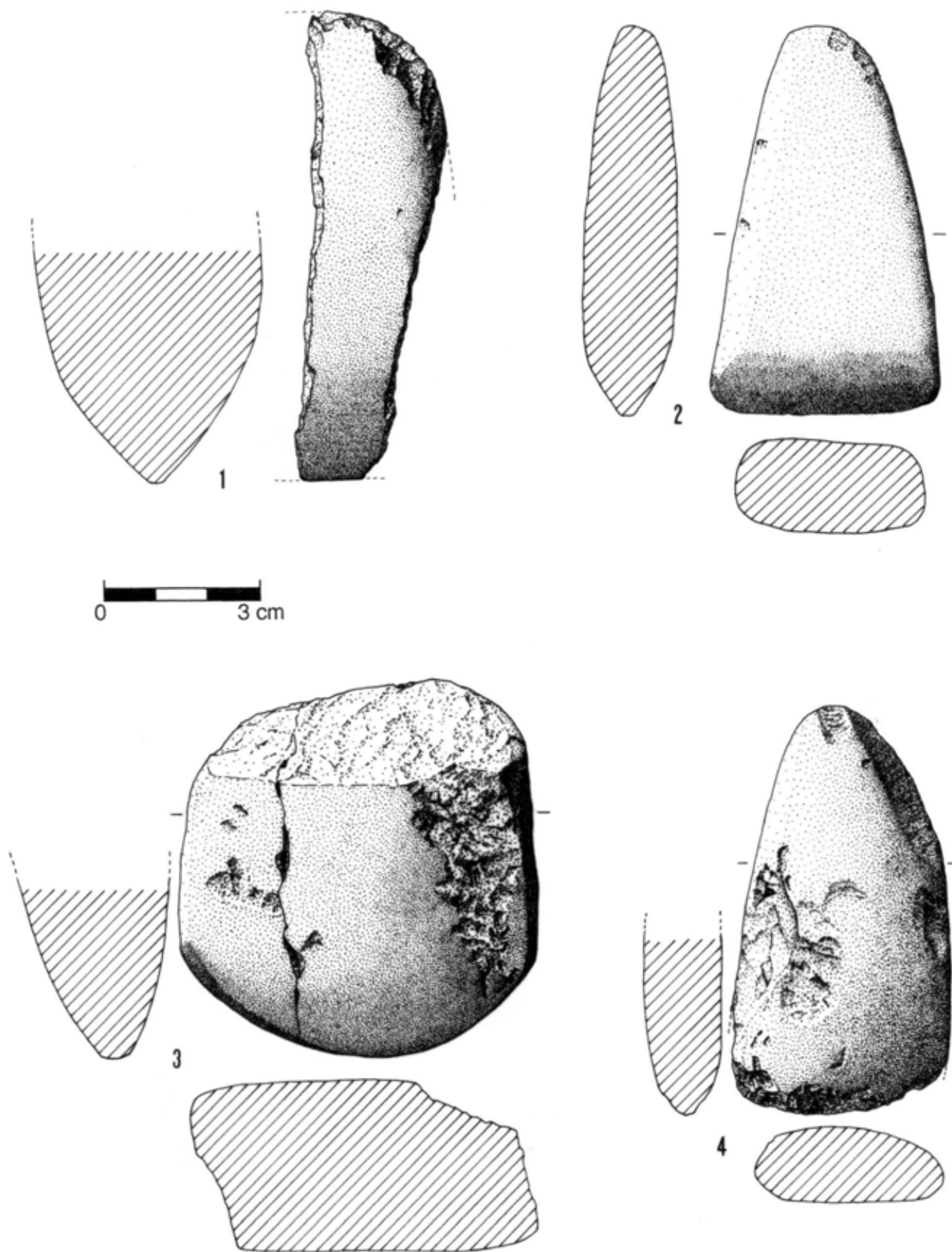
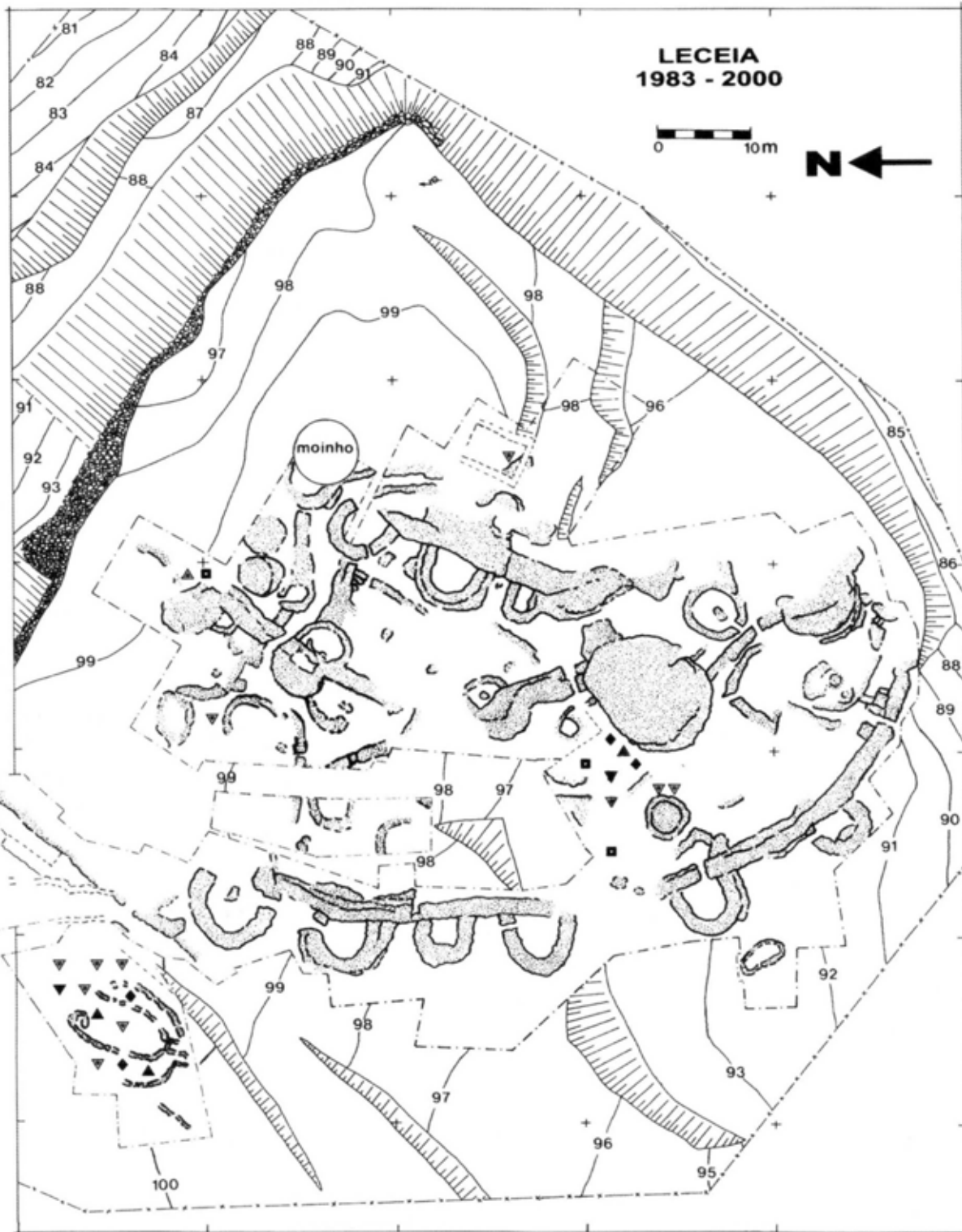


Fig. 48 - Artefactos de pedra polida de Leceia. Superfície.



LEGENDA

▽ Machado

▼ Enxó / sacho

▲ Martelo / percutor

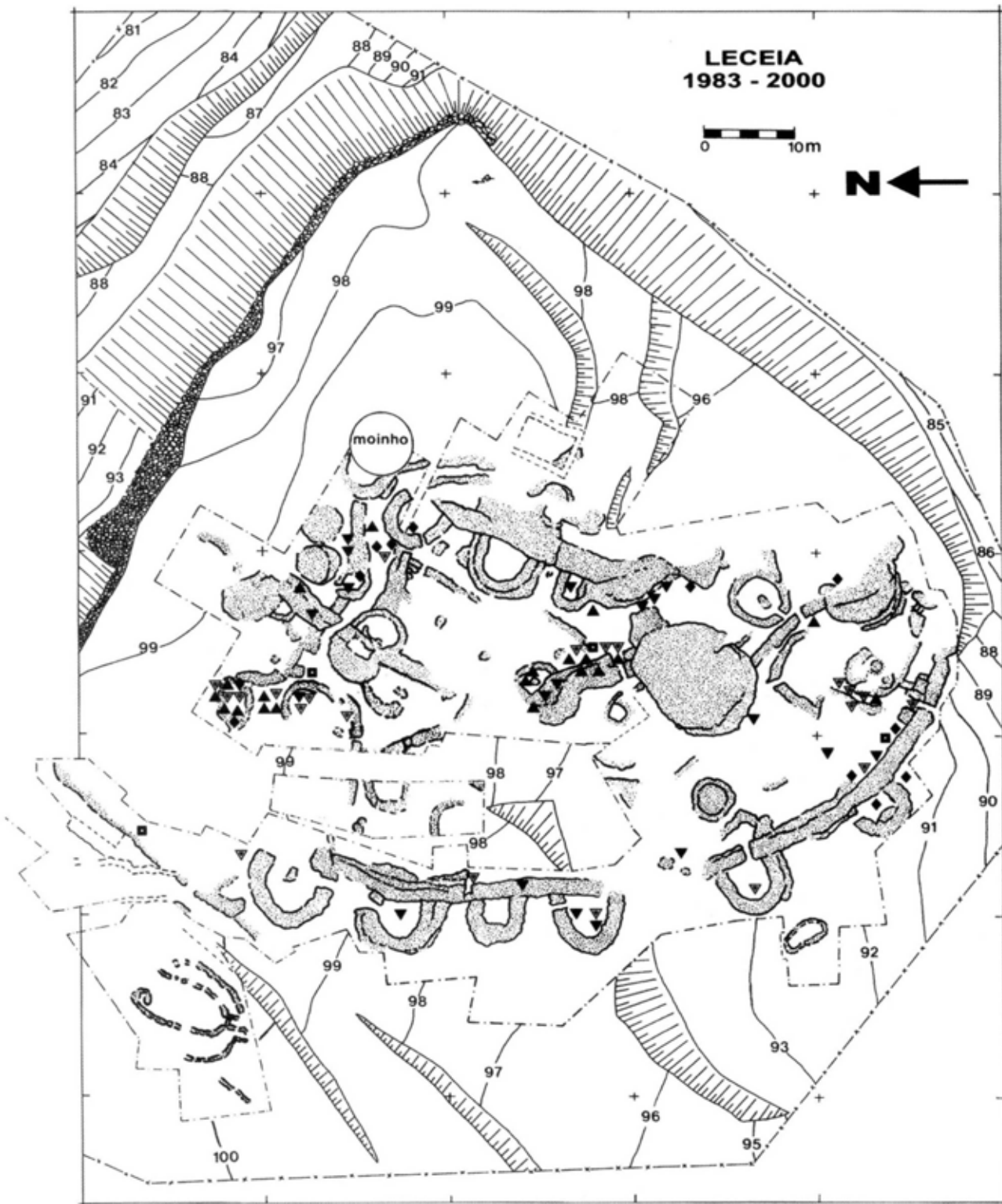
▲ Martelo transversal

◆ Escopro / cinzel / formão

■ Indeterminado

----- perímetro da área escavada

Fig. 50 - Leceia, Camada 4 (Neolítico Final). Distribuição dos artefactos de pedra polida pela área escavada.



LECEIA
1983 - 2000

0 10m



moinho

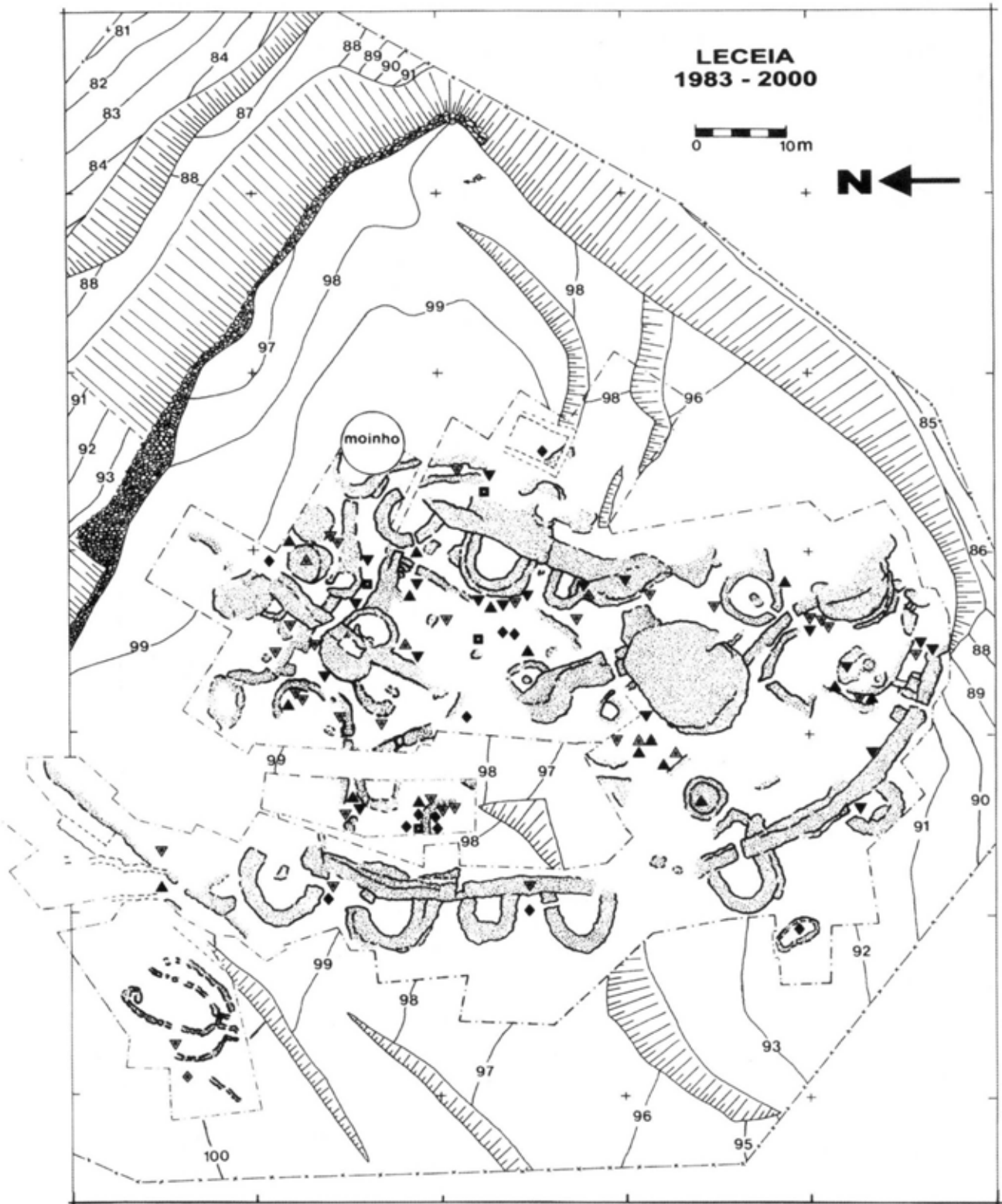
LEGENDA

- ▼ Machado
- ▼ Enxó / sacho

- ▲ Martelo / percutor
- ◆ Escopro / cinzel / formão
- Indeterminado

----- perímetro da área escavada

Fig. 51 - Leceia, Camada 3 (Calcolítico Inicial). Distribuição dos artefactos de pedra polida pela área escavada.



LEGENDA

▼ Machado

▼ Enxó / sacho

▲ Martelo / percutor

▲ Martelo transversal

◆ Escopro / cinzel / formão

◆ Goiva

■ Indeterminado

----- perímetro da área escavada

Fig. 52 - Leceia, Camada 2 (Calcolítico Pleno). Distribuição dos artefactos de pedra polida pela área escavada.

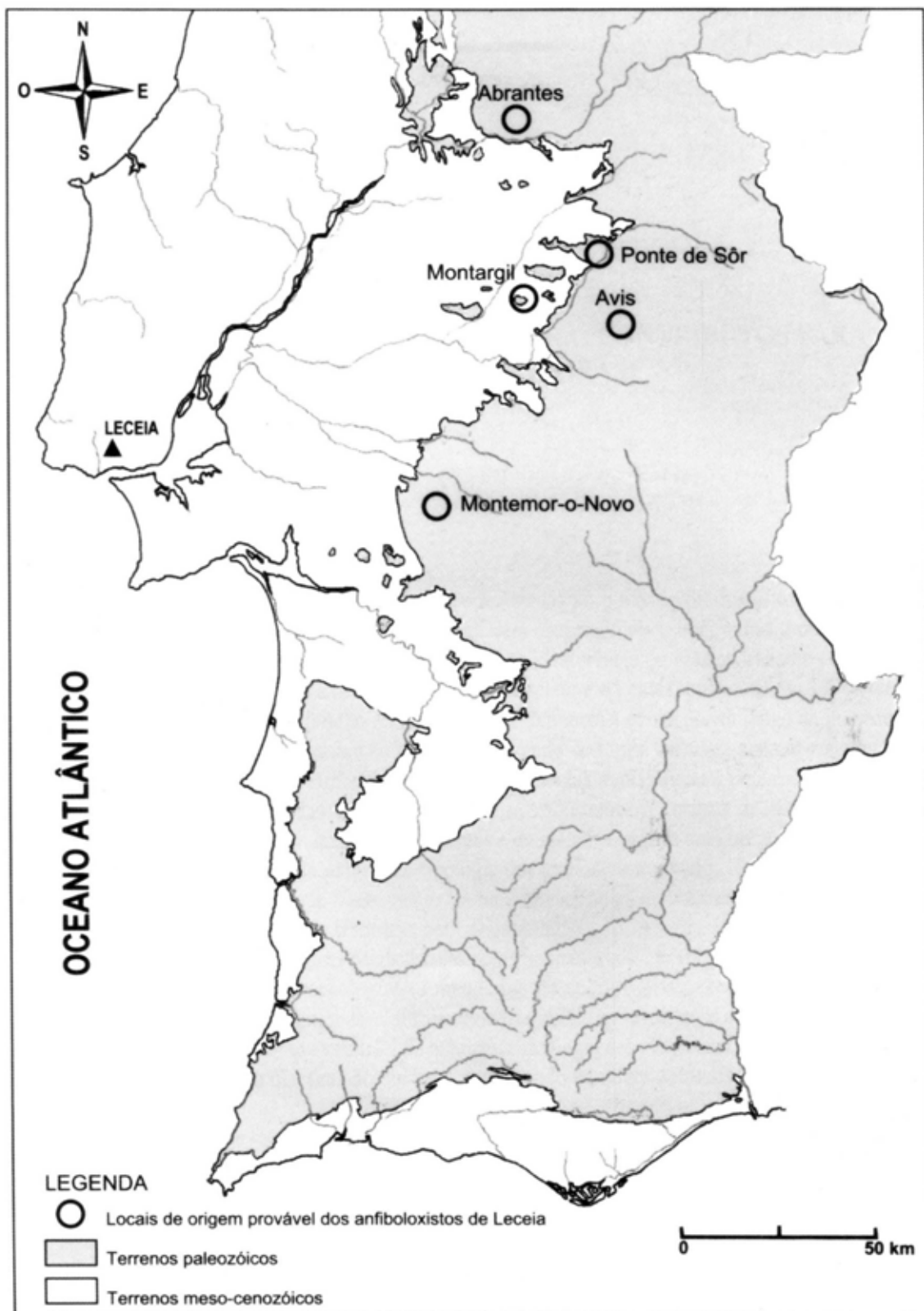


Fig. 53 - Localização das fontes principais mais próximas e prováveis das rochas anfibolíticas encontradas em Leceia.

O CALCOLÍTICO DA BAIXA ESTREMADURA: CONTRIBUTOS PARA UM ENSAIO, A PROPÓSITO DE LECEIA (OEIRAS)

por João Luís Cardoso ⁽¹⁾

1- INTRODUÇÃO

As dezassete campanhas anuais de escavações realizadas no povoado pré-histórico de Leceia desde 1983 conduziram a copioso conjunto de materiais estratigrafados, bem como a numerosas observações de campo, susceptíveis de constituir o fulcro e referência de futuros trabalhos em outros arqueossítios da região (para a bibliografia completa relativa a Leceia, publicada até 1998, ver CARDOSO, 1997/1998). Com efeito, o registo ali obtido denuncia a evolução, ao longo de mais de mil anos, de uma sociedade dinâmica e complexa, explorando de forma cada vez mais exaustiva os recursos naturais disponíveis. Foram as potencialidades agrícolas, rentabilizadas pela melhoria progressiva das próprias tecnologias de produção, que possibilitaram a criação de sobre-produto económico, susceptível de suportar trocas de produtos e de matérias-primas com outras regiões, trocas essas bem documentadas pela natureza e tipologia dos artefactos exumados. Estamos, por conseguinte, perante uma comunidade francamente aberta a intercâmbios de produtos e de bens, fortemente sedentarizada a determinado território, bem delimitado.

As aludidas relações económicas estabelecidas pelos habitantes de Leceia com o exterior, viabilizaram a introdução de novas tecnologias (a metalurgia do cobre é disso exemplo), tendo ainda expressão em outros aspectos materiais e afirmando-se, também, ao nível, mais abstracto, de super-estrutura mágico religiosa, como se conclui da natureza e tipologia dos ideoartefactos recolhidos, em clara afirmação da inserção dos seus possuidores num mundo de raízes culturais mediterrâneas, do qual faziam parte integrante.

Por outro lado, existe uma relação directa entre a complexidade arquitectónica e a existência de áreas semi-especializadas intramuros, de produção ou armazenagem, as quais se encontram expres-

⁽¹⁾ *Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).*

sivamente documentadas em Leceia por diversas estruturas de produção, adiante caracterizadas. Leceia constituiria, desta forma, o núcleo de uma massa populacional estável e sedentária, repartida por determinada região envolvente do aglomerado fortificado, habitando em núcleos de menores dimensões, unida provavelmente por uma origem comum, de consanguinidade.

Qual o modelo explicativo da gênese e evolução desta sociedade, entre meados do IV e finais do III milénios AC? Trata-se, antes de mais, da caracterização de um processo social influenciado por impulsos exógenos, condicionado pelas condições económicas e recursos naturais disponíveis, de cuja interacção (PARREIRA, 1990, p. 29) resultou uma sociedade com marcadas especificidades, precocemente evoluída, articulada com outros grupos humanos, numa perspectiva transregional.

Com base nos elementos disponíveis, é usual a consideração, no Calcolítico da Estremadura, de três fases culturais principais. Tais fases encontram-se representadas em Leceia de forma paradigmática, correspondendo-lhes camadas arqueológicas de características e conteúdos artefactuais diferentes. Entre estes, avulta a cerâmica, de que alguns tipos podem ser entendidos como verdadeiros marcadores, ou fósseis estratigráficos, para usar uma expressão do foro geológico, de significado e validade culturais evidentes em Leceia (Fig. 1), como em outros povoados da mesma área cultural. Vejamos, pois, quais as principais características dessas fases, de expressão estratigráfica bem definida.

2 - O NEOLÍTICO FINAL

No decurso da segunda metade do IV milénio a.C., assiste-se, na Estremadura, à ocupação progressiva de sítios de altura, com boas condições naturais de defesa (SILVA, 1983). Em Leceia, estabeleceu-se, então, um vasto povoado aberto, sobre as bancadas rochosas então aflorantes (Fig. 2), aproveitando também o espaço entre elas (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1996).

As nove datas radiocarbónicas obtidas, situam esta ocupação, com efeito, naquele intervalo de tempo (CARDOSO & SOARES, 1996). Assim, fazendo uso do programa CALIB, foram construídos gráficos de acumulação de probabilidade referente ao conjunto de datas obtido e calculados diversos intervalos de confiança: para uma probabilidade de 50%, a cronologia obtida para a ocupação do Neolítico final corresponde ao intervalo de 3350 - 3040 cal AC e, para uma probabilidade de 95%, ao intervalo de 3510 - 2900 cal AC.

Embora não se tenham identificado, em quaisquer povoados, até agora, estruturas defensivas, a escolha de lugares, naturalmente defendidos, pressagiam a existência de potenciais situações de conflito, arqueologicamente não detectáveis até então; com efeito, só se defende quem tem algo (além da sua pessoa...) para defender. Que bens seriam esses, que teriam obrigado tais comunidades a procurarem refúgio no alto das colinas da região? Certamente os resultantes da acumulação de excedentes da produção agrícola, propiciados pela melhoria das tecnologias de produção, designada-

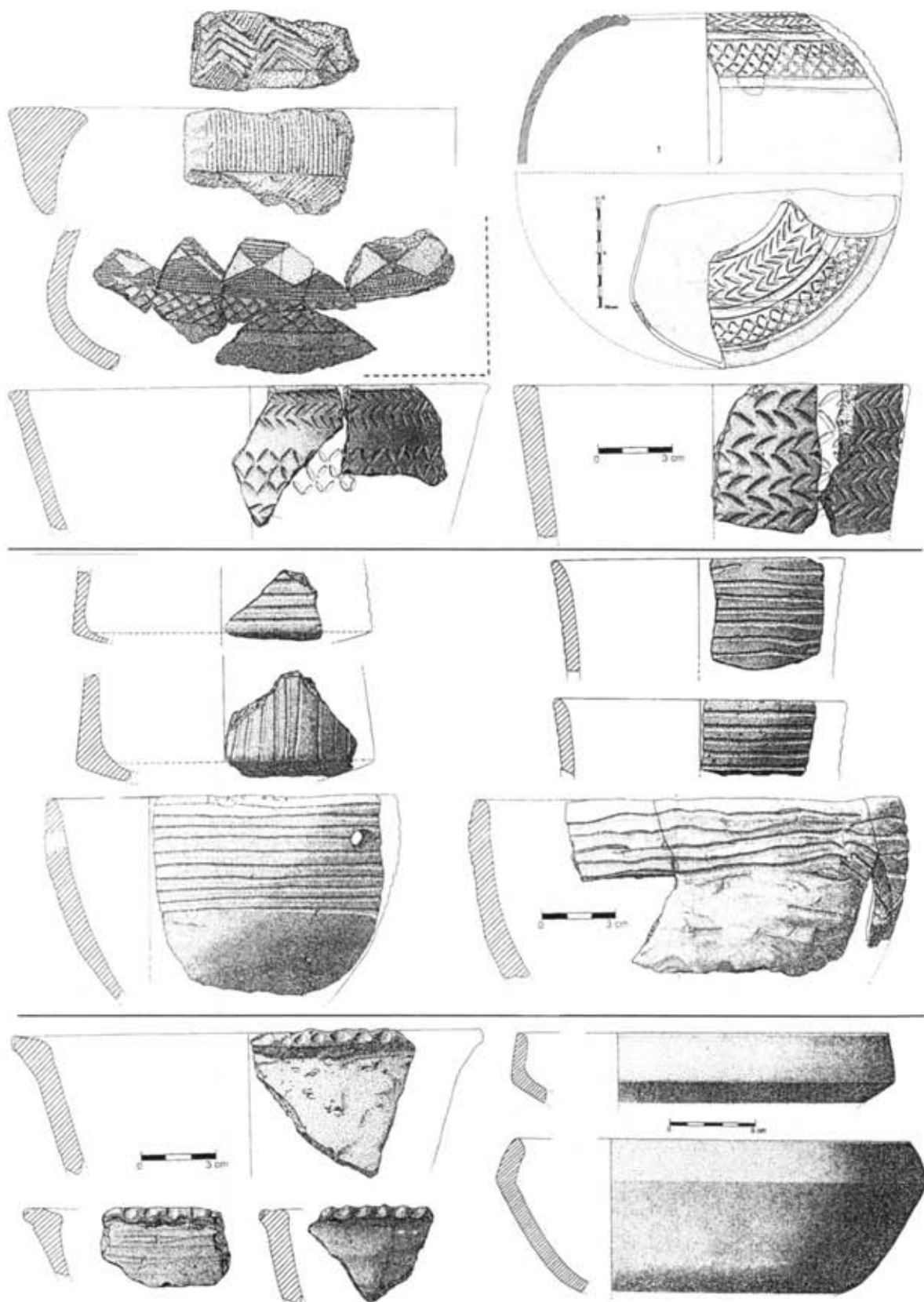


Fig. 1 - Cerâmicas representativas de cada uma das fases culturais representadas em Leceia. Em baixo, do Neolítico Final; ao centro, do Calcolítico Inicial; ao alto, à direita, do Calcolítico Pleno; e à esquerda, do Campaniforme.

mente a introdução do arado, do carro e da força de tração animal, como sugestivamente é ilustrado pela associação de bucrânios àqueles dois presumíveis elementos, no santuário rupestre exterior do Escoural (GOMES, GOMES & SANTOS, 1983), hipótese suportada pela abundância de restos de boi doméstico recolhidos na camada do Neolítico Final de Leceia. Trata-se, afinal, dos representantes mais frisantes da chamada Revolução dos Produtos Secundários (RPS). Entrevê-se, pois, na existência de bens de consumo, pela primeira vez excedentários, uma das razões para a instabilidade e tensão social instalada, tão bem documentada em Leceia, e que iria caracterizar todo o III milênio AC na Estremadura.

"As muralhas não traduzem apenas economia. Traduzem economia e sociedade.

São construídas para proteger alguém e alguma coisa de outrém. Assim sendo, a definição de esse outrém é fundamental. Como o é sabermos que tipo de sociedades se afrontam. E o contexto económico que o permite" (GONÇALVES, 1991, p. 405). Eis pertinentes observações a que procuraremos dar o nosso contributo, neste estudo.

3 - O CALCOLÍTICO INICIAL

Em Leceia, após um período de abandono, que poderá ter durado de 30 a 150 anos, mais provavelmente algumas dezenas de anos (CARDOSO & SOARES, 1996), assiste-se, logo no começo do Calcolítico Inicial, situável cerca de 2900 BC, à construção de imponente fortificação (Figs. 3, 4, 5), fundada ora no substrato geológico, ora na camada correspondente à ocupação do Neolítico final (CARDOSO, 1989; 1994a; 1994b; 1995; 1997; 2000). Tal dispositivo defensivo respeitou, sem dúvida, um plano previamente definido e metodicamente levado à prática. A discordância que se observa entre esta ocupação e o povoado neolítico anterior não chega, porém, para admitir a existência de rupturas de ordem cultural (teriam certamente existido rupturas de natureza económico-social) e, muito menos, justificar a chegada de novas gentes estranhas à região. Ao contrário, entrevê-se em tal fortificação a consequência lógica do período de instabilidade gerado no Neolítico Final, pelas razões expostas.

Tal como se verificou para o Neolítico Final, também o Calcolítico Inicial se encontra datado em Leceia com elevada precisão. As nove datas de radiocarbono disponíveis, permitiram a construção de gráfico de acumulação de probabilidade (com base no programa CALIB) e, a partir dele, o cálculo de diversos intervalos de confiança. Deste modo, para uma probabilidade de 50%, a duração do Calcolítico Inicial em Leceia situar-se-á entre 2770 e 2550 cal AC e, para uma probabilidade de 95%, entre 2870 e 2400 cal AC (CARDOSO & SOARES, 1996).

Convém recordar, porém, que o intervalo de 50% representa o *floruit* do conjunto, ou seja, o seu período de florescimento (ver discussão deste conceito em SOARES & CABRAL, 1993, p. 220). Deste modo, tendo presentes os valores referidos, pode afirmar-se que o Calcolítico Inicial terá tido



Fig. 2 - Fotografia aérea do povoado pré-histórico de Leceia, evidenciando-se a existência do esporão rochoso natural, no qual está situado. Foto de G. Cardoso.

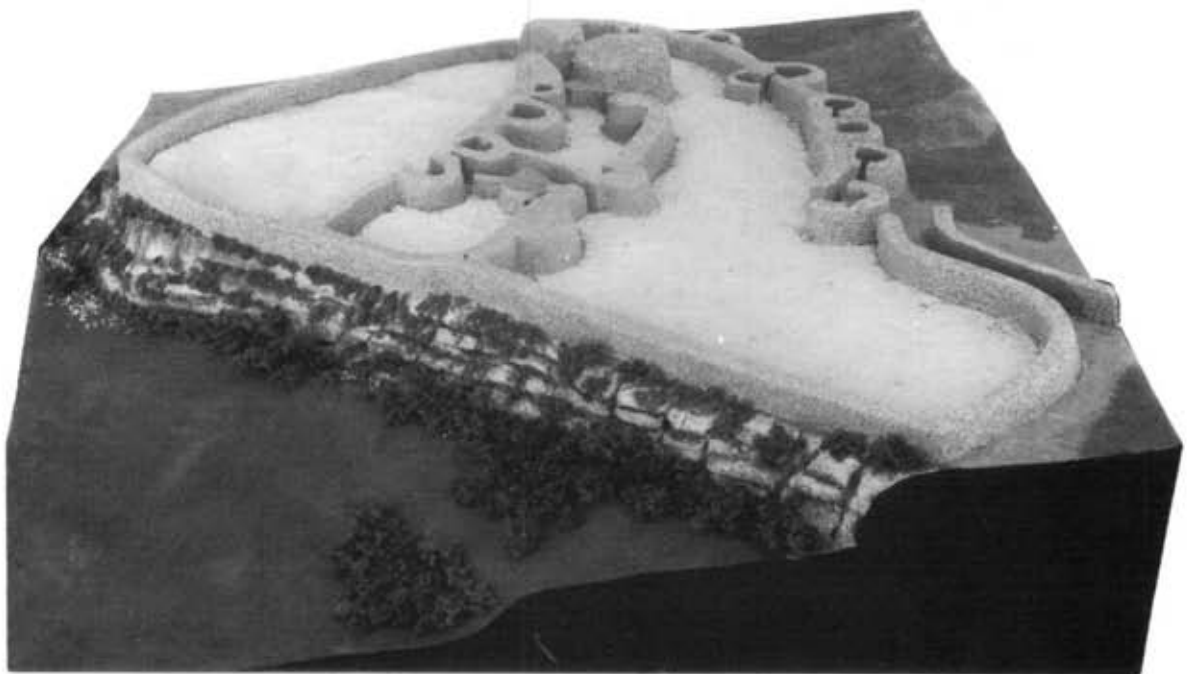


Fig. 3 - Leceia. Maqueta onde se evidencia a importância defensiva da escarpa natural que flanqueia o povoado pré-histórico ao longo de dois dos seus lados. Foto de G. Cardoso.

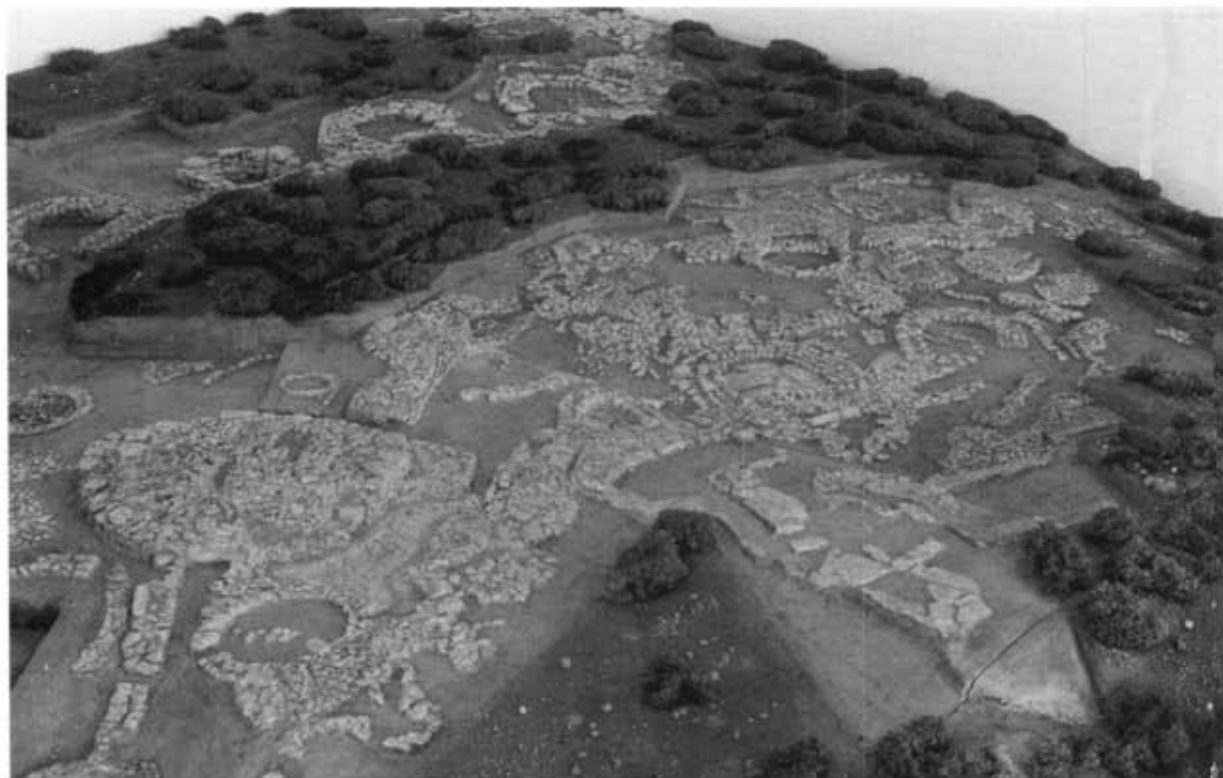


Fig. 4 - Leceia. dois aspectos de maqueta de pormenor da área escavada, à escala original de 1/20. Em cima, observa-se a organização do dispositivo defensivo, com três ordens de muralhas. Em baixo, o mesmo dispositivo visto lateralmente, de Sul para Norte. Fotos de G. Cardoso.

uma duração inferior à do Neolítico Final, correspondendo ao intervalo de 2800-2500 cal AC. Assim sendo, a primeira fortificação de Leceia, edificada logo no começo do Calcolítico Inicial, ascenderia a cerca de 2800 cal AC, ou, talvez, a algumas dezenas de anos antes.

Leceia documenta, pois, a par dos dois casos homólogos mais conhecidos da região (Fig. 6) – Vila Nova de São Pedro (Azambuja), onde se recolheram centenas de pontas de seta de sílex em verdadeiros ninhos, talvez constituído arsenais bélicos, no estrato Vila Nova I de PAÇO (1964, p. 145), e Zambujal (Torres Vedras) – a pujança do povoamento calcolítico da Baixa Estremadura, articulado em grandes centros fortificados, de características proto-urbanas, cuja localização foi determinada pela conjugação de condições naturais de defesa (todos se inscrevem em plataformas delimitadas por escarpas, como Leceia ou o Zambujal, ou no alto de cabeços), com vales agrícolas de elevada fertilidade, dominando as vias de circulação naturais a região adjacente; condições geomorfológicas propícias e aptidão agrícola dos solos foram, pois, os dois aspectos determinantes para a selecção de tais lugares, dos quais alguns vieram a ser fortificados.

De facto, as actividades agrícolas em campos ou talhões circunscritos, adequados ao cultivo do trigo e da cevada, reconhecidos em Vila Nova de S. Pedro (PAÇO, 1954) seriam determinantes na economia e bases de subsistência destas populações, à semelhança das sediadas no esporão de Leceia, debruçado sobre o fértil vale da ribeira de Barcarena.

A importância do cultivo dos terrenos adjacentes, em encosta suave voltada para a ribeira de Barcarena, parece encontrar-se indirectamente denunciada pelo conteúdo polínico de episódio de abandono do Calcolítico Inicial detectado na estação. Com efeito, o Prof. João Pais (Universidade Nova de Lisboa) reconheceu, nos respectivos espectros polínicos, a larga predominância de gramineas e de compósitas, tradicionalmente associadas a agriculturas cerealíferas, transitoriamente dominantes em tais espaços.

Os artefactos recolhidos documentam a importância das actividades agrícolas: machados, frequentemente exaustos, com o gume embotado pelo uso, destinados à deflorestação; sachos; numerosas mós manuais, de arenito silicioso, obtido nos arredores, de 5 a 10 km de distância; e elementos de foice, de sílex (Fig. 7).

Enfim, a horticultura, efectuada em pequenas hortas, ao longo dos vales, talvez recorrendo já a sistemas de irrigação primitivos (PARREIRA, 1990), encontra-se ilustrada em Vila Nova de São Pedro pela existência de fava e do linho (PAÇO & ARTHUR, 1953; PAÇO, 1954).

Em Leceia, embora, até ao presente, não se tenha recolhido nenhuma semente das espécies referidas, a prática da agricultura e eventualmente da horticultura encontra-se reforçada, além dos testemunhos materiais aludidos, pela existência de três lageados (Fig. 8) de planta circular, considerados como o embasamento de eiras (CARDOSO, 1989, Fig. 73 e 74; CARDOSO, 1994a, Fig. 15). Tais estruturas, que seriam revestidas de argila pisada, ou greda, muito dura, à semelhança de eiras tradicionais da actualidade – e de foram encontrados vestígios em uma delas – destinaram-se não apenas ao processamento dos cereais, mas também à secagem de leguminosas, como a fava.

Com efeito, só assim se explica a sua conservação, por incarbonização, em Vila Nova de S. Pedro. Trata-se exemplares únicos, no Calcolítico de Portugal, e que testemunham o vigor da economia agrícola de Leceia, bem documentada por uma pequena cabana, situada intramuros (Fig. 9), especializada na farinhação, como se conclui da abundância dos elementos de mós manuais (moventes e dormentes) que jaziam no seu interior (escavações de 1998).

Este sistema de produção era completado pelo pastoreio de ovinos, caprinos e bovinos, de onde provinha a maioria das proteínas, bem como pela criação do porco doméstico, o que denuncia a marcada sedentarização destas comunidades e o pleno domínio da manipulação de todas as espécies domésticas que, já então, como hoje, constituem o grosso da nossa alimentação.

A caça do veado e do javali documenta a existência de manchas florestais pontuando espaços abertos, ocupados por pastagens naturais, propícias à circulação de manadas de auroques e de cavalos selvagens, também presentes nos inventários faunísticos. A recolção de moluscos e a pesca, no litoral adjacente, então de mais fácil acesso devido à anterior transgressão flandriana e ao não assoreamento das embocaduras dos cursos de água, encontra-se igualmente documentada na maioria dos povoados da região, completando as bases alimentares de tais populações. A presença de diversos anzóis de cobre, a par de numerosos restos de ciprinídeos (dourada e pargo) comprovam a prática de uma pesca litoral, por meio de pequenas embarcações e a partir das praias (ANTUNES & CARDOSO, 1995).

Enfim, o estado de exaustão, já aludido, de muitos machados de pedra polida, denuncia importantes actividades florestais, não apenas para a obtenção de campos agrícolas ou para pastagens permanentes, mas também de lenhas e de produtos silvícolas, como a bolota, presente em Vila Nova de S. Pedro (PAÇO, 1954), que poderia ser farinha. Entrevê-se, pelo exposto, e no que a Leceia diz respeito, a existência de uma comunidade explorando metódica e exaustivamente os recursos disponíveis nos diversos biota adjacentes, desde o estuário, passando pelo litoral, até aos bosques ou pradarias que se desenvolviam pelo interior do território, até à serra de Sintra.

As sucessivas fases de reforço de estruturas, observadas em Leceia no decurso do Calcolítico inicial, tal como no Zambujal e em Vila Nova de S. Pedro (evidenciadas pelas escavações de V. Gonçalves, na década de 1980), respeitaram, tal como a construção inicial, um plano global e reajustamentos planeados; revelam, outrossim, a manutenção e, talvez, o agravamento da instabilidade social no decurso do Calcolítico Inicial, período de cerca de 300 anos, durante a 1ª metade do III milénio AC. A imponência de tais construções denuncia, ainda, uma sociedade inter e intra-comunitariamente hierarquizada. O modelo tribal, que pressupõe igualitarismo, fortalecido pelos laços consanguíneos, não se adapta totalmente à realidade observada; é mais adequado entrevermos sociedade sedentária, francamente estabilizada no território, cuja abertura aos estímulos exógenos, teria propiciado e favorecido a chegada de forasteiros; a sua presença foi acentuando uma crescente diferenciação social intracomunitária. Ganha assim credibilidade a explicação da existência de diversas estruturas habitacionais de diferente qualidade construtiva e tamanho, segundo a posição de

maior ou menor privilégio que teriam no respeitante à respectiva defensabilidade no seio da área construída, proporcional ao destaque social os respectivos moradores. é o caso de uma grande casa de planta circular (Fig. 10) situada na área melhor defendida, enquanto que outras, de menor tamanho e construção mais deficiente se situam em zonas mais expostas a eventuais ataques inimigos.

Por outro lado, na construção desta notável fortificação – cuja área construída se aproxima da de Vila Nova de S. Pedro, (1 ha) e é maior que a do Zambujal (0,7 ha) – encontra-se implícita a existência de excedentes alimentares, susceptíveis de permitirem o afastamento das actividades produtivas do segmento mais activo da população, por dilatado período de tempo.

Enfim, entrevê-se não apenas a divisão do trabalho (como em qualquer comunidade tribal), mas a própria hierarquização das funções, competindo a determinada "elite" da comunidade a coordenação do trabalho de todos, de que será exemplo frisante, a própria construção da fortificação. O Calcolítico Inicial corresponde, inquestionavelmente, na Estremadura, a uma época de florescimento económico, expresso pelas melhorias obtidas na capacidade produtiva, umas conhecidas desde o final do Neolítico, outras já plenamente calcolíticas.

4- O CALCOLÍTICO PLENO

A fase cultural seguinte – o Calcolítico Pleno da Estremadura, cujo início é situável no fim da primeira metade do III milénio AC – encontra-se em geral bem documentada nos povoados ocupados ou fundados na fase cultural anterior.

As dezoito datas radiocarbónicas disponíveis em Leceia para o Calcolítico Pleno, conjuntamente com as respeitantes às outras fases culturais ali representadas, fazem deste povoado calcolítico o melhor caracterizado, em termos da respectiva evolução cronológico-cultural, de todos os existentes em território português. O tratamento estatístico respectivo do conjunto permitiu, pela primeira vez, situar a transição entre o Calcolítico Inicial e o Calcolítico Pleno cerca de 2600 AC (CARDOSO & SOARES, 1996). Uma maior precisão é, de momento, impossível, atendendo a que a curva de calibração disponível possui uma inclinação muito fraca e com muitas oscilações para a época em causa. O *terminus* desta fase cultural pode, da mesma forma, situar-se cerca de 2200 AC.

Em Leceia, produzir-se-ia, nesta fase, em áreas restritas do espaço habitado (como mostra a presença de escórias e pingos de fundição), um instrumental de cobre variado, com destaque para os pequenos artefactos, como sovelas, escopros e punções. A preferência dada a tais artefactos explica-se: por um lado, a escassez do então precioso metal, não favorecia o fabrico de grandes artefactos; por outro lado, seriam os preferencialmente produzidas, destinados a funções específicas, que os seus equivalentes líticos ou ósseos desempenhavam menos eficazmente. De facto, os grandes machados de cobre, de que nenhum exemplar completo se recolheu em Leceia – corresponderiam mais a peças de prestígio, de carácter ritual ou, tão-somente, a simples lingotes, sem funções práticas.

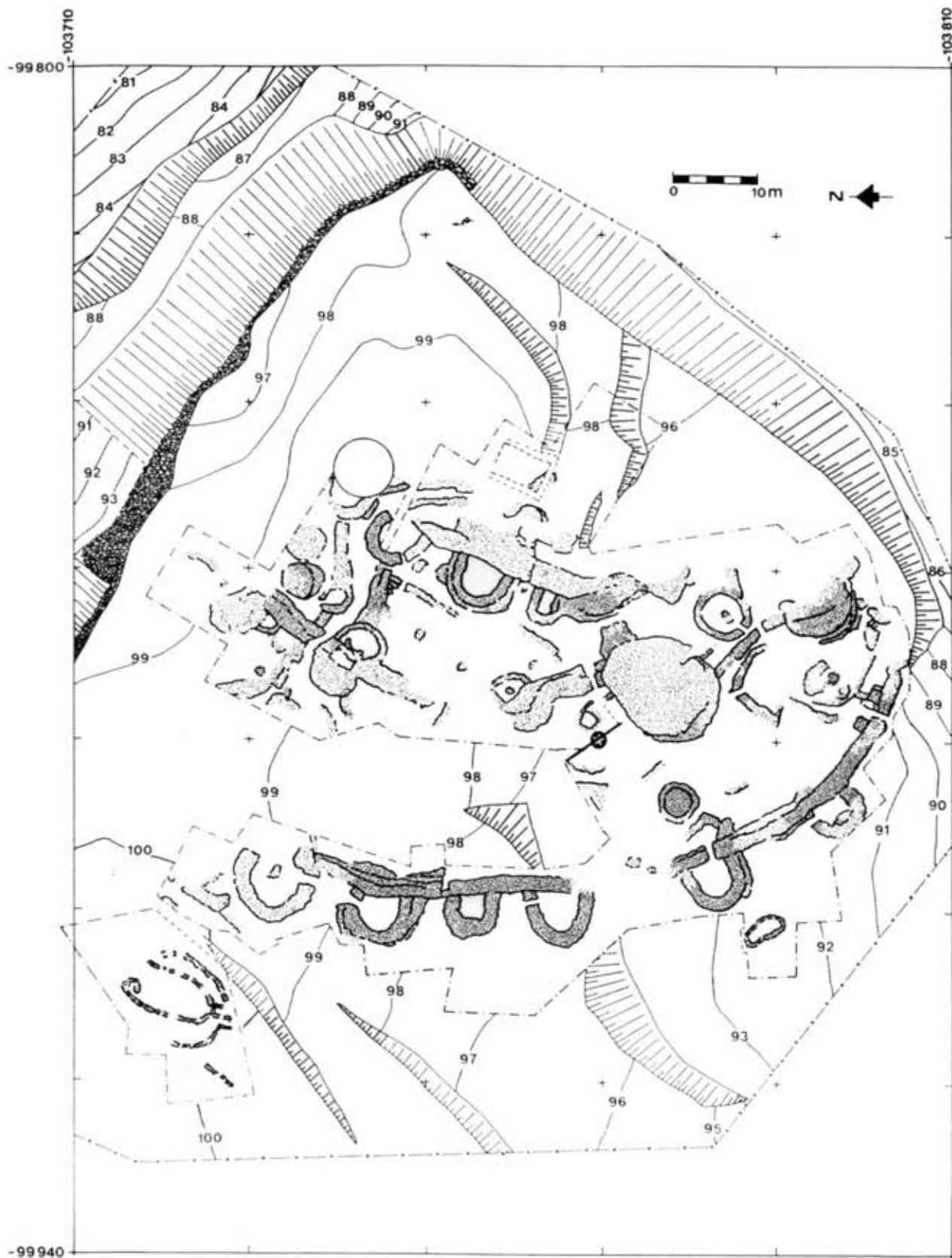


Fig. 5 - Leceia (1983-2000) - planta geral simplificada da área escavada.

É evidente que o cobre puro, de que são feitos, não poderia competir, quanto à dureza e resistência, com qualquer machado de anfibolito, de obtenção muito menos dispendiosa. O uso de peças de cobre poderá ser visto, deste modo, apenas como uma extensão da Revolução dos Produtos Secundários (RPS), visando a melhoria da eficiência de determinados instrumentos de produção ou de transformação, conducentes à diversidade e especialização dos bens de consumo, designadamente alimentares. Neste contexto, não cremos que deva ser demasiado valorizada a sua acção como agente de mudança económica ou social (CARDOSO, 1999 a). No Calcolítico inicial da Estremadura, é nítida a ausência de artefactos de cobre, ao menos em Leceia (desconhece-se se também no Zambujal; em Vila Nova de S. Pedro, a deficiência do registo arqueológico impede-nos de maiores rigores, embora SAVORY (1970) não os tenha encontrado, no corte de 1959, na camada com "copos", pertencente a esta fase cultural).

Este aspecto é da maior importância; em Leceia, o critério de ausência é significativo, atendendo à representatividade da área escavada, por vir demonstrar que a construção desta fortificação foi ditada por necessidades de defesa estranhas à metalurgia, contrariando as teses desenvolvidas a partir da escavação do Zambujal, nas décadas de 1960 e de 1970, segundo as quais o cobre constituía o "leit-motiv" da presença, nesta finisterra da Europa, de grupos de prospectores, metalurgistas e comerciantes deste metal, oriundos dos confins do Mediterrâneo Oriental, aqui se instalando, em verdadeiras feitorias fortificadas.

A tardia introdução do cobre na Estremadura, acompanha, simplesmente, a de outras novidades tecnológicas, típicas da RPS, em pleno 3º milénio, como a fiação (os "pesos de tear" são quase desconhecidos da Camada 3, do Calcolítico inicial) ou a transformação de produtos lácteos (os "cinchos" encontram-se mesmo dela ausentes). A este propósito, é interessante observar, com todas as reservas decorrentes de métodos de escavação pouco rigorosos e de análise arqueográfica igualmente grosseira, que PAÇO (1964, p. 146) já tenha referido, acerca de Vila Nova de S. Pedro, que "As condições económicas que sofreram alteração com a vinda dos metalúrgicos do cobre, apresentam agora mais indícios de indústrias de fiação e tecelagem, de fabrico de produtos lácteos...".

Já na década de 1950 se relacionou a progressão dos construtores de *tholoi* – identificados com populações de prospectores e de metalurgistas do cobre – com a difusão do uso deste metal, da Andaluzia, até à Estremadura, passando pelo Alentejo (FERREIRA & VIANA, 1956). As datações de povoados calcolíticos do Grupo do Sudoeste parecem confirmar tal proposta, ao darem como mais precoce o uso do cobre naquela região que na Estremadura (SOARES & CABRAL, 1993).

Com efeito, sendo escassos ou inexistentes, na Estremadura, tanto o cobre nativo como os compostos de que então se poderia obter o metal, importava proceder a análises sistemáticas, não destrutivas, através dos métodos de fluorescência de Raios X (XRF) e de FNAA, recorrendo a neutrões rápidos de ciclotrão, não disponível em Portugal. Trata-se de método rigoroso, de carácter quantitativo, com a vantagem de não danificar as peças, o qual foi sistematicamente empregue no conjunto metálico exumado em Leceia (CARDOSO & GUERRA, 1997/1998).

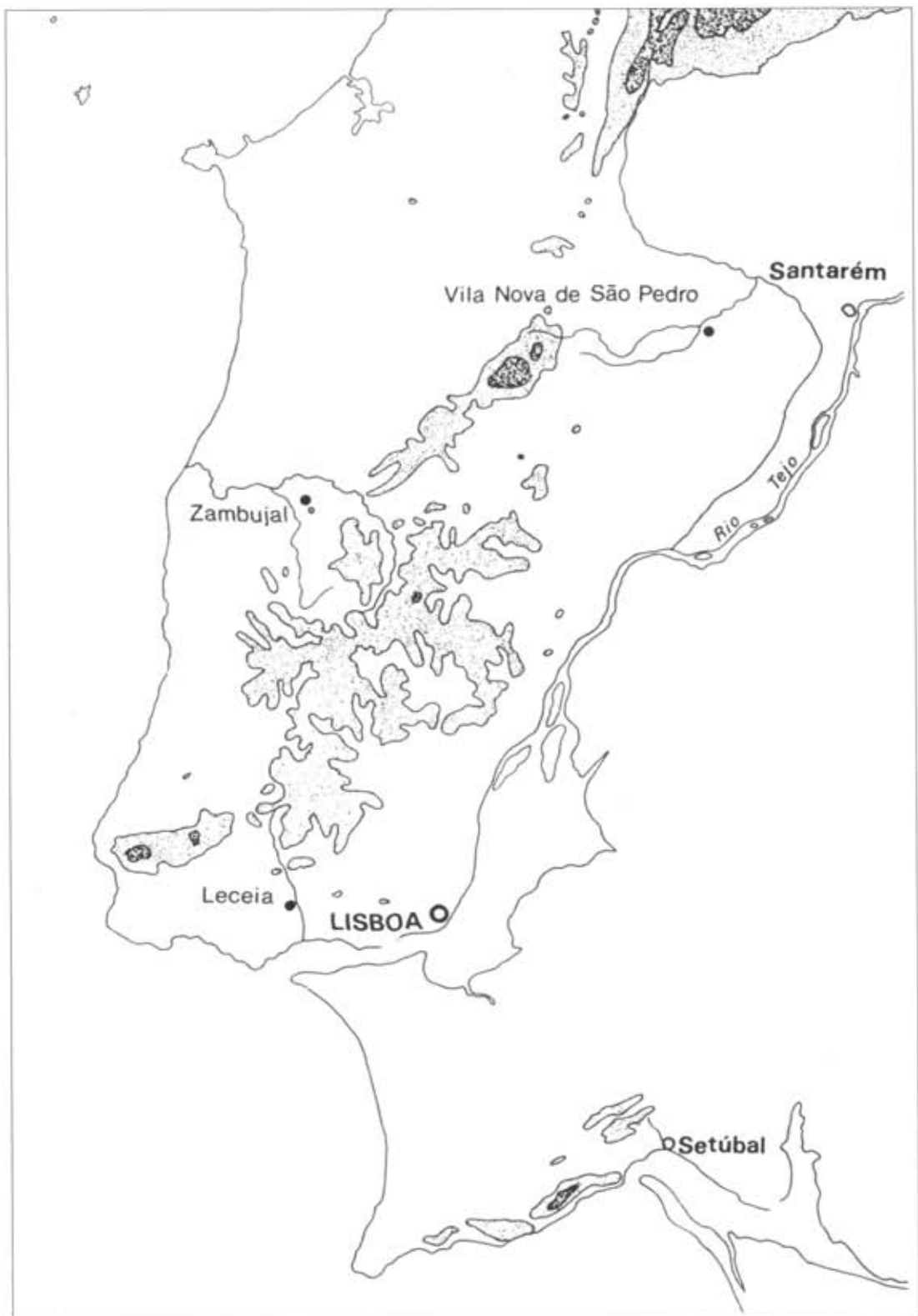


Fig. 6- Localização dos três povoados fortificados calcólicos mais importantes da região do Baixo Tejo.

Os resultados das análises feitas sistematicamente pelo método XRF em todos os cerca de 130 artefactos até ao presente recolhidos em Leceia, um dos maiores conjuntos metálicos peninsulares pré-históricos de características cronológico-culturais homogéneas e provenientes de uma única estação, bem como as cerca de 45 peças submetidas a análise por FNAA, permitiram as seguintes conclusões gerais:

- a matéria-prima original é, invariavelmente, o cobre nativo; as análises revelaram, de facto, cobres quase puros, compatíveis com as características de tais minérios;

- o arsénio varia entre 0,5 e cerca de 5% (análises por FNAA). A continuidade da distribuição de tal elemento evidencia o carácter aleatório da sua presença, subordinada à composição dos minérios utilizados e não em consequência de uma sua qualquer adição intencional (Fig. 11); esta conclusão confirma, inteiramente, opinião anterior (FERREIRA, 1961, 1970);

- o enriquecimento superficial secundário de arsénio, bem como de ferro, pode ser evidenciado comparando os resultados das análises de FNAA, respeitantes ao interior não alterado das peças e de XRF, respeitantes à sua superfície.

A demonstração de que o cobre nativo constituía a fonte de matéria-prima, aliás em consonância com o já sabido a respeito de metalurgia calcolítica, reforça a hipótese de que a sua mineração se efectuava em especial na zona dos chapéus de ferro dos jazigos de polissulfuretos metálicos da faixa piritosa, além de filões de quartzo com mineralizações de cobre nativo. Neste contexto, afigura-se importante a ocorrência de diversos lingotes de cobre em Leceia: um deles, foi submetido a estudo metalográfico (CARDOSO & FERNANDES, 1995). O seu achado vem ilustrar o comércio do cobre, sob a forma de lingotes, desde a área de exploração, onde seriam produzidos, até aos povoados, onde seriam transformados em diversos artefactos, recorrendo especialmente à técnica da martelagem e do corte a frio.

Também a ocorrência de rochas anfíbolíticas nos povoados calcolíticos da Estremadura, onde se desconhece tal tipo petrográfico, ilustra, até mais expressivamente que o cobre, o comércio transregional de matérias-primas então consideradas estratégicas. Em Leceia, as rochas anfíbolíticas constituem mais de 70% do total das rochas duras utilizadas (CARDOSO & CARVALHOSA, 1995) e o panorama nos restantes povoados não deverá ser diferente (Fig. 12). Impunha-se a importação “maciça” de tal matéria-prima, sob a forma de autênticos lingotes líticos – alguns exemplares recolhidos em Leceia com escassa ou nula transformação atestam-na – sobretudo do Alto Alentejo, onde este tipo petrográfico ocorre em diversos locais, pressupondo a existência de rotas comerciais e de circulação de produtos, estáveis, permanentes e duradouras. Apenas cerca de 30% das rochas duras são de origem regional, incluindo tipos petrográficos muito variados (rochas ígneas, metamórficas e sedimentares) todas elas disponíveis na região de Sintra - Mafra - Loures. Tais rochas documentam a existência de um comércio de âmbito mais circunscrito, regional ou transregional, não negligenciável, no qual se inscreve, também, o abastecimento de argila, e/ou de elementos não plásticos, utilizados como desengordurantes nas pastas cerâmicas.



Fig. 7 - Leceia, lâminas sub-elipsoidais de levantamentos bifaciais planos ("foicinhas") do Calcolítico Inicial e Pleno. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 8 - Leceia. Lageado da planta circular, atribuído ao embasamento de eira (*Estrutura EM*). Calcolítico Inicial. Foto de J.L. Cardoso.

Foi, por certo, a existência de um sobreproduto económico, resultante da acumulação de excedentes de produção agrícola, que possibilitou a estas comunidades calcolíticas da Baixa Estremadura o estabelecimento e manutenção de permutas, não apenas de âmbito regional, como as mencionadas, mas mesmo de carácter transregional, conducentes ao aprovisionamento de matérias-primas estratégicas – no caso, o cobre e os xistos anfíbolíticos – de cuja existência dependia a satisfação de actividades vitais para a sobrevivência da comunidade (machados, sachos, enxós, martelos, e escopros). Trata-se de exemplo dos mais interessantes, pelas distâncias envolvidas, de abastecimento especializado de matérias-primas, no âmbito da Pré-história peninsular e, mesmo europeia.

Tais produtos evidenciam, assim, a pujança económica destas comunidades, francamente abertas ao estabelecimento de permutas a média e longa distância, favorecidas pela própria localização geográfica dos povoados, dominando as principais vias de circulação ou penetração no interior do território estremenho.

Se se encontra demonstrada a influência mútua de carácter transregional entre as áreas culturais calcolíticas do Baixo Alentejo e da Estremadura, objecto de trabalho pioneiro a que importa dar continuidade (SILVA, SOARES & CARDOSO, 1995), entrevê-se, igualmente, tal fenómeno entre áreas geográficas muito mais longínquas. Referimo-nos à omnipresente divindade feminina calcolítica, de evidentes raízes mediterrâneas, sem que, contudo, seja lícito invocar, através da sua presença na Baixa Estremadura, a chegada de populações exógenas, dali oriundas. Em um mundo marcado por profundas transformações sociais, em parte decorrentes da sua extrema abertura ao exterior, a difusão de práticas e de conceitos seria, naturalmente, uma realidade incontornável (Figs. 13, 14).

Porém, a existência na Estremadura de objectos verdadeiramente importado do Mediterrâneo, que de alguma forma poderiam suportar a presença directa de elementos populacionais exógenos, não foi até ao presente reconhecida (SILVA, 1990). De qualquer modo, valorizar excessivamente este argumento seria perigoso: por um lado, a simples presença de um único artefacto nestas condições deitaria por terra o argumento da ausência; por outro lado, mesmo que tal viesse a verificar-se, não provaria, por si só, a presença directa de elementos alóctones entre a população, visto poderem ter aqui chegado através de uma longa cadeia de trocas, protagonizadas por outros tantos intermediários. É assim que poderá ser interpretada, a confirmar-se, a recente descoberta de cerâmicas anatólicas calcolíticas (do Bronze Antigo II, ca. 2600-2200 AC) na Andaluzia, em "un contexto característico del Cobre del Sudeste tipo Millares-El Malagón, asociado a cerámica campaniforme." (GONZÁLEZ PRATS *et al.*, 1995).

Difusão de ideias e conceitos, veiculadas ou favorecidas por contactos comerciais, muito mal conhecidos ainda, eis o modelo que de momento julgamos possível e aceitável, para a explicação de artefactos, de marcado exotismo, logo no início do Calcolítico, face à situação verificável no final do Neolítico, na região da Baixa Estremadura (Fig. 15). Ambiente geral de carácter mediterrânico, prevalecente durante todo o Calcolítico na Baixa Estremadura – reforçado pela sua posição geográfica – teriam propiciado em diversas regiões adjacentes evoluções internas idênticas e fenómenos de

interacção. Aliás, a valorização da componente comercial na difusão da tradição arquitectónica, da metalurgia e dos objectos de prestígio, foi anteriormente sublinhada por PARREIRA (1990); achamo-la perfeitamente viável.

No entanto, o registo arqueológico disponível sugere uma evolução "in situ" da formação calcolítica da Baixa Estremadura a partir das populações que aqui viviam, e pujantemente deixaram os traços da sua presença, no Neolítico Final, ao longo da segunda metade do 4º milénio, segundo datações de radiocarbono obtidas em Leceia.

De facto, cada povoado fortificado, mesmo os de uma mesma região cultural, como a Estremadura, embora adoptando soluções arquitectónicas comuns, ter-se-ia comportado e evoluído de forma independente, adaptando-se às condicionantes geomorfológicas naturais de maneira distinta; a solução defensiva encontrada em Vila Nova de S. Pedro, com uma imponente fortificação central, é diferente da de Leceia e Zambujal, sendo estas, por seu turno, diferentes entre si. Claro que o tamanho da área construída influenciava as características arquitectónicas adoptadas em cada caso. Tal variável é directamente proporcional, como é evidente, ao número de habitantes de cada sítio, o que conduz directamente à questão de saber qual a população sediada em Leceia e nos povoados de maiores dimensões da Baixa Estremadura.

O cálculo demográfico proposto por CHAPMAN (1991) conduz, no caso de Leceia, à estimativa de 200 habitantes no auge da ocupação, considerando a área da estação (cerca de 1 ha), valor ligeiramente inferior ao obtido pela relação proposta por RENFREW (1972) para povoados do Egeu, da cerca de 300 habitantes por ha. A ser assim, Leceia teria um número de habitantes idêntico ao de Vila Nova de S. Pedro e cerca de um terço mais que o Zambujal (com 0,7 ha). Outros cálculos, baseados no número de ocupantes de cada unidade habitacional, ou por metro quadrado de área coberta, não são aplicáveis, visto desconhecermos, em boa parte, quantas as estruturas habitacionais na altura existentes na área fortificada. A grande desarmonia que se patenteia, em qualquer dos citados povoados, entre a imponência das estruturas de carácter defensivo e as habitações identificadas, sugere que parte importante da população viveria extramuros, procurando apenas o abrigo das muralhas no decurso de situações de maior tensão social. Esta evidência foi pessoalmente confirmada em Leceia, tendo-se observado numerosos vestígios de "fundos de cabana", extramuros, na base da escarpa voltada para o vale da ribeira de Barcarena.

Para alimentar uma população de 200 a 300 habitantes, número que julgamos adequado à realidade observada em Leceia, não seria necessária uma área de captação de recursos superior à que se poderia atingir em duas horas de marcha. Dentro de tal território não se reconheceram, até ao presente, através da cartografia arqueológica regional (CARDOSO & CARDOSO, 1993), quaisquer núcleos activos no Calcolítico Inicial ou Pleno, susceptíveis de constituírem ameaça à segurança dos habitantes de Leceia. Idêntica afirmação é válida considerando a eventualidade de sobreposição parcial de tal território com o correspondente a outro povoado situado fora daquele limite. Em consequência, e embora não se possa invocar a ameaça corporizada por um outro povoado de grandeza



Fig. 9 - Leceia. Vista geral da *Estrutura FO*, do Calcolítico Inicial, destinada a albergar unidade especializada na farinação, como se conclui da cerca de dezena e meia de elementos de moagem recolhidos (dormentes e moventes de mós manuais). Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 10 - Leceia. Grande cabana de planta circular, com embasamento constituído por muro de alvenaria argamassado. No interior, de chão de argila batida, observa-se estrutura do combustão sub-retangular (*Casa ZZ*), Calcolítico Inicial. Foto de G. Cardoso.

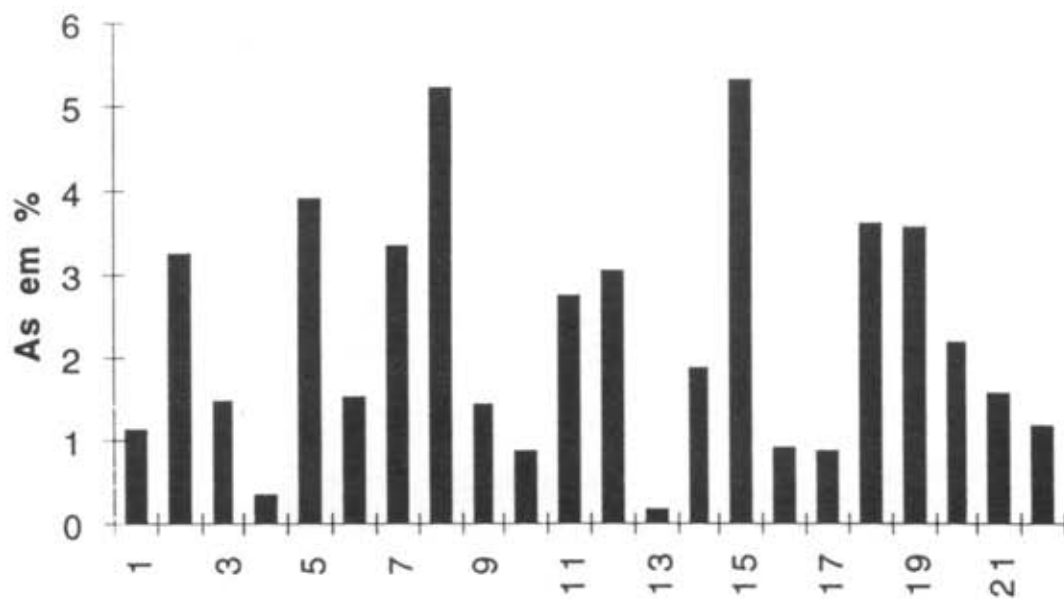


Fig. 11 - Leceia. Variação do teor de arsênio em artefactos de cobre, determinado por FNAA ("Fast Neutron Activation Analysis") (seg. CARDOSO & GUERRA, 1997/1998, Fig. 9).



Fig. 12 - Leceia. Machados de anfibólito, ulteriormente transformados em martelos. Comprimento do exemplar da esquerda: 11,6 cm.

análoga, situado nas proximidades, o conjunto de núcleos de menor expressão identificados em um raio de 15 km em redor poderiam constituir uma pressão constante, ainda que difusa, sobre as terras usufruídas pelos ocupantes de Leceia. Assim, cremos que a construção desta fortaleza se terá devido mais a razões de ordem preventiva. A simples presença de uma fortificação desta imponência, constituindo um marco bem evidenciado na paisagem, longe de nela se dissimular, corporizaria a posse e os direitos sobre determinado território envolvente, servindo ao mesmo tempo como elemento dissuasor (ou intimidatório, cf. SANGMEISTER & SCHUBART, 1972, p. 197) de qualquer grupo, oriundo ou não da região, que ousasse invadir tal domínio. Com efeito, ao longo dos cerca de trezentos anos de funcionamento efectivo da fortificação, tal terá acontecido: em estrutura de acumulação de detritos domésticos, do Calcolítico Pleno, recolheram-se restos de, pelo menos, três indivíduos, insepultos, adultos e todos do sexo masculino, o que faz pensar em uma horda atacante dizimada pelos defensores do povoado (CARDOSO, CUNHA & AGUIAR, 1991; CARDOSO, 1994a).

Cremos, pois, que Leceia é um exemplo flagrante em como, na Baixa Estremadura, no decurso do Calcolítico, é possível correlacionar os conceitos tradicionais de "fortificação", "interacção cultural" e "intensificação económica" (cf. para os dois últimos, JORGE, 1994, p. 473 e 475). Quanto a nós, é incontornável tal interdependência: embora possa haver interacção e intensificação sem fortificação, a inversa não cremos ser possível, para a época e região em causa.

Assim, a génese dos povoados fortificados calcolíticos da Baixa Estremadura, tal como os da Beira Alta e de Trás-os Montes e Alto Douro, resultaria da evolução interna do sistema agro-pastoril herdado do Neolítico Final: a exploração crescente de territórios, de forma cada vez mais organizada e eficiente, reforçada pela melhoria das tecnologias de produção, conduziu à ocupação e demarcação efectiva de territórios e à consequente instabilidade social, onde de início a metalurgia do cobre não teria qualquer expressão.

Os estímulos mediterrâneos, sem dúvida importantes, embora sempre expressos de forma indirecta, teriam sido determinantes na introdução daquela metalurgia, numa fase de consolidação do sistema agro-pastoril, cuja progressão para regiões cada vez mais setentrionais, a partir da Andaluzia, parece comprovada pelas datações absolutas disponíveis. As populações, sediadas e repartidas por povoados-fortaleza, com o usufruto de determinadas parcelas do território, evidenciam um esboço de organização social crescentemente organizado e hierarquizado, francamente aberto a estímulo externos, veiculados por intensas trocas comerciais, de as quais dependia, em parte, o sucesso do grupo (caso da importação de rochas duras para as tarefas do quotidiano, para além do cobre, este com importância menor).

Ao nível do registo material, continua a ser a cerâmica decorada o elemento arqueográfico mais discriminante, como já o era da fase cultural anterior. Trata-se do conhecido motivo impresso ovalar, organizado aos pares ("folha de acácia") ou formando quadrifólios ("crucifera"), totalmente desconhecidos, em Leceia, na Camada 3, correspondente ao Calcolítico Inicial, fase cultural caracterizada, como em Vila Nova de S. Pedro, pelos bem conhecidos "copos canelados" (Fig. 1).

O testemunho oferecido por aquelas cerâmicas é de reter. É notável a constância de motivos decorativos e de formas, bem diferenciadas, no Calcolítico Inicial como no Pleno, na região da Baixa Estremadura. Tal fenómeno terá, por certo, explicação social. Se se aceitar a produção cerâmica como uma tarefa essencialmente feminina, a aludida constância poderá explicar-se por virilocalidade; ou seja, as mulheres tomariam a morada do marido, assegurando assim a difusão de tais cerâmicas, através de múltiplos casamentos, no interior da área cultural da Baixa Estremadura.

No Calcolítico Pleno da Estremadura, abundam, mais do que no período anterior, os grandes vasos esféricos de armazenamento ("vasos de provisões"), agora providos, em torno da boca, de exuberante decoração em "folha de acácia" e em "crucífera". No instrumental lítico, realça para as numerosas lâminas ovóides de sílex, na larga maioria (senão totalidade) utilizadas como elementos de foices, em proporção cerca de seis vezes superior à verificada, em Leceia, no Calcolítico Inicial. Tais factos são expressivos da melhoria dos níveis de produção possibilitados pelo aperfeiçoamento das técnicas agrícolas, a par da introdução de novas actividades, visando a exploração mais completa dos recursos, comprovada por artefactos quase ou mesmo desconhecidos no Calcolítico inicial: trata-se dos já aludidos pesos de tear rectangulares e dos cinchos com paredes perfuradas, além do cobre. A RPS estava, ainda, em franca afirmação, na Baixa Estremadura, no decurso do Calcolítico pleno, tal como acontecia, tanto no Nordeste, como no Sudoeste; para o o Alto Algarve Oriental dá-nos GONÇALVES (1991, p. 409) explícito testemunho.

Porém, apesar do evidente sucesso da economia da comunidade do Calcolítico Pleno instalada em Leceia, é no decurso desta fase cultural que se observa o declínio do dispositivo defensivo, exprimindo e emergência de um novo tipo de organização social, o qual se prolongou até ao Bronze Final. Segundo tal modelo, as fortificações já não constituiriam os elementos nodais da ocupação dos territórios, embora algumas das mais importantes pudessem continuar a ser locais habitados, até ao Bronze Pleno, como é o caso de Zambujal ou de Vila Nova de S. Pedro.

Com efeito, nestes derradeiros momentos calcolíticos, situáveis já no dealbar do milénio, ou mesmo na primeira metade do seguinte (o II), corporizando a transição para a Idade do Bronze, assiste-se à (re)ocupação de locais, na maioria desprovidos de condições naturais de defesa, por toda a Baixa Estremadura, abandonados desde o Neolítico Final. Qual o significado de tal facto? Significará que o clima de tensão generalizada a que se assistiu em todo o III milénio nesta mesma região e tão bem documentado em Leceia, pelos numerosos reforços das muralhas e bastiões, foi sendo, gradual ou bruscamente, dissipado? A breve trecho, a evolução social interna destas comunidades, caracterizada por intensa competição intercomunitária pela posse dos melhores territórios, conduziu a situações de conflito generalizado, de que ainda no Calcolítico Pleno há provas evidentes neste povoado, como atrás se referiu. Este "localismo", que tão nefasto se viria a revelar para a sobrevivência das comunidades que o praticavam (SILVA, 1993), não favoreceria, de igual modo, as actividades artesanais não directamente ligadas à produção, como a metalurgia: "a especialização artesanal "imperfeita" e a limitação da procura decorrente de um sistema económico excessivamente



Fig. 13 - Leceia. Pequeno cilindro de calcário com representação, por incisão, do triângulo sexual feminino. Calcolítico Pleno. Comprimento: 30 cm. Foto de J.L. Cardoso.

Fig. 14 - Leceia. Representação, em barro maciço, de porca (reconstruída). Neolítico Final. Comprimento máximo: 21,0 cm. Foto de G. Cardoso.



Fig. 15 - Leceia. Recipiente de calcário, talvez almofariz, para a preparação de cosméticos, produtos medicinais, ou outros. Calcolítico Inicial. Diâmetro médio: 6,8 cm. Foto de J.L. Cardoso.

compartimentado bloqueavam o desenvolvimento daquela actividade que consideramos motora, atendendo à sua capacidade de indução de alterações estruturais na esfera produtiva e social" (SOARES & SILVA, 1995, p. 136).

5 - O "FENÓMENO" CAMPANIFORME

A partir do Calcolítico Pleno, a nova ordem económico-social que então, progressivamente, se impôs, ao menos na Baixa estremenha, consubstanciava-se, no final do Calcolítico, pelo abandono quase generalizado dos antigos povoados fortificados e pela multiplicação de pequenos núcleos em locais abertos, sem condições naturais de defesa, onde pontificam as cerâmicas campaniformes.

No contexto referido, a eclosão das cerâmicas campaniformes poderá, tão-somente, ser entendida como simples moda, rapidamente copiando os artesãos locais protótipos importados, como sugerem as análises feitas às pastas dos fragmentos de Porto Torrão (ARNAUD, 1993). Aliás, a coexistência, em estratigrafia, das cerâmicas campaniformes com recipientes característicos do Calcolítico Pleno, como no povoado da Rotura, Setúbal (SILVA, 1971; GONÇALVES, 1971), tem expressão nas datas de radiocarbono entretanto obtidas, as quais mostram uma contemporaneidade entre as duas tradições cerâmicas, nos raros sítios onde aquelas se encontraram isoladas, como em Leceia: assim, enquanto no interior da fortificação, se continuaram a fabricar recipientes com decorações não campaniformes, no decurso de todo o Calcolítico Pleno (visto aquelas só ocorrerem, e de forma dispersa, na parte superior da respectiva camada), em duas cabanas identificadas na área adjacente extramuros (Figs. 16, 17), verificou-se serem exclusivas, de entre as cerâmicas decoradas, as campaniformes (Figs. 18, 19). Mas as correspondentes cronologias absolutas caem dentro do intervalo correspondente à ocupação do Calcolítico Pleno, respectivamente: Sac - 1317 – 2825-2654 cal AC (Cabana FM) e ICEN - 1241 – 2629-2176 cal AC Cabana EN), ambas a 2 sigma (CARDOSO & SOARES, 1990/1992).

Assim sendo, é lícito admitir a hipótese de se estar perante duas populações de raízes culturais distintas (CARDOSO, 1999b), o que recoloca a questão, de há muito discutida, embora noutros moldes, do estatuto e significado subjacente à difusão e afirmação do "fenómeno" campaniforme.

Seja como for, a desarticulação da estrutura social calcolítica, coincidente com a plena afirmação das cerâmicas campaniformes, na região estremenha, ainda antes dos meados do III milénio AC (CARDOSO & SOARES, 1990/1992), que conduziu, aparentemente, ao retorno a formas de povoamento vigentes nesta mesma região no Neolítico, possibilitando a plena libertação das capacidades produtivas das populações, corresponderia, na realidade, a um aumento da hierarquização social, acompanhada da manutenção de um reduzido número de sítios fortificados, de fundação anterior. Este fenómeno foi acompanhado pelo estabelecimento de redes de troca de grande amplitude, que



Fig. 16 - Leceia. Planta da cabana campaniforme EN.



Fig. 17 - Leceia. Planta da cabana campaniforme FM.

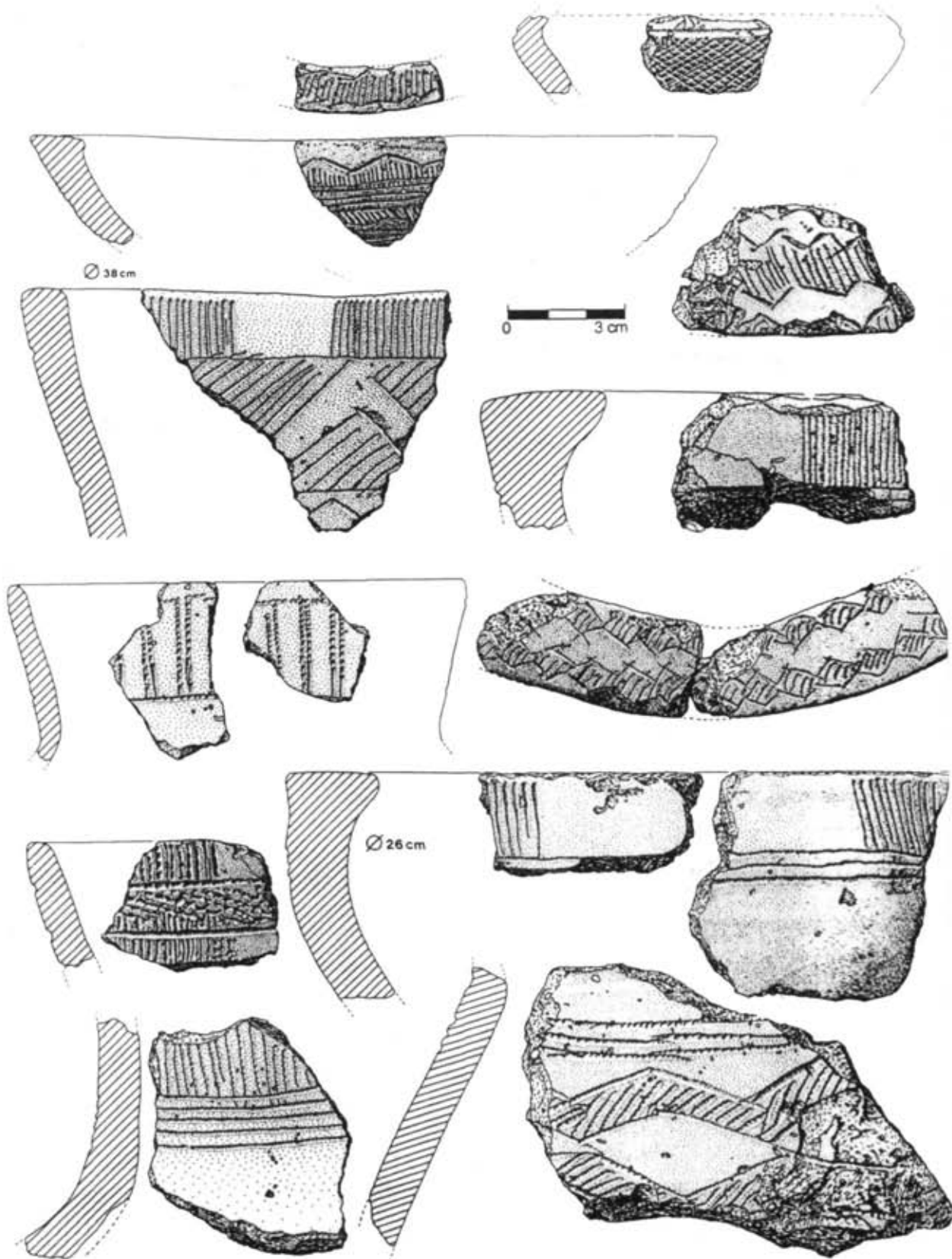


Fig. 18 - Leceia. Recipientes decorados da cabana campaniforme EN.

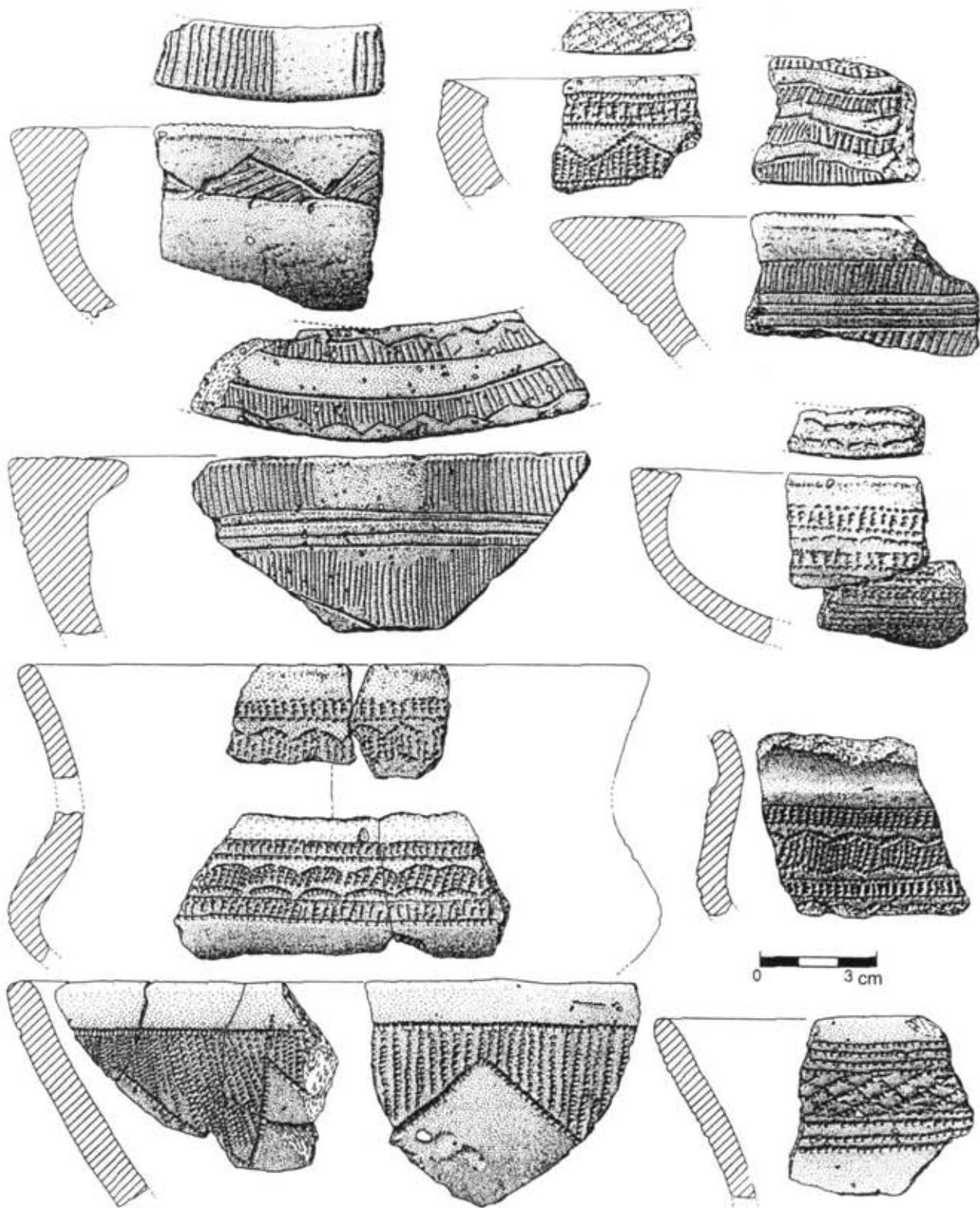


Fig. 19 - Leceia. Recipientes decorados da cabana campaniforme FM.

acompanharam a standartização de artefactos de grande difusão: os artefactos do "pacote" campaniforme. São os vasos "marítimos", pontas Palmela (Fig. 20), adagas, braçais de arqueiro e botões de osso que melhor representam tal realidade. Tais elementos fariam parte da indumentária de uma classe guerreira, então emergente, a qual viria a afirmar-se plenamente na Idade do Bronze.

Preferindo a transição gradual aos sobressaltos bruscos da evolução social, tais testemunhos corporizariam, deste modo, a passagem, paulatina, para um novo regime social, baseado na figura do "chefe", rodeado pela elite a quem competiria a manutenção e vigilância de determinado território, hipótese consubstanciada na bem conhecida panóplia guerreira campaniforme, já referida, na qual assumiriam importância crescente as armas, com o surgimento, no final, das adagas ou espadas curtas. Estaríamos, então, já longe da sociedade tribal, baseada no princípio da consaguinidade, "por natureza, uma sociedade fechada e suspicaz, na qual o exclusivismo do vínculo que a realiza e mantém conduz internamente à solidariedade e externamente à discórdia" (CARVALHO, 1946, p.17-18).

A transição de uma sociedade igualitária, do tipo da descrita, para uma sociedade já estratificada socialmente, como a da Idade do Bronze, foi corporizada, gradualmente, pela sociedade calcolítica. As características dos seus povoados, a diferenciação intracomunitária que se entrevê nalguns deles, a franca abertura que os respectivos habitantes mantiveram com o exterior, denunciada por artefactos, do mais sofisticados aos mais simples – pontificando entre estes as cerâmicas – e, especialmente, com o mundo meridional e mediterrâneo, dele recebendo estímulos de vária ordem, fizeram da Baixa Estremadura, uma região privilegiada onde, ao longo de cerca de mil anos, se podem testemunhar as transformações internas de uma sociedade dinâmica, em permanente mutação, prenunciadora das primeiras sociedades proto-estatais do Ocidente europeu.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, M. Telles & CARDOSO, J. L. (1995) - Ictiofauna do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* - CMO, 5, pp. 187-192.
- ARNAUD, J. M. (1993) - O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*, 2, pp. 41-60.
- CARDOSO, J. L. (1989) - *Leceia. Resultado das escavações realizadas*. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1994a) - Leceia 1983-1993. Resultados das escavações do povoado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* - CMO (número especial), 164 p.
- CARDOSO, J. L. (1994b) - L'habitat chalcolithique fortifié de Leceia. *Les dossiers de l'Archéologie*, 198, pp. 10-15. Faton. Quétigny.
- CARDOSO, J. L. (1995) - O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas (1983-1993). *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto, 1993), 5, pp. 115-129.
- CARDOSO, J. L. (1997) - Génese, apogeu e declínio das fortificações calcolíticas da Estremadura. *Zephyrus*, 50, pp. 249-261.

- CARDOSO, J. L. (1997/1998) - Leceia, paradigma da protecção do Património Arqueológico no concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* - CMO, 7, pp. 47-59.
- CARDOSO, J. L. (1999a) - Copper metallurgy and the importance of other raw materials in the context of Chalcolithic economic intensification in Portuguese Estremadura. *Journal of Iberian Archaeology*, 1, pp. 93-109.
- CARDOSO, J. L. (1999b) - La fin du chalcolithique et la présence campaniforme dans les basses vallées du Tage et du Sado. *Studium Dilectum, Colectânea de Homenagem ao Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida*. Lisboa, Academia Portuguesa da História, pp. 159-183.
- CARDOSO, J. L. (2000) - The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology*, 19 (1), pp. 37-55.
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) - Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* - CMO, 4, 126 p.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHOSA, A. Barros e (1995) - Estudos petrográficos de artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Análise de proveniências. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* - CMO, 5, pp. 123-151.
- CARDOSO, J. L. & FERNANDES, J. M. B. (1995) - Estudo arqueometalúrgico de um lingote de cobre de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* - CMO, 5, pp. 153-164..
- CARDOSO, J. L. & GUERRA, M. F. (1997/1998) - Análises químicas não destrutivas do espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras e seu significado no quadro da intensificação económica calcolítica da Estremadura. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* - CMO, 7, pp. 61-87.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1990/1992) - Cronologia absoluta para o Campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*, Série IV, 8/10, pp. 203-228.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1996) - Contribution d'une série de datations 14 C, provenant du site de Leceia (Oeiras, Portugal), à la chronologie absolue du Néolithique et du Chalcolithique de l'Estremadura Portugaise. *Actes du Colloque de Périgueux (1995), Supplément à la Revue d'Archéométrie*, pp. 45-50.
- CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. Santinho & AGUIAR, D. (1991) - o homem pré-histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* - CMO, 2, 85 p.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1996) - A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* - CMO, 6, pp. 47-89.
- CARVALHO, J. de (1946) - A cultura castreja. Sua interpretação sociológica. *Ocidente*, 29, suplemento, 32 p. (separata).
- CHAPMAN, R. W. (1991) - *La formación de las sociedades complejas. El Sureste de la Península Iberica en el marco del Mediterráneo Occidental*. Critica. Barcelona.
- FERREIRA, O. da Veiga (1961) - Acerca da presença de arsénio em instrumentos primitivos, encontrados em Portugal. *Boletim de Minas*, 12, 8 p. (separata).
- FERREIRA, O. da Veiga (1970) - La métallurgie primitive au Portugal pendant l'époque chalcolithique. *Actas VI Congreso Internacional de Minería (Léon, 1970)*, 1, pp. 99-116.

- FERREIRA, O. da Veiga & VIANA, A. (1956) - L'importance du cuivre péninsulaire dans les âges du Bronze. *Actas 4.ª Sessão do Congresso Internacional de Ciências Pré-históricas e Proto-históricas* (Madrid, 1954), pp.521-529.
- GOMES, R. Varela; GOMES, M. Varela & SANTOS, M. Farinha dos (1983) - O santuário exterior do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*, 36, pp. 287-307.
- GONÇALVES, V. S. (1971) - *O castro da Rotura e o Vaso Campaniforme*. Setúbal, Junta Distrital de Setúbal.
- GONÇALVES, V. S.(1991) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. Estudos e Memórias do Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa. Lisboa, INIC, vol. I.
- GONZÁLEZ PRATS, A.; RUIZ SEGURA, E.; FUENSANTA, J. G. & SEVA ROMÁN, R. (1995) - Cerâmicas anatólicas en el poblado calcolítico de Les Moreres (Crevillente, Alicante, España). *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto, 1993), 5, pp.133-137.
- JORGE, S. Oliveira (1994) - Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular. *Revista da Faculdade de Letras* (Universidade do Porto), Série II, 11, pp. 447-546.
- PAÇO, A. do (1954) - Sementes pré-históricas do castro de Vila Nova de S. Pedro. *Anais da Academia Portuguesa da História*, Série II, 5, pp. 281-359.
- PAÇO, A. do (1964) - Castro de Vila Nova de S. Pedro. XIV - Vida económica. XV - O problema campaniforme. XVI - Metalurgia e análises espectrográficas. *Anais da Academia Portuguesa da História*, Série II, 14, pp. 135-165.
- PAÇO, A. do (1966) - Castro da Pedra de Ouro. *Anais da Academia Portuguesa da História*, Série II, 16, pp. 117-152.
- PAÇO, A. do & ARTHUR, M. L. C. (1953) - Castro de Vila Nova de San Pedro. IV - sementes pré-históricas de Linho. *Archivo de Prehistoria Levantina*, 4, pp. 151-157.
- PARREIRA, R. (1990) - Considerações sobre os milénios IV e III a. C. no centro e sul de Portugal. *Estudos Orientais*, 1, pp. 27-43.
- RENFREW, C. (1972) - Patterns of population growth in the prehistoric Aegean. *Man, settlement and urbanism* (P. Ucko et al., eds.), pp. 383-399. Londres.
- SANGMEISTER, E. & SCHUBART, H. (1972) - Zambujal. *Antiquity*, 46, pp. 191-197.
- SAVORY, H. N. (1970) - A section through the innermost rampart at the chalcolithic castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarém (1959). *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), 1, pp. 133-162.
- SILVA, C. Tavares da (1971) - O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), 2, pp. 175-192.
- SILVA, C. Tavares da (1983) - O megalitismo e os primeiros metalurgistas. *História de Portugal* (direcção de José Hermano Saraiva). Lisboa, Alfa, 1, pp. 83-89.
- SILVA, C. Tavares da (1990) - Influências orientalizantes no Calcolítico do centro e sul de Portugal. Notas para um debate. *Estudos Orientais*, 1, pp. 45-52.

- SILVA, C. Tavares da (1993) - Calcolítico. *In Prê-história de Portugal*. Universidade Aberta, 57, pp. 197-233.
- SILVA, C. Tavares da; SOARES, J. & CARDOSO, J. L. (1995) - Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia. Elementos para um estudo comparado. *Trabalhos de Arqueologia*, 7, pp. 159-168.
- SOARES, A. M. Monge & CABRAL, J. M. Peixoto (1993) - Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do sul de Portugal. *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto, 1993), 2, pp. 217-235.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1995) - O Alentejo Litoral no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder* (S. O. Jorge, ed.). Lisboa, Instituto Português de Museus, pp. 136-139.

ASPECTOS DO POVOAMENTO DA BAIXA ESTREMADURA NO DECURSO DA IDADE DO BRONZE^(*)

por João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 – ÂMBITO TEMÁTICO E GEOGRÁFICO

Neste trabalho pretende-se apresentar uma síntese da evolução da ocupação humana da Baixa Estremadura – entendida como delimitada, a Norte, pelo paralelo de Torres Vedras e, a Sul, pelo estuário do Sado – no decurso da Idade do Bronze. Este ensaio basear-se-á, deste modo, nas evidências arqueológicas mais relevantes, com base nas quais se tecerão considerações de carácter económico e social, numa perspectiva diacrónica, sobre as comunidades humanas que, sucessivamente, ocuparam a região assim definida, no período em questão.

As razões para esta escolha decorrem, antes de mais, da grande soma de dados, heterogéneos e de valor desigual que, até agora dispersos, justificavam estudo de conjunto, susceptível de lhes conferir maior significado, no quadro regional proposto. Trata-se, pois, de ensaio original, complementar de um outro, essencialmente dedicado à Idade do Ferro (CARDOSO, 1995), destinado a colmatar as lacunas de um dos períodos pior conhecidos da Pré-História da região, apesar da aludida diversidade e riqueza do registo arqueológico conhecido. Esta situação compreende-se, mercê das condições naturais prevalecentes na região: solos férteis, boa insolação, relevos suaves, abundância de água e uma rede hidrográfica regular, amenidade climática e, ainda, a proximidade dos estuários do Tejo e do Sado, domínios abundantes de recursos, facilmente exploráveis ao longo de todo o ano. Mais tarde, quando os contactos comerciais adquiriram importância determinante na economia regional, esta região continuou a revelar-se propícia, mercê da sua posição geográfica, francamente aberta à navegação oceânica, e favorável, como nenhuma outra do nosso litoral, à penetração no interior, através dos rios Tejo e Sado, então constituídos em importantes vias de circulação de pessoas e

(*) - Este trabalho corresponde à lição apresentada no âmbito das provas de Agregação em Pré-História na Universidade Aberta, em 29 de Junho de 2000.

(1) - *Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras.*

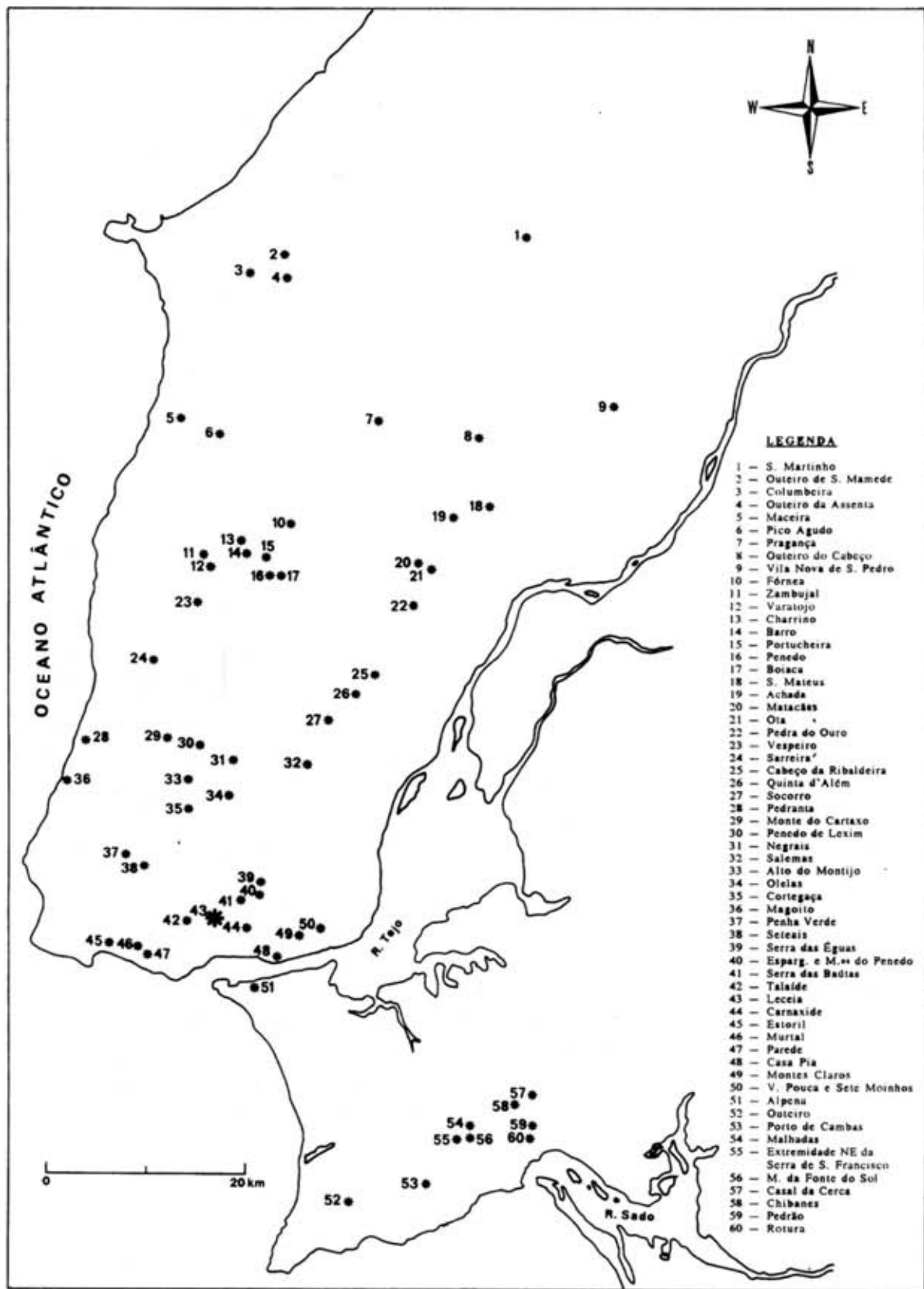


Fig. 1 - Principais povoados calcolíticos da Estremadura (CARDOSO, 1997).

comércio de mercadorias. Assim sendo, a Baixa Estremadura, tornou-se uma área-chave dos contactos entre o Norte e o Sul, o litoral e o interior, cujo conhecimento é incontornável para a compreensão dos processos de intensificação económica e de diferenciação social, ocorridos a uma escala mais vasta, no decurso da Idade do Bronze, época de complexa transição para os tempos proto-históricos.

2 – O FINAL DO CALCOLÍTICO E O BRONZE INICIAL (O “FENÓMENO” CAMPANIFORME)

Há muito que foi reconhecida a importância do povoamento calcolítico da Baixa Estremadura, a primeira região do País onde se caracteriza a presença de uma formação cultural e social, com significado próprio (Fig. 1).

É bem conhecida a presença de núcleos habitados ao longo dos relevos marginais do vale do Tejo, e nas imediações dos estuários do Tejo e do Sado. O modelo de povoamento subjacente à dispersão geográfica observada, caracterizava-se pela concentração da população em locais com boas condições naturais de defesa, frequentemente reforçados pela construção de dispositivos defensivos, por vezes complexos, como são os de Zambujal e de Leceia (Fig. 2, 3). Casos como os referidos, constituíam importantes centros demográficos e aglutinadores à escala regional, mantendo-se activos em quase toda a primeira metade do III milénio AC.

O declínio deste modelo de povoamento iniciou-se ainda antes de atingidos os meados do referido milénio, como se deduz dos resultados cronométricos obtidos em Leceia (CARDOSO, 1997, 2000 a; CARDOSO & SOARES, 1996). Nessa época, o imponente dispositivo defensivo, construído cerca de 300 anos antes, encontrava-se já em parte arruinado e desactivado, apesar de ser nessa fase – o Calcolítico Pleno da Estremadura – que a população ali sediada terá atingido o auge do seu desenvolvimento económico. Tais aparentes desarmonias, bem como as razões que conduziram ao declínio destas importantes fortificações, ainda se não encontram suficientemente conhecidas (se é que alguma vez tal se venha a verificar). Apesar de cada uma delas ter conhecido evolução específica, o certo é que o aludido declínio mais não é que o reflexo do colapso do modelo económico-social que representavam, caracterizado por competição generalizada pela posse dos melhores recursos, em clima de hostilidade permanente (guerra endémica), que caracterizou boa parte do III milénio AC na área estremenha. Esta situação seria ainda agravada pela ausência de um poder estruturado, susceptível de arbitrar os conflitos.

Da realidade descrita, que, a prolongar-se por mais tempo, conduziria ao colapso do próprio processo de desenvolvimento económico, resultou a fissão social daquelas comunidades, em múltiplos núcleos, em geral de pequenas dimensões (Fig. 4, 5), que, doravante, passaram a ocupar sítios abertos, dispersos pelo espaço geográfico tanto a norte como a sul do estuário do Tejo; neles se diluiu a massa

demográfica antes aglomerada em sítios fortificados ou providos de defesas naturais evidentes, como o de Leceia.

Foi neste contexto de profunda mudança social de meados do III milénio AC que as cerâmicas campaniformes, aparecidas pouco antes na Estremadura, atingem o seu auge na região, conforme indicam os resultados radiométricos dos escassos conjuntos campaniformes datados (CARDOSO & SOARES, 1990/1992).

A eclosão de tais cerâmicas, sem antecedentes na região é, deste modo, coincidente no espaço e no tempo, mas independente, do processo de fissão social então em curso, determinado por causas endógenas, inerentes à evolução da própria sociedade calcolítica. Exemplo frisante desta realidade foi evidenciado em Leceia. Assim, enquanto que na área imediatamente extramuros da fortificação calcolítica se identificaram duas cabanas (Fig. 6, 7), onde, de entre as numerosas cerâmicas decoradas, eram exclusivas as campaniformes (Fig. 8, 9), já no interior da fortificação, e em níveis coevos daquelas estruturas, com base nos resultados obtidos pelo radiocarbono, tais cerâmicas são vestígias, acompanhando os materiais decorados característicos do Calcolítico Pleno da Estremadura (CARDOSO & SOARES, 1990/1992; CARDOSO, 1997/1998 a). Qual o significado de tão marcadas diferenças da cultura material, observadas em *loci* tão próximos e contemporâneos da mesma estação arqueológica? Por outras palavras: corresponderiam as cerâmicas campaniformes estremenhas apenas a uma moda, rapidamente adoptada pelas populações locais, ou, pelo contrário, as novas formas, técnicas e temáticas decorativas, seriam o reflexo da chegada de populações – não necessariamente numerosas – rapidamente mescladas com os habitantes sediados na região? Com efeito, com a eclosão de tais cerâmicas, evidencia-se, pela primeira vez, o estabelecimento de uma difusão, por via marítima atlanto-mediterrânea, de recipientes característicos, desde a Bretanha à Sicília, correspondendo a região estremenha a um dos focos mais importantes da sua presença: trata-se dos vasos campaniformes “marítimos”, nas duas variantes conhecidas mais comuns: a “herringbone” (Fig. 10) e a “linear” (Fig. 11).

Esta é uma questão que perpassa décadas de discussão e que está longe de solucionada. Não sendo este o local para a aprofundar, importa todavia salientar que a plena afirmação das cerâmicas campaniformes na Baixa Estremadura, em meados do III milénio AC se encontra expressivamente documentada nos aludidos povoados abertos, implantados em zonas planas, de encostas suaves (Fig. 5) ou no topo de pequenas colinas da região (Fig. 4). Ali se continuariam a desenvolver actividades agro-pastoris intensivas e extensivas, em regime permanente, que caracterizaram a economia destas comunidades. Assim sendo, é de admitir que o processo de intensificação económica observado anteriormente, tenha sido reforçado pelo novo modelo sócio-económico adoptado no final do Calcolítico. O seu sucesso encontra-se comprovado pela presença de artefactos de assinalável custo e de difusão supra-regional, com destaque para os de cobre, cuja manufactura, requerendo minérios não disponíveis por certo em quantidade suficiente na Estremadura, só era possível pela existência de assinaláveis excedentes susceptíveis de serem permutados, resultantes da intensificação produ-



Fig. 2 - Fotografia aérea oblíqua do povoado fortificado calcolítico de Leceia (Oeiras), implantado em esporão rochoso. Foto de G. Cardoso.

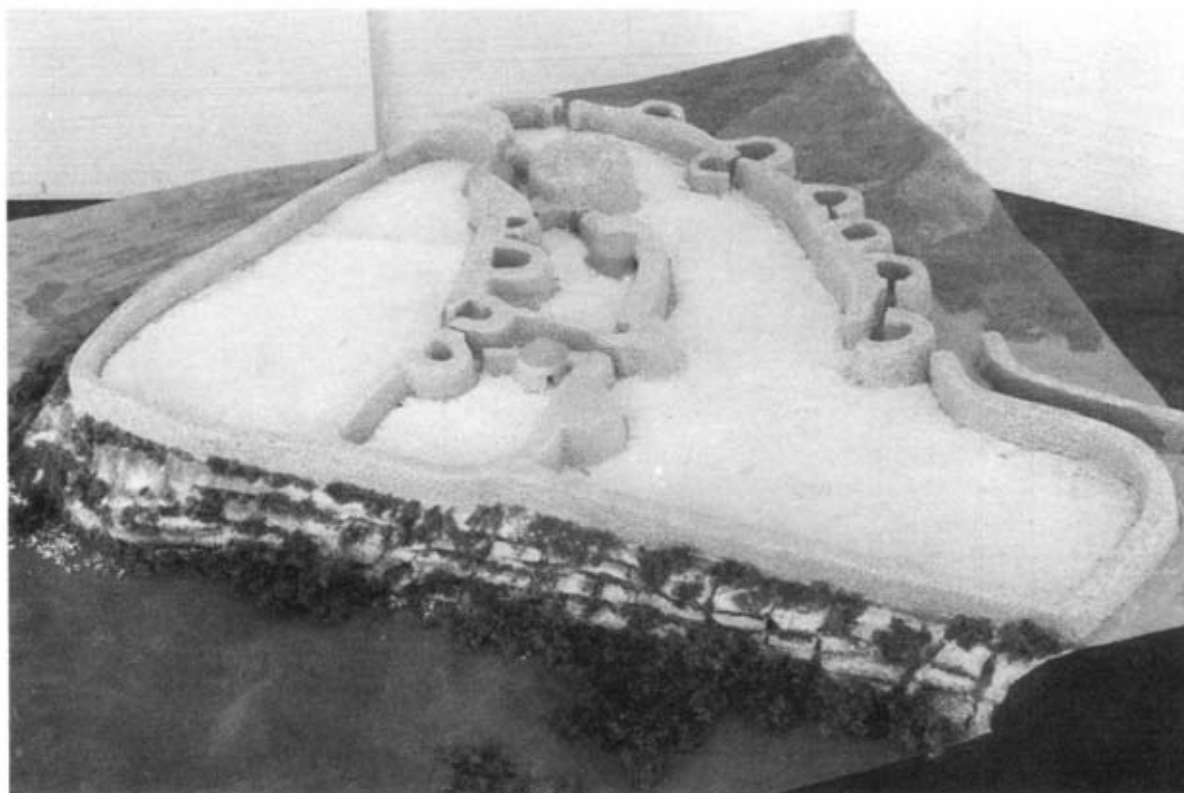


Fig. 3 - Reconstituição em maqueta do dispositivo defensivo calcolítico do povoado de Leceia (Oeiras), com base nas escavações ali efectuadas (1983-2000) pelo signatário. Foto de G. Cardoso.



Fig. 4 - Vista geral da colina do Alto do Montijo (Sintra). Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 5 - Vista da encosta do Monte do Castelo, Leceia (Oeiras). Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 6 - Leceia (Oeiras). Vista geral da *Cabana EN*. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 7 - Leceia (Oeiras). Vista parcial da *Cabana FM*. Foto de J.L. Cardoso.

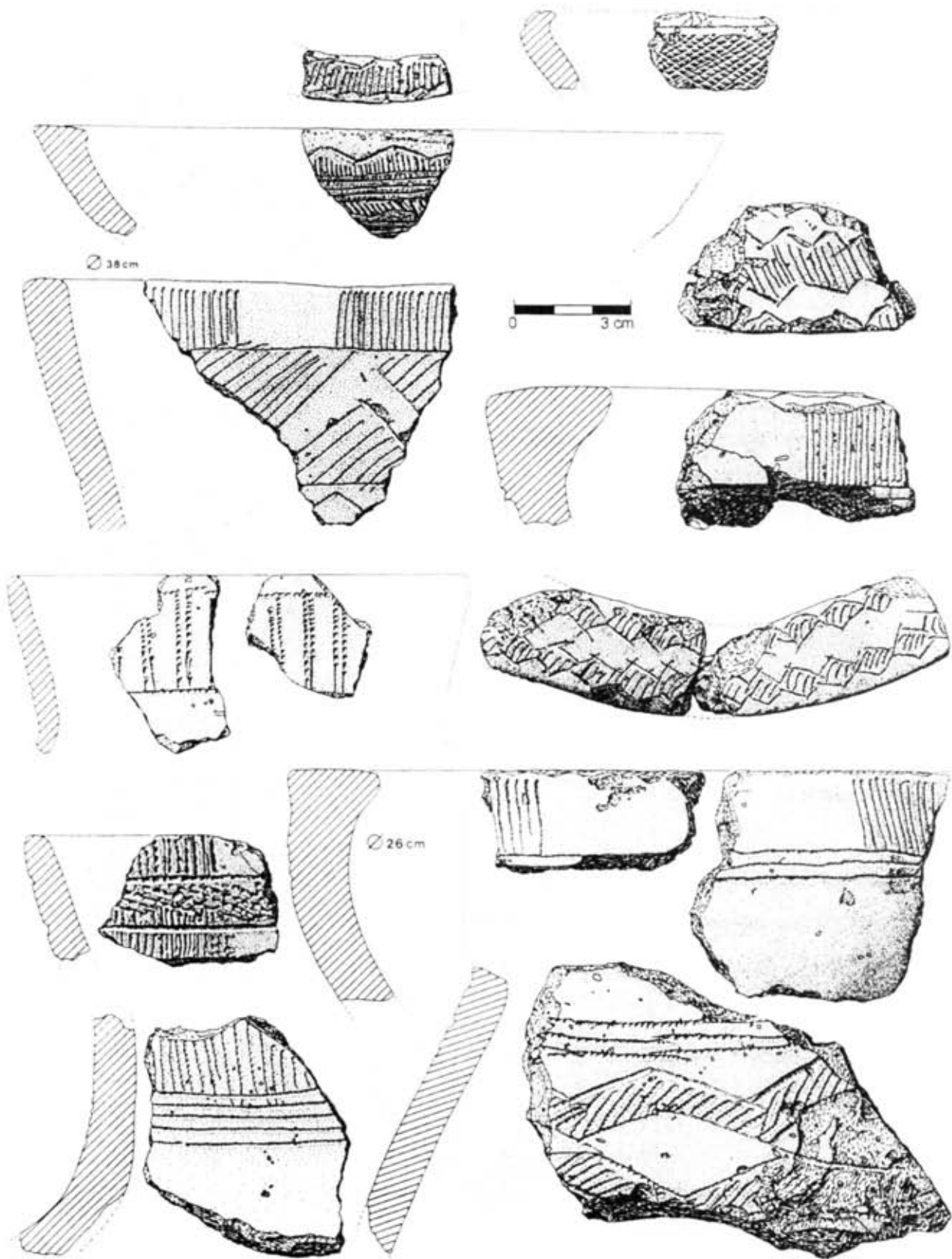


Fig. 8 - Cerâmicas campaniformes da *Cabana EN* de Leceia.

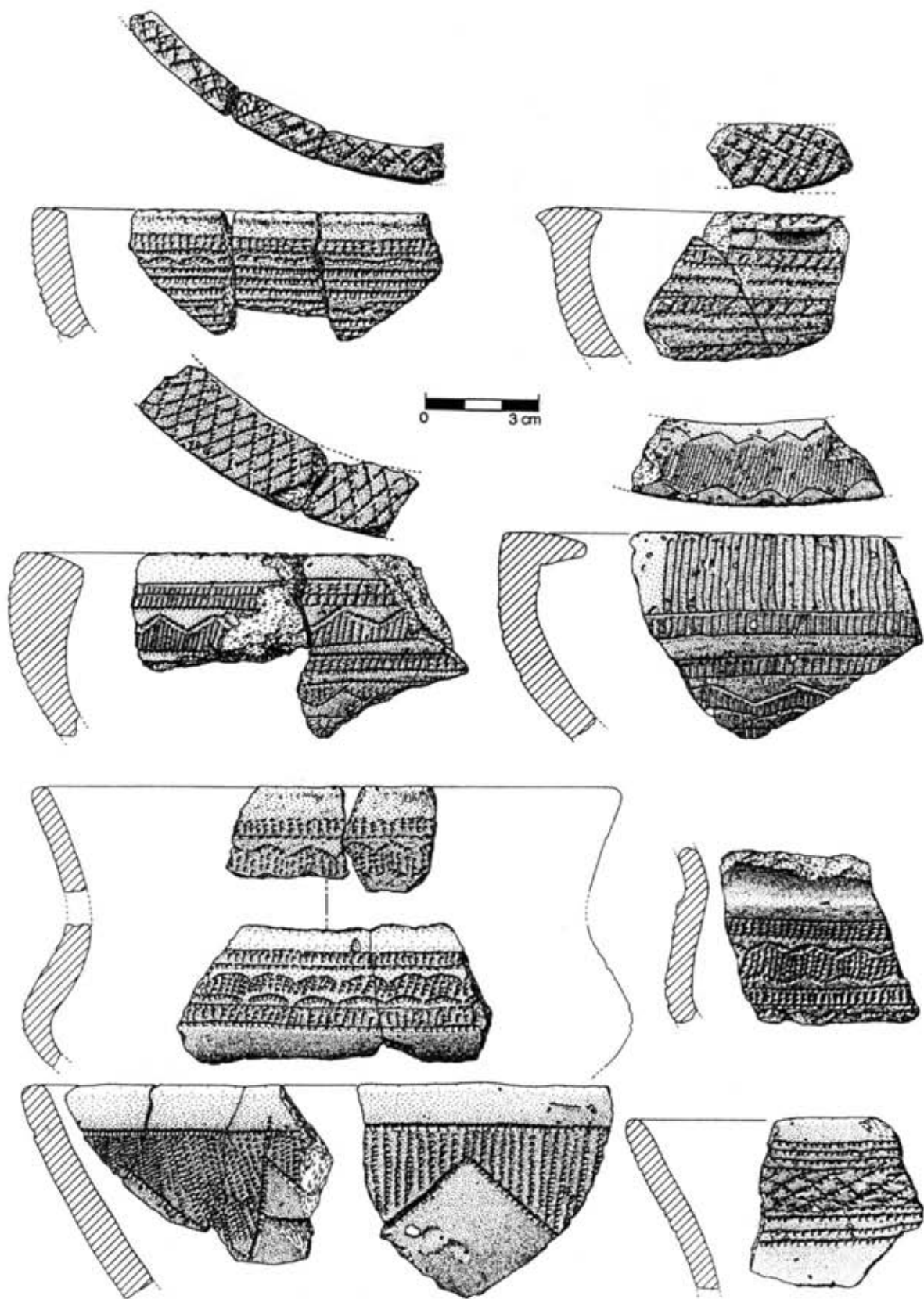


Fig. 9 - Cerâmicas campaniformes da *Cabana FM* de Leceia.



Fig. 10 - Vaso campaniforme "marítimo" das grutas artificiais de Alapraia, Estoril com decoração, obtida a pontilhado. Foto de O. da Veiga Ferreira, com redução idêntica ao da Fig. 11.

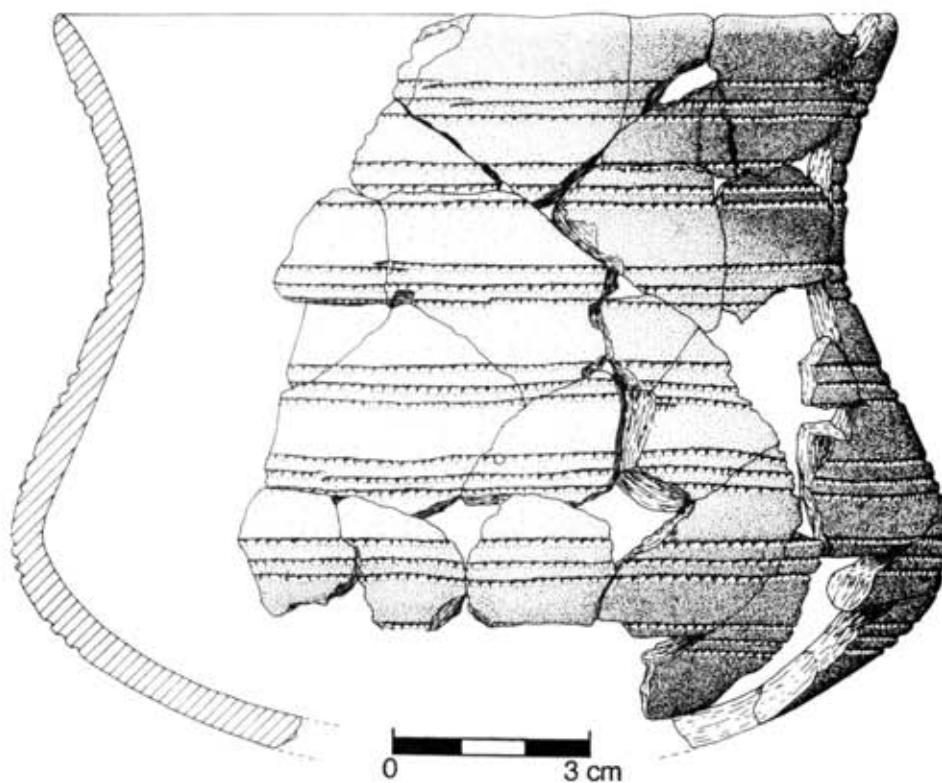


Fig. 11 - Vaso campaniforme "marítima" com decoração AOO do tipo linear, obtida a pontilhado (CARDOSO *et al.*, 1996, Fig. 57, n.º 3).

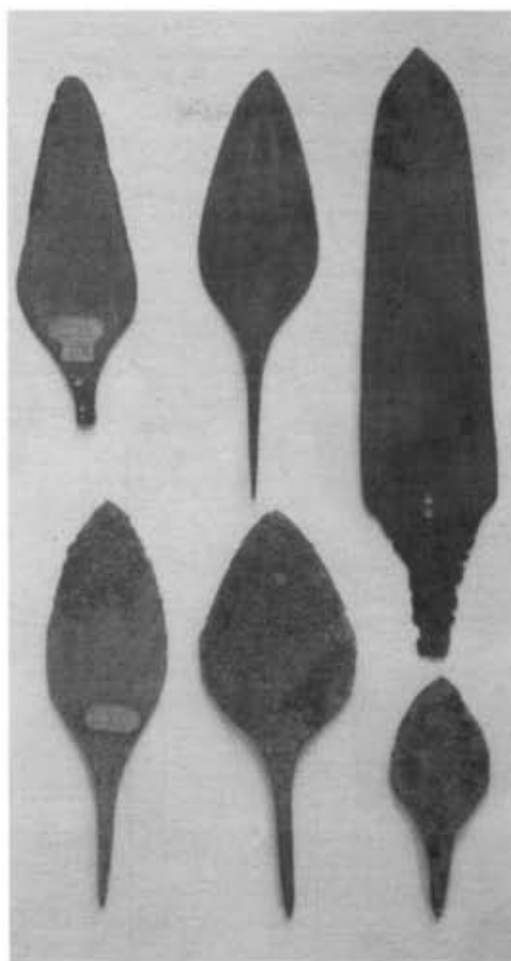


Fig. 12 - Conjunto de armas campaniformes da Baixa Estremadura (Grutas de Palmela e sepultura de Montelavar). Foto de O. da Veiga Ferreira (reduzida).

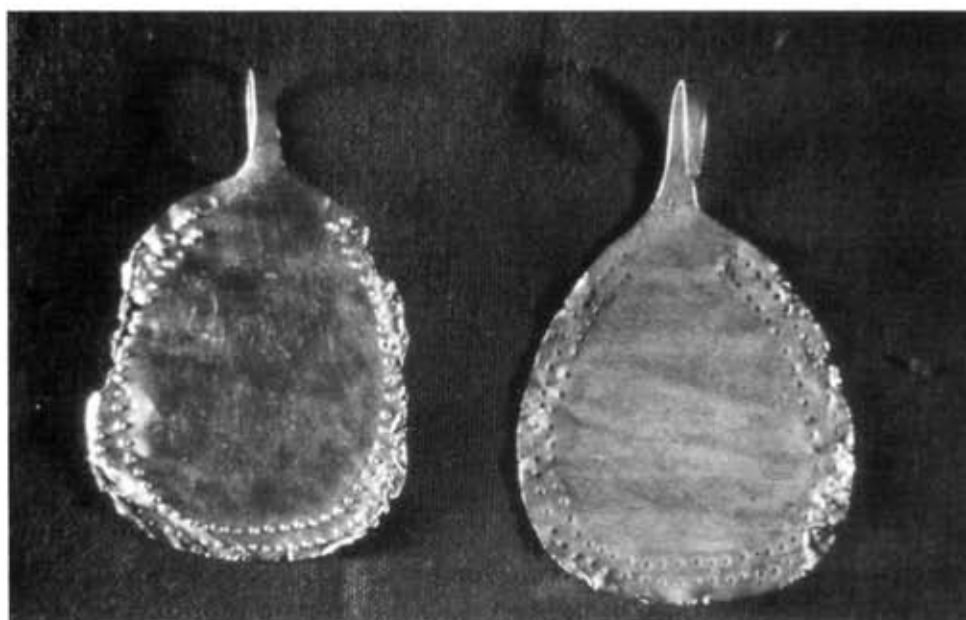


Fig. 13 - Brincos de ouro da gruta artificial da Ermegeira (Torres Vedras). Foto de M. Farinha dos Santos (ampliada).

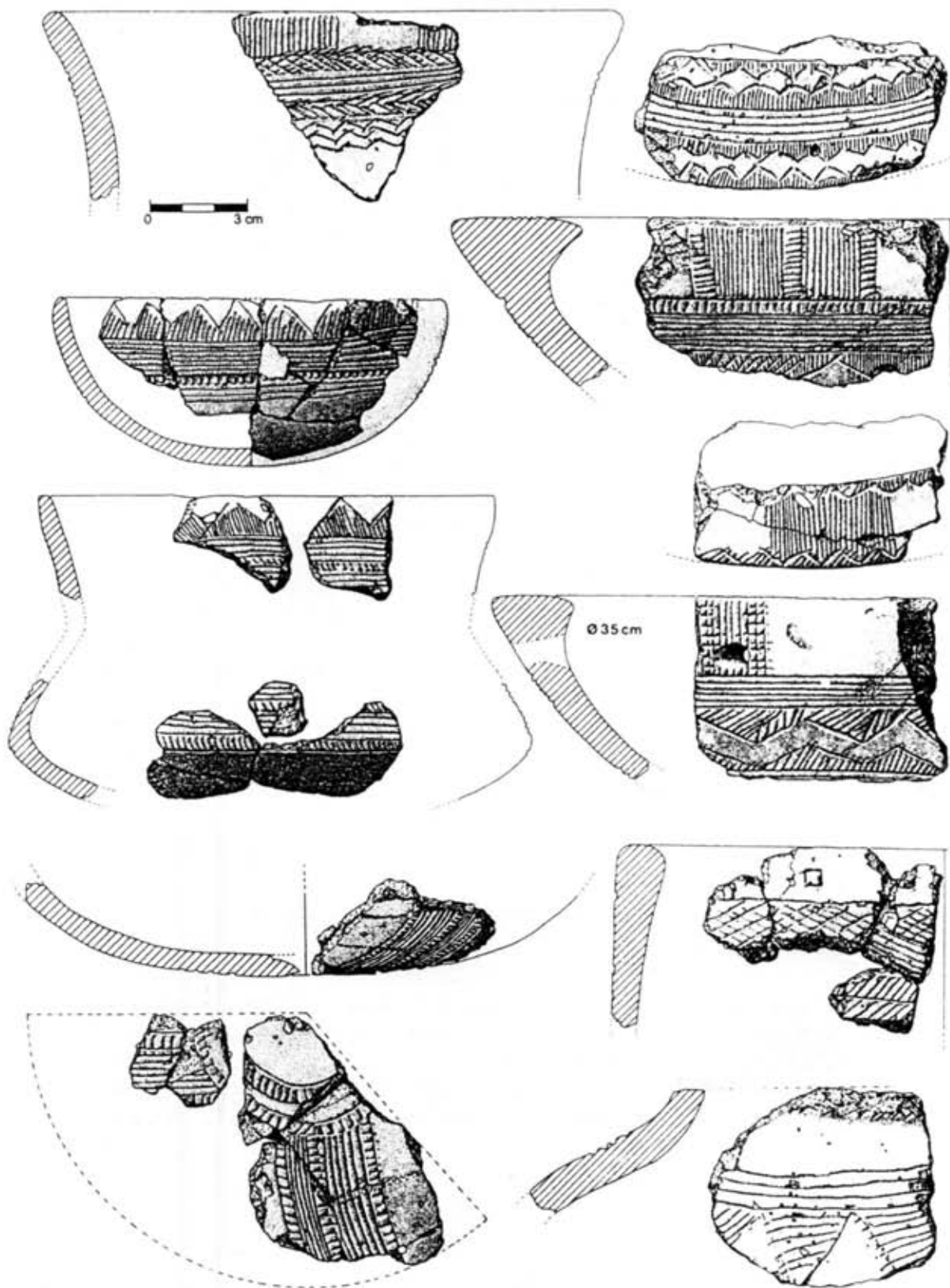


Fig. 14 - Cerâmicas campaniformes do Monte do Castelo, Leceia (Oeiras).

va de cariz agro-pastoril (Fig. 12). O mesmo raciocínio também é válido caso se admita a sua obtenção como produtos já manufacturados. Esta realidade explica ainda a presença, pela primeira vez no registo arqueológico, de jóias auríferas (Fig. 13). Assim, o declínio dos grandes povoados fortificados, não poderá ser confundido com qualquer regressão económica e social, como seríamos, ingenuamente, levados a admitir, numa análise mais superficial da realidade arqueológica. Ao contrário, a presença de tais peças ilustra a continuidade do processo de crescente diferenciação social, apoiado ainda pela relevância crescente das armas: além de pontas Palmela, ocorrem punhais de lingueta, de comprimento crescente, que evoluem para adagas e, por fim para espadas de lingueta, de extrema raridade, como o exemplar de Pinhal dos Melos, Fornos de Algodres. Esta panóplia parece, deste modo, configurar a emergência de um segmento guerreiro, só plenamente afirmado na Idade do Bronze, no seio de uma sociedade que era também constituída por pastores, agricultores, comerciantes e artifices.

É este panorama que corresponde ao Bronze Inicial da região em estudo, situável nos últimos séculos do III milénio AC. Significativamente, é então que se afirmam as primeiras sepulturas individuais, em cistas planas, como a de Montelavar (NOGUEIRA & ZBYSZEWSKI, 1943), com armas (pontas de Palmela e punhal de lingueta), mas já sem as características cerâmicas decoradas campaniformes.

Uma, entre outras questões, permanece, porém, em aberto: corresponderiam tais núcleos, de pequenas dimensões e desprovidos de condições naturais de defesa, a sítios auto-suficientes, eventualmente ligados por laços de parentesco, por exemplo, troca de mulheres, que justificariam a constância das características decorativas das cerâmicas campaniformes tardias, de evidente fabrico local, dominadas por materiais incisos, onde o vaso “marítimo” já não ocorria (Fig. 14)? Ou, ao contrário, integrariam territórios alargados, geridos por povoados mais importantes, situados em pontos estratégicos (não necessariamente de altura), ainda não referenciados, renunciando o modelo de territorialização do Bronze Final? O registo arqueológico conhecido sugere como mais provável a primeira hipótese.

3 – O BRONZE PLENO

A densa ocupação calcolítica da Baixa Estremadura, prolongada, pelos primeiros tempos da Idade do Bronze, pelas derradeiras cerâmicas campaniformes de estilos locais, contrasta com a pobreza do registo arqueológico conhecido relativo ao Bronze Pleno.

Parece observar-se um “apagamento” na paisagem dos povoados, talvez em consequência de menor estabilidade demográfica: à imponente das fortificações calcolíticas como as referidas, construídas em altura e feitas para durarem e serem vistas, sucede-se um povoamento discreto, dificilmente identificável no terreno. Esta realidade poderá, contudo, ser apenas o reflexo de uma efectiva quebra demográfica, talvez devida à degradação climática observada no decurso da primeira metade



Fig. 15 - Vista para sul, dominado o estuário do Tejo, obtida do povoado do Bronze Pleno do Catujal, Sacavém (Loures). Foto de J.L. Cardoso.

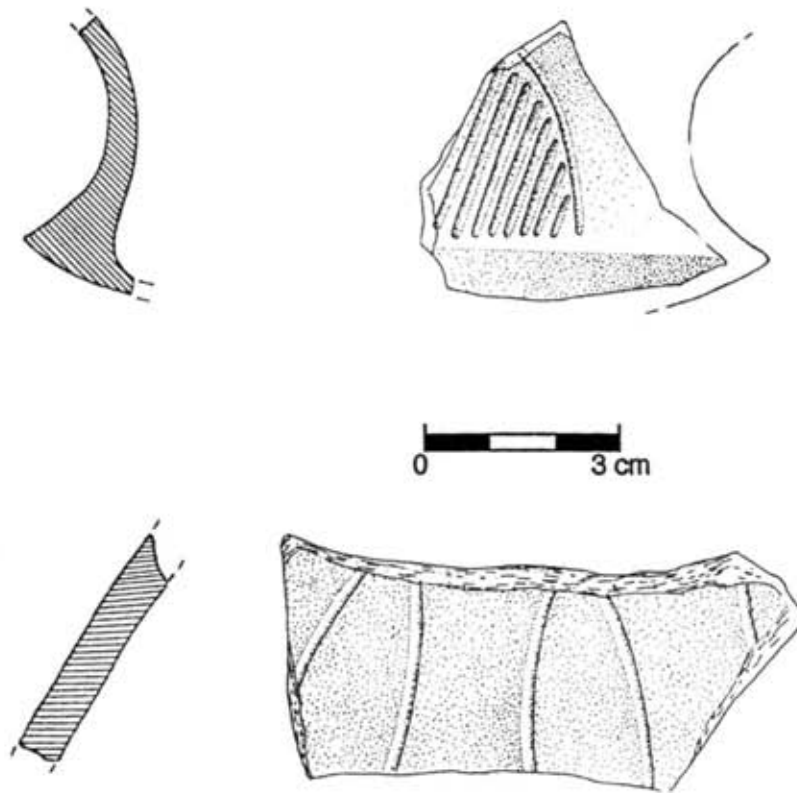


Fig. 16 - Cerâmicas do povoado do Bronze Pleno do Catujal, Loures, denunciando estreitas afinidades com o Bronze do Sudoeste. Seg. CARDOSO & CARREIRA, 1993, fig.2, nº. 5 e 6.

do II milénio AC. Com efeito, nessa época, foi observada, no fértil vale do Guadalquivir, evolução climática no sentido de maior aridez (CARO, 1989), invocada para explicar situação análoga à verificada na Baixa Estremadura. Aqui, apenas um povoado revelou, até ao presente, uma ocupação pura do Bronze Pleno; situa-se perto de Catujal, Loures na extremidade de um istmo, limitado de ambos os lados por vales profundamente entalhados, dominando, de cerca de 100 m de altitude, o delta interior do Tejo. O sítio possui, deste modo, invulgares condições naturais de defesa, de onde se descortinam vastos horizontes para Sul (Fig. 15). Infelizmente, foi quase totalmente destruído, em 1982; os materiais que dele se conhecem resultaram apenas de recolhas à superfície e em corte estratigráfico, que evidenciou apenas uma ocupação arqueológica. Ao lado de recipientes de dimensões médias a grandes, destinados ao armazenamento, ocorrem recipientes de menores dimensões, de filiação evidente no Bronze Pleno do Sudoeste, representados, entre outros, por taças de tipo Santa Vitória e vasos de colo apertado, com decoração de nervuras verticais (Fig. 16). Deste modo, o seu paralelo mais próximo corresponde ao povoado do Bronze Pleno do Sudoeste do Pessegueiro, Sines. Uma data de radiocarbono, efectuada em ossos humanos da necrópole correspondente, deu o resultado, a dois sigma de ICEN – 867 – 1679-1442 AC, com intersecção na curva de calibração, em 1526 AC (Soares & Silva, 1995). Comparado com este, o resultado obtido no Catujal, em ossos de animais domésticos, com recurso à mesma curva de calibração (STUIVER & REIMER, 1993), é mais antigo: ICEN – 843 – 2028-1752 AC, com intersecção em 1892 AC.

Este resultado indica cronologia recuada para o Bronze Pleno regional, por certo correspondente a época em que as cerâmicas campaniformes já não faziam parte dos espólios da região, como se pode concluir pelas características do espólio cerâmico de Catujal, contrariando o que por outros vem sendo admitido para o Norte do País (SENNA-MARTINEZ, 1994 a). Outra conclusão a reter é a de ser maior a antiguidade das taças de tipo Santa Vitória, até agora utilizadas como “fóssil director” do Bronze II do Sudoeste.

As evidentes afinidades culturais do Bronze Pleno da Baixa Estremadura com o Bronze do Sudoeste, de que se poderá considerar a sua extensão mais setentrional, têm também expressão em materiais esparsos que, ao longo dos tempos, foram sendo assinalados na região: uma taça da Lapa do Suão, Bombarral do tipo Santa Vitória (SPINDLER, 1981); um vaso de colo apertado com decoração de gomos (de uma sepultura) do povoado calcolítico da Pedra de Ouro, Alenquer (PAÇO, 1966); outro vaso, tetramamilado, oriundo de pequena lapa natural subjacente ao povoado calcolítico de Rotura, Setúbal (CARREIRA, 1998), muito semelhante a exemplar da necrópole do Monte Novo dos Albardeiros, Reguengos de Monsaraz, da área cultural do Bronze do Sudoeste (GONÇALVES, 1988/1989), constituem, entre outros, expressão de uma realidade cultural que até à publicação do povoado do Catujal (CARDOSO & CARREIRA, 1993; CARDOSO, 1994; CARREIRA, 1997), não tinha sido devidamente valorizada e se encontrava ainda longe de devidamente conhecida. Também alguns artefactos metálicos, com destaque para os punções losângulos “alènes”, presentes em estações estremenhas mais setentrionais da área em estudo, são peças de nítri-

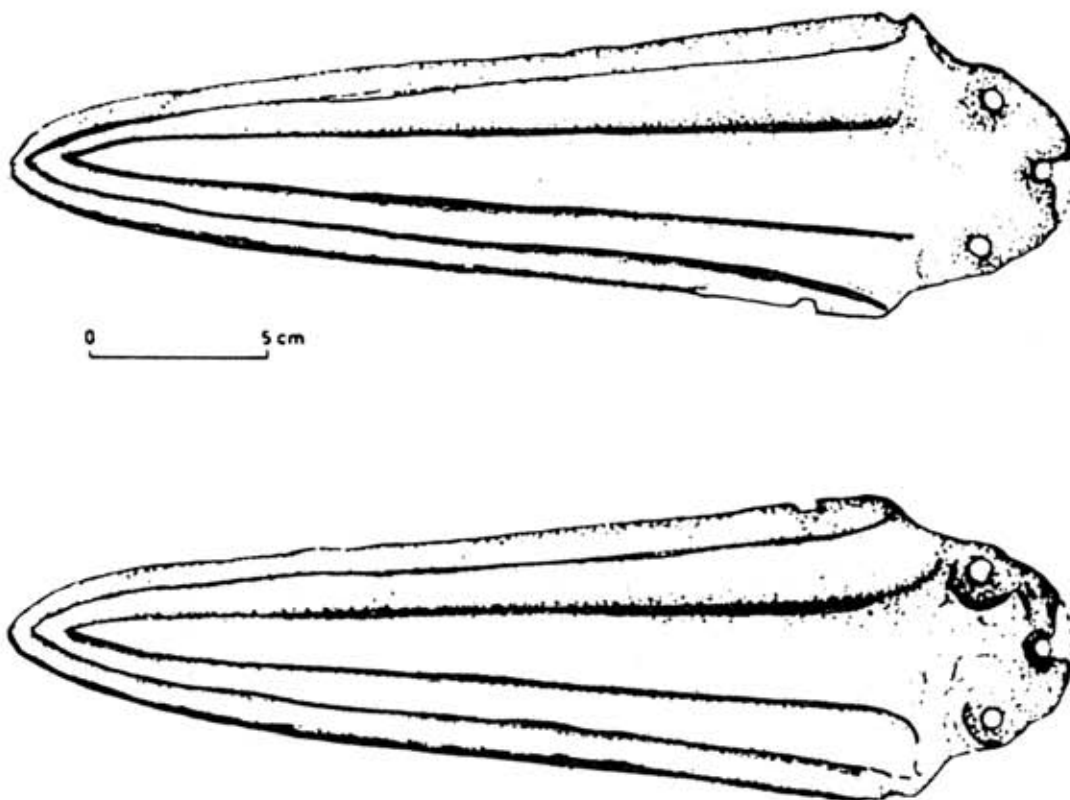


Fig. 17 - Alabarda de cobre arsenical do Bronze Pleno de Baútas (Amadora). Seg. SENNA-MARTINEZ, 1994 b, Fig. 2.

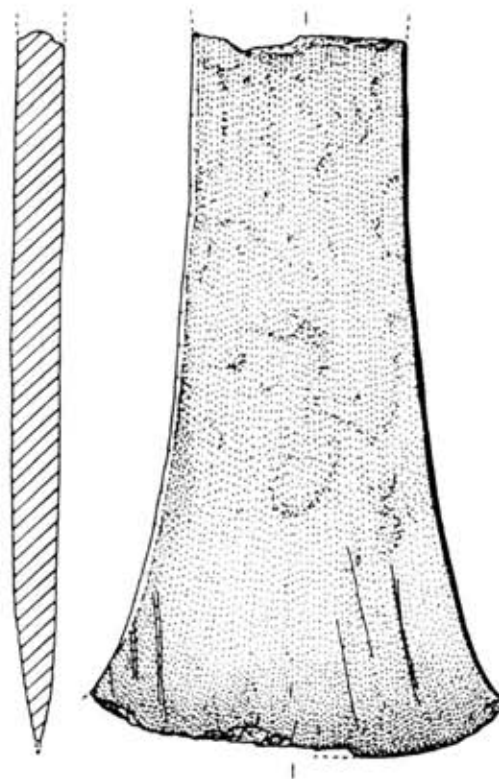


Fig. 18 - Pequeno machado plano, de gume ligeiramente peltado, do Bronze Pleno. Gruta do Correio-Mor (Loures). Tamanho natural. Inédito.

da filiação meridional, porém de fabricos locais ou regionais, visto serem de cobres arsenicais, distintos dos exemplares do Sul da França, que já são de bronze: assim sendo, pode concluir-se (CARREIRA, 1994) que a chegada do tipo à região, antecipou a introdução da metalurgia do bronze.

Mercê da sua posição geográfica, esta região encontrava-se simultaneamente exposta aos primeiros influxos atlânticos – depois dos que presidiram à difusão dos campaniformes “marítimos” – documentados pela alabarda de Baútas, Amadora (SENNA-MARTINEZ, 1994 b), cuja composição, também de cobre arsenical, vem ilustrar expressivamente a manutenção da metalurgia do cobre no Bronze Pleno regional (Fig. 17). A tardia introdução da metalurgia do Bronze – com paralelos em outras áreas peninsulares – pode explicar-se, por um lado, pela forte tradição calcolítica regional, caracterizada por uma rica metalurgia do cobre arsenical; e, por outro, pela dificuldade de obtenção do estanho, a partir das minas da Beira Interior e do Norte do País, cujas redes de abastecimento, no início do Bronze Pleno, ainda se não encontrariam devidamente organizadas. É provável, contudo, que esta situação estivesse em vias de evoluir rapidamente. Ainda no Bronze Pleno, alguns machados planos e escopros, descendentes dos seus antecessores calcolíticos, revelaram tratar-se de verdadeiros bronzes. É o caso de exemplares recolhidos no povoado fortificado de Vila Nova de São Pedro, Azambuja, já fora da área em estudo (PAÇO, 1955; PAÇO & ARTHUR, 1956). No domínio específico que agora interessa, inventariaram-se alguns destes machados de bronze, respectivamente em Amaral e no castro da Ota, Alenquer, referidos por KALB (1980 b) e um terceiro, ainda inédito, na gruta sepulcral do Correio-Mor, Loures (Fig. 18).

Ainda a propósito da tardia introdução da metalurgia do bronze na região, tem interesse referir que as características pontas de seta metálicas de espigão, com ou sem barbelas laterais, presentes na região em estudo (um exemplar em cada uma das seguintes estações: povoado fortificado calcolítico do Zambujal, Torres Vedras (SANGMEISTER, SCHUBART & TRINDADE, 1971); gruta funerária da Cova da Moura (SPINDLER, 1981); dólmen do Alto da Toupeira, Loures (LEISNER, 1965); e área urbana de Sintra, rua da Padaria (CARREIRA, 1994) são todas, exceptuando a última, cuja composição é desconhecida, de cobre (SPINDLER, 1981), tal como as encontradas no Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior (CARREIRA, 1994), ao contrário dos quatro exemplares seguramente de bronze de povoados do Bronze Final, do Sul da Beira Interior, nas proximidades dos quais existe estanho (VILAÇA, 1995) (Fig. 19). Esta observação sugere uma progressiva utilização do bronze, neste caso ilustrada em tipo artefactual de evidente longevidade, com início no Bronze Pleno (caso da necrópole da Vinha do Casão, Loulé com um exemplar de cobre (GIL, GUERRA & BARREIRA, 1986) e *terminus* já na I Idade do Ferro.

Estas observações são concordantes com o verificado no resto do território peninsular: o atraso da utilização das ligas bronzíferas foi, pelo menos, de dois séculos relativamente ao Ocidente Europeu, devido à incipiência da exploração do estanho, acompanhada de escassa difusão para regiões onde este não existia. Tal realidade explica a expansão da utilização do bronze, na Península

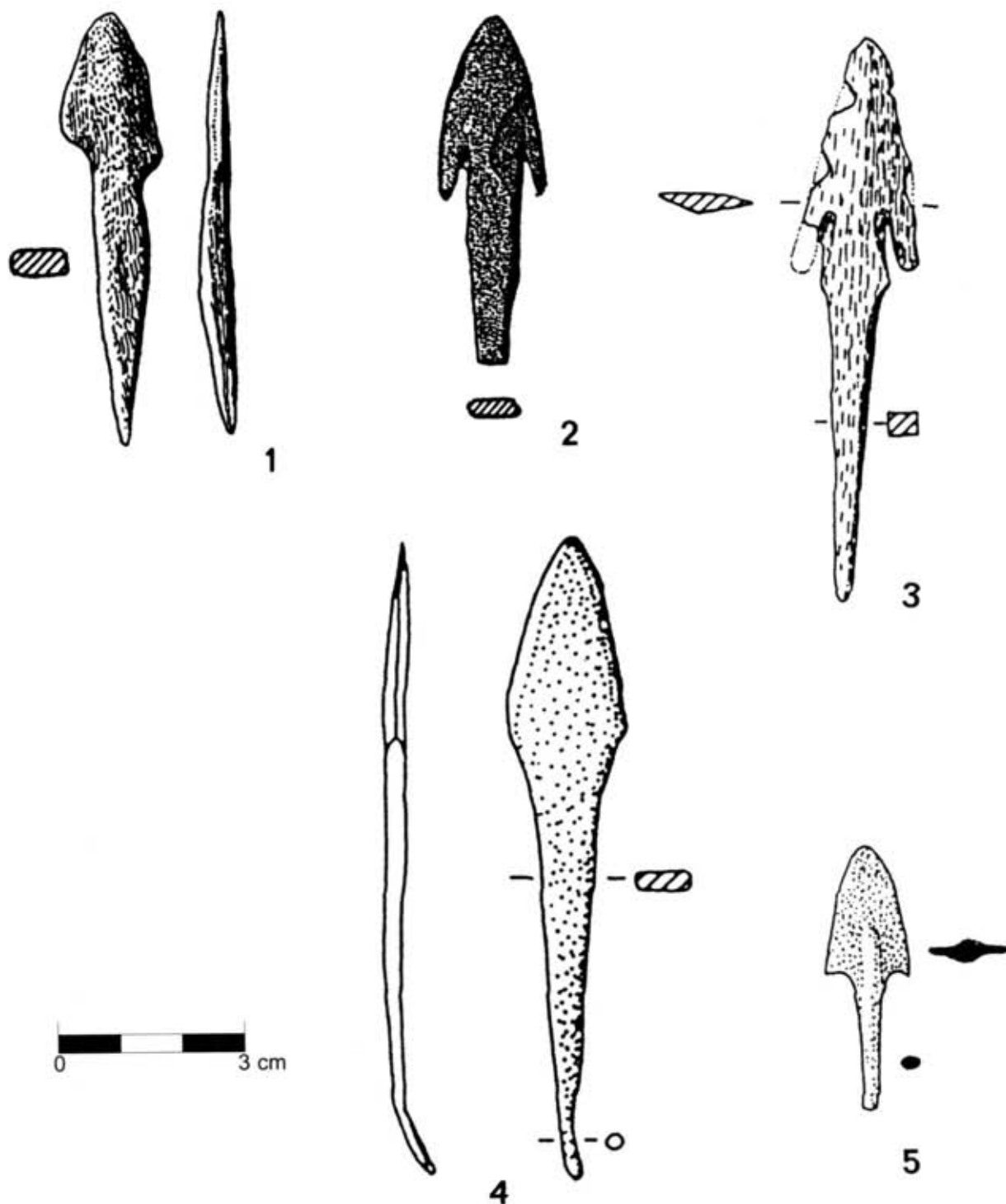


Fig. 19 - Pontas de seta pedunculadas, com ou sem aletas laterais, do Bronze Pleno e Final da Baixa Estremadura. 1 - Dólmen do Alto da Toupeira, Loures (LEISNER, 1965, Tf. 19, 3); 2 - Povoado fortificado calcolítico do Zambujal, Torres Vedras (SANGMEISTER, SCHUBART & TRINDADE, 1971, Fig. 7 b); 3 - Cova da Moura, Torres Vedras (SPINDLER, 1981, Tf. 23, 381); 4 - Castro da Ota, Alenquer (KALB, 1980 b, 59, 6); 5 - Rua da Padaria, São Pedro de Sintra (CARREIRA, 1994, Fig. 11, 2).

Ibérica de Norte para Sul, tendo apenas chegado ao Sudeste no fim do Bronze Médio (FERNÁNDEZ-MIRANDA, MONTERO-RUIZ & ROVIRA LLORENZ, 1995).

Resumindo: no Bronze Pleno da Baixa Estremadura, correspondente a toda a primeira metade e inícios da segunda metade do II milénio AC, observa-se um tipo de povoamento em que, recorrentemente, se aproveitavam antigos sítios calcolíticos de altura, ou pela primeira vez ocupados, como o de Catujal, a par da instalação de outros, ainda não evidenciados, em terrenos de morfologia discreta, como os do Bronze Antigo; esta última realidade, a confirmar-se, teria paralelo na região de Vila Nova de Ourém, onde um povoado (Agroal), de encosta e aberto, próximo do Nabão, mostrou a manutenção da economia agro-pastoril herdada do Bronze Antigo (LILLIOS, 1993). Simultaneamente, a metalurgia do bronze dava os seus primeiros passos, mesclando-se, então, ainda que de forma discreta, influxos atlânticos e mediterrâneos, provados pela presença de artefactos metálicos tipologicamente característicos daqueles dois grandes domínios geográficos. É esta realidade dual que se vai acentuar, no decurso do período seguinte, muito rico e diversificado, do ponto de vista cultural, na Baixa Estremadura: o Bronze Final.

4 – O BRONZE FINAL

4.1 – Os povoados

O registo arqueológico continua presente logo no início da segunda metade do II milénio AC, correspondendo aos primórdios do Bronze Final, fase cultural que se prolonga até ao século IX ou inícios do seguinte, na região em causa. Com efeito, mercê das condições naturais antes aludidas, com destaque para a alta aptidão agrícola dos solos que se desenvolvem de Loures a Cascais e, na margem Sul, de Cacilhas a Trafaria (embora nesta última os solos sejam menos propícios), assistiu-se à multiplicação de núcleos de carácter familiar, ou pequenos povoados abertos, dedicados à exploração agro-pastoril intensiva e extensiva, ao longo de todo o ano, como já se verificava, embora de forma menos acentuada, no campaniforme.

Até o presente, o sítio melhor conhecido é o povoado da Tapada da Ajuda, Lisboa. Implantava-se em encosta de declive suave, entre 100 e 115 m de altitude, voltada a Sul, para o estuário do Tejo, que se descortina do local, e na imediação de linha de água, que nele desaguava (Fig. 20).

A comunidade ali sediada, habitando casas de embasamento de alvenaria irregular, constituídas por blocos basálticos de planta elipsoidal (Fig. 21) – com antecedentes locais, representados pelas cabanas campaniformes de Leceia – dedicava-se à criação de animais domésticos (ovinos, bovinos e suínos), à recollecção intensa de moluscos e à pesca, no estuário adjacente, e, excepcionalmente, à caça do veado (CARDOSO *et al.*, 1986; CARDOSO, 1995). Porém, a actividade económica mais importante era a produção cerealífera, expressivamente documentada pelas centenas de elementos

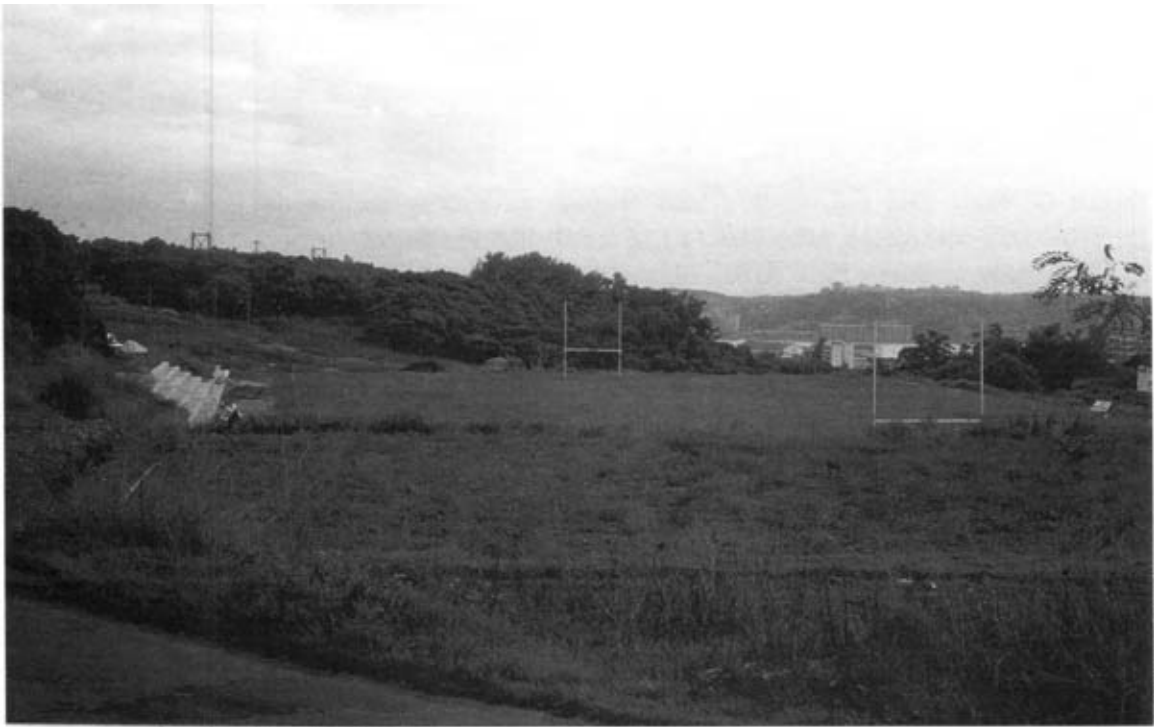


Fig. 20 - Vista da encosta onde se implantava o povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda, Lisboa, actualmente ocupada por campo desportivo. Ao fundo, o estuário do Tejo. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 21 - Vista parcial da área escavada no povoado do Bronze Final da Tapada de Ajuda, Lisboa, evidenciando-se embasamento de alvenaria, de cabana de planta elipsoidal. Foto de J.L. Cardoso.

denticulados de foices, sobre lascas de sílex, montadas em cabos de madeira, também abundantes noutros povoados da região, como o do Alto das Cabeças, Leião, Oeiras (CARDOSO & CARDOSO, 1996) (Fig. 22). O volume potencial das produções (sobretudo de trigo) ultrapassaria largamente as necessidades de consumo desta pequena comunidade, que ali vivia desde inícios do século XIV a finais do século XII AC, segundo a análise estatística das cinco datas de radiocarbono obtidas (Fig. 23).

Deste modo, a laboriosa, sedentária e pacífica comunidade da Tapada da Ajuda, como por certo muitas outras, inventariadas nesta região (MARQUES & ANDRADE, 1974), só poderá ser cabalmente compreendida se integrada numa estrutura sócio-económica organizada à escala regional, articulada em núcleos demográficos mais importantes, a partir dos quais se procedia à administração de territórios bem definidos e delimitados: em um destes se integraria a Tapada da Ajuda, talvez o correspondente ao importante núcleo do Bronze Final sediado na colina do Castelo de S. Jorge, do qual quase nada ainda se sabe.

Que este modelo de exploração intensiva da terra se prolongou até fase tardia do Bronze Final é-nos indicado pelas datas de radiocarbono obtidas no casal agrícola da Quinta do Percevejo, Almada, sugerindo ocupação dos séculos XI/X AC (ICEN – 1083 e ICEN – 1084, *in* BARROS, 2000), compatível com a presença de um grande vaso de colo cilíndrico, decorado no bojo por ornatos brunidos (BARROS & ESPÍRITO SANTO, 1991). Haveria, deste modo, uma estrutura de poder político emergente, no seio de cada conjunto de casais agrícolas ou pequenos povoados, unidos certamente por laços de parentesco.

Assim sendo, a emergência de povoados de altura na região, no decurso do Bronze Final na região em estudo – fenómeno também observado noutras regiões – é indissociável da afirmação de centros de poder económico-político. Assim se explicaria a emergência de elites, sediadas em tais locais, cuja presença se afigura por vezes necessária para a gestão interna dos centros demográficos de maiores dimensões, como alguns já então existentes no Alto e no Baixo Alentejo (ALARCÃO, 1996). A presença de elementos com uma posição social privilegiada e distinta no seio da comunidade, ocupando o Monte do Frade (Penamacor), entre os séculos XII/XI e IX AC, foi também recentemente admitida, na sequência da reinterpretação do sítio (VILAÇA, 1997).

Na área em estudo, existem locais com estas características, correspondendo a diversas elevações isoladas na paisagem, cuja ocupação é cronologicamente comparável à daquele povoado (apesar de não se disporem de quaisquer elementos cronométricos): para além da colina de Lisboa, já referida, salientam-se os povoados do Penedo de Lexim, Mafra (KALB, 1980 b) (Fig. 24); Cabeço de Moinhos, Mafra (VICENTE & ANDRADE, 1971); Ota, Alenquer (BARBOSA, 1956); Castelo dos Mouros, Sintra (CARDOSO, 1997/1998 b) (Fig. 25); Cabeço Mouro, Cascais (CARDOSO, 1991) e o Monte da Pena, Torres Vedras (MADEIRA *et al.*, 1972; SPINDLER, 1981). Pelo menos em cinco deles foram recolhidos fragmentos de cerâmicas finas, com ornatos brunidos (Fig. 26), os quais, para além de se poderem associar ao quotidiano das elites, configuram uma etapa mais tardia

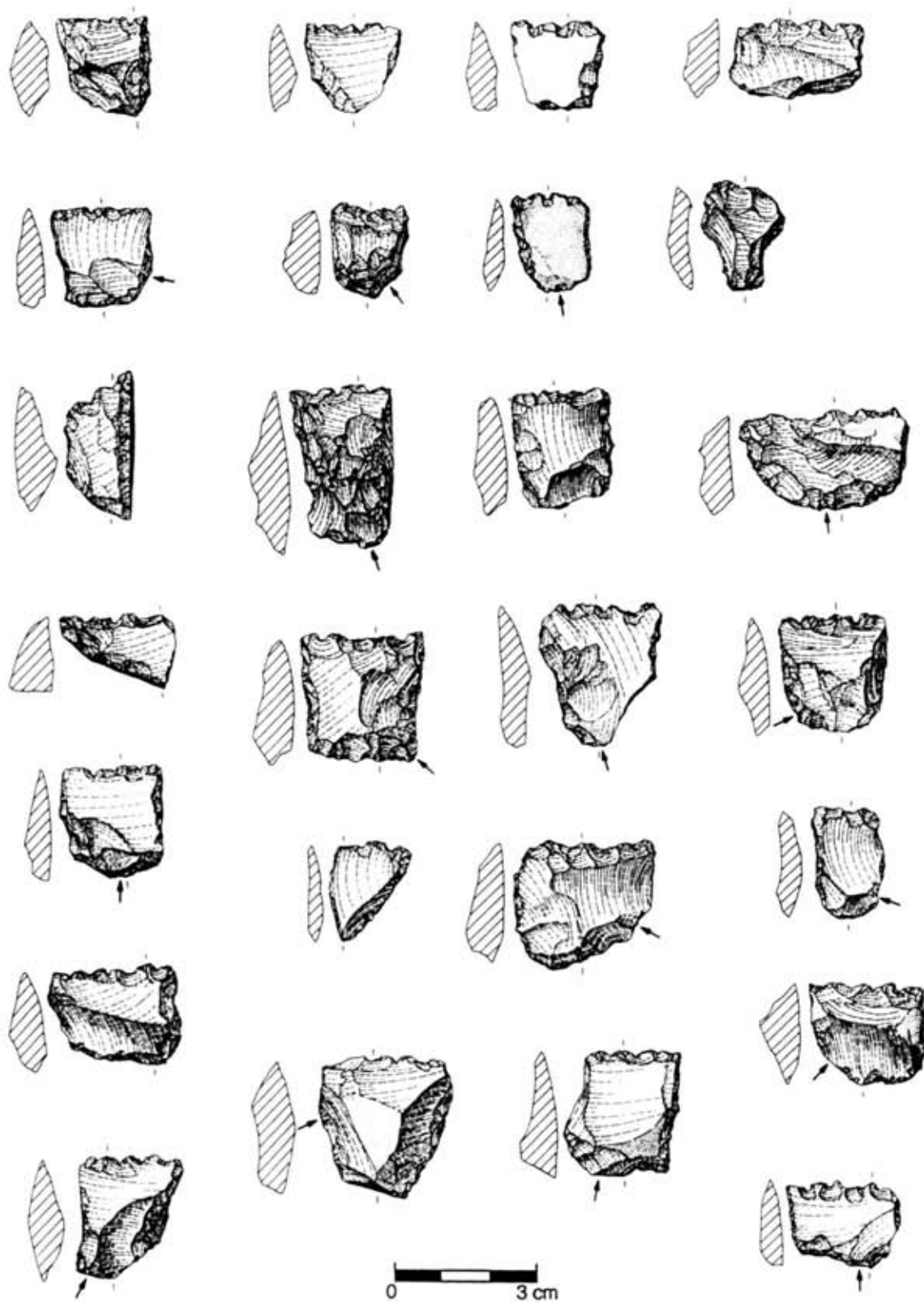


Fig. 22 - Elementos de foice sobre lascas de sílex, do povoado do Bronze Final do Alto das Cabeças, Leião, Oeiras (CARDOSO & CARDOSO, 1996, Fig. 6).

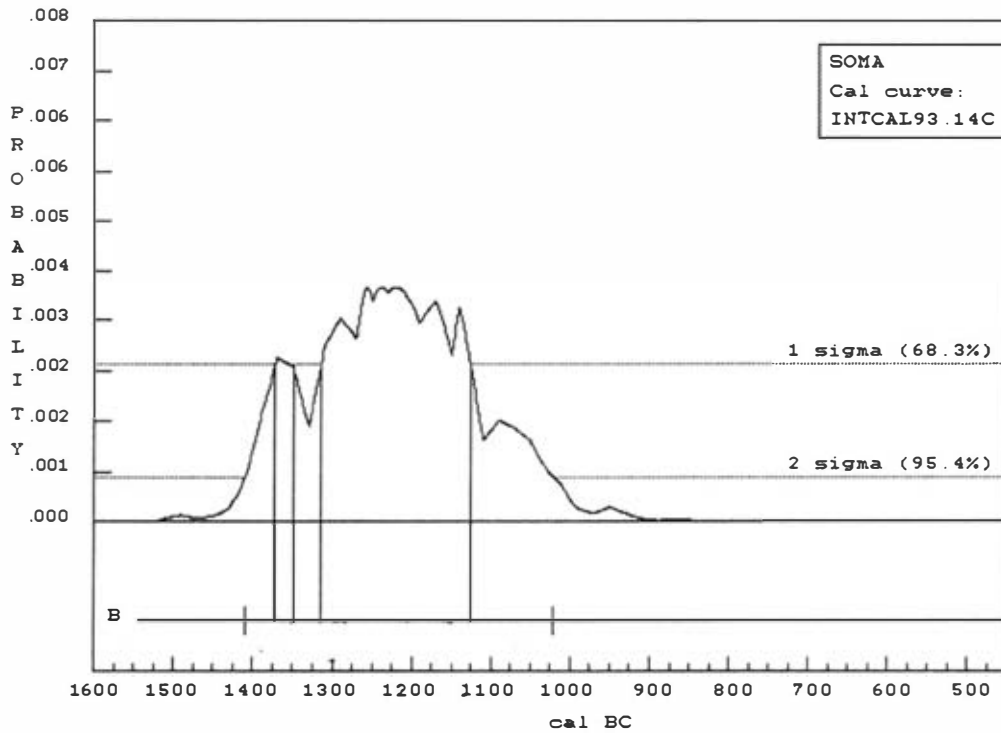
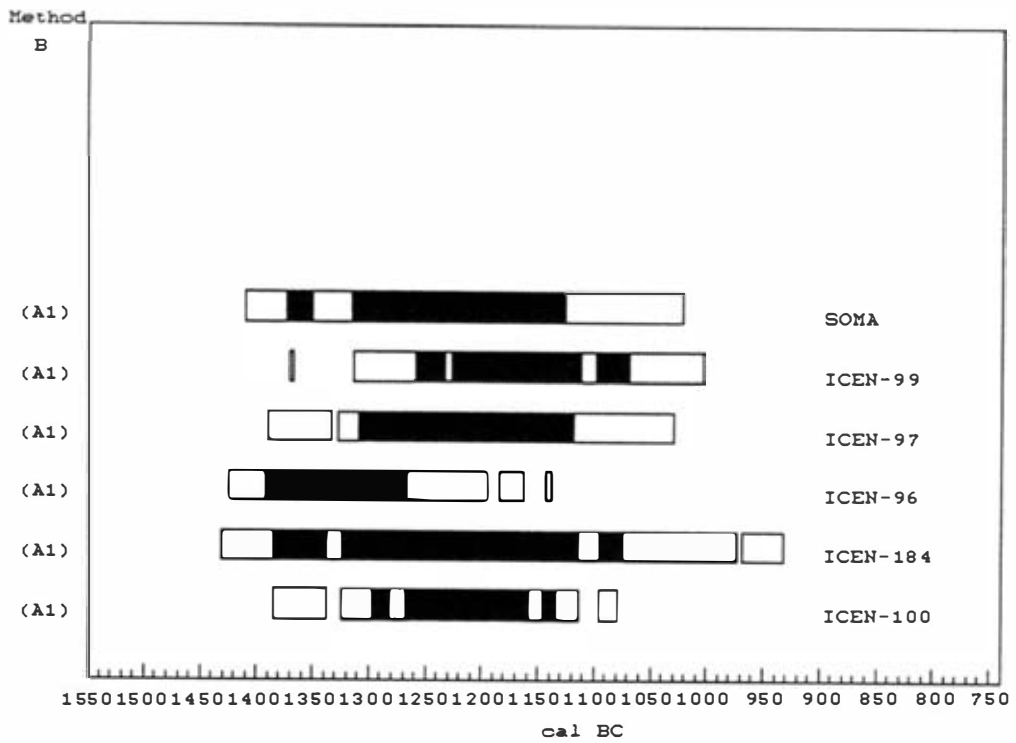


Fig. 23 - Dados de radiocarbono da Tapada da Ajuda, calibradoras a um e a dois sigma (em cima). Em baixo: gráfico de distribuição de probabilidade das seis datas representadas (por deferência do Eng. A.M. Monge Soares).



Fig. 24 - Vista do povoado pré-histórico do Penedo de Lexim. Mafra. foto de J.L. Cardoso.



Fig. 25 - O Castelo dos Mouros, visto da gare da estação ferroviária de Sintra. Foto de 1976, depositada por Rui Almeida no Museu Municipal de Sintra.

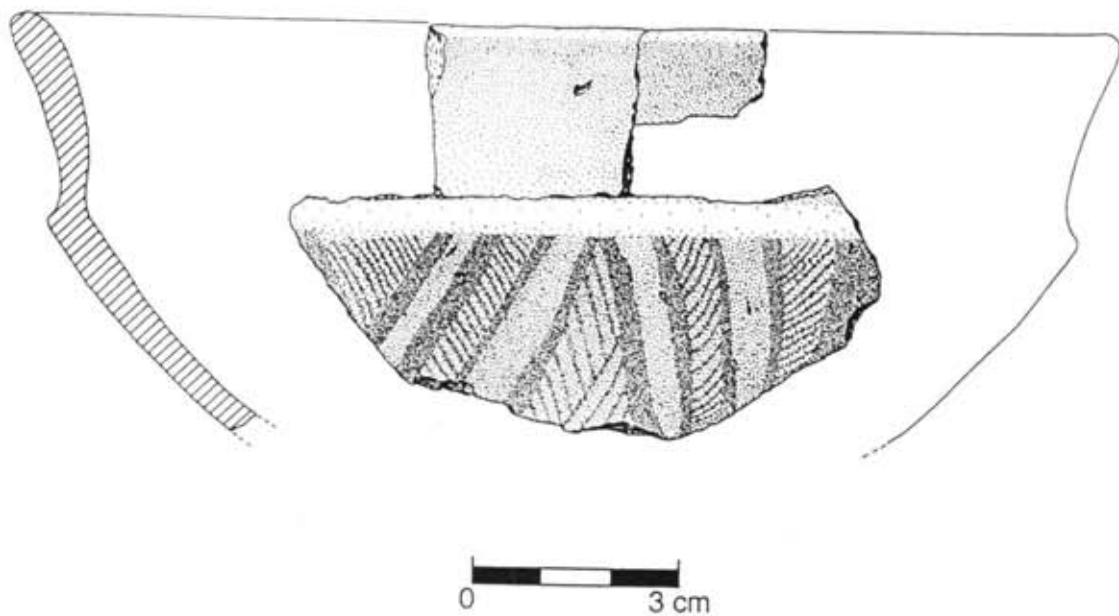


Fig. 26 - Taça carenada com decoração de ornatos bunidos do povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros, Sintra (CARDOSO, 1997/1998 Fig. 6).

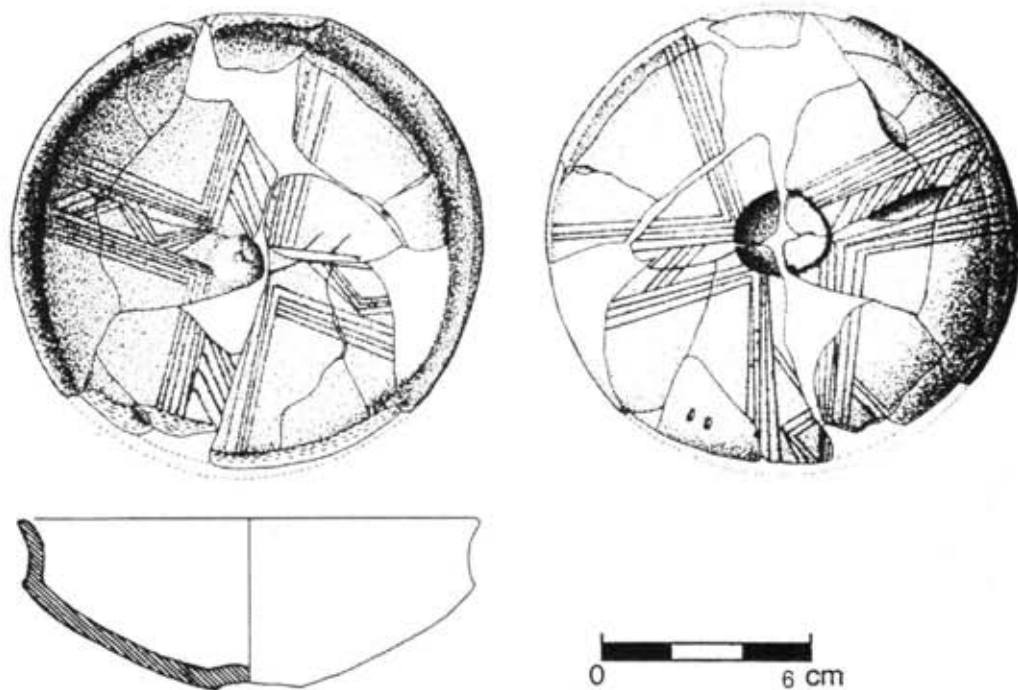


Fig. 27 - Taça carenada com *omphalus*, possuindo ornatos brunidos em ambas as superfícies (BARROS, 1998).

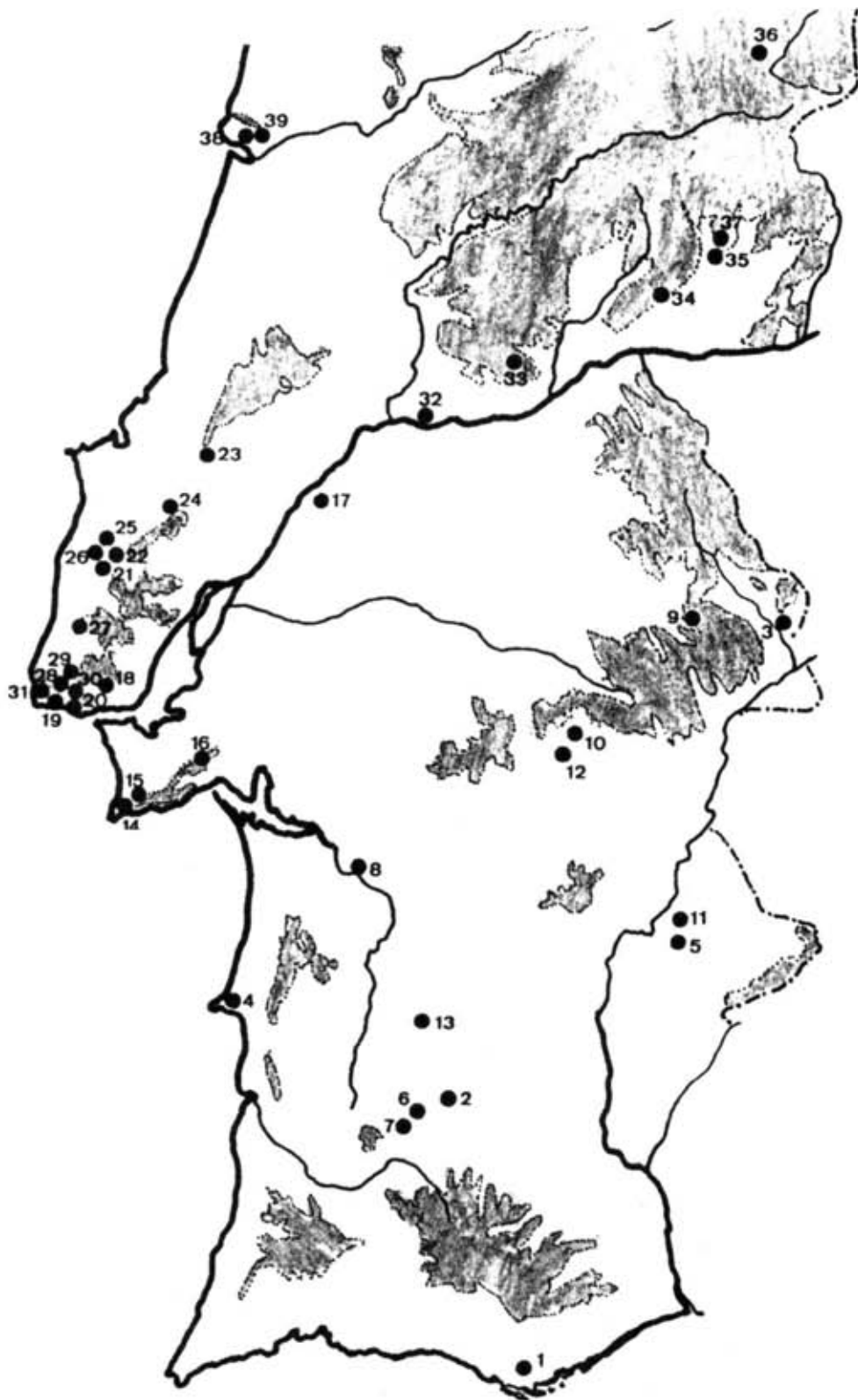


Fig. 28 - Distribuição das ocorrências de cerâmicas de ornatos brunidos no território português, evidenciando-se importante núcleo na Estremadura, prolongando-se ao longo do vale do Tejo até alturas de Sabugal. Seg. BUBNER, 1996.

do Bronze Final regional, situável entre os séculos XII/XI e IX AC (Bronze Final II), compatível com a cronologia dos povoados de altura do Bronze Final da Beira Interior, onde também se recolheram fragmentos de tais cerâmicas. Com efeito, na Tapada da Ajuda, único povoado datado do Bronze Final I, não se recolheu um único fragmento destas cerâmicas, apesar dos milhares de elementos compulsados. As cerâmicas de ornatos brunidos do Bronze Final II do grupo estremenho, também designado por tipo “Alpiarça” ou tipo “Lapa do Fumo”, integram formas abertas e fechadas, já inventariadas (MARQUES, 1972; KALB & HOCK, 1985); quando ostentam decorações, estas são sempre na parede externa dos recipientes, correspondendo a motivos reticulados obtidos pelo deslizamento de uma ponta romba na superfície seca antes da cozedura, conferindo-lhes aspecto acetinado. A sua distribuição estende-se para o interior, ao longo do Tejo e afluentes da margem direita, até à região de Sabugal, sendo em parte coevas de um grupo alentejano, recentemente considerado, e do grupo da Andaluzia, de há muito conhecido, com sobrevivência na Idade do Ferro (GAMITO, 1990/1992; CORREIA, 1998). Com o Alentejo e Andaluzia terá também havido contactos, como sugere pequena taça carenada com decoração interior, da Quinta do Marcelo, Almada (BARROS, 1998, p. 31) (Fig. 27).

4.2 – Foices, machados e outros artefactos de bronze

A extensão das cerâmicas estremenhas de ornatos brunidos ao longo da bacia hidrográfica do Tejo médio e superior português (Fig. 28) pode conotar-se com a rota do estanho, em sentido inverso, até à Estremadura, do mesmo modo que o cobre aqui afluía, oriundo dos chapéus de ferro da faixa piritosa e de numerosos jazigos disseminados do Alto Alentejo. O exemplo mais expressivo desta realidade é a presença de molde de arenito para fundição de foices de talão, achado em Rocanes, Sintra (Fig. 29), topónimo que está na origem da designação de foices “tipo Rocanes”, das quais COFFYN (1985) inventariou na Península Ibérica 21 exemplares (ou 23, na actualização de SILVA, 1986, a que se soma um outro, do povoado do Castelejo, Sabugal, cf. VILAÇA, 1995). São todos oriundos do centro e sul do País, com apenas duas excepções, a Norte do Douro, onde a sua produção local é indicada pelo molde encontrado no castro de Álvora (SILVA, 1986, Est. V). À região em apreço, correspondem três exemplares, para além do molde referido, todos da península de Setúbal, de cada um dos seguintes sítios: Pedreiras e Calhariz, Sesimbra; e Fonte da Rotura, Setúbal.

O abastecimento da Baixa Estremadura, tanto de estanho como de cobre, viabilizou, igualmente, a produção de outros artefactos de bronze, também de cunho marcadamente regional, como os machados de alvado e duas argolas e os de talão unifaces, no decurso do Bronze Final II. Os exemplares do primeiro grupo concentram-se, efectivamente, na Estremadura, segundo a distribuição apresentada por COFFYN (1985). No concernente à área em apreço, o autor regista ocorrências em cada um dos seguintes sítios: Abrigada e Ota, ambos do concelho de Alenquer; gruta sepulcral da Cova da Moura, Torres Vedras; Sobral de Monte Agraço, Arruda dos Vinhos; Cabeço

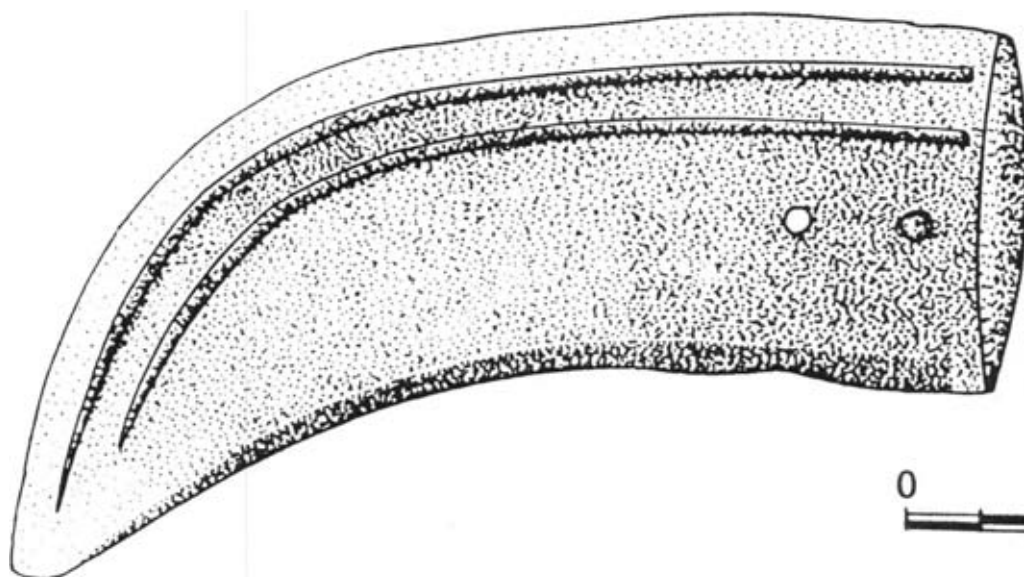
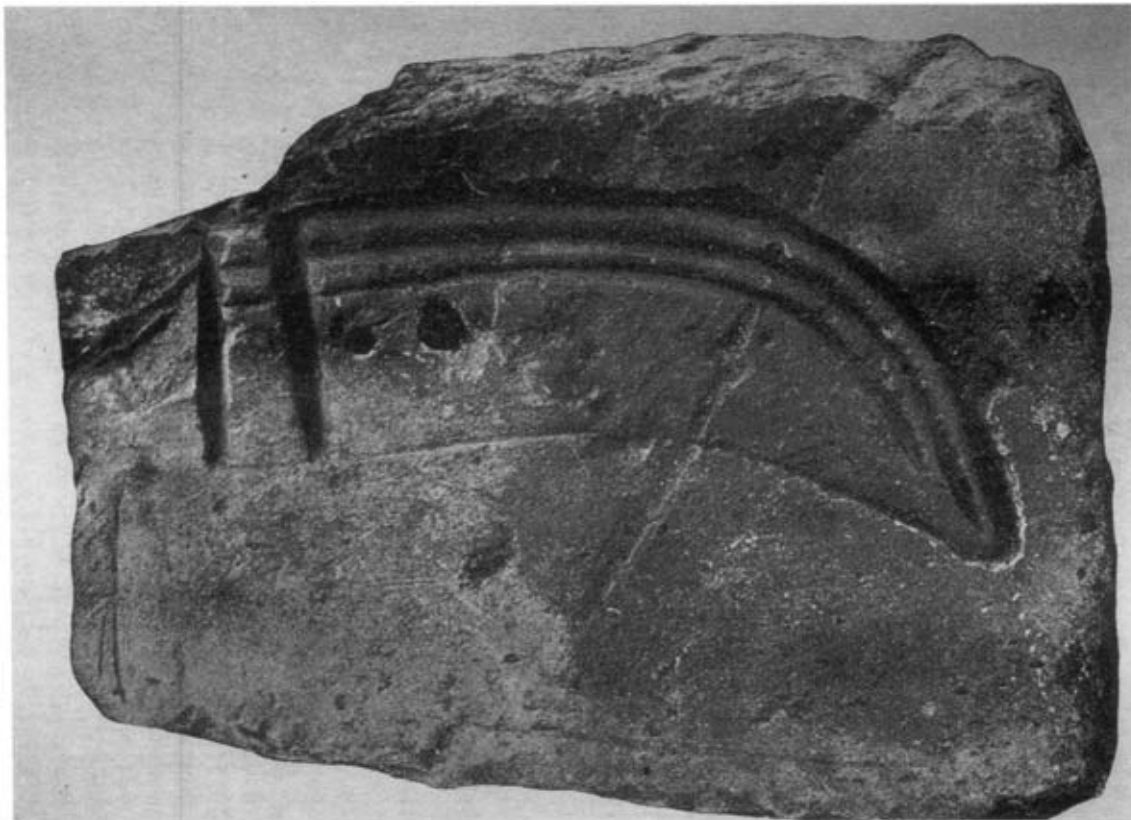


Fig. 29 - Em cima: molde de foices do tipo Rocanes, de arenito, do Casal de Rocanes, Cacém, Sintra (FONTES, 1916); em baixo: foice do tipo Rocanes, obtida a partir do molde anterior (COFFYN, 1985, Pl. LVII, 8).

de Moinhos, Mafra; Leceia, Oeiras; Lisboa; Alfirim, Sesimbra de onde provêm dois exemplares, um deles desprovido de anéis laterais e, ainda, um outro de Pedreiras, também no concelho de Sesimbra. A esta série, deverá adicionar-se um machado de alvado com dois anéis, do povoado de Penedo de Lexim, Mafra (KALB, 1980 b), o que perfaz um total de onze exemplares (Fig. 30). Em comparação, os machados unifaces de talão, munidos de uma argola lateral, característicos da fachada atlântica estremenha, com penetração para o interior, ao longo do Tejo (COFFYN, 1985), são muito mais escassos, visto apenas existirem referências a dois, referidos pelos três autores que, sucessivamente apresentaram inventários relativos a tais peças: MONTEAGUDO, 1977; KALB, 1980 b; e COFFYN, 1985: trata-se das peças dos povoados de altura de Cabeço de Moinhos, Mafra (Fig. 31) e de Monte Sereno, Sintra, embora neste último local, o machado provenha de pequena gruta existente na encosta (PEREIRA, 1957), formada pelo amontoado de grandes blocos graníticos.

O mapa de distribuição de COFFYN (1985), relativo aos três grupos artefactuais referidos, mostra que a única área em que coexistem é a Estremadura. Sejam ou não de fabrico local, apenas provado no caso das foices de tipo Rocanes – lembre-se que até hoje não se encontrou nenhum molde do tipo mais comum dos referidos, em território português, o machado de alvado com duas argolas, a presença destes artefactos de produção dispendiosa, revela a capacidade económica atingida no Bronze Final II pelas populações da Baixa Estremadura. Tais peças, destinavam-se tanto para utilização local – só então as foices de sílex e madeira teriam sido substituídas por equivalentes metálicos – como, sobretudo, para exportação, por via marítima. A Estremadura comportar-se-ia, assim, como placa giratória deste comércio transregional. Sem recursos naturais que justificassem a emergência das elites por um processo de acumulação de riqueza – não se crê que os aludidos potenciais agrícolas fossem suficientes para tal – a sua génese e florescimento só poderá ser eficazmente explicada pela própria metalurgia do bronze e conseqüente comercialização dos produtos manufacturados, ou das respectivas matérias-primas (KALB, 1980 a). Estas, circulariam sob a forma de lingotes, provavelmente produzidos à boca da mina, como já se observava no Calcolítico, com o cobre (CARDOSO & FERNANDES, 1995; CARDOSO, 1997). Assim sendo, as elites detentoras do poder na região actuariam como intermediários na circulação e comercialização de tais bens, arrecadando as mais-valias correspondentes.

No quadro das solidariedades comerciais atlanto-mediterrâneas então estabelecidas, a importância da Baixa Estremadura decorre imediatamente da sua excepcional posição geográfica, servida por excelentes ancoradouros, a começar pelos existentes na zona vestibular dos estuários do Tejo e do Sado. Assim se explicam as numerosas peças encontradas em sítios do Mediterrâneo Central (Itália, Sardenha e Sicília), inventariadas por Lo SCHIAVO (1991), donde se destaca o célebre depósito do Monte Sa Idda, Cagliari (Sardenha), contendo, entre outros, os três tipos referidos (TARAMELLI, 1921) (Fig. 32). Segundo Lo SCHIAVO (1991), trata-se de um conjunto essencialmente dos séculos X e IX AC, época a que pertencem as peças de modelo peninsular, mais concretamente, de provável fabrico estremenho.

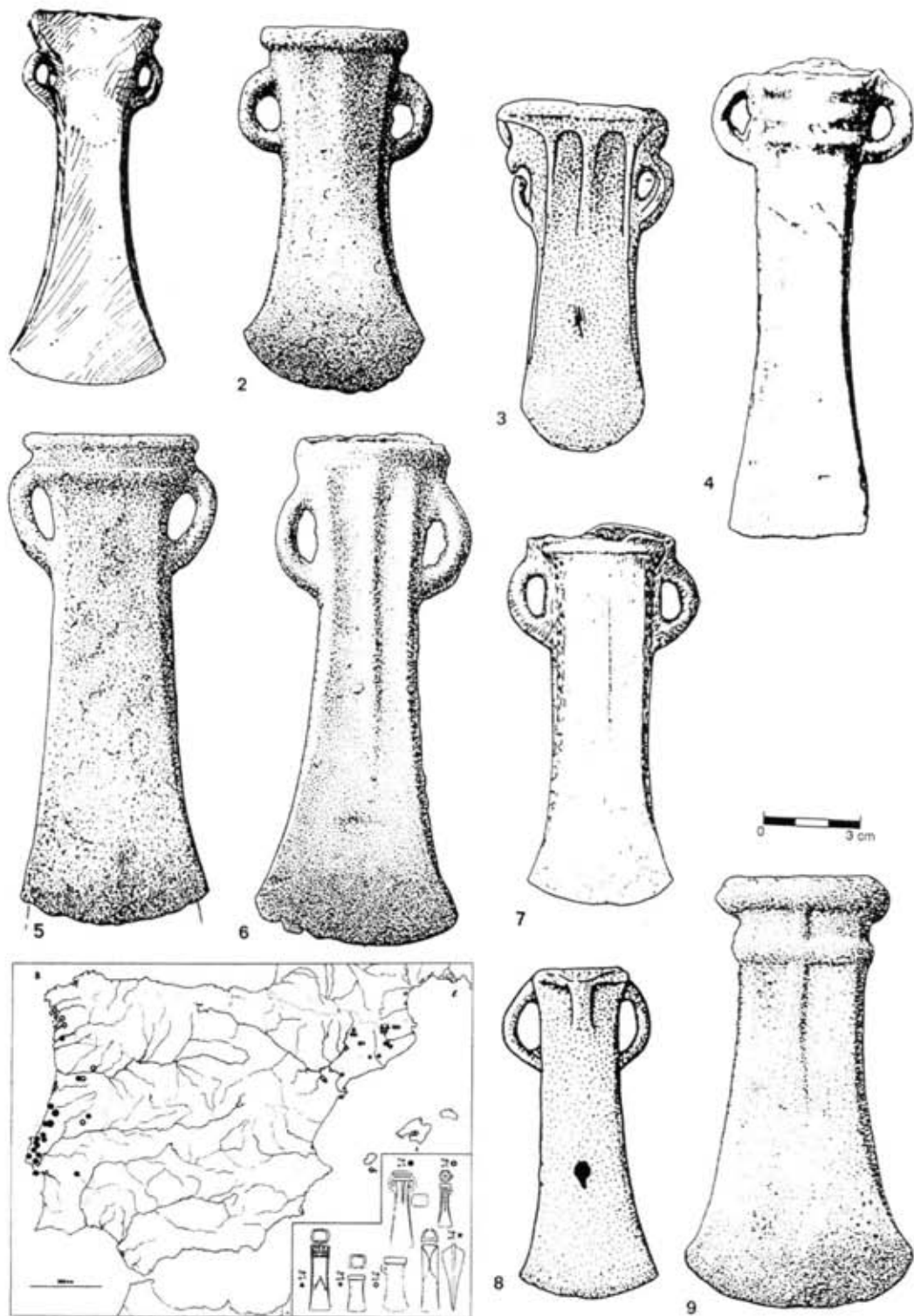


Fig. 30 - 1 - Machados de alvado da Estremadura, a Sul de Torres Vedras: Pedreiras, Sesimbra (SERRÃO, 1966, p. 309, n.º1); **2** - Arruda dos Vinhos (MONTEAGUDO, 1977, Tf. 119, 1721); **3** - Castro da Ota, Alenquer (KALB, 1980 b, 59, 2); **4** - Penedo de Lexim, Mafra (KALB, 1980 b, 62); **5** - Abrigada, Alenquer (MONTEAGUDO, 1977, Tf. 117, 1699); **6** - Alfarim, Sesimbra (MONTEAGUDO, 1977, Tf. 119, n.º 1719); **7** - Casa da Moura, Torres Vedras (SPINDLER, 1981, Tf. 23, 379); **8** - Cabeço de Moinhos, Mafra (KALB, 1980 b, 61, 2); **9** - Alfarim, Sesimbra (MONTEAGUDO, 1977, Tf. 118, 1710);

Em baixo, à esquerda: distribuição geográfica do tipo de machado de alvado com dois anéis (círculos a cheio) na Península Ibérica (MONTEAGUDO, 1977, Tf. 142, B).

Outro item que acusa produção peninsular ocidental é o “tranchet”, também presente no depósito do Monte Sa Idda, por apenas um fragmento (TARAMELLI, 1921, Fig. 77), considerado de tipo “português” (LO SCHIAVO, 1991). Trata-se de raro tipo artefactual, representado no território português por seis exemplares: castro da Senhora da Guia, Baiões, 2 ex. (KALB, 1978; COFFYN, 1985; SILVA, 1986); Monte do Frade, Penamacor, 1 ex. (VILAÇA, 1995); Castelo Velho do Caratão, Mação, 1 ex. (COFFYN, 1985); castelo de Arraiolos, 1 ex. (CARREIRA, 1994, Fig. 11, 3); e, por último, um sexto exemplar recolhido no sítio da Quinta do Marcelo, Almada (BARROS, 2000) (Fig. 33).

4.3 – Armas, jóias e outros adereços

As armas, particularmente usadas pelo segmento guerreiro, cuja presença se afigurava essencial à manutenção das regras de convivência estabelecidas, são escassas na Baixa Estremadura. Os inventários supra-referidos assinalam apenas três punhais de rebites e lingueta do tipo “Porto de Mós”. Trata-se, como as peças anteriores, de produção de cunho regional, cuja distribuição se centra na Estremadura e Beiras. Na Baixa Estremadura, ocorrem no Cabeço do Jardo, Torres Vedras; no Moinho do Raposo, Alenquer; e na Lapa do Fumo, Sesimbra (COFFYN, 1985). Trata-se de tipo também presente no depósito sardo de Santadi (Lo SCHIAVO, 1991).

Reportam-se à área em estudo pelo menos três pontas de lança de alvado, oriundas do Penedo de Lexim, Mafra, 1 ex. (escavações de A. C. Sousa, cf. comunicação 2.º Colóquio Internacional do Megalitismo, Monsaraz, 2000), sendo as duas restantes do castelo da Ota, Alenquer (BARBOSA, 1956). Uma destas, inscreve-se claramente no tipo Vénat (COFFYN, 1985), comum no litoral setentrional da Península e na Aquitânia, sendo a outra do tipo de aletas convexas alargadas na base, com pelo menos um paralelo português em Portelas, Lagos (CARDOSO, GUERRA & GIL, 1992).

É significativo que as armas tenham distribuição análoga às peças anteriores, visto provirem essencialmente de povoados de altura, a par de sítios de índole funerária ou ritual, como as grutas. A este segundo tipo de ocorrências se reporta o achado de uma espada, em dragagens efectuadas junto a Cacilhas, em zona adjacente aos antigos estaleiros da Parry & Son, Ltd. (Fig. 34). Trata-se de exemplar tardio no contexto das produções do Bronze Final, com lâmina em “língua de carpa” (Fig. 35) conotável com oferenda às divindades aquáticas, com destaque para as espadas, com numerosos testemunhos na Bretanha, Aquitânia, Ilhas Britânicas e Galiza, a menos que se trate, simplesmente, de objecto perdido ou, ainda, resultante de naufrágio (Fig. 36).

Aos argumentos que explicam o sucesso económico das populações do Bronze Final II da região em causa, podem juntar-se a exploração de outros produtos de alta valia, potencialmente disponíveis na zona do estuário do Tejo: trata-se do sal, cuja exploração no Bronze Final não se encontra demonstrada, mas que seria provável, à semelhança do verificado no Sudeste, nas minas de sal da região de Alicante e na Galiza (MEDEROS MARTIN, 1999) e do ouro, provavelmente já explorado perto do Miradouro dos Capuchos, Caparica no final do Calcolítico (KUNST, 1979).

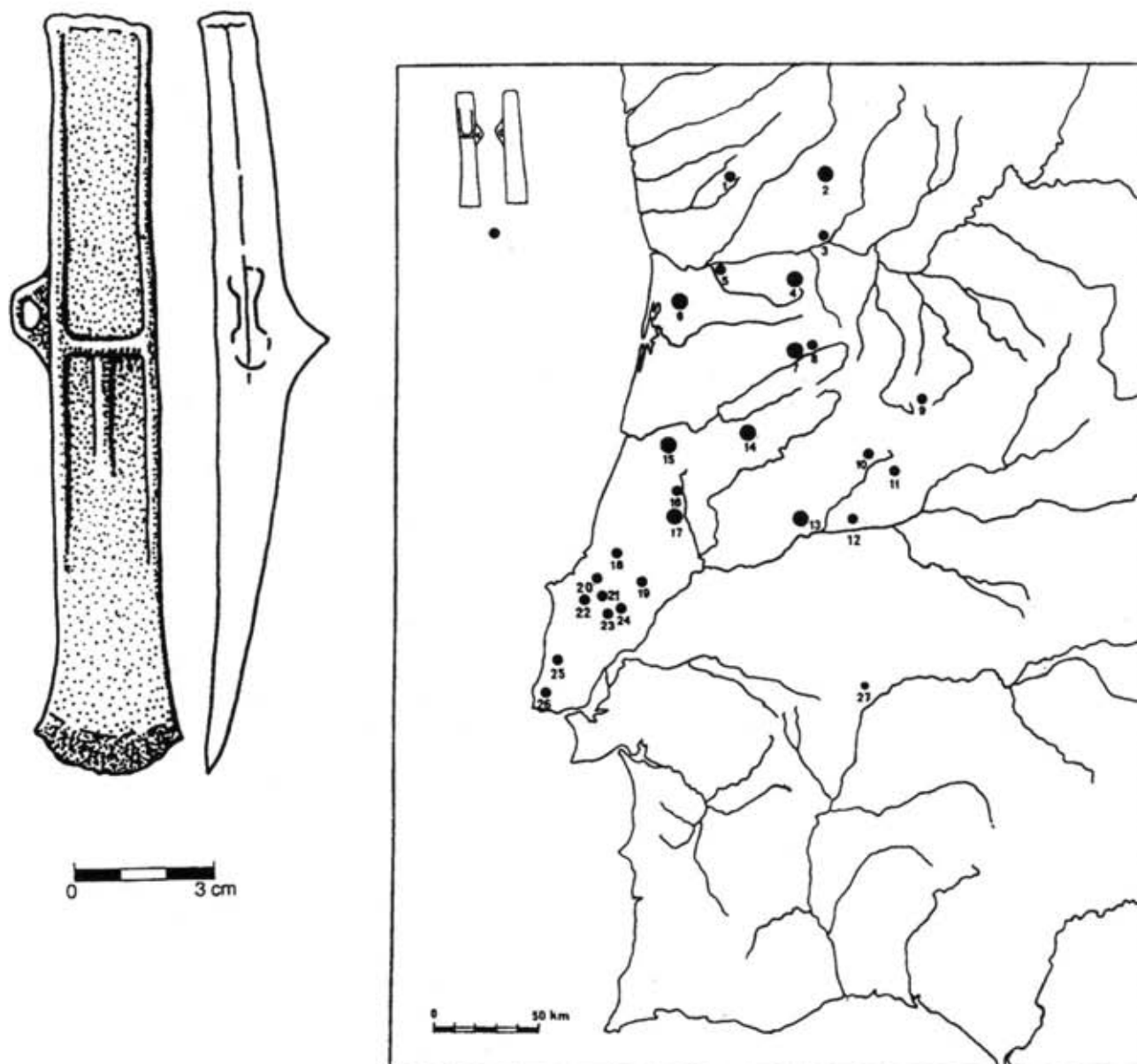


Fig. 31 - Distribuição geográfica dos machados de talão planos e com um anel, seg. COFFYN (1985, Fig. 41), correspondendo os círculos maiores a depósitos de peças bronzíferas (à direita). À esquerda: machado do Cabeço de Moinhos, Mafra (KALB, 1980 b, 61, 5).

Mais tarde, o sítio da Quinta do Marcelo, Almada, datado pelo radiocarbono nos séculos XI/X AC (bolsa 1) e IX AC (bolsa 2), foi também atribuído a acampamento sazonal especializado no garimpo das areias auríferas do Tejo (BARROS, 2000). Ali se recolheu o que poderá ser uma copela e pilões de pedra, para o esmagamento do minério; também em abono desta actividade no local, a análise química revelou resíduos de ouro e de mercúrio no fundo de uma taça. A exploração do ouro era também possível na Trafaria e no litoral oceânico adjacente, na Adiça, tal como na margem norte do estuário, junto a São Julião da Barra: nestes dois últimos locais foi intensamente explorado no primeiro quartel do século XIX, sendo mesmo conhecidas as quantidades obtidas (ESCHWEGE, 1830).

Com este ou outro ouro se faziam as jóias auríferas, outro indicador da presença de elites no fim do Bronze Final na Baixa Estremadura. O exemplo mais notável é o colar do Casal de Santo Amaro (Fig. 37), encontrado cerca de 2 km a Norte da vila de Sintra, no sopé da serra do mesmo nome (PEREIRA, 1894; VASCONCELLOS, 1896). Segundo este autor, encontrava-se em sepultura de inumação, aproveitando espaço formado por duas bancadas de calcário, coberta por lages irregulares. A sua tipologia é única, agregando três elementos que, vistos isoladamente, poderão assimilar-se a colares simples maciços de ouro fundido, de secção circular, decorados por motivos geométricos a punção. Neste âmbito, possui paralelo nos colares de Baiões (S. Pedro do Sul) e em vários achados da Estremadura Espanhola (“tipo Baiões” ou “Sagrajas/Berzocana”). As extremidades dos três elementos referidos foram soldadas por fusão adicional, enquanto o fecho foi considerado como tendo sido feito a partir de um bracelete do tipo “Villena/Estremoz” (ARMBRUSTER, 1995). Ambos os tipos são considerados de filiação atlântica, mais marcada no caso dos colares “Sagrajas/Berzocana”, enquanto as quatro campânulas fixadas por rebiteagem ao aro central, são comparáveis aos terminais dos braceletes de Torre Vã (Ourique), cuja integração mediterrânea é evidente (ARMBRUSTER & PARREIRA, 1993). Deste modo, o colar de Sintra é a síntese de elementos de tecnologia e tipologia muito diferentes, e também de tradições culturais distintas, exprimindo, mais do que qualquer outra peça, a realidade vigente na região, nos últimos momentos da Idade do Bronze.

A quantidade de ouro disponível e em circulação nesta época, encontra-se expressivamente salientada pelo peso desta peça, com 1262 g. O ouro abundava na Irlanda (afirmação eloquentemente demonstrada na sala principal do Museu Nacional em Dublin) e nas Astúrias, sob a forma aluvial. MEDEROS MARTIN (1999) valorizou esta última região como fonte provável do tesouro de Villena, Alicante, o conjunto pré-histórico europeu mais importante de recipientes áureos, tanto em número de peças como em peso absoluto, logo a seguir à totalidade do ouro recolhido em Micenas. Porém, a ausência de análises sistemáticas de jazigos auríferos peninsulares dificulta a discussão da questão das origens do ouro, aumentada pela possibilidade de refusão de peças mais antigas (PEREA, 1991). Não obstante as reservas apontadas, os resultados das análises feitas a elevado número de jóias do Bronze Final da Europa atlântica (HARTMANN & SANGMEISTER, 1972),

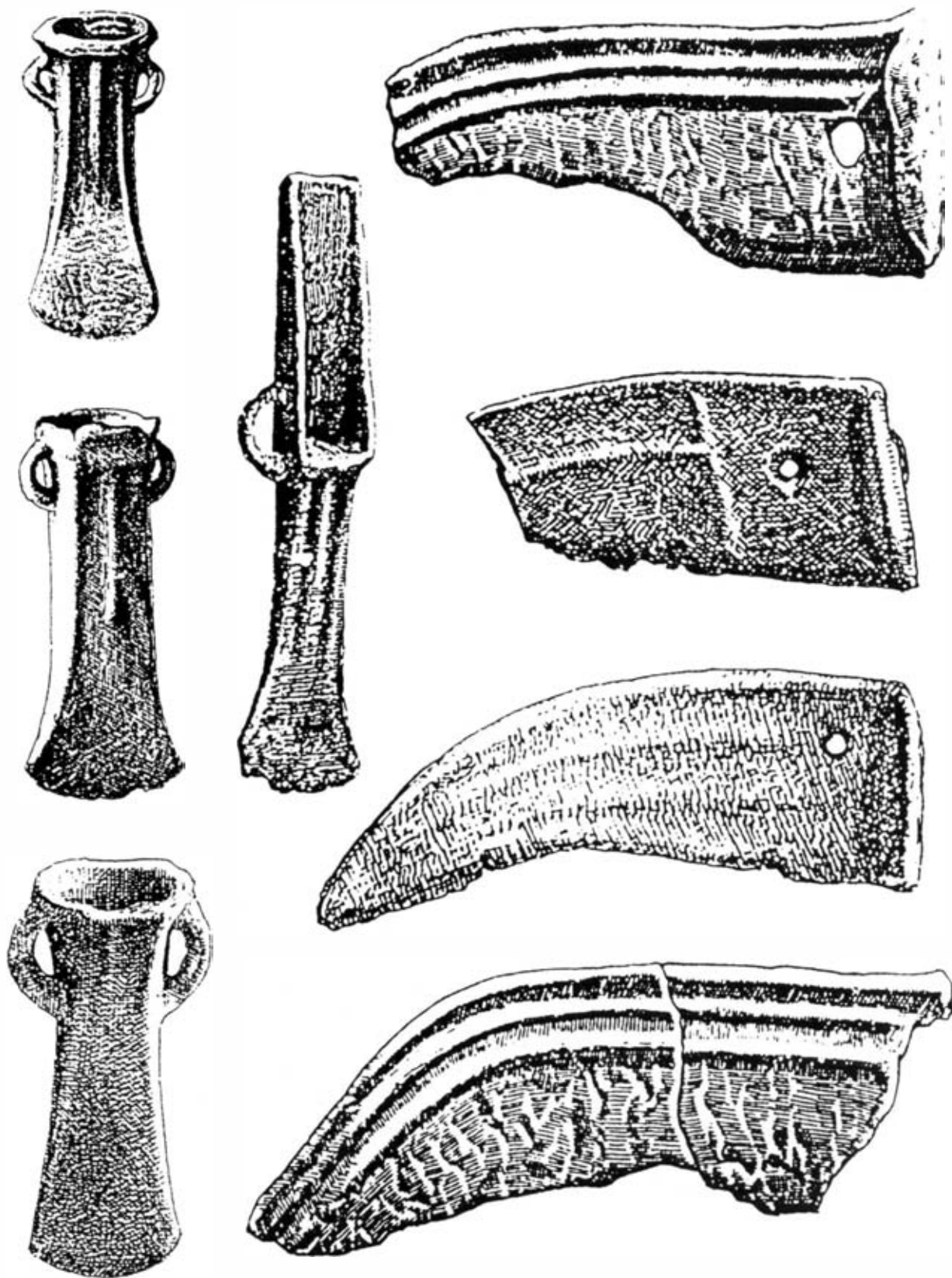


Fig. 32 - Bronzes do depósito do Monte Sa Idda, Sardenha, de produção peninsular, provavelmente estremenha, ou de imitação local (TARAMELLI, 1921, diferentes Fig.). Escalas diferentes.

poderão servir de base para reflexão: um dos grupos auríferos isolados (Grupo N) na fachada ocidental da Península, é extremamente abundante na Dinamarca e na Irlanda, de onde poderia ser originário (cf. KALB, 1980 a, nota 21). O fluxo aurífero de Norte para Sul encontraria, ainda, nalgumas peças do quotidiano, como as foices de alvado, elemento abonatório; tal como, seguindo caminho inverso, se podem reportar a produções peninsulares machados de alvado, de talão unifaces e do tipo “Reguengo Grande” (Tipos 30, 36 e 42 de MONTEAGUDO, 1977), a achados em domínios setentrionais (Bretanha, Inglaterra, Irlanda e Escócia).

Outra rara jóia aurífera da serra de Sintra é o alfinete de secção circular e cabeça em botão achatado, oriundo do povoado da Penha Verde (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958). A cronologia desta peça, para a qual só se conhece outro exemplar comparável, oriundo de Areia, Mealhada (ARMBRUSTER & PARREIRA, 1993) é compatível com o Bronze Final, podendo, porém, como opinam os referidos autores a propósito do segundo exemplar, ser do Bronze Antigo. Ambas as possibilidades são aceitáveis, atendendo ao espólio recuperado no povoado sintrense.

Uma das provas mais sugestivas dos contactos entre o mundo norte-atlântico e a região centro do País é representada pelas contas de âmbar báltico. Uma destas raras peças provém da bolsa 2, datada do século IX AC do sítio da Quinta do Marcelo (BARROS, 2000, fig. 55), embora, na falta de análises, não seja certa tal origem, podendo provir igualmente do Mediterrâneo Oriental. A sua tipologia é algo distinta das duas contas recolhidas no povoado de Moreirinha, Idanha-a-Nova, cuja análise química confirmou origem báltica (BECK & VILAÇA, 1995). As restantes três ocorrências de âmbar em contextos do Bronze Final, correspondem igualmente a contas e são todas de carácter habitacional; no castro da Senhora da Guia, Baiões, encontrou-se ainda um bloco de âmbar, que sugere transformação em contas *in loco*, mais ao gosto local, o que explicaria a heterogeneidade tipológica de tais peças.

Seja como for, o elevado peso do colar de Sintra, a par do seu reduzido diâmetro interno (apenas 14 cm) tornaria difícil a utilização desta jóia (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1995 a): Leite de Vasconcelos tinha afastado, pela mesma razão, a sua utilização ao pescoço (VASCONCELOS, 1896). Nestes termos, a sua conotação com dote feminino, num quadro de armazenamento social da riqueza, não é incompatível com o carácter funerário atribuído ao achado. A referida autora chamou ainda a atenção para a frequência de achados de jóias auríferas desprovidas de contextos, achadas isoladas, em zonas de portela ou de passagem. Um traço comum une estes achados, atribuíveis globalmente ao Bronze Final, dos quais apenas o tesouro do Bonabal (Torres Vedras) (Fig. 38), se reporta à região em apreço (TRINDADE & FERREIRA, 1964): são sempre ocultações em terrenos que nenhuma particularidade torna relevantes, sendo, por isso, frequentes as descobertas no decurso de trabalhos agrícolas. A ser assim, o achado do Casal de Santo Amaro, na periferia da serra de Sintra, quadra-se bem nesta concepção, situando-se “na penumbra” produzida pela própria imponente da massa rochosa, que constituiu desde a Pré-História, pela sua posição geográfica, verdadeiro marco do “fim do Mundo”, adquirindo o estatuto de montanha sagrada – é significativa a densidade dos

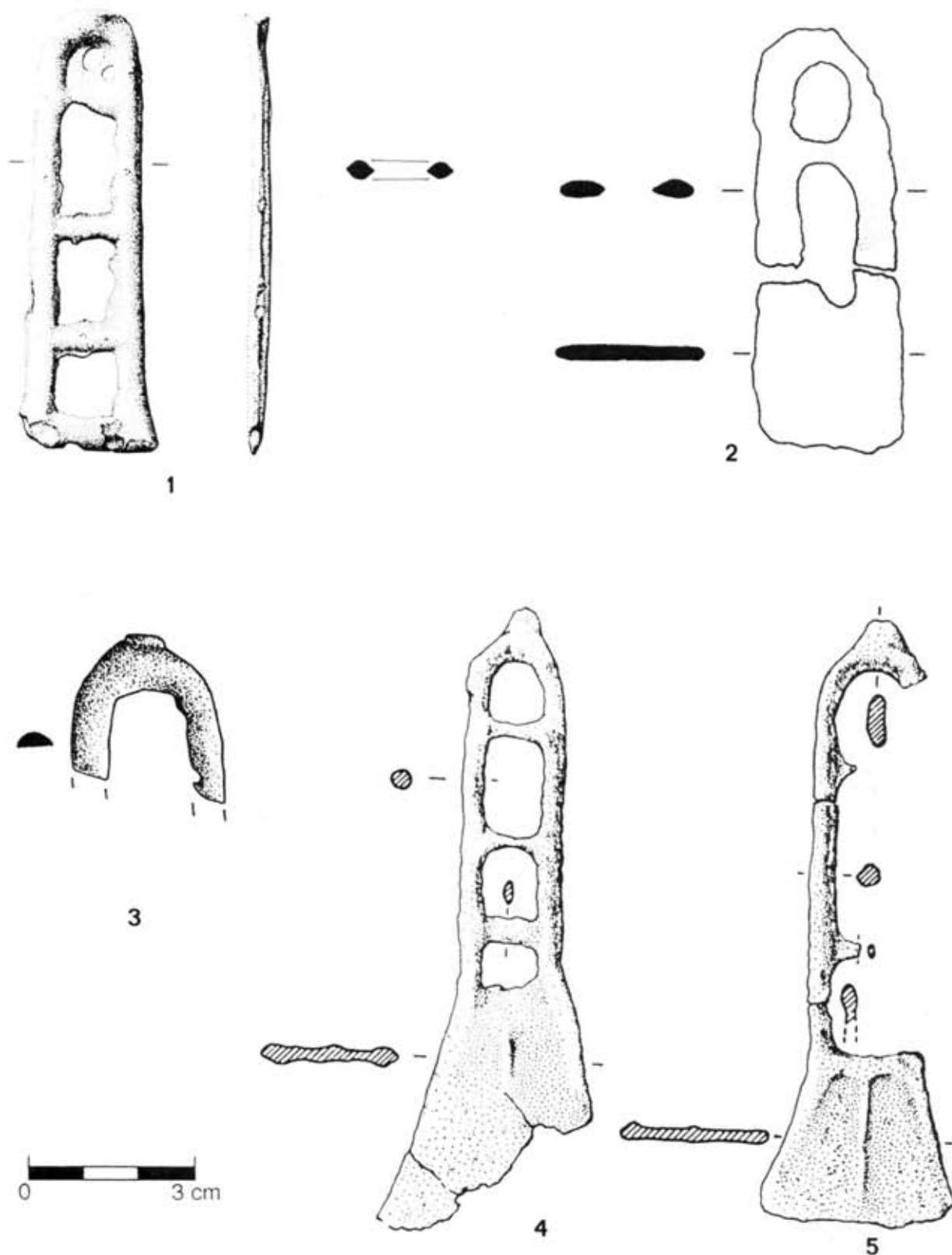


Fig. 33 - "Tranchets" do Bronze Final. 1 - povoado do Monte de Frade, Penamacor (VILAÇA, 1995, 2, Est. CIV, 4); 2 - Sítio da Quinta do Marcelo, Almada (BARROS, 2000, 2, 56); 3 - Castelo de Arraiolos, Arraiolos (CARREIRA, 1994, Fig. 11, 3); 4 e 5 - Castro de Nossa Senhora de Guia, Baiões (SILVA, 1986, Est. LXXXIX, 1, 2). Aos exemplares reproduzidos, poder-se-á acrescentar um fragmento de empunhadura, dubitativamente atribuído a "tranchet" por J. CARREIRA (1994, Est. 34, 6).

achados do Bronze Final – com sobrevivências evidentes no período romano: veja-se o caso do santuário marítimo do Alto da Vigia, perto da Praia das Maças dedicado ao Sol e à Lua, (RIBEIRO, 1982/1983, p. 166, nota 9). Em alternativa, não há argumentos decisivos para negar que a ocultação destas peças corresponda – exceptuando a peça do Casal de Santo Amaro, a única reportável a contexto funerário – a momentos de acréscimo da instabilidade social, não detectáveis pela Arqueologia.

Ainda conotáveis com práticas rituais do Bronze Final II na região em estudo, são as numerosas ocorrências de cerâmicas, acompanhadas por vezes de materiais metálicos (como os atrás referidos) em diversas grutas naturais dos relevos calcários aqui existentes. O exemplo mais expressivo é o conjunto de cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo, Sesimbra (SERRÃO, 1958, 1959; CARDOSO, 1996) (Fig. 39); outros casos se poderiam referir, com destaque para os materiais da gruta do Correio Mor - Loures (CARDOSO *et al.*, 1997/1998). Embora se não possa afastar definitivamente a hipótese de se tratar de espólios funerários, ou mesmo de índole doméstica – sugeridos pela presença de grandes vasos de armazenamento – o facto de jamais se associarem a restos humanos (ou a cinzas, no caso de se admitir a hipótese de sepulturas de incineração) confere credibilidade à possibilidade de estarem relacionados com santuários rupestres, então instalados em tais cavidades. As grutas-santuário nurágicas da Sardenha, nas quais se recolheram peças de bronze, algumas de origem ou imitação peninsular (Lo SCHIAVO, 1991, Fig. 7), podem constituir elemento comparativo merecedor de reflexão, a par do já referido culto das águas passar eventualmente pela utilização de grutas com circulação de água como necrópoles (COFFYN & SION, 1993); porém, nenhuma das cavidades referidas evidencia tal realidade e outras, onde aquela é evidente, não conservam testemunhos comparáveis. Ainda reportável a tal tipo de depósitos é uma pequena garrafa, com apenas 6,6 cm de altura e com decoração canelada, oriunda de uma das grutas do Poço Velho, Cascais (SPINDLER *et al.*, 1973/1974). O paralelo mais próximo são as pequenas garrafas áureas do tesouro de Villena, Alicante, situável no início do Bronze Final, ca. 1575-1400 AC (MEDEROS MARTIN, 1999). O exemplar português poderia interpretar-se como uma imitação em barro de tais peças, à semelhança de exemplares coevos do Cerro de La Encina, Granada, do grupo Cogotas I, assinalados pelo referido autor e, deste modo inscrever-se como mais um testemunho das relações então estabelecidas entre a Baixa Estremadura e outras áreas meridionais peninsulares (Fig. 40).

Naturalmente que, face às jóias de ouro, a ocorrência de adornos de bronze, como braceletes, anéis ou fibulas se reveste de um significado social menor. A par de anéis, de bronze e de secção circular, conhecidos em numerosos sítios da região, que poderiam, em parte, corresponder a argolas e deste modo integrarem peças compósitas, hoje difíceis de reconstituir, destaca-se a ocorrência de braceletes simples, de secção sub-rectangular a sub-quadrangular, como os seis oriundos do Cabeço de Moinhos, Alcainça, Mafra (VASCONCELLOS, 1920; VICENTE & ANDRADE, 1971; KALB, 1980 b). Tal como os machados e foices anteriormente referidos, estas peças atingem na Estremadura a sua frequência máxima.

As fibulas de cotovelo e de dupla mola inscrevem-se também na indumentária das elites do



Fig. 34 - Antigos estaleiros da empresa Parry & Son Ltd., na ponta de Cacilhas, defronte dos quais se recuperou uma espada do Bronze Final, em dragagem realizada na década de 1950. Ao fundo, divisa-se a colina do Castelo de São Jorge, com ocupação importante daquela época. Foto de J.L. Cardoso.

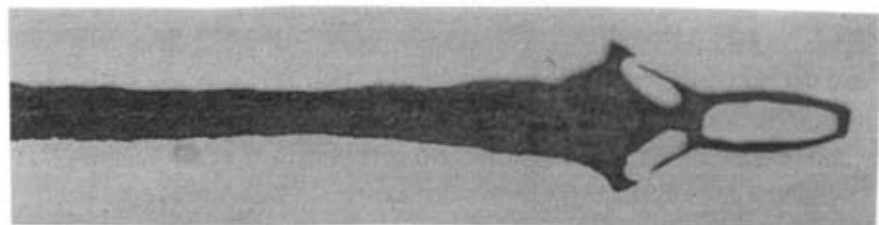


Fig. 35 - Espada do tipo “língua de carpa”, recolhida em dragagem na ponta de Cacilhas, na zona indicada na Fig. anterior (Museu Municipal de Arqueologia de Almada). Seg. Alarcão (1996, p. 202).

Bronze Final II. O sítio da Quinta do Marcelo, Almada (fossa de detritos 2) forneceu, em associação, uma de cada tipo (BARROS, 2000, Fig. 60 e 61). A fibula de cotovelo corresponde ao modelo cipriota, tendo nos exemplares recuperados no Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior (CARREIRA, 1994) e nos da ria de Huelva (ALMAGRO, 1958; RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1995 b), os seus paralelos mais próximos; como este último depósito, foi datada também no século IX AC pelo radiocarbono (Fig. 41). Neste contexto, a fibula de dupla mola ali recuperada afigura-se como um dos exemplares mais antigos conhecidos. Trata-se de modelo a que COFFYN (1985, p. 267) atribuiu origem peninsular mediterrânea, por evolução local das fíbulas em cotovelo. Fíbulas de dupla mola persistem, em plena I Idade do Ferro, tanto na vizinha estação de Almaraz, Almada (BARROS, 2000), como no castro de Chibanes, Palmela (COSTA, 1910, Fig. 515), para só mencionar dois exemplos da região em apreço.

No mesmo caso se encontram as argolas com sanguessugas de bronze, de que se conhece um belo exemplar descontextualizado da serra das Ripas, Alenquer (GOMES & DOMINGOS, 1983): embora ocorram em estações da Idade do Bronze, o uso destas peças atingiu época tardia, como foi demonstrado pela recolha de exemplar comparável no povoado do final da Idade do Ferro do Pedrão, Setúbal (SOARES & SILVA, 1973).

Independentemente das razões que estejam na origem de alguns dos achados referidos – tenha-se em conta que ainda se não dispõe de modelos operativos para interpretar uma realidade muito mais complexa do que as ténues evidências materiais deixam supôr – o certo é que peças como o colar do Casal de Santo Amaro mostram o sucesso das elites do fim do Bronze Final, associadas ao culminar do estabelecimento de uma vasta rede de intercâmbios, baseados na complementaridade de interesses, expressos por pactos de solidariedade entre as elites.

Sendo certo que, nesta época, a importância mineira da Península se baseava na presença do cobre, a Sul, e do estanho e ouro, a Norte, as alianças firmadas pelas respectivas elites regionais terão por certo desempenhado papel de primordial importância na optimização da exploração de tais recursos, e no acréscimo das produções, com o consequente escoamento dos respectivos produtos manufacturados.

Assim sendo, a troca de presentes entre as elites – a que estariam subjacentes acordos mais permanentes, como matrimónios, envolvendo a troca de esposas, cujos dotes seriam preferencialmente constituídos por jóias de ouro – destinaram-se a garantir o funcionamento das vias comerciais estabelecidas (PEREA, 1991, p. 125).

A dispersão dos braceletes do tipo “Villena/Estremoz” seria a materialização desta realidade (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1995 a), sem que sejamos obrigados a admitir, ao contrário desta autora, a intervenção de comerciantes exógenos aos circuitos peninsulares (Fig. 42). A propósito, registre-se que o depósito de bronzes de cunho atlântico de Huerta de Arriba (Burgos) foi recentemente interpretado como presentes oferecidos às elites locais, que controlavam a exploração do minério de cobre, exportado para o litoral cantábrico (DELIBES de CASTRO & FERNÁNDEZ MANZANO, 1991).

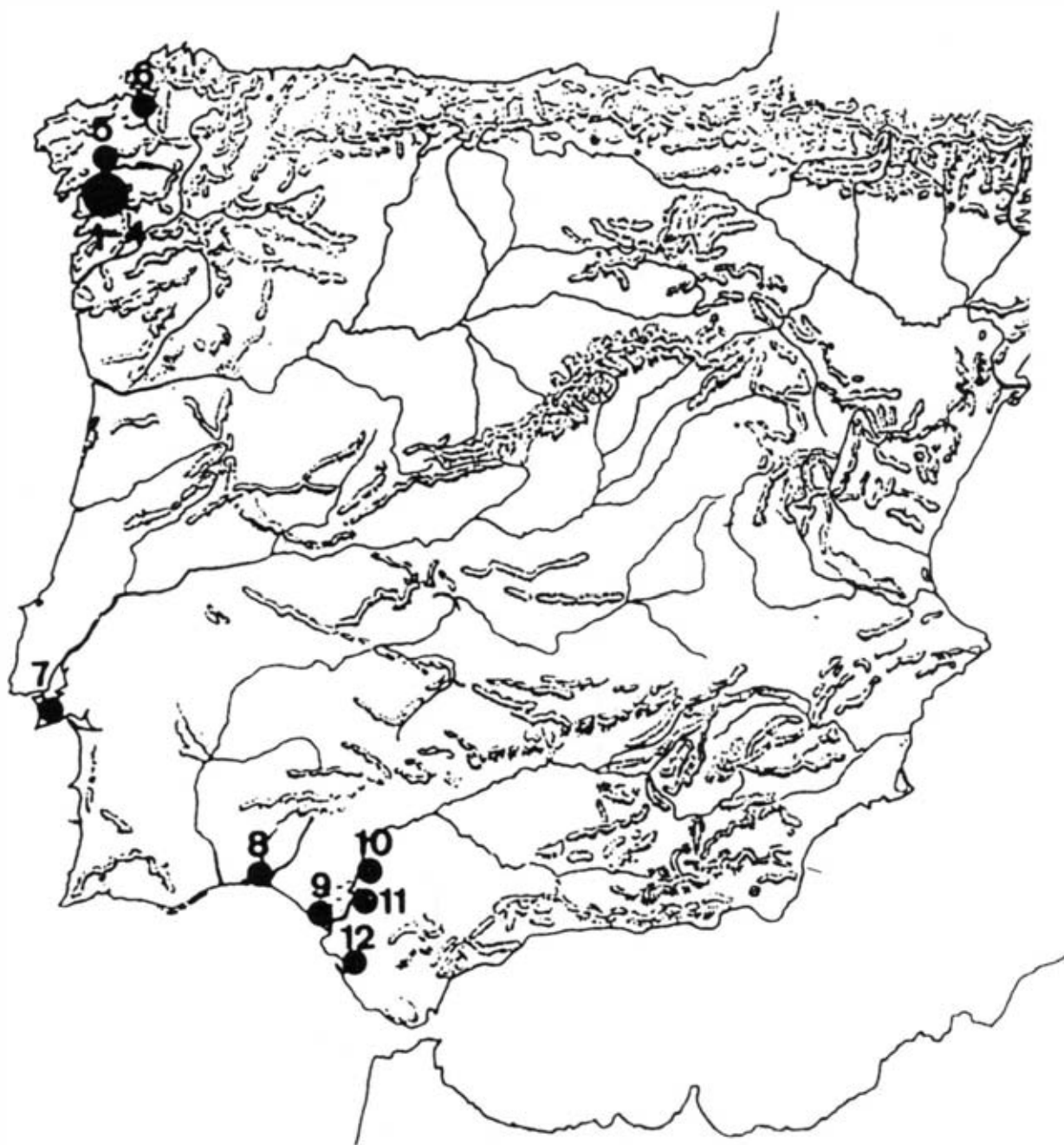


Fig. 36 - Achados de espadas do Bronze Final nas desembocaduras de rios peninsulares. 1-5- rio Ulla; 6 - rio Mero; 7 - rio Tejo; 8 - ria de Huelva; 9-11 - rio Guadalquivir; 12 - rio Guadalete (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1995 a, Fig. 10).

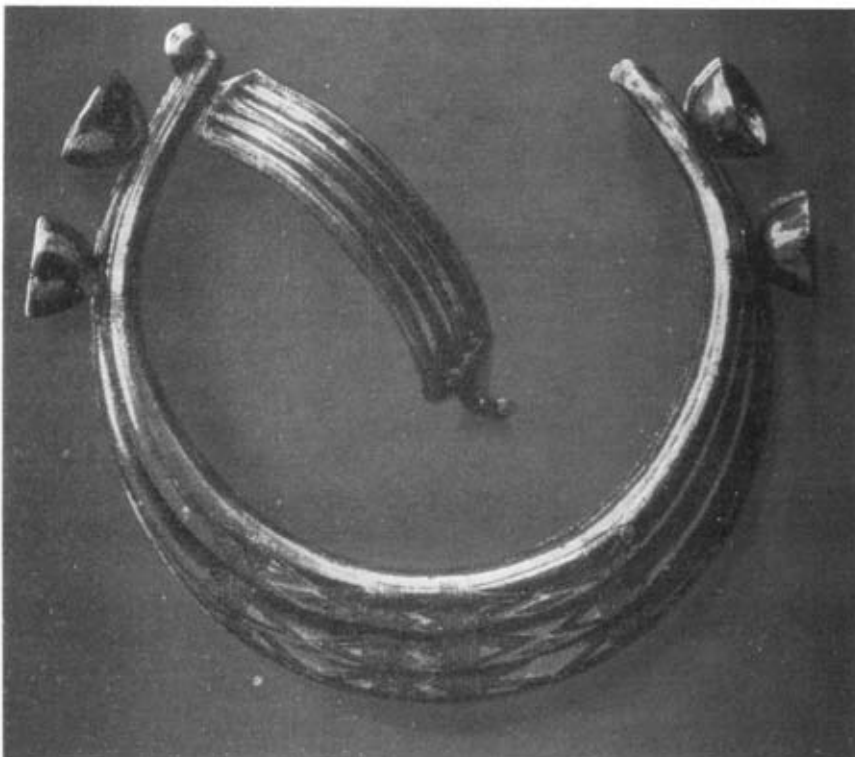


Fig. 37 - Colar do Casal de Santo Amaro, Sintra. Reprodução de estampa colorida antiga, observando-se a decoração do fecho (PEREIRA, 1894).

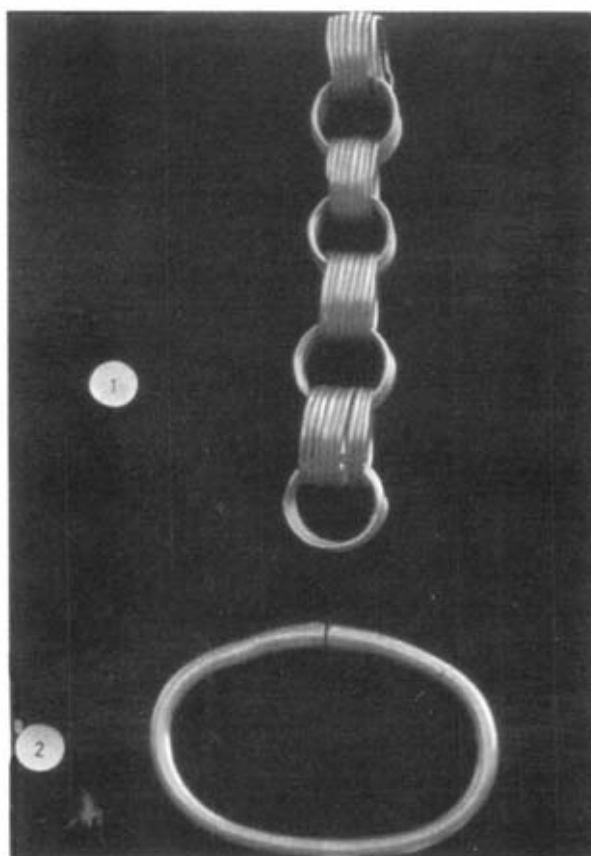


Fig. 38 - Tesouro do Bonabal. 1 - Cadeia de espirais cilíndricas constituídas por arame liso de secção circular. 2 - Bracelete de ouro martelado a partir de um lingote fundido. Foto do arquivo de O. da Veiga Ferreira.

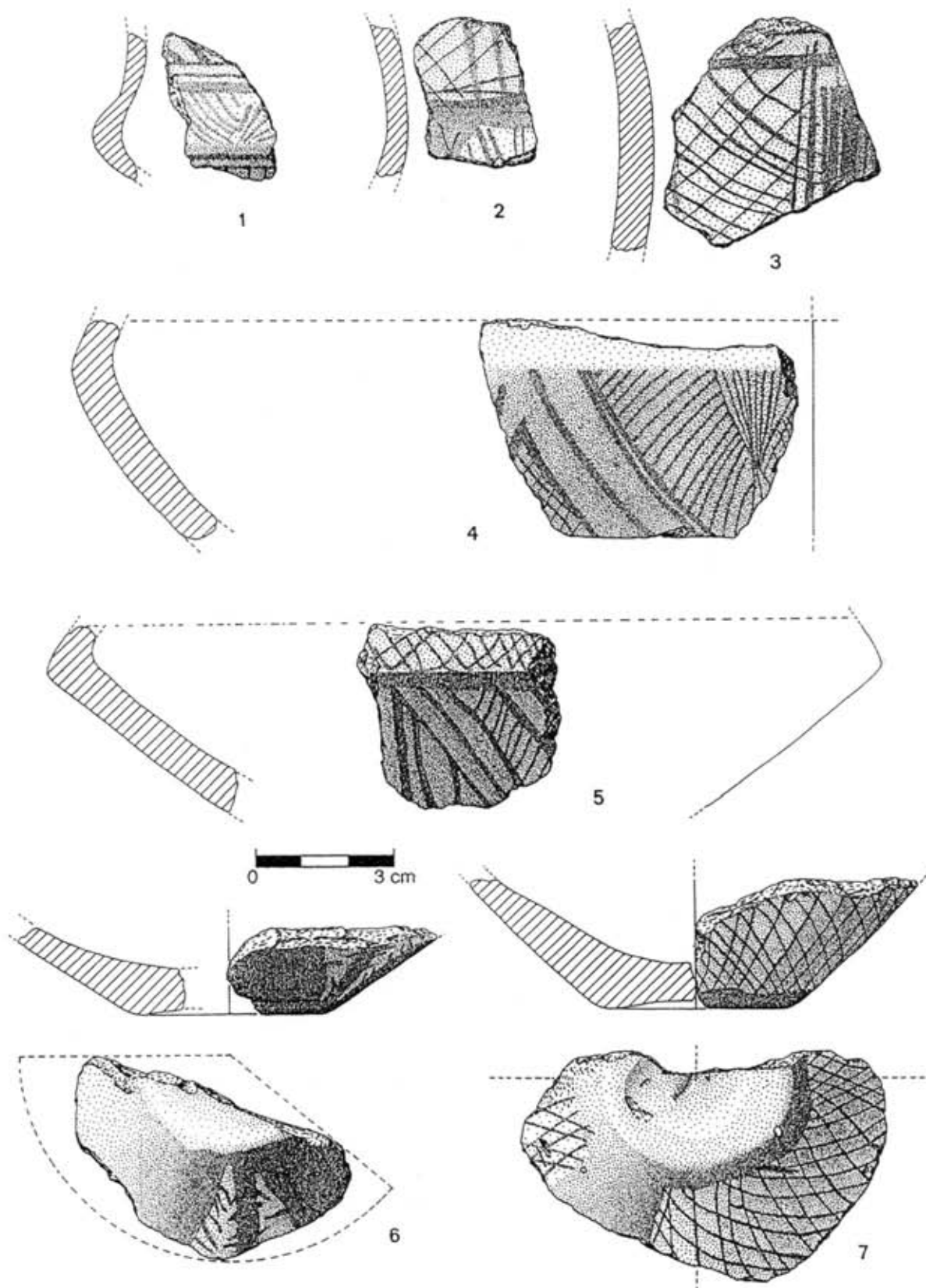


Fig. 39 - Cerâmicas com ornatos brunidos da Lapa do Fumo, Sesimbra (CARDOSO, 1996, 12).

A capacidade económica e organizacional revelada através da obtenção, armazenamento e manufatura dos minérios oriundos de áreas geográficas díspares (ou ainda no seu reprocessamento, como comprovam os abundantes depósitos de sucata bronzífera, destinada a refundição), viabilizou a abertura dos mercados mediterrâneos a produções que excederiam a procura local ou, ao menos, eram mais rentáveis se colocadas noutros mercados, de maior dimensão. Assim se explica, a partir de certa altura, a extensão àquela área económica de um comércio que, de início, se afigurava essencialmente atlântico. Que tal comércio se encontrava firmemente controlado pelas elites, nas quais o segmento guerreiro deteria um poder sobretudo dissuasório – visto o nível de conflitos armados no Bronze Final ser muito baixo (Bradley, 1984, *in* VILAÇA, 1995, p. 419) – é evidência sublinhada pelas próprias características dos produtos dali oriundos: trata-se de produtos de luxo, usados na indumentária, até então desconhecidos dos povos peninsulares: para além da importação de tecidos finos, cuja importância seria, por certo, relevante, menciona-se a presença de fíbulas de cotovelo de modelo cipriota, como a recolhida na Quinta do Marcelo; as armas (também pertencentes ao grupo de objectos de prestígio ou simbólicos); e objectos rituais de bronze. Entre estes, salientam-se os utilizados no sofisticado ritual do banquete aristocrático, de inquestionável origem no Mediterrâneo oriental, que ALMAGRO-GORBEA (1998, p. 84) não hesita em relacionar com pactos de hospitalidade entre as elites estabelecidas, cujo modelo não custa reportar à região sírio-palestina. Aliás, as próprias fíbulas de cotovelo teriam essa origem, já apontada por SCHÜLE (1969) e, depois, por MOLINA GONZALEZ (1978, p. 215), ao apontar para exemplares do Sudeste peninsular um protótipo do povoado de Meggido, fase V a, situável nos séculos XI/X AC. Certas peças, são efectivamente características de cerimoniais orientais, como os ganchos para carne, que seriam utilizados nos aludidos banquetes rituais e aristocráticos; atingiram a Irlanda, numa expressiva afirmação da profundidade, rapidez e extensão da difusão das ideologias e rituais que corporizam, adoptadas pelas elites nas respectivas regiões, por mais distantes que estivessem do fulcro original (ALMAGRO-GORBEA, 1995). Por não se terem até ao presente reconhecido na área em estudo quaisquer evidências destas práticas, não serão motivo de desenvolvimento neste ensaio.

Como refere VILAÇA (1995, p. 418), citando Renfrew, “A troca destes bens (...) é feita num nível horizontal, isto é, entre iguais (...). Assim se pode compreender a grande dispersão de determinados *itens*, essencialmente metálicos, de feição trans-europeia e inseríveis no que Earle designou de “estilo de elite” ou “estilo internacional” (EARLE, 1989)”.

É neste contexto de intensos contactos que se verifica a introdução de peças de ferro, objecto de diversos estudos e inventários (ALMAGRO-GORBEA, 1993; RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1995 c); aos seis sítios referidos pelo primeiro, ou, aos quatro admitidos pela segunda – dos quais apenas um português, o castro da Senhora da Guia, Baiões, haverá de somar-se o sítio da Quinta do Marcelo, Almada, onde três faquinhas de ferro ocorreram em contexto do Bronze Final (fossa de detritos 2), datado do século IX AC (BARROS, 2000) e, sobretudo, os achados dos povoados do Monte do Frade e de Moreirinha, também datados pelo radiocarbono entre os séculos XII/XI e IX AC



Fig.40 - Comparação da pequena garrafa decorada por caneluras verticais em zigue-zague das grutas do Poço Velho (Cascais), em cima, com duas homólogas, do Bronze Final: ao centro, do Cerro de La Encina (Granada); em baixo exemplar de ouro, do tesouro de Villena (Alicante) (MEDEROS-MARTIN, 1999, Fig. 1). À direita: a peça do Poço Velho, em tamanho natural, publicada por J.R. Carreira.

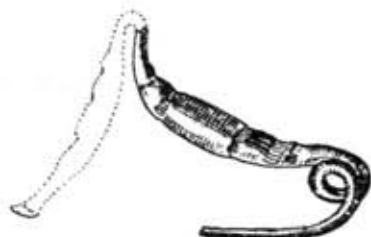
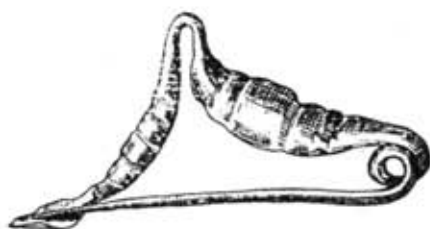
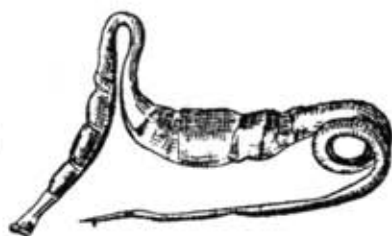
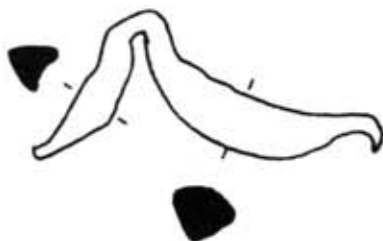
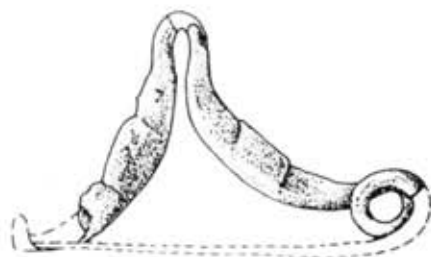


Fig. 41 - Fibula de cotovelo do sítio da Quinta do Marcelo, ao centro, comparada com exemplar do Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior, em cima e com conjunto recuperado na ria de Huelva (respectivamente, seg. BARROS, 2000; CARREIRA, 1994 e ALMAGRO, 1958).

(VILAÇA, 1995, p. 351). Também a introdução do ferro na Beira Alta foi precoce, como se comprova de data radiocarbónica obtida para a ocupação mais antiga do povoado do Outeiro dos Castelos de Beijós (distrito de Viseu), entre 1310 e 1009 AC, de onde provém uma lâmina de ferro de faca afalcatada (SENNA-MARTINEZ, 2000). Estas peças, tais como as restantes portuguesas, correspondem a introduções exógenas, e, em geral, mais a itens sócio-simbólicos do que a efectivos artefactos funcionais, ainda que nalguns casos não repugne aceitar tal atribuição: é o caso do cinzel de ferro com manga de bronze de tipologia atlântica, do castro da Senhora da Guia, Baiões, Viseu (SILVA, 1986, Est. XC, nº. 1), ou de peças sidéricas que copiam modelos de bronze. Sejam peças funcionais ou não, constituem por certo objectos importados. Tenha-se presente que as três peças da Quinta do Marcelo são pequenas facas, das quais a única de forma reconhecida é semelhante às duas, de gume curvo, do povoado de Moreirinha, Idanha-a-Nova, precisamente “os artefactos mais frequentes que ocorrem no Mediterrâneo Oriental, em Chipre e na Grécia, no período de transição Bronze/Ferro, no século XII AC” (VILAÇA, 1995, p. 351). De facto, alguns dos exemplares orientais (BUCHOLZ & KARAGEORGHIS, 1973, Fig. 23) mostram-se idênticos aos portugueses. Tem também interesse verificar que a introdução do ferro na Sardenha remonta ao século XIII AC e é imputada aos contactos então havidos com os mercadores cipriotas (Lo SCHIAVO, 1991); não custa, pois, aceitar que tenham sido estes, ou, mais provavelmente, os seus intermediários sardos, nos contactos com o Ocidente, os responsáveis pela sua introdução na Península, em momento imediatamente ulterior. É no âmbito destes contactos que o notável monumento da Roça do Casal do Meio, Sesimbra deve ser encarado, sendo evidente a sua importância.

4.4 – O monumento da Roça do Casal do Meio no quadro dos contactos mediterrâneos pré-coloniais

Na Baixa Estremadura, este é sem dúvida o mais expressivo documento dos contactos estabelecidos no Bronze Final II com o Mediterrâneo Central, de onde proviriam intermediários dos mercados situados mais a oriente, e que tinham Chipre por centro. Trata-se de sepultura em falsa cúpula (*tholos*), com câmara e corredor, escavada em 1972 por K. Spindler e O. da Veiga Ferreira (Fig. 43). Exemplar de arquitectura única na Península Ibérica, a estranheza que causou foi tanta, que os seus exploradores tiveram que recorrer à tradição calcólica para a explicar, expressa, na mesma região, por construções análogas (SPINDLER *et al.* 1973/1974). Porém, tal tradição tinha-se perdido cerca de 1500 anos antes, sendo, por outro lado, evidente que, no caso em apreço, não se tratava de uma *tholos* calcólica: além da câmara ser de muito menor tamanho que os exemplares estremenhos deste tipo de monumentos, a sua cobertura não correspondia ao processo tradicional da disposição de pequenas lages, sucessivamente ultrapassadas para o interior da câmara, mas sim a aparelho de adobe (provavelmente de blocos de barro seco ao sol). Também foi admitida a hipótese de se tratar

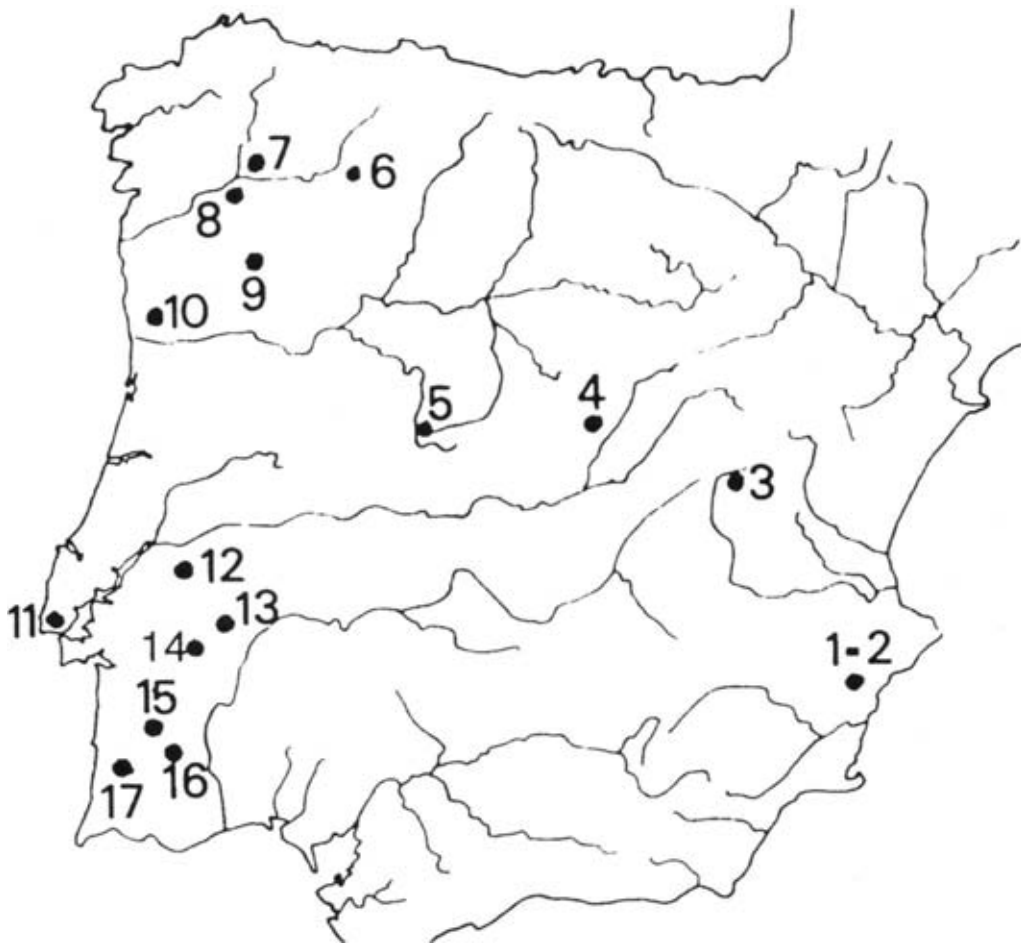


Fig. 42 - Dispersão das braceletes do tipo “Villena/Estremoz” na Península Ibérica (MEDEROS-MARTÍN, 1999, Fig. 4).



Fig. 43 - Vista geral do monumento da Roça do Casal do Meio, Calhariz (Sesimbra), depois de completamente escavado. Foto de O. da Veiga Ferreira / K. Spindler.

de simples reutilização de uma *tholos* calcolítica (BELÉN, ESCACENA & BOZZINO, 1991, p. 237), contrariada não apenas pelos argumentos expostos, mas ainda por se não ter conservado qualquer objecto calcolítico, por pequeno que fosse, o que se afigura inverosímil. Recentemente, ALMAGRO-GORBEA (1998) admitiu tratar-se de uma criação local, com paralelos tanto nas sepulturas com câmara circular e *dromos* do Mediterrâneo Central (Sardenha, Sicília), como do Mediterrâneo Oriental (Egeu, onde se generalizam a partir do Heládico Final II-III e em Chipre), nas quais se teria directamente inspirado, dada a ausência de ocorrências comparáveis no Ocidente. Com efeito, a câmara, circular, comunica com o exterior através de um corredor com declive para o interior (*dromos*), selado na entrada por um grande ortóstato de calcário (*stomion*), sendo também observável a selagem do corredor, na passagem para a câmara, por amontoado de blocos. Todos estes elementos foram observados em *tholoi* da área micénica, embora a sepultura da Roça do Casal do Meio seja cerca de 200 anos mais recente que os mais modernos daqueles sepulcros (MYLONAS, 1957). Na câmara, efectuaram-se duas tumulações de indivíduos, um seguramente, outro provavelmente masculino, em decúbito dorsal (sep. 1) (Fig. 44), em decúbito lateral retraído, sobre pequena banqueta argilosa encostada à parede da câmara (sep. 2) (Fig. 45). Ritualmente, depositaram-se aos pés de ambas – sem dúvida efectuadas em simultâneo ou separadas por curto intervalo de tempo – restos de quatro ovino-caprinos juvenis; a análise dos segmentos anatómicos conservados, mostra que correspondiam a nacos ricos de carne. Oferendas do mesmo tipo, talvez relacionadas com o banquete funerário, encontram-se igualmente em *tholoi* micénicas, tal como o uso de depositar os corpos em banquetas, como a observada (MYLONAS, 1948), desconhecido nas *tholoi* calcolíticas da região.

O alto estatuto social das duas personagens ali tumuladas encontra-se sublinhado pelo espólio acompanhante: à primeira, pertencia um pente de marfim (Fig. 46), uma pinça depilatória e um anel de bronze; à segunda, reporta-se outra pinça, de maiores dimensões, um “agrafe” de cinturão e uma fíbula (Fig. 47, 48). Dois recipientes – um vaso de colo alto com ornatos brunidos no bojo e uma taça carenada – ambas produções típicas do Bronze Final – completavam o conjunto, sendo os únicos exemplares de produção claramente local ou regional. A requintada indumentária usada pelos dois personagens é indicada pelo agrafe de cinturão, tal como a fíbula, objectos até então desconhecidos na região, que pressupõem a utilização de tecidos finos, atendendo à sua fragilidade e pequeno tamanho; por outro lado, o cuidado com a própria apresentação é ilustrada pelo pente – um dos escassos marfins anteriores às importações fenícias, visto que apenas os braceletes de Peña Negra I, Alicante (GONZÁLEZ-PRATS, 1990) se podem reportar ao Bronze Final – e pelas pinças depilatórias. Estas, são muito mais que um simples objecto de cosmética, podendo associar-se ao tratamento da barba, como símbolo de idade e hierarquia (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1995 c, p. 139).

A cronologia encontra-se determinada pela tipologia da fíbula, com enrolamento no arco, cujos paralelos mais próximos nos remetem para a Sicília (fíbulas de “arco serpeggiante”, cf. RUIZ-DELGADO, 1989) da fase Pantalica II/III. Já os escavadores do monumento a tinham assim relacionado, atribuindo-lhe cronologia do século X AC ou inícios do seguinte, que trabalhos ulteriores referindo-



Fig. 44 - Sepultura 1 do monumento da Roça do Casal do Meio (Sesimbra), em decúbito dorsal. Observa-se a fractura do húmero direito, resultante de violação antiga do monumento. Foto de O. da Veiga Ferreira / K. Spindler.



Fig. 45 - Sepultura 2 do monumento da Roça do Casal do Meio (Sesimbra), em decúbito lateral, com pernas e braços flectidos, assente em banquetta argilosa, com rebordo, encostada à parede da câmara. Foto de O. da Veiga Ferreira / K. Spindler.

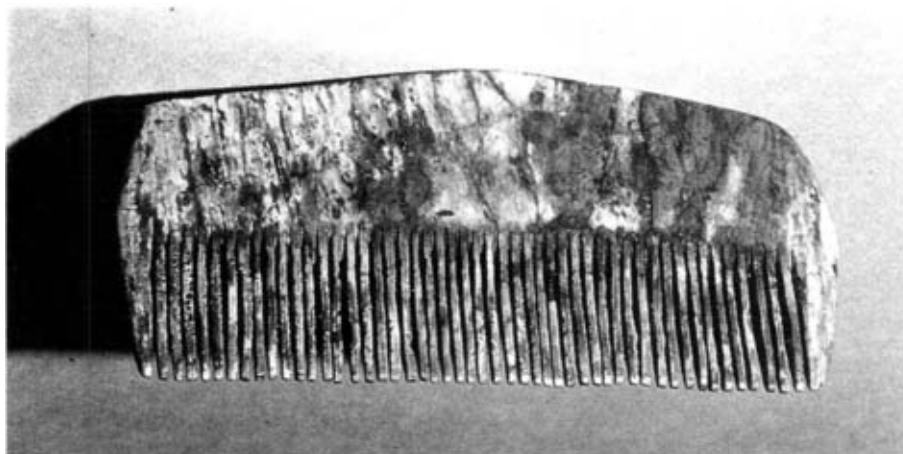


Fig. 46 - Pente de marfim, reduzido, do monumento da Roça do Casal do Meio (Sesimbra), associado à sepultura 1 Foto de M. Leitão.

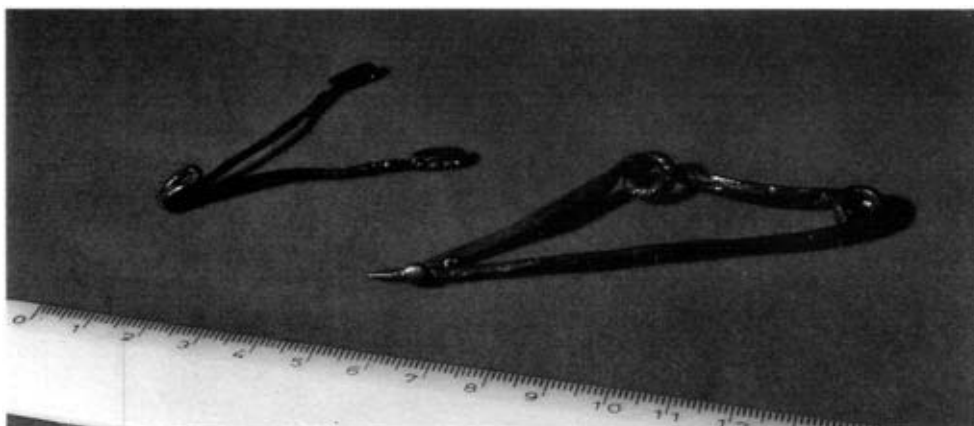


Fig. 47 - Fecho de cinturão e fibula com enrolamento no arco do monumento da Roça do Casal do Meio (Sesimbra), pertencentes à sepultura 2 Foto de M. Leitão.

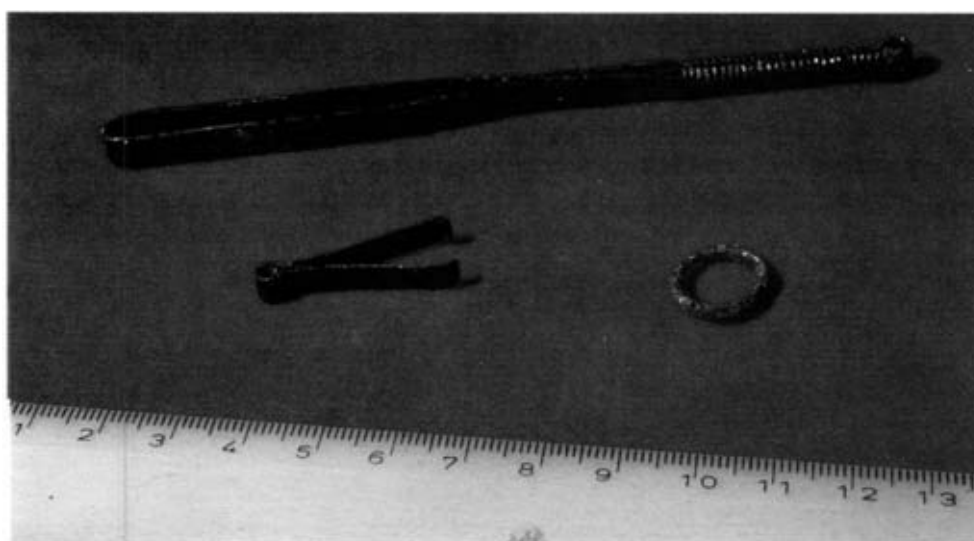


Fig. 48 - Pinças depilatórias e anel das sepulturas 1 e 2 do monumento da Roça do Casal do Meio (Sesimbra). Foto de M. Leitão.

-se à mesma peça, não alteraram (além dos dois supra-citados, destaca-se o de RUIZ-DELGADO, 1989): são todos unânimes na sua filiação em modelos do Mediterrâneo Central, reforçada pelo facto de se tratar de peça sem equivalente na região (mencione-se, no entanto a existência de diversos exemplares incompletos, do mesmo tipo, do castro da Senhora da Guia, Baiões, Viseu (KALB, 1978, Abb. 10), e dos castros do Castelo dos Mouros, de S. Romão e de Santa Luzia, também da região de Viseu (PONTE & VAZ, 1989; SENNA-MARTINEZ, 2000). Aliás, a presença de fibulas mediterrânicas no centro-interior peninsular era conhecida de há muito, pelo achado de exemplar do mesmo tipo dos referidos, no Cerro del Berrueco, Salamanca (SCHÜLE, 1969, Abb. 10), sugerindo difusão limitada pela meseta, à semelhança das jóia auríferas de grande dispersão, como os braceletes Villena/Estremoz, supra referidos. Assim sendo, os dois indivíduos tumulados na Roça do Casal do Meio, poderão conotar-se com as elites regionais do Bronze Final II as quais, num processo de aculturação, teriam adoptado não apenas a indumentária e formas de cuidados pessoais com origem no Mediterrâneo Central, considerados mais requintados, mas ainda as próprias práticas rituais vigentes nessa área geográfica – a começar pelas características arquitectónicas do monumento – tributárias de outras, oriundas do Mediterrâneo Oriental. Em alternativa, por serem tão evidentes os indícios exógenos, é lícito admitir (CARDOSO, 2000 b; CARDOSO, 2000 c), como RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO (1998 c) que os dois indivíduos sepultados na Roça do Casal do Meio correspondam a comerciantes de origem sarda, estabelecidos perto da foz do Sado, hipótese que corporizaria, pela primeira vez, a presença directa no terreno de comerciantes mediterrâneos, antes da chegada fenícia.

Com efeito, em plena Arrábida identificou-se povoado de altura da mesma época – o Castelo dos Mouros (SILVA & SOARES, 1986) – cujos habitantes não custa ver relacionados com os personagens referidos. Atendendo ao tipo de implantação dos dois sítios, é aliciante fazer corresponder ao primeiro o papel de sede da população indígena, designadamente das elites locais. A ser assim, a evidência material disponível adquiriria outra dimensão e coerência, enfatizando a perspectiva de uma fase pré-colonial no litoral da Estremadura, de há muito defendida por ALMAGRO-GORBEA para o litoral andaluz e levantino (1990, 1998), para cuja existência seria incontornável a própria presença de indígenas, relacionando-se directamente com comerciantes ali chegados por via marítima.

Foi no decurso desse longo período de convivência discreta, mantida por trocas comerciais de interesse mútuo, talvez ainda iniciado na época micénica – relembrem-se, a propósito, e entre outros testemunhos do Bronze Pleno do território português, as 21 contas de pasta vítrea azul e amarela, recolhidas na cista 22 da necrópole de Atalaia, Ourique (SCHUBART, 1975, Tf. 26) (Fig. 49) – que se enformaram as elites do Bronze Final da Baixa Estremadura, tanto nos seus gostos quotidianos como nas práticas religiosas que progressivamente adaptaram aos seus próprios rituais. Deste processo de aculturação, resultou a criação de ambiente sócio-cultural propício ao rápido sucesso da empresa fenícia (CARDOSO, 1995), precoce e facilmente afirmada na área em estudo, apesar da sua posição periférica, que, culturalmente se apresentaria como ténue reflexo ocidental da brilhante civilização tartéssica, então em gestação no vale do Guadalquivir.

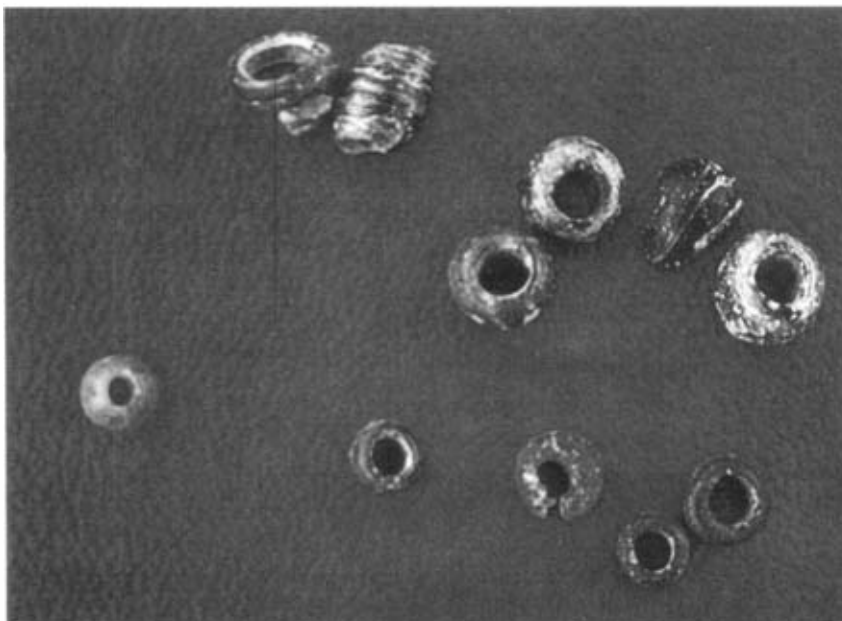


Fig. 49 - Contas de pasta vítrea azul e amarela, oriundas da sepultura V-22 da necrópole do Bronze do Sudoeste de Atalaia, Ourique (SCHUBART, 1975, Tf. 26).

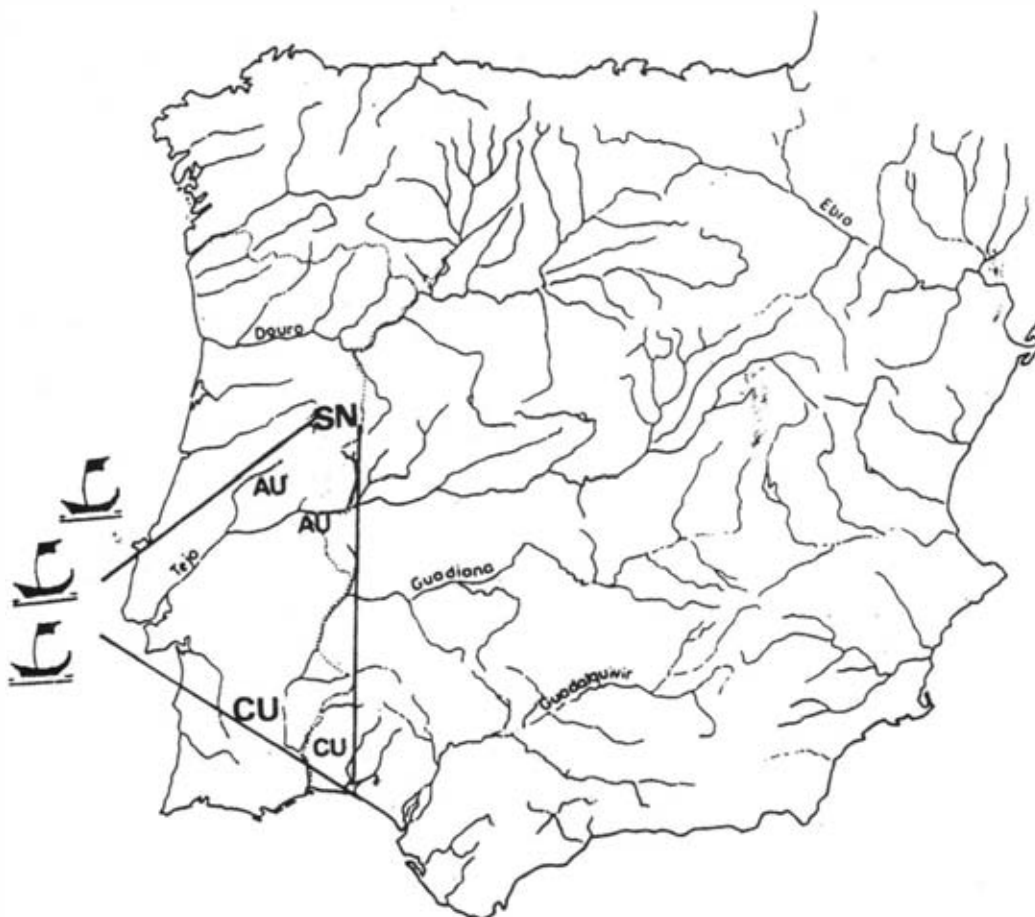


Fig. 50 - Explicação, segundo o modelo locativo de Weber, do afluxo simultâneo do estanho e do cobre à Estremadura portuguesa, seguido da conseqüente metalurgia e ulterior exportação dos produtos manufacturados (seg. VILAÇA, 1995, Fig. 77, que a ele recorreu, mas com intuítos distintos).

4.5 – A Baixa Estremadura como área de encontro de culturas

É no âmbito de tudo o que foi dito que a noção de “Bronze Atlântico” ganha substância. Trata-se de realidade materialmente suportada pela produção de peças de bronze e sua circulação trans-regional – sobretudo seriam os modelos, mais do que as peças que viajariam, sendo rapidamente reproduzidos localmente – decorrentes das relações comerciais estabelecidas na fachada atlântica da Europa Ocidental, desde o Bronze Pleno, com progressiva intensificação até ao Bronze Final II, entre os séculos XII/XI a IX AC, altura em que se estenderam ao Mediterrâneo. Tais actividades, baseadas no mútuo interesse comercial, veicularam realidades culturais específicas, que, deste modo, se difundiram a outras regiões, onde foram adoptadas pelas elites que nelas governavam. Originou-se assim uma nova realidade supra-regional, de base económica, onde se mesclavam tradições culturais e ideológicas distintas, umas de raiz atlântica, outras originárias do oriente mediterrâneo.

Acentuou-se então a posição geográfica privilegiada da Baixa Estremadura no âmbito de tais contactos atlanto-mediterrâneos, bem como, a uma escala mais circunscrita, no contexto do ocidente peninsular, a importância económica dos dois grandes rios peninsulares que aqui confluem com o Oceano, assegurando o escoamento do ouro e do estanho do Norte, e do cobre, do Sul. A franca exposição atlântica do seu litoral e o abrigo proporcionado à navegação oceânica pelos dois estuários daqueles rios, explica, enfim, a relevância da Estremadura nas rotas comerciais marítimas. Recorrendo à teoria locativa de Weber, de 1909 (*in* VILAÇA, 1995), o local adequado para a instalação de uma determinada indústria deverá seleccionar-se de entre aqueles que correspondam às linhas de transporte com menor esforço, que não são, necessariamente, sinónimo de menor distância (e por conseguinte de maior economia), nos abastecimentos necessários ao seu funcionamento (e, acrescente-se, no escoamento dos respectivos produtos). Convergindo as vias do estanho, ouro e cobre na Baixa Estremadura, de onde se fazia vantajosamente a distribuição dos respectivos produtos manufacturados, por via marítima, tanto para Norte como para Sul, conclui-se que esta seria a área ideal para proceder à produção de bronzes (Fig. 50), como os anteriormente referidos. O facto de ser a região do País mais rica em determinados tipos artefactuais de tipologia própria à região estremenha parece vir ao encontro desta hipótese.

Porém, como se verificou pelos inventários apresentados, trata-se de produções bronzíferas sempre em pequena escala, traduzidas pelos baixos efectivos de achados; por outro lado, não se encontrou até ao presente nesta área, oficina ou povoado metalúrgico especializado, nem sequer um molde dos artefactos produzidos mais comuns e característicos: os machados de alvado e duas argolas. Com efeito, a distribuição geográfica dos moldes de artefactos de bronze mostra uma concentração no interior centro do País (VILAÇA, 1995, Fig. 76), ilustrando invariavelmente uma metalurgia doméstica, destinada a suprir as necessidades locais de cada um destes sítios. O que os diferenciava dos seus congéneres estremelhos era a possibilidade destes proverem à distribuição alargada das suas próprias produções, graças à posição geográfica que detinham no contexto

regional e transregional do comércio então plenamente afirmado, que constitui o traço mais marcante do fim da Idade do Bronze na região estudada.

A Baixa Estremadura configurava-se, pois, no fim do Bronze Final, como área geográfica, económica e cultural palco da intersecção de múltiplos interesses, que garantiram a sua própria individualização, afinal indissociável dessa realidade dual – o Atlântico e o Mediterrâneo – de cujo caldeamento resultou um dos traços essenciais e permanentes do território hoje português, subjacente à própria identidade nacional.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1996) – O primeiro milénio a. C. *In De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a. C.* (J. de Alarcão, ed.). Lisboa. Museu Nacional de Arqueologia: 15-30.
- ALMAGRO, M. (1958) – Deposito de la ría de Huelva. *Inventaria Archeologica*, fasc. 1-4: E.I. Madrid: Instituto Español de Prehistoria/Dirección General de Bellas Artes. 39 Láminas.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1990) – El periodo orientalizante en Extremadura. *In La Cultura tartésica y Extremadura*. Cuadernos Emeritenses. Merida. 2: 85-125.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1993) – La introducción del hierro en la Península Iberica. Contactos precoloniales en el Periodo Protoorientalizante. *Complutum*. Madrid. 4: 81-94.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1995) – Ireland and Spain in the Bronze Age. *In Ireland in the Bronze Age*. Dublin. Stationery Office: 137-148.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1998) – “Precolonización” y cambio socio-cultural en el Bronce Atlántico. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 10: 81-100.
- ARMBRUSTER, B. (1995) – O colar de Sintra. *In A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder* (S. Oliveira Jorge, ed.). Lisboa. Instituto Português de Museus: 103.
- ARMBRUSTER, B. & PARREIRA, R. (1993) – Os braceletes de Torre Vã. *In Inventário do Museu Nacional de Arqueologia – coleção de ourivesaria*. 1º. Volume: do Calcolítico à Idade do Bronze. Lisboa. Instituto Português de Museus: 144.
- BARBOSA, E. (1956) – O castro da Pedra de Ouro (Alenquer). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série II, 3: 75-85.
- BARROS, L. (1998) – *Introdução à Pré e Proto-História de Almada*. Almada. Câmara Municipal de Almada. 49 p.
- BARROS, L. de (2000) – *O fim do Bronze e a Idade do Ferro no território de Almada*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Lisboa. Faculdade de Letras/Universidade de Lisboa. 2 vol.
- BARROS, L. & Espírito-Santo, P. (1991) – Quinta do Percevejo – Almada. Uma intervenção de emergência. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990). Lisboa. 333-342.

- BECK, C. W. & VILAÇA, R. (1995) – The provenience of Portuguese archaeological amber artefacts – a case study from Moreirinha (Beira Baixa). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35 (4): 204-219.
- BELÉN, M.; ESCACENA, J. L. & BOZZINO, M. I. (1991) – El mundo funerario del Bronce Final en la facha da atlantica de la Peninsula Iberica. I. Analisis de la documentacion. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 48: 225-256.
- BUBNER, T. (1979) – Die Äneolithische Siedlung auf dem Miradouro dos Capuchos. *Madri der Mitteilungen*. Heidelberg. 20: 11-42.
- BUBNER, T. (1996) – A cerâmica de ornatos brunidos em Portugal. In *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a. C.* (H.J. de Alarcão, ed). Lisboa. Instituto Português de Museus: 66-72.
- BUCHOLZ, H.-G. & KARAGEORGHIS, V. (1973) – *Prehistoric Greece and Cyprus. An archaeological handbook*. New York. Phaidon Press. 517 p.
- CARDOSO, G. (1991) – *Carta arqueológica do concelho de Cascais*. Cascais. Câmara Municipal de Cascais.
- CARDOSO, J. L. (1994) – Investigação arqueológica na área de Lisboa. Os últimos dez anos. *Al-madan*. Almada. Série II, 3: 59-74.
- CARDOSO, J. L. (1995) – O Bronce Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conímbriga*. Coimbra. 34: 33-74.
- CARDOSO, J. L. (1996) – O Bronce Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 5: 6-14.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras. Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras. 128 p.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998 a) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7: 89-153.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998 b) – O povoado do Bronce Final do Castelo dos Mouros (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7: 169-187.
- CARDOSO, J. L. (2000 a) – The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 19 (1): 37-55.
- CARDOSO, J. L. (2000 b) – A sepultura da Roça do Casal do Meio (Sesimbra) no quadro dos rituais funerários da Idade do Bronce da Baixa Estremadura. *Discursos*. Lisboa. 2: 243-251.
- CARDOSO, J. L. (2000 c) – Na Arrábida, do Neolítico Antigo ao Bronce Final. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 14: 45-70.
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1996) – O povoado do Bronce Final do Alto das Cabeças (Leião, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6: 351-359.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1993) – Le Bronce Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *Mediterrâneo*. Lisboa. 2: 193-206.
- CARDOSO, J. L. & FERNANDES, F. B. (1995) – Estudo arqueometalúrgico de um lingote de cobre de Leceia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5: 153-164.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. M. (1990/1992) – Cronologia absoluta para o Campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8/10: 203-228.

- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. M. (1996) – Contribution d’une série de datations 14 C, provenant du site de Leceia (Oeiras, Portugal), à la chronologie absolue du Néolithique et du Chalcolithique de l’Estremadura Portugaise. *Révue d’Archéométrie*. Rennes. Supplément 1996: 45-50.
- CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1986) – A jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa-revista municipal*. Lisboa. Série II, 15: 13-18.
- CARDOSO, J. L. GUERRA, M. F. & GIL, F. B. (1992) – O depósito do Bronze Final de Alqueva e a tipologia das lanças do Bronze Final português. *Mediterrâneo*. Lisboa. 1: 231-250.
- CARDOSO, J.L. *et al.* (1996) - O monumento pré-histórico de Tituaría, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6: 135-193.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. da V.; NORTH, T. & NORTON, J. (1997/1998) – As cerâmicas de omatos brunidos da gruta do Correio Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7: 155-167.
- CARO, A. (1989) – Consideraciones sobre el Bronce Antiguo y Medio en el Bajo Guadalquivir. *Tartessos. Arqueología Protohistorica del Bajo Guadalquivir* (M. E. AUBET SEMMLER, coord.). Sabadell. AUSA, 85-120.
- CARREIRA, J. R. (1994) – A Pré-História Recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2: 47-144.
- CARREIRA, J. R. (1997) – Catujal: um povoado da Idade do Bronze (Médio) à entrada da “ria e Loures”. Contribuição para o estudo das influências do Bronze do Sudoeste na formação do Bronze estremenho. *Vipasca*. Aljustrel. 6: 119-140.
- CARREIRA, J. R. (1998) – A ocupação da Pré-História Recente do Alto de Chibanes (Palmela), Setúbal. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3/4: 123-213.
- COFFYN, A. (1985) – *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion de Boccard, 441 p.
- COFFYN, A. & SION, H. (1993) – Les relations atlanto-méditerranéennes. Eléments pour une révision chronologique du Bronze Final Atlantique. *Mediterrâneo*. Lisboa. 2: 285-310.
- CORREIA, V. H. (1998) – Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A preliminary report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval site, 1990-1993. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 0: 189-244.
- COSTA, A. I. M. da (1910) – Estações prehistoricas dos arredores de Setubal. Appendice. Homem protohistorico. Idades do Bronze e do Ferro no castro de Chibanes. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 15: 55-83.
- DELIBES de CASTRO, G. & FERNÁNDEZ-MANZANO, J. (1991) – Relaciones entre Cogotas I y el Bronce Final Atlantico en la meseta española. In *Le Bronze atlantique* (Ch. CHEVILLOT & A. COFFYN, ed.). Beynac: 203-212.
- ESCHWEGE, G., Barão de (1831) – Memoria Geognostica ou golpe de vista do perfil das estratificações das diferentes rochas, de que he composto o terreno desde a Serra de Cintra na linha de Noroeste a Sudoeste até Lisboa, atravessando o Tejo até à Serra da Arrabida, e sobre a sua idade relativa. Appendice, por A. A. Vandelli. *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa. 11 (1): 253-306.

- FERNÁNDEZ-MIRANDA, M.; MONTERO-RUIZ, I. & ROVIRA LLORENS, S. (1995) – Los primeros objetos de bronce en el occidente de Europa. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 52 (1): 57-69.
- FONTES, J. (1916) – Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocanes. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 21: 337-347.
- GAMITO, T. J. (1990/1992) – A cerâmica de retícula brunida do castro dos Ratinhos (Moura). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8/10: 277-297.
- GIL, F. B.; GUERRA, F. & BARREIRA, G. (1986) – Estudo físico do espólio metálico. In A necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste peninsular. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 2: 129-134.
- GOMES, J. J. F. & DOMINGOS, J. B. B. (1983) – A “xorca” da serra das Ripas (Alenquer). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 1: 287-300.
- GONÇALVES, V. S. (1988/1989) – A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugália*. Nova Série. Porto: 9/10: 49-61.
- GONZÁLEZ-PRATS, A. (1990) – *Nueva luz sobre la Protohistoria del Sudeste*. Alicante: Universidad de Alicante/Caja de Ahorros Provincial de Alicante, 357 p.
- HARTMANN, A. & SANGMEISTER, E. (1972) – The study of prehistoric metallurgy. *Angewandte Chemie, International Edition*. 11: 620-629.
- KALB, P. (1978) – Senhora da Guia, Baiões. Die Ausgrabung 1977 auf einer Höhensiedlung der Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 19: 112-138.
- KALB, P. (1980 a) – O “Bronze Atlântico” em Portugal. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Guimarães. Sociedade Martins Sarmento. 1: 112-138.
- KALB, P. (1980 b) – Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Germania*. 58: 25-59.
- KALB, P. & HÖCK, M. (1985) – *Cerâmica de Alpiarça. Exposição temporária na Casa dos Patudos*. Alpiarça. Câmara Municipal de Alpiarça/Instituto Arqueológico Alemão de Lisboa, 60 p.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin. Walter de Gruyter. 2 volumes.
- LILLIOS, K. T. (1993) – Agroal and the Early Bronze Age of the portuguese lowlands. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33(3/4): 261-281.
- Lo SCHIAVO, F. (1991) – La Sardaigne et ses relations avec le Bronze Final atlantique. In *Le Bronze Atlantique* (Ch. CHEVILLOT & A. COFFYN, ed.). Beynac: 213-226.
- MADEIRA, J.; GONÇALVES, J. L.; RAPOSO, L. & PARREIRA, R. (1972) – Achados da Idade do Bronze no Monte da Pena (Barro/Torres Vedras) – notícia prévia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 6: 207-218.
- MARQUES, G. (1972) – *Arqueologia de Alpiarça. As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto*. Porto. Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, 13, 37 p.
- MARQUES, G. & ANDRADE, G. M. (1974) – Aspectos da Proto-História do território português. I – Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973). Porto. 1: 125-148.

- MEDEROS-MARTIN, A. (1999) – La metamorfosis de Villena. Comercio de oro, estaño y sal durante el Bronce Final I entre el Atlántico y el Mediterráneo (1625-1300 AC). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 56 (2): 115-136.
- MOLINA GONZALEZ, F. (1978) – Definición y sistematización del Bronce Tardío y Final en el Sudeste de la Península Ibérica. *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*. Granada. 3: 159-232.
- MONTEAGUDO, L. (1977) – *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. München. C. H. Beck'sche Verlagbuchhandlung, 312 p.
- MYLONAS, G. E. (1948) – Homeric and Micenean burial customs. *American Journal of Archaeology*. 52 (1): 56-81.
- MYLONAS, G. E. (1957) – *Ancient Micenae the capital city of Agamemnon*. London. Routledge & Kegan Paul, Ltd., 201 p.
- NOGUEIRA, A. M. & ZBYSZEWSKI, G. (1943) – Túmulo da época do Bronze. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 24: 95-97.
- PAÇO, A. do (1955) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. VII – Considerações sobre o problema da metalurgia. *Zephyrus*. Salamanca. 6: 27-40.
- PAÇO, A. do (1966) – Castelo da Pedra de Ouro. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 16: 117-152.
- PAÇO, A. do & ARTHUR, M. L. (1956) – “Castro” de Vila Nova de S. Pedro. Le problème de la métallurgie. *Crónica del IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas* (Madrid, 1954). Zaragoza: 535-541.
- PEREA, A. (1991) – *Orfebrería prerromana*. *Arqueología del oro*. Madrid: Consejería de Cultura de la Comunidad de Madrid/Caja de Madrid. 327 p.
- PEREIRA, G. (1894) – O collar da Penha Verde. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*. Lisboa. Série II, 7 (1): 77-78.
- PEREIRA, F. A. (1957) – *Sintra do Pretérito*. Sintra. Câmara Municipal de Sintra. 218 p.
- PIGGOT, C. M. (1946) – The Late Bronze Age razors of the British Isles. *Proceedings of the Prehistoric Society*. London. 5: 121-141.
- PONTE, S. & VAZ, J.L.I. (1989) - Considerações sobre algumas fibulas de Santa Luzia (Viseu) - seu contexto estratigráfico. *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu* (Viseu, 1988). Viseu: 181-188.
- RIBEIRO, J. C. (1982/1983) – Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Ivlivs Maelo Cavdicvs*. *Sintria*. Sintra. 1/2: 151-476.
- RUIZ-DELGADO, M. M. (1989) – *Fibulas protohistoricas en el Sur de la Península Iberica*. Sevilla: Publicaciones de la Universidad de Sevilla. 263 p.
- RUIZ-GÁLVEZ, M. (1991) – Songs of a wayfaring lad. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 10 (3): 277-306.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1995 a) – Depositos del Bronce Final: Sagrado o profano? Sagrado y, a la vez, profano? *In Ritos de Paso y Puntos de Paso. La ría de Huelva en el mundo del Bronce Final Europeo* (M. RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, ed.). *Complutum Extra*. Madrid. 5: 21-32.

- RUÍZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1995 b) – Cronologia de la ría de Huelva en el marco del Bronce Final de Europa Occidental. In *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La ría de Huelva en el mundo del Bronce Final Europeo* (M. RUÍZ-GÁLVEZ PRIEGO, ed.). *Complutum Extra*. Madrid. 5: 79-83.
- RUÍZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1995 c) – El significado de la ría de Huelva en el contexto de las relaciones de intercambio y de las transformaciones producidas en la transición Bronce Final/Edad del Hierro. In *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La ría de Huelva en el mundo del Bronce Final Europeo* (M. RUÍZ-GÁLVEZ PRIEGO, ed.). *Complutum Extra*. Madrid. 5: 129-155.
- SANGMEISTER, E.; SCHUBART, H. & TRINDADE, L. (1971) – Escavações na fortificação da Idade do Cobre do Zambujal/Portugal 1970. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 5: 51-96.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin. Walter de Gruyter. 2 vol.
- SCHÜLE, W. (1969) – *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter. 2 vol.
- SERRÃO, E. da C. (1958) – Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra), com ornatos coloridos e brunidos. *Zephyrus*. Salamanca. 9 (2): 177-186.
- SERRÃO, E. da C. (1959) – Cerâmica com ornatos brunidos a cores da Lapa do Fumo. *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. 1: 337-359.
- SILVA, A. C. F. da (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 367 p.
- SILVA, C. T. da & SOARES, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. 211 p.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. de (1994 a) – Entre Atlântico e Mediterrâneo: algumas reflexões sobre o Grupo Baiões/Santa Luzia e o desenvolvimento do Bronze Final peninsular. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2: 215-232.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. de (1994 b) – Subsídios para o estudo do Bronze Pleno na Estremadura atlântica: (1) A alabarda de tipo “atlântico” do habitat das Baútas (Amadora). *Zephyrus*. Salamanca. 46: 161-182.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. de (2000) – O “Grupo Baiões/Santa Luzia” no quadro do Bronze Final do Centro de Portugal. In *Por terras de Viriato. Arqueologia da região de Viseu*. Viseu: Governo Civil do Distrito de Viseu/Museu Nacional de Arqueologia: 119-146.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. da (1973) – Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal). *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1972). Lisboa. 1: 245-306.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. da (1995) – O Alentejo Litoral no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste peninsular. *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder* (S. O. Jorge, ed). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 136-139.
- SPINDLER, K.; CASTELLO-BRANCO, A. de; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da V. (1973/1974) – Le monument à coupole de l’âge du Bronze Final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 57: 91-153.

- STUIVER, M. & PEARSON, G. W. (1993) – High precision bidecadal calibration of the radiocarbon time scale, AD 1950-500 BC and 2500-6000 BC. *Radiocarbon*. Tucson. 35 (1): 1-23.
- TARAMELLI, A. (1921) – Il ripostiglio dei bronzi nuragici di Monte Sa Idda di Decimoputzu (Cagliari). *Monumenti Antichi*. 27: 5-98.
- TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da V. (1964) – Tesouro pré-histórico de Bonabal (Torres Vedras). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 74 (3/4): 271-280.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1896) – Xorca de ouro. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2: 17-24.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1920) – Estudos sobre a época do bronze em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 24: 193-197.
- VICENTE, E. P. & ANDRADE, G. M. (1971) – A estação arqueológica do Cabeço de Moinhos. Breve notícia. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Coimbra. 2: 223-238.
- VILAÇA, R. (1995) – Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 9: 2 vol.
- VILAÇA, R. (1997) – Uma nova leitura para o Monte do Frade (Penamacor). *Conimbriga*. Coimbra. 36: 27-44.
- ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1958) – Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39: 37-57.

AS RUÍNAS

DO PODER EVOCATIVO À ESPECIALIZAÇÃO DAS RUÍNAS, DA RUÍNA ROMÂNTICA AO ESTIGMA DAS CATÁSTROFES E DESASTRES DE GUERRA

Reflexões de um não arqueólogo

Carlos Antero Ferreira⁽¹⁾

1 - A RUÍNA E OS SEUS COMPANHEIROS DILECTOS - DESTROÇOS, RESTOS, VESTÍGIOS

No jogo dicionarístico das definições e dos sinónimos, é forçoso entenderem-se as subtilezas das identidades e das diferenças.

Vejam os que nos diz um grande dicionarista português vivo (JOSÉ PEDRO MACHADO, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*), a respeito dos substantivos destroço, resto, ruína e vestígio – uns e outros se contêm nesta breve reflexão, designando a mesma ou diferentes acepções de objectos próximos, ao menos na sua valorização patrimonial.

“**Destroço** (ô), s. m. Acto *ou* efeito de destroçar. II Desbarate, derrota, destruição. II Devastação, desolação, ruína, [...] P1. Restos de coisa destroçada.”

“**Resto**, s. m. (de restar). O que fica *ou* resta de um todo, globalmente considerado, *ou* de que se suprimiu, gastou ou consumiu uma ou muitas partes.”

“**Ruína**, s. f. (do latim *ruina*). Resto, parte mais *ou* menos informe de um *ou* mais edifícios; edifício velho; edifício desmoronado ou escalavrado pelo tempo ou por causas naturais *ou* acidentais. II Estado de destruição, de degradação; modificação para pior. II Enfraquecimento que conduz à destruição *ou* perda; abatimento, decadência.”

“**Vestígio**, s. m. (do latim *vestigiu*). [...] Indício *ou* sinal de coisa que sucedeu ou passou. II Resto, resquício, ruína.”

(1) Professor catedrático jubilado da Universidade Técnica de Lisboa, da Academia Nacional de Belas-Artes, da Academia Portuguesa da História, da Academia de Letras e Artes, da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Associação Portuguesa de Historiadores de Arte, etc.

As ruínas de edificações de vulto representam papel de evocadora nostalgia, no expressivo fundo pictórico da notável composição do Presépio, do Mestre do Paraíso (c. 1520-1530), fundo que quase exactamente se repete na composição Adoração dos Magos, do mesmo Autor e da mesma época.



Em dois painéis do Políptico de São Francisco de Évora, Vida da Virgem (1503-1508), do Mestre flamengo Francisco Henriques, as ruínas constituem factor de valorização da atmosfera dramática, e atestam (como em tantos outros identificáveis exemplos da história da pintura) a necessidade vital de ocupar o espaço pictórico por configurações arquitectónicas ou ruínas, de invenção. Também desse modo se exprime a recusa do vazio (ausência de “memórias” persistentes), ao contrário do que severamente exigia o xequê de Bka.



Das definições daqueles substantivos de imediato constatamos que **Ruína** contempla e reveste objectivamente uma estreitíssima e directa correlação com o universo concreto da experiência construtiva. Dos quatro substantivos, é a ruína o que assume a capacidade designativa de um estado degradado ou destruído, de um *edifício ou conjunto de edifícios*.

No entanto, não deixamos de constatar também, que os outros três substantivos igualmente aceitam, a coberto das suas definições e significados, designar o mesmo que ruína – são, pelo menos em parte, num enquadramento genérico (não especializado, nem particularizado), sinónimos dos estados a que, consensual e consagradamente, aplicamos o vocábulo ruína.

Porém, **Vestígio** – que simultâneamente se identifica com resto e ruína – é o único a que se atribue a capacidade de constituir “indício *ou* sinal de coisa que sucedeu *ou* passou”, capacidade muito importante no estabelecimento de uma teoria das ruínas, uma vez que, com aquela acepção, sobrevive aos restos (de que é sinónimo, como já vimos), oferecendo-se pois, no quadro das manifestações do universo histórico-cultural, como um “indício” ou como um “sinal”, o que lhe confere um especial valor semântico, permitindo-lhe configurar também uma presença de não raro pendor alógico ou (mais enriquecedoramente) simbólico.

As ruínas contribuem com inegável acento, para a formação do conteúdo do imaginário do património histórico-cultural, designadamente no âmbito do extenso e muito diversificado território temático, do património edificado ou construído.

As ruínas suscitam e propõem uma reflexão sobre os seus significados, e a ponderação dos mesmos, através do estudo e da análise dos modos como os séculos e os milénios as contemplaram na sua expressão formal e na sua expressividade presencial, bem como do modo como os mesmos séculos e milénios as utilizaram enquanto imagens esporádicas ou recorrentes, de referência e enquadramento (vejam-se os segundos-planos de pintura histórica ou de temática religiosa, como o fundo de ruínas em dois painéis da *Vida da Virgem*, do opulento políptico do início de Quinhentos, da capela-mor da igreja de S. Francisco de Évora, pintura da autoria do flamengo Francisco Rodrigues); ou como objecto primeiro e por vezes único, de representações de intensa criatividade e imaginativa: veja-se a obra gravada, de denso e dramático claro-escuro, de um Giovanni Battista Piranesi (1720-1778), o celebrado autor das *vedute* da Roma antiga e dos *Carceri d’Invenzione*.

2 - O PODER EVOCATIVO DAS RUÍNAS

O poder evocativo das ruínas manifesta-se como um dado da sensibilidade e da percepção do ser humano.

Ao contrário do que bradava o vociferante Xequé de Bka, a natureza humana não prescinde dos sinais ou indícios, das referências e dos marcos que configuram a memória histórica, fazendo emergir da neblina do tempo passado e do esquecimento, os seres e os factos e as obras que merecem a atenção e o destaque dos historiadores, o conhecimento e o reconhecimento dos pósteros.

Estudadas já neste século por Abel Viana e D. Fernando de Almeida, e mais recentemente (1979-1986) por uma missão conjunta do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra e da Missão Arqueológica Francesa em Portugal, as ruínas de São Cucufate erguem-se próximo da estrada que liga Vila de Frades a Vila Alva, no concelho da Vidigueira, distrito de Beja. De proporções incomuns e imponente aparelho construtivo, as ruínas identificam e evocam a sobreposição parcial e a sucessiva transformação de três vilas romanas dos séculos I, II e IV, onde, em meados do século XIII se instalou um mosteiro, doado a São Vicente de Fora, de Lisboa.



Muralha escarpada e erodida (rocha artificial moldada em betão), erguida em 1921, em Folkstone, Kent.



E nesse universo de marcos e referências, de indícios e de sinais, a ruína é, enquanto testemunho privilegiado do efêmero, espelho da cumplicidade do homem e reflexo da transitoriedade dos seres e das coisas.

Difícilmente poderá ignorar-se ou negar-se a capacidade de apelo das ruínas. E a ela se associa uma outra: a da afectividade.

As ruínas não se expõem nunca como uma presença muda ou indiferente, como uma existência neutra. Pelo contrário, na sua passividade material, apenas aparente, elas despertam emoções e sentimentos, conduzem o pensamento a horizontes que julgávamos distantes ou inapreensíveis, frutificam em revelações do espírito e da *mnese* adormecida, e acodem às construções da literatura que recorrem do seu valor alegórico ou simbólico, ou da sua componente afectiva, de feição maioritariamente romântica – “*porque eu amo até as igrejas e os túmulos dos deuses quando o céu deixa passar o seu claro olhar através dos seus tectos em ruínas; tal como a erva e as papoulas vermelhas, gosto de me sentar nas igrejas em ruínas*”, ou “*Em ti vive a mensagem da minha juventude, que ainda não desabrochou; e, como a vida e a juventude, carregada de esperança, continuas sentada nas ruínas amareladas dos túmulos*”, ou ainda, “*Gosto de estar deitado nos lugares onde as crianças brincam, junto do muro arruinado, no meio dos cardos e das papoulas vermelhas*” (NIETZSCHE, *Assim falou Zarathustra*, III, “Os sete selos”, 2).

O mesmo apelo sugestivo transporta-nos até um outro nível, em que se conjugam as capacidades evocativas das ruínas.

De modo idêntico ao dos bens patrimoniais não arruinados – que se expõem na sua inteira ou quase plena integridade física – as ruínas constituem-se monumentos e documentos a cujo inventário e conhecimento, por força do valor testemunhal e de prova que traduzem, a História recorre na sua oficina de trabalho.

O poder evocativo das ruínas alimenta – através da contemplação sensível e da razão, e da combinação dos estímulos – o universo das vivências do espírito, invadindo também o território do onírico, no confronto do passado e do presente, que propicia a evocação.

As ruínas, da casa do homem e da casa de Deus, evocam limitações, convicções e ideais, e as suas metamorfoses pacíficas ou violentas, em todos os tempos e de Ocidente a Oriente.

Na Babel patrimonial das novas “maravilhas do mundo”, as ruínas acompanham, mas ainda não igualam em importância numérica, os monumentos consagrados e celebrados como “rastos mnésticos” (GILO DORFLES, *Elogio da desarmonia*), e como objectos de apreço e admiração cultural, ou de simples ritual no aparato das peregrinações dos pitorescos e coloridos bandos turísticos.

Na ruína autêntica – sempre **ruína histórica** – realidade e ficção materializam a verosimilhança do testemunho. Verosimilhança que se vê perturbada ou mesmo confundida, na contemplação proporcionada pelas ruínas artificiais, que eclodiram sobretudo no período do romantismo oitocentista, por vezes mimetizando a própria obra da natureza (rocha erodida pela meteorização), tal como mais tarde, na falsa escarpa de Folkstone, no Kent, datada de 1921.

A ruína é personagem de um cenário de aluvião, onde os testemunhos foram carreados e deposi-

Gravura da autoria de Marco Ricci (1676-1730), quarenta e quatro anos mais velho que Piranesi — ruínas, dos primeiros aos últimos planos, cena de que participa (como tradicionalmente) vegetação dispersa e avulsa, e que animam personagens anónimas e tranquilas, junto da taça quebrada da fonte e mesmo sobre o arco central...



tados pelo tempo, e onde a erosão natural e a destruição provocada pelo homem actuam sem trégua.

Erguendo-se nos desertos ou emergindo do manto construído das metrópoles, as ruínas e a sua expressão mais dilacerada e última – os vestígios –, antes que se consuma a perda final e definitiva de todo ou qualquer resto ou destroço, revestem significados contrastantes e mesmo opostos por vezes, no contexto da fenomenologia cultural.

Se, por um lado, testemunham capacidades criadoras relevantes ou de excepção, os monumentos, ou as ruínas que deles restam, por outro, são prova da fatal efemeridade das coisas, ou ainda, da inesgotável e ao que parece muito apelativa capacidade destruidora da guerra.

E eis que a sociedade dos homens há muito vem expondo perante o juízo crítico, uma avassaladora ambiguidade de comportamentos, que consiste num paradoxo cultural e se afigura preocupante indício (um entre outros) de desequilíbrio e ausência de senso. Assim: enquanto a atitude conservacionista apela ao mundo para que reconheça e respeite e proteja o legado histórico-cultural, vemos opor-se-lhe todos os dias a ira dos guerreiros e dos seus mandantes, e as suas consequências. Isto é: a mesma sociedade que culturalmente defende, propõe e difunde a ideia consolidada da protecção, recuperação e reabilitação do património acumulado nas sucessivas idades, assiste (vítima de si mesma) ao processo da destruição desse mesmo património, o que acontece, seja de modo lento e passivo, pelo descaso e o abandono dos bens, seja do modo mais rápido e eficaz, pelos actos de guerra, como se não bastassem os efeitos das catástrofes naturais.

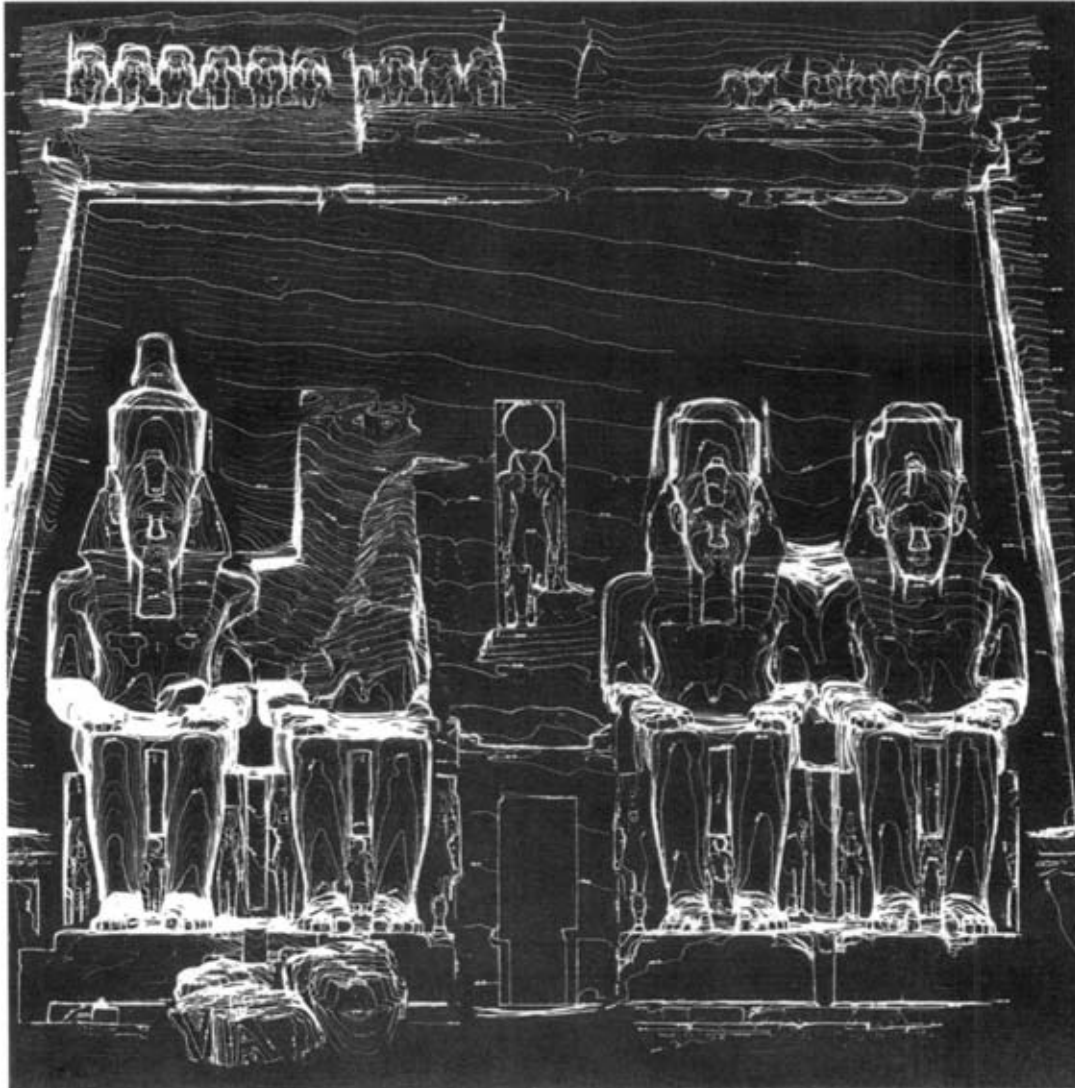
O poder evocativo acrescenta-se de valor reconhecivelmente poético e valoriza-se com novos estímulos e apelos imagéticos, quando, com a cumplicidade do tempo, as ruínas recebem o contributo do trabalho da natureza e da mão humana. Adquirem com isso valor de concriações. Resultam da acção de duas vertentes que não raro se complementam e completam – uma representa a contribuição da natureza, é de índole destruidora e faz substituir pelo caos a “ordem” própria da criação humana; a outra compensa as destruições da primeira, por um processo de recriação que, não procurando o retorno ao modelo original, antes se contenta com a elaboração de novos motivos e novas expressões formais. E esse é um processo de que participa, espontânea ou artificialmente, o mundo vegetal – uma participação de que decorrem envolvências ou “concreções” da ruína, que se apresentam como se fossem o resultado de uma criativa involução-evolução do bem original.

3 - RUÍNAS ARTIFICIAIS OU FINGIDAS – OU O PAPEL DO FICTÍCIO NA CONSTRUÇÃO ROMÂNTICA

As ruínas são uma fatalidade. Como personagens evocadoras participam do teatro da humanidade, compõem a cena e actuam, revelando e provocando estados de espírito, sentimentos, emoções. Algumas contribuem para uma visão feliz e paradisíaca do cenário do mundo. O mesmo mundo que se recolhe na ignorância ou se esconde no “esquecimento” do trágico panorama das ruínas de guerra, a visão

Talhada directamente no maciço rochoso, a fachada do grande templo rupestre de Ramsés II, em Abu-Simbel, o mítico Ybsambull ou Ipsambal, na Núbia egípcia, descoberto em 1813 pelo historiador suíço Burckhardt — desenhada em 1838 from life, por David Roberts (1796-1864), celebrado pintor e cenógrafo escocês da época vitoriana.





Reprodução de estereorestituição gráfica analógica (fotogrametria não-topográfica ou de pequena distância) da fachada do templo do Rei em Abu-Simbel – levantamento obtido a partir de estereogramas originais (I.G.N., 1964), com representação de curvas de igual afastamento, que exprimem e virtualmente modelam a volumetria das quatro “imensas estátuas colossais” (Burckhardt) de Ramsés II sentado, uma das quais no mesmo estado de ruína profunda em que foi parcialmente encontrada pelo historiador.

terrível do aniquilamento e da devastação sem contemplações, indiscriminada e brutal.

Na dialéctica das ruínas cabe o desejo quase epicurista de reconstituição de um passado e dos seus estandartes, em que a natureza humana se revê como num espelho de cândidas qualidades e sublimes virtudes.

Por isso se compreenderá que, por vezes, a sociedade hoje identificada com a *cultura patrimonial* e guiada também pela invocação de arquétipos, procure interferir no arranjo da cena, criando ela própria imagens acabadas de ruínas artificiais, de natureza mimética e ocupando o lugar vago de ruínas autênticas, que o tempo (o grande contra-regra) não pôde ou não soube ainda preencher.

Perante a incapacidade sempre demonstrada pelo homem, de construir racionalmente o futuro à imagem dos seus ideais, a sociedade conforta-se na contemplação reelaborada do passado colectivo, e fá-lo através de sinais que constituem imagens privilegiadas do lado melhor da humanidade, recusando, por acomodada cobardia espiritual, aqueles outros sinais que denunciam os piores caracteres da espécie.

Deixemos por ora de lado os destroços de guerra, evocadores dos espíritos da destruição e dos senhores do mal, fiéis seguidores dos proféticos cavaleiros da guerra e da morte.

As ruínas artificiais preenchem lacunas pontuais, ou completam criativamente restos autênticos de edifícios ou construções avulsas (torres, arcos de triunfo, pontes, revelins, ameias, escadarias, campanários, templetos, arcarias e intercolúnios), compondo, por vezes carismaticamente, arranjos que, com os jardins de prazer, simulam uma pequena e preciosa parcela de um paraíso romântico, assim sonhado e inventado.

A literatura do romantismo – que fazia a apologia do gótico e foi contemporânea de todos os revivalismos triunfantes – acentuou modelarmente, na época, o carácter das ruínas, compartilhado por um sentimento que nelas admirava sobretudo a beleza e o pendor nostálgico: “*As ruínas do tempo são tristes, mas belas*” (ALMEIDA GARRETT, *Viagens na minha terra*, Capítulo XXVII). Um sentimento que nelas reconhece outras vezes, e no mesmo Autor, valores opostos ou dissonantes: “*Entrámos a porta da antiga cidadela – Que espantosa e desgraciosa confusão de entulhos, de pedras, de montes de terra e caliça! Não há ruas, não há caminhos: é um labirinto de ruínas feias e torpes*” (Idem, *ibidem*, Capítulo XXVIII).

Três anos antes da Garrett, ALEXANDRE HERCULANO (*Opúsculos*, Volume VII, “Monumentos Pátrios”) invocava a ruína e as ruínas, verberando a indiferença e o abandono, as mutilações e as delapidações – “*Ergueremos um brado a favor dos monumentos da história, da arte, da glória nacional, que todos os dias vemos desabar em ruínas*”, ou “*Correi as principais cidades do reino; buscai os mais veneráveis edifícios. Ou jazem por terra ou foram aplicados a usos que lhes estão produzindo a ruína*”, ou ainda: “*Torre, muro, paço ou o que quer que sejas, cuja ruína foi decretada, para ti já não há salvação*”.

As ruínas artificiais ou fictícias, isoladas ou acompanhando ruínas autênticas (originais), parti-

lham do universo do fantástico, criado por ficções elaboradas com recurso intensivo ao léxico formal, e neste, ao vocabulário próprio dos neorevivalismos mais reconhecíveis e de maior divulgação, como o neoárabe, o neoromântico, o neogótico, o neomanuelino.

Exemplo bem conhecido, de ruínas elaboradas pela mão do homem, são em Évora e datando de 1866, as que Giuseppe Cinatti (1808-1879), parceiro de Achilles Rambois no S. Carlos de Lisboa, graciosamente delineou para o jardim ou passeio público daquela cidade – “*Por outro lado improvisa [a Câmara de Évora] ruínas cenográficas no seu jardim público, armando com trepadeiras e malvaiscos grupos sentimentais de velhas colunas postas de pernas para o ar nesse efeito de bordado a cortiça ou a miolo de figueira*” (RAMALHO ORTIGÃO, *Arte Portuguesa*, Tomo I). Assim o autor das *Farpas* ridicularizava, em 1896, a iniciativa da edilidade eborense.

FILIPPE SIMÕES (“*Archivo Pittoresco*”, Tomo XI, 1868) asseverava que “*excepto a torre e algum pedaço de muro, tudo o mais ali foi posto sob a fantasiosa direcção do sr. José Cinatti*”. O cenógrafo de Siena utilizara, na feitura de parte das suas ruínas, “*restos subsistentes, reconstituídos, nas Ruínas Fingidas do Jardim Público*”, *provenientes do palácio ou solar dos condes de Basto* (TULIO ESPANCA, in *Inventário Artístico de Portugal*, Concelho de Évora, I Volume).

Filipe Simões revela ainda no seu texto do “*Archivo*”, a importância do mundo vegetal na plena conformação do cenário, acentuando-lhe a atmosfera melancólica e nostálgica – “*Logo ao pé da torre, as ruínas fingidas, com os muros meio derruídos e os arcos troncados, e mais adiante as ruínas verdadeiras dos paços reais destacam mui graciosamente por meio das mantas de verdura. As ruas tortuosas, desiguais, irregulares, correm como que abertas ao natural à volta dos lagos, feitos de pedra brutesca; dividem os canteiros, povoados de arbustos e plantas herbáceas: contorneiam os estevais e luzernais, ornados de ailantos, sicómoros, amoreiras e plátanos; e cercam as boscagens de cedros e pinheiros, pequenos ainda, mas esbeltos e viçosos*”.

No campo da criação, as ruínas fingidas, artificiais ou simuladas, suplantam de modo geral, no plano inventivo, as ruínas autênticas. As primeiras configuram um acto mimético, um acto cultural de recriação; as segundas são fruto aleatório da erosão, da incúria e do abandono, da picareta e do camartelo, ou consequência da brutal devastação bélica. Umas e outras, admitem entretanto referências e sinais, distintas leituras e interpretações, e constituem contributo não desprezável para a construção da memória colectiva e a formulação da História.

4 - DA RUÍNA HISTÓRICA À RUÍNA ROMÂNTICA, À RUÍNA-CATÁSTROFE E À RUÍNA-DESASTRE DE GUERRA

A adesão ao fenómeno ruína não depende de uma abordagem necessariamente cartesiana e sistemática.

O conceito de **ruína histórica** abrange todas as variantes da acepção comum do termo, desde

que fiquem satisfeitas as condições da aptidão e do interesse histórico, designadamente as de testemunho e prova válidos.

A **ruína romântica** – amparada do conforto de um correcto e cuidado tratamento de limpeza e consolidação, e de um enquadramento paisagístico de valorização – proporciona, sem desmedido esforço de adesão, fruição estética e satisfação hedonística.

Pela via dessa satisfação, estimulante e enriquecedora, a ruína romântica entra no universo do imaginário e, não exigindo nada em troca, recebe a adesão espontânea do observador, mesmo do culturalmente menos preparado. Dito de outro modo: o espectáculo gratuito da ruína (encenação vazia ou povoada de espectros) suscita tanto o agrado acolhimento do erudito esclarecido, quanto do mais despreocupado ignorante. O que é, sem dúvida, um factor de universalização do gosto pela ruína, mais precisamente pela ruína a que chamamos romântica – objecto culturalmente tratado e valorizado, apelando à sensibilidade e gerando afectividade.

Fora deste contexto da ruína romântica, consagrado pela imagética pictural, celebrado pela literatura e pela sua forma especializada da História, as ruínas valem como um sinal de fatalidade.

A **ruína-catástrofe** resulta, com variadas extensão e gravidade, da acção destruidora e incontável, de convulsões e flagelos da natureza: terremotos, tufões, tornados, enchentes.

Difícilmente ou muito forçadamente se descortinará, nos danos e destroços provocados pelos grandes desastres naturais, motivo de agrado estético, algum vislumbre daquela satisfação ou daquele prazer estimulados pela contemplação serena e descuidada da ruína romântica. Decerto só a muito custo e só afastando o conhecimento do inevitável rasto de tragédia humana com que os desastres ferem e destroem sectores da sociedade e do seu habitat.

A ruína-catástrofe, na sua densidade testemunhal, é antítese da ruína romântica, esta um trecho do jardim do paraíso, percorrido amavelmente por personagens em devaneios de bucólica melancolia...

Semelhantemente, a **ruína – desastre de guerra** (outra possível figura da nossa apenas esboçada e imperfeita construção temática) é a marca expressiva e acusadora dos efeitos devastadores da guerra, estigma da incorrigível e insaciável sanha guerreira da humanidade.

A sucessiva e incansável acumulação dos campos de ruínas, não resultou até hoje como factor dissuasor bastante. Os onipotentes e impunes senhores da guerra, os príncipes sentados nos seus gabinetes, daí a determinam, a declaram, a ordenam. Por todos os continentes, sob as mais diversas bandeiras, a coberto das mais subtis justificações. Um dia morrerão. Ficarão as ruínas calcinadas, quantas ainda fumegantes, habitadas pelo sopro do sofrimento, do martírio, do sacrifício cruel e da morte mais brutal e mais violenta.

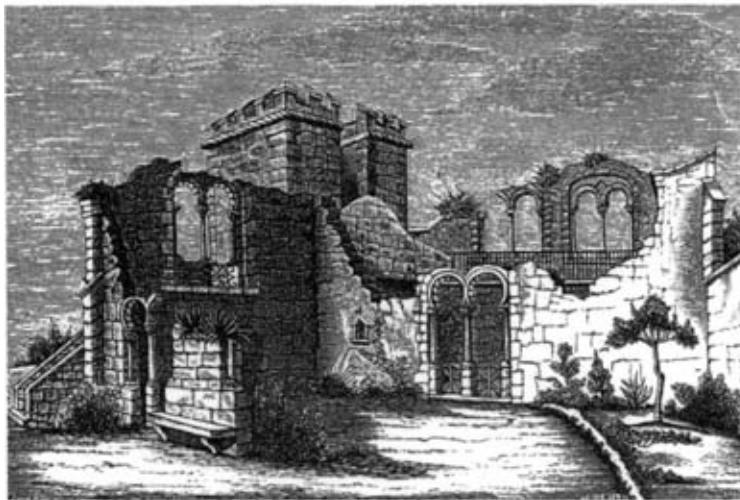
E os vestígios que sobreviverem à erosão hão-de constituir, perante a passiva e culposa indiferença da sociedade humana, sinais das civilizações que pelos tempos se mostraram e mostram incapazes de viver e conviver em paz, em fraternidade e em solidariedade.

Algumas já transformaram, outras transformarão os vestígios que restarem dos cenários de fogo, em objecto de contemplação, e eventualmente, em lugares de peregrinação e visitação cultural.



Por vezes, a ruína antecipa-se e antecede o desgaste do tempo ou a delapidação humana. Outras vezes ainda, resulta de súbita e prolongada interrupção da construção, do que é paradigma de filiação bíblica, a definitiva paragem dos trabalhos da cidade e torre de Babel, nos campos de Senaar (Gênesis, XI, 1-9).

Aqui, imagem da "desastrosa ruína" (Ramalho Ortigão) do corpo central da ala do dormitório do mosteiro hieronimita de Belém (Cinatti e Rambois, de 1867 a 1878), derruido por deficiências de construção, na manhã de 18 de Dezembro de 1878.



“Ruínas fingidas” (“Archivo Pittoresco”, 1868) no passeio ou jardim público da cidade de Évora, contemporâneas do nascente eclectismo revivalista e das criações fantásticas dos “castelos” da Baviera de Luís II.

MOEDAS MEDIEVAIS E MODERNAS ACHADAS NAS ESCAVAÇÕES DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS)^(*)

por João Luís Cardoso⁽¹⁾ & Francisco Magro⁽²⁾

1- INTRODUÇÃO

No decurso das escavações realizadas, em continuidade, desde 1983 no povoado pré-histórico fortificado de Leceia (concelho de Oeiras), têm sido recolhidos diversos materiais medievais, modernos e mesmo contemporâneos, na camada superficial da sequência estratigráfica definida na estação (CARDOSO, 1994, 2000). Entre tais materiais, avultam os numismas dados agora a conhecer, recolhidos nas imediações e no subsolo de caminho antigo, que atravessava obliquamente a zona primitivamente ocupada pelo povoado pré-histórico (Fig. 1).

Tal caminho, na zona correspondente à implantação da estação arqueológica, desenvolvia-se na direcção aproximada Norte-Sul, inflectindo depois, provavelmente, para Este. O seu piso aproveitou, em parte, as bancadas de calcários duros recifais do Cretácico, que por vezes afloram; porém, na sua maior parte, era constituído por terra batida, que assentava directamente em camada pedregosa, correspondente a derrubes das estruturas calcolíticas subjacentes: tal é a conclusão deduzida de um corte vertical, executado transversalmente ao respectivo eixo, na campanha de escavações de 1997 (Fig. 3). De ambos os lados, o caminho encontrava-se, em parte, delimitado por grandes blocos calcários não aparelhados, actualmente apenas conservados em sector limitado do antigo traçado, marginal à área escavada, mas que provavelmente se disporiam em continuidade, de ambos os lados, em muito maior extensão (Fig. 2). Os cortes verticais executados em sector onde tais alinhamentos ainda se observavam, mostraram que a sua fundação assentava em camada terrosa (solo arável),

(*) Este estudo, que beneficiou dos numismas recolhido em Leceia no decurso da campanha de escavações de 2000, corresponde, em parte, a artigo publicado pelos autores nas *Actas do I Congresso Luso Brasileiro de Numismática/V Congresso Nacional* (Porto, 2000). Lisboa: Associação Numismática de Portugal, 2000, p. 233-248.

⁽¹⁾ Agregado em *Pré-História*. Professor da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

⁽²⁾ Academia Portuguesa da História e Associação Numismática de Portugal.

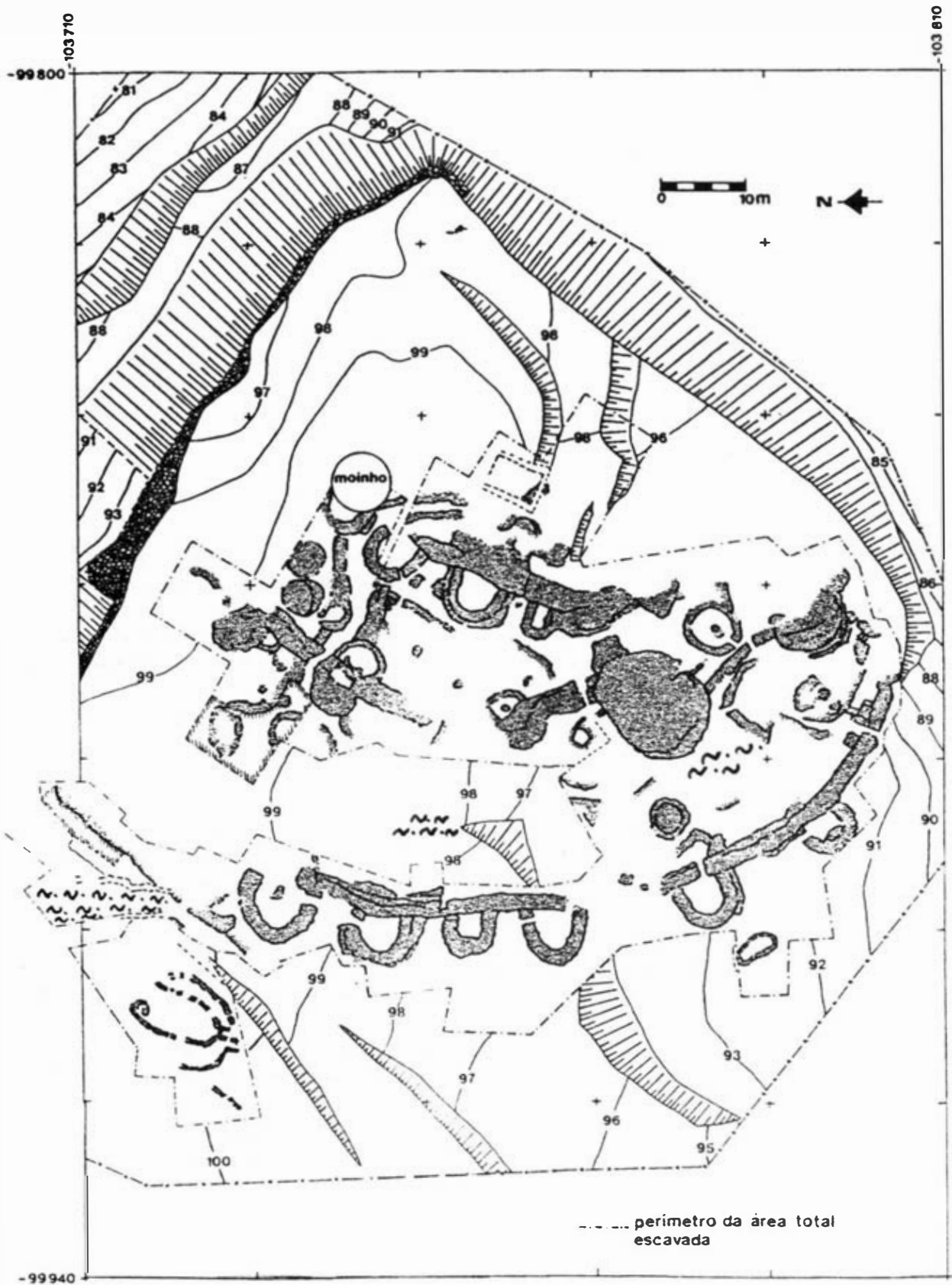


Fig. 1 - Planta simplificada do povoado pré-histórico de Leceia, assinalando-se, a ondulado interrompido, as zonas de achados de moedas.

directamente assente na camada pedregosa supra referida. No referido sector a largura da via assim definida atingia cerca de 2,5 m (Fig. 2).

O respectivo traçado, mostra que este caminho se destinava a unir o pequeno aglomerado de Leceia de Baixo à importante vila de Barcarena; com efeito, a primeira das referidas povoações, ainda se apresenta isolada da de Leceia de Cima em 1878, como se verifica em planta publicada por Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1878); o referido caminho era ainda utilizado em inícios da década de 1980.

Por se tratar de conjunto numismático numeroso e variado, cujas condições de ocorrência se apresentam bem conhecidas, resultantes de intervenção arqueológica, que sublinha as características peculiares do achado, crê-se que a sua publicação se justifica, até por contribuir, de algum modo, para o conhecimento da ocupação humana antiga de zona rural dos arredores de Lisboa, bem como da circulação monetária processada pelos respectivos moradores no final da Idade Média / inícios da Época Moderna.

2 - CONTEXTO GEOGRÁFICO, ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO

O povoado pré-histórico de Leceia implanta-se em esporão rochoso, constituído por calcários duros, de origem recifal, do Cretácico Inferior, debruçado sobre o fértil vale da ribeira de Barcarena, que domina do alto da sua encosta direita. Dista cerca de 4 km em linha recta do estuário do Tejo, que se observa ao longe. Foram as excepcionais condições de defesa oferecidas pela plataforma rochosa – reforçadas pela existência, dos lados oriental e meridional, de um escarpa rochosa que atinge cerca de 10 m de altura – que determinaram a escolha de tal lugar, pelas sucessivas comunidades pré-históricas que o ocuparam, em continuidade ou quase, durante mais de mil anos, entre os finais do IV milénio AC e os finais do milénio seguinte (CARDOSO, 1994, 2000).

Em época histórica, à referida plataforma, exposta aos ventos de Norte, canalizados pelo vale da ribeira de Barcarena, desde cedo foi reconhecida ter especiais aptidões para a implantação de moinhos de vento. Com efeito, testemunhos de dois deles ainda hoje subsistem no local: o único conservado, corresponde a construção de pequenas dimensões (diâmetro externo de cerca de 5 m), de grossas paredes e assente no substrato geológico; a data de 1707, inscrita na verga da porta, poderá atribuir-se à da construção, ou à da reconstrução, substituindo moinho mais antigo, cujos vestígios, porém, não se vislumbram. Mais perto da extremidade rochosa da plataforma, identificaram-se restos de um segundo moinho, arrasado até os alicerces em época recuada: com efeito, desenho da escarpa publicado em 1878 por Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1878) representa apenas o primeiro destes dois moinhos, já em ruínas, mas não o segundo, entretanto totalmente desaparecido. A causa de tão evidente destruição pode reportar-se à instalação de pedreiras no próprio local, especialmente no decurso da segunda metade do século XVIII, relacionadas com a extracção de calcários para a re-



Fig. 2 - Leceia. Vista parcial do caminho medieval / moderno no sector escavado em 1997, evidenciando-se alinhamento de grandes blocos, que o marginavam lateralmente. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 3 - Leceia. Pormenor do alinhamento de grandes blocos que delimitavam o caminho medieval / moderno no sector escavado em 1997, assentes em camada terrosa com materiais medievais e modernos. Em primeiro plano, observa-se camada pedregosa, correspondente a derrubes das estruturas calcolíticas.

construção de Lisboa, depois do terramoto de 1 de Novembro de 1755, actividade cujos vestígios ainda hoje se podem observar no local. Muito mais evidentes são os testemunhos das célebres e bem conhecidas pedreiras de Leceia, situadas cerca de 500 m para Sul, actualmente conhecidas pelas "furnas", devido ao processo de extracção dos grandes blocos calcários ter recorrido a galerias, ainda hoje bem conservadas.

Tendo em conta o que se disse, é admissível que, do referido caminho, partisse um outro, destinado a servir os dois moinhos referidos, distanciados entre si cerca de quarenta metros, utilizado mais tarde, para serventia da pedra que ali se instalou: ainda hoje se pode observar, em zona adjacente ao moinho conservado, pequena construção rectangular correspondente a oficina relacionada com a exploração dos calcários. Sem dúvida que esta actividade terá sido a responsável pelo declínio da exploração agrícola da plataforma e zonas adjacentes, apenas recuperada aquando do seu abandono, ocorrido provavelmente no início do século XIX.

Porém, a antiguidade da presença humana em tempos históricos do termo de Leceia é muito mais recuada; encontra-se comprovada, entre outros, pelos seguintes documentos:

1 - 1253, Setembro. Carta de doação de cinco oliveiras no lugar de Lecea (termo de Lisboa). Doadores: Martinho Joanes Caluchi e sua mulher Gontina Peres. Donatário: Mosteiro de S. Vicente de Lisboa. A.N./T.T., S. Vicente, m. 3, nº. 15.

2 - 1326, Março, 5. Carta de escambo entre João António, cônego do Mosteiro de S. Vicente de Fora, em nome deste e Pero Anes, Cônego da Sé de Lisboa, de uma coirela de uma almoinha, com seu canavial e casas, que o Mosteiro possuía em Lecea, termo de Lisboa, por uns olivais que Pero Anes tinha em Gasarbajar. Neste documento transcreve-se a carta em que o Prior e o Convento do Mosteiro de S. Vicente de Fora concedem autorização ao dito João António para poder efectuar o escambo. Esta carta está datada de 1326, Fevereiro, 27. A.N./T.T., S. Vicente, m. 7, nº. 16.

3 - 1376, Agosto, 10. Carta de empraçamento, em vidas, de um casal na Idanha, e um olival em Lecea, ambos no termo de Lisboa, pela renda annual de 20 libras de dinheiros portugueses, pagos no dia de natal e a dízima para a capela do dito Mosteiro. A. N./T. T., S. Vicente, m. 14, nº. 13.

O interesse agrícola do termo de Leceia, bem evidenciado pelos documentos supra referidos, era acompanhado pelo valor dos recursos cinegéticos e silvícolas da área em causa: disso é prova o seguinte documento (referido por NEVES, 1982):

4 - 1462, Setembro, 10 - Carta do Monteiro da Mata de Leceia a Pedro Coelho. A. N./T. T. Chancelaria de D. Afonso V, Livro 1, fl. 67, v.

Os documentos acima referidos mostram que a ocupação humana efectiva do sítio e termo de Leceia era uma realidade pelo menos desde meados do século XIII, acentuando-se, como seria de esperar, nos séculos seguintes. Tal evidência encontra-se espelhada no conjunto numismático recolhido, cuja caracterização se passa a apresentar.



Fig. 4 - Dinheiro de D. Diniz. Anverso e reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 5 - Ceitil de D. Afonso V.F.M. 1.2.10. Cunhado no 2.º semestre de 1448 ou no 1.º semestre de 1449. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 6 - Ceitil de D. Afonso V.F.M. 6.3.2. Cunhado em 1457. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.

3- ESTUDO NUMISMÁTICO

3.1 - DINHEIRO DE D. DINIZ (Fig.4)

Foram os dinheiros a moeda corrente durante toda a I Dinastia, começando com bom teor de prata com D. Afonso Henriques e terminando como moeda de cobre no reinado de D. Fernando; circularam, pois, durante cerca de 250 anos.

O exemplar em apreço é de D. Diniz, provavelmente da segunda metade do reinado, dado apresentar já o número de besantes estabilizado – cinco – e dispostos em aspa (ø 16mm). Deste modo, a sua cunhagem pode situar-se entre 1300 e 1325.

Trata-se de variante não catalogada em GOMES (1996).

3.2 - CEITIS

Os ceitis foram as moedas mais frequentes ao longo da II Dinastia; as primeiras emissões são de D. Afonso V e as últimas de D. Sebastião, correspondentes a lapso temporal de cerca de 120 anos. Caracterizam-se, salvo uma exceção, por possuírem numa das faces três torres dentro de um recinto murado e na outra o escudo de armas de Portugal. O conjunto em apreço possui exemplares dos reinados de D. Afonso V e de D. Manuel I, os quais foram classificados de acordo com MAGRO (1986).

D. Afonso V

- 1 - Ex. F. M. 1.2.10 ø22mm (Fig. 5). Cunhado no 2º. Semestre de 1448 ou no 1º. Semestre de 1449.
- 2 - Ex. F. M. 6.3.2 ø20mm (Fig. 6). Cunhado no ano de 1457.
- 3 - Ex. F. M. 6.4.9 ø19mm (Fig. 7). Cunhado no ano de 1457.
- 4 - Ex. F. M. 7.2.1 ø22mm (Fig. 8). Cunhado entre 1458 e 1460.
- 5 - Ex. F. M. 8.1.4 ø25mm (Fig. 9). Cunhado entre 1458 e 1460.
- 6 - Ex. F. M. 8.2.1 ø20mm (Fig. 10). Cunhado entre 1458 e 1460.
- 7 - Ex. F. M. 8.4.1 ø20mm (Fig. 11). Cunhado entre 1458 e 1460.
- 8 - Ex. F. M. 9.2.20 ø22mm (Fig. 12). Cunhado entre 1463 e 1464.
- 9 - 2 Ex. F. M. 9.2.34 ø21mm; ø22mm (Fig. 13 e 14). Cunhados entre 1463 e 1464.

D. Manuel I

- 1 - Ex. F. M. 3.1.4 ø18mm (Fig. 15). Cunhado entre 1498 e 1499.

D. João III

- 1 - Ex. F. M. 6.1.1. ø16mm



Fig. 7 - Ceitel de D. Afonso V. F.M. 6.4.9. Cinhado no ano de 1457. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 8 - Ceitel de D. Afonso V. F.M. 7.2.1. Cinhado entre 1458 e 1460. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.

3.3 - MOEDA DE 3 REAIS DE COBRE

Este valor foi cunhado a partir do 4º. Trimestre de 1550, no reinado de D. João III. Não foi possível catalogar com maior precisão o presente exemplar $\varnothing 27\text{mm}$, devido ao mau estado de conservação.

3.4 - MOEDA DE 6 VINTÉNS DE PRATA

O exemplar em apreço apresenta uma particularidade interessante: o reverso é incuso, situação raramente observada (Fig. 17). Encontra-se quase reduzido a chapa, sendo no entanto possível a sua atribuição ao reinado de D. João V, presumivelmente ao seu início, atendendo ao elevado desgaste que apresenta $\varnothing 27\text{mm}$; deste modo, poderá situar-se entre 1706 e 1717 (1º. Quarto do reinado).

3.5 - MOEDA ESTRANGEIRA (Fig. 17 e 18)

É uma moeda de 8 maravedis de Filipe IV de Espanha (Fig. 18, $\varnothing 28\text{mm}$). Segundo CAYON & CASTAN (1983) será do tipo CC 36 deste reinado, cunhada entre 1623 e 1626. Possui um primeiro carimbo de XII, aplicado em 1641, para valer 12 maravedis e um segundo carimbo de 8, aplicado entre 1651 e 1654, para correr de novo por 8 maravedis.

3.6 . SELO DE CHUMBO (Fig. 16)

Trata-se de um exemplar em excepcional estado de conservação. Tem forma quase circular (\varnothing de 18 mm), com pedúnculo, onde ainda se conservam restos do nastro de suspensão. Numa face apresenta a esfera armilar e na outra o escudo português com sete castelos, entre dois ornamentos, encimado por uma coroa antiga aberta.

Segundo TÁVORA (1983), o chumbo só era usado pela Casa Real e em selos pendentes; tanto este autor como SOUSA (1947) não apresentam qualquer exemplar semelhante. É provável que seja do reinado de D. Manuel I. A possibilidade deste exemplar se relacionar com documento ou, simplesmente, constituir selo de mercadoria deve manter-se, de momento, em aberto.

4 - DISCUSSÃO●

O presente trabalho assume características invulgares, por corresponder à publicação de um conjunto monetário medieval e moderno resultante de uma escavação arqueológica de um povoado pré-histórico. A tal invulgaridade, acresce o facto de se conhecerem perfeitamente as condições do achado, incluindo as da construção com que se encontra relacionado, bem como as respectivas



Fig. 9 - Ceutil de D. Afonso V. F.M. 8.1.4. Cinhado nos anos de 1458 a 1460. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 10 - Ceutil de D. Afonso V. F.M. 8.2.1. Cinhado nos anos de 1458 a 1460. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 11 - Ceutil de D. Afonso V. F.M. 8.4.1. Cinhado nos anos de 1458 a 1460. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 12 - Ceitel de D. Afonso V. F.M. 9.2.20. Cinhado nos anos de 1463 a 1464. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 13 - Ceitel de D. Afonso V. F.M. 9.2.34. Cinhado nos anos de 1463 a 1464. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 14 - Ceitel de D. Afonso V. F.M. 9.2.34. Cinhado nos anos de 1463 a 1464. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.

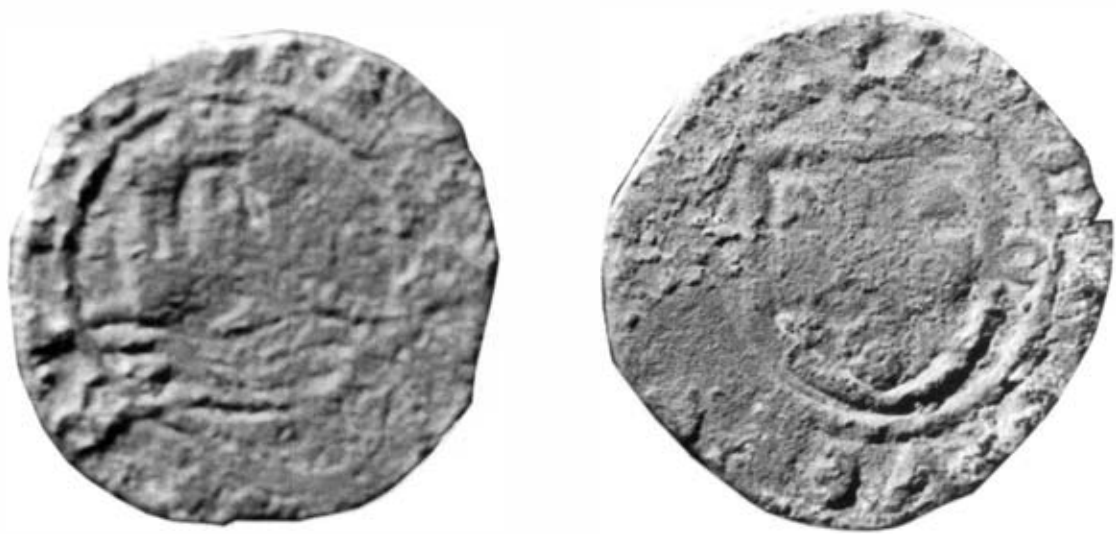


Fig. 15 - Ceitel de D. Manuel I. F.M. 3.1.4. Cunhado entre 1458 e 1459. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 16 - Selo de chumbo de D. Manuel I. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.

condições estratigráficas. Com efeito, crê-se que a relação dos numismas ora publicados com um caminho vicinal, que serviu por muitos séculos, pode sem dificuldade ser explicada através de perdas ocasionais por parte dos transeúntes de e para Leceia de Baixo. Aliás, a antiguidade da ocupação do termo de Leceia, encontra-se documentada por diversas fontes históricas, algumas das quais são agora pela primeira vez publicitadas.

Este trabalho permite, outrossim, avaliar a importância relativa da circulação monetária processada em uma pequena povoação dos arredores de Lisboa, a qual evidencia um máximo ao longo da segunda metade do século XV. Tratava-se, então, de região rica e populosa, favorecida pela abundância de água, fertilidade dos solos e proximidade do estuário do Tejo. Este período de apogeu antecedeu imediatamente a instalação, em Barcarena, das Ferrarias d'El-Rei, no reinado de D. João II, destinadas à produção de armaria branca e de fogo (QUINTELA, CARDOSO & MASCARENHAS, 1999/2000), cujo primeiro documento conhecido se encontra datado de Santarém do ano de 1487, correspondendo a uma Carta de Privilégio aos Oficiais das Ferrarias de Barcarena (VITERBO, 1896). Na opção por esta localização, poderá ter pesado o facto de, pelas razões supra apontadas, ser fácil obter mão-de-obra em quantidade necessária para a produção de armamento e, a partir do reinado de D. Manuel, para o fabrico da pólvora, indústria que marcou fortemente a economia e a sociedade locais até (quase) a actualidade.

5 - CONCLUSÕES

No decurso das escavações efectuadas no povoado pré-histórico de Leceia, situado no concelho de Oeiras, Freguesia de Barcarena, iniciadas em 1983 e dirigidas por um de nós (J. L. C.), recolheram-se diversos numismas e um selo de chumbo, que foram objecto deste estudo. Trata-se de um conjunto de ceitis dos reinados de D. Afonso V, de D. Manuel I e de D. João III e de exemplares de cada uma das seguintes espécies: um dinheiro de D. Diniz; três reais de cobre, de D. João III (?); seis vinténs de prata de D. João V; e oito maravedis de Filipe IV de Espanha, segundo a classificação efectuada pelo outro dos signatários (F. M.).

Estes exemplares provêm de zona adjacente a caminho de origem muito antiga, que atravessava diagonalmente a área escavada, anteriormente ocupada pelo povoado pré-histórico. O seu piso era de terra batida e, em certas áreas, correspondia às próprias bancadas calcárias cretácicas, que constituem o substrato geológico local e encontrava-se em parte delimitado por grandes blocos não aparelhados, reutilizados das muralhas da própria fortificação calcolítica.

O conjunto numismático assim reunido vem contribuir, ainda que com evidentes limitações, para o conhecimento da circulação monetária em meio rural, com base em materiais circunstancialmente perdidos, sobretudo nos finais da Idade Média / inícios da Idade Moderna, por viadantes de e para Leceia de Baixo, pequena povoação actualmente ligada a Leceia de Cima mas que, até ao século



Fig. 17 - 6 Vinténs de prata de D. João V. Cunhagem incusa. 1706-1717. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 18 - 8 maravedis de Filipe IV de Espanha, cunhado entre 1623 e 1626. Tipo CC 36. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.

XIX, justificava ligação directa à importante vila de Barcarena, a cerca de 800 m de distância, assegurada pelo referido caminho.

Trata-se, ainda, de um primeiro contributo prestado pela Arqueologia para o conhecimento da economia e ocupação do território oeirense, nos finais da Idade Média e inícios da Idade Moderna.

Agradecimentos

Ao Dr. Isaltino Afonso Morais, pelo apoio que tem concedido aos trabalhos de Arqueologia desenvolvidos por um de nós (J. L. C.) no povoado pré-histórico de Leceia, de forma insofismável, desde que assumiu a Presidência da Câmara Municipal de Oeiras.

Ao Dr. J. Hormigo, o primeiro signatário agradece, igualmente, as informações sobre os documentos dos A. N./ T. T. agora pela primeira vez publicados.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1994) - Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, nº. especial. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 164 p.
- CARDOSO, J. L. (2000) - The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 19(1), pp. 37-55.
- CAYON, J. & CASTAN, C. (1983) - *Las monedas españolas desde los reyes visigodos año 406 a Juan Carlos I*. Madrid.
- GOMES, A. (1996) - *Moedas portuguesas e do território português antes da fundação da Nacionalidade*. Lisboa.
- MAGRO, F. A. Costa (1986) - *Ceitis*. Sintra: Instituto de Sintra.
- NEVES, C. Baeta (1982) - *História Florestal Aquícola e Cinegética*. Tomo II, doc. nº. 424. Lisboa.
- QUINTELA, A. de Carvalho; CARDOSO, J. L. & MASCARENHAS, J. M. (1999/2000) - A fábrica da pólvora de Barcarena. História e evolução tecnológica. *Arqueologia & Indústria*. Lisboa. 2/3, pp. 17-40.
- RIBEIRO, C. (1878) - Notícia de algumas estações e monumentos prehistoricos. *I - Notícia da estação humana de Licêa*. Memoria apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa: Typographia da Academia, 69 p. 21 Est. (com tradução em Francês).
- SOUSA, D. A. Caetano de (1947) - *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Tomo IV. Coimbra.
- TÁVORA, L. G. de Lancastre e (1983) - *O estudo da sigilografia medieval portuguesa*. Lisboa.
- VITERBO, F. Sousa (1896) - *O fabrico da pólvora em Portugal. Notas e documentos para a sua história*. Lisboa: Typographia Universal.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
7, Oeiras, Câmara Municipal, 1999/2000, pp. 447-487

ARQUEOLOGIA E PRÉ-HISTÓRIA: ALGUNS TÓPICOS DE REFLEXÃO

por Vítor Oliveira Jorge (*)

0. Breve explicação

Desde fins de 1998 que venho semanalmente colaborando na página de "cultura" do "Jornal de Notícias" com uma coluna intitulada "Patrimónios Partilháveis". Os textos que se seguem têm como base algumas das "crónicas" que pertencem a esse conjunto, mas que, naturalmente, foram um pouco remodeladas antes de serem apresentadas nesta revista. De qualquer modo, mantêm a sua matriz original de reflexões ensaísticas, curtas, algo erráticas, que revelam tanto dos assuntos tratados quanto das minhas próprias preocupações (ou preferências, ou mesmo até obsessões, se se quiser) como arqueólogo.

Espero que, ainda assim, como tópicos de desenvolvimento futuro, sejam úteis aos leitores - na medida em que lhes suscitem aprofundamentos e procuras em múltiplos sentidos.

Cada um de nós escolhe um caminho para interrogar, e tentar perceber, o mundo em que se insere (no meu caso, esse "caminho" foi a arqueologia pré-histórica) - e a determinado passo (se não, mesmo, continuamente) é surpreendido pelas questões mais triviais, mais básicas. Toma consciência da sua incomensurável impreparação e ignorância, e assalta-o a suspeita de que talvez outro caminho tivesse sido mais compensador...

Mas sobretudo, relendo o que se escreveu, com frequência nos apercebemos da trivialidade das nossas afirmações, e da dificuldade de encontrar as fórmulas claras e inteligentes que desde a nossa juventude perseguimos. Estamos presos no discurso e, por vezes, atolados nos seus mais banais lugares-comuns - o que é custoso de aceitar depois de tanto esforço, de tão longa caminhada! Mas, se não nos tivéssemos tentado dirigir aos outros - neste caso, aos não arqueólogos - para ousar explicar o que procuramos, e qual o sentido do nosso trabalho, talvez nunca nos tivéssemos con-

(*) Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

frontado com essa radical fragilidade. Confrontação útil, tanto no plano humano (permite-nos superar alguma arrogância que traduz sempre uma certa doença da auto-confiança) como no plano científico (cuja própria base é a auto-crítica permanente, e a tentativa de objectificar o mundo, tentando apartá-lo das crenças enraizadas no sujeito observador).

Agradeço ao director desta revista a disponibilidade e generosidade com que acolheu um conjunto de reflexões esparsas, algumas das quais abordei com mais desenvolvimento noutros lados, mas que ainda sonho poder um dia concatenar (pelo menos em parte!) em obra proporcional (no desenvolvimento factual e argumentativo) à vastidão das questões que me atrevo a formular.

1. Responsabilidade e dificuldades do historiador

O desafio maior que enfrenta um historiador é o de não se deixar enredar nas teias do evolucionismo, ideologia oriunda da filosofia das Luzes, e tão dominante no mundo académico (com vários matizes) desde o século passado.

Ser historiador sem ser evolucionista significa escrever uma história plural; uma história observada de múltiplos pontos de vista, de acordo com os valores das várias civilizações e culturas. Uma história que não seja "a história universal do caminho para a hegemónica civilização branca, ocidental, cristã".

Significa, em suma, ser também antropólogo, multiplicar os ângulos de visão - o que é extremamente difícil, não nos iludamos. E se isso é válido para quem trata da história recente (dos últimos milénios, ou séculos, conforme os casos), ainda é talvez mais importante para quem se debruça sobre períodos longínquos (os chamados preconceituosamente "pré-historiadores"), onde nos defrontamos com o absolutamente outro, mesmo que esse absolutamente outro se situe sob os nossos pés sob a forma de vestígios arqueológicos do nosso território.

Temos de nos libertar do velho modelo das três "revoluções", que teriam afectado o Ocidente europeu: antes da revolução industrial, ter-se-ia verificado a revolução urbana e, antes desta, a agrícola-pastoril (neolítica). Ambas estas duas últimas teriam tido o seu embrião no Próximo Oriente, e ter-se-iam espalhado para a Europa segundo modelos que ainda hoje se discutem (sobretudo no caso do Neolítico).

Após uma época difusionista, em que todas as "invenções" se atribuíam a centros criadores (modelo histórico-cultural, normativo, próprio da primeira metade do séc. XX), sucedeu-se uma fase em que se procurou explicar as grandes mutações através de fenómenos endógenos, cujo "motor" era, por assim dizer, intrínseco ao próprio funcionamento dos sistemas sociais.

Estes iam criando, com o tempo, disfunções (ou tensões, mesmo conflitos) que os levariam a "evoluir" para novos estádios. Tais "disfunções" poderiam resultar de desafios do meio; ou de outras variáveis independentes inerentes à sociedade, como a tendência para o aumento demográfico

uma vez conseguida a sedentarização; ou de contradições internas (tão ao gosto dos marxistas) entre as "forças produtivas" e as "relações sociais de produção"; ou de vários desses factores combinados, simultanea ou sucessivamente.

Encontrar as "leis", ou pelo menos as "regularidades", subjacentes a estas transformações foi a ambição de muitos; enquanto que outros, mais descritivos, ou particularistas, sempre foram partidários de que a história é vocacionalmente uma narrativa, uma ordenação lógica entre o antes e o depois, sem tratar de encontrar princípios explicativos rígidos que, ou são banais, ou pura e simplesmente são reducionistas da riqueza do real acontecido.

E estes últimos não se preocuparam com a crítica dos seus oponentes ao perigo que os espreita: o de confundirem descrição com explicação, antecedentes temporais com factores causais.

Seja como for, a história, resultando de um esforço de objectividade, é sempre um esforço de alguém, comprometido com um tempo e um lugar - a história é também sempre um produto histórico. Mas é nesta polifonia, nesta multivocalidade, que ela encontra todo o seu interesse. A humanidade da história está simultaneamente no seu esforço para a objectividade e o consenso, e no seu esfarrapamento constante pelo tempo, pelo jogo dos interesses, pela circunstancialidade dos juízos - pelo dissenso.

2. História humana, objectificação da natureza e sua socialização

Podemos ser tentados a encarar a história humana, na sua totalidade, como uma sucessão de etapas de "separação" das comunidades de seres da nossa espécie em relação àquilo que hoje chamamos a "natureza". Trata-se de uma perspectiva eivada de certo evolucionismo - ideologia oitocentista de que somos "filhos", por mais que dela nos queiramos emancipar...

Aquele processo seria simultaneamente técnico, económico-social, mas também (e sobretudo) ideológico.

De facto, o "Homo sapiens sapiens" ("homem moderno") existe há pelo menos 100.000 anos, mas é nos últimos 40.000 que notamos uma primeira "explosão" criativa que o leva, senão às "primeiras" formas de "arte", pelo menos à sua proliferação por vários pontos do planeta, com particular incidência na Europa. É esta, pelo menos, a visão pontualista dos que se opõem ao gradualismo da evolução cultural.

Fixar uma imagem na pedra, ao ar livre ou em espaços subterrâneos, é produzir um signo, objectivar uma intenção de sentido codificado, que pode depois ter, ao longo do tempo, uma multiplicidade de leituras.

Estamos então perante sociedades que não fixam só imagens: provavelmente são também capazes de conservar alimentos, que podem depois consumir de forma diferida.

Imersas ainda na "natureza", que provavelmente humanizam, socializam, povoando-a de senti-

dos, estabelecem em relação a ela uma primeira ruptura, ao monumentalizarem espaços através da aposição de símbolos. Transformam-na num sistema mnemónico. É isso que nos ensina, por ex., o vale do Côa, do Paleolítico superior.

Mais tarde, a partir de há uns 9 ou 8.000 anos, e até às primeiras sociedades "estatais" ou proto-estatais (c. de 3.000 anos a. C.; na Europa ocidental, c. de 1.000 a. C.) as comunidades "domesticam" a natureza, colonizam-na intensamente, deixando marcas importantes no espaço - é a proliferação da arquitectura perdurável.

Túmulos, dispositivos habitacionais, recintos mais ou menos monumentais, povoam o espaço, constituindo pólos de humanização da paisagem e definindo núcleos de identidade territorial. Uma "separação" mais radical em relação à "natureza" opera-se: esta é agora um objecto que se manipula, que se transforma, construindo-se cenários de acção que fixam uma memória diferente e ajudam à criação de mapas mentais de um novo tipo.

São sociedades ainda da oralidade, em que todo o saber é sobretudo um "saber fazer", um não dito, que passa de geração em geração. O saber é algo de óbvio, que toda a gente domina, e em que a gestualidade, o raciocínio e a expressão verbal estão imbricados.

Dos primeiros espaços naturais monumentalizados dos caçadores, aos territórios densamente antropizados dos agricultores e pastores, onde os "monumentos" são construídos de raiz e se sobrepõem aos acidentes topográficos ("jogando com eles"), vai um mundo de diferenças.

Mas uma terceira e mais radical "separação" dá-se com as sociedades estatais, estratificadas, onde se cria uma "cultura de corte" e onde a escrita serve para fixar um saber técnico-esotérico que é instrumento de dominação das elites sobre a grande maioria iletrada.

O actual mundo globalizado, em que o planeta é visto "de fora" (no olhar dos astronautas, incorporado por cada um de nós), em que a "natureza" deixou de ser uma envolvente para ser um objecto (pretensamente) manipulável, seria assim apenas a última etapa de um longo processo.

O que se seguirá? A modelização da nossa inteligência numa máquina? Eis a grande incógnita, pois só no tempo longo as cesuras profundas da história humana ganham evidência. Ou, pelo menos, julgamos poder perspectivá-las com alguma distância.

3. Conjuguar a arqueologia no plural

A arqueologia é um saber/actividade que tem interpretações muito diferentes, desde a versão popular - que a associa à aventura da descoberta -, até à mais erudita, que a apresenta como uma prática de grande responsabilidade, porque pode destruir os seus elementos de análise à medida que procede ao respectivo estudo - "intervir" num sítio é alterá-lo irremediavelmente. Na verdade, nós não descobrimos sítios arqueológicos - nós, na prática, com as nossas observações e restauros, construímos esses sítios.

Para uns, "minimalistas", a arqueologia só existe quando se fazem escavações, quando se exuma, do solo ou da água, algum objecto ou estrutura do passado que estava previamente escondido(a).

Arqueologia, nesta visão, é essencialmente o estudo de restos, ruínas, vestígios. Que se destinam, antes do mais, a completar a "outra" história, a que se faz com documentos escritos. Quer esse "completar" seja no sentido do tempo (abarcando épocas anteriores à escrita, ou pré-história), no sentido do espaço (integrar na "história universal" povos ou culturas recentes, mas sem escrita), ou, ainda, no sentido descendente das sociedades como realidades complexas, verticais, competindo à arqueologia desvelar os pequenos gestos quotidianos, as técnicas, ou seja, o "povo miúdo" e o pulsar da vida local a ele associado, inserindo-os de algum modo na "história".

Alguns só conseguem dar valor aos "dados arqueológicos" na medida em que os julgam poder relacionar com "factos históricos" ou feitos colectivos relevantes. O anacronismo ou absurdo a que tal atitude pode levar são evidentes - para esses autores, só é interessante, só vale a pena documentar, aquilo que se prende, directa ou indirectamente, com a acção de um povo ou de um agente "conhecido" na história (um estrato com carvões é atribuído a um incêndio provocado por uma determinada campanha militar, por ex.). Toda a arqueologia moderna se construiu contra esta visão profundamente conservadora.

Outros, interpretam tais "dados arqueológicos" como indícios de uma realidade social estável (estática?) plasmada em "culturas" (a denominada "cultura castreja", por ex.), tendendo a pensar que formas idênticas correspondem em regra às mesmas funções e até aos mesmos sentidos. O simplismo, ou reducionismo de tal atitude, chegam a ser comoventes, de tanta inocência teórica que testemunham.

Outros, ainda, só atribuem importância aos "vestígios" arqueológicos quando estes têm valor estético, ou são particularmente raros ou antigos (esta é uma versão que também vem na linha dos "antiquários" e dos "historiadores de arte" tradicionais).

Finalmente, para muitos outros - a que os minimalistas chamarão "maximalistas" - a arqueologia abarca, hoje, um campo muito mais vasto do que no passado (séc. XIX, 1ª metade do séc. XX).

É, não só uma forma alternativa de história, como uma herança peculiar no modo de ver o mundo. E portanto o seu objecto é todo esse mundo, material, e prenhe de significações, que nos rodeia: a paisagem, o território, desde a escala local à global - o que vai entroncar necessariamente com valores ambientais e outras envolventes.

E essa herança (a "disciplina" e ramo de actividade que a arqueologia constitui) é, em si, também um importante património, vivo, e portanto em transformação semântica constante. Em vez de ter fronteiras rígidas, a arqueologia derrama-se e espalha-se em mancha de óleo e entronca com o alastramento simétrico de outros campos de saber - a que disputa a atenção do "público".

4. Importância do debate teórico em arqueologia

No início do seu célebre manual de Arqueologia (1ª ed. ingl., 1991), Renfrew e Bahn mostram

como o desenvolvimento da disciplina resulta inextricavelmente da articulação de métodos, descobertas produzidas pelo trabalho de campo, e ideias (ou teorias). E explicitam: "A história da arqueologia é, assim, em primeiro lugar, uma história de ideias, de teorias, de modos de encarar o passado."

A articulação íntima entre estes aspectos torna óbvio que qualquer dado arqueológico nunca existe de per si, em bruto (como quereria um empirista), mas é o produto de uma expectativa, de um conhecimento prévio, de um conjunto de formas de ver e de descrever a realidade e, portanto, já está impregnado de "teoria".

Teoria, aqui, não significa "teoria de grande amplitude" (como, por ex., em biologia, a teoria da selecção natural das espécies), mas, tão só, algo que não é dado pela observação em si. Implica uma teoria sobre o que é teoria, e sobre o que é ver: ver não é re-conhecer e registar; ver é uma atitude activa que projecta automaticamente o observador na realidade observada. Não há nenhum "olhar" anterior à "interpretação" que esse olhar, se é inteligente, implica - ou então seria o olhar omnisciente de Deus, o que está fora do campo da ciência.

Só vemos o que estamos preparados para ver; ou seja, o que vemos, vemo-lo necessariamente dentro de uma certa óptica, de uma certa perspectiva. E portanto, por definição, a realidade não é algo de estático, de que eu me vou aproximando paulatinamente (como quereriam os positivistas, que com frequência são aliados dos empiristas), por acumulação de observações ou recolha de dados.

A realidade "recua" à minha frente no sentido de que é um horizonte dinâmico que se perfila diante dos meus olhos e se furta ao meu abraço - como uma miragem, se quiserem. Eu quero ter uma visão de conjunto, coerente se possível, mas há sempre alguma anomalia que destoa, que incomoda, que não se ajusta - e ainda bem, porque é essa mola que constitui o impulso para eu continuar a procurar.

Dito isto, será esta uma posição relativista total? Longe disso. Precisamente porque a realidade não é estática, e porque o pensamento é também dinâmico, eles são duas entidades dialógicas.

E cada um dos seus momentos está posicionado historicamente, segundo o tempo, o lugar, a perspectiva do observador. Cada época - cada contexto epistemológico - produz a sua realidade, em íntima conexão com a ordem social e com a cosmovisão que as técnicas de produção em geral lhe permitem.

Há uma mundividência criada pela época do moinho de vento, da máquina a vapor, ou do computador pessoal - que são claramente diferentes umas das outras (sem que com tal se pressuponha a determinação directa de umas pelas outras), em articulação com as "relações de produção" de cada período. Essas mundividências são produtos históricos como outros quaisquer - não há nada que escape ao universo da história (mesmo o saber científico mais aparentemente objectivo e securizante) a não ser, mais uma vez, um Deus trans-histórico que não faz sentido em ciência.

Mas isso não significa que não haja uma certa cumulatividade do conhecimento científico; por ex, não quer dizer que eu, de certo modo, não veja "mais" do que um antecessor meu do séc. XIX.

Disponho hoje de uma experiência acumulada que herdei; de técnicas e de métodos que os pioneiros do conhecimento não tinham; e, mesmo ao nível da experiência estética, por ex., eu posso hoje usufruir de séculos de música, a que manifestamente as pessoas do início do séc. XX, entre outras, não acediam.

Se olharmos para a frente, somos confrontados com o profundo nevoeiro da nossa ignorância; somos como crianças querendo decifrar o mundo - e isso é uma forma de energia criativa, de alegria e de felicidade.

Porém, se olharmos para trás, verificamos a extensão do caminho percorrido.

5. Os grandes paradigmas explicativos em arqueologia

As grandes etapas epistemológicas de evolução da arqueologia - entendida como uma vontade de construir uma história da humanidade a partir de objectos materiais, promovidos à categoria de "documentos" - não são, como seria de esperar, uma sucessão aleatória de paradigmas ou de "grandes" teorias.

Exprimem, de forma indirecta, situações geo-estratégicas muito concretas, em que certos quadros mentais, que presidiram à procura e à explicação dos "fenómenos", se relacionam com fases de relacionamento da "cultura ocidental" (a criadora da "ideologia" e da prática arqueológicas) com as restantes, no quadro mundial.

Fases que decorrem do séc. XIX - em que verdadeiramente a arqueologia se institui como ciência - até hoje.

Muito esquematicamente, do meu ponto de vista, dá-se o seguinte. O primeiro desses paradigmas é o evolucionismo. Consiste na assunção de que a humanidade passa por uma série de estádios, que vão desde o primitivo, ao selvagem, e ao civilizado. Vem na tradição dos filósofos das Luzes, e afirma-se no séc. passado. Corresponde historicamente à expansão da civilização ocidental, à fase de contactos, conquistas e primeiro domínio de povos espalhados pelo mundo. Radica numa ideologia optimista sobre a capacidade de cada povo, autonomamente, percorrer aquela trajectória (naturalmente, com a "ajuda" da nossa civilização).

O segundo paradigma, histórico-cultural, descritivista, preocupado com as cronologias e as evoluções regionais, considera que as invenções se dão apenas em certos centros, difundindo-se para as periferias. Corresponde à primeira metade do nosso século, ao colonialismo, e à racionalização da exploração ocidental sobre as outras.

O processualismo, que surge nos anos sessenta, é coetâneo do neo-colonialismo, e de uma forma mais subtil de hegemonia do "Ocidente". Cada povo conhece o seu desenvolvimento próprio, endógeno, em relação com o meio, embora todos se integrem num processo neo-evolucionista que, em última análise, legitima a caminhada para uma convergência cultural subordinada a certas regularidades (para não dizer "leis").

Por fim, o contextualismo é a ideologia da civilização global, da extensão do capitalismo (na sua fase "financeira") a todo o mundo. Cada zona, cada época, cada manifestação cultural têm os seus valores próprios, historicamente determinados, contingentes. Os estudos económico-sociais são importantes, mas o que conta sobretudo é explicar o "registo arqueológico" em termos simbólicos. A "cultura material" não é passiva, simples reflexo de outros fenómenos, mas construtora activa de identidades e de diferenças. Só que, como os "sentidos" particulares dessas identidades são extremamente difíceis de determinar a partir de materialidades (no limite, obviamente impossíveis, sobretudo para épocas remotas), a arqueologia contextual (ou pós-processual), pelo menos nas suas formas iniciais, acaba por recorrer a explicações extremamente abrangentes, de tipo ideológico-simbólico. O seu pluralismo de abordagem é a outra face do seu globalismo, totalizante, de resolução interpretativa. Todos têm direito à sua especificidade, porque essa especificidade se encontra completamente subsumida dentro do sistema mundial; já não é, por isso, "problema". Pode assim corresponder a um neo-liberalismo explicativo, pós-moderno; pode apresentar facetas eventualmente interessantes, pluralistas, nos que também pode ter resultados relativistas e preocupantes.

No entanto, os melhores autores (Renfrew para o processualismo, Hodder e Tilley para o pós-processualismo, por ex.) descolam-se facilmente das etiquetas de época ou postura "filosófica". Um autor é sempre mais multifacetado do que o seu "programa" - e é nisso, nessa "desobediência" ao que os outros dizem que ele é, que ele se torna interessante.

6. Ciclos da história da arqueologia

Quando olhamos para a história da arqueologia, não como uma sucessão de descobertas, mas como uma sequência de paradigmas, de formas de pensar o "passado", notamos uma hipótese de ciclicidade interessante.

Existe como que um movimento alternado, de ciclo e contra-ciclo, entre a tendência para as grandes explicações abrangentes, e a disposição oposta, para a descrença nelas e para a volta à "particularidade" dos "dados". Explico-me.

Nas perspectivas evolucionistas - que vinham dos filósofos iluministas - a ideia era traçar um quadro geral, lógico, da evolução da humanidade. Elas dominaram a segunda metade do séc. XIX.

Na visão histórico-cultural, que é hegemónica na primeira metade do nosso séc., descrê-se dessa panorâmica. O que é importante é desenvolver trabalho de campo, descrever os dados, tentar reconstituir a partir deles factos históricos, mostrar a diversidade da experiência humana. Tão obcecada estava esta perspectiva com esse esforço de se "voltar para o real", que acabou, em muitos casos, num mero descritivismo particularista, num exagero de sentido oposto ao do evolucionismo. Explicava a emergência de muitos fenómenos culturais por um mecanismo de difusão, e era, como já afirmei, o pano de fundo ideológico do colonialismo.

A reacção contrária viria nos anos 60, com a "nova arqueologia" americana, conhecida como processualismo na Europa ocidental. Exigiu um novo fôlego explicativo, valorizando as hipóteses e procurando contrastá-las com os dados (método dedutivo), recorrendo à teoria dos sistemas, à articulação das sociedades com o meio, ao tratamento quantitativo da informação, aos conhecimentos da antropologia neo-evolucionista, ao comparativismo entre processos muito afastados no tempo e no espaço; almejou encontrar uma espécie de "leis" da história da humanidade. Tendeu a valorizar muito os processos endógenos (evolução local), em relação aos exógenos (difusão a partir de centros "criadores"). Era o reflexo teórico da era pós-colonial (ou neo-colonial) do Ocidente. Uma ideologia que pressupunha a capacidade local das sociedades "evolurem" de forma independente - um cumprimento implícito às "elites libertadas" após a descolonização.

As contestações que se fizeram sentir a partir dos 70 até hoje, conhecidas como "pós-processuais" ou "interpretativas" (e dispersas numa grande diversidade de pontos de vista), representam um novo ciclo de reacção a essa visão demasiado abrangente. Por isso, são dificilmente sistematizáveis - uma vez que um dos seus pressupostos é a liberdade de afirmação individual, na medida em que a forma de expressão do autor, a sua voz, irrompe por debaixo da crosta lacada da "ciência".

As "explicações" processuais só esclareciam o evidente, ficando por compreender a complexidade e contingência do acontecer histórico, ou seja, o mais importante. Era preciso voltar à informação existente, sim, mas encará-la, não como reflexo de tendências gerais, regularidades trans-regionais e trans-temporais, mas de experiências particulares, produto de comunidades de seres auto-reflexivos, onde o papel do simbólico tem uma larga importância, e mascara, sob a igualdade das formas, a diversidade dos comportamentos e dos sentidos (ou vice-versa).

Se levada às suas últimas consequências, esta postura implica um forte ceticismo em relação à capacidade da arqueologia, sobretudo pré-histórica, poder aceder a qualquer conclusão minimamente fiável. Inquietando os espíritos mais desejosos de estabilidade, conforta os que se alimentam (com ou sem nostalgia) da contingencialidade intrínseca a toda a acção e pensamento humanos. Se a realidade é assim, circunstancial e frágil, de que vale lutar contra a maré, perseguindo mitos, teologias ou teologias da razão?...

Os arqueólogos ficaram, pois, com duas "batatas quentes" (passe a vulgaridade da expressão) na mão - como deduzir "sentidos" de simples materialidades com que em geral a arqueologia lida, por um lado, e como atingir o particular (e, em última análise, o individual) a partir de uma informação que, em regra, corresponde a um espectro ínfimo da experiência humana, uma vez que só uma parte muito pequena desta se "fossiliza", directa ou indirectamente?

7. Razão de ser da arqueologia - sua autonomia e sua porosidade

Tenho sempre tentado impedir a "aspiração" da arqueologia por outros domínios da ciência, dando-lhe consistência, recentrando-a, e mostrando-a depois como um saber irradiante.

Trata-se, se se quiser, de um projecto de política cultural, de afirmação de um campo de saber e de actividade, nos antípodas do sensacionalismo das "descobertas" à Indiana Jones. Esta ideologia, comum no "grande público", é o nosso maior adversário, pois nos cantona numa actividade facilmente ridicularizável.

Divulgar precocemente "descobertas", fazendo depender delas mudanças estruturais na nossa apreensão do passado, é o pior serviço que se pode prestar a uma arqueologia séria, como prática científica e cultural. É ceder ao mais primário empirismo, ao mais banal positivismo. Mas, hoje, poucos (excepto os muito tímidos) resistem ao fascínio do convívio fácil (isto é, sensacionalista) com os "media", ou das vantagens que advêm de posições de destaque social. Há arqueólogos que, para o serem, se transformaram em verdadeiros empresários, gestores, ou administradores, abdicando, acto contínuo, de serem arqueólogos. Vão atrás da óbvia miragem: já que o sistema (desordenado, centralizado, arcaico e pobre) não pode integrar muitos projectos interessantes, então que integre pelo menos o seu, que é interessante com certeza. Mas, quem os critica pode passar, aos olhares do público ou dos colegas, por frustrado ou despeitado por não usufruir de condições semelhantes, continuando uma vida inteira a "gerir" uma situação de amadorismo. E, assim, por receio de parecer despeitado, quem não tem condições para trabalhar continua a trabalhar à mesma, num sacrifício constante, evitando parecer o que, de facto, é.

Quando as grandes "conquistas" da arqueologia se impõem, elas tendem a ser rapidamente reivindicadas por outros saberes concorrentes (era nesse sentido que acima dizia que correm o risco de ser "aspiradas" por tais saberes - lei-se, claro, poderes). Alguns exemplos. A origem e evolução do "homem" é hegemonizada pela paleontologia, pela genética humana, pela geologia do Quaternário. As primeiras formas de "arte" são tratadas como "arte rupestre", isto é, como um campo pseudo-autónomo, universal, que é espreitado pelo apetite da história das religiões e dos mitos (campo propício a interpretações fantasiosas e anacrónicas), das ciências cognitivas, etc. Quando um elemento arqueológico (cidade romana, por ex.) adquire feição monumental, tende a ser "colonizado" pelas pessoas do património arquitectónico, pelos especialistas da história antiga, pelos que tratam do "restauro" (há algum restaurador de campo em Pré-história, em Portugal?). Quando se aborda a "arqueologia industrial", intervêm pessoas que muitas vezes são mais historiadores da tecnologia, ou da indústria, do que propriamente arqueólogos. Quando se vai para as datações absolutas, como o radiocarbono (que obviamente são apenas um instrumento, não um fim em si), fica-se por vezes na dependência dos físicos, e doutros especialistas das ciências "duras". Quando se recorre à paleobotânica, ou à arqueozoologia, logo algumas pessoas das ciências naturais imaginam poder hegemonizar o nosso campo, traçando a "acção humana" num quadro natural tão fascinante quanto, as mais das vezes, redutor e simplista. Há até certos colegas que os ajudam nesta tarefa.

De modo que, para alguns, a arqueologia reduzir-se-ia a uma actividade técnica, que, finalmente, estaria ao serviço da História. Daí a figura do "prático de campo", que tanto escava um sítio pré-histórico como um medieval, no afã dos ditos "salvamentos" ou "emergências", metáfora moderna

da destruição maciça de uma boa parte dos testemunhos do passado.

É a esta arqueologia subordinada ou tecnocratizada - aceite, explícita ou tacitamente, por muitos - que sempre me opus.

Foi esta noção secundarizada da arqueologia, correlativa de uma assustadora falta de meios para a maior parte das pessoas/equipas que pretendem fazer pesquisa no nosso país, que ideologicamente sustentou a criação do actual modelo de Instituto Português de Arqueologia.

Uma nova administração dos bens arqueológicos passa também por uma reflexão profunda, que os arqueólogos não podem transferir para ninguém. Para entretanto se poderem realmente abrir à colaboração interdisciplinar, entre pares, e à sua inserção profunda no pulsar colectivo.

Mas a montagem de tal administração, esfumado que foi o efémero poder mediático ganho pela arqueologia com o "caso Côa", vai implicar longas décadas de desenvolvimento cultural colectivo. Porque isto aprendemos: enquanto os poderes políticos não perceberem nada de arqueologia, ou só perceberem superficialmente que ela rende prestígio, qualquer conquista é frouxa e de curto prazo.

O problema é que os recursos arqueológicos são bens finitos. E enquanto esperamos que as consciências se desenvolvam, para perceberem o que estão a perder, as máquinas escavadoras, nas cidades e nos campos, não param no seu afã de revolver até ao sabugo o solo e o sub-solo. De modo que, quando a consciência patrimonial for atingida, um dia mais tarde - lamentando não ter criado a tempo o instituto público que se impunha, com as suas divisões regionais operacionais - já grande parte daqueles recursos estarão perdidos. Nessa altura, ninguém poderá dizer que não houve quem, a tempo, os tenha tentado avisar.

8. Fragilidade da concepção de "cultura" no seu sentido arqueológico"

Certos arqueólogos utilizam com muita frequência a palavra "cultura(s)" para caracterizar a(s) entidade(s) com que (já a um certo nível de interpretação e de síntese) mais frequentemente trabalham. Tais arqueólogos visam reconstituir a duração, extensão e modo de "funcionamento" dessas entidades passadas, as tais "culturas".

Isso seria particularmente pertinente para a Pré-história, em que se não dispõe de "povos" ou de agentes individuais como "actores" do devir: então, para Gordon Childe e autores afins, as "culturas" tomariam aí o lugar que as sociedades desempenham em épocas mais recentes da história.

Mas também a Proto-história (basicamente, a Idade do Ferro, no 1º milénio a. C.), onde por vezes já se dispõe de algumas fontes escritas (ou se pretende projectar num momento anterior - Idade do Ferro - nomes ou características de povos que aparecem citados em fontes ulteriores, por ex. romanas), é um período em que as referidas culturas costumam desempenhar um papel importante no discurso tradicional da arqueologia. Quem não ouviu já falar da "cultura castreja", por ex., como um dado adquirido da Proto-história e época romana do Noroeste de Portugal?...

Segundo a definição clássica, própria da "escola histórico-cultural" da primeira metade do nosso século, uma cultura arqueológica seria constituída por um conjunto de itens (artefactos "típicos") recorrentes, que apareceriam, portanto, de forma associada numa dada região, durante determinado período de tempo.

A ambiguidade destes conjuntos, é que facilmente deslizam da sua natureza basicamente material, estática, arqueográfica (produto de uma classificação) para um outro plano, totalmente diferente, em que adquirem estatuto dinâmico de entidades sociais, "étnicas" mesmo, possuidoras de um conjunto de normas ou regras de conduta que se reflectiriam em padronizações da "cultura material". Assim, despercebidamente, passaríamos de um nível descritivo para um nível interpretativo, sem crítica. Basta ver a ambiguidade da palavra "etnia" e das suas utilizações...

Num trabalho que publicou em 1992 (rev. "Conimbriga") sobre "a evolução da cultura castreja", o Prof. Jorge de Alarcão, da Univ. de Coimbra, parece, à partida, acreditar nessa "cultura", tipificada nos castros e outros itens associados do NW, a qual teria percorrido cerca de 1500 anos de história, entre o Bronze Final (desde o séc. X a. C.) e o séc. V da nossa era.

Mas, no fim, inteligentemente, desconstrói tal unicidade, ao questionar: "Poderemos falar de uma cultura castreja de tão longa duração? Será mais correcto falar apenas de uma forma de habitat que permanece apesar das transformações económicas e socio-culturais?" Pertinente pergunta, sobretudo quando sabemos que mesmo tal forma de habitat, o mítico "castro" que unificaria a não menos mítica "cultura", corresponde, na prática, a uma situação extremamente diversificada, quando observada de perto. Ou seja, trata-se de um conceito que mascara a nossa ignorância e a real complexidade do assunto em causa - e portanto não é mobilizador, mas amortecedor. Por que é que não há um só "castro" proto-histórico/romano que tenha, em Portugal, uma monografia exaustiva e convincente?!... Aliás, isso tem muito a ver com as condições de produção do saber arqueológico entre nós, basicamente de matriz amadorística. Com felizes excepções, todo aquele que produz algo de mais consistente (por ex., tese de doutoramento) normalmente parece exaurir-se nesse trabalho, esgotado pelo esforço inumano a que foi obrigado...

Mas, a falta de debate (sobre as questões essenciais) e o frequente conservadorismo dos conceitos também não ajudam.

9. Arqueologia da paisagem

Fala-se muito, hoje em dia, de algo que todos consideramos fundamental, mas que geralmente não podemos praticar em Portugal, por não haver um "projecto" de arqueologia para o país, abrangente e partilhado, mas tão só projectos desgarrados uns dos outros, mais ou menos bem dotados e bem sucedidos. Refiro-me à arqueologia da paisagem.

Que significa isso? Significa que os arqueólogos, em princípio, se deveriam ter deixado de

preocupar, fundamentalmente, com descobertas ou estudos isolados, sejam eles de "peças" ou de "sítios", para olharem à sua volta, e perceberem que o "grande artefacto" que os rodeia é todo o território. É claro que a grande maioria deles até já percebeu isso, mas não tem é meios para pôr em prática essa perspectiva; as grandes obras em meio urbano (Lisboa, Porto, etc.) ou rural (Alqueva, por ex.), que exigem esses meios, são "arqueologia de emergência", a qual, por definição, não corresponde ao que estamos a pensar quando falamos de uma arqueologia da paisagem devidamente programada.

A específica maneira de olhar o chão, por parte de um arqueólogo, é que ele, quando caminha, "pisa" todo o passado humano. O território é um palimpsesto, o resultado de uma acumulação milenar de acções e experiências; o solo está prenhe de significações, visíveis ou invisíveis, sobre o nosso passado, ou seja, sobre a nossa própria identidade. Revolvê-lo, sobretudo "até ao sabugo", isto é, até à própria rocha-mãe, como se faz quando se abre um parque de estacionamento subterrâneo, é queimar umas páginas da "biblioteca" da nossa história. Quem não tem consciência disto, nem da falta de infra-estruturas a montante para permitir a "leitura" atempada dessas "páginas", antes que se construa o tal "parque" (de que todos supostamente necessitamos, claro, embora já fosse tempo de planear uma sociedade pós-automóvel individual) chama àquilo que não compreende "fundamentalismo".

De forma que, quem sabe disto e se preocupa, tem de arcar com dois escolhos: a falta de meios e a completa inconsciência (ou indiferença, motivada pela presença de grandes interesses em jogo) dos outros...

Só que em arqueologia, como noutros valores patrimoniais, paga-se caro o chegar tarde. É que os recursos arqueológicos não se reproduzem como cobaias de laboratório: são, como já disse antes, bens finitos, o que permite afirmar com segurança que, em Portugal, por durante décadas não se terem constituído estruturas de registo, de prevenção e de planeamento próprias da modernidade, se perderam já parcelas muito significativas da "memória" do nosso território.

Apesar disto que acabo de afirmar não incomodar, em absolutamente nada, parte significativa das elites culturais e dirigentes do país, que continuam a "construir território" como se fizessem obras de "land-art" num deserto, é minha obrigação, como profissional de arqueologia, e como universitário, lembrá-lo. Há parcelas do território português que estão definitivamente amnésicas.

Os próprios arqueólogos podem ser coniventes com esta situação, quando se contentam com a autorização (e em raros casos afortunados, com umas magras verbas) que lhes é concedida para intervir "no seu sítio".

Fazem dele uma espécie de "ilha mental", onde - é certo - já é bem custoso trabalhar com os meios de que dispõem, e "deixam correr" o resto, à espera de melhores tempos. Demitem-se do papel cívico que lhes compete.

Desistem da "arqueologia da paisagem", para fazer a arqueologia que antigamente se fazia noutros países (porque, no nosso, ainda muito está por realizar, mesmo a esse nível de uma análise

de sítio exaustiva!). Os seus próprios trabalhos, graficamente, traduzem essa ausência: passa-se do mapa de grande escala, à planta do sítio, que nos aparece assim como uma realidade abstracta, desprovida do enquadramento territorial que lhe daria sentido. Esses colegas transformaram-se, "malgré eux", numa espécie de Robinsons Crusóes; e o signatário é um deles! E os outros, os não arqueólogos, dizem que eles estão felizes... confundindo conformismo, resignação, com verdadeira realização e satisfação intelectual e profissional.

10. Lewis Binford

Alguns "arqueólogos" do séc. XX conseguiram ser mais do que isso: simples arqueólogos. Saltaram para fora das fronteiras da sua disciplina, deixando um rasto importante no mundo da ciência e da cultura: entre muitos outros, Gordon Childe (australiano, mas com toda a sua carreira na Grã-Bretanha), A. Leroi-Gourhan (francês), Colin Renfrew (inglês) e, com certeza, o americano Lewis Binford, que tive a honra de conhecer em 1990 num inesquecível Colóquio da Universidade do Algarve, em Lagos (de cuja publicação, lamentavelmente, continuamos à espera).

Binford escreveu em 1962 um artigo (na revista "American Antiquity") que simbolicamente marcou uma ruptura com a arqueologia descritiva e empirista do passado; intitulava-se "A arqueologia entendida como antropologia". Passados 30 anos, em Dezembro de 1992, num grande anfiteatro, à cunha, da Univ. de Southampton, lá estava eu, de câmara video em punho, preparado para gravar o que foi uma sessão memorável de comemoração dessa data histórica, com um debate animado por C. Renfrew, I. Hodder, J. Barrett, C. Tilley, e, claro, o próprio Binford... qualquer dos autores que acabei de citar é absolutamente imprescindível para perceber a arqueologia pré-histórica contemporânea, e devia estar traduzido em Portugal, onde a população (refiro-me àquela minoria que lê) desconhece de forma abissal o debate de ideias nesta disciplina! Mas podia também referir o americano K. Flannery, o inglês Richard Bradley, e a lista seria interminável...

Pouco importa que o movimento que Binford iniciou tenha ficado conhecido como "Nova Arqueologia" (na verdade, uma expressão pejorativa inventada por Braidwood e outros); o que interessa mesmo é lê-lo. E, neste caso, como excepção que confirma a regra, até há à disposição, em português, o livro "Em Busca do Passado" (editado em 83 nos EU). E lendo-o, sem a preocupação de rotulá-lo (como sempre acontece), aprende-se muito mais do que um conjunto de fórmulas, que é como normalmente se caracteriza o seu pensamento e o do "grupo de Chicago" que ele liderou.

Grupo que, de facto, iniciou uma revolução em arqueologia, pondo em causa as convenções em que ela se baseava, num particularismo descritivista e num cepticismo explicativo (modalidade de positivismo conhecida como corrente "histórico-cultural", que dominou toda a primeira metade do séc.) que em muito reduziam o seu impacte científico e cultural.

Encontrava-me eu no Congresso de 98 da Associação dos Arqueólogos Europeus, em

Gotemburgo, quando vejo por em inesperadamente à venda uma pequena preciosidade: um livrinho (que, como tantos outros, deveria ser traduzido em português!) contendo uma entrevista de Paula Sabloff (antropóloga política) a Binford, feita em 1982 no Departamento de Antropologia da Univ. do Novo México (Albuquerque) onde o autor longamente trabalhou, e até então inédita. Chama-se "Conversas com Lewis Binford. O esboço da Nova Arqueologia" (University of Oklahoma Press).

A certo ponto (p.42), a entrevistadora pergunta: "Continua a afirmar que não é possível atingir qualquer conhecimento seguro a partir dos testemunhos arqueológicos?", e o autor responde: "Exacto. Nenhuma ciência jamais tem tais certezas (...) sempre que aprendemos algo novo, isso influi, de algum modo, em tudo o que julgávamos que sabíamos antes. Por isso, o nosso trabalho é uma busca incessante." A busca - isto é, a viagem - é, em todos os autores (e não será em todos nós?) sempre muito mais interessante do que a resposta - a chegada. Esta é apenas a sensação momentânea de termos entrado no conforto da nossa casa. Um conforto que é essencial para recuperar forças, mas que, se se prolongasse, seria extremamente enfadonho.

Binford é um dos meus autores inspiradores - no conteúdo do que escreveu e na sua atitude -, um desbravador de caminhos.

11. Museus e arqueologia

O museu de arqueologia - local, regional, ou nacional - constitui um elemento instrumental muito importante: é um dos principais "interfaces" da arqueologia com o seu público, uma das múltiplas formas de construir o discurso arqueológico, tal como poderão ser as publicações escritas, ou os trabalhos noutros suportes (video, CD-ROM, computação gráfica, etc).

Ora, sendo capital transmitir, ao maior número de pessoas possível, o que é a arqueologia, e quais os seus resultados, os museus, como unidades educativas, abertas à cultura e ao lazer de todos, têm de estar no primeiro plano das nossas preocupações. Estamos aqui perante um problema interdisciplinar, em que museólogos e arqueólogos têm mesmo de colaborar activamente entre si - mas sempre não esquecendo que se "o meio de transmissão não só *cria*, mas é a mensagem", os conteúdos científicos da arqueologia têm uma palavra decisiva a dizer.

A museologia é uma esfera de saber e de experiência especializados, que exige vastas competências técnicas, e que dispõe, em Portugal, de numerosos e excelentes cultores. Têm-se realizado exposições temporárias de grande qualidade nos últimos anos, como por ex., no Museu Nacional de Arqueologia, sobre a Idade do Bronze, a Época Romana, o Mundo Islâmico, etc., em Portugal.

O que não obsta a que se imponha, nesse museu - para mais, instalado no carismático edifício dos Jerónimos, um ex-libris do país, visitado por tantos turistas - a criação de uma galeria de exposição permanente sobre o nosso passado.

Discute-se muito o papel do museu na "modernidade tardia"; se deve preponderar a vertente

didáctica, informativa, se a vertente lúdica, espectacular, aberta ao entretenimento do público. Mas, querendo fazer dos museus sítios atraentes, e até rentáveis, certos museógrafos têm talvez exagerado na tendência para a estetização das peças, apresentadas como obras de arte, sem contexto histórico nem apelo à capacidade de enquadramento por parte dos visitantes. De tanto querer atrair, o museu transforma-se num lugar de lazer e de compra de presentes que lembra uma enorme loja; e, entretanto, os centros comerciais também se visitam (mesmo para não comprar nada) como grandes cenários do entretenimento de massas, a que não falta até, de vez em quando, uma ou outra montagem sobre arqueologia (como a que esteve patente há anos sobre a hominização, no Porto), ou outros aspectos "culturais".

Aquela opção "pós-moderna" sobre museus ou exposições, pode dar resultados a curto prazo (inclusivamente de bilheteira), mas é insusceptível de construir um discurso crítico sobre o nosso "passado". Encanta (ou encandeia?), mas não faz pensar, seduz (ou ofusca?) mas não educa, diverte (quando diverte, pois muitas vezes cansa) mas não provoca a pergunta pertinente, não suscita vocações, interesses futuros de pesquisa.

E por vezes mistifica - são apresentadas peças bonitas, até lindíssimas, de forma completamente desenquadrada de qualquer contexto. Fica-se a desconhecer para que serviam, como eram feitas (a importância da técnica, do gesto humano!!), quem as fazia. As pessoas estão ausentes destes cenários concebidos, por vezes, por arquitectos e "designers" com extremo gosto, mas desconhecendo tudo do que estão a expor. E mistifica ainda a outro nível (perigo que espreita todo o acto de divulgação): é que apresenta como certeza insofismável aquilo que é apenas uma interpretação possível entre muitas. O museu, ou a grande exposição, tem um efeito retórico de poder: monumentaliza um certo conhecimento, a ponto de ele se tornar praticamente canónico. Este é um risco terrível - o de "educar" massas intermináveis de pessoas - que, valha a verdade, fazem fila para verem exposições de arqueologia - para a passividade.

Ou seja, o museu pós-moderno não deixa espaço para a imaginação de cada um se poder exercer sobre contextos (e não peças excepcionais), contextos esses rigorosamente posicionados segundo a metodologia resultante da investigação arqueológica, ou mesmo até etno-arqueológica. Mas, com equipas interdisciplinares competentes, será sempre possível e desejável conjugar o entretenimento com o estímulo ao esforço da compreensão. O primeiro não se opõe ao segundo; deve, antes, servi-lo da melhor forma. Aí é que está o desafio do museu. Um desafio muito difícil, raramente respondido de forma eficiente.

A implementação de uma rede nacional de museus modernos (de arqueologia e de muitos outros temas, sejam elas de arte ou ciência), como conjunto de equipamentos voltados para a criação e para a fruição de todos, é hoje um dos imperativos da democratização científico-cultural. Mas a filosofia que estiver por detrás de tais museus, e das actividades que promovam, é demasiado importante para ser deixada, apenas, aos técnicos de museologia - com todo o respeito por essa actividade.

12. A arqueologia que Abril abriu

Celebrou-se em 1999 os 25 anos do 25 de Abril de 1974. Quer dizer que há já toda uma geração que não viveu durante o longo regime autocrático anterior, e a quem é difícil compreender os traumas que ele provocou à minha geração, e o empobrecimento do país (a todos os níveis) a que tal regime conduziu.

Com a revolução, verificou-se o regresso da democracia política ao nosso país, o fim do nosso isolamento internacional, e da guerra colonial absurda que devastou psicologicamente (quando não fisicamente) boa parte da minha geração. As suas consequências sociais e culturais foram imensas, e também se têm vindo a repercutir no âmbito do património, e da arqueologia em particular.

As populações readquiriram o poder de se manifestar, de se “desenvolver”, de reivindicar os seus direitos. E, entre eles, o de velarem pelos seus recursos identitários, locais, regionais e nacionais. Tem-se verificado, como seria de esperar, todo um vasto movimento de reequacionamento do papel do país na Europa e no mundo. E, nele, a construção de uma nova história, a elaboração de uma nova memória, são fulcrais. Mas num sentido plural, e já não único, oficial, autoritário...

Entretanto, em toda a parte se assiste à integração dos estados-nação em unidades mais vastas (no nosso caso, a União Europeia), que necessariamente implicam a partilha dos poderes a diferentes escalas, desde a local, à regional (deficitária, no nosso país), à nacional e à trans-nacional (com o tendencial esbatimento das fronteiras rígidas tradicionais. É um mundo que começa a acabar.

A partir de 1974, as universidades públicas reformularam os seus “currícula”. Toda uma série de novos docentes de arqueologia, apetrechados metodologicamente, entraram nos respectivos corpos docentes. Foi criada a variante de Arqueologia do curso de História, depois vários mestrados de Arqueologia, e agora, também, a primeira licenciatura profissionalizante do ramo (a funcionar a partir de 1999/2000 na FLUP). Também as universidades privadas permitiram a abertura de diversos postos de trabalho.

O desenvolvimento social e económico (acessibilidades, infra-estruturas, grandes obras públicas, novas técnicas de trabalho do solo) acarretaria também preocupações ambientais (estudos de impacto, etc.), a necessidade de um ordenamento do território (para já, muito confuso!), e a introdução de preocupações de planeamento que, embora ainda muito discutíveis, vieram impor novas atitudes.

Surgiram por toda a parte "associações de defesa do património". Ocupadas de início com aspectos essenciais como o saneamento básico, ou os equipamentos, as câmaras municipais começam agora a voltar-se para o que pode dar, a cada terra, o seu cunho próprio, melhorando ao mesmo tempo a qualidade de vida; assiste-se assim à contratação de arqueólogos para os respectivos quadros.

A circunstância de o país não poder desenvolver-se segundo lógicas unilaterais, vindas do passado, mas na ponderação de diferentes tipos de valores, tornou-se patente em 1994-95 com o caso de Foz Côa, que provou a irracionalidade e os custos económicos de uma subalternização dos impactes culturais (e sociais) do crescimento.

Por isso, a "vitória" do salvamento das gravuras (paleolíticas e outras) do vale do Côa, e a relevância social (demasiado mediática, e menos interiorizada do que seria para desejar) que merecidamente os arqueólogos então adquiriram, salvando um património da humanidade, constituiu um verdadeiro "25 de Abril" da Arqueologia portuguesa. Para bem e para mal, esta nunca mais foi a mesma.

Não se tratou, ao contrário do que escreveu recentemente uma socióloga com as responsabilidades de Maria Filomena Mónica, de uma "cedência" do governo ao "lobby" arqueológico ("lobby" que infelizmente não existe, pois bem precisávamos dele!) mas sim de uma opção sufragada por uma maioria dos portugueses, e internacionalmente aplaudida como um acto de civilização. É evidente que ocorreu num determinado contexto histórico-político, como tudo neste mundo; e que antes dele não foi possível, como talvez uns meses mais tarde também já o não fosse...

13. Situação da arqueologia portuguesa- alguns tópicos

Apesar de notórios progressos dos últimos anos, a arqueologia portuguesa é ainda um mundo muito pequeno, fechado, lutando com carências estruturais graves. Se explodiu como mercado de trabalho nos últimos anos - devido às muitas obras públicas e à generalização da "arqueologia de emergência", que devia ser a excepção, e não a regra - não teve ainda o acompanhamento por parte do conjunto da sociedade e das instâncias públicas que manifestamente exige.

Apresentemos alguns tópicos sintomáticos.

Em Portugal, no momento em que escrevo, há apenas seis professores catedráticos (topo da carreira universitária, e portanto máxima responsabilidade na área respectiva) de História que são arqueólogos: os Profs. Jorge de Alarcão, e José d' Encarnação, em Coimbra, eu próprio no Porto, o Prof. Victor Gonçalves, em Lisboa, a Prof.^a Teresa Gamito, no Algarve, e a Prof.^a Manuela Martins, em Braga. Destes, a Pré-história conta com dois (Porto e Lisboa), a Proto-história com um (Algarve), e a época romana com três (Coimbra e Braga).

De todos, sem dúvida, o Prof. Jorge de Alarcão é o de maior notoriedade, quer pela sua obra, quer por uma questão de antiguidade, o que lhe não retira um grande dinamismo, sobretudo afirmando nos últimos anos em trabalhos de síntese ou de carácter teórico.

A Arqueologia romana tem sido, também, a área mais tradicionalmente respeitada, quanto mais não seja pelas escavações e museu de Conimbriga, e sua relação matricial com a Universidade de Coimbra, onde pela primeira vez em Portugal se começou a ensinar arqueologia em bases científicas, nos anos sessenta.

Mas a Pré-história ganhou estatuto, e sobretudo grande visibilidade, com as gravuras rupestres do vale do Côa, e sua promoção a património mundial - são o único complexo monumental português, especificamente arqueológico, classificado como tal pela UNESCO, em finais de 1998.

Entretanto, outros aspectos e áreas da Arqueologia têm vindo a ganhar terreno.

A arqueologia urbana, de que Braga é uma pioneira (devido aos muitos trabalhos que o próprio crescimento urbano exigiu, e mau a imensidade do que foi entretanto destruído), mas onde há já muito trabalho feito em Lisboa, Porto, etc.

A arqueologia da paisagem (estudo de áreas inteiras, e não de "estações" ou sítios isolados, que deixam, por si próprios, de ser unidades de informação significativas) que, a nível de investigação, é mais um desejo do que uma concretização, como se disse.

E, ainda, a arqueologia medieval, que hoje atrai muitos jovens; a arqueologia subaquática; a arte rupestre e seus contextos, etc., etc.

A emergência de pólos de estudo no interior do país é um fenómeno bem significativo de uma maior abrangência do território, bastando citar os exemplos paradigmáticos de Mértola ou da própria região de Foz Côa. Os Estudos de Impacte Ambiental e a arqueologia de emergência criaram um "mercado" que, de momento, ocupa muita gente. Não há arqueólogos, nem auxiliares de arqueologia, para as actuais necessidades... mas, quanto tempo irá durar este "boom" ?

De entre os nossos museus de Arqueologia avulta o Museu Nacional, nos Jerónimos, em Lisboa, que nos últimos anos tem realizado um conjunto de exposições temáticas, ou monográficas, muito importantes.

O Museu de Conimbriga é uma referência incontornável, já por ser um complemento das ruínas, já pelos serviços que o seu laboratório tem prestado a todo o país, etc. O Museu Regional D. Diogo de Sousa, em Braga, desempenhará, decerto, progressivamente, um papel cada vez mais importante. E há pouco tempo foi inaugurado, em Sintra, o Museu de S. Miguel de Odrinhas, que encerra valiosa coleção epigráfica, e que, como centro de pesquisa, poderá vir a ombrear com Conimbriga, se tiver apoios condignos. Mas por toda a parte proliferam outros museus, alguns dos quais de grande qualidade, como o de Silves, e/ou de grande actividade científica e de divulgação, como o de Setúbal.

Esperemos que o Museu do Côa vá para a frente, implantado ou não no próprio sítio previsto para a antiga barragem, como símbolo da nova força, social e económica, da cultura, no desenvolvimento regional. Mas é preciso que seja um projecto realista, bem dimensionado, e concretizável num espaço de tempo aceitável! E o Parque Arqueológico do Vale do Côa tem urgentemente de ganhar nova dinâmica, oferecendo uma muito maior gama de tipos de visita e usufruto.

Tradicionalmente, a nível do ensino superior, a Arqueologia tem sido ensinada em Portugal nas três grandes universidades de Coimbra, Lisboa (Univ. Clássica e Univ. Nova) e Porto.

Mas, nos últimos anos, não só se verificou um "alastramento" para outros pólos, como por ex. os de Braga, Évora ou Faro, como esse ensino (em contextos e combinatórias diversas) está também presente no Politécnico (Instituto Superior Politécnico, de Tomar, por ex.), e em diversas "privadas".

Ainda me recordo do tempo em que muitos duvidavam do interesse dos mestrados, por considerarem que não havia "mercado de trabalho" para os diplomados por esses cursos (argumento de certo imobilismo, felizmente superado). Hoje sabe-se que, não só os mestrados, mas os doutora-

mentos, têm toda a acuidade, e uma crescente procura (serão um dos futuros "eixos" das universidades). Aliás, depois do mestrado do Porto desde 1989-90, vão proliferando um pouco por todo o país.

As licenciaturas, hoje curtas (4 anos, em regra, no ramo científico), quase correspondem ao "bacharelato" do meu tempo; e as pós-graduações actuais (mestrados ou não), às licenciaturas de então, que até exigiam uma "tese" final.

Também muita gente foi céptica, durante anos, sobre a pertinência de uma licenciatura de Arqueologia (libertada da tradicional tutela disciplinar da História, existindo como mera "variante" desta, e supostamente destinada, na sua grande maioria, a formar professores do ensino secundário, "mercado" em crescente diminuição). Agora não há licenciado - iria mesmo dizer, não há estudante - que não arranje emprego em arqueologia, mesmo que sob a forma de tarefa (mas não será essa a modalidade de emprego - goste-se ou não - que o tipo de sociedade em que vivemos tem, cada vez mais, para dar?).

É certo que, para já, só a Faculdade de Letras do Porto concede esta licenciatura, que está no seu começo - mas iremos ver que, em breve, acontecerá como nos mestrados: outras seguirão na mesma esteira.

A arqueologia, é preciso dizê-lo, insere-se bem nas licenciaturas "de banda larga" que hoje as instâncias nacionais e internacionais aconselham. Como é óbvio, vai um mundo de diferenças, em termos de tipos de problemas, de mentalidades, de formações culturais e científicas, e de relações interdisciplinares, da Arqueologia paleolítica à Arqueologia industrial, por ex. A arqueologia, como a engenharia ou a medicina, desenvolveu um enorme leque de especialidades.

Entretanto, o estatuto social do arqueólogo aumentará na medida da sua inserção numa sociedade em acelerada mudança, pós-industrial, onde o capital cultural tem cada vez maior valor, e onde o ordenamento do território não pode dispensar este tipo de tecnologia.

A arqueologia tem todo o interesse em "descolar" da imagem popular do Indiana Jones (aventuras, descobertas, etc.), ou do sábio (universitário ou de museu) fechado no seu mundo, para criar a do técnico sereno, no seu estaleiro de trabalho, consagrado a uma rotina de pesquisa e de intervenção, em colaboração com outros "produtores de património" - os que conjugam o passado no futuro. Mas sem nunca se deixar reduzir a uma só imagem, nem se tecnocratizar. Afinal, os docentes universitários e os conservadores de grandes museus (se é que lhes podemos chamar assim...) continuam a ter um papel de suporte fundamental, e deveriam ser muito mais valorizados socialmente. Mesmo quando actuam noutros planos (empresas, associações, etc.) é como docentes/investigadores universitários ou ligados a instituições de "algum peso" (infelizmente minoritárias em Portugal, onde não há um CNRS, como em França, por ex.) que certos indivíduos se apresentam para validar a qualidade dos projectos que propõem à sociedade.

14. Importância da nossa colaboração com a Espanha

Vários especialistas (não tanto como seria para desejar!) têm-se empenhado muito, sobretudo nos anos 90, na colaboração entre arqueólogos de Espanha e de Portugal.

Ainda bem, porque a "divisão" dos profissionais dos dois países vizinhos, que comungam de uma larga faixa fronteiriça, é uma má herança do tempo do salazarismo e do franquismo. Há pois que ultrapassá-la, num espírito de sincera colaboração e de paridade de situações.

Em vez de nós, portugueses, nos mantermos numa posição defensiva, com o receio de sermos "invadidos" em tudo (e também neste âmbito do património) pelos "espanhóis", devemos enveredar por uma opção activa, procurando mostrar o que fazemos num quadro mais vasto do que o das nossas apertadas fronteiras, e abrindo o território à participação internacional, desde que essa atitude tenha reciprocidade do outro lado. A internacionalização da arqueologia portuguesa - e de outros saberes/ práticas conexos - passa inevitavelmente pela Espanha.

Os "Congressos de Arqueologia Peninsular" (Porto, 1993, Zamora, 1996, Vila Real, 1999) têm sido, e espero que continuem a ser, o fórum ideal de encontro e de troca de ideias de todos os que trabalham sobre o território da Península, sejam eles espanhóis, portugueses, ou de outras nacionalidades.

O facto de os três primeiros congressos terem tido evidente êxito, e de o terceiro deles ter sido de novo realizado em Portugal (na UTAD, Vila Real, entre 22 e 26 de Setembro de 1999) - por vontade expressa dos colegas da comissão científica espanhola - dá ao nosso país um protagonismo significativo neste domínio da arqueologia, contrariando a tendência para a periferização que, sem iniciativas como esta, seria inevitável. Por outro lado, estes congressos são apenas "pivots" de um leque de iniciativas de colaboração, que em torno deles se podem efectuar. As dificuldades que a sua organização acarretou (incluindo a publicação das respectivas Actas) mostram bem como ainda vão a contra-corrente de muitas inércias instaladas, e de visões de curto alcance, egoístas, mas que ainda têm grande capacidade de manobra na sua acção negativa.

A internacionalização da nossa arqueologia depende da qualidade do trabalho que produzirmos, mas também da nossa capacidade de criar novas oportunidades de intercâmbio e de divulgação.

Ora, a nossa mais íntima associação com equipas espanholas é uma condição "sine qua non" de afirmação na Europa e no mundo. Não tem sentido continuar a trabalhar em isolamento. Há que acolher alunos espanhóis em trabalhos de campo e em cursos de pós-graduação, procurar promover uma "ecologia do diálogo" favorável ao aparecimento de novos valores, de onde quer que eles venham, e à ultrapassagem de situações do tipo "orgulhosamente sós" que, hoje, são simplesmente ridículas.

O ambiente concorrencial em que nos encontramos não dá margem a hesitações, nem a mais perdas de tempo. A afirmação cultural portuguesa passa também por aqui: por saber trabalhar cada vez mais em parceria com outros, "exportando" saberes e competências em projectos internacionais, por preparar pessoas de outros países, por acolher "formadores" estrangeiros, sem complexos de superioridade ou de inferioridade, descabidos no dealbar do séc. XXI.

A afirmação da "cultura portuguesa" lá fora tem de passar do nível das "embaixadas de artistas" (que terão sempre todo o seu lugar) para a realização, em qualquer ponto da Europa, de trabalhos comuns entre criadores/investigadores portugueses e outros. As delegações do Instituto Camões e

outras instituições públicas ou privadas nacionais deveriam encarar este ponto com nova dinâmica. Autores portugueses têm de aparecer em grandes coleções internacionais, coordenando obras coletivas, etc - isto é, tem de se desenvolver uma mentalidade de parceria, ultrapassando complexos do passado. Também os arqueólogos têm um contributo a dar nessa internacionalização. Hoje, o "orgulho" de sermos portugueses tem a ver com o estarmos acompanhados, e não sós. Mas, para isso, temos de nos preparar seriamente, para podermos ombrear com autores estrangeiros, como já acontece na nossa arquitectura, pintura, cinema, literatura, ou em alguns âmbitos da ciência.

15. Pensar o tempo em Pré-história

Os conceitos de tempo, e de contemporaneidade de diferentes realidades ou circunstâncias, não têm o mesmo estatuto segundo a época histórica a que nos reportamos.

À partida, o pré-historiador trabalha com unidades temporais bem maiores do que o historiador das épocas mais recentes.

É como se, para vermos o longínquo no tempo, apenas dispuséssemos ainda de uns "instrumentos ópticos" muito toscos, que não nos deixam ver o "concreto acontecido" na sua dimensão humana, vivida, quotidiana.

Quando tentamos interpretar realidades de há 6.000 anos (Neolítico), por ex., não conseguimos observar uma "foto nítida", mas uma espécie de "vultos" flutuando num grão muito grosso (como se diz em fotografia), isto é, num espaço de um século ou (frequentemente) mais, sem nos podermos aproximar da realidade das gerações, ou dos indivíduos (que, então, teriam aliás uma esperança de vida bem baixa).

De facto, nem com os métodos de datação mais sofisticados podemos ultrapassar essa indecidibilidade, que é intrínseca, por ora, à nossa própria perspectiva. A tal ponto isso é assim, que chegamos a perguntar-nos, para épocas ainda mais longínquas, como o Paleolítico antigo - em que a indecidibilidade, quanto à datação, pode chegar a dezenas, se não mesmo centenas de milhares de anos - se estamos aí num contexto de ciência humana, ou de ciência social, e não antes, e até certo ponto, numa modalidade de geologia.

Que significa dizer que dois locais habitados, próximos entre si, e com a mesma tipologia material, foram contemporâneos, se essa contemporaneidade não é a vivencial, mas a puramente convencional? Isto é, se eles pertenceram, por exemplo, ao mesmo século, mas um pode ter sido "construído" quando o outro já estava abandonado, em ruínas, ou mesmo esquecido na memória das gentes?

Falar de uma rede (e até de hierarquias) de povoamento, nessas circunstâncias, é totalmente descabido. Mas alguns pré-historiadores deixam-se facilmente deslizar da hipótese em que acreditam para a certeza, do risco da síntese para uma área cinzenta, onde espreita o perigo de uma autên-

tica desonestidade científica, que consiste em apresentar ao público, como factos, meras conjecturas, mais ou menos verosímeis. E, num país sem crítica, essas "invenções" mais ou menos bem intencionadas (até pela vontade de seduzir) passam facilmente aos olhos do leigo como certezas. Todo o cuidado é pouco!

Costumam os pré-historiadores justificar-se, dizendo que, se a escala a que analisam os fenómenos é necessariamente ampla, também, por outro lado, nessas épocas recuadas o ritmo de transformações era lento. Não é o tempo individual, nem o geracional, nem mesmo a escala do século que interessa - dois sítios podem considerar-se contemporâneos, por ex., se tenho dados para os colocar na mesma "tranche" de 500 anos...bom, mas, nesse caso, poderemos passar do nível arqueológico, ou arqueográfico, para o da interpretação sociológica do passado?

Em relação ao tempo, como em relação ao espaço, os dois vectores fundamentais da acção humana, o essencial é entendermo-nos quanto à escala que estamos a usar em determinado momento.

Posso fazer afirmações que são válidas para uma grande extensão de tempo (por exemplo, para o conjunto da nossa sub-espécie, "Homo sapiens sapiens", que existe há, pelo menos, 100.000 anos), ou para a totalidade do globo (se trato, por ex., do conjunto - algo mítico, diga-se de passagem - dos caçadores-recolectores, e da capacidade que tiveram de se adaptar às mais diferentes realidades ecológicas).

E essas conclusões de "macro-escala" podem ser mais correctas do que outras produzidas à "micro-escala" - por exemplo, que sei eu do que se passou hoje, determinado dia do ano 2000, na cidade do Porto, se não tive tempo de ouvir ou ler as notícias, nem ocasião de sair de casa?...

Quer dizer, a "actualidade" pode ser uma ilusão quanto aos seus ensinamentos - pode dizer-me menos, apesar de eu estar imerso nela, do que um passado distante. Este, eu posso encará-lo com perspectiva, com distanciamento crítico, como se diz... e é nisso precisamente que consiste a vantagem da história: a de trabalhar com séries temporais longas, a de nos permitir descolar-nos do presente vivido.

O qual, por ser vivenciado por mim, actor e observador ao mesmo tempo, se torna extremamente qualitativo e subjectivo. É pois uma ilusão pensar que, sobre épocas históricas recentes, se pode construir um conhecimento mais "seguro" do que sobre outras passadas... tudo é muito mais complexo.

Se, por qualquer efeito mágico, absurdo, pudéssemos ser projectados num momento do passado, ficaríamos como "repórteres" desenquadrados, perdidos, sem contexto nem distância para inserirmos as nossas observações e as tornarmos compreensíveis. Placados contra o "real", não teríamos condições de o cartografar espacial e temporalmente, e ele seria para nós totalmente ininteligível. Tão ininteligível como a nossa realidade para um extra-terrestre que, de repente, desembarcasse aqui.

As várias escalas de realidade, incluindo as que se situam no eixo temporal, têm a sua racionalidade própria.

A Pré-história não é menos rigorosa, nem rica, do que a história medieval ou contemporânea. Desde que cada uma estabeleça a sua grelha metodológica e conceptual ajustada.

Por isso, pela variabilidade de conceitos que se aplicam às diferentes épocas históricas, é que às vezes já descreio radicalmente de algo que durante muito tempo (anos 70, sobretudo) persegui - uma "teoria geral" (como dizia Clarke) da arqueologia.

A arqueologia é uma esfera de actividade autónoma, uma profissão, com regras próprias, metodológicas e deontológicas; mas, como conhecimento científico, tão extremamente diversificada, que talvez seja descabido procurarmos para ela uma teoria geral muito elaborada. Seria algo análogo a tentarmos elaborar uma teoria geral da medicina como saber - não será ela, antes, uma enorme nebulosa de conhecimentos e de práticas?

16. Continuidades e descontinuidades em Pré-história

Certos arqueólogos peninsulares têm-se proposto discutir a questão de como é que em Pré-história se estabelecem "continuidades" e "descontinuidades".

É claro que tal debate só pode ser elucidativo (sobretudo se "exemplificado" com regiões diferentes umas das outras) se se explicitar à partida de que tipo de continuidades ou descontinuidades se trata.

São temporais (eixo diacrónico)? São geográficas (plano espacial)? Ou são ambas ao mesmo tempo?...

Por outro lado, a que escala se situariam tais cesuras: da Europa Ocidental mediterrânica (em que a Península Ibérica se insere), das grandes áreas (ecológico-culturais?) em que tal península pode ser dividida em cada época, ou no interior de regiões ou micro-regiões bem definidas?

Por fim (e pelo menos segundo um pensamento binário, simples), sendo toda a realidade trivialmente composta por uma combinação de semelhanças e de diferenças, importaria ainda estabelecer em que âmbito (ou âmbitos) se pretende diagnosticar permanências ou mudanças: na realidade arqueológica, material (e mesmo nesta, a que nível, ou escala)? No plano das interações com o meio ambiente? Na estrutura das comunidades e nas relações sociais? Nas representações, isto é, no domínio das ideias e dos símbolos, uma esfera em que normalmente só uma "arqueologia interpretativa" aposta fortemente? Etc...

O empreendimento não parece fácil; ou, melhor dizendo, é desdobrável em tantos planos, que corre o risco de dispersão; ou então, opostamente, tende a dar lugar às tradicionais exposições sobre as "sequências cronológico-culturais regionais" que são o "prato forte" da literatura arqueológica, com toda a sua componente descritiva. Frequentemente, colegas há que generalizam a partir de casos isolados, tomando possibilidades como certezas confirmadas, e iniciando toda uma genealogia de confusões (outros tomam essas conclusões como seguras!), que depois, assim, se propagam em tentativas de "síntese", que chegam a conter propostas verdadeiramente absurdas.

Dou, brevemente, um exemplo de carácter muito amplo: uma das realidades mais discutidas em Pré-história é onde e quando se deve estabelecer a principal divisão entre uma "fase antiga" (em que "nós" éramos "outros", mais simples, vivendo em sociedades de pequena escala, primitivos, selvagens, pré-modernos, etc., como queiram) e uma "fase recente" (em que criámos as condições do "progresso", a arte, a linguagem complexa, o instrumental diversificado, a conservação de bens alimentares e outros, a agricultura e domesticação, a vivência em aldeias e depois em cidades, o domínio do meio, a hierarquização do poder que levaria ao Estado, etc., etc).

Esta dicotomia é fulcral a um registo de legitimação da própria sociedade em que vivemos. Para uns, tal "corte" processou-se há 40 mil anos ("revolução do Paleolítico Superior"); para outros, há c. de 10.000 ("revolução neolítica", no Próximo Oriente). Para outros, ainda, nunca teria havido "cortes", mas antes um gradualismo, aliás de modo algum confinado ao mundo euro-asiático, ocidental, mas muito diversificado consoante as zonas do globo.

Por detrás da pré-história, e das suas interpretações, perfila-se sempre uma postura filosófica e política, que por vezes se recusa a assumir-se como tal, para melhor se impor como absoluta e insofismável aos olhos de todos, sob a roupagem pseudo-asséptica da "ciência".

17. Mapas mentais dos nossos antepassados pré-históricos

Nenhuma pessoa (ou grupo), parece poder sobreviver sem um "mapa mental", um conjunto de marcas de referência no espaço que orientem a sua acção no tempo, isto é, que lhe permitam funcionar como um "ser (ou um conjunto de seres, no caso de comunidades pequenas e coesas) de projecto".

Ter um projecto é básico para a nossa felicidade e realização plena ("fulfilment"). Por isso, a primeira coisa que um regime autoritário faz é procurar desprover as pessoas dessas referências, promovendo um processo amnésico e anti-identitário, enclausurando os seres em espaços mentais (quando não físicos) monótonos, vigiados (quando não cercados) e onde o exercício da imaginação aborta ou tende para o delírio. Digamos que as pessoas ficam sem controlo sobre o seu futuro, pendentes do arbítrio do poder absoluto, e sem capacidade de elaborar um trajecto de experiência no mapa da vida. Quem já se encontrou em situações de impasse criadas por uma ambiência autoritária sabe bem do que falo.

O espaço de muitos dos aborígenes australianos que ainda foi possível conhecer, tal como se manifesta nas suas pinturas (ou simples desenhos na areia, que esboçam enquanto falam), é uma espécie de mapa, ou de "fotografia aérea" da realidade (H. Morphy), como se toda a paisagem fosse um sistema de signos. Mas as escalas e os pontos de vista podem variar dentro da mesma representação, bem como vários "tempos" (momentos sucessivos de uma narrativa) podem coexistir nela. Toda a composição, mais "figurativa" ou mais "esquemática", é mitológica e conceptualmente ori-

entada, espessa de sentido, e necessariamente ambígua, sobretudo se reduzida a uma pequena quantidade de signos.

"Pintar - escreve H. Morphy sobre este contexto, em livro recente (1998) - é exercer direitos herdados e autoridade ritual, e muitas vezes implica direitos sobre a própria terra." Porque essa acção significativa é caucionada por seres ancestrais, que ensinaram aos seres humanos o sentido da pintura e lhes deram a terra em herança - pintar é afirmar essas conexões.

Uma das características das sociedades pré-históricas peninsulares que podemos ligar à prática da agricultura e domesticação (ditas "neolíticas") - ao contrário do que acontece no Próximo Oriente ou na Europa Oriental - é que não parecem estruturadas espacialmente segundo o modo de vida aldeão (pelo menos nas suas formas mais "amadurecidas", que trazem consigo o embrião da urbanidade).

O povoamento, ao longo do Neolítico, da Idade do Cobre, e mesmo de parte da Idade do Bronze (VIº a IIº milénios A. C.) parece em larga medida disperso. Apesar das estações arqueológicas, maiores ou menores, e de variada tipologia, que se conhecem.

A ser assim, os mapas mentais desta gente tinham de ser muito diferentes dos que viviam nos enormes aglomerados de barro da Europa balcânica (que originaram os autênticos "tells"), ou mesmo nas aldeias de grandes casas de madeira da Europa danubiana.

Talvez se organizassem em função de outros pontos de referência: cemitérios de mamoa, recintos com menires e/ou estelas, locais com "arte rupestre", sítios monumentais complexos, murados (tradicionalmente interpretados como "povoados fortificados", mas onde é óbvio que uma muito mais diversificada dinâmica está em jogo, como mostrou Susana O. Jorge).

18. Espaços conceptuais pré-históricos

A concepção da "natureza" (por oposição ao mundo humano, o da "cultura") parece ter mudado muito, ao longo dos tempos pré-históricos.

Elaboremos um esquema simples, mas plausível, de tal "processo", reportando-nos ao nosso território.

Refiramos três momentos de corte, ou de afastamento, da realidade humana em relação à "natureza", cada vez mais considerada como um "objecto" externo a nós, manipulável por nós, e portanto "des-socializado" (isto é, também, e de um certo modo, "laicizado").

Um caçador-recolector do Paleolítico Superior (há 25.000 ou 14.000 anos) - como os que nos deixaram tantas gravuras no Cão - devia considerar-se parte integrante do mundo natural. Ao "trabalhar" esse mundo, através do que nós designamos "arte", o autor não se concebia como criador, mas como despoletador de realidades já existentes na pedra, que ele se limitava a evidenciar. A natureza seria um mundo povoado de realidades espirituais, com a sua manifestação material nas mais diferentes criaturas, entre elas o próprio ser humano.

Afloramentos naturais (ou espaços subterrâneos como grutas) eram assim monumentalizados, não tanto por acção da imposição humana, mas por uma atitude de querer meramente completar, ou explicitar, o que a natureza já continha. Quem "riscava" a pedra (ou a pintava) era um intermediário entre o mundo quotidiano, banal, visível, e o mundo transcendente, religioso, invisível - e no entanto subjacente ao primeiro como seu suporte. Esta atitude "activa" levou dezenas de milhares de anos a surgir.

Também entre os agricultores e pastores - na verdade, os primeiros grandes depredadores do mundo natural, embora os caçadores-recolectores também actuassem sobre o meio, e o modificassem - levou milénios a cristalizar a ideologia que melhor se viria a exprimir nas mamoaas megalíticas (Neolítico médio-final - há c. de 6.000 anos).

Tratava-se de construir uma cavidade artificial, disfarçando a sua verdadeira monumentalidade pétreia no "tumulus", mas impondo-a de qualquer modo no espaço, onde era um volume bem visível. A força de trabalho necessária às tarefas agrícolas, a ideologia de "domínio" da natureza que lhe é peculiar, exprimia-se assim magnificamente na metáfora do dólmen.

Feito de "pedras" naturais, sumariamente afeiçoadas (esteios e tampas), ele impunha-se à realidade de onde provinha (natureza), mas que ainda procurava imitar num dos seus aspectos (a cavidade subterrânea). A monumentalidade da anta de corredor só se evidenciava para quem entrasse na câmara, ou para quem contemplasse o átrio de acesso em toda a sua magnificência. Mas, uma vez este tapado, a câmara obturada, tornada inacessível, a "natureza" encontrava-se reposta, e a mamoa era tão só uma colina, cuja artificialidade apenas o seu volume revelava.

Na Idade do Cobre (há cerca de uns 4.500 anos) alguns sítios proeminentes começam a aparecer cobertos por estranhas e complicadas arquitecturas de pedra. São muros, torres, bastiões, plataformas bem visíveis, que aparentemente se afastam do mundo dos mortos, para se aproximarem do mundo dos vivos. Mais do que servirem de defesas (embora nada impedisse essa utilização também) esses dispositivos marcavam fronteiras no espaço. Parece que se procurava agora "monumentalizar" todo o território, através de recintos de onde se podia ver, e ser visto. Tratava-se de um novo simbolismo, que não imitava o natural, mas se impunha mais decididamente a ele. Autores como R. Bradley, apontando sobretudo exemplos das Ilhas Britânicas, têm chamado a atenção para a polissemia e plurifuncionalidade deste tipo de demarcações do espaço. Na Pré-história portuguesa, Susana O. Jorge e algumas pessoas na sua esteira têm feito o mesmo, embora sejam ainda dominantes outras perspectivas.

19. Interpretar o Neolítico

Ao contrário do que se pensou durante muito tempo, a passagem das sociedades de caçadores-recolectores (Paleolítico e Mesolítico) às de agricultores (Neolítico) não foi um acontecimento, mas

um processo de múltiplas componentes, cada uma com a sua dinâmica própria. Isso muda por completo as formas de interpretação desta mudança.

Por outro lado, aquele processo não foi coetâneo à escala mundial, isto é, não se deu em todos os lados ao mesmo tempo; nem se deu da mesma maneira - variou nas causas, nos modos, nos ritmos, nos sectores da sociedade e do meio que afectou, etc., etc. Trata-se pois de um processo diversificado e complexo, que em muitos pontos do globo se não chegou a verificar (coexistindo sociedades vizinhas mas muito diferentes), e noutros pode ter sofrido "avanços e recuos", nada tendo de "obrigatório". Assim, se só a um nível muito genérico se pode falar de tal "passagem" como tendência global da história humana, é óbvio que a sua explicação não é simples, não se situa a uma só escala, nem é transponível de uma área para outra.

Durante muito tempo, quando o "Neolítico" era visto como um "pacote de inovações" ou mesmo de "descobertas" (a "Revolução Neolítica" de Gordon Childe, por ex.), que se pressupunham umas às outras (agricultura; domesticação de animais; sedentarização; modo de vida aldeão; utilização da cerâmica e da pedra polida, etc.) procurou-se explicá-lo por razões ecológicas e/ou tecno-económicas. A adopção desse novo modo de vida, no hemisfério norte, seria uma adaptação às condições do mundo temperado pós-glaciar, em que as pessoas deixaram de depender da grande fauna migratória e acentuaram a sua ligação a uma economia "de espectro amplo", na qual a alimentação à base de plantas se tornou cada vez mais importante, até desembocar na dominância dos cereais (hidratos de carbono) - trigo e cevada - na área asiática ocidental e europeia.

Entretanto, na Península Ibérica, J. Vicent tem protagonizado uma perspectiva sociológica, ou materialista histórica, destas "sociedades camponesas", entendendo-as caracterizadas por estratégias de armazenamento social, que permitiriam a passagem de um estágio de igualitarismo a outro de certa hierarquização, com tensões oriundas da desagregação da reciprocidade original.

Ultimamente, está em voga uma explicação em que o "Neolítico" é toda uma ideologia de subjugação, ou "domesticação" da natureza, ou seja, uma mutação global de valores, de âmbito ideológico e cultural, e não apenas uma questão económica (Bradley, Hodder, Thomas, etc).

Embora a discussão destas várias perspectivas seja estimulante, importa ter presente que tal estímulo deve reverter em projectos de pesquisa situados a diferentes escalas, e que aquilo que parece "explicar" a um nível, não é necessariamente útil a outro nível. O conhecimento não tem de encaixar todo harmonicamente, como nas bonecas russas.

20. O "síndrome do castelo medieval"

Um dos nossos "patrimónios" pessoais são frases, ideias, ou simples "àpartes", que ouvimos algures de pessoas mais experientes, nossos "mestres" (na escola ou cá fora), e que se repercutem por toda a vida na memória, como um eco e, normalmente, como um estímulo.

Eduardo Serrão (que foi o meu primeiro "mestre" em Arqueologia), o introdutor da observação estratigráfica em Portugal, costumava contar uma história acerca do "castelo" (vila medieval murada) de Sesimbra (onde fizemos escavações, em 1972), de que frequentemente me lembro. Dizia ele, com humor, que ia muitas vezes ao "castelo" (onde montou um museu), às vezes ao monte ao lado (o do "moinho da força") e, quando muito, "cuspiu" na direcção da terceira e mais pequena elevação, a do monte do Outeiro, sobranceira à estrada que dá acesso à vila balnear moderna. Isto para referir que nunca imaginou que tal colina pudesse ter algum interesse arqueológico...

Qual não foi o seu espanto quando Gustavo Marques, grande prospector, descobriu aí um povoado do Calcolítico (3º milénio A. C.), onde chegámos os três a realizar breves sondagens! Isto, porque as observações de G. Marques não "partiram" do "castelo", mas, numa lógica de observação "a pente fino" do terreno, do vale junto à estrada. Começou a subir a encosta e a encontrar materiais à superfície, tendo percebido logo que eles só poderiam estar relacionados com uma ocupação pré-histórica do pequeno cabeço.

Chamo (convencional e genericamente, claro) "síndrome do castelo medieval" à obsessão que alguns arqueólogos têm em "colar" as pretensas "fortificações" calcolíticas aos castelos medievais, dispositivos (pelo menos na sua fase mais monumental) destinados a aguentar um cerco e a defender toda uma população. Há colegas que chegam a pensar, e a escrever, que no Calcolítico (3º milénio A. C.) havia um estado de "guerra total" !

A tecnologia e a estratégia militares medievais (elas próprias tão diversificadas) não se podem transpor, sem graves anacronismos, para a Pré-história. Nesta, as populações não construíam recintos vocacionados a proteger por longo tempo um grupo de gente entrincheirada.

Os supostos "povoados pré-históricos" correspondem a uma grande variedade de soluções construtivas, que aliás foram variando com o tempo. Mas o seu objectivo era, em princípio, plurifuncional, como Susana Oliveira Jorge se tem esforçado por mostrar de forma pioneira (agora já seguida por outros investigadores).

Assim como os grandes túmulos megalíticos dos fins do Neolítico (segunda metade do Vº, primeira metade do IVº mil. A.C.) serviam sobretudo "para os vivos", assim também os seus sucessores monumentais, os "povoados fortificados" do Calcolítico e dos inícios da Idade do Bronze, eram acima de tudo símbolos de uma comunidade. Localizados em sítios proeminentes, de onde se via um território, eram postos de observação, locais de encontro, espaços de actividade (produtiva, doméstica, "religiosa") e marcadores de territórios, para serem vistos e "re-conhecidos" de longe.

Sem querer reabilitar a teoria do "bom selvagem", é evidente que o "homem económico" e o "homem militar" são invenções da "civilização". O conflito sempre existiu, mas... a questão da sua escala é essencial!

21. Uma Pré-história da monumentalidade no Norte de Portugal

No Norte de Portugal, podemos começar a identificar várias hipotéticas "etapas" de monumen-

talização do território durante a Pré-história, embora tendo sempre em conta o risco de cairmos num simplista evolucionismo linear.

No Paleolítico Superior, desde há uns 25.000 ou 30.000 anos, estamos perante sociedades "de bando", relativamente fluidas (laços sociais lossos), e pouco numerosas, isto é, com uma densidade demográfica relativamente baixa. Podiam ter, em certos casos, uma organização logística que admitia acampamentos de base relativamente estáveis (sedentarização mais ou menos prolongada) e outros secundários, sazonais, relacionados com a exploração (caça/recolocção) de certos nichos por fracções dos grupos.

Identificavam-se com a natureza, no sentido de que se conceptualizavam como parte integrante dela, e organizavam a sua cosmologia em narrativas que, graficamente, se exprimiam em torno de um conjunto de sinais e de espécies animais, como o auroque, o cavalo, a cabra ou o veado. É isso que vemos no Côa, cujas superfícies rochosas verticais foram espectacularmente monumentalizadas por painéis complexos deste tipo.

No Neolítico Médio/Final, isto é, na segunda metade do Vº, e na primeira metade do IVº milénio A.C., estamos já perante sociedades linhageiras, que valorizam muito os laços de parentesco, ligadas à ideia de antepassado e a uma outra concepção do tempo, e que monumentalizam o espaço através de arquitecturas funerárias, as mamoaas. Juntam a agricultura e a pastorícia a outras actividades, mas não têm um comportamento aldeão perfeitamente estruturado, bem ao contrário das sociedades da Europa oriental.

Podem também exprimir a sua apropriação do espaço através de grafismos (pinturas ou gravuras) em sítios visíveis ou escondidos (ou num jogo dos dois, como já acontecia no Paleolítico). O traço mais característico é a ideia de um tempo ancestral e uma intervenção mais activa no espaço, onde se criam recintos ou cavidades artificialmente ("monumentos megalíticos"). Toda a comunidade é mobilizada, mas por uma minoria.

Um terceiro momento decisivo são as convencionais "Idades" do Cobre e do Bronze Antigo/Médio (do IIIº aos meados do IIº mil. A. C.). Nelas é evidente um processo de "monumentalização do quotidiano", isto é, em o que se visibiliza, aquilo em que se investe esforço arquitectónico, é em sítios com muros, plataformas, bastiões, torres, estruturas aparentemente "domésticas", produtivas ou de armazenamento, que são cabeças simbólicas de territórios. O processo de hierarquização parece acentuar-se.

Um quarto passo seria dado pelo que se convencionou chamar as "Idades" do Bronze Final e do Ferro (finais do IIº, Iº milénio A. C., até à presença romana). A construção de importantes povoados em sítios muito proeminentes, e a dispersão da arte rupestre (com representações guerreiras, por ex.) na paisagem, testemunham a existência de novas formas de apropriação dos territórios ("chefados").

Naturalmente, os conceitos de "bando", "tribo" e "chefado" são colhidos da antropologia neo-evolucionista e são em larga medida redutores, mais do que convencionais. Apenas em termos

muito genéricos, aproximativos, e como hipótese de trabalho, podem ser temporariamente aceites, enquanto as pesquisas não permitirem "ver" a realidade num grão mais fino.

22. O fenómeno "Côa" - a "perda da inocência" da arqueologia portuguesa e um novo estatuto para a nossa Pré-História

Quem é que teve mais relevo, pelo papel decisivo que exerceu, no processo que nos fez ganhar o Côa para o património português e da humanidade? Seguirei, até onde possível, a sequência cronológica dos factos, não os referindo por ordem de importância, mas procurando ser justo e isento.

Diversos membros da comunidade arqueológica portuguesa e internacional, bem conhecidos, fizeram todo um trabalho em prol do estudo e da preservação das gravuras, e da consequente criação do Parque Arqueológico, ao longo dos finais de 1994 e de 1995, demonstrando a antiguidade e raridade das mesmas gravuras, e a sua unidade com a paisagem em que estavam inseridas.

Alguns políticos proeminentes deram a sua ajuda.

Elementos da comunidade local mostraram-se activos (descobrimo mesmo muitos painéis insculturados), com relevo para a Escola Secundária de V. N. de Foz Côa, que mobilizou os estudantes e lançou o slogan "as gravuras não sabem nadar".

Numerosos jornalistas portugueses e internacionais acorreram à zona, e colocaram-se ao lado da causa do património, desmistificando, sem o dizerem, a ideia de um jornalismo "objectivo" e asséptico.

Movimentos de cidadãos em Portugal e em todo o mundo (EUA, Itália, etc.) ajudaram decisivamente a internacionalizar a questão, que transbordou a esfera científica e as fronteiras portuguesas, para se transformar num vasto movimento informal à escala mundial. O signatário, por ex., recebeu de vários países da Europa cartas de cidadãos anónimos, de crianças, etc., que constituem estimulantes testemunhos.

O presidente Mário Soares, ao visitar o local em 1995 e pedir o abrandamento das obras, teve uma acção muito importante.

A Universidade do Porto publicou um boletim sobre o assunto e manifestou-se, em Senado, pela opção patrimonial.

O congresso internacional de arte rupestre de Turim, em 1995, foi muito influente em Portugal, pois permitiu que se espelhasse, na nossa comunicação social (que enviou a Itália vários repórteres) o apoio da comunidade científica internacional.

O governo saído das eleições de 1 de Outubro de 1995 tomou a histórica decisão de parar com as obras e de iniciar o processo de estudo, avaliação e classificação do complexo arqueológico. O Ministério da Cultura então criado teve, desde finais de 1995, com os suas equipas ou organismos (Com. Instal. do IPA, IPPAR, e depois IPA) a responsabilidade de levar a bom termo esse processo.

Entretanto, no terreno, vários colegas ergueram, desde 1995, o primeiro "corpus" oficial de dados científicos sobre as gravuras paleolíticas e seu contexto, sem cuja paciente elaboração, e ulterior publicação (verão de 1997) não haveria base factual para a tomada definitiva de decisão.

Classificados os núcleos de gravuras como monumentos nacionais, e depois, em finais de 1998, como Património da Humanidade (pelo UNESCO), e inaugurado simbolicamente, em 1996, o Parque Arqueológico do Vale do Côa, pareciam estar reunidas condições para uma nova era da arqueologia portuguesa, e o primeiro exemplo de desenvolvimento de toda uma região do país tendo como eixo um património arqueológico único.

Desde logo - e isso são dados adquiridos - a Pré-história ganhava, em Portugal, uma relevância que até então não tinha; e a arqueologia em geral apercebia-se de como era importante sair da sua "torre de marfim" (ou da sua acanhada posição tradicional de timidez, como se tivesse interiorizado uma inferioridade inultrapassável) para se inserir plenamente na sociedade e cumprir o seu papel.

Nem tudo, porém, correu da melhor maneira, apesar dos bons augúrios e dos muitos esforços realizados - tanto na fixação de uma estrutura sólida e descentralizada para a administração da arqueologia nacional, como na plena radicação da importância do Parque na região e no país.

O que é que falhou? É importante fazer um balanço, sereno e sobretudo não fulanizado, do assunto, para rapidamente se corrigirem os erros e se aprofundarem os aspectos positivos, no sentido de se obter um pleno êxito e um "happy end" para tão controverso, difícil, e por vezes cansativo processo. Não se trata de heroicizar umas pessoas, e de martirizar outras; fundamentalmente, nunca se tratou disso desde o princípio. Os arqueólogos, apesar das suas diferenças e dos acidentes de percurso, cumpriram o papel que lhes cabia no esclarecimento público sobre um património que não se podia perder ou destruir. E, só por isso, devem sentir-se satisfeitos e orgulhosos pela missão cumprida.

23. A Serra da Aboboreira

O projecto do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira (Baião-Amarante-Marco de Canaveses), em curso desde 1978, é dos que melhor caracteriza, simultaneamente, as potencialidades e as debilidades da arqueologia portuguesa.

Concentremo-nos por ora sobre vários dos seus aspectos positivos. Trata-se de um projecto integrado de investigação, que desde o início procurou enquadrar os estudos arqueológicos nos de outras disciplinas; na realidade, não se visou estudar apenas sítios antigos, mas o seu envolvimento paisagístico, histórico, antropológico, social.

Tem sido um trabalho de equipa; e não apenas de arqueólogos "confirmados", mas também de pessoas que pela primeira vez ali dirigiram escavações, e hoje se encontram a actuar como profissionais em todo o país.

Funcionou sempre como uma "escola" para estudantes nacionais e estrangeiros de várias universidades, o que o não impediu de se abrir aos mais jovens, sendo para eles uma área de aplicação útil de tempos livres. Interessou-se não apenas pelo estudo, mas também pela sinalização, protecção e valorização dos monumentos (aspectos em que há ainda muito para fazer), com preocupações claramente patrimoniais, articulando-se com o levantamento da carta arqueológica dos concelhos envolvidos.

Trabalhou sempre em relação com as autarquias (muito principalmente com a de Baião, apesar dos limitados recursos desta), e abriu-se à população através de inúmeras sessões explicativas, e da publicação de folhetos e notícias.

Contribuíu, pela presença de milhares de jovens, sobretudo na sede do concelho de Baião, para a dinamização cultural e desenvolvimento deste concelho, constituindo-se, apesar dos fracos recursos de que sempre dispôs, como um pólo de divulgação dos valores da região. Forneceu alguns sólidos argumentos para a classificação da Serra da Aboboreira como zona de paisagem protegida; trata-se de transformar uma zona pobre, erma, exposta à degradação (até pelos cíclicos incêndios) numa área de lazer e de cultura.

Em suma, o projecto do C.A.S.A. comprovou à exaustão que é possível ultrapassar o tradicional individualismo e dispersão das investigações, concentrar esforços e diferentes vontades numa área homogénea, e desenvolver um trabalho sustentado que, pela sua própria persistência, potencia pequenos recursos existentes, servindo de exemplo para outras áreas.

Aliás, Conímbriga, Sines, Braga, Mértola, o Freixo (Marco de Canaveses), Foz Côa, etc., são outros tantos casos em que a arqueologia se tem procurado conjugar com o "desenvolvimento"; mas esse "diálogo" tem tido dificuldades, está ainda nos seus começos (e por isso, muito atrasado em Portugal em relação a outros países europeus), e tem de ser aprofundado.

A Aboboreira e restante área envolvida pelo projecto (planalto, fronteiro, do Castelo, a sul do rio Ovil, afluente do Douro) revelou testemunhos que vão desde um Neolítico antigo até à época medieval. Os seus contributos mais importantes foram sem dúvida no domínio do megalitismo e no do Bronze Final.

A necrópole megalítica da Aboboreira, estudada exaustivamente, mostrou a diacronia e o polimorfismo de um conjunto monumental deste género, até agora único em Portugal. Os monumentos mais antigos são dólmenes pequenos, sem corredor, da segunda metade do V^o milénio a. C.; este tipo de monumentos pode ter continuado a ser erigido em épocas posteriores, contemporaneamente aos sepulcros de maior porte. Já na primeira metade do IV^o milénio a. C. a inovação consistiu na construção de monumentos tendencialmente maiores, incluindo dois dólmenes de corredor (um na Aboboreira propriamente dita - Chã de Parada - e outro na "serra" ou planalto fronteiro, em Chã de Arcas). Em momento campaniforme (cerâmica e objectos em cobre), foi erigida a cista megalítica de Chã de Carvalhal, com uma mamoa de tipo tradicional (em terra e com revestimento em forma de couraça pétrea); e, em pleno Bronze antigo (1^a metade do II^o milénio a.C.) foram inclui-

dos, nas proximidades dos antigos núcleos neolíticos, novos monumentos, de tipo “cairn” (isto é, com um montículo de pedras), como, por exemplo, Outeiro de Gregos 1 e Meninas do Crasto 4.

Este espaço sepulcral e religioso parece ser desafectado a partir dos meados do IIº milénio a. C., altura em que as sepulturas do Tapado da Caldeira, nas proximidades do grande povoado da Bouça do Frade, mostram uma concepção inteiramente nova: são covas abertas no saibro, aparentemente sem “tumulus”, e parecendo corresponder a enterramentos individuais.

24. Castro Laboreiro e o megalitismo

O planalto de Castro Laboreiro, com c. de 50 km² de área, situa-se na freguesia do mesmo nome, no concelho de Melgaço, e faz parte da Serra da Peneda. É uma área “encaixada” no território galego, belíssima, erma de ruídos e de outros elementos poluidores, procurada por veraneantes que gostam de andar a pé pela montanha, e onde ainda se pode ouvir o silêncio.

O conjunto de túmulos pré-históricos - ditos “megalíticos”, porque muitos deles contêm dólmenes, construídos com grandes lajes - , com cerca de 6 mil anos, que aí se encontra, é o mais setentrional do nosso país, e um dos que situa a cotas mais elevadas. É também um dos mais importantes do Norte de Portugal e da vizinha Galiza, por onde continua.

Em primeiro lugar, é significativo pelo número de mamoas registadas: 75 certas (mas são certamente mais), das quais umas 65 se encontrarão em território português. Depois, pela diversidade de estruturas (isto é, câmaras funerárias) que elas comportam. Ainda, pela variedade das suas localizações topográficas na superfície do planalto, que torna a necrópole ideal para o estudo da relação dos monumentos com o espaço em que se implantam.

Ainda, pela relativa boa preservação dos monumentos e da paisagem envolvente, circunstância que infelizmente começa a ser rara em qualquer zona do país. Ora, no estudo de uma necrópole deste género é fulcral poder-se analisar relacionadamente os pequenos, os médios, e os grandes monumentos, em articulação com um quadro topográfico relativamente preservado - pois essa visão de conjunto é uma das chaves para a compreensão da diacronia e da própria significação do conjunto monumental. Estudar um só monumento, mesmo que revele abundante “espólio”, isolado, pouco significa - a nossa unidade não é a estrutura “solta”, mas o conjunto em que ela faria todo o sentido... por isso se tem progredido pouco em várias áreas megalíticas do país. Falta-nos a perspectiva de conjunto sobre uma necrópole inteira (para do caso da Aboboreira, a que acima se aludiu).

Foi por isso que, na sequência de outros trabalhos, aí foi desenvolvido um projecto de investigação entre 1992 e 1994, que originou um livro (publicado pela SPAE em 1997), consagrado a quatro mamoas intervencionadas no Alto da Portela do Pau, perto da célebre (e enorme) Mota Grande, na fronteira com a Galiza: mamoas 1, 2, 3 e 6.

As mamoas 3 e 6 são muito pequenas, baixas, e não eram propriamente megalíticas. Continham apenas um anel lítico central, que deveria rodear a zona funerária.

A mamoa 1 continha uma estrutura muito original, mista, que parecia corresponder a uma câmara dolménica (reutilizada aliás em momento campaniforme) à qual se teria “acrescentado” uma estrutura de prolongamento, mais ligeira e baixa, mas fechada.

A mamoa 2, a poucos metros da mamoa 3, era um monumento de maiores dimensões, amplas gravuras (muito finas e quase invisíveis) de tendência geométrica nos esteios, e um possível vestíbulo. Incluía uma estrutura de condenação (fecho do sepulcro) monumental, em várias camadas, e por vezes utilização de grandes lajes, que mostrava bem a importância arquitectónica e ritual de tal condenação. Quanto a cronologia, podemos dizer que as mamoas 2 e 3, contíguas uma à outra, mas de dimensões bem contrastadas, datam dos fins do V^o, inícios do IV^o milénio a. C.

A área intervencionada integra-se no território abrangido pelo Parque Nacional da Peneda-Gerês, que apoiou os trabalhos, bem como a Câmara Municipal de Melgaço.

Não nos podemos esquecer de que nos encontramos numa área de fronteira, contígua à da Galiza, onde este património comum pode futuramente permitir a realização de investigações, exemplares, de colaboração luso-galaica.

Estamos de facto, em Castro Laboreiro, perante uma das mais interessantes “reservas” para os estudos megalíticos na Península. Almeja-se, assim, um dia, retomar os trabalhos de campo, em ambiente de franca participação de colegas de ambos os países (e até de outros parceiros europeus). E o que foi “fronteira” passará, desse modo, a ser lugar de encontro, de troca de experiências, de valorização de recursos colectivos. Um sítio vivo, útil às populações locais e aos visitantes, no seu reencontro com uma história milenar.

25. Arqueologia pré-histórica em Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa)

Em 1997 retomaram-se as campanhas regulares de escavações pré-históricas na zona de Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa. A partir de 1998, tais trabalhos incidiram não só sobre o Castelo Velho de Freixo de Numão (investigado desde 1989 sob a direcção de Susana O. Jorge), mas também sobre o sítio, aparentemente análogo, mas bastante maior, de Castanheiro do Vento, já na freguesia de Horta do Douro (a c. de 11 km. para oeste do primeiro).

O Castelo Velho está datado da Idade do Cobre (3^o milénio a. C.) e do Bronze Antigo e Médio (1^a metade do 2^o milénio a. C., até c. de 1.300 a. C.). O Castanheiro do Vento deve ser aproximadamente contemporâneo daquele (como indicam os materiais encontrados), mas, até agora, as pesquisas efectuadas incidiram sobretudo em estruturas calcolíticas.

O Castelo Velho fica situado nas imediações da vila de Freixo, estando o seu acesso assinalado na estrada de Foz Côa para S. João da Pesqueira. Trata-se de um esporão de onde se vê Foz Côa, parte do vale do Côa, e, ao longe, Figueira de Castelo Rodrigo. É um autêntico miradouro sobre toda a região situada para sul e sudeste.

Contém um importante dispositivo arquitectónico, concebido para ser visto de longe (sobretudo de sul e de sudeste, nomeadamente do planalto em que actualmente se encontra V.^a N.^a de Foz Côa). Tal dispositivo consta de um recinto central, com torre e diversas estruturas, provido de numerosas entradas, e de diversas plataformas que se escalonam a diferentes cotas, para oeste, sul e este. Nestes lados, onde existe declive, o recinto central era maioritariamente separado da primeira plataforma por uma estrutura em forma de "rampa" inclinada, o mesmo acontecendo entre essa plataforma e a segunda.

Este sítio é, hoje, um dos locais pré-históricos do Norte de Portugal mais exaustivamente estudados.

Abundantes vasos cerâmicos, "pesos de tear" em cerâmica, materiais em pedra e em cobre, e até restos de fauna e ossos humanos (depostos em estrutura ritual) fazem deste sítio um ponto de visita obrigatória, nomeadamente para quem demanda o vale do Côa e as suas gravuras pré-históricas e proto-históricas.

Mas em torno de Freixo de Numão o visitante encontra todo um circuito arqueológico, e um Museu, na vila, por onde pode começar o contacto com esta realidade patrimonial. Ela é devida à acção persistente de uma associação, a ACDR de Freixo de Numão, e do seu presidente, o arqueólogo António Sá Coixão, que ao longo de vinte anos não se tem poupado a esforços para valorizar o imenso "arquivo" histórico que a zona constitui.

Tal como em Castelo Velho, em Castanheiro do Vento, já na freg. de Horta do Douro (a c. de 11 km para oeste), as estruturas visíveis são em xisto, por vezes bastante frágil, e ainda por cima utilizado pelas populações recentes como "local de abastecimento" em pedra para construção.

Os trabalhos neste local (dirigidos por mim, por João Muralha, por António Sá Coixão e, desde 2000, também por Leonor Pereira), miraculosamente salvo das máquinas de plantio de eucaliptos no último minuto, só se iniciaram, como disse acima, em 1998, mas já começaram a dar resultados extremamente interessantes para a pesquisa e para o património, apesar da minúscula parte do sítio até hoje estudada. Basicamente, temos um muro ou muralha (periférica em relação à zona mais elevada e monumental), com bastiões adossados no seu exterior (para já dois, A e B). O bastião A foi inteiramente escavado e tem um forma simples; o bastião B revelou-se, em contraste, uma estrutura complexa, que sofreu alterações durante a Pré-história, e que parece sobrepor-se a uma camada anterior. Está associado a lajes verticais em forma de toscas "estelas", tanto no seu exterior, como no seu interior.

Tradicionalmente, estes sítios são designados pelos arqueólogos como "povoados fortificados". Mas a verdade é que se trata muito mais de monumentos complexos, destinados a servir como dispositivos identitários, marcadores da paisagem, a quotas elevadas. Como hoje as nossas igrejas paroquiais e pelourinhos, eram locais de encontro e de troca, de marcação do espaço, isto é, sítios de referência no território, que deles podia ser observado e, como tal, "monitorizado" para fins de controlo, de defesa, de produção, numa palavra, de apropriação por parte de uma determinada comu-

nidade (o que portanto não excluía a dita defesa, mas a inseria num leque muito amplo sw actividades e intenções).

Do alto do Castanheiro do Vento, sobranceiro à localidade de Horta, enxerga-se uma larga paisagem sobre a ribeira da Teja, vendo-se, perto, o alto da Senhora do Viso e o Castelo de Numão (em ambos os sítios há vestígios pré-históricos).

Mas aquilo para que queria chamar a atenção é que, provavelmente, nesses locais a argila era o "material de construção" por excelência, e não apenas a pedra, agora mais visível, porque se conserva melhor.

A argila servia para terraplanar o solo, regularizando-o; para revestir as estruturas de provável armazenamento e de eventual habitação; e, muito provavelmente, os próprios "muros" que definem os espaços internos e externos destes sítios. Quando eles estavam em funcionamento, há 4.500 ou 4.000 anos, o "visitante" que deles se acercasse o que via, era, fundamentalmente, um local construído em argila. As pedras, aliás frágeis, porque o xisto local é muito friável e não resiste às diferenças de temperatura, eram apenas o "esqueleto" de um "corpo" em barro. E isto, parecendo um pormenor de somenos, tem muita importância. É todo o "design" dos locais que muda, se assim pensarmos. Os arquitectos pré-históricos devem ter mobilizado uma considerável força de trabalho para trazer para ali quantidades incríveis de argila, que servia de aglutinante, mas também, como disse, como elemento de revestimento. Estamos talvez perante uma verdadeira "civilização do barro", que não servia apenas para os vasos cerâmicos... mas era o que permitia manter, e tornar utilizáveis, estes locais majestosos, hoje ermos, mas magníficos ainda na sua ruína.

Eles têm uma história, que os arqueólogos estão a tentar perceber paulatinamente.

Entretanto, têm decorrido importantes trabalhos no complexo arqueológico do Prado, junto a Freixo de Numão, o qual tem uma ocupação muito remota, do Neolítico antigo (talvez do 6º, 5º milénios antes de Cristo) e mesmo anterior, para além da romana e medieval.

26. O Porto e a Arqueologia

O Porto tem sido inovador, nas últimas décadas, em matéria de interesse pela arqueologia e pelo património cultural em geral. Dou apenas alguns exemplos, de entre os muitos que conheço melhor.

Logo em 1974 foi criado o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, embrião de uma componente (secção de Arqueologia) do actual Departamento de Ciências e Técnicas do Património (DCTP) daquela Escola, o primeiro departamento que na mesma se constituiu. Este Departamento, na sequência do ex-Instituto de Arqueologia da FLUP, publica regularmente a revista "Portugália - nova série" (último volume publicado: XIX/XX, correspondente a 98/99).

Em 1976, um grupo de estudantes da Faculdade de Letras fundou o Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, o qual haveria de editar, a partir de 1980, a revista "Arqueologia", que pro-

fundamente marcou essa década (vols. 1-20), revelando uma plêiade de jovens autores. Por um tempo menos dinâmica, eis que reaparece em 1999, agora com periodicidade anual (foram já publicados os vols. 24, desse ano, e 25, de 2000).

Em 1978 iniciaram-se as escavações de um dos primeiros projectos de "arqueologia espacial" do nosso país, o do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira (CASA), a que acima me referi.

No mesmo ano (78/79) começou a funcionar na FLUP a variante de História da Arte e Arqueologia do curso de História; a qual, uns anos mais tarde (81/82), se dividiu em duas variantes, permitindo à Arqueologia independentizar-se.

Toda essa evolução possibilitou o gradual aumento do corpo docente, que actualmente conta com 10 arqueólogos, 8 dos quais doutorados. Infelizmente, a morte acidental e trágica do Prof. Carlos Alberto Ferreira de Almeida, em 1996, roubou-nos aquele que era de algum modo o "alma" deste sector da FLUP; mas os outros estão activos em vários âmbitos, abarcando desde a Arqueologia Pré-histórica até à Arqueologia Moderna e Contemporânea.

Em 1989/90 a FLUP iniciou a leccionação do primeiro mestrado de Arqueologia do país, que tem funcionado ininterruptamente até hoje, tendo já "produzido" umas seis dezenas de diplomados. Entretanto, viria a criar-se o curso de pós-graduação em Museologia, que actualmente corresponde a uma das secções do DCTP.

Em 1985, um grupo de sócios (maioritariamente docentes da U.P.) iniciou a dinamização da tradicional Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (SPAÉ), melhorando significativamente o nível da sua revista, "Trabalhos de Antropologia e Etnologia". Actualmente, é uma publicação periódica inter e transdisciplinar, que abarca a totalidade do campo das ciências sociais e humanas, e que se publica semestralmente.

Embora a U. P. não disponha ainda de uma licenciatura em Antropologia, a verdade é que o DCTP da FLUP tem prevista, na sua estrutura orgânica, uma secção de Antropologia, que seria de toda a conveniência implementar, dadas as tradições neste domínio de que, indiscutivelmente, o Porto se pode orgulhar, desde o séc. XIX.

Em 1993, a SPAÉ organizou na FLUP - e com a empenhada colaboração desta - o 1º Congresso de Arqueologia Peninsular (c. de 800 participantes), de que resultaram 8 volumes de Actas (c. de 4.500 pp.). Quando se pensa que o último (4º) Congresso Nacional de Arqueologia ocorreu em Faro, em 1980, e que dele se não publicaram os resultados, o contraste é abissal. Creio que o 3º CAP, ce-lebrado na UTAD em Setembro de 1999, e organizado pela ADECAP (Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular), em colaboração com aquela Universidade, foi digno sucessor do do Porto; a ele voltarei a referir-me adiante.

Entretanto, e como se disse, em 1999/2000 começou na FLUP a primeira licenciatura em Arqueologia do país, com uma forte componente prática e, portanto, com uma grande responsabilidade na formação das futuras gerações de arqueólogos de que o país tanto carece.

27. O 3º Congresso de Arqueologia Peninsular

O 3º Congresso de Arqueologia Peninsular realizou-se nas instalações da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro entre 21 e 25 de Setembro de 1999, tendo os dias 26 e 27 sido consagrados a visitas de estudo.

A ADECAP e a UTAD foram as organizadoras do congresso.

Durante o mesmo foi lançado o vol. 1 do "Journal of Iberian Archaeology"(1999), editado pela ADECAP, entre outras publicações.

Acorreram a Vila Real cerca de 800 pessoas, e a sessão de encerramento contou com a presença de S. Exa o Sr. Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, cujo discurso foi publicado no 1º volume de Actas.

No Museu Municipal de Vila Real esteve patente uma exposição de fotografia. No dia 24, à tarde, o congresso ofereceu uma excursão a Murça (sítio do Castro de Palheiros), seguida de jantar.

Funcionaram umas 30 sessões temáticas, coordenadas por especialistas, maioritariamente portugueses e espanhóis.

Foram as seguintes as principais conclusões e recomendações do congresso:

"1 - Atravessamos um período de intenso desenvolvimento, em vários sentidos, na arqueologia peninsular. Esta deixou de ser uma actividade esotérica, ou fechada sobre si mesma, para se tornar uma necessidade cultural essencial à sociedade, à constituição da sua identidade, da sua memória, e, por conseguinte, à realização do seu futuro.

2 - É fundamental, para os arqueólogos dos dois países, unirem cada vez mais estreitamente os seus esforços, quer na pesquisa de problemas comuns ao solo ibérico, quer na afirmação da sua profissão e na consciencialização pública do seu papel como agentes de um desenvolvimento que tenha em conta os valores identitários dos territórios e das populações, tanto ao nível local, como no plano regional e nacional. Torna-se óbvio que a internacionalização da arqueologia peninsular passa necessariamente por uma mais intensa colaboração entre especialistas dos dois países, trabalhando em pé de igualdade.

3 - A tendência para a "arqueologia de emergência" (ou "de salvamento") se sobrepor à "arqueologia de investigação" é um perigo real. É pois necessário estabilizar equipas de pesquisa, através da dotação de meios financeiros e humanos adequados à sua missão. Em vez de estarem desarticuladas, a investigação e a gestão do património, feitas em relação estreita com outros agentes de transformação do território, são duas faces da mesma moeda, que é crucial conjugar.

4 - Causa apreensão a desigualdade de meios entre regiões e equipas diferentes, correndo-se o risco de uma "arqueologia a duas velocidades", com alocação de recursos já significativos a sítios ou áreas "emblemáticas", e menorização de outros sítios, áreas ou temas que merecem igual investimento. Impõe-se uma muito maior articulação de organismos do Estado entre si (em Portugal, por ex., Ministérios da Cultura, do Planeamento, da Ciência e do Ambiente, entre outros), e destes com

entidades públicas e privadas, através de parcerias. É óbvio que essa articulação se faz melhor ao nível regional, descentrando ou desconcentrando serviços, descentralizando decisões, e envolvendo os poderes regionais e autárquicos, por forma a melhor cobrir o território de uma rede de técnicos e de intervenções que estejam perto das situações reais que quotidianamente ocorrem, e passam despercebidas às entidades centrais, elas próprias carecidas de meios para acorrer a todo o lado. Se em cada região, autónoma (caso da Espanha) ou não (caso português) importa articular em rede unidades de investigação, gabinetes autárquicos de arqueologia, associações de defesa do património, é também importante que os dois Estados prossigam uma política de cooperação neste domínio, que sirva os interesses - nomeadamente culturais e turísticos - da Península no seu conjunto."

Até Dezembro de 2000 foram já editados 4 (com um total de c. de 2.250 páginas) dos 10 volumes de Actas que irão resultar deste congresso. Não é preciso acrescentar mais nada...

28. A propósito de revistas

As revistas de arqueologia, em Portugal, não têm vida fácil. Mas são fundamentais para dinamizar este campo de pesquisa e de cultura histórico-patrimonial. "O Arqueólogo Português", criada por Leite de Vasconcelos em Lisboa, é sem dúvida a mais vetusta. "Conimbriga", da Faculdade de Letras de Coimbra, durante muito tempo votada à arqueologia romana, e hoje de temática mais abrangente, é uma das mais prestigiadas também.

Uma das mais recentes é o "Journal of Iberian Archaeology", começado a publicar no Porto, pela ADECAP, em 1998; utiliza exclusivamente o inglês, língua que considera ser um veículo essencial para a divulgação mundial da arqueologia peninsular. Tendo sido publicados três números até ao momento (0, 1 e 2), eles têm sido alvo de recensões críticas favoráveis, e creio que se está a impor no meio arqueológico internacional, a que se dirige.

Em fins de 2000 foi publicado mais um número (9º, da 2ª série) de uma revista de uma associação de Almada, que granjeou um lugar de destaque no panorama da arqueologia portuguesa: "Almadan", editada pelo Centro de Arqueologia de Almada e dirigida por Jorge Raposo. Arqueologia, património, história local, são os âmbitos que se propõe tratar - e é de elogiar, pela qualidade e pertinência que tem, e pelo esforço colectivo que significa.

Talvez estimulada pelo aparecimento da revista "Arqueologia", no Porto, em 1980 (editada pelo Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto - e de que também há pouco apareceu o vol. 25), a "Almadan" conheceu uma primeira série durante a primeira metade dos anos 80 (1982-1985). Mas foi realmente nos anos 90 que a revista de Almada ganhou o seu maior fôlego, tendo já editado, desde 1992, nove volumes (um por ano), cada um deles contendo um "dossier temático".

O penúltimo (8º, de 1999) é consagrado à "Arqueologia portuguesa no séc. XX", e chama muito

justamente a atenção para a escassez dos estudos feitos até hoje sobre a história desta disciplina/actividade em Portugal. O último (9º) é consagrado à arqueologia da região do Porto, tendo mesmo sido lançado nesta cidade. Pode dizer-se que a "Al-madan" veio, na década de 90, ocupar o "posto cimeiro" - no âmbito da divulgação de qualidade da Arqueologia em Portugal - que a "Arqueologia" tinha tido nos anos 80 (e que espero que agora recupere, pois há claramente "espaço" para a existência destas duas revistas, e até de outras, entre nós).

Qualidade gráfica, multiplicidade de informações de todo o tipo, incluindo reuniões científicas, publicações recentes, debates de ideias - de tudo a "Al-madan" tem um pouco, fazendo dela um instrumento de trabalho muito útil para quem queira conhecer o panorama actual da nossa Arqueologia.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,

8, Oeiras, Câmara Municipal, 1999/2000, pp. 489-524

VINTE E CINCO ANOS DE TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

por João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 - INTRODUÇÃO E JUSTIFICAÇÃO

A prática da Arqueologia Pré-Histórica, a que o autor teve a sorte de poder dedicar o seu labor científico, teve origem na Europa oitocentista, por via da investigação de índole geológica e paleontológica (incluindo a Paleontologia humana). Tal origem prendia-se com as preocupações de conhecer a génese da espécie humana e determinar a respectiva antiguidade, por critérios científicos. Assim se explicam as numerosas explorações de grutas e de estações pré-históricas de ar livre, onde a diversidade dos testemunhos exumados – restos faunísticos de espécies extintas, associados a artefactos líticos, descobertos em camadas cuja idade geológica se pretendia determinar – exigia a elaboração de verdadeiros estudos transdisciplinares, cuja concepção ainda hoje se afigura plenamente actual.

Em Portugal, o arranque desta nova actividade científica, no início da década de 1860, deveu-se aos membros co-directores da então Comissão Geologica de Portugal, Carlos Ribeiro e Francisco Pereira da Costa, acompanhados de Joaquim Filipe Nery Delgado. A abordagem adoptada nos trabalhos então publicados exprimia bem a complexidade da realidade arqueológica com que aqueles pioneiros se confrontaram, a um tempo geológica (estratigráfica), paleontológica, paleoantropológica e tipológica (artefactual), vertentes indissociáveis da própria evidência observada no terreno. Este modo de análise só voltou a afirmar-se plenamente, na investigação arqueológica nacional, a partir da década de 1980: até então, passada a chamada "Época de Ouro", as escavações sucederam-se, neste século, desprovidas, salvo raras excepções de cuidados de ordem metodológica, na recuperação e estudo de outros testemunhos obtidos no decurso da escavação, que não fossem os estritamente artefactuais.

⁽¹⁾*Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).*

A formação científica, de base geológica (Licenciatura em Geologia - ramo científico, pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, em Março de 1981), obtida pelo signatário, proporcionou-lhe a precoce aquisição de conhecimentos indispensáveis ao desenvolvimento, ainda como aluno, de estudos no domínio das indústrias do Paleolítico Inferior, em colaboração com o seu Mestre e Professor de Estratigrafia e Geohistória na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, o Doutor Georges Zbyszewski, geólogo e arqueólogo ilustre que na década de 1940, conjuntamente com Henri Breuil, lançou os fundamentos do estudo do Quaternário português e das indústrias paleolíticas correlativas. Com efeito, os seus primeiros trabalhos arqueológicos respeitam ao estudo de materiais do Paleolítico Inferior e Médio cujo estudo obriga a abordagem pela via geológica. Assim se explicam os trabalhos de Geologia do Quaternário que publicou, em especial os referentes aos fenómenos de erosão e de sedimentação actuais, a que dedicou a sua dissertação de Mestrado em Geologia de Engenharia (Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Novembro de 1984), relevantes para o conhecimento da evolução recente dos territórios e ambientes e, bem assim, das transformações neles verificadas, quase sempre induzidas pelas actividades humanas. Os conhecimentos adquiridos por esta via, permitiram ao autor desenvolver um campo, até então quase desconhecido em Portugal, o da Geoarqueologia, de há muito cultivado além-fronteiras, com áreas específicas diversas (estudos sedimentológicos, mineralógicos e petrográficos), susceptíveis de contribuir para a discussão de questões de carácter estritamente arqueológico, mas só possíveis pela aproximação geoarqueológica.

A sua dissertação de doutoramento, sob orientação do Prof. Doutor M. Telles Antunes (Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Outubro de 1992), apoiada por numerosos especialistas em cujos laboratórios estagiou, versou os grandes mamíferos plistocénicos reconhecidos até ao presente no território português, na maior parte dos casos oriundos de escavações arqueológicas. Tal estudo afirmou-se, pois, como contributo pioneiro para o conhecimento das bases alimentares do Homem paleolítico e, por conseguinte, da sua própria economia e estratégias de subsistência. Desta forma, o autor foi também um dos introdutores da Arqueozologia em Portugal, cuja actividade se encontra evidenciada não apenas em numerosas publicações, mas também na disciplina "Identificação das macrofaunas quaternárias", do Mestrado em Arqueologia e Pré-História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, de que é responsável desde a primeira edição daquele curso, no ano lectivo de 1993/94.

Pioneiro em Portugal de novas disciplinas científicas de carácter arqueológico, tomando como ponto de partida conhecimentos de base geológica ou arqueozoológica, os seus interesses desde cedo se afirmaram no Neolítico/Calcolítico, mercê da colaboração com o Prof. Doutor O. da Veiga Ferreira, de quem fora aluno e, mais tarde discípulo. O seu primeiro trabalho científico, em co-autoria com aquele Professor, datado de 1975, foi dedicado a raro instrumento musical recolhido no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras); de então para cá, o Calcolítico jamais deixou de constituir a sua área principal de estudo, sendo de destacar os prolongados trabalhos, de terreno e de gabinete,

por si dirigidos e executados desde então naquele povoado pré-histórico. Por via das escavações sistemáticas que ali tem procedido, em continuidade, desde 1983 à actualidade, e dos estudos de síntese ou de especialidade que os materiais recuperados proporcionaram, aquela estação tornou-se uma das mais importantes e melhor conhecidas, devido à extensão da área escavada, com cerca de 10 000 m², e à imponência das estruturas defensivas postas a descoberto, no âmbito da pré-história peninsular. É de inteira justiça destacar os apoios concedidos pela Câmara Municipal de Oeiras, em particular desde 1985, os quais se afirmaram, de forma decisiva, após a criação do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras), em 1988, por proposta do Senhor Presidente da Câmara, o Dr. Isaltino Afonso de Moraes, uma das primeiras estruturas autárquicas a serem criadas no País vocacionadas especificamente para a investigação, preservação e divulgação do património arqueológico concelhio.

Os contributos do signatário para o conhecimento do Neolítico e do Calcolítico da Estremadura, interessaram, frequentemente, o estudo sistemático de vastos conjuntos resultantes de escavações antigas, que se mantinham inéditos nos Museus ou colecções privadas. Mercê da sua importância científica, alguns destes estudos encontram-se publicados em revistas internacionais, com destaque para os relativos ao povoado pré-histórico de Leceia ou os dedicados ao “fenómeno” campaniforme, ainda mal compreendido, com expressão trans-europeia; às manifestações estremenhas respectivas, o autor tem dedicado significativos contributos, incluindo o campo da cronologia absoluta, temática desenvolvida por vezes em colaboração.

Sem jamais abandonar os estudos das indústrias paleolíticas que primeiramente polarizaram os seus interesses, nem as escavações de estações daquela época – disso são prova trabalhos recentemente publicados, alguns em revistas internacionais – por vezes em colaboração com Luís Raposo dedicados à importante estação mustierense da Gruta Nova da Columbeira, Bombarral (1998), à estação do Paleolítico Médio de Conceição, Alcochete (1998) e à gruta a Figueira Brava, Setúbal (1995, 1998 e 2000), a sua actividade desenvolveu-se para períodos mais recentes, mercê de estações cuja exploração arqueológica foi chamado a dirigir. Assim se compreendem as sucessivas campanhas de escavações no importante povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda, Lisboa, de 1983 a 1987, bem como as realizadas nas estações da Idade do Ferro de Outurela I e Outurela II, no concelho de Oeiras, nos anos de 1985, 1986 e 1988.

Outra região a que tem dedicado a atenção é à de Sesimbra: ali dirigiu a escavação da Lapa da Furada (Sesimbra) gruta funerária com testemunhos do Neolítico à Idade do Bronze, onde realizou duas campanhas de escavações, em 1992 e 1994, as quais deram origem a monografia, interessando também os restos humanos recuperados, publicada em 1995 pela respectiva autarquia.

Em 1988, iniciaram-se trabalhos arqueológicos na região meridional da Beira Interior/Tejo Internacional; data desse ano a exploração que dirigiu no povoado neolítico do Cabeço da Velha, em Fratel, Vila Velha de Ródão, o primeiro que se explorou na região, na origem de um vasto programa de investigação, que decorre a bom ritmo, envolvendo prospecções metódicas de terreno e,

sobretudo, escavações em monumentos megalíticos cujo número é elevado e, em geral, em bom estado de conservação. Tais trabalhos, que conferirão, logo que integralmente publicados, uma importância de relevo até agora insuspeitada ao megalitismo do sul da Beira Interior, deram já origem a diversas publicações sobre a arquitectura megalítica funerária dos IV e III milénios a. C. daquela região – que era, repita-se, praticamente desconhecida – e a respectiva evolução, susceptível de comparações transregionais com outras áreas onde o fenómeno megalítico foi já objecto de análises mais desenvolvidas. Com efeito, situando-se a região em apreço entre os notáveis focos dolmênicos do Alto Alentejo e da Beira Alta, por um lado, e na adjacência do não menos importante núcleo megalítico da sub-meseta sul (região de Cáceres), facilmente se compreende a relevância que seguramente assumiu nas relações pré-históricas entre o Norte e o Sul, o Ocidente e o interior peninsulares, no decurso dos V, IV e III milénios AC.

Este Projecto envolve ainda a escavação de megálitos não funerários (menires e cromeleques), e de povoados, permitindo deste modo comparações com a região estremenha (portuguesa), de onde provieram boa parte das peças líticas encontradas (designadamente, as de sílex). Proporcionou, ainda, a escavação de duas estruturas circulares do Bronze Final, já publicadas (1998), uma das quais continha uma tumulação de incineração em urna, importante pelas suas características ímpares, no concernente ao território português, e que coloca a hipótese de a progressão das práticas funerárias integrando rituais de incineração, ter progredido pelo interior do território peninsular, a partir da Catalunha, consubstanciada pelas necrópoles da mesma época de Alpiarça.

Em 1998 o signatário dirigiu campanha de escavação no concheiro de Salamansa, na ilha de São Vicente (Cabo Verde), cuja natureza de implantação e materiais exumados admitem a hipótese de ocupação pré-colonial, conclusão que as datações absolutas de carbono 14, entretanto obtidas, não desmentem; encontra-se programada nova campanha, no decurso de 2001, que poderá carrear novos elementos para a discussão desta importante questão.

O signatário é autor ou co-autor de vários trabalhos de cartografia arqueológica, que deram origem a publicações monográficas, de carácter concelhio; merecem destaque as Cartas Arqueológicas dos Concelhos de Oeiras e de Lagoa, editadas pelas respectivas Autarquias.

A procura de colaboradores, perspectivada na realização de estudos arqueológicos transdisciplinares, valorizando temáticas até então pouco ou nada estudadas em Portugal, levou o signatário a desenvolver, a partir de 1984, um projecto de investigação dedicado à tecnologia hidráulica romana. Foram, deste modo, identificados e caracterizados vestígios de natureza muito diversificada, em colaboração com os Prof. Doutores António de Carvalho Quintela e José Manuel Mascarenhas. Dos trabalhos empreendidos, os quais requereram prolongados trabalhos de campo, na Beira Interior, no Alto e no Baixo Alentejo, na Estremadura e no Algarve, resultaram, até ao presente, numerosos estudos, de carácter inovador, respeitantes a temática quase totalmente desconhecida em Portugal, com destaque para livro (1987), onde se reuniram os conhecimentos até então conseguidos, editado pela então Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos. No seguimento lógico de tal

linha de investigação, reconheceram-se estruturas hidráulicas de épocas mais recentes, o que justificou a extensão da investigação ao Património Industrial, desde que estreitamente relacionado com o uso da água, com destaque o estudo realizado sobre a antiga Fábrica da Pólvora de Barcarena (1995), que foi ulteriormente objecto de musealização por parte da referida equipa, constituindo um dos raros casos concretizados com pleno êxito, em Portugal: o catálogo respectivo, que foi o corolário de cinco anos de trabalho nem sempre fácil, publicou-se no ano 2000.

Enfim, a História da Arqueologia foi também área em que publicou diversos trabalhos, nela se inserindo os de índole bio-bibliográfica dedicados a eminentes arqueólogos já desaparecidos, entre os quais os seus Mestres, O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski.

Em síntese, o currículo do autor – que justificou a sua eleição para a Academia Portuguesa da História, em 1996 – é caracterizado pela actividade simultânea em áreas científicas mutuamente enriquecedoras. Torna-se evidente que um dos contributos mais importantes corresponde ao estudo das manifestações de natureza doméstica ou funerária do Neolítico e Calcolítico, expressas em duas regiões privilegiadas de trabalho: a Baixa Estremadura e o Sul da Beira Interior/região do Tejo Internacional – unidas pela importante via de circulação que é o rio Tejo e seus afluentes – tanto no que respeita ao número e importância das escavações que em ambas dirigiu e dirige, como no concernente ao volume de trabalhos publicados. Este trabalho tem, pois, o principal objectivo de inventariar as publicações do signatário, servindo de complemento a obras meritórias, de compilação bibliográfica, já infelizmente desactualizadas, como é o caso da série "Bibliografia Arqueológica Portuguesa" editada pelo Instituto Português do Património Cultural, cujo ano mais recente tratado bibliograficamente remonta 1979. Nesta medida, crê-se que constituirá documento útil de trabalho para todos aqueles que se dedicam à Arqueologia em Portugal, servindo-lhes de fonte de informação organizada, útil às suas próprias pesquisas bibliográficas: foi tal pressuposto que presidiu à sua elaboração e respectiva publicação.

2 - TRABALHOS PUBLICADOS

2.1 - Paleolítico

No domínio do Paleolítico, o autor publicou, até o presente mais de três dezenas de estudos, sozinho ou em colaboração, desde 1976 e 1977. Salientam-se os relativos às indústrias do Paleolítico Inferior e Médio dos terraços quaternários do baixo vale do Tejo, bem como as publicações dos materiais da mesma época das numerosas estações paleolíticas dos arredores de Lisboa, em co-autoria com o seu Mestre, o Doutor Georges Zbyszewski, com destaque para obra de síntese publicada em 1992.

Interessou-se, igualmente, pela controversa questão das indústrias arcaicas do litoral estreme-

nho, a que dedicou vários estudos, de carácter específico ou de síntese de conhecimentos, o último dos quais em co-autoria com L. Raposo (2000). Nestes tipo de trabalhos, foi de grande utilidade a sua formação de base geológica, viabilizando o adequado enquadramento geocronológico e estratigráfico das respectivas ocorrências arqueológicas. A valia de tais estudos estará na origem de recente convite, endereçado pelo Prof. H. de Lumley, para apresentar, em co-autoria, uma síntese sobre as primeiras indústrias líticas de Portugal, no âmbito da realização, em Tautavel, de colóquio " Les premiers habitants de l' Europe", em Abril de 2000.

No domínio mais restrito do Paleolítico Médio, é de salientar a publicação recente, em co-autoria, de dois estudos: trata-se de monografia resultante de escavação de emergência no âmbito da construção dos acessos à ponte Vasco da Gama e da publicação do notável conjunto recuperado na gruta Nova da Columbeira, a estação de maior relevância, até ao presente, para o conhecimento dos materiais fini-mustierenses, utilizados pelos derradeiros bandos de neandertais europeus. Com efeito, as conclusões ali obtidas completam as apresentadas em estudo anterior, relativo às indústrias da gruta da Figueira Brava, aproximadamente da mesma época e estação que também forneceu vários restos de neandertais mais desenvolvidamente expostas em monografia entregue para publicação à Câmara Municipal do Bombarral sobre a gruta Nova da Columbeira. Deve-se-lhe, conjuntamente com Luís Raposo, a cabal demonstração da sobrevivência até época em torno de 30 000 anos ou mesmo um pouco menos, no território português, de populações neandertais, fabricantes das indústrias mustierenses estudadas, conclusão com evidente relevância, à escala europeia, no âmbito da caracterização das condições que presidiram e determinaram a extinção deste grupo humano.

A contribuição do signatário estendeu-se ao Paleolítico Superior, embora circunstancialmente: neste domínio, destaca-se o estudo de síntese, em co-autoria, sobre as zagaias de osso e respectivos contextos e cronologias até ao presente conhecidas em Portugal.

- 1 - Novas jazidas paleolíticas dos arredores de Alcochete. *Setúbal Arqueológica* (1976/1977). Setúbal, 2/3: 7-48. De col. com João Monjardino.
- 2 - Achados antigos de Paleolítico na região de Mafra. *Comunic. Serv. Geol. Portugal* (1978). Lisboa, 63: 611-629. De col. com G. Zbyszewski.
- 3 - As indústrias paleolíticas de Samouco e sua posição dentro do conjunto quaternário do baixo Tejo. *Comunic. Serv. Geol. Portugal* (1978). Lisboa, 63: 567-609. De col. com G. Zbyszewski.
- 4 - Núcleo paleolítico de grandes dimensões. *Comunic. Serv. Geol. Portugal* (1978). Lisboa, 63: 407-411. De col. com A. Raposo.
- 5 - A jazida paleolítica de Vale da Fonte (Belver). *Setúbal Arqueológica* (1978). Setúbal, 4: 7-28.
- 6 - Vestígios de praia calabriana com indústrias da "Pebble-Culture" no Alto de Leião - Paço de Arcos. *Bol. Soc. Geol. Portugal* (1979). Lisboa, 21 (2/3): 185-196. De col. com C. Penalva.

- 7 - Indústrias pré-históricas nas praias actuais da costa norte da foz do Tejo. *Comunic. Serv. Geol. Portugal* (1979). Lisboa, 65: 239-251. De col. com G. Zbyszewski e C. Penalva.
- 8 - Contribuição para o conhecimento das indústrias líticas mais antigas do território português: as jazidas com "Pebble-Culture" da Formação de Belverde - Península de Setúbal. *Setúbal Arqueológica* (1979). Setúbal, 5: 31-45. De col. com T. M. Azevedo, C. Penalva e G. Zbyszewski.
- 9 - A jazida paleolítica de Cabecinho (Freguesia de São Domingos de Rana, Concelho de Cascais). *Bol. Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa* (1982). Lisboa, Série III, 88 (1): 225-236.
- 10 - A jazida paleolítica de Cabecinho - 1982. *Informação Arqueológica* (1985). Lisboa, 5: 81.
- 11 - Novos elementos acerca do corte de Aldeia Nova e das indústrias líticas da região de Vila Real de Santo António. *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico* (Lisboa, 1985). Lisboa, 2: 175-186. De col. com L. Raposo e J. P. Medeiros.
- 12 - O Paleolítico do antigo Campo de Aviação da Amadora. *Arqueologia* (1985). Porto, 12 (vol. de homenagem a Jean Roche): 56-70. De col. com G. Zbyszewski.
- 13 - O Paleolítico da jazida de Linda-a-Pastora. *Da Pré-História à História* (1987) (vol. de homenagem a O. da Veiga Ferreira), Lisboa, Delta: 111-152.
- 14 - *Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal à escala de 1/50 000. Folha 53-B-Tavira - Paleolítico* (1988). Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal: 31-32.
- 15 - O Paleolítico Borel-Horta (Amadora). *Arqueologia* (1988). Porto, 18 (vol. de homenagem a E. Cunha Serrão): 29-52. De col. com G. Zbyszewski.
- 16 - Três estações paleolíticas da serra de Monsanto - Tapada da Ajuda, Moinho das Cruzes e Moinho da Carrasqueira. *Lisboa - Revista Municipal* (1988). Lisboa, 26: 3-44. De col. com G. Zbyszewski.
- 17 - Paleolítico Médio e Superior em Portugal: datas 14C, estado actual dos conhecimentos, síntese e discussão. *Ciências da Terra* (1989). Lisboa, 10: 127-138. De col. com M. Telles Antunes, J. M. P. Cabral, J. Pais e A. M. Monge Soares.
- 18 - Artefactos do Paleolítico Superior da gruta Escoural (Montemor-o-Novo, Évora). *Almansor* (1990). Montemor-o-Novo, 8: 15-36. De col. com M. Varela Gomes e M. Farinha dos Santos.
- 19 - Le Paléolithique du gisement de Casal da Serra (Amadora). Actas do 1º Congrès Méditerranéen d'Ethnologie Historique (Lisboa, 1991). *Méditerranée* (1992). Lisboa, 1: 221-230. De col. com G. Zbyszewski.
- 20 - Paleolítico Médio em Galapos (Arrábida). *Ciências da Terra* (1992). Lisboa, 11: 7-16. De col. com M. T. Antunes, J. C. Kullberg e P. Legoinha.
- 21 - O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1992). Oeiras, 3, 645 pág. De col. com G. Zbyszewski e M. C. André.

- 22 -Zagaias do Paleolítico Superior de Portugal. *Portugália* (1994). Porto, 15 (N. S.): 7-31. De col. com M. Varela Gomes.
- 23 -As mais antigas presenças humanas na Estremadura. *Portugal e o Mundo, Actas dos Primeiros Cursos Internacionais de Verão de Cascais* (Cascais, 1994) (1995). Cascais, Câmara Municipal: 85-117.
- 24 -As indústrias paleolíticas da gruta da Figueira Brava (Setúbal). *Actas da Terceira Reunião do Quaternário Ibérico* (Coimbra, 1993) (1995). Coimbra, Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário: 451-456. De col. com L. Raposo.
- 25 -Achados de Paleolítico Inferior e Médio da região de Rio Maior. *Al-Madan* (1995). Almada, Série II, 4: 5-9. De col. com J. Norton.
- 26 -A jazida paleolítica do Reduto de Renato Gomes Freire (Alto da Barra) - Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras, 5: 11-21. De col. com G. Zbyszewski, M. Leitão e C. T. North.
- 27 -Três jazidas paleolíticas do Complexo Basáltico de Lisboa: Damaia, Venteira e Casal da Barroca (Amadora). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras, 5: 23-38. De col. com G. Zbyszewski.
- 28 -Jazida paleolítica de Varge Marinho (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras, 5: 39-47. De col. com G. Zbyszewski.
- 29 -Novas escavações na gruta da Ponte da Lage (Oeiras). Revisão dos materiais paleolíticos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras, 5: 49-66.
- 30 -As praias calabrianas da Estremadura Portuguesa e as primeiras comunidades peninsulares: o estado da questão. *Actas dos Segundos Cursos Internacionais de Verão de Cascais* (Cascais, 1995) (1996). Cascais, 1: 213-254.
- 31 -Nota acerca das indústrias mustierenses da Gruta Nova da Columbeira. *Actas do II Congreso de Arqueología Peninsular* (Zamora, 1996) (1997). Zamora, Fundación Rei Afonso Henriques, 1: 27-33. De col. com L. Raposo.
- 32 -Trabalhos arqueológicos no sítio do Paleolítico Médio da Conceição (nota preliminar). *Al-madan* (1997). Almada. Série II, 6: 5-13. De col. com L. Raposo.
- 33 -O sítio do Paleolítico Médio da Conceição (Alcochete) (1998). Lisboa, Centro de Estudos e Monitorização Ambiental da Lusoponte, 74 p. De col. com L. Raposo.
- 34 -Las indústrias líticas de la Gruta Nova de Columbeira (Bombarral, Portugal) en el contexto del Musteriense Final de la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria* (1998). Madrid, 55 (1): 39-62. De col. com L. Raposo.
- 35 -Um notável biface acheulense da serra do Brunheiro (Chaves). *Stvdivm Dilectvm, Colectânea de homenagem ao Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida* (1999). Lisboa, Academia Portuguesa da História: 251 - 263. De col. com M. Farinha dos Santos.
- 36 -Gruta Nova da Columbeira, Gruta das Salemas and Gruta da Figueira Brava, stratigraphy,

- and chronology of the pleistocene deposits. Colóquio "Últimos neandertais em Portugal - evidência, odontológica e outra" (Lisboa, 1999). *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências* (2000). Lisboa. 38: 23-67. De col. com M. Telles Antunes.
- 37 - Mousterian industries of the Gruta da Figueira Brava. Colóquio "Últimos neandertais em Portugal - evidência, odontológica e outra" (Lisboa, 1999). *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências* (2000). Lisboa. 38: 319-337. De col. com L. Raposo.
- 38 - The debate on the earliest human settlements in Portugal, in the European and Mediterranean contexts: a history of research, present situation, and future prospects. *Colloque de Tautavel, Les Premiers habitants de l'Europe* (Tautavel, 2000). Tautavel (no prelo. De col. com L. Raposo. Versão portuguesa em publicação em *Estudos do Quaternário* (2000)). Porto, 3 (Actas das II Jornadas do Quaternário da Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário).
- 39 - A gruta da Figueira Brava (Setúbal) no contexto do Paleolítico Médio Final do sul e ocidente ibéricos. *Trabalhos de Arqueologia* (2000). Lisboa, 14: 7-19.
- 40 - *A Gruta Nova da Columbeira* (Bombarral). Bombarral: Câmara Municipal do Bombarral (2001). No prelo.

2.2 - Epipaleolítico/Mesolítico

A contribuição do signatário para o conhecimento das indústrias mesolíticas (s.l.) expressa-se, sobretudo, pela caracterização de uma das suas mais significativas peças a nível regional, o chamado "machado mirenses", recorrendo à classificação multivariada (análise do tipo "cluster" e pelo método de componentes principais), procedimento pela primeira vez aplicado em Portugal ao estudo das indústrias líticas; é de registar, ainda, a publicação dos materiais da estação da Penha Verde, de afinidades azilen-ses, oriundos de um nível subjacente ao povoado calcolítico, os quais anteriormente tinham sido atribuídos ao Neolítico. No campo da arte rupestre, refira-se o estudo em co-autoria, de um equídeo do complexo de arte rupestre do vale do Tejo, eventualmente atribuível ao Mesolítico. Enfim, também em co-autoria é o estudo sobre os trabalhos de campo e respectivas publicações sobre os concheiros das ribeiras de Muge e de Magos, desde a sua descoberta, em 1863, até os trabalhos efectuados na década de 1960, no qual se divulgam documentos inéditos, do maior interesse não só para a história dos trabalhos, como também para o conhecimento de importantes aspectos arqueológicos, que se mantinham totalmente desconhecidos, ainda no prelo (ver n.º 304).

- 41 - Nota acerca de um novo tipo de machado mirenses proveniente de Bensafrim. *Trabalhos de Arqueologia do Sul* (1986). Évora, 1: 29-31. De col. com M. Telles Antunes, O. da Veiga Ferreira e G. Manuppella.

- 42 - A mais antiga representação de *Equus* do vale do Tejo. *Almansor* (1989). Montemor-o-Novo, 7: 167-209. De col. com M. Varela Gomes.
- 43 - A ocupação epipaleolítica de Penha Verde (Sintra). *Setúbal Arqueológica* (1992), Setúbal, 9-10: 7-16. De col. com O. da Veiga Ferreira.
- 44 - Vantajosas cautelas. *Al-Madan* (1995). Almada, S. II, 4: 166.
- 45 - Caracterização do machado mirenses. Os materiais de Monte dos Amantes (Vila do Bispo, Algarve). *Actas do I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste - homenagem a Georges Zbyszewski* (Sagres, 1991). *Setúbal Arqueológica* (1997). Setúbal, 11/12: 121-146. De col. com M. V. Gomes.

2.3 - Neolítico e Calcolítico

A investigação arqueológica desenvolvida pelo signatário centrou-se, desde meados da década de 1980 até o presente, no estudo de estações e materiais neolíticos e calcolíticos, em especial da região estremenha. Merece destaque o trabalho desenvolvido no povoado pré-histórico de Leceia, sítio calcolítico fortificado de excepção no contexto peninsular, o qual tem dado origem a elevado número de publicações, desde artigos de carácter mais ou menos especializado a monografias de síntese.

Tendo presente a natureza necessariamente pluridisciplinar desta investigação promoveu-se a realização de publicações referentes a diversas componentes do espólio recuperado naquela e em outras estações, com destaque para os estudos arqueometalúrgicos sobre as peças metálicas e sobre a cronologia absoluta das respectivas ocupações. Preencheram-se, igualmente, lacunas no respeitante ao conhecimento das características físicas das populações neo-calcolíticas e das suas patologias, com base em materiais recuperados pelo signatário, e noutros, de antigas escavações realizadas em co-autoria com o Prof. Doutor A. Santinho Cunha. Com efeito, a revisão de espólios conservados em Museus e que permaneciam inéditos, em especial de necrópoles colectivas da Estremadura, têm proporcionado contributos significativos para o conhecimento da arqueologia funerária e das características da cultura material de tais populações.

Merecem referência particular as publicações sobre a cultura material das populações portadoras de cerâmicas campaniformes, com contributos relevantes no concernente ao conhecimento de espólios e da arquitectura doméstica, esta última desconhecida na área relativa ao território português até à publicação das estruturas habitacionais identificadas em Leceia, bem como da respectiva cronologia absoluta.

Além dos estudos supra referidos, que abarcam estações e materiais desde o Neolítico Antigo ao Campaniforme, são de destacar as investigações, desenvolvidas nos últimos anos, sobre a arquitectura e espólios de monumentos megalíticos, de carácter ritual e funerário, da região meridional da Beira Interior/Tejo Internacional, que até então permanecia quase totalmente desconhecida sob tal ponto de vista.

- 46 - Flauta, chamariz ou negaça de caça, de osso, encontrada no castro de Leceia (Barcarena). *Bol. Cultural da Junta Distrital de Lisboa* (1975). Lisboa, Série III, 81: 57-63. De col. com O. da Veiga Ferreira.
- 47 - O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Nota prévia sobre a colecção de Álvaro de Brée. *Bol. Soc. Geol. Portugal* (1979). Lisboa, 21 (2/3): 265-273.
- 48 - Análise por fluorescência de Raios X de peças de cobre do castro de Leceia. *Setúbal Arqueológica* (1979). Setúbal, 5: 103-114. De col. com F. Bragança Gil e G. Ferreira.
- 49 - O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 1ª parte. *Revista de Guimarães* (1980). Guimarães, 90: 211-304.
- 50 - O povoado pré-histórico (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 2ª parte. *Revista de Guimarães* (1981). Guimarães, 91: 120-233.
- 51 - *O castro de Leceia* (1982). Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 43 p.
- 52 - O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras). 1ª e 2ª campanhas de escavação. *Clio/Arqueologia* (1983/84). Lisboa, 1: 41-68. De col. com C. Tavares da Silva e J. Soares.
- 53 - Breve nota sobre um artefacto pré-histórico encontrado na serra de Sintra. *Arquivo de Cascais* (1984). Cascais, 5: 65-67.
- 54 - Povoado pré-histórico de Leceia - 1983. *Informação Arqueológica* (1985). Lisboa, 5: 86-87. De col. com C. Tavares da Silva e J. Soares.
- 55 - O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras). *Oeiras - Revista Municipal* (1986). Oeiras, 14: 17-18.
- 56 - Povoado pré-histórico de Leceia - 1984. *Informação Arqueológica* (1986). Lisboa, 6: 55-56. De col. com J. Soares e C. Tavares da Silva.
- 57 - Povoado de Leceia - 3ª campanha. *Informação Arqueológica* (1986). Lisboa, 7: 52-53. De col. com C. Tavares da Silva e J. Soares.
- 58 - Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datas 14C) e paleoambientais *Arqueologia* (1986). Porto, 14: 59-82. De col. com C. Tavares da Silva, J. Souto Cruz e C. A. Sousa Reis.
- 59 - *Oeiras há 5000 anos. Monografia de Leceia* (1987). Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 24 p. De col. com C. Tavares da Silva e J. Soares.
- 60 - Povoado de Leceia (Oeiras) - 1986. *Informação Arqueológica* (1987). Lisboa, 8: 46-52.
- 61 - Nota acerca de uma conta amuleto encontrada na "tholos" da Tituaria (Mafra). *O Arqueólogo Português* (1987). Lisboa, Série IV, 6: 89-99. De col. com M. Leitão e O. da Veiga Ferreira.
- 62 - *Leceia - resultados das escavações realizadas 1983-1988* (1989). Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.
- 63 - Três suportes de lareira da Penha Verde (Sintra). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa* (1990). Lisboa, 1: 5-12. De col. com O. da Veiga Ferreira.
- 64 - A lapa do Bugio (Sesimbra). *Sesimbra Cultural* (1990). Sesimbra, 0: 15-34.

- 65 -Notas e comentários à reedição de Ribeiro, C. (1878) . *Estudos prehistoricos em Portugal. Notícia da estação humana de Licêa*. Academia Real das Ciências de Lisboa, 68 p. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1991). Oeiras. 1, 184 p.
- 66 -A reconstrução de grandes estruturas em povoados calcolíticos. O exemplo de Leceia (Oeiras). *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990) (1991). Lisboa: 139-146.
- 67 -A ocupação neolítica do Algar de João Ramos (Turquel, Alcobaça). *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990) (1991). Lisboa: 277-285.
- 68 -Restos humanos do povoado pré-histórico de Leceia. Estudos de Antropologia física. STOMA - *Cadernos de Estomatologia, maxilo-facial e Medicina Dentária* (1991). Lisboa, 20: 7-14. De col. com Delberto de Aguiar e A. Santinho Cunha.
- 69 -O Homem Pré-Histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1991). Oeiras. 2, 85 p.. De col. com A. Santinho Cunha e Delberto de Aguiar.
- 70 -O espólio arqueológico da Lapa do Saldanha - Pernes. *Comunic. Serv. Geol. Portugal* (1991). Lisboa, 76: 163-166. De col. com J. R. Carreira.
- 71 -Dois artefactos de osso, pós-paleolíticos, da gruta do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora). *Almonsor* (1991). Montemor-o-Novo, 9: 75-94. De col. Com M. Varela Gomes e M. Farinha dos Santos.
- 72 -Sobre os ídolos de calcário - "pinhas" - do Calcolítico da Estremadura. Algumas considerações sobre dois exemplares da Lapa do Bugio (Sesimbra). *Sesimbra Cultural* (1991). Sesimbra, 1: 6-14.
- 73 -Testemunhos de ocupação neolítica da serra do Monsanto. *Al-Madan* (1992). Almada, Série II, 1: 15-18. De col. com J. Roque Carreira.
- 74 -Acerca de um suporte de lareira do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Al-Madan* (1992). Almada, Série II, 1: 23-26.
- 75 -Testemunhos megalíticos de Afonso Vicente (Alcoutim). Notícia preliminar. *Al-Madan* (1992). Almada, Série II, 1: 92-93. De col. com M. Varela Gomes e A. Nascimento Joaquim.
- 76 -A lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica* (1992). Setúbal, 9-10: 89-225.
- 77 -Estação pré-histórica de Barotas (Oeiras). *Setúbal Arqueológica* (1992). Setúbal, 9-10: 229-245. De col. com J. Barros da Costa.
- 78 -A jazida neolítica da Amieira (Sesimbra) (nota da sua identificação). *Sesimbra Cultural* (1992). Sesimbra, 2: 10-14.
- 79 -Escavações de Nery Delgado no planalto de Cesareda nas grutas da Lapa Furada e da Malgasta (Peniche): estudo do espólio arqueológico. *Comunic. Serv. Geol. Portugal* (1992). Lisboa, 78 (2): 145-173. De col. com J. R. Carreira.

- 80 -Cerâmicas ungladas do povoado calcolítico da Penha Verde. *Al-Madan* (1993). Almada, Série II, 2: 35-38. De col. com J. R. Carreira e O. da Veiga Ferreira.
- 81 -Escavações na região megalítica do Rosmaninhal. O menir de Cegonhas - primeira notícia. *Alto Tejo* (1993). Vila Velha de Ródão, 17/18: 1-2.
- 82 -Comentário ao sítio arqueológico de Leceia (Oeiras). *Lisboa Subterrânea* (1994) (coord. A. M. Arruda). Catálogo da Exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa. Capital Europeia da Cultura/94). Lisboa, Instituto Português de Museus: 172-173.
- 83 -*Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial (1994). Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 164 p.
- 84 -L'habitat chalcolithique fortifiée de Leceia. *Les dossiers de l'Archeologie* (1994). Faton, Quétingny, 198: 10-15.
- 85 -Leceia. *Informação Arqueológica* (1994). Lisboa, 9: 63-64.
- 86 -A sepultura de Castro Marim. *Comunic. Inst. Geol. e Mineiro* (1994). Lisboa, 80: 99-105. De col. com M. Varela Gomes e A. Santinho Cunha.
- 87 -Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisadas no Neolítico final estremenho. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993) (1994), 2: 69-78. De col. com J. R. Carreira.
- 88 -O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas (1983-1993). *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto, 1993) (1995). Porto, 5: 115-129.
- 89 -Ocupação campaniforme do povoado de Montes Claros. *A Idade do Bronze em Portugal - Discursos de Poder* (1995) (coord. S. Oliveira Jorge). Catálogo da Exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa, Instituto Português de Museus: 35.
- 90 -Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia. Elementos para um estudo comparado. *Origens, estruturas e relações das Culturas calcolíticas da Península Ibérica. Actas das Primeiras Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras* (1987). *Trabalhos de Arqueologia* (1995). Lisboa, 7: 159-168. De col. com J. Soares e C. Tavares da Silva.
- 91 -Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan* (1995). Almada, Série II, 4: 10-13. De col. com A. M. Monge Soares.
- 92 -Materiais arqueológicos inéditos das grutas de Carnaxide (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras, 5: 67-86.
- 93 -O santuário calcolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras, 5: 97-121. De col. com M. Leitão, J. Norton, O. da Veiga Ferreira e C. T. North.
- 94 -Estudo arqueometalúrgico de um lingote de cobre de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras, 5: 153-164. De col. com F. Braz Fernandes.
- 95 -Ossos de cetáceo utilizados no Calcolítico da Estremadura. *Estudos Arqueológicos de*

- Oeiras* (1995). *Oeiras*, 5: 193-198.
- 96 - Dentes de tubarões miocénicos em contextos pré-históricos portugueses. Estudo comparado dos materiais de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). *Oeiras*, 5: 199-211. De col. com M. Telles Antunes.
- 97 - Os ídolos falange do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). *Oeiras*, 5: 213-232.
- 98 - Possíveis pontas de seta calcolíticas de osso do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). *Oeiras*, 5: 233-241.
- 99 - Cerâmicas decoradas a pente, do Calcolítico pleno de Leceia (Oeiras) e da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). *Oeiras*, 5: 243-249.
- 100 - Símbolos sexuais do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). *Oeiras*, 5: 251-261.
- 101 - Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). *Oeiras*, 5: 263-276. De col. com A. M. Monge Soares.
- 102 - O povoado pré-histórico de Montes Claros (Lisboa). Resultados das escavações de 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). *Oeiras*, 5: 277-298. De col. com J. Roque Carreira.
- 103 - O menir de Cegonhas (Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-Históricos* (1996). *Viseu*, 3: 5-17. De col. com M. Varela Gomes, J. C. Caninas e F. R. Henriques.
- 104 - A anta 6 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-históricos* (1996). *Viseu*, 3: 19-37. De col. com J. C. Caninas e F. Henriques.
- 105 - Contribution d'une série de datations C14, provenant du site de Leceia (Oeiras, Portugal), à la chronologie absolue du Néolithique et du Calcolithique de l'Estemadura Portugaise. *Actes du Colloque de Périgueux* (1995). *Supplément à la Revue d'Archéométrie* (1996). *Rennes*: 45-50. De col. com A. M. Monge Soares.
- 106 - Novos elementos para o estudo do Neolítico Antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). *Oeiras*, 6: 9-26. De col. com J. R. Carreira e O. da Veiga Ferreira.
- 107 - Materiais arqueológicos inéditos do povoado pré-histórico de Carnaxide (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). *Oeiras*, 6: 27-45.
- 108 - A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). *Oeiras*, 6: 47-89. De col. com J. Soares e C. Tavares da Silva.
- 109 - Estatuetas zoomórficas de terracota do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). *Oeiras*, 6: 91-106.
- 110 - Pesos de pesca do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). *Oeiras*, 6: 107-119.

- 111 - O monumento pré-histórico de Tituarria, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). Oeiras, 6: 135-193. De col. com M. Leitão, O. da Veiga Ferreira, C. T. North, J. Norton, J. Medeiros e P. Fialho de Sousa.
- 112 - O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). Oeiras, 6: 195-256. De col. com O. da Veiga Ferreira e J. R. Carreira.
- 113 - Ocupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). Oeiras, 6: 287-299. De col. com J. Norton e J. R. Carreira.
- 114 - A estação pré-histórica do Casal de Barrinhos (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). Oeiras, 6: 301-316. De col. com J. R. Carreira e F. P. Lopes.
- 115 - Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). Oeiras, 6: 317-340. De col. com J. R. Carreira.
- 116 - A ocupação neolítica do Cabeço da Velha (Vila Velha de Rodão). Trabalhos realizados em 1989. *Materiais* (1996). Castelo Branco, 0 (1): 19-35. De col. com C. Tavares da Silva, J. C. Caninas e F. Henriques. Publicado com ligeiras alterações em: *Trabalhos de Arqueologia da EAM* (1998). Lisboa, Colibri, 3-4: 61-81.
- 117 - *O povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo* (1997). Lisboa/Oeiras, Museu Nacional de Arqueologia, Câmara Municipal de Oeiras, 128 p.
- 118 - Cronologia absoluta para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português* (1997). Lisboa, Série IV, 8/10 (1990/1992): 203-228. De col. com A. M. Monge Soares.
- 119 - Contribuição para o conhecimento da ocupação pré-histórica de Lisboa: os materiais da Praça da Figueira. *Olisipo* (1997). Lisboa, Série II, 5: 7-12. De col. com J. R. Carreira.
- 120 - A anta 2 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-históricos* (1997). Viseu, 5: 9-28. De col. com J. C. Caninas e F. Henriques.
- 121 - Génese, apogeu e declínio das fortificações calcolíticas da Estremadura. *Zephyrus* (1997). Salamanca, 50: 249-261.
- 122 - Contributos para o conhecimento do megalitismo na Beira Interior (Portugal): a região do Tejo Internacional. *Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular (Zamora, 1996)* (1998), 2, Zamora, Fundación Rei Afonso Henriques: 207-215. De col. com J. C. Caninas e F. Henriques.
- 123 - A oficina de talhe do silex do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1997/1998). Oeiras, 7: 35 - 45. De col. Com J. Norton.
- 124 - O povoado do Neolítico Final do Carrascal, Leceia (Oeiras). Notícia preliminar. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1997/1998). Oeiras, 7: 25-33.
- 125 - Análises químicas não destrutivas do espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras e seu significado no quadro da intensificação económica calcolítica da Estremadura.

- Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1997/1998). Oeiras, 7: 61 - 88. De col. com M. F. Guerra.
- 126 - A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1997/1998). Oeiras, 7: 89 - 153.
- 127 - Copper metallurgy and the importance of other raw materials in the context of chalcolithic economic intensification in Portuguese Estremadura. *Journal of Iberian Archaeology* (1998). Porto, 1: 93-105.
- 128 - Monumentos megalíticos do concelho de Vouzela. *Vouzela - estudos históricos* (1999). Lisboa, Academia Portuguesa da História: 171- 207.
- 129 - La fin du Chalcolithique et la présence campaniforme dans les basses vallées du Tage et du Sado. *Stvdium Dilectvm, Colectânea de homenagem ao Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida* (1999). Lisboa, Academia Portuguesa da História: 159 - 183.
- 130 - The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology* (2000). Oxford, 19.1: 37-55.
- 131 - Le phénomène campaniforme dans les basses vallées du Tage et du Sado (Portugal). *Bell Beakers Today. Pottery, People, Culture, Symbols in Prehistoric Europe*. Colóquio Internacional (Riva del Garda, Itália, 1998), Ufficio Beni Archaeologici, Provincia Autonoma Trento. No prelo.
- 132 - O "fenómeno" campaniforme na Estremadura portuguesa. *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular* (Vila Real, 1999). Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular (2000). 4: 353-380.
- 133 - *Copper Age Hill-Fort of Leceia*. Livro-Guia. 6th. Annual Meeting European Association of Archaeologists (Lisboa, 2000), 29 p.
- 134 - O povoado fortificado pré-histórico de Leceia (Oeiras), exemplo de desenvolvimento não sustentado na Estremadura no III milénio a. C. *O Arqueólogo Português* (1998). Lisboa, S. IV, 16: 97-110.
- 135 - A estação do Neolítico Antigo de Cabranosa (Sagres, Vila do Bispo): estudo dos materiais e integração cronológico-cultural. *O Arqueólogo Português* (1998). Lisboa, S. IV, 16: 55-96. De col. com A. F. Carvalho.
- 136 - Arquitectura, espólio e rituais de dois monumentos megalíticos da Beira Interior: estudo comparado. *Trabalhos de Arqueologia* (2000). 16: 195-214. De col. com J. C. Caninas e F. Henriques.
- 137 - Cromleque da Portela de Mogos (concelho de Évora). Estudos geoarqueológicos e paleobotânicos. *A Cidade de Évora* (2000). Évora. Série II, 4: 23-43. De col. com A. Barros e Carvalhosa e J. Pais.
- 138 - Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1999/2000). Oeiras, 8: 241-323.

139 - O Calcolítico da Baixa Estremadura: contributos para uma ensaio, a propósito de Leceia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1999). Oeiras, 8: 325-353.

140 - Contributos recentes para o conhecimento da Pré-História recente do Sul da Beira Interior. *Discursos* (2001). Lisboa, 3: 47-60.

2.4 - Idade do Bronze

Os contributos do autor para o conhecimento da Idade do Bronze, tiveram como ponto de partida a descoberta fortuita do importante povoado da Tapada da Ajuda, em Lisboa, cujos trabalhos de campo dirigiu de 1983 a 1987. Na sequência dos primeiros estudos que a esta estação consagrou, desenvolveu outros, relativos a povoados da mesma fase cultural – o Bronze Final da baixa Estremadura – e, em particular, a uma das suas expressões mais características, as cerâmicas de ornatos brunidos. Neste sentido, reavaliou os exemplares utilizados para a sua definição tipológica em Portugal, oriundos da Lapa do Fumo e ocupou-se de outros, entretanto recolhidos.

Tais estudos deram origem a sucessivos ensaios sobre as características económicas e sociais das populações que, no decurso da Idade do Bronze, ocuparam a região ribeirinha do Tejo. Na sequência destas investigações, identificou, pela primeira vez, nesta região, uma ocupação do Bronze Pleno com forte influência do Bronze do Sudoeste, em Catujal, Loures, confirmada pela datação de radiocarbono obtida, aspecto que até então não tinha sido devidamente valorizado.

As escavações que efectuou na Lapa da Furada, gruta sepulcral da encosta meridional da Arrábida, permitiram-lhe, outrossim, identificar curioso ritual funerário da Idade do Bronze. Mais recentemente, as escavações de duas estruturas circulares do Bronze Final da região de Malpica do Tejo (concelho de Castelo Branco), atribuíveis a cabanas, proporcionaram a identificação de outro ritual funerário até ao presente desconhecido no território português: a tumulação sob o solo das próprias habitações, em urna cinerária, com estreitas analogias com práticas ulteriormente documentadas na Cultura Castreja, cuja origem poderá situar-se na área catalã, difundidas por via continental através do território peninsular.

Enfim, a reavaliação do notável monumento da Roça do Casal do Meio, Calhariz (Sesimbra), tanto do ponto de vista arquitectónico como relativamente ao espólio que continha, permitiu-lhe valorizar a componente exógena, oriunda do Mediterrâneo Central, no âmbito das manifestações culturais do Bronze Final, facto que levou a admitir, também para o litoral estremenho, a existência de um período "pré-colonial", imediatamente antecedente da presença fenícia. Estes aspectos encontram-se devidamente discutidos em duas sínteses recentes, uma dedicada à componente funerária, outra ao povoamento da região da Baixa Estremadura

141 - Descoberta da jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. *Setúbal Arqueológica* (1980/81). Setúbal, 6/7: 117-147. De col. com J. Roque, F. Peixoto e F. Freitas.

142 - Jazida da Idade do Bronze da Tapada da Ajuda - 1983. *Informação Arqueológica* (1985). Lisboa, 5: 83-84.

- 143 - A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa - Revista Municipal* (1986). Lisboa, Série II, 15: 3-18. De col. com J. S. Rodrigues, J. Monjardino e J. R. Carreira.
- 144 - A jazida da Idade do Bronze da Tapada da Ajuda-1984. *Informação Arqueológica* (1986). Lisboa, 6: 54-55.
- 145 - O depósito do Bronze Final de Alqueva e a tipologia das lanças do Bronze Final português. *Actas do 1º Congrès Méditerranéen d'Ethnologie Historique* (Lisboa, 1991). *Méditerranée* (1992). Lisboa, 1: 231-250. De col. com F. Guerra e F. Bragança Gil.
- 146 - Primeira campanha de escavações realizada na Lapa da Furada (Sesimbra). *Sesimbra Cultural* (1993). Sesimbra, 3: 15-17.
- 147 - Comentário ao sítio arqueológico da Tapada da Ajuda. *Lisboa Subterrânea* (1994) (coord. A. M. Arruda). *Catálogo da Exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia* (Lisboa/Capital Europeia da Cultura/94). Lisboa, Instituto Português de Museus: 192-193.
- 148 - O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder* (1995) (coord. S. Oliveira Jorge). *Catálogo da Exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia*. Lisboa, Instituto Português de Museus: 48.
- 149 - As cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo. *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder* (1995) (coord. S. Oliveira Jorge). *Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia*. Lisboa, Instituto Português de Museus: 88.
- 150 - Os povoados do Bronze Final a norte do estuário do Tejo. *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder* (1995) (coord. S. Oliveira Jorge). *Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia*. Lisboa, Instituto Português de Museus: 126.
- 151 - *A Lapa da Furada (Sesimbra). Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994* (1995). Sesimbra, Câmara Municipal de Sesimbra, 59 p. De col. com A. Santinho Cunha.
- 152 - O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural* (1996), 5: 6-14.
- 153 - Materiais cerâmicos da Idade do Bronze da gruta da Ponte da Lage (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996), 6: 341-450. De col. com J. R. Carreira.
- 154 - O povoado do Bronze Final do Alto das Cabeças (Leião, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996), 6: 351-359. De col. com G. Cardoso.
- 155 - A cronologia absoluta do depósito arqueológico da Lapa da Furada - Azóia, Sesimbra: seu significado e incidências rituais e culturais. *Sesimbra Cultural* (1997). Sesimbra, 6: 10-15.
- 156 - As cerâmicas de ornatos brunidos da gruta do Correio - Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1997/1998). Oeiras, 7: 155 - 167. De col. com M. Leitão, O. da Veiga Ferreira, C. T. North e J. Norton.
- 157 - O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1997/1998). Oeiras, 7: 169 - 187.

- 158** - Duas cabanas circulares da Idade do Bronze do Monte de São Domingos (Malpica do Tejo, Castelo Branco). *Estudos Pré-Históricos* (1998). Viseu, 6: 325 - 345. De col. Com J. C. Caninas e F. Henriques.
- 159** - A sepultura da Roça do Casal do Meio (Sesimbra) no quadro dos rituais funerários da Idade do Bronze da Baixa Estremadura. *Discursos* (2000). Lisboa. Série III, 2: 243-251.
- 160** - Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1999/2000). Oeiras, 8: 355-413.
- 161** - Manifestações funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I milénios a. C.): breve síntese. *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular* (Vila Real, 1999). Porto: Associação para o Desenvolvimento da Arqueologia Peninsular (2000). 5: 61-79.

2.5 - Idade do Ferro

O interesse do signatário pela arqueologia da Idade do Ferro, teve origem em escavação de emergência, que foi chamado a dirigir, em Outurela (Oeiras), cuja primeira campanha se efectuou em 1985. Trata-se de estação dos finais da I Idade do Ferro, de marcadas influências mediterrâneas. Na sequência dos estudos ali desenvolvidos, publicou materiais inéditos de outros sítios, mais antigos, onde a presença fenícia era evidente, com os quais se impunha o relacionamento. Assim se explica o trabalho dedicado ao importante povoado de Almaraz (1990), situado do outro lado do estuário do Tejo, no qual se recolheram abundantes materiais de origem fenícia ocidental, os primeiros a serem publicados metodicamente da região do Tejo, suportando judiciosas considerações sobre as características da presença fenícia e as relações estabelecidas por tais grupos com a população indígena, ulteriormente desenvolvidas (1993). Também a existência de estações ou materiais arqueológicos nesta região ribeirinha do Tejo do final da Idade do Ferro, onde as influências púnicas se mesclam com as itálicas, era praticamente desconhecida: a publicação de espólios conservados no Museu Nacional de Arqueologia e no Centro de Arqueologia de Almada veio juntar-se ao pouco que ainda se sabe sobre as origens proto-históricas da actual cidade de Lisboa.

O conjunto dos elementos conhecidos, possibilitou a elaboração, ao longo da década de 1990, de sínteses de base arqueológica, sucessivamente aperfeiçoadas, sobre a evolução do povoamento da referida região e das bases económicas e características da respectiva estrutura social, desde o Bronze Final até ao fim da Idade do Ferro. Em tais estudos integraram-se os materiais outrora recolhidos por Vergílio Correia no casco urbano de Lisboa, também publicados pela primeira vez pelo autor.

- 162** - Elementary composition studies of an ensemble of iberian coins by nuclear reactions and PIXE. *Abstracts 25º Symposium on Archaeometry* (1986) (Atenas, 1986): 10. De col. com J. N. Barrandon, F. Beauchesne, F. Bragança Gil e M. F. Guerra.

- 163 - Jazida de Idade do Ferro de Outurela (Oeiras) - 1985. *Informação Arqueológica* (1986). Lisboa, 7: 51-52.
- 164 - Moedas de Cetovion. Novas observações. *Numisma* (1986). Lisboa, 41: 1-5. De col. com M. Telles Antunes.
- 165 - A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Actas do Encontro de Estudos "Presenças orientalizantes em Portugal. I - Da Pré-História ao Período Romano"* (Lisboa, 1987). *Estudos Orientais* (1990). Lisboa, 1: 119-134.
- 166 - Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *Actas do I Congresso Mediterrânico de Etnologia Histórica* (Lisboa, 1991). *Mediterrâneo* (1993). Lisboa, 2: 193-206. De col. com J. R. Carreira.
- 167 - Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz - Almada. *Actas do Encontro de Estudos "Os Fenícios no Território Português"* (Lisboa, 1992). *Estudos Orientais* (1993). Lisboa, 4: 143-181. De col. com L. de Barros e A. Sabrosa.
- 168 - Comentário ao sítio arqueológico de Outurela (Oeiras). *Lisboa Subterrânea* (1994) (coord. A. M. Arruda). *Catálogo da Exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia* (Lisboa. Capital Europeia da Cultura/94). Lisboa, Instituto Português de Museus: 206.
- 169 - O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga* (1995). Coimbra, 34: 33-74.
- 170 - O povoamento no Bronze Final e na Idade do Ferro na região de Lisboa. *De Ulisses a Viriato, o primeiro milénio a. C.* (1996) (coord. Jorge de Alarcão). *Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1996). Lisboa, Instituto Português de Museus: 73-81.
- 171 - A Idade do Ferro no concelho de Almada. Estação da Quinta da Torre. *Al-Madan* (1996). Almada, Série II, 5: 200.
- 172 - O final da Idade do Ferro no concelho de Oeiras: um contributo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). Oeiras, 6: 361-365.
- 173 - A ocupação de época púnica da Quinta da Torre (Almada). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1997/1998). Oeiras, 7: 189 - 217. De col. Com J. R. Carreira.
- 174 - Achados subaquáticos de defesas de elefante, prováveis indicadores do comércio púnico no litoral português. *Os Púnicos no Extremo Ocidente* (Lisboa, 2000). 2001: Lisboa. Universidade Aberta

2.6 - Arqueologia Romana

O primeiro contributo do autor para a Arqueologia Romana remonta a 1975, na sequência da descoberta fortuita por G. Cardoso de uma necrópole tardo-romana e alto-medieval em Talaíde

(Cascais). Durante dois meses e meio (de 15 de Maio a 31 de Julho) co-dirigiu as escavações arqueológicas ali realizadas. Os resultados só recentemente foram objecto de publicação preliminar.

Em meados da década de 80, mercê da procura, sempre presente, de colaborações em novas áreas científicas susceptíveis de contribuir, de forma inovadora, para o tratamento de questões de índole arqueológica, deu início a um projecto de parceria com os Professores Doutores António de Carvalho Quintela, do Instituto Superior Técnico e J. M. Mascarenhas, da Universidade de Évora, sobre a hidráulica romana em Portugal. Tomando como ponto de partida a caracterização estrutural e arquitectónica dos diversos testemunhos materiais entretanto encontrados (barragens, tanques, cisternas, poços, canais e aquedutos), publicaram-se numerosos estudos interessando todo o sul do país, de síntese e temáticos, estendidos depois à Beira Interior, região onde se identificaram várias barragens de terra, cuja conservação é de extrema raridade no Mundo Romano. Assim, foi possível uma sistematização dos diversos tipos de estruturas hidráulicas, algumas delas únicas, como a destinada à captação, elevação, armazenamento e distribuição de água do complexo industrial romano de Tróia, a qual até à data do respectivo estudo, tinha passado despercebida, quanto à respectiva natureza e finalidade.

À Numismática romana consagrou dois estudos, produzidos na fase em que se dedicou a tal domínio; os materiais anfóricos romanos, no concernente à relação entre a respectiva tipologia e as características dos barros utilizados, determinadas por análises petrográficas em lâmina delgada deram também origem a diversas publicações, em co-autoria, no sentido de determinar os respectivos centros de produção.

Também em co-autoria é o estudo sobre o conhecido mosaico romano de Oeiras, a que se seguiu escavação da zona subjacente ao mesmo constituindo exemplo de intervenção arqueológica em meio urbano.

Enfim, a alimentação dos Romanos, para além dos estudos de índole estritamente arqueozoológica, adiante referidos, mereceram ao signatário diversos contributos, nos quais as conclusões baseadas nos materiais recuperados em Conímbriga, são confrontadas com testemunhos da época, recolhidos em autores clássicos.

Pode concluir-se, pelos trabalhos a seguir apresentados, que a contribuição científica do signatário no domínio da arqueologia do período romano, embora constitua domínio lateral da sua investigação, se tem caracterizado por estudos inovadores, de marcado carácter transdisciplinar, os quais produziram, de facto, novos tipos de conhecimento sobre a presença romana em Portugal.

- 175 - Descoberta de tijolos romanos com marca de oleiro, em Lisboa. *Bol. Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa* (1981). Lisboa, Série III, 87/89. 139-143.
- 176 - Estudo de *antoniniani* de um tesouro de localização incerta pelo método de fluorescência de Raios X. *Numismática* (1985). Lisboa, 35: 5-10. De col. com M. F. Guerra, G. P. Barreira e F. Bragança Gil.
- 177 - Barragens romanas do Sul de Portugal. Contribuição para o seu inventário e caracterização.

- Recursos Hídricos* (1985). Lisboa, 6 (3): 61-77. De col. com A. Quintela e J. M. Mascarenhas.
- 178 - Barragens romanas do Distrito de Beja. *Arquivo de Beja* (1986). Beja, Série II, 3: 153-165. De col. com A. C. Quintela e J. M. Mascarenhas.
- 179 - *Aproveitamentos hidráulicos romanos a sul do Tejo. Contribuição para a sua inventariação e caracterização* (1986). Lisboa, Direcção Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos, 236 p. De col. com A. Carvalho Quintela e J. M. Mascarenhas.
- 180 - Moedas de Pax-Julia. *Numisma* (1987). Lisboa, 43: 1-6.
- 181 - Roman dams in Southern Portugal. *Water Power & Dam Construction* (1987). 39 (5): 38-40. De col. com A. C. Quintela e J. M. Mascarenhas.
- 182 - Barragens romanas do Algarve (1988). *Actas do 5º Congresso do Algarve* (Faro, 1988). Faro: 19-27. De col. com A. C. Quintela e J. M. Mascarenhas.
- 183 - Primeiro estudo sobre uma instalação romana de captação, elevação e armazenamento de água em Tróia (Portugal). *Actas do Simpósio El agua en zonas aridas. Arqueología e História* (Almeria, 1989). Almeria, Instituto de Estudios Almerienses, Diputación Provincial (1989): 337-352. De col. com A. C. Quintela e J. M. Mascarenhas.
- 184 - Estudos sobre pastas de ânforas de fornos do vale do Tejo e do Sado: análises macro e microscópicas. *Actas das Jornadas Ânforas Lusitanas - tipologia, produção, comércio* (Conimbriga, Outubro de 1988). Paris, De Boccard (1990): 267-271. De col. com A. V. Pinto Coelho.
- 185 - Barragens romanas do Algarve. *Encontro de Arqueologia do Algarve* (Faro, 1990). Faro, Delegação Regional da Secretaria de Estado da Cultura (1990): 85-107.
- 186 - A instalação hidráulica romana de moagem de Barbegal e o seu presumível engenheiro - construtor. *Revista da Ordem dos Engenheiros* (1992). Lisboa, 61: 47-49. De col. com A. C. Quintela e J. M. Mascarenhas.
- 187 - Presa dos Mouros - uma barragem romana inédita do Algarve (Lagoa). *Conimbriga* (1993/94). Coimbra, 32/33 (vol. de homenagem ao Prof. J. M. Bairrão Oleiro): 137-144. De col. com M. Varela Gomes.
- 188 - Instalação romana de captação, elevação e armazenamento de água em Tróia (Grândola, Portugal). *Conimbriga* (1993/94). Coimbra, 32/33 (vol. de homenagem ao Prof. J. M. Bairrão Oleiro): 157-169. De col. com A. C. Quintela e J. M. Mascarenhas.
- 189 - Ânforas da *Villa* romana de Vilares de Alfundão (Ferreira do Alentejo). *Conimbriga* (1993/94). Coimbra, 32/33 (vol. de homenagem ao Prof. J. M. Bairrão Oleiro): 181-190. De col. com J. Norton, C. Tavares da Silva e M. H. Canilho.
- 190 - Barrages romains en terre - Beira Baixa (Portugal): reconnaissance et caractérisation préliminaire. *Mélanges de la Casa de Velázquez* (1994). Madrid, École des Hautes Études Hispaniques, 30 (1): 87-106. De col. com A. C. Quintela e J. M. Mascarenhas.

- 191 - A barragem romana de Alfundão (Ferreira do Alentejo). *Al-Madan* (1995). Almada, Série II, 4: 20-23. De col. com J. Norton e F. Negalha.
- 192 - A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais). Caracterização e integração cultural. Análises não destrutivas do espólio metálico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras, 5: 315-339. De col. com G. Cardoso e M. F. Guerra.
- 193 - A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais). Estudo preliminar. *Actas da IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica* (Lisboa, 1992). Barcelona, Institut d'Estudis Catalans (1995): 407 - 414. De col. com G. Cardoso.
- 194 - Barragens romanas do distrito de Castelo Branco e barragem de Alferrarede. *Conimbriga* (1995). Coimbra, 34: 75-127. De col. com A. C. Quintela e J. M. Mascarenhas.
- 195 - O mosaico romano de Oeiras. Estudo iconográfico, integração funcional e cronologia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). Oeiras, 6: 367-406. De col. com M. V. Gomes e M. C. André. Resumo deste artigo, dos mesmos autores foi publicado na revista. *Centros Históricos* (1996). Lamego, 5/6: 22-31
- 196 - A necrópole tardo-romana e alto-medieval de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). Oeiras, 6: 407-417. De col. com J. R. Carreira.
- 197 - Os Romanos e a água. *Portugal Romano - a exploração dos recursos naturais* (1997) (coord. Adília Alarcão). *Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia*. Lisboa, Instituto Português de Museus: 17-29. De col. com A. C. Quintela e J. M. Mascarenhas.
- 198 - Caça e criação de gado: seu papel na alimentação. *Portugal Romano - a exploração dos recursos naturais* (1997) (coord. Adília Alarcão). *Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia*. Lisboa, Instituto Português de Museus: 152-155.
- 199 - O recinto fortificado romano de Casa Branca. *Al-madan* (1997). Almada. Série II, 6: 38-42.
- 200 - Acerca de uma tigela de *terra sigillata* clara da necrópole de Sol Avesso, Porto Salvo (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1997/1998), 7: 219 - 226.
- 201 - Barrages romains au Sud du Tage (Portugal). *Organización y Estructuración del Territorio Antiguo en el Suroeste Peninsular* (Madrid, 1994). J.-G. Gorges & F. G. Rodríguez Martín, eds. *Collection de la Casa de Velázquez* (1999). Madrid 65: 197-226. De col. com A. C. Quintela e J. M. Mascarenhas.

2.7 - Arqueologia das Épocas Moderna e Contemporânea. Arqueologia Industrial

Neste capítulo, incluem-se os estudos de espólios ou de caracterização funcional ou estrutural do património construído, bem como os relacionados com a produção industrial antiga do País, integrando-se no âmbito da designada Arqueologia Industrial, uns e outros quase sempre relacionados com o uso da água. Entre os primeiros, destacam-se os relativos barragens pós-romanas, cuja caracterização resultou do desenvolvimento dos estudos efectuados sobre as suas congéneres romanas e as

estruturas hidráulicas de cariz etnográfico, relacionadas com a moagem e a pesca. No domínio da Arqueologia Industrial, integram-se as escavações que o signatário dirigiu nos fornos da cal de Paço de Arcos, e que originaram diversas publicações.

São ainda de destacar os trabalhos desenvolvidos na antiga Fábrica da Pólvora de Barcarena, dos quais resultou a publicação em co-autoria de monografias e diversos artigos, além do próprio projecto de musealização do edifício, no qual se encontra instalado o Museu da Pólvora Negra. Trata-se do único no seu género existente na Europa (excepção feita a pequena unidade museológica congénere na Grã-Bretanha), o qual foi solenemente inaugurado a 17 de Julho de 1998 por Sua Excelência o Presidente da República.

As escavações realizadas no povoado pré-histórico de Leceia propiciaram a recolha, na camada superficial, de materiais diversos, medievais e posteriores, com destaque para alguns numismas. O seu estudo, efectuado recentemente, constitui o primeiro contributo material da presença humana no território oeirense em época medieval, representado por peças de D. Diniz e de D. Afonso V, a que se somam outras, mais modernas.

Ao foro da Arqueologia Urbana pertence, enfim, pequena escavação arqueológica de emergência realizada em 1998 no subsolo do edifício setecentista onde se encontra instalada a Biblioteca Operária Oeirense, cujos resultados foram objecto de publicação preliminar.

Tratando-se de domínio marginal da actividade arqueológica do autor, nem por isso deixam de constituir estudos inovadores e consequentes, alguns de largo alcance cultural.

- 202** - Barragens antigas em Portugal a sul do Tejo. Actas do I Encontro sobre o Tejo (Fundacion San Benito de Alcantara/Fundação Calouste Gulbenkian. Alcantara/Lisboa, Fevereiro de 1988). *Cuadernos de San Benito* (1989). Madrid, 2: 77-108. De col. com A. C. Quintela e J. M. Mascarenhas.
- 203** - *Rio Lima. Aproveitamento hidroeléctrico de Touvedo (Salvador). Património hidráulico na área da albufeira* (1993). Porto, EDP - Electricidade de Portugal, S.A., Direcção Operacional de Equipamento Hidráulico, 42 p. De col. com A. Quintela, J. M. Mascarenhas e J. T. Monteiro.
- 204** - Três estruturas hidráulicas antigas do Baixo Alentejo. *Recursos Hídricos* (1994). Lisboa, 15 (1): 21-24. De col. com A. Carvalho Quintela e J. M. Mascarenhas.
- 205** - Presas antiguas postomanas, en Portugal, al sur del Tajo. *Presas antiguas de Extremadura* de J. A. Garcia-Diego (1994). Madrid, Fundacion Juanelo Turriano: 205 - 223. De col. com A. Carvalho Quintela e J. M. Mascarenhas.
- 206** - *A Fábrica da Pólvora de Barcarena e os seus sistemas hidráulicos* (1995). Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 217 p. De col. com A. Carvalho Quintela, J. M. Mascarenhas e M. C. André.
- 207** - Fornos da cal de Paço de Arcos. Resumo do relatório das escavações arqueológicas efectuadas em Setembro do ano transacto. *Oeiras Municipal* (1995). Oeiras, 48: 45-46.

- 208 - A água no convento da Arrábida. *Actas do Simpósio Internacional Hidráulica monástica medieval e moderna* (1996). Lisboa, Fundação Oriente: 349-372. De col. com A. C. Quintela, J. M. Mascarenhas e M. H. Abecasis.
- 209 - O complexo fabril de produção de cal de Paço de Arcos. Resultados das escavações realizadas em um dos seus fornos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). Oeiras, 6: 419-429.
- 210 - *Fábrica da Pólvora de Barcarena. Projecto de musealização da Fábrica de Baixo. 1ª fase* (1997). Suplemento ao nº 53 de Oeiras Municipal. Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 14 p. De col. com A. C. Quintela, J. M. Mascarenhas e M. Varela Gomes.
- 211 - Achados arqueológicos - ossadas e restos cerâmicos. *Recuperação do edifício da Biblioteca Operária Oeirense* (1999). Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras: 12-13.
- 212 - A Fábrica da Pólvora de Barcarena. História e evolução tecnológica entre os séculos XVI e XX. *Arqueologia & Indústria* (1998/1999). Lisboa, 2/3: 17-40. De col. com A. C. Quintela e J. M. Mascarenhas O mesmo trabalho foi apresentado em Inglês, ao VII International Congress on History of Technology (Lisboa, 1998).
- 213 - *A Fábrica da Pólvora de Barcarena. Catálogo do Museu da Pólvora Negra* (2000). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 80 p. De col. com A. C. Quintela e J. M. Mascarenhas.
- 214 - Achados numismáticos em Leceia (Oeiras) - seu contributo para o conhecimento da História Local. *Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Numismática/V Congresso Nacional* (Porto, 2000). Lisboa (2000): Associação Numismática de Portugal, p. 233-248. De col. com F. Magro.
- 215 - Moedas medievais e modernas achadas nas escavações do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1999/2000). Oeiras, 8: 431-445. De col. com F. Magro.

2.8 - Arqueozologia e Faunas do Quaternário

Este capítulo refere-se aos estudos de carácter arqueozoológico, domínio científico de que o signatário foi pioneiro em Portugal. Tal facto ficou a dever-se à sua preparação na área da Paleontologia; como arqueólogo, foi-lhe possível efectuar o tratamento, numa perspectiva económica e social, dos resultados da análise estritamente zoológica dos restos faunísticos recuperados em escavações arqueológicas. Assim se explicam os diversos estudos que, relativos a conjuntos de épocas e natureza cultural diversas, têm sido por si publicados.

São ainda de destacar os trabalhos relativos às espécies de grandes mamíferos quaternárias, hoje extintas, nalguns casos pela primeira vez identificadas no território português, as quais conviveram com sucessivas comunidades humanas, que as capturaram e consumiram: neste contexto se integra a dissertação de doutoramento do signatário, que recorreu, sobretudo, a materiais oriundos de escavações arqueológicas; sem que correspondam a estudos de carácter arqueozoológico estrito, constituem importante fonte de informação sobre a dieta dos caçadores paleolíticos, carreando, ao

mesmo tempo, elementos sobre a evolução ambiental do território hoje português, em especial no decurso do último período glaciário.

De referir, ainda, estudo de base arqueozoológica, dedicado aos testemunhos relativos ao consumo do cão identificados em contextos orientalizantes do nosso território, os quais foram integrados e interpretados com base em fontes históricas e arqueológicas.

Neste quadro, merece ainda destaque o estudo dos restos faunísticos da feitoria fenícia de Abul (Alcácer do Sal), que possibilitou também interessantes conclusões de ordem económica e social.

- 216 - O Leão das Cavernas, *Panthera (Leo) spelaea* (GOLDFUSS, 1810) em Portugal. *Da Pré-História à História* (1987) (vol. de homenagem a O. da Veiga Ferreira) Lisboa, Delta: 73-81. De col. com M. Telles Antunes.
- 217 - Présence de *Hippopotamus incognitus* au Portugal et remarques sur les sites quaternaires de Mealhada. *Comunic. Serv. Geol. Portugal* (1988). Lisboa, 79: 165-172. De col. com M. Telles Antunes e M. Faure.
- 218 - *Equus caballus antunesi*, nouvelle sous-espèce quaternaire du Portugal. *Palaeovertebrata* (1989). Montpellier, 19 (2): 47-72. De col. com V. Eisenmann.
- 219 - *Rupicapra rupicapra* (Mammalia) in the Late Pleistocene of Portugal. *Ciências da Terra* (1989). Lisboa, 10: 81-96. De col. com M. Telles Antunes.
- 220 - Le Daim dans le Pléistocène du Portugal. *Comunic. Serv. Geol. Portugal* (1989). Lisboa, 75: 111-118.
- 221 - Presença de Rinoceronte - *Dicerorhinus hemitoechus* (Falconer, 1878) na gruta do Escoural. *Almansor* (1990). Montemor-o-Novo, 8: 7-14.
- 222 - Quaternary elephants in Portugal: new data. *Ciências da Terra* (1992). Lisboa, 11: 17-37. De col. com M. T. Antunes.
- 223 - Présence de *Cuon alpinus europaeus* Bourignat, 1868 (Mammalia, Carnivora) dans le Pléistocène du Portugal. *Ciências da Terra* (1992). Lisboa, 11: 65-76.
- 224 - Um camelídeo de Conimbriga. *Conimbriga* (1992). Coimbra, 31, p. 181-187.
- 225 - *Contribuição para o conhecimento dos Grandes Mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal* (1993). Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 568 p.
- 226 - Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto fenício. Estudo dos restos da Rocha Branca (Silves). *Actas do Encontro de Estudos Os Fenícios no Território Português* (Lisboa 1992). *Estudos Orientais* (1993). Lisboa, 4: 109-126.
- 227 - O estudo dos grandes mamíferos plistocénicos de Portugal. Síntese histórica. *O Quaternário em Portugal. Balanço e perspectivas* (1993) (A. Brum Ferreira, G. Soares de Carvalho e J. C. de Senna-Martinez, eds.). Lisboa, Colibri: 97-103.
- 228 - Restos de grandes mamíferos da ilha do Pessegueiro. Contribuição para o conhecimento da ali-

- mentação na época romana. *Ilha do Pessegueiro. Porto romano da costa alentejana* (1993) (C. Tavares da Silva & J. Soares, eds.). Lisboa, Instituto da Conservação da Natureza: 205-215.
- 229 - La Hiène des "Oubliettes" de Gargas, *Crocota crocuta spelaea* (Mammalia, Carnivora). *Bull. Mus. natl. Hist. nat.* (1993). Paris, 4. Sér., 15, sec. C (1/4): 79-104.
- 230 - Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico: estudo dos restos mamalógicos e malacológicos das Mesas do Castelinho (Almodôvar). *Arqueologia Medieval* (1993). Porto, 2: 103-106.
- 231 - Faunas pliocénicas do concelho de Cascais. *Arquivo de Cascais* (1992/1994). Cascais, 11: 13-30.
- 232 - A fauna de mamíferos da época muçulmana das Mesas do Castelinho (Almodôvar). Materiais das campanhas de 1989 - 1992. *Arqueologia Medieval* (1994). Porto, 3: 201-220.
- 233 - Os restos de grandes mamíferos do povoado neolítico da igreja de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho). *Vipasca* (1994). Aljustrel, 3: 51-55.
- 234 - *Crocota crocuta intermedia* (M. de Serres, 1828) (Mammalia, Carnivora) no Plistocénico de Portugal. *Comunic. Inst. Geol. e Mineiro* (1994). Lisboa, 80: 89-97.
- 235 - L'avifaune de l'habitat fortifié chalcolithique de Leceia (Oeiras, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras, 5: 165-186. De col. com L. Gourichon.
- 236 - Ictiofauna do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras, 5: 187-192. De col. com M. Telles Antunes.
- 237 - Os mamíferos no quotidiano romano. Algumas reflexões a propósito dos restos de Conímbriga. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras, 5: 299-313.
- 238 - Grutas do Maciço Hespérico de Portugal com faunas de grandes mamíferos pliocénicos. Breve síntese. *Cadernos Laboratório Xeolóxico de Laxe* (1995). A Coruña, 20: 213-229.
- 239 - Presença de *Equus hydruntinus* REGALIA, 1905 no Würm recente de Portugal. *Comunic. Inst. Geol. e Mineiro* (1995). Lisboa, 81, p. 97-108.
- 240 - Um indicador económico para o Bronze Pleno da Beira Alta: a fauna de grandes mamíferos da Unidade Estratigráfica 4 da "Sala 20" do Buraco da Moura de São Romão (concelho de Seia). *Actas da Terceira Reunião do Quaternário Ibérico* (Coimbra, 1993) (1995). Coimbra, Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário: 457-460. De col. com J. C. de Senna-Martinez e A. C. Valera.
- 241 - Bases de subsistência em povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro do território português. O testemunho dos mamíferos. *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a. C.* (1996) (coord. J. de Alarcão). *Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia*. Lisboa, Instituto Português de Museus: 160-170.
- 242 - Aspectos do quotidiano numa casa de Silves, durante o século XV. *Xelb* (1996). Silves, 3: 33-78. De col. com R. V. Gomes e M. V. Gomes.
- 243 - Contributo para o estudo das faunas encontradas no poço-cisterna de Silves (séculos XV-

- XVI). *Xelb* (1996). Silves, 3: 207-268. De col. com M. V. Gomes.
- 244 - Les Grands Mammifères du Pléistocène Supérieur du Portugal. Essai de synthèse. *Geobios* (1996). Lyon, 29 (2): 235-250.
- 245 - Objectivos e princípios metodológicos da Arqueozoologia. Estado da questão em Portugal. *Al-Madan* (1996). Almada, S II, 5: 78-88.
- 246 - Nota sobre uma lamela de molar de elefante da gruta do Almonda (Torres Novas). *Comunic. Inst. Geol. e Mineiro* (1996). Lisboa, 81: 169-174.
- 247 - Pequenos mamíferos do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). Oeiras, 6: 121-133. De col. com M. Telles Antunes e P. Mein.
- 248 - O consumo de cão, em contextos fenício-púnicos, no território português. *Estudos Orientais* (1997). Lisboa, 6 (vol. de homenagem ao Prof. A. A. Tavares): 89-117. De col. com M. Varela Gomes.
- 249 - A preliminary catalogue of Holocene equids from the Iberian Peninsula. *Atti del XIII Congrès Union Internationale Sciences Prehistoriques et Protohistoriques - UISPP* (Forli, Italia, 1996) (1998). Forli, 6 (1): 65-81. De col. com A. M. Muñiz; D. Albertini; F. B. Sancho; P. M. Castañós; C. Liesau von Lettow - Vorbeck; S. Montero - Ponseti; J. Nadal Lorenzo; E. Nicolás Pérez; M. Pérez Ripoll; B. Pino Uria & J. A. Riquelme Cantal.
- 250 - Aspectos da economia alimentar do Bronze Pleno da Beira Alta: a fauna de grandes mamíferos das "Salas 2 e 20" do Buraco da Moura de São Romão (Seia). *Trabalhos de Arqueologia da EAM* (1998). Lisboa, Colibri, 3-4: 253-261. De col. com J. C. de Senna-Martinez e A. C. Valera.
- 251 - Presencia de *Agrionemys* (= *Testudo*) *hermanni* (Gmelin, 1789) en el Paleolítico Medio de la Gruta Nova de Columbeira (Bombarral, provincia de Estremadura, Portugal). *Studia Geologica Salmanticensia* (1998). Salamanca, 34: 123-139. De col. com E. Jiménez Fuentes e E. G. Crespo.
- 252 - Les Mammifères d'Abul. *L'établissement phénicien d'Abul (Portugal)* F. Mayet & C. Tavares da Silva, eds. (2000). Paris : Diffusion De Boccard (no prelo).
- 253 - Fenícios e indígenas em Rocha Branca, Abul, Alcácer do Sal, Almaraz e Santarém. Estudo comparado dos mamíferos. *Actas IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Punicos* (Cadiz, 1995). Madrid (no prelo).
- 254 - Arqueofaunas - balanço da sua investigação em Portugal. *Actas das VI Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses - Arqueologia, balanço de um século de investigação arqueológica* (Lisboa, 2000). Lisboa (no prelo).
- 255 - Nota prévia sobre a fauna consumida no período islâmico no Castelo de Palmela. *O castelo de Palmela: do islâmico ao medieval cristão*. Dissertação do Mestrado em História de Arte, Património e Restauro apresentada por Isabel C. F. Fernandes à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiada).

256 - *Sobre a presença do Urso, na época medieval, no castelo de Leiria*. Leiria: Câmara Municipal de Leiria.

2.9 - Gearqueologia e Geologia do Quaternário

Este capítulo refere-se essencialmente aos trabalhos de cunho geológico aplicados à análise de questões de índole arqueológica: neste sentido, o autor foi um precursor de abordagens que recorreram à sedimentologia, à petrografia, à mineralogia e mesmo à geologia mineira, para a discussão de várias temáticas arqueológicas, com destaque para as duas principais vertentes:

- caracterização das condicionantes naturais de ordem geológica existentes à data da ocupação humana de determinada região, estreitamente relacionadas com as estratégias de ocupação dos territórios e exploração dos recursos sucessivamente adoptadas pelas respectivas comunidades;

- sistemas de aprovisionamento de matérias-primas e suas origens, através da caracterização composicional de artefactos ou elementos de construção (estudos petrográficos e metalográficos) ou de determinados dos seus componentes (estudos mineralógicos das pastas cerâmicas).

De tais estudos tem o signatário experiência, podendo considerar-se como um dos introdutores, em Portugal, recorrendo, sempre que necessário, à colaboração de outros especialistas.

Fazem ainda parte deste sub-capítulo diversos estudos de carácter paleogeográfico e outros, relativos à evolução da paisagem, através duma das suas expressões mais evidentes, os fenómenos de erosão e de sedimentação, cuja caracterização e quantificação actuais são susceptíveis de contribuir para a adequada avaliação da amplitude histórica do fenómeno, no qual as actividades humanas desempenharam e desempenham papel relevante.

257 - A não confirmação de fenómenos glaciários nas montanhas do Norte de Portugal (Peneda-Gerês). *Bol. Soc. Geol. Portugal* (1979). Lisboa, 21 (2/3): 163-184. De col. com C. Teixeira.

258 - Nota sobre paleocorrentes na Formação Vermelha de Marco Furado (Península de Setúbal). *Bol. Soc. Geol. Portugal* (1979). Lisboa, 21 (2/3): 197-201. De col. com T. M. Azevedo, A. B. Amorim e J. Figueiras.

259 - Testemunhos de couraças ferruginosas quaternárias no Sudeste de Portugal (nota preliminar) *Bol. Soc. Geol. Portugal* (1980/81) (vol. de homenagem a C. Teixeira). Lisboa, 22: 417-420. De col. com M. Monteiro Marques e A. Sanches Furtado.

260 - Escavações arqueológicas na Praça de Bocage (Setúbal). Estudos sedimentológicos. *Setúbal Arqueológica* (1980/81). Setúbal, 6/7: 285-293.

261 - Métodos geofísicos aplicados na prospecção de terrenos. *Al-Madan* (1983). Almada, 1: 5-11.

262 - O Pliocénico marinho de Caldas da Rainha e de Pombal. Sedimentologia e micropaleontologia. Enquadramento paleográfico e paleoecológico. *Vol. de homenagem a G. Zbyszewski*. Paris, *Éditions Recherche sur les Civilisations* (1983): 155-201.

- 263 - A erosão de bacias hidrográficas e o assoreamento de albufeiras. Estudo piloto de um caso português. *O Geotécnico* (1985). Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL, 1: 115-139.
- 264 - Sedimentologia das camadas da base de alguns cortes arqueológicos da cidade de Setúbal: esboço de reconstituição paleogeográfica neles baseado. *Actas do I Encontro de Arqueologia Urbana* (Setúbal, 1985). *Trabalhos de Arqueologia* (1986). Lisboa, 3: 161-168.
- 265 - Estudo do assoreamento da albufeira de Venda Nova. *Comunic. Serv. Geol. Portugal* (1986). Lisboa, 72 (1/2): 143-151.
- 266 - Materiais cerâmicos do povoado calcolítico do Monte da Tumba (Torrão). Análises macro e microscópicas. *Setúbal Arqueológica* (1992). Setúbal, 9/10: 277-289. De col. com A. V. Pinto Coelho.
- 267 - Nota sobre a constituição dos muros de uma das fábricas de salga da Ilha do Pessegueiro. *Ilha do Pessegueiro. Porto romano da costa alentejana* (1993) (C. Tavares da Silva & J. Soares, eds.). Lisboa, Instituto da Conservação da Natureza: 217-221. De col. com M. H. Canilho.
- 268 - Nota sobre a constituição da taipa romana da Ilha do Pessegueiro. *Ilha do Pessegueiro. Porto romano da costa alentejana* (1993) (C. Tavares da Silva & J. Soares, eds.). Lisboa, Instituto da Conservação da Natureza: 223-226. De col. com C. Serra.
- 269 - Cerâmicas da necrópole da Idade do Bronze de Alfarrobeira (Silves). Análises macro e microscópicas. *Xelb* (1994). Silves, 2: 141-145. De col. com A. V. Pinto Coelho.
- 270 - Sobre a presença de cobre na mina da Cumiada. *Xelb* (1994). Silves, 2: 149-150.
- 271 - Estudos petrográficos de artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Análise de proveniências. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995), 5: 123-151. De col. com A. Barros e Carvalhosa.
- 272 - A Geoarqueologia. Fundamentos e métodos. *Al-Madan* (1996). Almada, S. II, 5: 70-77.

2.10 - Cartografia Arqueológica e Sínteses Regionais

Este sub-capítulo congrega os trabalhos, por vezes correspondentes a volumes monográficos, relativos a dois domínios distintos, embora complementares: o da cartografia arqueológica, e o das sínteses e ensaios de carácter regional. Os trabalhos referentes ao primeiro, envolveram sempre desenvolvidos estudos de terreno; têm a sua expressão mais evidente em diversas cartas arqueológicas concelhias, publicadas pelas respectivas autarquias. O segundo dos referidos domínios, refere-se a determinadas áreas geográficas, de carácter meramente cartográfico ou, ao contrário, de expressão geográfica bem definida, sobre as quais se desenvolveram sínteses, de temáticas arqueológicas mais ou menos circunscritas.

- 273 - *Pré-história da Península de Setúbal - livro-guia da excursão "Formações plio-quadernárias da Península de Setúbal"* (1985) (I Reunião do Quaternário Ibérico, Lisboa 1985). Lisboa, Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário: 37-68.

- 274 - No estuário do Tejo, do Paleolítico à Idade do Ferro. *Arqueologia no vale do Tejo* (1987). Lisboa, Instituto Português do Património Cultural: 69-81.
- 275 - Contribuição para a carta arqueológica da Freguesia de Belver (Concelho de Gavião). *Actas das 1ª Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano* (Castelo de Vide, 1985). Coimbra (1987): 83-99. De col. com R. P. Carvalho.
- 276 - *Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal à escala de 1/50000. Folha 39-D (Torrão)* - *Arqueologia* (1992). Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal: 74-81. De col. com F. Gonçalves.
- 277 - *Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras. Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1993). Oeiras, 4, 126 p. De col. com G. Cardoso.
- 278 - Estratégias de ocupação do espaço na área do Concelho de Oeiras, do Paleolítico ao Período Romano: um ensaio. *Actas do I Encontro de História Local do Concelho de Oeiras* (Oeiras, 1991). Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras (1993): 17-24.
- 279 - Do Paleolítico ao Romano, investigação arqueológica na área de Lisboa. Os últimos 10 anos: 1984-1993. *Al-Madan* (1994). Almada, S. II, 3: 59-74.
- 280 - A Pré e Proto-história de Lisboa no catálogo de "Lisboa Subterrânea". *Al-Madan* (1994). Almada, S. II, 3: 105-105.
- 281 - Viagem ao Passado. *Retratos de Oeiras* (1994). Publicações DSA. Oeiras: 160-170.
- 282 - O litoral sesimbrense da Arrábida. Resenha dos conhecimentos da sua evolução quaternária e das ocupações humanas correlativas. *Sesimbra Cultural* (1994). Sesimbra, 4: 5-12.
- 283 - Para o conhecimento da agricultura no concelho de Oeiras: do Neolítico ao Período Romano. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras, 5: 87-96.
- 284 - *Levantamento arqueológico do Algarve - Concelho de Lagoa*. Lagoa (1995): Câmara Municipal de Lagoa, 108 p. De col. com M. Varela Gomes e F. J. S. Alves.
- 285 - O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga* (1995). Coimbra, 34: 33-74.
- 286 - O povoamento no Bronze Final e na Idade do Ferro na região de Lisboa. *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a. C.* (1996) (coord. J. de Alarcão). *Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia*. Lisboa, Instituto Português de Museus: 73-81.
- 287 - As grutas, os grandes mamíferos e o homem paleolítico: uma aproximação integrada ao território português. *Estudos do Quaternário* (1997). Lisboa, 1: 13-23.
- 288 - Arqueologia da região meridional da Península de Setúbal - breve síntese baseada nos principais testemunhos arqueológicos. *Al-Madan* (1998). Almada, S. II, 7: 23-37.
- 289 - Do Paleolítico à Idade do Ferro no concelho de Oeiras: percursos da presença humana. *Actas do 1º Ciclo de Estudos Oeirenses* (Oeiras, 1996/1997). Oeiras (1998): Editorial Delta/ Câmara Municipal de Oeiras: 31-71.
- 290 - Riqueza e diversidade do registo arqueológico: o caso do litoral a Norte da praia de Santa Cruz

- (Torres Vedras). *Fraternidade e Abnegação, a Joaquim Veríssimo Serrão, os Amigos* (1999). Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2: 673-683. De col. com M. Farinha dos Santos.
- 291** - *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia Explicativa da folha 30-A (Lourinhã) - Arqueologia* (1999). Lisboa, Instituto Geológico e Mineiro: 72-76.
- 292** - *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia Explicativa da folha 38-B (Setúbal) - Arqueologia* (1999). Lisboa, Instituto Geológico e Mineiro: 109-130.
- 293** - Arqueologia no Alto Tejo, balanço de 30 anos de investigação. *História*, Nova Série (1999). Lisboa, 18: 68-74. De col. com F. Henriques e J. C. Caninas.
- 294** - Na Arrábida, do Neolítico Antigo ao Bronze Final. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa, 14: 45-70.
- 295** - A ocupação dos territórios e a exploração dos recursos na Península de Setúbal, do Paleolítico ao Bronze Final. *Discursos*. Número especial (2000). Lisboa: 19-47.
- 296** - *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 27-A (Vila Nova de Ourém) - LX - Pré-História* (2000). Lisboa, Instituto Geológico e Mineiro: 131-137.
- 297** - *Lugares, pedras e homens: trinta anos de Arqueologia no concelho de Oeiras*. Estudos Arqueológicos de Oeiras (2000). 9, 191 p.

2.11 - História da Arqueologia e estudos bio-bibliográficos de arqueólogos portugueses

A historiografia arqueológica portuguesa é domínio pouco cultivado, apesar da riqueza das fontes de informação, conservadas em diversos arquivos, pessoais ou oficiais. O autor tem vindo a interessar-se por esta temática da investigação, muito desenvolvida em outros países, promovendo a publicação de documentos antigos de carácter arqueológico; a de correspondência; e a reedição de obras clássicas sobre Arqueologia portuguesa, devidamente anotadas. São de sua autoria, também, notícias bio-bibliográficas de personalidades que se destacaram na actividade arqueológica portuguesa, designadamente dos seus Mestres, O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski.

- 298** - Resumo histórico da actividade arqueológica na Europa Ocidental. *Ciência* (1978). Lisboa, S. III, 3/4: 27-31. De col. com C. Penalva.
- 299** - A Arqueologia portuguesa do pós-guerra vista pela correspondência de O. da Veiga Ferreira a Abel Viana. *O Arqueólogo Português* (1993/1994). Lisboa. Série IV, 11/12: 291-338.
- 300** - Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunic. Inst. Geol. e Mineiro* (1996). Lisboa, 82: 145-168. De col. com J. R. Carreira.
- 301** - Octávio da Veiga Ferreira (1917-1997). *Trabajos de Prehistoria* (1997). Madrid, 54 (2): 5-11.
- 302** - Reconhecidos a Georges Zbyszewski (palavras proferidas na sessão inaugural). *Actas do I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste - homenagem a Georges Zbyszewski* (Sagres, 15 a 17 de Novembro de 1991). *Setúbal Arqueológica* (1997). Setúbal, 11/12: 9-16.

- 303 -In Memoriam O. da Veiga Ferreira (1917-1997). *Comunic. Inst. Geol. e Mineiro* (1997). Lisboa, 83: 153-170.
- 304 -O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia portuguesa. *Al-madan* (1999). Almada, Série II, 8: 138-156.
- 305 -O quaternarista Georges Zbyszewski (1909-1999). *Estudos do Quaternário* (1999). Lisboa, 2: 3-6. De col. com G. S. de Carvalho.
- 306 -In Memoriam Georges Zbyszewski (1909-1999). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1999/2000). Oeiras, 8: 9-20.
- 307 -As investigações de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado sobre o “Homem Terciário”: resultados e consequências na época e para além dela. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1999/2000). Oeiras, 8: 33-54.
- 308 -Como nasceu a Arqueologia em Portugal. O Estudo da História: *Revista da Associação dos Professores de História*. (2000). Lisboa. 4: 7-28.
- 309 -Prospecções e escavações nos concheiros mesolíticos de Muge e de Magos (Salvaterra de Magos): contribuição para a história dos trabalhos efectuadas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1999/2000). Oeiras, 8: 83-240.
- 310 -Vinte e cinco anos de trabalhos arqueológicos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1999/2000). Oeiras, 8: 489-524.
- 311 -Correspondência anotada de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado: contribuição para a História da Arqueologia em Portugal. *Comunic. Inst. Geol. e Mineiro* (2001). Lisboa. De col. com A. Ávila de Melo (no prelo).

2. 12 - Diversos

Este último sub-capítulo congrega os trabalhos de índole diversa, que não se integram em qualquer dos âmbitos específicos tratados anteriormente: estão neste caso artigos sobre a gestão do Património Arqueológico e o tratamento da informação (no quadro de estudos e impacte ambiental), bem como os artigos preparados para vocabulários e enciclopédias. Incluem-se ainda as obras de que foi tradutor ou revisor científico.

2.12.1 - Gestão do Património Arqueológico

- 312 -O impacte de grandes obras públicas no património arqueológico. Algumas considerações sobre a sua quantificação. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993). (1994) Lisboa. 1: 101-104.
- 313 -Arqueologia, Turismo e Poder Local: o exemplo do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras, 5: 341-347.

- 314** - Política do Património em Oeiras. Ópticas para a sua gestão integrada. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1997/1998). Oeiras, 7: 17-23. Também publicado em *Oeiras Municipal* (1998). Oeiras, 56: 61-64.
- 315** - Leceia, paradigma da protecção do património arqueológico no concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1997/1998). Oeiras, 7: 47-59.
- 316** - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CEACO). Objectivos e actividades. *Centros - Históricos - Revista da Associação Portuguesa de Municípios com Centro Histórico*. Santarém. Série II, 2: 37-38.

2.12.2 - Colaboração em dicionários e enciclopédias

- 317** - *Vocabulário de termos geológicos* (1991). Idade do Cobre; Idade do Bronze; Idade do Ferro. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa: 16-20.
- 318** - Colaboração com a Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (Editorial Verbo). Encarregou-se da preparação dos seguintes termos (desde 1997):
- Delgado, General Joaquim Filipe Nery da Encarnação;
 - Estremadura, Arqueologia da;
 - Fábrica da Pólvora de Barcarena;
 - Faro, Arqueologia urbana de;
 - Fecundidade;
 - Ferradeira, "horizonte" de;
 - Fenícios em Portugal;
 - Flandriano;
 - Florisbad, jazida de;
 - Foice;
 - Folha de Loureiro;
 - Fortificações calcolíticas de Portugal;
 - Foz do Enxarrique;
 - Furador;
 - Gambliano;
 - Gamo;
 - Gato Bravo;
 - Gelifracção;
 - Glaciação;
 - Gravetense;
 - Gruta;

- Gruta da Casa da Moura;
- Gruta da Lapa da Rainha;
- Gruta da Lapa do Fumo;
- Gruta da Lapa do Suão;
- Gruta das Redondas ou Algar de João Ramos;
- Gruta das Fontainhas;
- Gruta da Fuminha;
- Gruta das Salemas;
- Gruta Nova da Columbeira;
- Hiena;
- Javali;
- Laugerie;
- Leão das Cavernas;
- Leopardo;
- Lobo;
- Kagueriano;
- Kamasiano;
- Kangeriano;
- KBS;
- Kesselt;
- Koobi-Fora;
- Laetoli;
- Languedocense;
- Lapa do Bugio;
- Lapas (necrópole pré-histórica das);
- Leceia (povoado pré-histórico de);
- Levallois;
- Lorga de Dine;
- Los Millares (Cultura de);
- Machado;
- Mealhada;
- Metalurgia do cobre;
- Metalurgia do bronze;
- Monte do Frade (Penamacor);
- Monte de S. Martinho (Castelo Branco);
- Monte da Tumba (Alcácer do Sal).

2.12.3 - *Traduções ou revisões científicas*

319 - Os Vulcões (1989). Revisão científica da tradução feita para "Resomnia Editores - Editorial Enciclopédia". Lisboa.

320 - Os Fósseis. Revisão científica da tradução feita para "Editorial Verbo". Lisboa.

3 - CONCLUSÃO

Os mais de trezentos títulos que integram o currículo científico publicado do Autor, enumerados neste trabalho não esgotam, naturalmente, os contributos que se lhe ficam a dever neste domínio, visto não se terem contemplado outros "itens", como a sua participação em reuniões científicas e grupos de trabalho, incluindo júris académicos ou outros. De igual modo, não foram consideradas as dezenas de escavações arqueológicas que dirigiu em Portugal, nem aquelas em que participou além-fronteiras. Como se disse, o principal objectivo deste trabalho, publicado no momento em que o autor completa vinte e cinco anos de actividade publicada teve, como principal objectivo, o fornecimento aos utilizadores potenciais, de informação bibliográfica actualizada, difícil de obter por outras vias: e é neste âmbito restrito que deve ser entendido. Assim se explica, também, a ausência a outros elementos do seu currículo, como as sociedades científicas e Académicas a que pertence, bem como os prémios, condecorações e louvores que possui.

Barcarena, 1 de Maio de 2001.

NOTÍCIAS
E
RELATÓRIOS
(1998/1999)

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
8, Oeiras, Câmara Municipal, 1999/2000, pp. 527-528

INAUGURAÇÃO DA SALA DE ARQUEOLOGIA NA FABRICA DA PÓLVORA DE BARCARENA



Decorreu no dia 7 de Junho de 1998 a inauguração da sala de Arqueologia na Fábrica da Pólvora de Barcarena, presidida por Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado da Administração Local, Dr. José Junqueiro e pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Afonso Morais. Trata-se de exposição permanente, de carácter monográfico, dedicada ao povoado pré-histórico de Leceia, montada em ampla sala situada perto da antiga "Fábrica" do salitre. Anteriormente, o conjunto museológico esteve patente ao público numa das alas do Mosteiro dos Jerónimos, de 17 de Julho de 1997 a 6 de Abril de 1998. Foi, contudo, objecto de numerosas bene-

ficações aquando desta reinstalação, de que se destaca a animação da grande maquete do povoado pré-histórico de Leceia, que constitui uma das peças principais da exposição. Foi-lhe adaptado sistema de luz e som, conectado por computador, o primeiro montado em Portugal com tais características, permitindo uma rápida e completa apreensão das características, significado e importância da estação arqueológica, por parte de todos os visitantes.

Este espaço museológico constitui, deste modo, natural e imediato complemento das visitas organizadas por este Centro de Estudos Arqueológicos, no âmbito das suas competências e atribuições, ao povoado pré-histórico de Leceia, com destaque para as destinadas à população escolar do concelho, efectuadas com carácter sistemático desde 1988.

**VISITA DE SUA EXCELENCIA
O PRESIDENTE DA REPÚBLICA À SALA DE ARQUEOLOGIA**



Por ocasião da visita, a 17 de Junho de 1998, de Sua Excelência o Senhor Presidente da República à Fábrica da Pólvora de Barcarena, onde inaugurou o Museu da Pólvora Negra, O Dr. Jorge Sampaio e seus numerosos acompanhantes, teve a oportunidade de visitar a sala de Arqueologia, inaugurada dias antes, a 7 de Junho, em ampla sala da Fábrica da Pólvora de Barcarena. Mereceram-lhe particular interesse os elementos expostos das escavações do povoado pré-histórico de Leceia, bem como a observação de maqueta de pormenor que reproduz todas as estruturas arqueológicas postas a descoberto, no decurso dos dezoito anos de escavações ali dirigidas pelo Prof. Doutor João Luís Cardoso que, na foto, lhe presta esclarecimentos, acompanhado pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras e de outros visitantes.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,

8, Oeiras, Câmara Municipal, 1999/2000, pp. 531-532

ENTREGA DO PRÉMIO DR. POSSIDÓNIO LARANJO COELHO DA ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA



Decorreu no dia 8 de Julho de 1998, em Sessão Extraordinária do encerramento do ano académico da Academia Portuguesa da História, a distribuição dos prémios da Academia. O Doutor João Luís Cardoso obteve o Prémio Dr. Possidónio Laranjo Coelho, destinado a distinguir estudos de investigação e revisão da História Nacional, no caso relativo à sua obra “O povoado pré-histórico de Leceia, sentinela do Tejo no Terceiro Milénio antes de Cristo”, publicada no ano anterior por iniciativa conjunta do Museu Nacional de Arqueologia e da Câmara Municipal de Oeiras. Trata-se de monografia que sumariza os trabalhos arqueológicos realizados naquela importante estação pré-

-histórica do Concelho de Oeiras, profusamente ilustrada, a qual foi preparada para servir de apoio e complemento à exposição dedicada àquele notável povoado calcolítico, primeiro, no Museu Nacional de Arqueologia, depois na Fábrica da Pólvora de Barcarena, onde pode ser visitada. Na foto, o momento de entrega do Prémio, pelo Senhor Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Presidente da Academia.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
8, Oeiras, Câmara Municipal, 1999/2000, pp. 533-555

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS RELATÓRIO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS EM 1998 E 1999

1 - INTRODUÇÃO

Este relatório diz respeito às actividades desenvolvidas pelo Centro de Estudos Arqueológicos nos anos de 1998 e de 1999.

As acções efectuadas podem agrupar-se em duas grandes áreas:

- Acções de Inventariação e Investigação e Protecção do Património Arqueológico;
- Acções de Divulgação e Animação do Património Arqueológico;
- Acções de Formação no âmbito da Arqueologia;

2 - ACÇÕES DE INVENTARIAÇÃO, INVESTIGAÇÃO E PROTECÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

2.1- Inventariação

Realizou-se o inventário, incluindo lavagem, marcação e arquivo de cerca de vinte mil peças recolhidas nas campanhas de escavação do povoado pré-histórico de Leceia nos anos de 1983, 1984 e 1998 e 1999.

Deu-se, deste modo, seguimento à preparação sistemática dos materiais ali recolhidos, indispensável aos estudos que ulteriormente serão efectuados.

É de salientar que se encontra concluído o inventário de todas as peças recolhidas naquele povoado desde o início das escavações, em 1983, num total de cerca de noventa mil peças, com exclusão, naturalmente do espólio obtido na última campanha de escavações ali realizada, em Agosto de 2000.

Semelhante tratamento teve o material obtido em escavações dirigidas pelo signatário de 1983

a 1987 no povoado da Idade do Bronze, da Tapada da Ajuda (Concelho de Lisboa), depositado no CEACO, perfazendo o total de cerca de cinco mil peças.

De igual modo foi tratado o espólio recolhido na escavação de emergência efectuada no piso térreo da Biblioteca Operária Oeirense, no decorrer de obras de beneficiação da mesma (Março/Maio - 1998). O material tratado ascende a cerca de 500 peças.

2.2 - Investigação

2.2.1 - Escavações Arqueológicas

Prosseguiram durante os meses de Agosto de 1998 e de 1999, as escavações sistemáticas do povoado pré-histórico de Leceia, correspondentes às décima - sexta e décima - sétima campanhas ali realizadas. Ambas foram, tal como as anteriores, dirigidas pelo signatário. No final da campanha de 1999, cerca de 10 000 m² da área primitivamente ocupada pela estação (entendida como área construída) encontrava-se escavada, correspondendo a, aproximadamente, 95% do total. Tal área faz de Leceia o povoado pré-histórico existente no território português até ao presente escavado em maior extensão, conferindo-lhe importância ímpar, no contexto da pré-história europeia, como vem sendo reconhecido tanto no País como, sobretudo, internacionalmente.

De Março a Maio, foi realizada escavação de emergência no piso térreo do Edifício da Biblioteca Operária Oeirense, no decurso de obras de beneficiação do mesmo. Esta intervenção foi solicitada ao CEACO, pelo G.P.E., através do responsável pelo acompanhamento das referidas obras. (Inf. n.º 0304 - G.P.E./98, de 98/3/6). No decurso dos trabalhos, puseram-se a descoberto diversos restos humanos, acompanhados de espólio dos séculos XVII/XVIII, embora não directamente relacionados com os referidos restos; as características dos enterramentos encontram-se já sumariamente descritas em publicação editada pela Câmara Municipal de Oeiras, através do G.P.E.

2.2.2 - Prospecções Arqueológicas

Procedeu também o signatário no decurso de 1998 e 1999 ao acompanhamento preventivo de grandes obras que requereram movimentações significativas de terras, em recurso em diversos locais do Concelho. Merecem destaque as prospecções realizadas no futuro Parque dos Poetas, bem como o prosseguimento das que se vinham efectuando na zona de futura expansão do Taguspark. Se das primeiras não resultou qualquer informação positiva, já as segundas proporcionaram a recolha de numerosos materiais paleolíticos, de várias épocas culturais. Estes trabalhos, efectuados ao abrigo do Projecto de Investigação “Arqueologia do concelho de Oeiras”, dirigido pelo signatário e superiormente aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia tiveram a colaboração do Senhor

Comandante J. M. Romão da Silva, encontrando-se o respectivo espólio actualmente depositado nas instalações deste Centro de Estudos Arqueológicos.

2.2.3 - *Projectos de Investigação*

As acções de escavação efectuadas no povoado pré-histórico de Leceia foram, até 1997, apoiadas por um Projecto de Investigação superiormente aprovado pelo então IPPAR dirigido pelo signatário. Porém, a diversidade cronológica das estações a que, no âmbito da sua actividade, o CEACO tem sido chamado a intervir, justificou a elaboração de novo Projecto de Investigação, melhor adaptado à realidade referida, o qual mereceu superior aprovação da nova Instituição que passou a superintender a investigação arqueológica em Portugal, o Instituto Português de Arqueologia. Ficou, desta forma salvaguardado, um dos requisitos legais, que deverão presidir à realização de prospecções e de escavações arqueológicas na área do concelho de Oeiras, sob a iniciativa deste Centro de Estudos Arqueológicos. Foi já ao abrigo deste Projecto que foram realizadas as 16ª e 17ª campanha de escavações no povoado pré-histórico de Leceia, realizada em 1998 e 1999.

Assim, com o referido Projecto, designado “Arqueologia do concelho de Oeiras”, em vigor de 1998 a 2001, pretende-se dar continuidade ao trabalho que vem sendo realizado sob direcção ou pelo signatário, no âmbito do estudo, protecção e divulgação do Património Arqueológico do concelho de Oeiras desde 1970.

Com a criação do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, como unidade orgânica da Câmara Municipal de Oeiras, em Outubro de 1988 (reconhecido pelo IPPAR por Ofício nº. 4514, de 20/3/1989), foi possível começar a desenvolver, de forma consequente e programada, um conjunto de acções que este Projecto deu maior amplitude, as quais se podem conceber a diversos níveis:

- prospecção sistemática de terreno, com destaque para as zonas que venham a ser futuramente afectadas por empreendimentos públicos ou privados;
- escavações integradas neste Projecto ou outras, de carácter prioritário, por solicitação ou acordo estabelecido com outras instituições, após prévia autorização do IPA;
- acções de protecção (incluindo o apoio à classificação oficial); de valorização (incluindo a manutenção das estações em estado visitável e a eventual musealização das que a justificarem); e a divulgação do Património Arqueológico concelhio (incluindo a organização de exposições e a edição de brochuras de grande tiragem);
- tratamento, conservação e restauro de espólios arqueológicos que venham a ser recuperados em escavações ou obtidos por oferta;
- publicação sistemática dos resultados obtidos (monografias, textos temáticos apresentados a reuniões científicas ou publicados em revistas da especialidade, com destaque para a série “Estudos Arqueológicos de Oeiras”).

O Projecto de Investigação, do qual se respigaram as principais linhas programáticas, mereceu da Comissão de Avaliação nomeada o seguinte parecer, comunicado ao signatário (Ofício do Senhor Subdirector do IPA nº. 1945, de 18/6/1998):

“Sendo amplamente reconhecida, desde a segunda metade do século XIX, a riqueza arqueológica da península de Lisboa, o futuro não deixará de criticar implacavelmente as autoridades do século XX pelo muito que se perdeu, década após década, incluindo nos últimos anos.

O Projecto Arqueo-Oeiras, da responsabilidade de João Luís Cardoso, não só pelo seu mérito intrínseco, *curriculum* do seu responsável, como também pelas provas já dadas em matéria de publicação e divulgação, deve ser aprovado e merece o apoio do IPA, no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos (PNTA). Aliás, a par das suas características próprias este Projecto merece a pontuação máxima (nível 5) pela circunstância específica de ser um contributo para atenuar a imensa perda de informação sobre o povoamento da península de Lisboa, desde a Pré-História Antiga à época romana”.

2.2.4 - Trabalhos Laboratoriais e de Gabinete

No âmbito desta rubrica, avultam ainda, para além dos já mencionados supra, os estudos laboratoriais realizados sobre materiais arqueológicos de diferentes épocas e proveniências, os quais deram ou darão origem a publicações de co-autoria, patrocinadas por entidades ou investigadores que ao CEACO solicitaram colaboração científica:

Proseguiu ininterruptamente em 1998 e 1999 o desenho de materiais arqueológicos, destinados a ilustrar trabalhos de investigação ou de divulgação, realizados no CEACO por desenhador especialista de Arqueologia.

2.3 - Oferta de Materiais Arqueológicos

Outubro de 1998

Oferta de materiais líticos (Paleolítico), provenientes da estação de Leceia Norte, pelo Senhor Comandante J. M. Romão da Silva, os quais se destinam a publicação na série “Estudos Arqueológicos de Oeiras”.

2.4 – Protecção do Património Arqueológico

As actividades de preservação e valorização do património arqueológico, para além do caso paradigmático, tanto a nível tanto nacional como internacional, corporizado pelo povoado pré-históri-

co de Leceia, desenvolvido em anos anteriores, tiveram também relevante expressão na recuperação do bem conhecido mosaico romano de Oeiras, situado em prédio urbano situado na rua das Alcássimas (Oeiras), adquirido pelo Município. O trabalho, executado por iniciativa e sob a responsabilidade do C.E.A.C.O., e executado por técnicos-especialistas do Museu Monográfico de Conímbriga, requereu o levantamento integral da parte conservada, seguida da sua fixação em base rígida de resina sintética, constituída por diversas placas; tal trabalho, que se encontra concluído, será seguido da reinstalação da peça, de elevado interesse museológico e patrimonial, no sítio original, logo que os trabalhos de recuperação geral do imóvel estejam concluídos.

3 - ACÇÕES DE DIVULGAÇÃO E ANIMAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

3.1 - Publicações

3.1.1 – Revista “*Estudos Arqueológicos de Oeiras*”

Ciente de que a adequada protecção do Património Arqueológico e a sua correcta divulgação por público alargado passaria, necessariamente, não apenas pelo seu estudo científico, mas, sobretudo, pela sua publicação atempada e adequada, foi criada pela Câmara Municipal de Oeiras, em 1991, uma série de carácter arqueológico, destinada à publicação dos resultados que viessem a ser obtidos no âmbito das actividades do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Assumia-se, deste modo, a Autarquia, não apenas como estrutura de resposta local aos requisitos imediatos nesta matéria, mas, sobretudo, como agente motivador e formador, numa perspectiva geográfica alargada, atenta às exigências de uma Sociedade cada vez mais informada. Os sete volumes já publicados – dos quais o último em Julho de 1999, conferem credibilidade e continuidade à série, de evidente visibilidade institucional, em Portugal e no Estrangeiro, a qual se encontra evidenciada pela importância das permutas mantidas com revistas de índole similar, a seguir discriminadas.

No volume 7, datado de 1997/1998 e distribuído em Julho de 1999, foram publicados os seguintes estudos de índole arqueológica:

CARDOSO, J. L. (1997/1998) – O povoado do Neolítico Final do Carrascal, Leceia (Oeiras). Notícia preliminar. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7: 25-33.

CARDOSO, J. L. & Norton, J. (1997/1998) – A oficina de talhe do sílex do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7: 35-45.

CARDOSO, J. L. (1997/1998) – Leceia, paradigma da protecção do Património Arqueológico, no concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7: 47-59.

CARDOSO, J. L. & Guerra, M. F. (1997/1998) – Análises químicas não destrutivas do espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras e seu significado no quadro da intensificação económica calcólica da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7: 61-87.

CARDOSO, J. L. (1997/1998) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7: 89-153.

CARDOSO, J. L. (1997/1998) – As cerâmicas de ornatos brunidos da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7: 155-167.

CARDOSO, J. L. (1997/1998) – O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7: 169-187.

CARDOSO, J. L. (1997/1998) – A ocupação de época púnica da Quinta da Torre (Almada). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 7: 189-217.

CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (1997/1998) – Acerca de uma tigela de *terra sigillata* clara da necrópole do Sol Aveso, Porto Salvo (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 7: 219-226.

ALMEIDA, J. Mendes de (1997/1998) – No 4º. Centenário da 2ª. Edição dos *De Antivitatibus Lvsitaniae Libri Quattuor* (Roma, 1597). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7: 227-234.

3.1.2 – Outras publicações

A acção do CEACO tem-se projectado muito para além dos limites geográficos do Concelho de Oeiras, através de trabalhos científicos de que o signatário foi autor e co-autor. Citam-se apenas aqueles em que foi expressamente apresentada a sua qualidade de Coordenador do CEACO, publicados no decurso dos anos de 1998 e 1999.

1998

L. Raposo & J. L. CARDOSO (1998) – Las industrias líticas de la Gruta Nova de Columbeira (Bombarral, Portugal) en el contexto del Musteriense Final de la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 55 (1): 39-62.

L. Raposo & J. L. CARDOSO (1998) – O sítio do Paleolítico Médio da Conceição – Alcochete. Lisboa: CEMA – Centro de Estudos e Monitorização Ambiental (Lusoponte), 74 .

J. L. CARDOSO (1998) – Arqueologia da região meridional da Península de Setúbal. *Al – Madan*. Almada. Série II, 7: 23-36.

J. L. CARDOSO, J. C. Caninas & F. Henriques (1998) – Duas cabanas circulares da Idade do Bronze do Monte de São Domingos (Malpica do Tejo, Castelo Branco). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 6: 325-345.

J. L. CARDOSO (1998) – Política do Património em Oeiras: ópticas para a sua gestão integrada. *Oeiras Municipal*. Oeiras. 56: 61-64.

J. L. CARDOSO (1998) – Do Paleolítico Inferior à Idade do Ferro no concelho de Oeiras: percursos da presença humana. *Actas do 1º Ciclo de Estudos Oeirenses* (Oeiras, 1996/1997). Oeiras: Editorial Celta/Câmara Municipal de Oeiras: 31-71.

1999

J. L. CARDOSO (1999) – Copper metallurgy and the importance of other raw materials in the context of Chalcolithic economic intensification in Portuguese Estremadura. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 1: 93-105.

J. L. CARDOSO (1999) – Achados arqueológicos – ossadas e restos cerâmicos. *In Recuperação do edifício da Biblioteca Operária Oeirense*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras: 12-13.

Soares de Carvalho, G. & CARDOSO, J. L. (1999) – O quaternarista Georges Zbyszewski. *Estudos do Quaternário*. Lisboa. 2: 3-6.

CARDOSO, J. L. (1999«1993/1994») – A Arqueologia portuguesa do pós-guerra vista pela correspondência de O. da Veiga Ferreira a Abel Viana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 11/12: 291-338.

CARDOSO, J. L. (1999) – O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia portuguesa. *Al – Madan. Almada*. Série II, 8: 138-156.

3.2 - Permutas

Manteve-se a permuta com diversas Instituições, Universidades e Museus, nacionais e estrangeiros. Em Dezembro de 1999, a revista “**Estudos Arqueológicos de Oeiras**” permutava com 122 revistas periódicas nacionais e internacionais, todas de carácter arqueológico, assim distribuídas por Países:

ALEMANHA

- Archäologische Nachrichten aus Baden - Institut Für Ur-Und Frühgeschichte der Universität (Freiburg/Br.);

- Boreas (Münster);
- Romich - Germanische Kommission des Deutschen Archäologischen Instituts (Frankfurt);
- Zeitspuren;

ESPAÑA

- Al-Qannis - Taller de Arqueología y Prehistoria de Alcañiz;
- Anales de Arqueología Cordobesa - Facultad de Filosofía y Letras (Córdoba);
- Anales de Prehistoria y Arqueología - Universidad de Murcia;
- Antropología y Paleocología Humana - Facultad de Medicina (Granada);
- Anuari d'Intervencions Arqueològiques - Servei d'Arqueologia, Generalitat de Catalunya (Barcelona);
- Aranzadiana - Sociedad de Ciências Aranzadi (San Sebastian);
- Archivo Conquense - Museo de Cuenca;
- Archivo de Prehistoria Levantina - Servei de Investigació Prehistòrica (València);
- Argensola - Instituto de Estudios Altoaragoneses (Huesca);
- Arqueología Conquense - Museo de Cuenca;
- Bajo Aragon Prehistoria - Grupo Cultural Caspolino (Zaragoza);
- Barceo - Instituto de Estudios Riojanos (Logroño);
- Boletim - Museu de Zaragoza;
- Boletim Avriense Museo Arqueológico Provincial de Ourense;;
- Boletín del Museo Arqueológico Nacional - Museo Arqueológico Nacional (Madrid);
- Bolskan - Instituto de Estudios Altoaragoneses (Huesca);
- Cadernos de Arqueologia de Deusto - Departamento de Prehistòria, Universidade de Deusto (Bilbao);
- Cadernos de Prehistoria y Arqueologia - Universidade Autónoma de Madrid;
- Catálogo de Fondos del Museo Arqueológico - Museo Arq. Provincial de Alicante;
- Catálogo Monográfico - Fundación Río Tinto (Huelva);
- Celtiberia - Centro de Estudios Sorianos (Soria);
- Cesaraugusta - Institución "Fernando el Católico" (Zaragoza);
- Ciências de la Tierra - Instituto de Estudios Riojanos (Logroño);
- Complutum & Complutum Extra - Biblioteca de la Univ. Complutense (Madrid);
- Cuadernos de Estudios Gallegos - Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Madrid);
- Cuadernos de Prehistoria - Universidade de Granada;
- Escavacions Arqueològiques a Catalunya - Servei d'Arqueologia, Generalitat de Catalunya (Barcelona);
- Espacio, Tiempo y Forma - Facultad de Geografía e Historia - Universidad Nacional de

- Educación a Distancia (Madrid);
- Estrat - Sección d'Arqueologia del C.E.C.I. (Igualada - Barcelona);
- Estudios de Prehistoria y Arqueologia Madrileñas - Museo de San Isidro;
- Gerion - Universidad Complutense (Madrid);
- Habis - Universidad de Sevilla;
- Historia de Ávila - Institución Gran Duque de Alba (Ávila);
- Huelva en su Historia - Universidad de Huelva;
- Ilerda - Institut d'Etudis Ilerdences de la Diputació de Lleida;
- Jornadas de Arqueologia Fenicio-Púnica - Museu Arqueologic d'Eivissa I Formentera;
- Kobie - Diputacion Foral de Bizkaia (Bilbao);
- Lvcentum - Universidad de Alicante;
- Madrider Mitteilungen - Instituto Arqueológico Alemão (Madrid);
- Mélanges de la Casa de Vélasquez (Madrid);
- Memórias de Arqueologia Extremeña - Museu Arq. Prov. de Badajoz;
- Memórias de História Antigua - Universidade de Oviedo;
- Monografias Arqueológicas - Museo d'Arqueologia de Catalunya (Barcelona);
- Monografias de Prehistória I Arqueologia Castellonenses (Castelló de la Plana);
- Monografias del Museu Arqueológico de Valladolid;
- Monografias do Museu Arqueológico Provincial de Badajoz - Série Arqueológica;
- Munibe - Sociedad de Ciencias Aranzadi (San Sebastian);
- Polis - Universidad de Alcala (Madrid);
- Pyrenae - Depart. de Prehistoria, História Antigua I Arqueo., Universidad de Barcelona;
- Quaderns de Difusió Arqueológica - Serv. de Invest. Arqueo. Municipal (València);
- Quaderns de Prehistória I Arqueologia de Castelló (Castelló de la Plana);
- Revista de Castrelos - Museo Municipal "Quiñones de Leon" (Vigo);
- Saguntum - Departamento de Prehistória i d'Arqueologia (València);
- Série Arqueológica - Real Academia de Cultura Valenciana;
- Série Arqueológica Municipal - Serv. de Invest. Arqueol. Municipal (València);
- Série Histórica de José Aparicio Perez (València);
- Série de Trabajos Vários - Servei de Investigació Prehistorica (València);
- Studia Historica, Historia Antigua - Ediciones Universidad de Salamanca;
- Tabona - Universidad de la Laguna (Tenerife - Canarias);
- Trabajos de Prehistoria - Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Madrid);
- Treballs d'Arqueologia - Universidad Autónoma de Barcelona;
- Treballs del Museu Arqueologic d'Eivissa I Formentera;
- Tribuna d'Arqueologia - Servei d'Arqueologia, Generalitat de Catalunya (Barcelona);
- Tvriaso - Centro de Estudios Turiasonenses (Tarazona);

- Verdolay - Museu de Murcia;
- Zephyrus - Ediciones Universidad de Salamanca;

FRANÇA

- Antiquités Nationales - Musée des Antiquités Nationales (Saint-Germain-en-Laye);
- Archeologie des Pyrénées Occidentales et des Landes (Anoye);
- Archives d'Ecologie Préhistorique - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Centre d'Antropologie des Sociétés Rurales (Toulouse);
- Bulletin de la Société Préhistorique d'Ariège- Pyrénées (Foix);
- Mémoires de l'Institut de Préhistoire et d'Archéologie des Alpes Maritimes (Nice);
- Pré-histoire et Anthropologie Méditerranées - MMSH/LAPMO (Aix-En-Provence);
- Travaux de Préhistoire Catalane - Centre d'Études Préhistoriques Catalanes (Perpignan);

INGLATERRA

- Archaeological Reports - Architectural and Archaeological Society of Durham and Northumberland Department of Archaeology;
- Buletin - Librarian Institut of Archeology;
- Durham Archaeological Journal - Architectural and Archaeological Society of Durham and Northumberland Departatment of Archaeology;
- International Archaeology - University College, London;

ITÁLIA

- Bulletino di Paletnologia Italiana - Soprintendenza Archeologica (Cagliari);
- Quaderni - Soprintendenza Archeologica (Cagliari);
- Sibrium - Centro di Studi Preistorici ed Archeologici (Varesse);

MARROCOS

- Bulletin d'Archéologie Marocaine - Institut National des Sciences de l'Archeologie et du Patrimoine (Rabat);

MÓNACO

- Bulletin du Musée d'Antropologie Préhistorique de Mónaco;

PORTUGAL

- Algar - Boletim da Sociedade Portuguesa de Espeleologia;
- Al-ulyã - Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé;
- Al-madan - Revista do Centro de Arqueologia de Almada;

- Anais - Biblioteca da Universidade Autónoma de Lisboa;
- Anais do Município de Faro - C.M.F.;
- Arkeos - Instituto Politécnico de Tomar;
- Arquivo de Cascais - Biblioteca da Câmara Municipal de Cascais;
- Atti della Società Toscana di Scienze Naturali - Bibli. Nac. - Serv. Port. de Trocas Internacionais;
- Beira Alta - Assembleia Distrital de Viseu;
- Boletim Cultural - Câmara Municipal de Loures;
- Boletim Cultural - Câmara Municipal de Mafra;
- Cadernos de Arqueologia e Património - Gabinete de Arqueologia e Património, C. M. de Paredes de Coura;
- Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz - C. M. de Reguengos de Monsaraz;
- Cadernos de História Local - Associação Histórico-Cultural de Vila Nova da Barquinha;
- Cadernos do Centro de Estudos Epigráficos da Beira (Castelo Branco);
- Cadernos do Noroeste - Centro de Ciências Históricas e Sociais, Universidade do Minho;
- Conimbriga - Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra;
- Estudos Pré-históricos - Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta;
- Ficheiro Epigráfico - Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra;
- Fórum - Universidade do Minho;
- Gaya - Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia;
- Informação Arqueológica - Inst. Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Lisboa);
- Matesinus - Gab. Munic. de Arqueologia e História da C. M. de Matosinhos;
- Memori (Società Toscana di Scienze Naturali) - Bibli. Nac. - Serv. Port. de Trocas Internacionais;
- O Arqueólogo Português - Museu Nacional de Arqueologia;
- Portugalia - Faculdade de Letras da Universidade do Porto;
- Relatórios - Associação de Arqueologia da Amadora;
- Revista de Guimarães - Sociedade Martins Sarmento (Guimarães);
- Revista Portuguesa de Arqueologia - Instituto Português de Arqueologia;
- Roteiro Arqueológico de Vila Nova de Gaia;
- Setúbal Arqueológica - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal;
- Sintria - Câmara Municipal de Sintra - Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas;
- Techne - Instituto Politécnico de Tomar;
- Trabalhos de Arqueologia da EAM - Associação para o estudo da bacia do Mondego;
- Vipasca - Unidade Arqueológica de Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel;
- Xelb - Museu Municipal de Arqueologia de Silves;

De salientar a importância do acervo documental, de carácter especializado, assim reunido, viabilizando o adequado conhecimento de realidades arqueológicas de outros Países e regiões, indispensável à própria actividade de investigação científica no domínio da Arqueologia do Concelho de Oeiras, desenvolvida neste Centro de Estudos Arqueológicos.

Por outro lado, ao fazer-se chegar a numerosas instituições de diversos Países, além das nacionais, a actividade que, no domínio da Arqueologia, é desenvolvida pela Câmara Municipal de Oeiras, contribui-se, decisivamente, para o reforço do conhecimento da relevância atingida a nível local por tal área científica, reconhecida nacional e internacionalmente, como se pode concluir pela importância das permutas estabelecidas.

Conforme despacho presidencial, estas publicações, pelo seu carácter especializado, conservam-se no CEACO, podendo, porém, qualquer artigo delas constante, ser fornecido por fotocópia, mediante solicitação de eventuais interessados, como se tem verificado.

3.3 - Palestras

Nos anos de 1998 e 1999 o signatário proferiu as seguintes palestras no âmbito da arqueologia concelhia, ou em que foi explicitamente referenciada a sua qualidade de Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos:

1998

Janeiro

“Génese, apogeu e declínio do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras (IV e III Milénios a.C.) Exemplo de desenvolvimento não sustentado na Estremadura no III Milénio a.C. Comunicação apresentada à Academia Portuguesa da História.

Março

Participação na Mesa-Redonda promovida pelo Museu Nacional de Arqueologia “Dos povoados fortificados da Idade do Cobre às citânias da Idade do Ferro”.

Maio

“Le phénomène campaniforme dans les basses vallées du Tage et du Sado (Portugal)” Comunicação apresentada ao Colóquio internacional Bell Beakers Today. Pottery, People, Culture, Symbols in Prehistoric Europe. Riva del Garda, Trento, Itália.

“Objectivos, problemas e métodos da Arqueozoologia”. Palestra proferida no Colóquio “A subsistência: das evidências (arqueológicas) aos comportamentos (humanos)”, organizado pelo Centro de Estudos Arqueológicos (Faculdade de Letras de Lisboa). Reitoria da Universidade de Lisboa.

Julho

“A presença campaniforme nos baixos vales do Tejo e do Sado – economia, demografia, aspectos sociais e culturais, cronologia absoluta”. Palestra proferida na Assembleia-Geral Ordinária da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.

Novembro

“Na Arrábida, do Neolítico Antigo ao Bronze Final”. Palestra proferida no Encontro sobre Arqueologia da Arrábida. Convento da Arrábida. Instituto Português de Arqueologia/Fundação Oriente.

“A gruta da Figueira Brava (Setúbal) no contexto do Paleolítico Médio Final do Sul e Ocidente ibéricos”. Palestra proferida, em co-autoria com L. Raposo, no Encontro sobre Arqueologia da Arrábida. Convento da Arrábida. Instituto Português de Arqueologia/Fundação Oriente.

1999**Janeiro**

“O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia Portuguesa”. Comunicação apresentada à Academia Portuguesa da História.

“Leceia (Oeiras, Portugal) dans le cadre des sites fortifiés chalcolithiques du centre et sud du Portugal: résultats de seize ans de fouilles archéologiques (19883-1998)”. Palestra proferida na Université de Genève – Cercle Genevois d’Archéologie.

“Mousterian industries of the Gruta da Figueira Brava. “Comunicação ao Colóquio Internacional “Últimos neandertais em Portugal: evidência odontológica e outra”. Academia das Ciências de Lisboa.

Fevereiro

“O “fenómeno” campaniforme”. Comunicação ao Colóquio “Pré-História e Proto-História – novos caminhos de investigação”. Academia Portuguesa da História. De col. com M. Farinha dos Santos.

Abril

“A troca de produtos na Pré-História na região de Oeiras”. Palestra proferida nos Encontros “Arte e Dinheiro”. Câmara Municipal de Oeiras/Galeria Verney.

Mai

“O Calcolítico do vale do Tejo”. Palestra proferida no Colóquio Arqueologia do vale do Tejo. Instituto Geológico e Mineiro/Centro Português de Geo-História e Pré-História.

“O Doutor Georges Zbyszewski, arqueólogo e geólogo do Quaternário”. Palestra proferida na sessão de homenagem. Instituto Geológico e Mineiro. Lisboa.

Julho

“A estação da Idade do Ferro da Outurela”. Palestra proferida na Sociedade Musical Aliança Operária Futebol Clube da Outurela, no âmbito da exposição itinerante “À Descoberta da Outurela/Portela”, organizada pelo Gabinete Urban/CMO.

Setembro

“Rituais funerários na Estremadura dos II e I milénios AC”;

“O “fenómeno” campaniforme na Estremadura portuguesa”. Comunicações apresentadas ao II Congresso de Arqueologia Peninsular. Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro (Vila Real).

Outubro

“Os grandes mamíferos do Paleolítico em Portugal”. Palestra proferida na Biblioteca Municipal Bento de Jesus Caraça (Montijo), no âmbito de ciclo organizado pelo Centro Português de Geo-História e Pré-História..

“O passado humano mais remoto de Oeiras”. Palestra proferida na Escola nº. 2 de Oeiras.

Novembro

“Os mais antigos habitantes do concelho de Oeiras”. Palestra proferida na Escola Sophia de Mello Breyner em Carnaxide, no âmbito da exposição itinerante “À Descoberta da Outurela/Portela”, organizada pelo Gabinete Urban/CMO.

3.4 - Visitas Guiadas

1998

Nos anos de 1998 e de 1999, realizaram-se, no âmbito das actividades deste Centro, cinquenta e oito visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia (vinte e nove em cada um deles), as quais tiveram, na larga maioria dos casos, um complemento na visita à Sala de Arqueologia patente ao público na Fábrica da Pólvora de Barcarena. Estas visitas realizaram-se sempre a pedido das diferentes instituições, com destaque para os estabelecimentos de ensino (preparatório, secundário e universitário) da área da grande Lisboa; de referir, ainda, os pedidos oriundos de organismos oficiais e particulares, para além das visitas organizadas no âmbito de programas do próprio Município. Esta realidade evidencia o hábito, já adquirido, de integrar o povoado pré-histórico de Leceia no quadro dos referidos programas, tornado deste modo ponto de referência obrigatório. O número total aproximado de visitantes foi de mil e duzentas pessoas/ano, assim distribuídas:

Janeiro

- visita de grupo de alunos do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra ;
- visita de grupo de alunos (na faixa etária dos 8/11 anos) da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa;

Fevereiro

- visita de alunos do 10º ano, disciplina de História de Arte, da Escola Secundária de Miraflores;
- visita de alunos do 3º ano do Externato “As Descobertas”;

Março

- visita de membros do grupo Circulo de Estudos Arqueológicos (C. E. A.) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;

Abril

- visita de grupo de alunos, entre o 4º e 7º ano das salas de estudo Prof. Pardal de Oeiras;
- visita de grupo de alunos do 4º ano, do Externato S. José de Lisboa;

Maiο

- visita dos participantes no programa “Reencontro com o Concelho - À Descoberta de outros Concelhos”, do Sector de Acção Social /C.M.O.;
- visita de grupo de funcionários do Sector do Património Histórico-Cultural e Turismo da Câmara Municipal de Alcútem e Sr. Vereador da Cultura daquele Município;

Junho

- visita de participantes no curso de Mestrado em Museologia e Património, no âmbito do Seminário de “Musealização: Teoria e Aplicações”, da Universidade Nova de Lisboa, Departamento de Antropologia;
- visita de membros da Associação de Reformados dos Correios de Portugal - Telecom;

Julho

- visita de grupo de jovens integrados no programa “Conhecer o Concelho de Oeiras” (na faixa etária dos 10/12 anos), do G.A.J./C.M.O.;
- visita de grupo dos participantes nos “Circuitos Turísticos”, programa do S. Turismo da D.C.T./C.M.O.;
- visita de grupo da Associação de Moradores 18 de Maio;
- visita de grupo dos participantes no programa “Circuitos Turísticos”, organizado pelo Sector do Turismo da D.C.T./C.M.O.;

Agosto

- visita de membros da Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos;

Setembro

- visita de grupo da Comissão de Reformados do Banco de Portugal;
- visita de representantes de órgãos de Comunicação Social nacionais e regionais: Jornal de Notícias, Público, Correio da Manhã e Correio da Linha, de que resultou a publicação de extensas reportagens, em quase todos eles;

Outubro

- visita dos participantes no programa “Reencontro com o Concelho - À Descoberta de outros Concelhos”, do Sector de Acção Social/C.M.O.;
- visita de grupo dos participantes no programa “Circuitos Turísticos”, organizado pelo Sector do Turismo da D.C.T./C.M.O.;
- visita de representantes de órgãos de Comunicação Social nacionais: A Capital e O Diabo, de que resultaram extensas reportagens publicadas em ambos;

Novembro

- visita de alunos do 4º ano, disciplina de História da Arquitectura Portuguesa, Licenciatura em Arquitectura, da Universidade Moderna de Lisboa (duas visitas desdobradas);
- visita de alunos do 4º ano, da Escola nº 5 de Oeiras;
- visita de alunos do 4º ano, do Colégio Boa-Sorte de Queijas;
- visita de alunos do 5º e 7º ano, do Colégio da Bafureira da Parede;

Dezembro

- visita de grupo de alunos do 3º ano, do Externato “As Descobertas”;
- visita de grupo de alunos da Faculdade de Letras do Porto e de membros do Instituto D. António Ferreira Gomes;
- visita do Director do Museu da Ciência (Universidade de Lisboa).

1999

Janeiro

- visita de grupo de alunos do 10º ano, disciplina de História de Arte, da Escola Secundária Seomara da Costa Primo da Amadora;
- visita de alunos do 7º e 9º anos da Escola Secundária, organizada pela Associação “Olho Vivo” de Queluz;

- visita de membros do Lyons Club;
- visita de alunos, do 1º ao 4º ano, da Escola nº 2 de Barcarena;

Abril

- visita de grupo de licenciados e finalistas de Licenciatura em História e em Arqueologia, em estágio na empresa “Era - Arqueologia, Lda”;
- visita de membros do Rotary Club de Odivelas;
- visita de membros da Associação “Archéologie et Gobelets”;

Mai

- visita de grupo de alunos do 4º ano, da Escola nº 4 de Oeiras;
- visita dos participantes no programa “Reencontro com o Concelho - À Descoberta de outros concelhos”, do Sector de Acção Social/C.M.O.;
- visita dos participantes no programa “Circuitos Turísticos” do Sector do Turismo/D.A.S.C.;

Junho

- visita de alunos da disciplina de Pré-história, Licenciatura em História da Universidade Lusíada de Lisboa;
- visita de grupo dos “Archeological Group” através da agência turística Equador;
- visita de membros da delegação do Município de Inhamabane (Moçambique);

Julho

- visita de grupo de alunos do 1º ao 6º ano, do Colégio Portugal;
- visita de grupo de jovens entre os 10 – 12 anos, integrado no programa “Conhecer o Concelho de Oeiras” do G.A.J.;
- visita dos participantes no programa “Conviver em Linda-a-Velha”, organizado pela Junta de Freguesia de Linda-a-Velha;

Agosto

- visita de grupo de estudantes dos Cursos de Verão da UCCLA;

Setembro

- visita dos participantes no programa “Reencontro com o Concelho - À Descoberta de outros Concelhos” do Sector de Acção Social/C.M.O.;

Outubro

- visita de grupo de alunos do 4º ano do Colégio Monteflor de Carnaxide;
- visita de grupo de alunos do 3º ano do Colégio Portugal;

Novembro

- visita de grupo de alunos do 1º ano da Escola nº2 de Oeiras;
- visita de grupo de alunos do 3º e 4º anos da Escola nº 2 de Oeiras;
- visita de grupo de alunos do 4º ano do Externato Sport Algés e Dafundo;
- visita de grupo de alunos do 2º ano da Escola nº 2 de Oeiras;
- visita de grupo de alunos do 10º e 11º anos da disciplina de História de Arte da Escola Secundária Camilo Castelo Branco, de Linda-a-Velha;
- visita de grupo de alunos da Universidade Atlântica;
- visita de membros do grupo BTTeam, em visita ao Concelho;
- visita de grupo de alunos do 4º ano, da Escola Básica 2/3, Dr. Joaquim de Barros, de Paço de Arcos;

3.5 - Exposições Permanentes

Foi inaugurada a 7 de Junho de 1998 a Exposição Monográfica Permanente sobre o Povoado pré-histórico de Leceia, organizada pelo signatário, intitulada “O Povoado de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio a. C.” na Sala de Arqueologia, instalada na Fábrica da Pólvora de Barcarena. Esta iniciativa, promovida pela Câmara Municipal de Oeiras, foi inaugurada pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, na presença de ilustres convidados a 7 de Junho de 1998 (dia do Município) e visitada por Sua Excelência o Senhor Presidente da República, a 17 do mesmo mês.

Esta exposição esteve patente ao público numa das alas do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, de 17 de Julho de 1997 a 6 de Abril de 1998, tendo então sido inaugurada por Sua Excelência o Ministro da Cultura e pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras.

Foi, no entanto, objecto de diversas beneficiações, aquando da sua reinstalação, de que se destaca a animação da grande maquete do povoado pré-histórico de Leceia, que constitui uma das peças principais da exposição. Com efeito, adaptou-se ao sistema sequencial de iluminação, a gravação de som, computadorizado; este dispositivo de luz e som – o primeiro montado em Portugal com tais características – permite uma adequada e rápida apreensão do significado e importância arqueológica da estação, por parte qualquer visitante, de forma didáctica e muito sugestiva, encontrando-se em funcionamento desde inícios de 1999.

3.6 – Pareceres e Consultas

1998

Janeiro

* parecer fornecido à Engª L. Margarida Pinto Basto da GIBB – Portugal, sobre estudo de impacto ambiental, relativo à Ribeira de Algés;

*parecer sobre imagem de Cristo, esculpida em pedra (alminha) a muniçipe, e a seu pedido;

Fevereiro

*consulta e apoio bibliográfico à realização de reportagem filmada no povoado pré-histórico de Leceia, pela Cooperativa de Habitação Económica Nova Morada, CRL, de Paço de Arcos, a qual se inscreveu no âmbito da realização de diversas filmagens de zonas históricas e arqueológicas do Concelho, por parte daquela Cooperativa de Habitação;

*parecer sobre a aquisição de manuscritos antigos relativos à Freguesia de Barcarena, por parte da Câmara Municipal de Oeiras ao Sr. Dr. J. Hormigo e a pedido deste, a qual se veio a efectuar pela Câmara Municipal de Oeiras através da Divisão de Bibliotecas e Arquivo Histórico.

Março

*elaboração de proposta de classificação como “Património Arqueológico de Valor Concelhio” da área correspondente ao povoado pré-histórico de Carnaxide, aprovada por deliberação camarária tomada em reunião de 98-2-18, cuja planta foi remetida, para os devidos efeitos, ao Arq. E. Graça do G.D.M./C.M.O.;

*apoio bibliográfico ao Sr. Miguel Silva, aluno do 1º ano de História da Universidade Nova de Lisboa para a realização de trabalhos escolares.

Abril

*levantamento e recolha de restos osteológicos humanos, após comunicação por parte de funcionários da D.E.V.E.U./C.M.O., em vala aberta no decorrer do plantio de árvores no largo da Pátria Nova junto à Igreja Matriz de Carnaxide .

Este procedimento motivou a execução do ofício 16/98/CEACO, de 98/4/1, dirigido à Sr.ª Dr.ª Luísa Sobral, Delegada do Ministério Público do Tribunal Judicial de Oeiras, destinado a justificar o depósito daquele espólio no CEACO, uma vez que já fora instruído processo pela P.S.P. de Carnaxide, com a finalidade de efectuar o transporte daqueles restos para o Instituto de Medicina Legal de Lisboa, de acordo com o procedimento habitua em ocorrências deste tipo. A Técnica Superior deste Centro de Estudos Arqueológicos, Dr.ª C. André, prestou ainda declarações, sobre este assunto, na sequência de inquérito judicial instaurado pelo Tribunal Judicial de Oeiras (21/5/1991), antes do arquivamento definitivo do processo.

*acompanhamento na deslocação de grupo de arbitragem designado pelo Presidente do Tribunal da Relação de Lisboa, no âmbito do Processo de Expropriação nº133 relativo ao Castro de Leceia;

* emissão de parecer, a pedido da Sr.ª Dr.ª Filomena Serrão, do Sector do Património Construído/C.M.O., sobre a inclusão de dois peitorais de ferro do séc. XVII, propriedade da C.M.O., em exposição temporária do Município na Expo. 98 de Lisboa;

*acompanhamento e apoio à realização de provas de aptidão Profissional (PAP), realizadas no

povoado pré-histórico de Leceia, pela Escola Profissional de Cartografia e Cadastro (EPCC) no âmbito do Curso Técnico de Topógrafo-Geómetra, durante os meses de Abril a Julho.

Maio

*apoio à jornalista Sr^a. D. Elsa Resende, do “Jornal da Linha”, na realização de reportagem sobre o povoado pré-histórico de Leceia;

* a pedido da Presidência da Câmara Municipal de Alcoutim, foi realizada visita guiada ao povoado pré-histórico de Leceia e prestado parecer sobre o trabalho desenvolvido pelo CEACO, a elementos do sector do Património Histórico-Cultural e Turismo e ao Senhor Vereador do Pelouro da Cultura daquela Edilidade;

* por solicitação do Gabinete do Contencioso e Apoio Jurídico/C.M.O., encarregou-se este Centro de Estudos Arqueológicos do acompanhamento da deslocação ao povoado pré-histórico de Leceia, de técnicos daquele Gabinete e de proprietários, ou seus representantes, no âmbito do processo de Expropriação nº. 133, relativo àquela estação arqueológica;

*por contacto havido com o Sr. João Figueiredo, funcionário da C.M.O., foi inspeccionada zona sobranceira à área de localização do povoado pré-histórico de Camaxide, em consequência da realização de obras relativas à construção de eixo rodoviário, tendo em vista a identificação do seu eventual interesse arqueológico.

Junho

*prestado apoio bibliográfico relativo à história da Fabrica da Pólvora de Barcarena, ao Dr. Ricardo Ribeiro de Almeida, Assessor para a Imprensa do G.P./ C.M.O.;

* proposta de atribuição de subsídio de 150 000\$00, por parte da C. M. O., destinado à participação de 3 números da revista “Arqueologia e Indústria”, da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, na sequência de contactos entre a referida Associação a este Centro.

Julho

* colaboração e fornecimento de diversas informações a jornalistas dos seguintes periódicos nacionais e regionais, no âmbito de reportagens sobre o povoado pré-histórico de Leceia, por iniciativa do Dr. Ricardo Ribeiro de Almeida, Assessor para a Imprensa do G.P./C.M.O.: “Jornal de Notícias”; “Público”; “Factos”; “Correio da Manhã”; “Correio da Linha”, à realização de reportagem sobre o povoado pré-histórico de Leceia.

* Além destas reportagens, os trabalhos arqueológicos desenvolvidos pelo signatário foram objecto de notícia no programa da RTP 1: “País, País”;

Agosto

* esclarecimentos e informações várias, relativamente às visitas no povoado pré-histórico de

Leceia e à exposição monográfica na Sala de Arqueologia, a pedido do Sr. Dr. Paulo Vítor Martins, residente em Lisboa e quadro superior de empresa sediada no Taguspark, após visita efectuada à Fábrica da Pólvora de Barcarena;

Setembro

*observação e parecer sobre fossilizações do Cretácico, junto à Escola Primária de Porto Salvo, por indicação do Município Sr. José Faria, morador naquela localidade;

Outubro

* prestadas informações e apoio ao jornalista que se encarregou de reportagem dedicada ao povoado pré-histórico de Leceia, publicada no jornal “ O Diabo”, (publicada a 4/10/98), o mesmo acontecendo ao enviado pelo vespertino “A Capital” (publicada a 15/10/98);

*cedido apoio bibliográfico para a realização de trabalho escolar, a pedido da Sr^a. Dr^a Bárbara Pinto, professora do ensino secundário;

*cedência de diversas peças recolhidas no povoado pré-histórico de Leceia, acompanhadas dos respectivos textos explicativos, por solicitação do Sr. Arq. M. Quaresma, Director do G.D.M./C.M.O., destinadas a integrarem Exposição alusiva às zonas ribeirinhas do Tejo, organizada pela Administração do Porto de Lisboa;

*produção de parecer relativo às competências e atribuições deste Centro de Estudos Arqueológicos destinado a informar a redacção final do Regulamento Orgânico da C.M.O.

Novembro

*prestado apoio bibliográfico a Ana Sofia Duarte e a Diana Coelho, alunas do 2º ano da Licenciatura em Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, para execução de trabalho escolar;

*prestadas informações a Sofia Janeca aluna do 3º ano, do Curso de Comunicação Social, disciplina de Gestão Cultural, da Universidade Católica de Lisboa, em trabalho escolar da referida disciplina;

*apoio a grupo de alunos do 4º ano da Licenciatura em Arquitectura, disciplina de História da Arquitectura Portuguesa, da Universidade Moderna, para execução de trabalho escolar, com a cedência de bibliografia;

* observação e diagnose, com origem em comunicação de funcionário da D.E.V.E.U./C.M.O., de pedras de cantaria, existentes em jardim situado junto às bombas de gasolina da ESSO, na Av.^a das Palmeiras, em Oeiras;

*colaboração prestada ao Sr. José Mendes e à Sr^a. D. Carla Ribeiro, jornalistas da Rádio Comercial, em reportagem sobre a Fábrica da Pólvora de Barcarena, para programa sobre o Concelho de Oeiras.

Dezembro

*parecer sobre a possibilidade de cedência de instalações pela C.M.O., para armazenamento de

espólio arqueológico recolhido por técnicos da empresa GEOARQUE - Consultores na área do Património Cultural Lda., sediada em Linda-a-Velha, formalizado através de ofício da C.M.O. datado de 3/12/98.

1999

Janeiro

*Foi dirigido ao CEACO, ofício da GIBB Portugal, solicitando parecer no âmbito de Estudo de Impacto Ambiental, relativo a Projecto de Regularização da Ribeira de Algés, dando origem a reunião entre o signatário e as Eng^{as}. Ana Margarida Pinto Basto e Ana Sofia Potes da unidade de Ambiente daquela empresa.

Fevereiro

* prestado apoio bibliográfico e gráfico à aluna Maria Odete Côrte – Real, do 1.º ano da Licenciatura em História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no âmbito da realização de trabalho para a disciplina de História da Arte da Antiguidade em Portugal.

Março

* consulta de Ana Cristina Santos, estudante da Licenciatura em História, residente em Queluz, acerca de vestígios arqueológicos conhecidos no concelho de Oeiras, especialente da época romana, a qual foi satisfeita;

Abril

* pedido de informações do CEA – Círculo de Estudos Arqueológicos, Associação de alunos de Arqueologia e História da Faculdade de Letras de Lisboa, no âmbito da Divulgação e Investigação Arqueológica Concelhia;

* fornecimento de elementos ao Sector de Acção Cultural/C.M.O., para efeitos de divulgação dos espaços museológicos do Concelho de Oeiras, a pedido daquele serviço;

* pedido de consulta, dirigido à CMO, através de E-Mail e remetido ao CEACO, relativo às escavações, visitas e exposição permanente do povoado pré-histórico de Leceia, por parte do Sr. Dominique Laverne, no âmbito da preparação de um roteiro turístico do Património Arqueológico português;

* parecer, com origem em informação dada pelo Sr. João Figueiredo, funcionário da CMO, sobre local de possível interesse arqueológico, designado “vinha dos coronéis” situado na encosta da serra de Carnaxide;

Junho

*prestadas informações à Câmara Municipal de Almada sobre a instalação do sistema de ilumi-

nação/áudio da maquete da Sala de Arqueologia, tendo em vista a sua adaptação a maquete a ser instalada no futuro Museu da Cidade.

Outubro

*fornecido apoio bibliográfico ao Arqº António de Freitas Leal, no âmbito da execução de trabalho de investigação relativo à Evolução dos Aglomerados Urbanos e da Habitação na Idade Média em Portugal;

*fornecida documentação e outras informações à Srª. Drª Palmira Costa Macedo, do ICEP (Palácio Foz, Lisboa) Lisboa, de carácter arqueológico, no âmbito da actividade do C.E.A.C.O.

Novembro

*fornecido parecer, solicitado pelo Sr. Arqº Alexandre Lisboa do GPE/CMO - Gabinete Técnico Local de Paço de Arcos, sobre coluna colocada no “molhe novo” junto à estrada marginal de Paço de Arcos, no âmbito de projecto em desenvolvimento por aquele Gabinete;

*prestado apoio à elaboração de trabalho escolar, incluindo visita ao povoado pré-histórico de Leceia, a Ricardo Carranca, aluno do 5º ano do ensino básico;

*prestado apoio bibliográfico ao Sr. Pedro Fogaça Leitão, aluno do 12º ano da Escola Profissional de Arqueologia de Marco de Canavezes.

*participação da Drª. Conceição André no 1º. Encontro de Técnicos Superiores da C.M.O.

4 - ACÇÕES DE FORMAÇÃO NO ÂMBITO DA ARQUEOLOGIA

Neste capítulo, para além de nele se poderem integrar muitas das actividades anteriormente referidas, com destaque para as palestras, conferências e visitas guiadas, deve referir-se a formação, que constituiu para muitos jovens a sua actividade nas instalações deste Centro de Estudos Arqueológicos, em programas de lavagem, marcação e inventariação de materiais arqueológicos, integrados em programas de trabalho em tempos livres, coordenados pelo Gabinete de Juventude da CMO. Da mesma forma se deve considerar a participação de numerosos jovens nas escavações arqueológicas efectuadas em Leceia, igualmente ao abrigo de Programa específico promovido por aquele Gabinete, em estreita articulação com este Centro de Estudos Arqueológicos.

5 - CONCLUSÃO

Os trabalhos desenvolvidos em 1998 e 1999 no CEACO deram continuidade aos objectivos estratégicos e programáticos anteriormente definidos. Verificou-se uma estabilização do número de visitas e de visitantes ao povoado pré-histórico de Leceia, as quais passaram a incluir, a partir de Junho de 1998 a deslocação à respectiva exposição monográfica permanente, patente ao público na Sala de Arqueologia da Fábrica da Pólvora de Barcarena. A regularidade com que tais visitas guiadas são solicitadas, denuncia um hábito já adquirido, por parte de variadas entidades e instituições públicas e privadas, com destaque para as Escolas de diversos graus de ensino sediadas no concelho de Oeiras.

Onde as actividades de investigação e divulgação do Património Arqueológico concelhio se encontram mais expressivamente espelhadas, especialmente no que concerne à sua projecção a nível nacional e internacional, é no amplo conjunto de revistas de índole arqueológica com as quais os “Estudos Arqueológicos de Oeiras” mantêm ou estabeleceram permuta, no decurso de 1998 e 1999. Verifica-se, com efeito, que no final de 1997 se recebiam por permuta 30 revistas nacionais e 74 internacionais, tendo, em 1999, tais valores subido para 39 revistas nacionais e 85 internacionais, todas de carácter arqueológico, facto bem demonstrativo da qualidade da investigação desenvolvida neste domínio pelo CEACO, constituindo exemplo ímpar no panorama arqueológico nacional.

As actividades de preservação e valorização do património arqueológico, para além do caso paradigmático, tanto a nível nacional como internacional, corporizado pelo povoado pré-histórico de Leceia, tiveram também relevante expressão na recuperação do bem conhecido mosaico romano de Oeiras, situado em prédio urbano situado na rua das Alcássimas (Oeiras), adquirido pelo Município. O trabalho, executado por iniciativa e sob a responsabilidade do C.E.A.C.O., por técnicos-especialistas do Museu Monográfico de Conímbriga, requereu o levantamento integral da parte conservada, seguida da sua fixação em base rígida de resina sintética, constituída por diversas placas; tal trabalho, que se encontra concluído, será seguido da reinstalação da peça, de elevado interesse museológico e patrimonial, no sítio original, logo que os trabalhos de recuperação geral do imóvel estejam concluídos.

Importa ainda salientar, a concluir, que, em 26 de Março de 1999, teve lugar a transferência deste Centro de Estudos Arqueológicos do Edifício dos Serviços Técnicos em Paço de Arcos para o Edifício 31 da Fábrica da Pólvora de Barcarena. Apesar de ser maior a dificuldade de acessos relativamente ao local anterior, o novo espaço, inteiramente recuperado, não sendo significativamente maior que o primitivo, afigura-se, sobretudo, mais funcional, viabilizando uma maior eficácia nos trabalhos laboratoriais e de gabinete, incluindo os de carácter administrativo.

Barcarena, 10 de Dezembro de 2000

O Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Doutor João Luís Cardoso